

de canarinhos a
hom Jesus.
fazendo histórias
em conversas

O ROMANCE

AS CONVERSAS

Silvia Tkotz e (muitos) outros

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação
Programa de Pós-graduação em Educação

DE CANARINHOS A BOM JESUS:
FECENDO HISTÓRIAS EM CONVERSAS

Silvia Thotz

Texto apresentado ao Programa de Pós-graduação
em Educação da Faculdade de Educação da Uerj
como pré-requisito à obtenção do título de mestre.

Orientadora:
Profª Drª **Inês Barbosa de Oliveira**

setembro de 2006

Ao meu pai.

Silvia

Um trabalho como esse é sempre, sempre coletivo, e me é muito difícil agradecer pela individualidade, pois muitas são as pessoas que, sabendo ou não sabendo, me ajudaram a tecer essas conversas.

Sabrina

Mas a gente sempre acaba lembrando de alguém em especial, não é mesmo.

Silvia

Você tem razão, Sabrina, e agradecer a **Inês Barbosa de Oliveira**, por exemplo, me traz os momentos de nossos debates de orientação. Mesmo que a gente nem sempre tenha chegado a um acordo, Inês me fez aprender muito, tanto do como fazer e também do por que não fazer. Sua leitura sempre cuidadosa me permitiu rever caminhos e atalhos na tessitura das conversas.

Quase também por isso, não posso esquecer de **Maria de Lourdes Rangel Tura**, minha primeira orientadora, cuja generosidade tentou me mostrar os caminhos disciplinados do fazer acadêmico, quase sempre no agradável coletivo do seu **grupo de pesquisa**, quando as pessoas que dele participam traziam contribuições à minha tarefa de dissertar.

Sabrina

É sempre bom ter um grupo discutindo com a gente, não é mesmo?

Silvia

Só é, pois a solidão, muitas vezes, nos deixa um tanto desanimadas. Como foi bom estar com **Nilda Alves** e seu grupo, que chamo carinhosamente de **Redes**. Com Nilda e com as pessoas do Redes, pude receber o olhar do outro, que vê aquilo que, muitas vezes, não vemos que não vemos, como diz von Foerster.

Sabrina

O olhar do outro, a fala do outro, a emoção do outro... Sempre há um outro importante para nós!

Silvia

É isso mesmo, Sabrina. Por isso, quero agradecer, e muito, às pessoas que, ao conver-

sarem comigo nas entrevistas, simbolizam demais o coletivo que realmente escreveu esse trabalho. **Alex**, sempre questionador; frei **César**, uma pessoa-arquivo carinhosa e sempre um irmão dando força; **Denise**, adoçando a escrita com sua fala meiga e tranqüila; **Henrique**, trazendo importantes questões sobre as raízes dos Canarinhos; **Leticia**, sempre na busca de um discurso inovador; **Márcio**, o mais franciscano de todos; **Margarete**, um misto de firmeza e alegria que deram um bom tempero ao texto; **Marilda**, que mostra grandiosidade ferina vinda de pequenos frascos; **Marisa**, minha ajudante de pesquisa, que esteve comigo além das entrevistas; **Odete**, distância diminuída no compartilhamento da compreensão da passagem Canarinhos / Bom Jesus; **Renata**, precisa na descrição dos fatos narrados, sem perder sua leveza quase infantil; **Sônia**, entrevista perdida pela imperfeição da tecnologia, mas cujas palavras não se perderam nos meus momentos de reflexão e escrita; prof. **Waldemiro** e sua mulher, **Lenira**, que buscaram histórias importantes em suas memórias.

Sabrina

Não havia me dado conta da participação de tantas pessoas no seu trabalho.

Silvia

São muitas mesmo, e nem consigo nomeá-las todas, mas, pode ter certeza, todas e cada uma está presente em algum lugar das páginas que foram tecidas. Não há hierarquia, mas apenas participações diferentes de todas e cada uma e, por isso, a minha gratidão a todas e cada uma.

Dentre todas, quero apenas ressaltar a cotidianidade da participação do meu marido, na emoção de estar junto para o que viesse.

A todas as pessoas e a cada uma, minha maneira de dizer obrigado:

"Eu fico
Com a pureza da resposta das crianças
É a vida, é bonita e é bonita
Viver, e não ter a vergonha de ser feliz
Cantar e cantar e cantar
A beleza de ser um eterno aprendiz
Ah meu Deus eu sei, eu sei
Que a vida devia ser bem melhor e será
Mas isso não impede que eu repita
É bonita, é bonita e é bonita
Viver, e não ter a vergonha de ser feliz
Cantar e cantar e cantar
A beleza de ser um eterno aprendiz
Ah meu Deus eu sei, eu sei
Que a vida devia ser bem melhor e será
Mas isso não impede que eu repita
É bonita, é bonita e é bonita
E a vida
E a vida o que é diga lá, meu irmão
Ela é a batida de um coração
Ela é uma doce ilusão, ê ô
Mas e a vida
Ela é maravida ou é sofrimento
Ela é alegria ou lamento
O que é, o que é, meu irmão
Há quem fale que a vida da gente é um nada no mundo
É uma gota é um tempo que nem dá um segundo
Há quem fale que é um divino mistério profundo
É o sopro do criador
Numa atitude repleta de amor
Você diz que é luta e prazer
Ele diz que a vida e viver
Ela diz que melhor é morrer pois amada não é
E o verbo é sofrer

Eu só sei que confio na moça
E na moça eu ponho a força da fé
Somos nós que fazemos a vida
Como der ou puder ou quiser
Sempre desejada
Por mais que esteja errada
Ninguém quer a morte
Só saúde e sorte
E a pergunta roda
E a cabeça agita
Eu fico
Com a pureza da resposta das crianças
É a vida, é bonita e é bonita
Viver, e não ter a vergonha de ser feliz
Cantar e cantar e cantar
A beleza de ser um eterno aprendiz
Ah meu Deus eu sei, eu sei
Que a vida devia ser bem melhor e será
Mas isso não impede que eu repita
É bonita, é bonita e é bonita
Viver, e não ter a vergonha de ser feliz
Cantar e cantar e cantar
A beleza de ser um eterno aprendiz
Ah meu Deus eu sei, eu sei
Que a vida devia ser bem melhor e será
Mas isso não impede que eu repita
É bonita, é bonita e é bonita
Viver, e não ter a vergonha de ser feliz
Cantar e cantar e cantar
A beleza de ser um eterno aprendiz
Ah meu Deus eu sei, eu sei
Que a vida devia ser bem melhor e será
Mas isso não impede que eu repita
É bonita, é bonita e é bonita

Sumário

EIXO 1 – QUASE UM ROMANCE

TERNURA E DOR: FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DE UM COLÉGIO AIONISTA

EIXO 2 – AS CONVERSAS

CONVERSAS COM PARCEIROS E CÚMPLICES

EIXO 3 – ANEXOS

VERSÕES: TESTEMUNHOS E DOCUMENTOS

RESUMO

A busca de compreensão do processo de integração do Colégio dos Canarinhos de Petrópolis – colégio religioso fundado ao final do século XIX – à Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus, mantenedora dos colégios franciscanos da região Sul/Sudeste do Brasil, levou-me a elaborar esta dissertação em três eixos: eixo 1 – “Quase um romance”; eixo 2 – Conversa entre parceiros e cúmplices; eixo 3 – Versões: testemunhos e documentos.

“Quase um romance” apresenta minha versão da história, o que senti e como vivi os acontecimentos. Tecido a partir de uma maneira de dizer, encontrada na possibilidade de “literaturizar a ciência” (Alves, 2001), este eixo 1 relata o momento inicial de reflexão sobre a história vivida. No eixo 3, entrevistas e depoimentos vêm a contribuir como outras versões que possibilitam novas outras compreensões, que, no eixo 2, são colocadas em diálogo com a minha versão e com os referenciais teórico-metodológico-epistemológicos que fundamentam a pesquisa. São autores como Carlo Ginzburg, Ecléa Bosi, Inês Oliveira, Machado Paes, Michel Foucault, Paulo Sgarbi e Paul Thompson, dentre outros, que contribuem para a composição do eixo 2 da dissertação, escrito em forma de conversas.

RESUMÉE

La quête de compréhension du processus d'intégration de l'École des canarinhos de Petrópolis – école religieuse fondée à la fin du XIX siècle – à l'Association Franciscaine d'enseignement Seigneur Bon Jesus, responsable de la maintenance des écoles franciscaines de la région sud/sudest du Brésil, m'a menée à l'élaboration de cette dissertation par le biais de trois axes: l'axe 1 – Presqu'un roman; axe 2 – Conversation entre les partenaires et complices; axe 3 – Versions, témoignages et documents.

"Presqu'un roman" présente ma version de l'histoire, ec que j'ai senti et comment j'ai vécu les événements. Tissée à partir d'une manière de dire, retrouvée au sein de la possibilité de "littéaturizer la science" (Alves, 2001), cet axe 1 raconte le premier moment de la réflexion À propos de l'histoire vécue. Dans l'axe 3, les interviews et témoignages viennent contribuer en tant que d'autres versions, qui ouvrent la voie À d'autresnouvelles compréhensions. Celles-ci, celle-là et les référents théoriques, méthodologiques et épistémologiques qui fondent la recherche sont mises en dialogue dans l'axe 2. Ce sont des auteurs tels que Carlo Ginzburg, Ecléa Bosi, I nês Oliveira, Machado Paes, Michel Foucault, Paulo Sgarbi e Paul Thompson, parmi d'autres, qui contribuent dans la composition de cet axe 2 de la dissertation, rédigée sous la forme des conversations.

eixo 1

Quase um
romance

Ternura e dor: Fragmentos da história de um colégio aionista

Silvia Beatrix Tkotz

SETEMBRO/2005

A MORTE

Ao ser chamada à sala do mentor, não tinha mais dúvida. Saiu de lá como que anestesiada e se dirigiu para a [não mais] sua sala. Recolheu alguns poucos objetos, um porta-retratos, sua agenda e se retirou sem falar com sequer uma pessoa sobre o acontecido. Os episódios dos últimos tempos se misturavam em seu pensamento com as lembranças de toda a sua história vivida ali naquele colégio. Resolveu que não pensaria no assunto, não investigaria suas falhas, não buscaria culpados. Queria esquecer. Essa era uma etapa finda em sua vida.

RESSURREIÇÃO

No dia anterior, Denis havia morrido. Enforcou-se com uma gravata no chuveiro de casa ao chegar do colégio. Fora, também, demitido. Teria sido esse o motivo? Provavelmente não só. Mas, ainda assim, a demissão havia sido a gota d'água para entornar o caldo de infortúnios que assolavam sua vida. Sua morte foi anunciada minutos antes da formatura dos alunos do ensino médio, último dia de compromisso de Sabrina, naquele ano, com o colégio. Um calafrio perpassou-lhe a coluna. No dia seguinte, arrumaria sua sala e... férias. Ou...

CALVÁRIO

Mais uma vez o fantasma da demissão pairava em seus pensamentos. No entanto, o suicídio de Denis lhe fazia pensar no "peso" daquela possível demissão. Não lhe valeria, por certo, a vida. E foi assim, tomada por essa idéia, que, no dia seguinte, foi demitida.

Após a morte - demissão anunciada - Sabrina passou a buscar uma forma de gerir a vida no rememorar, um jogo perigoso de reconstrução. Engano seu fora pensar que conseguiria esquecer. As marcas deixadas eram muito fortes e Sabrina, a cada dia, recuperava parte de suas vivências, em um exercício de compreensão.

FLAGELO

FREI AUGUSTO

Recordar a chegada de frei Augusto ao Colégio Bom Samaritano era definir um acontecimento que parecia, inicialmente, originário das mudanças. No entanto, Sabrina veio a perceber que esse era apenas um dos fios de uma trama, já enredada com outros fios de outras meadas. Ela começou a achar que frei Augusto fora escolhido por Pedro Jorge como a pessoa ideal para se aproximar, quebrando quaisquer resistências ou sistemas de segurança e sigilo que frei Mariano pudesse querer manter.

UM NASCIMENTO

A informação oficial era de que frei Augusto fora indicado pelo Condado para ajudar frei Mariano, que estava sozinho na direção do colégio. Sem motivo para defesa, todos receberam frei Augusto, que era sobrinho de frei Mariano, e se deixaram envolver por seu discurso tão terno. Humilde, silencioso e tímido, não poderia inspirar cuidados.

ANUNCIÇÃO

Recém-formado, frei Augusto chegou ao Bom Samaritano para assumir o cargo de orientador pedagógico dos alunos do ensino médio. Era o estereótipo do que podemos chamar de rapaz do interior, com aquelas calças de tergal, vincadas, camisa de tecido e um par de óculos com uma armação enorme e preta. Muito simples, muito atento, sempre disposto a ouvir, angariou logo a simpatia de todos. À medida que era aceito pelo grupo, mais frei Augusto se apresentava, impressionando a todos com sua defesa do ideal aionista.

Sabrina mantinha a distância regulamentar exigida pela relação profissional, não demonstrando amizade ou companheirismo gratuito, como a maioria parecia demonstrar para com frei Augusto. Estaria enciumada? Até então, era ela a “queridinha” de frei Mariano que, anteriormente, a pretendia como futura diretora, por ser a única pedagoga do colégio e, ainda, por seguir seu modelo autoritário na forma de exercer a função de coordenadora. Agora, o cargo definitivamente teria outra destinação, tendo em vista que frei Augusto era pedagogo, da ordem, sobrinho de frei Mariano e querido por todos.

A SACERDOTISA

FREI MARIANO

Ocupado demais com a regência e a agenda do coral do colégio – sua preocupação maior – frei Mariano dava às coordenadoras toda a autonomia quanto à metodologia e aos encaminhamentos pedagógicos. Mantinha, no entanto, extremo rigor quanto à disciplina, cuidando pessoalmente de observar o cumprimento dos horários de chegada de alunos e professores, por exemplo. Figura temida, respeitada e amada, frei Mariano visitava, periodicamente, os corredores do colégio para marcar sua presença como diretor. Seus 20 anos à frente do Bom Samaritano haviam-lhe reforçado o autoritarismo com que direcionava determinadas questões, deixando claro que sua palavra era inquestionável e suas decisões deveriam ser acatadas. Sua postura empertigada deixava no ar a pergunta sobre o porquê de tanta altivez, com a possível resposta, acompanhando o meio sorriso, de que seria orgulho de ver a própria obra – coral e colégio – caminhando tão bem.

Frei Mariano viera para o Bom Samaritano por volta de 1970, para auxiliar frei Johannes, diretor do colégio, fundador e regente do Coral Bom Samaritano de Meninos Cantores. Sua chegada garantiu novo fôlego ao coral e os dois regentes ainda tiveram oportunidade de trabalhar por um bom tempo juntos, chegando a realizar a primeira viagem do coral ao exterior. Frei Mariano deu continuidade à repercussão internacional que o coral alcançou, garantindo novas viagens internacionais. Foi ele, também, que deu andamento à obra da sede do colégio e do coral, iniciada por frei Johannes, que muito se orgulhava da compra de um terreno maravilhoso em um local bastante central e aprazível para essa construção.

Sabrina era tomada como filha por frei Mariano e, a esse afeto, retribuía. Como coordenadora

da pré-escola, tinha autonomia plena, pois frei Mariano liberava os alunos, em seus primeiros anos escolares, do rigor da disciplina por serem muito pequenos. Sabrina, assim, ficava com mais liberdade de ação, podendo fugir um pouco da proposta tradicional de ensino que regia o colégio. Ambigualmente, mantinha aquela postura autoritária frente às professoras enquanto discutia caminhos pedagógicos alternativos.

AS COORDENADORAS

Rosana coordenava o ensino médio, denominado 2º grau na época – recém-instaurado e orgulho de frei Mariano, por ser de iniciativa sua – que parecia uma escola à parte. A maioria de seus professores e suas professoras, no “alto” do *status* ocupado, sequer cumprimentava os colegas dos outros segmentos do colégio. No ensino fundamental, então denominado 1º grau, pela manhã, Leila repetia o modelo autoritário de frei Mariano e, sob os cuidados dos diários de ocorrência, mantinha tudo sob controle. Sua preocupação parecia restringir-se às questões da disciplina. Os atritos permanentes de seu espaço de controle se referiam, apenas, às reclamações de professores e professoras sobre a existência de modelos tão díspares de acompanhamento de um mesmo segmento. Isso se dava porque I sabela, que coordenava também o 1º grau, no turno da tarde, fazia o estilo boazinha, deixando todo o controle disciplinar e a “fama de zangado” para o inspetor geral, Seu Gerson. Dessa forma, ela mantinha o grupo de professores muito dividido – alguns a amavam profundamente por tê-la como a “mãezona” do colégio, outros se incomodavam fortemente com sua postura sempre de protetora e conciliadora, especialmente porque se percebia que havia um protecionismo declarado a alguns escolhidos, alunos e professores.

Sabrina, na pré-escola, junto às professoras que com ela trabalhavam, sentia-se desconsiderada e desqualificada no trabalho não reconhecido como importante pelos outros professores do colégio e pelo próprio frei Mariano, que tanta autonomia lhe concedia por acreditar que, naquela fase, não havia nenhum compromisso além de brincar e cuidar das crianças. No entanto, a pré-escola do Bom Samaritano ganhava admiração e respeito por parte dos pais, o que levava Sabrina a notar um certo incômodo por parte de I sabela, o que lhe parecia o único retorno interno do trabalho sério que realizava ali.

SABRINA EM XEQUE

A ascensão de frei Augusto à direção, no entanto, veio mexer com a autonomia de Sabrina, pois a este incomodava aquele trabalho independente, autorizado pela afinidade de frei Mariano com ela. Frei Augusto quis conhecer de perto o trabalho de cada um, especialmente de Sabrina, por duvidar de sua competência para a função. Ele, porém, mantinha o controle de maneira inversa àquela do frei Mariano. Enquanto esse mantinha em sua mão todas as decisões e a ele tudo precisava ser reportado a fim de que algum encaminhamento se desse, com frei Augusto a direção era mais participativa e ele estabeleceu encontros semanais com as coordenações e periódicos com os professores e as professoras.

Frei Augusto passou a acompanhar tudo, mas dificilmente dava uma ordem ou tomava uma decisão. Pequenos problemas surgiam e desapareciam, por não encontrarem eco na sua atuação. Seria essa uma maneira de dirigir, deixando que os problemas se resolvessem por si só? Sabrina não tinha certeza, mas percebia que as preocupações de frei Augusto estavam além dos pequenos embaraços do dia-a-dia que tanto a consumiam. Num futuro próximo, ela e frei Augusto discutiriam longamente, pois ele viria a demonstrar acreditar na capacidade de Sabrina, que não só poderia responder por seu cargo como poderia ajudá-lo em outras questões, sendo realmente comprometida com o colégio.

Nos primeiros tempos, entretanto, foi I sabela quem esteve no lugar de confiança de frei Augusto, assumindo como missão protegê-lo e o tomando por seu confidente. Ou teria sido apenas uma maneira encontrada por ele de ouvir delações? Conversavam horas a fio sobre as questões da vida e do colégio. No entanto, não foi com I sabela que frei Augusto mais aprendeu. Foram os alunos que lhe apresentaram o Bom Samaritano, suas formas de ser, suas gentes, os que mandavam e os que obedeciam. Frei Augusto bebeu na melhor fonte enquanto orientador pedagógico e, enfim, estava preparado para assumir a direção do colégio.

A INTRUSA

O BOM SAMARITANO

A primeira tarefa que se deu frei Augusto foi a de tentar compreender as origens do colégio em busca de uma identidade própria. Fora fundado como Escola Gratuita Franz Liszt, nos idos 1898 e, posteriormente, veio a se constituir juridicamente como Instituto Bom Samaritano de Meninos Cantores, particular, sem fins lucrativos e filantrópico, que abarcava as atividades do colégio e do coral. No entanto, ainda que sob a mesma direção por anos e anos, parecia que cada um, colégio e coral, mantinham vida própria. O coral, no entanto, cresceu em importância e passou a dar certas determinações ao colégio, como, por exemplo, autorizar as datas de festas e formaturas de forma que não interferissem na agenda de apresentações e viagens dos alunos cantores. Incomodava a frei Augusto que 1300 alunos vivessem em prol de 50 alunos cantores privilegiados. É certo que, sexagenário e de qualidade incomparável, o Coral Bom Samaritano já havia alcançado projeção internacional e sua história havia suplantado a história do colégio. Mas, haveria de ter uma outra história que valorizasse o colégio para além de ser o colégio daquele coral. Os encaminhamentos dessa tarefa vieram a ser os primeiros pontos de discórdia entre frei Mariano e frei Augusto, pois resgatar a importância do Bom Samaritano como colégio em si, sua história anterior ao coral e a grande preparação para sua festa do centenário, deixaram o coral em segundo plano.

GÊNESIS

O incômodo de frei Mariano parecia ser repetição da história ocorrida nos idos de 1970, quando ele veio designado pela Província como diretor do colégio devido às suas qualidades de maestro, com curso inclusive na Alemanha, e seu conhecimento da língua alemã, o que facilitaria o entrosamento com o diretor de então, o alemão frei Johannes. Agora, era frei Mariano que estava sendo substituído e ele havia, até mesmo, solicitado isso ao Condado. No entanto, ele queria ser substituído por alguém obediente.

REPROFECIA

O Condado, por sua vez, havia convencido frei Augusto de que o momento econômico-financeiro do país não permitia mais a forma de administração isolada e independente, totalmente nas mãos de diretores tão seculares quanto os colégios que dirigiam. A proposta era de unir os colégios do Condado como parceiros, de forma que os custos fossem minimizados por compras em comum e serviços compartilhados, por exemplo. Frei Augusto estava empenhado em promover essa integração, pois acreditava que seria muito profícua essa troca de experiências, inclusive pedagógicas.

DECRETO

O CONDADO AIONISTA

Condado, confraria... dos aionistas. Nomes que eram tão freqüentes no Bom Samaritano que sequer as pessoas atentavam para o alcance de cada um deles. Condado, por exemplo, pode ser entendido como uma organização político-religiosa complexa, marcada pela hierarquia, tão a contragosto do que o jovem Aion pregara. Sabia-se que o colégio pertencia ao grupo – chamado Condado – da região Sudeste do país. Esse grupo atacava em várias frentes – colégios, editoras, rádios, paróquias – com o objetivo de evangelizar.

MISSÃO!

Sem fins lucrativos e sendo beneficente, o Condado conseguia uma série de vantagens governa-

mentais para ampliar suas casas com dinheiro público, bem como promovia campanhas entre os crentes. No Bom Samaritano, um carnê, na época das obras, fora uma opção para ajuda mensal e vários professores e amigos fizeram contribuições espontâneas. A ajuda de Carlos Navarro, Ministro da Educação nessa mesma época, está registrada em uma das salas do colégio, com uma placa e seu retrato a lhe homenagear. Até mesmo o governo da Alemanha fez gordas doações para a construção e desenvolvimento do projeto educacional daquele colégio/coral.

AJUDA...

Não se pode negar que o atendimento aos carentes também vinha sendo feito: o Bom Samaritano atendia com gratuidade ao número estipulado pelo governo para fazer jus à filantropia, forma legalizada de não se pagarem impostos. No Condado, diversos projetos de cunho social se desenvolviam, mas em sua maioria, tinham um caráter paternalista e assistencialista.

MESSÃO?

Frei Ramon exercia um cargo importantíssimo de autoridade aionista – Demarcador – e é necessário apresentá-lo, pois seu papel junto ao colégio foi determinante de alguns (des)caminhos. Em importância dentro do Condado, só havia acima dele o Condecorador, responsável por toda a região, o qual tinha seu superior hierárquico diretamente em Roma.

MISSIONÁRIO

LAÇOS DE FAMÍLIA

Cabe aqui falar sobre as relações familiares que se encontravam imbricadas nas “relações trabalhistas” percebidas dentro do Condado. Não deixa de ser curioso pensarmos que frei Mariano era tio de frei Augusto e sua mãe era prima do tio do Pedro Jorge, logo ela era prima em segundo grau de Pedro Jorge. Poderíamos dizer que frei Mariano era primo de Pedro Jorge? E se frei Mariano era primo de Pedro Jorge e tio de frei Augusto, o que seria frei Augusto de Pedro Jorge?

ECCLESIASTICU

E ainda cabe saber que o tio do Pedro Jorge era um arcebispo, o que dava a ele uma certa autoridade dentre os aionistas, mesmo não sendo da Confraria. Será que o tio de Pedro Jorge era alguma coisa do frei Augusto, também?

Contudo, curioso mesmo é pensar que esses “laços de família” só vieram a incomodar Sabrina muito tempo depois, ao olhar para trás e tentar reconstituir a história. Aí, ela veio a se perguntar se seria nepotismo ou, apenas, a possibilidade real de se ter mais parentes em uma mesma situação de poder na instituição-condado pelo fato de ser a região sul do país a maior fornecedora de frades aionistas, na época, o que causaria estes encontros familiares dentro da Confraria, sem dúvida. Além disso, a endogamia era muito comum nessa região entre os imigrantes, talvez por afinidades culturais ou com o interesse de se manter a cultura europeia de origem, o que vinha a gerar parentescos múltiplos nessa população.

ENDOGAMIA... ECCLESIAL... ECLETISMO...

Previstos ou acontecidos, os parentescos favorecem laços de confiança. Sabrina passou a pensar, então, em frei Augusto, frei Mariano, Pedro Jorge...

PEDRO JORGE

Engenheiro, Pedro Jorge havia sido aluno de outro colégio aionista, bem maior, o Colégio do Santo Ofício. Formado, veio a assumir a direção de uma associação de leigos que gerenciava esse colégio, pela suposta garantia da confiança que lhe concedia o parentesco. Sua visão, administrativa e calculista, levou o Colégio do Santo Ofício a revelar um perfil mercantil de ensino, pois era preciso pensar em rentabilidade e produtividade.

O ECONOMISTA

Falar da admiração que Sabrina nutria por Pedro Jorge é falar de sua postura ereta, de seus olhos azuis, de seu terno alinhado, de sua voz firme, e ainda de suas palavras seguras sobre questões atualizadíssimas sobre administração e visão empresarial. Ele falava como se previsse o futuro.

Em uma conversa, Sabrina perguntava a Pedro Jorge:

– Mas Pedro, como pode interessar ao Santo Ofício manter convênios com escolas tão pequenas e desqualificadas?

Ele respondeu:

– Veja o exemplo da Coca-cola. Você a encontra em qualquer boteco. É assim. O nome é conhecido em qualquer lugar e se ganha na quantidade. Não podemos desprezar qualquer encomenda de dez livros.

Nessa fala, Pedro se referia à garantia da venda do material pedagógico, elaborado para a educação infantil às conveniadas. Sabrina o ouvia, atenta, buscando compreendê-lo e achando que ele sabia tudo.

Abertamente, Pedro Jorge falava sobre a importância de se desenvolverem práticas empresariais como forma de garantir a sobrevivência do colégio no mundo competitivo que se instalava e convencia os frades de sua inabilidade para gerenciar seus colégios em tempos de crise econômica.

DENÚNCIA UM

Quanto tempo passou para Sabrina começar a se fazer algumas perguntas? Só muito tempo depois ela passou a se perguntar como os frades se deixavam convencer tão facilmente, pois eles já haviam superado outros momentos de crise. Há quantas décadas os frades administravam seus colégios? Há quanto tempo, o próprio Bom Samaritano vivia os dilemas entre atender à pobreza e se manter, principalmente preocupado com a continuidade do coral? Com o passar do tempo, no entanto, as confidências de frei Augusto e as conversas com outros freis amigos foram ajudando Sabrina a montar um grande quebra-cabeça, ainda que sempre ficassem faltando algumas peças. Mas já era possível ter uma visão parcial da extensão da situação. Manter os colégios, todos particulares, não era problema, ainda que o Condado nunca tivesse dito isso. O problema, agora, era se manter. O Condado precisava dos lucros dos colégios para manter suas obras e seus frades, pois as ofertas dos fiéis eram cada vez mais insuficientes.

SUÍTE QUEBRA-CABEÇA

ASSOCIAÇÃO DO SANTO OFÍCIO DE EDUCAÇÃO AIONISTA

Amarrado por suas próprias regras, preocupado em violar o seu caráter benevolente, constrangido pelos convites atraentes do mercado e com dificuldades financeiras, o Condado ampliou a ingerência de uma associação de leigos – não comprometidos com os “nós” aionistas da obediência, pobreza e castidade – que veio a assumir a direção dos colégios. Leiga, a Associação Santo Ofício de Educação Aionista podia estar mais à vontade para dirigir o negócio dos colégios. Para quebrar a licenciabilidade a que essa associação estaria sujeita e garantir um controle mínimo necessário, no entanto, a sua presidência ficou sendo ocupada por um frei – no momento dessa história, Frei Ramon.

– Nós? – poderiam perguntar algumas pessoas menos informadas... os aionistas amarram na cintura de suas batinas um cordão no qual três nós se destacam, representando o compromisso deles com a obediência ao Condado, à pobreza e à castidade.

A Associação havia sido criada no âmbito do Colégio do Santo Ofício, nos idos 1955 e agora, com a direção de Pedro Jorge, partiu da idéia inicial do Condecorador de que fossem feitas

parcerias entre os colégios e assumiu a direção de todos. Teria sido um plano audacioso de Pedro Jorge criar um grande *pool* educacional ou essa idéia já estava sendo tramada sem o conhecimento sequer da própria Associação? Quem seria o mentor de tal idéia dentro do domínio eclesiástico? Teria um mentor?

MARIA?

METÁFORA NA CINTURA, METÁFORA NA VIDA

Para dar andamento à grande Associação do Santo Ofício, porém, era preciso que os diretores-freis, seculares em seus colégios, abrissem mão de sua autoridade única. O nó da obediência foi, então, cobrado com vigor desses freis, exigindo-lhes que deixassem os colégios e fossem para as paróquias, com a alegação, não mentirosa, da diminuição cada vez maior do número de frades e a necessidade de ter frades nas igrejas. Nas escolas, a substituição dos freis por gestores leigos ganhou uma justificativa que impedia qualquer resistência. Só não se explicava porque trazer frei Augusto, se a saída de frei Mariano se justificava por levá-lo para uma paróquia. No entanto, essa desculpa o próprio frei Mariano providenciara, explicando que não queria repetir a rabugice de frei Johannes e que precisava deixar o lugar para os mais jovens. Essa já vinha sendo uma fala de frei Mariano, que anunciava que deixaria a direção em 2000, pois não queria envelhecer à frente do coral e do colégio, dificultando às novas gerações a implantação de novas idéias.

no, a que estava acostumada. Alunos chegaram a pichar os banheiros, quebrar carteiras... Isso nunca havia acontecido antes. A estrutura de respeito/medo pelo frei Mariano desaparecia e esse lugar de poder ficou vazio. Mas frei Augusto afirmava que esse não era o lugar dele.

O que fazer, então?

FREI AUGUSTO BUSCA AJUDA

Frei Augusto começou contatos com outro colégio do Condado, com muito mais estrutura, justamente o Colégio do Santo Ofício, que ofereceu ajuda para implantar a informatização administrativa. A informatização pedagógica já vinha sendo implementada por frei Augusto, que investira em um laboratório para os alunos, onde eram ministradas aulas de informática técnica, já dentro do currículo escolar. Em breve, o Colégio do Santo Ofício estaria também auxiliando no pedagógico, trazendo uma proposta de uso dos computadores e seus recursos como ferramenta do ensino das disciplinas. O suporte para questões jurídicas e contábeis foi outra ajuda oferecida.

Nessa altura da história, Sabrina já havia conquistado a confiança de frei Augusto, que a enviou para passar uma semana no Colégio do Santo Ofício para conhecer sua dinâmica pedagógica. De lá retornando, foi afastada da coordenação da pré-escola para ficar como coordenadora de um suposto Núcleo Pedagógico, que nunca chegou a existir de fato. Essa idéia do núcleo, vinda do Santo Ofício, não conseguiu ser efetivada, pois deveriam ser destacados professores das diversas áreas para coordenações por disciplinas, reunidos para estudo, o que implicaria em um custo inviável. Posteriormente, o colégio veio a se utilizar dos serviços do Núcleo Pedagógico do Santo Ofício e Sabrina passou a auxiliar frei Augusto nos problemas da rotina, organizando eventos, reuniões, atendendo pais e professores – enfim, “apagando incêndios”.

Só muito tempo depois, Sabrina conseguiu perceber como a lógica de convencimento do Santo Ofício funcionava. Mostravam um modelo ideal de coordenação, ou de informatização e/ou de implantação de outra forma de avaliação dos alunos, por exemplo. A inviabilidade de se colocar aquela idéia tão boa em prática levava frei Augusto a aceitar que o Santo Ofício passasse a assumir aquele serviço ou orientação.

A vinda de equipes do Santo Ofício começou a fazer parte da nova rotina e o primeiro passo dessas equipes foi mesmo no sentido administrativo, quando começaram divergências entre frei Mariano e frei Augusto. Informatizar significava informar. A contabilidade foi um setor que muito sofreu. Ali, como tesoureiro, ‘homem dos livros’, diretor do controle financeiro e recursos humanos e todo o administrativo junto, um professor tomava conta de tudo. Muito correto, discreto e de confiança plena por parte de frei Mariano, professor Claudinei não quis participar da informatização do setor. Teria ele, logo, se aposentado? Ou foi demitido? Ou, ainda, pediu para se retirar? Soube-se que saiu, deixou sua cadeira depois de uma vida inteira no colégio.

IMPOSIÇÃO

SUBSTITUIÇÃO DO BAIXO-CLERO

PROFESSOR CLAUDINEI

Como aluno do Bom Samaritano, foi exemplar. Voltou ao colégio como professor de matemática. Participou da implementação do ginásio, lá pelos idos de 1960. Viveu a troca de direção delicada, no passado, quando frei Mariano chegou para auxiliar frei Johannes. Todos os impasses daquele outro tempo – como a mudança do uniforme do coral, mudança do logotipo do colégio, pintura da Kombi com o novo logotipo... – foram vividos por ele. Viveu, também, a mudança do antigo endereço do Bom Samaritano, onde iniciara como Escola Gratuita Franz Liszt, para a nova sede, então sede própria e mais independente dos aionistas. Participou das histórias do tempo em que o colégio ficava junto ao convento e mudou-se para a nova sede, acompanhando essa passagem.

Foram mais de 40 anos dedicados ao colégio, dando aulas e controlando receitas e despesas, sem problema algum. Agora, não conseguiria suportar que alguns molecotes, empolgados com as novas tecnologias, lhe viessem complicar a forma de trabalho. Eram jovens, ainda na graduação, que, no entanto, conheciam uma linguagem tecnológica que lhe era totalmente estranha e que passaram a lhe dizer como e onde registrar seus números. Ele não poderia aceitar isso, mas, ainda assim, não pôde deixar o cargo tão rápido. Esse dilema perdurou por um ano aproximadamente. Afinal, frei Mariano em muito dependia dele.

A PROMESSA NÃO CUMPRIDA

Um desentendimento bastante grave surgido entre frei Mariano, seu discípulo prof. Claudinei e frei Augusto foi o caso do aumento dos professores. Desconhecendo (?) o caixa, frei Augusto começou a lutar por uma melhoria salarial para os professores e, em reunião com frei Mariano e prof. Claudinei, ficou acertado um plano de reajustes. Frei Augusto, em sua empolgação pelo colégio e acreditando que a satisfação dos professores seria o primeiro passo para um bom trabalho pedagógico, reuniu logo os professores, fazendo as promessas, conforme combinara.

No momento de efetivar o aumento combinado, frei Mariano e prof. Claudinei negaram que fosse aquela a combinação. Alguém não havia compreendido bem o que se conversara na reunião entre eles. E o plano de aumento dos professores caiu por terra.

Frei Augusto não teve coragem de enfrentar a equipe, pois não tinha o que dizer, não podia, pensava ele, assumir a sua limitação nas decisões e no conhecimento da situação. Informou, por comunicado escrito, afixado na sala dos professores, que haveria uma retomada nos planos e pediu que os professores aguardassem. Um movimento de insatisfação começou a se formar entre os professores, que se sentiram desrespeitados.

Alguma coisa estava a acontecer e, pela cidade, corria o murmúrio de que o Bom Samaritano fora vendido.

O COLÉGIO FOI VENDIDO

Parecia que frei Mariano estava contra aquele movimento do Santo Ofício entrando na 'casa', mas não tinha escolha. No entanto, frei Augusto contou depois para Sabrina que foi durante a sua viagem a Roma que tudo se consolidou, com frei Mariano fechando o negócio. Na ocasião, no entanto, não se soube disso.

Sabrina, na época, de licença-maternidade, foi convidada para uma reunião onde foi apresentada à parceria entre a Associação do Santo Ofício de Educação Aionista e o Colégio Bom Samaritano. Decidiu-se a adoção do nome da Associação junto ao nome do colégio, ficando firmado o contrato de subordinação, ainda que velado nesse primeiro momento. O colégio passou a denominar-se *Colégio Santo Ofício-Bom Samaritano*.

A proposta foi apresentada como de parceria e parecia atraente, pois a idéia era que o colégio poderia usufruir todos os benefícios de um outro colégio com maior estrutura. A organização, inicialmente, continuaria a mesma, mas se teria uma assessoria para todas as questões. Com certeza, essa assessoria não sairia de graça, mas não se imaginava que o custo seria tão alto!

Sim, havia uma negociação, pois a Associação passou a pagar, mensalmente, um valor ao Bom Samaritano. Afinal, o Colégio Santo Ofício-Bom Samaritano, agora da Associação do Santo Ofício, fazia uso da sede do Coral Bom Samaritano, que se manteve como instituição filantrópica, com independência financeira e administrativa e passou a receber o aluguel. Sabrina não se preo-

cupou, inicialmente, com essas questões, pois achou que não cabia a ela. Mais do que isso, chegou a se animar com a importância que o colégio ganhava ao fazer parte dessa grande cooperativa de colégios. E, além do mais, estava-se falando de organizações do Condado, logo, idôneas, no pensar ingênuo de Sabrina.

TENTANDO COMPREENDER

Por mais que Sabrina tenha tentado, ela não conseguiu deixar de se questionar a respeito da história do Colégio Santo Ofício-Bom Samaritano, após ter saído de lá. Em diversas ocasiões, tempos depois, nos encontros com frei Augusto, a conversa acabava retornando para o que ocorrera naquela ocasião, com a vinda da Associação do Santo Ofício.

– O Santo Ofício ia chegar a Serrano de qualquer maneira. Eu acelerei um pouco devido a uma situação insustentável entre frei Mariano e mim – tentava explicar frei Augusto.

Ele não percebia que suas explicações acabavam por se transformar em confissões aos ouvidos desconfiados de Sabrina. Ela assim refletia: “Ah! Então você sabia do plano, não?”. E ele continuava tentando lhe explicar:

– Frei Mariano e o prof. Claudinei não iam cumprir aquele aumento combinado.

– Disso eu me lembro bem. Foi muito difícil a situação frente aos professores – recordou Sabrina, que nem sequer foi ouvida por frei Augusto.

Ele falava sem parar, parecendo tentar querer compreender a situação a partir de seu próprio relato.

– Eu tinha ficado sem argumento. Eu tinha prometido o aumento com o consentimento deles. Depois eles disseram que não tinham prometido nada. E não abriam a administração de forma alguma. Eu não administrava o dinheiro, mas as pessoas não sabiam disso. Afinal, eu era apresentado como o diretor.

Ele falava com um ar tão melancólico, que levava Sabrina a pensar duas vezes se seria possível ter má intenção e mentira por trás de pessoa tão terna, tão comprometida com o jeito aionista de ser.

– Mas o problema era outro. O Demarcatório tinha-me nomeado ecônomo do Instituto. Isso incomodou frei Mariano, e eu nem assumi. Então, ele foi boicotando tudo. E a questão do aumento foi só uma forma de fazer isso. Ele quis me desmoralizar diante dos funcionários e professores. Por isso, quis largar tudo. O Condado, então, preferiu trazer logo o Santo Ofício.

– Essa história você não me contou antes. Por quê? Nós conversávamos tanto naquela época!

– Eu não podia contar. As coisas eram confusas até para mim e eu temia até mesmo pela grande amizade que você nutria por frei Mariano.

Frei Augusto falou, então, do momento que antecedeu àquela reunião de engajamento à Associação do Santo Ofício e adoção do novo nome, surpreendendo Sabrina, que achava que sabia de tudo:

– Então, eu pedi renúncia ao Demarcatório, queria ser transferido, comuniquei ao frei Mariano e viajei para a Europa em 98. Fui à beatificação do frei Clodoaldo, Terra Santa, Portugal, França e Suíça. Fiquei um mês fora. Quando voltei, fui chamado pelo Demarcatório, que me pediu para ficar. Explicaram-me que fizeram uma auditoria a partir de minhas dificuldades no colégio e a coisa pesou para o lado do frei Mariano e do professor. Eu devia obediência e fiquei. Frei Ramon me chamou e, pessoalmente, me colocou a par do contrato entre Santo Ofício e o Coral Bom Samaritano, e ainda me pôs em contato várias vezes com o Pedro Jorge. Prometeram uma parceria em tudo. Eu devia mesmo era ter saído.

– Mas isso não fazia parte dos planos do Condado para enfraquecer frei Mariano?

– Sim. O Condecorador na época queria acabar com a autonomia de frades que ficaram muito tempo nas instituições. Assim foi com frei José Crivera, em Patronal; frei Clenildo, na nossa Universidade; frei Hans, em Paredes; frei Pedro, em Verdemar e frei Mariano no Bom Samaritano, em Serrano. Acho que fui muito usado nesta história toda. Tem coisas que a gente começa a enxergar só com o prisma do tempo.

Sabrina sentia-se entorpecida. Como a história era muito mais profunda do que jamais pudera imaginar!

DEVERIA HAVER MAIS NÓS?

ALCANÇANDO MAIS PODER

Compreender um pouco da organização aionista foi uma forma que Sabrina encontrou para olhar para o que acontecera com mais cuidado. Esse foi um caminho, no entanto, que surgiu quando ela já estava longe do Colégio Santo Ofício-Bom Samaritano. O Demarcatório, formado por um grupo de seis demarcadores, foi algo que ela só veio a entender do que se tratava quando, como Demarcador, frei Augusto veio a lhe explicar.

– Nossa função é de animação da vida dos frades. Mas, para isso, é necessário cobrar também certas coisas da nossa forma de vida. Por exemplo, que um guardião não exerça sua função sem considerar os demais frades da fraternidade. O difícil é exercer essa parte de correção, principalmente por eu ser mais novo.

– E você é quem deve dar esses toques? – perguntou Sabrina, querendo saber mais.

– Sim, preciso mostrar que um frade não pode fazer os projetos pastorais só da sua cabeça, que não deve administrar os recursos só como acha melhor, que é preciso ter capacidade de lidar com as limitações dos outros, que quem não é guardião também tem que colaborar, não fazer planos e projetos meramente pessoais.

Por ocasião dessa conversa, Sabrina deixou escapar sua revolta e perguntou:

– E onde estavam os demarcadores quando aconteceu o Santo Ofício em nossas vidas?

“Essa é uma história que frei Augusto talvez nunca poderá responder”, pensou imediatamente Sabrina, que, constrangida, continuou:

– Desculpe-me o desabafo!

– O Definidor responsável pela nossa região tinha sido beneficiado com um celular pelo frei Ramon ... Talvez ficaria indelicado falar alguma coisa, ainda mais que frei Ramon também era um definidor. Até nisso eu pensei!

– Que coisa horrível essa do celular.

Frei Augusto continuou a falar de seu trabalho, talvez, também, constrangido por ter deixado escapar aquela suspeita que chocou Sabrina. No entanto, não fugiu completamente do assunto e acabou precisando falar mais a respeito do Santo Ofício.

– Em meu trabalho hoje, como Demarcador, acompanho toda a Região das Montanhas e Baixada Riviera, interior de Campo Lindo, Vale do Rio Claro e Litoral Norte de São Tomé. Nossa relação com a Associação do Santo Ofício também está difícil. Não admitem esta nossa função. Não é que antes admitem. Admitem o Demarcatório quando ele não mexe lá.

Essa e muitas outras foram as conversas entre Sabrina e frei Augusto, tempos depois, quando suas vidas já se haviam distanciado daquela história que tanto os abalara. O questionamento maior que Sabrina se fazia, no entanto, era a respeito desse lugar de Demarcador ao qual frei Augusto fora alçado. Nunca lhe pareceu que ele pudesse querer algum posto desses, pois ele se mostrava muito avesso à autoridade. Ou ele teria sempre buscado o poder, mas de forma tão sutil que ela não percebera? Teria sido o seu prêmio pela vitória da derrubada do antigo colégio? Sabrina não conseguia se dar essa resposta,

POR EXEMPLO, O NÓ DA SUBMISSÃO...

contudo não poderia perguntar tão diretamente por não se sentir à vontade e por ter medo de magoar frei Augusto. Afinal, ela poderia ir longe demais em suas especulações.

Ela, então, ouvia as explicações querendo acreditar nele, mas, no seu íntimo, ficava a elaborar mil e uma tramas para tentar dar um sentido a algumas desconexões como era a história do celular, e a outras conexões que ela percebia tão evidentes. Vinham-lhe à mente, então, aquelas pequenas discórdias do dia-a-dia e ela se punha a pensar se tudo aquilo não fazia parte de um plano para enfraquecer as pessoas, criar discórdias, destruir relações.

POMO DA DISCÓRDIA

DIVIDINDO ESPAÇO

Até a organização dos espaços e a definição de “o que era de quem” foi carregada de dissonâncias. Aparentemente, seria fácil, pois um dos prédios abrigava o colégio e o outro prédio era das atividades do coral. No entanto, não foi tão simples assim. O refeitório, por exemplo, ficava no prédio do coral e atendia a alunos e alunas do colégio e, também, professores, professoras e funcionários. Todas as salas do administrativo ficavam no prédio do coral e o Santo Ofício, a partir de seu estabelecimento no colégio em final de 1998, precisava fazer uso desses espaços.

O problema da cozinha foi um dos que mais incomodou. Afinal, a estrutura administrativa anterior tinha uma forma bastante informal, como em uma família, em que frei Mariano tomava conta de tudo, inclusive da cozinha. Ele e outros três freis, incluindo frei Augusto, estavam morando no prédio do coral, o que fazia desse espaço sua casa e, da cozinha, sua cozinha.

O Santo Ofício, para resolver as dificuldades de administrar refeições de coralistas, funcionários, professores e freis, terceirizou a cozinha. E a cozinha foi fechada para os freis. Imaginem uma casa sem cozinha! Frei Mariano e os outros tinham café da manhã à mesa, almoço, lanche da tarde e jantar encomendados com a equipe contratada. No entanto, aquela liberdade de entrar e se servir, fritar um ovo ou fazer um chá acabou. A cozinha encerrava atividades às 18h e o jantar era deixado na mesa. No dia seguinte, a equipe recolhia a louça deixada. Um microondas ficou à disposição para se esquentar alguma coisa. Enfim, um tratamento de apart-hotel.

O PÚBLICO E O PRIVADO NO ESPAÇO COMUM

“A CASA”

Frei Mariano sempre quisera dar ao Bom Samaritano um aconchego de lar. Todos deveriam fazer parte da família do colégio e ele representava o poder do *pater-familiae*. Era severo e autoritário, mas benevolente com aqueles que lhe serviam ou lhe seguiam. Todos viviam em paz, pois a paz fazia parte das regras. Professores e professoras conviviam uns com os outros e se evitava atritos. Alunos e alunas eram punidos em caso de brigas, sendo suspensos das aulas ou recebendo castigos como cópias, por exemplo, até mesmo de páginas da Bíblia!

Com a chegada do Santo Ofício, essa teia familiar de relação patriarcal, característica marcante no colégio, foi sendo desfeita por uma proposta forçada de conversão ao profissionalismo. “Vestir a camisa” do colégio – novo, outro – fazia parte do discurso de convencimento à conversão e criou-se uma categoria de “engajados”, pessoas que, nem sempre, eram sinceras. Secretamente, praticavam a irmandade anterior, celebrando a beleza dos tempos passados. O Santo Ofício, consciente de que essa nostalgia seria uma razão para serem agressivos e incompreensivos quanto ao presente, decidiu eliminá-la.

PATRIO PODER

Sabrina, no entanto, nem sequer percebia esse movimento de resistência, absorta que estava em contribuir com a interação entre as experiências anteriores e as novas possibilidades. Ela associava insegurança à incompetência e acreditava que quem fazia um bom trabalho não precisava se preocupar

com as mudanças. A idéia de profissionalização e de padronização lhe era até mesmo cara, pois dava ao colégio uma organização e possibilitava a elaboração de uma identidade, que ela só reconheceu que o Bom Samaritano já tinha depois que perdeu.

DIZIMANDO A “FAMÍLIA”

O clima, que antes era de liberdade – ainda que aparente, pois frei Mariano controlava tudo e todos –, foi substituído pelo de insegurança. O espectro da demissão pairava sobre as almas. A chegada do Santo Ofício trouxe mudanças para o modo de vida de professores, professoras, alunos, alunas e toda a comunidade daquele colégio. Professores e professoras, no entanto, precisavam mostrar adaptação a essas mudanças e procuravam manter suas práticas de portas adentro, tentando se proteger. Quanto menos contato, melhor. Quanto mais contato, maior probabilidade de ser descoberta a não-conversão e a eliminação seria fatal.

DEMISSÃO: UMA ARMA

PODER E LIBERDADE APARENTE

A demissão passou a fazer parte de uma política de terror, onde o medo garantia o silenciamento e a não-resistência aparente às mudanças. A cada ano, professores e funcionários foram sendo substituídos em larga escala. O não-pertencimento, relações estremecidas entre as pessoas no colégio e sensações de estranhamento vieram dizimar a teia familiar ali existente.

MUDANÇAS

Não havia como descartar a hipótese de que a Associação viera motivada por interesses econômicos. A excelência dos colégios aionistas foi um fator decisivo na motivação das esferas políticas eclesiais em assumir gerenciar de outro modo essas instituições, como um veio para suprir sua decadência financeira e garantir a sobrevivência do Condado. E essa talvez tenha sido a mudança mais sentida.

O Bom Samaritano tinha, em suas origens, o atendimento a alunos pobres e a caridade marcava o desejo de solidariedade e fraternidade imputado naquela comunidade pelos princípios aionistas. Manter esse pensamento e agir dentro dele já vinha sendo muito difícil, pois, com o passar dos anos, as dificuldades financeiras haviam mudado o perfil da escola de pobres para uma escola paga, que atendia alguns pobres. Era já uma incoerência cobrar para educar aionisticamente, pois se deveria atender aos desfavorecidos e não àqueles que podiam arcar com os custos educacionais, ainda que não fossem exorbitantes. Diante da possibilidade da gratuidade, o colégio tentava cobrar dos que podiam pagar, ajudando àqueles que não podiam. Lucros se revertiam em melhorias para o próprio colégio. Essa era a idéia que professores, professoras, pais, mães, alunos, alunas e a cidade, enfim, mantinham do colégio.

LUCRO VERSUS MISSÃO

A Associação do Santo Ofício, entretanto, passou a buscar as famílias de elite como clientela, para atender a um novo patamar de valores de mensalidade e oferta de serviços educacionais “de qualidade”, uma linguagem mercadológica que parecia necessária à concorrência com outros colégios que tradicionalmente atendiam aos mais abastados na cidade.

SABRINA NÃO VÊ

A empolgação com os recursos financeiros que viabilizavam o fim das obras, a compra de materiais pedagógicos interessantíssimos, a construção de um parque para a pré-escola, e outras melhorias faziam com que Sabrina não percebesse o dismantelamento de princípios da educação que se dizia aionista. Ela compreendia essa opção de rever a clientela como necessidade para se manter o colégio e sequer pensou se havia outro caminho.

Os materiais de divulgação do colégio, renovados, reformados e com proposta pedagógica revis-

ta, lhe enchiam os olhos. E ela se sentia parte daquele processo de melhoria do Bom Samaritano. Sabrina chegava a se orgulhar de estar ali no, possivelmente, muito em breve, melhor colégio de Serrano.

Festas – como a inauguração do Parque das Aves, nome dado ao parque da educação infantil – passaram a ser divulgadas no jornal de maior circulação na cidade. Também a “bênção dos animais” ganhou *status* de notícia. Uma entrevista com o mentor do colégio registrou, nesse mesmo jornal, as promessas de um colégio sem igual, com uma estrutura fabulosa em que piscina, quadras, auditório, laboratórios, capela e outras construções iriam compor a urbanização do novo terreno do colégio, que também teria um amplo estacionamento para pais, professores e alunos. E a promessa conseguia garantir a preservação de área para estudos ambientais. Enfim, um colégio modelo.

AS DEMISSÕES UM

Paralela às promessas, a redução de custos foi uma das propostas iniciais, sendo informado a todos que o colégio estava “no vermelho”. Rotinas de economia foram estabelecidas para telefonemas, cópias, material, impressão de documentos.

Os inventários eram realizados para que o Santo Ofício pudesse controlar tudo – vã tentativa. Móveis, pessoas, receitas e despesas, planejamento pedagógico, tudo era inventariado. Eram reuniões e mais reuniões com cada um dos setores, para que pudessem dar conta de conhecer todo o colégio, seus bens, sua rotina, seu funcionamento...

E o primeiro grande susto foi a terceirização dos serviços de manutenção e limpeza. Funcionários que estavam ali há anos foram demitidos. Eram pessoas que todos conheciam e foi um choque para alunos, professores e pais. Piorou com a chegada da empresa de serviços.

Eram feitas muitas reuniões em que tentavam inventar uma rotina de limpeza que coordenadores e direção não conheciam, pois havia sido criada no decorrer dos anos pela equipe de funcionários. Foi uma confusão! O tempo entre o turno da manhã e o da tarde era insuficiente para a nova equipe dar conta de limpar as salas. Sabrina, como assistente direta de frei Augusto, não parava de fazer mapas de aulas que terminavam antes para que a limpeza pudesse ser adiantada. Mas sempre faltava alguma coisa, como as reuniões da catequese, as aulas extras de inglês, etc. E as salas não estavam todas limpas no início do segundo turno. Professores e alunos reclamavam muito. Isso sem tocar no assunto capricho. Cantos nunca eram limpos. Os banheiros começaram a ficar encardidos e a cheirar mal. Imaginem vocês que a limpeza do Bom Samaritano sempre havia sido um dos cartões de visita!

Sabrina saiu do colégio sem ver essa situação resolvida.

SITUAÇÃO CRÍTICA

Frei Augusto muito sofreu com a demissão daquelas pessoas humildes: pedreiros, faxineiros, jardineiros... Mas era necessário, dizia ele. Precisavam salvar, financeiramente, o colégio e o quadro que a Associação do Santo Ofício apresentava era negro.

Estranho. Muito estranho. Sabrina sabia que o colégio tinha uma dívida com o Banco de Apoio ao Progresso (BAP) que frei Mariano havia contraído para terminar as obras do prédio da área escolar. Mas, nas rotinas financeiras, havia certa tranquilidade, segundo ela ouvira dele próprio. E é de domínio público que dívidas são negociáveis.

Mas uma questão problema foi levantada pelo Santo Ofício, por Pedro Jorge especificadamente, que antecipava tudo. Era preciso tomar providências, pois a história da filantropia estava por se findar e geraria um aumento dos custos do colégio com compromissos fiscais dos quais estava liberado. Isso veio mesmo a acontecer anos depois.

Ainda assim, o quadro não podia ser assim tão ruim. Ou seria? Não haveria outra escolha? Outro caminho? Essas foram perguntas que Sabrina só veio a se fazer tempos depois. Outra dúvida que nasceu para não ser respondida foi sobre aquele problema da auditoria no Instituto. Em que estariam comprometidos frei Mariano e o prof. Claudinei? Teria sido por isso que frei Mariano se desligou tão silenciosamente? E seria por causa dessa auditoria que frei Mariano teria entregue o Bom Samaritano para a Associação e se retirado a seguir? E por que a província mantivera frei Augusto, quando ele quisera sair?

LIMPEZA FUNCIONAL

Cabe registrar que a permanência de frei Augusto não impediu o Santo Ofício de dar andamento à sua forma de gerência, marcada pela substituição do quadro de funcionários vigentes.

AS DEMISSÕES DOIS

A demissão das coordenadoras foi um dos momentos difíceis enfrentado por frei Augusto. Sabrina percebia dor naquele semblante. Ou ela imaginava essa dor? Ou, ainda, ela queria acreditar nessa dor? Outras perguntas que foram sendo elaboradas com o passar dos anos.

DESCOORDENAÇÃO

Tudo aconteceu de maneira inesperada. Em janeiro de 1999, três coordenadoras que atuavam no colégio foram convidadas a fazer um curso no Colégio do Santo Ofício, em Patronal. Sabrina estava de licença-maternidade e não pode participar desse momento. O custo com passagens aéreas e a hospedagem em hotel de alto luxo impressionaram a todas. Logo após esse investimento, as aulas começaram e, na semana seguinte, duas delas foram demitidas inesperadamente, incluindo I sabela, que havia sido tão amiga de frei Augusto.

Havia, mais uma vez, um motivo justificável para essa demissão?, indaga-se Sabrina. Leila, coordenadora do turno da manhã, já havia sido demitida no final de 98, dentro da proposta de redução de custos. Das duas demitidas agora, uma não tinha formação em nível superior. A outra foi demitida para que Sabrina pudesse reassumir a coordenação da pré-escola. Ela deixou o cargo de coordenadora do Núcleo Pedagógico sem nem mesmo saber se teria sido esse o seu cargo um dia. Com a reorganização proposta pelo Santo Ofício, ela passou a ser assessora da educação infantil à 3ª série do ensino fundamental. Mas, por que essas medidas não haviam sido tomadas no final do ano anterior? Por que demitir alguém em pleno andamento do ano letivo? E o custo que isso representava? E o dispêndio com aquela viagem?

MUDANÇA DAS CADERAS

A pergunta veio, na época, pela primeira vez ao pensamento de Sabrina, mas passou rápida. Ela teria sido demitida se não estivesse em licença-maternidade? – Não, acho que não –, ela mesma respondeu, ao pensar em sua formação em pedagogia e o quanto era boa profissional, dedicada e comprometida com a proposta do Santo Ofício. Além do mais, a coordenadora do ensino médio não havia sido demitida, o que demonstrava que não era uma substituição geral, mas apenas uma recomposição do quadro com pessoas mais qualificadas, pelo menos no que dizia respeito à formação.

A EXCLUSÃO

Sabrina continuou no colégio, mas algumas pessoas caras não mais estavam ali. Outros iriam saindo aos poucos. Filhos de funcionários perderam suas bolsas de estudo e saíram ao final do ano letivo. Outros bolsistas foram avisados de que o Santo Ofício-Bom Samaritano não manteria sistema de bolsas escolares. Muitos desses saíram, também, ao final do ano.

SEM ALUNOS POBRES

Não interessava mais ao Santo Ofício manter bolsistas, pois essa estratégia se justificava não pelo carisma aionista de ajudar aos necessitados, mas apenas porque toda entidade filantrópica precisa dar gratuidade em determinada proporção.

Pedro Jorge quis antecipar-se ao governo para não sofrer por não se ter preparado e, antes que

acabassem com a filantropia, ele acabou com ela em todos os colégios da Associação Santo Ofício de Educação Aionista.

O aumento da mensalidade também determinou a saída de outros alunos, que perceberam que o colégio mudava de perfil. E, ainda, a não-autorização de negociação das dívidas dos inadimplentes fez com que outros pais não pudessem renovar as matrículas de seus filhos.

O PRIMEIRO MENTOR

As maiores mudanças - marcas da exclusão - aconteceram naquele ano de 2000, primeiro ano do Colégio Santo Ofício-Bom Samaritano, em que chegou o primeiro mentor vindo de Patronal. Juan era muito bonito, um estilo Pedro Jorge, porém não-polaco, como este. Ele era moreno, alto e também alinhado. Sua função no colégio era a gestão administrativo-financeiro-pedagógica. O que restou ao diretor, frei Augusto? Assinar as decisões tomadas, sem conseguir dizer muitos não, pois os argumentos da Associação eram sempre muito fortes.

Juan sempre atendia Sabrina com atenção e ela tinha a impressão de que ele queria ensinar como deveria ser uma assessora dentro do perfil desejado para o Santo Ofício. Ele também fazia muitas perguntas e Sabrina sabia de tudo sobre o Bom Samaritano, pensava ela. Os dois conversavam muito e ela se sentia uma grande colaboradora. Falava dos problemas do colégio, das insatisfações de alguns e dos seus sonhos.

Juan chegou a pedir que Sabrina se aproximasse mais dos professores, deixando de ser tão autoritária. Ele alegava que a mudança do nome de coordenadora para assessora mostrava o quanto o papel era o de ajudar as professores e não o de mandar neles. Pediu que Sabrina frequentasse a sala dos professores, tomasse café com eles e conversasse, tentando perceber mais como eles se sentiam e o de que eles estavam precisando. Sabrina se tornou uma espia. Ela desconfiava desse papel, mas achava que era para o bem de todos. Perceber as insatisfações só poderia ter o objetivo de levar ao conhecimento do mentor para que esse pudesse tentar saná-las.

Dentro desse raciocínio, como também, dentro do modelo hierárquico que povoava sua cabeça, seu superior imediato deixava de ser frei Augusto e passava a ser Juan. Nessa época, ela se afastou bastante de frei Augusto, que também tinha uma convivência muito grande com Juan.

A esposa de Juan, Lisandra, viera acompanhando-o e assumiu uma das coordenações vagas. O casal e frei Augusto saíam muito e chegaram até mesmo a viajar juntos, pois frei Augusto procurava ajudá-los a se adaptar na nova cidade, na nova região.

REDEFINIÇÃO DE FUNÇÕES

APÊNDICE

AS DEMISSÕES TRÊS

Um ano se passou e, ao final, todos percebiam que haveria mais mudanças. Sabrina, inclusive, participara de reuniões para discutir qual seria o perfil desejado para um professor do Santo Ofício. O critério de que todos os professores deveriam ter nível superior ou estar cursando em dois anos apavorou a equipe. Muitos dos professores das primeiras séries do fundamental tinham apenas o curso de formação de professores, de nível secundário ou médio, como diríamos hoje.

A insegurança e o medo se justificaram com uma demissão bastante grande, que chegou a mais de vinte funcionários em uma mesma semana. Todas as orientadoras educacionais foram demitidas também. O Colégio Santo Ofício-Bom Samaritano não teria mais essa função em seu organograma e os problemas com alunos seriam resolvidos por professores responsáveis pelas turmas, algo parecido com padrinhos ou tutores.

Sabrina ajudou frei Augusto e Juan nessa tarefa delicada de demitir alguns funcionários e jamais esqueceu as palavras de Solange:

- Hoje sou eu que estou sendo demitida. Amanhã será você. Não tenho raiva de você, tenho pena. Tenho pena de ver você aqui trabalhando quando deveria estar em casa cuidando de sua filha. Nada no mundo vai fazer você recuperar o tempo da licença-maternidade, que era de sua filha e você deixou aqui, participando de reuniões para receber o Santo Ofício e nos mandar embora.

Ela estava certa.

ESCOLHAS DE SEMPRE

Sabrina passou a se reencontrar com frei Augusto, anos mais tarde, e voltava à velha prática de conversar horas a fio sobre o colégio. No entanto, essas conversas, para Sabrina, pareciam-se com tentativas de frei Augusto de se justificar, de explicar o que não fora bem entendido. Ele percebia em Sabrina uma desconfiança que incidia sobre sua pessoa, para além das desconfianças sobre Pedro Jorge e frei Ramon.

Em uma dessas conversas, bem recente, Sabrina questionou a postura que o Santo Ofício assumiu:

- O Santo Ofício está apenas representando uma escolha dos aionistas de buscar uma outra clientela para o colégio, que eu identifico como uma postura semelhante à assumida pelo Bom Samaritano em outros tempos, não é?

- De que tempos você fala, Sabrina?

- Lembro-me de ter ouvido de você que, quando foi fundado o colégio, foi fundada uma outra escola gratuita aionista na cidade. Essa escola tomou outros rumos "não-aionistas"; no entanto, manteve e mantém a gratuidade e a opção pelos pobres até os dias de hoje. A escolha dos aionistas, em um momento de dificuldades financeiras, no entanto, foi a de cobrar mensalidades, fazendo uma primeira opção por começar um processo em que alguns são excluídos, aqueles que não podem pagar a mensalidade, por mínima que se pretendia no início dessa escolha, lá nos idos de 1960. É coincidência, mais uma vez, os aionistas optarem pela elitização da escola em um momento de dificuldade?

- Oe efoi0 e6tifa(mie e4147e46s/TT0 m Srm1ando }TjeA e51mue estou sendo demid-1.5 ere343o daara
pena.

- É uma responsabilidade grande. Também sou falível, mais do que você imagina.
- Mas, falhar como humano é compreensível. Mas, há falhas desumanas, ali.
- Fico preocupado quando vejo pessoas apostando em mim, como você. Isto me angustiava muito em Serrano. A forma como me olhavam, esperando que eu fizesse alguma coisa. Mas a situação era maior do que eu. Eu não tinha apoio do Condado, não tinha poder para fazer.

Sabrina ouvia aquelas palavras e se perguntava se seria possível que ele estivesse mentindo. Por outro lado, ele mesmo afirmava a possibilidade real de ter falhado, quase querendo convencê-la. E aí, voltava a falar culpando o invisível, eximindo até mesmo o Condado.

- Acho que o Condado, como instituição, ainda não percebeu o que aconteceu lá. Se eu fico falando muito parece uma paranóia. Então é complicado.

- Como falar muito? - perguntava, angustiada.

- Em toda reunião eu tenho levantado a questão. Recebi muito apoio de frades, mas não da instituição.

- Desculpe-me se acabo colocando mais peso em seus ombros. Mas, não queria que fosse assim. Quero apenas sua honestidade.

- Procurei ser totalmente honesto naquela situação toda. Mas, acho que não foi suficiente.

As pessoas não querem honestidade. Querem conciliação. Ainda que a injustiça permaneça.

As conversas dos dois caminhavam sempre assim, cada um colocando para o outro as suas dores no que dizia respeito a essa história onde ambos tinham suas parcelas de culpa. Ou essa culpa existia apenas dentro dos dois? Eles teriam sido parceiros ingênuos, usados pelo Santo Ofício? Quem teria convencido os dois?

AS DORES,
AS CULPAS

AS REUNIÕES

Reuniões já faziam parte da rotina do Bom Samaritano desde que frei Augusto assumira a direção. Mas, com o Santo Ofício, as reuniões aumentaram em frequência consideravelmente. Nessas reuniões, uma figura bastante presente passou a ser o prof. Hitaki, um japonês de modos tranquilos, ouvido atento e conselhos permanentes. Seu papel ali era sempre de explicar como funcionaria a nova organização e, passou a fazer, também, o acompanhamento financeiro do colégio. Suas explicações eram sempre abrangentes, bem elaboradas e bem apresentadas, sempre em *PowerPoint*, um recurso que não era ainda muito comum, o que impressionava. Hitaki trazia sempre o Condado como número um da organização, mostrando uma rede de entrelaçamentos entre Condado, Santo Ofício e os colégios, ajudando-se mutuamente, distribuindo suas riquezas, no intuito de uma instituição ajudar a outra mais necessitada até que, em situação de lucro, pudessem reverter esses valores para as obras do Condado.

Hitaki havia sido aionista, o que lhe garantia um canal aberto com frei Mariano, com quem estudara no seminário, mais uma estranha coincidência que, no entanto, passou despercebida. Sabrina gostava de ouvir Hitaki e pensava que aquele jeito oriental de ser guardava muita sabedoria. Tempos mais tarde, frei Augusto disse a Sabrina que Hitaki fora contratado para fazer com que frei Mariano descreditasse dele. Teria sido essa a fórmula? Primeiro, frei Augusto enfraquece frei Mariano. Depois, enfraquece-se frei Augusto. Assim, um contra o outro e os dois enfraquecidos tem-se um caminho livre.

CONJECTURAS

Na tentativa permanente de unir as peças do grande quebra-cabeça que se transformou a história do Bom Samaritano, Sabrina fazia de todos os encontros e reencontros com frei Augusto um momento de investigação, inicialmente inconsciente, mas que começou a ganhar *status* de pesquisa conforme a história se complexificava.

Sabrina se perguntava se frei Augusto falava tanto por não perceber que tinha em Sabrina mais que um ombro amigo ou se seria uma forma de controlar a investigação que ela fazia, contando-lhe as coisas ao seu modo. Ou estaria ele contando a ela com o intuito de paralisá-la frente à postura ética que se exigiria de alguém que soube muito da história através de confidências. Quando começava a refletir assim, se percebia indo longe demais em suas conjecturas. Mas, convenhamos que era essa história que havia ido longe demais e atingia pessoas que se haviam passado por irrepreensíveis, como o prof. Hitaki, por exemplo. Esse foi outro que foi denunciado em um dos relatos de frei Augusto, dentro de uma conversa com Sabrina:

- Eles, do Santo Ofício, tentaram me afastar em maio ou junho de 1999 quando o clima estava fervendo. Então, sugeriram que frei Mariano voltasse a assumir a direção do colégio. Nessa época, ele dirigia apenas o coral. Mas aí já estávamos em preparação para o Colegiado e o Inspetor, que tinha conversado comigo, não aceitou.

- Como assim, frei Augusto? Que Inspetor? Colegiado?

- Sim - explicou à Sabrina. Inspetor é um demarcador de outro Condado, não comprometido com as políticas locais, que passa por todas as casas do Condado e leva sua avaliação para o Colegiado. Colegiado é um encontro bienal que redefine as metas e os projetos do Condado, e também recoloca os frades, estabelecendo as transferências. Como o Colegiado costuma ser em setembro, decidiram esperar até lá.

- E frei Mariano? Ele aceitaria?

- Acho que frei Mariano tinha até gostado da idéia. E era uma idéia que eles sabiam que o Demarcatório não aprovaria, mas que fazia com que frei Mariano se sentisse valorizado pela Associação. Uma maneira de comprá-lo pela vaidade. Eles o tinham envenenado contra mim. Especialmente Hitaki. Ele mesmo me confirmou isso. Disse que fez porque era mandado fazer.

- Não posso acreditar.

- É difícil falar dessa história para outros que não viveram isso. É difícil de acreditar.

Sabrina, chocada, trouxe à lembrança um dos incômodos que mais lhe doeram: a distância de frei Mariano.

- Frei Mariano se afastou de mim. Mal falava comigo e eu fiquei muito mal com isso. Isso me deixava insegura em relação a você, mas eu confiava tanto... Não podia ser mentira! Mas frei Mariano nunca falou nada, sequer um comentário até hoje sobre tudo isso comigo.

- Acho que para ele foi mais difícil do que para mim. Já conversamos diversas vezes sobre isso, mas só conseguimos falar mesmo depois de um ano. Ele usou e usa de um mecanismo de defesa para se proteger, imagino. Prefere fazer de conta que não sabe de nada, embora quando conversamos, eu veja que ele sabe o que aconteceu. Ele não esperava esse final.

- Eu também achava, o tempo todo, que as dificuldades faziam parte de um período de transição.

- Ele não consegue admitir que foi tão enganado.

- Eu sofro com o quanto fui enganada, também. E nem mesmo sei por quem. Isso me dói. Sinto-me uma ingênua, boba. Ajudei àquela gente e muito.

- Eu também. O meu maior erro foi ter acreditado neles. O Pedro Jorge é o pior de todos. Deveria ser ator.

- Pior é que eu acho que até hoje a gente ainda não sabe da missa a metade, suspirou Sabrina, em um tom de desânimo.

“AGORA É CINZAS, TUDO ACABADO E NADA MAIS” -

REDE DE INTRIGAS

POR QUE DEMITIDAS?

Um encontro com Alice, nessas tantas conversas em que Sabrina se envolvia falando da história

do Santo Ofício-Bom Samaritano, veio a remexer com lembranças que fizeram doer nas duas. De longe, os olhares se cruzaram; de perto, os abraços confirmaram que a amizade permanecia.

- Quanto tempo, Alice!

- Que saudade! Por onde andou, Sabrina?

Depois de minimamente atualizarem as informações sobre suas vidas naquele momento, a conversa se encaminhou naturalmente para aquela história que havia propiciado o encontro e o afastamento das duas:

- Quando ocorreu a mudança, fiquei apreensiva e até esperançosa. Achei que a mudança poderia ser para melhorar, disse Alice.

- Também pensei assim e acho que ajudei as pessoas a acreditarem nisso.

- Mas, com o passar do tempo, aquela esperança foi-se transformando em medo e revolta.

Revolta porque algumas mudanças estavam prejudicando amigos; medo porque encontrei, nas pessoas que ali chegaram, a falta de humanidade e a ambição pelo poder e pelo dinheiro. Parece que essas pessoas trouxeram energias negativas. A competição e a falsidade passaram a ser prioridade para algumas pessoas que ali trabalhavam. Aquela família já não existia mais. Ela foi dissolvida por essas energias e, aos poucos, fui vendo tudo acabar.

- O que me dói é que custei muito a ver isso. E acho que, enquanto estive lá, acreditava que essa energia negativa que você diz estava apenas em algumas pessoas que deixaram o poder subir à cabeça. Hoje, penso que aquela associação é uma confraria de princípios genuinamente empresariais.

- É, acho que você tem razão. Se hoje estou aqui sem nada, é por causa deles. Me descartaram como se fosse um objeto que não tem mais valor e nem utilidade. Não me perguntaram nada, não me pediram nada, apenas me tiraram do jogo. Não viram o meu lado profissional, a minha responsabilidade e a minha dedicação.

- Sinto tanta culpa nessa história, Alice.

- De você não tive raiva, pois você sempre me deu a maior força, mas cheguei a ficar com raiva do frei Augusto. Foi ele quem me tirou do outro colégio, convidando-me para trabalhar em regime de dedicação exclusiva. Saí de outro emprego onde tinha bastante estabilidade e onde gostavam muito de mim para ser demitida. E ninguém me disse sequer o porquê. Por quê, Sabrina?

- Até hoje também não entendi minha demissão. Por que Alice? Por quê?

CARTA FORA DO BARALHO.

CRENÇA NAS PROMESSAS NÃO É PRIVILÉGIO DE SABRINA

INCOMPREENSÍVEL

Nos encontros periódicos que tinha com Sabrina, frei Augusto continuava a trazer mais e mais fatos para corroborar a dor de Sabrina. Em um desses encontros ele falou da situação complicada sobre o Santo Ofício ter se estendido até a Universidade Aionista, em São Tomé.

- É verdade. O frei que saiu mal da universidade queria me contar coisas o tempo todo que ele ficou lá comigo no seminário. Ele morava com frei Ramon na época da crise de Serrano. Mas, eu preferi não saber. Só me fazia mal.

- Tem muita coisa por trás disso tudo, frei Augusto.

- Mas é uma verdade que ninguém está interessado em desvendar.

- Só eu. Só não sei se alguém vai querer saber o que eu conseguir desvendar. E preciso buscar uma forma de contar essa história.

Após cada uma dessas conversas, mais Sabrina se percebia como um cisco nessa "briga de cachorro grande". Compreender, então, sua demissão ficava mais complicado. Por que fora demitida? Ela achava que estaria lá, no Colégio Santo Ofício-Bom Samaritano até hoje, engajada em fazer dar certo. Ou será que não?

Em uma outra conversa com alguém que já não se lembrava quem, perguntaram a Sabrina se ela voltaria ao colégio se lhe chamassem de volta. Ela gelou ao pensar que esse convite poderia lhe reacender alguma esperança. Brigou consigo mesma, mas teve certeza de que não seria tão simples a negativa. Que absurdo, Sabrina!

“Não, não voltaria”, pensou logo a seguir. Da forma como o Colégio Santo Ofício-Bom Samaritano está hoje, ela não voltaria. Como poderia, por um minuto que fosse, se imaginar voltando? Era tão incompreensível que Sabrina pudesse pensar em voltar...

E se tudo fosse como antes? Ela gostaria de estar lá? Não, a desconfiança de Sabrina não possibilitaria mais o engajamento. Concluindo dessa forma, Sabrina tentou mudar o rumo de seus pensamentos, pois era muito mais fácil e seguro pensar no passado.

SEM VOLTA AO QUE JÁ NÃO EXISTE

A PRIMEIRA TRAIÇÃO

Sabrina se achava dona da verdade e conhecedora de tudo, mas alguns acontecimentos fizeram nascer a descrença no coração de Sabrina, substituindo uma ingenuidade que ela não sabia que possuía.

A demissão do primeiro mentor foi um desses acontecimentos. Se ele viera como representante da Associação do Santo Ofício e por essa mesma era dispensado, o que acontecera? Depois de uma ida de Juan para Patronal e o seu não mais retorno, os problemas entre frei Augusto e ele apareceram. Juan fizera mil acusações sobre frei Augusto e até sobre Sabrina. Pedro Jorge veio em busca de esclarecimentos.

Sabrina lembraria para sempre do dia em que frei Augusto a chamou. Quando entrou em sua sala, lá estava Pedro Jorge querendo saber qual o motivo do boicote ao material elaborado pelo Santo Ofício para a educação infantil. Sabrina havia feito um documento que jamais chegara à Patronal, com as críticas ao material e pedindo apoio à equipe pedagógica do Santo Ofício para se pensar como fazer a adoção em Serrano. O material não previa a alfabetização na educação infantil, o que era feito não só no Bom Samaritano, mas também em todas as escolas de Serrano. Sabrina sabia que Patronal vivia o dilema de decidir em que momento alfabetizar as crianças. Serrano já havia definido essa questão e vinha desenvolvendo a alfabetização nas turmas da educação infantil. Inclusive, o momento de transição entre infantil e fundamental era marcado por uma festa de formatura para se comemorar a aprendizagem da leitura e da escrita.

BOICOTE

Esses comentários e a análise do material não haviam chegado a Patronal. Juan havia levado apenas a negação de Sabrina em adotar o material. Ela conseguiu explicar as diferenças entre a proposta de Serrano e a de Patronal, tranquilizando Pedro Jorge quanto a seu empenho no sentido de discutir uma forma de buscar unidade entre os colégios da Associação do Santo Ofício. Aparentemente, Sabrina ganhou pontos com Pedro Jorge e ela saiu da sala satisfeita por ter conseguido falar sobre o que percebia de dificuldades.

TRAIÇÃO PESSOAL OU INSTITUCIONAL ?

Dera tudo certo, acreditou ela, mas por que Juan teria tentado incriminá-la? Ou isso sequer teria acontecido? Ela nunca mais viu Juan para saber dele a sua versão. Tudo foi anunciado por Pedro Jorge e frei Augusto e Juan estava demitido. Sabrina não imaginou essa possibilidade na época; no entanto, as ações do Santo Ofício vieram a despertar em Sabrina, num outro tempo, a desconfiança de havia conspiração realmente em toda aquela história. Não poderia ter sido engenhosidade de Pedro Jorge para “queimar” Sabrina? Quem traiu Sabrina, Juan ou o Santo Ofício?

“PROMOVER PARA REMOVER”

Não tardou a vir o segundo mentor para o Santo Ofício-Bom Samaritano, que teve sua chegada marcada pela brincadeira da Rosana, assessora do ensino médio, que, na sala de frei Augusto, enquanto

esperavam para conhecer a nova figura, levantou o *slogan* que acabou por se confirmar: “Atrás de um Juan (ruim) vem sempre um pior”.

A piada de Rosana tirou de Sabrina um sorriso amarelo, mais assustado que sem graça, pois ela temia o risco da aproximação da piada com a realidade. Com elas, Janice formava o grupo de assessoria pedagógica do Colégio Santo Ofício-Bom Samaritano, tendo sido convidada para assumir essa função por ocasião da demissão de Juan e sua esposa. Professora de língua portuguesa, Janice mostrava-se uma pessoa doce e reservada, o que talvez tenha dado à Associação a impressão de que atenderia ao papel de marionete que o Sistema de Investigação e Pesquisa – SIP – do Santo Ofício esperava das assessoras. Ledo engano, pois ela era, antes de mais nada, apaixonada pelo Bom Samaritano e não se conformou em ver sua identidade se perdendo pelos caprichos ou determinações vindas de fora. Foi demitida.

SORRISO AMARELO

Esse movimento de ascensão/demissão passou a ser motivo de chacotas entre os professores, pois observavam a rotatividade não só no Santo Ofício-Bom Samaritano, mas também entre coordenadores que vinham de Patronal e que, na vinda seguinte, já haviam sido substituídos, como fora o caso da coordenadora de informática pedagógica, do coordenador de recursos humanos e dos coordenadores do próprio SIP que, em pouquíssimo tempo, foram mais de três. “Promover para remover” foi outro *slogan* lançado nos bastidores do Santo Ofício-Bom Samaritano para propagar as idéias da associação.

O SEGUNDO MENTOR, O BÁRBARO

Altair chegou pesado, enorme, barulhento. Sua altura, somada ao excesso de peso, ratificava sua postura autoritária e rude, reservando-lhe uma presença marcante e uma beleza rústica. Permaneceu pouquíssimo tempo no colégio, mas seu discurso anunciou francamente os desejos da associação de que o Santo Ofício-Bom Samaritano viesse a ser o melhor colégio da região.

O terno alinhado, uniforme dos mentores, não aliviava a rispidez de suas palavras: “Aluno burro não estuda nesse colégio”. Essa sua frase ficou conhecida e causou revolta em muitos pais e professores. Altair divulgava que fora coordenador do melhor ensino médio de Patronal e que o Santo Ofício-Bom Samaritano iria alcançar os melhores índices de aprovação no vestibular da cidade. Acreditem que alguns gostaram de sua forma firme e exigente, supondo que seria garantido, assim, um espaço para os bons.

O que marcou sua gestão foram as promessas, e até hoje não ficou claro se eram delírios seus ou projetos do Santo Ofício. Um grande ginásio poliesportivo seria construído e, no lugar da atual quadra, uma piscina olímpica. Uma bela capela iria ocupar a estufa abandonada com teto de vidro, entre as árvores do novo terreno, que teria sua beleza recuperada. Também no terreno, um estacionamento, com rotatória para manobra e acesso coberto para os alunos até o prédio do colégio, seria um diferencial, pois nenhum colégio da cidade possuía tal infra-estrutura até então. E mais, como retorno do aumento da renda de um colégio que poderia cobrar mais por tamanhas vantagens, os professores teriam finalmente um salário condizente ao padrão de qualidade desse colégio de primeiro mundo, como ele vociferava.

DELIRIUM TREMIS

Altair ficou em Serrano no segundo semestre de 1999, apenas, e quando saiu do Santo Ofício-Bom Samaritano, assumiu a coordenação do Setor de Investigação e Planejamento da Associação, o SIP. Estranhamente, tempos depois, foi removido. Sua demissão ficou conhecida através de rumores que nada explicavam, dando a entender que tentara, junto a um grupo de seguidores, assumir o lugar de Pedro Jorge. Jamais houve uma comunicação oficial do incidente. Outro mentor veio para assumir sua função.

Considerando que Otávio, o terceiro mentor, estava recém chegado no Santo Ofício-Bom Samaritano, Pedro Jorge resolveu empenhar-se pessoalmente em acompanhar o processo que ele próprio propôs de reorganizar as turmas de educação infantil aos moldes de Patronal, atendendo a critérios diferentes de distribuição por faixa de idade. Isso não seria um problema se essa decisão não tivesse sido tomada em março, com as aulas já encaminhadas. O maior problema nessa redistribuição foi a passagem de crianças que não estavam alfabetizadas para a primeira série, pois iriam completar sete anos até dezembro do ano em curso e o critério anterior era de que a criança tivesse os sete anos completos até junho.

Para convencer os pais, a Associação do Santo Ofício ofereceu todo o material de primeira série a esses alunos. Eram seis livros didáticos: de matemática, de língua portuguesa, de história, de geografia, de religião e de ciências. Imaginem o que foi isso para aqueles pequenos que sequer liam!

Contudo, Sabrina foi perfeita na arte do convencimento. Não poderia dizer se fora porque defendeu tão bem a idéia ou se, porque os pais a tinham no mais alto grau de confiança. Em reunião com os pais, por turma, Sabrina foi explicando as mudanças e demonstrando que era hora de adaptação à nova lei. Por que agora? – poderiam perguntar os pais. Sabrina explicou que não se deve prorrogar uma decisão e que a mudança no decorrer do ano letivo poderia ser mais acompanhada pelos professores e equipe da escola. Uma proposta de mudança nas férias deixaria todos muito tensos, na expectativa.

“Então, por que esperar? Façamos já!” Essa resposta que Sabrina deu aos pais não era originalmente sua. Em reunião com Pedro Jorge, ela se empenhara realmente para refletir sobre as idéias e planejá-las de maneira coerente, imaginando que seriam decisões a serem firmadas para o próximo ano. Quando estava tudo organizado, Pedro Jorge trouxe o discurso da mudança já. E convenceu. E Sabrina rapidamente registrou as idéias para o convencimento.

A REORGANIZAÇÃO DAS TURMAS DO INFANTIL

Sabrina sentiu-se desafiada àquela tarefa de trazer o modelo Santo Ofício ao colégio. Seria a forma de conquistar a confiança de Pedro Jorge que ela tanto admirava. Ela foi orientada a encaminhar cartas personalizadas aos pais, com uma explicação oficial apoiada nas Diretrizes Nacionais para o Ensino Fundamental, que sugeriam o fim da era das classes de alfabetização, junto a toda uma orientação sobre uma alfabetização que não começa e termina em apenas uma série. A nova lei, de 1996, falava sobre a matrícula obrigatória aos sete anos na primeira série do ensino fundamental, não definindo mês a completar os sete anos determinados. Mais ainda: um plano decenal de educação elaborado pelo governo mas não sancionado ainda, naquele ano de 2000, já previa a antecipação da matrícula aos seis anos no ensino fundamental. Pedro Jorge, antenado, quis sair na frente.

O novo modelo revia os nomes das turmas, suprimindo o nome classe de alfabetização e revendo a distribuição por idade, mostrando aos pais que a possibilidade de a criança ir para a primeira série seis meses mais nova era um atrativo. Pedro Jorge ainda convencera Sabrina, e ela os pais, de que, chegando mais jovens ao mercado competitivo de trabalho, as crianças, no futuro, terão mais chances e mais tempo para formação e especialização.

Foi autorizada uma reunião para explicar aos pais essa mudança, desde que Sabrina assumisse a reunião. Sabrina aceitou, sabendo que estava sendo colocada no fogo, que estava sendo testada. Realizou as reuniões respondendo e tranquilizando a todos. No dia das reuniões, em meio à sua fala, Sabrina

percebeu, junto à porta, fitando-a silenciosamente, Pedro Jorge. Com meio sorriso – ele nunca ria –, o olhar dele se encontrou com o dela, que se sentiu aprovada e se encheu de orgulho. Havia conseguido dar o padrão Santo Ofício à educação infantil, convencendo os pais, pensou ela, feliz.

Mal sabia que o trabalho só estava começando. Foi uma loucura a adaptação das crianças em pleno mês de abril em novas turmas, com novos colegas e nova professora, com nomenclaturas novas em suas turmas. Talvez tenha sido isso o que mais incomodou, pois, deixando de se ter classe de alfabetização, essa ganhou o nome de Jardim III, o Jardim III passou a ser Jardim II, o Jardim II passou a Jardim I e o Jardim I, Maternal. Crianças que sentiam o *status* de estar na classe de alfabetização foram para turmas chamadas de Jardim III, por exemplo, e todos tinham a impressão de estarem voltando para a série anterior. Imaginem a confusão! Mas, Sabrina havia dito aos pais que as crianças se adaptariam facilmente às mudanças e trabalhou intensamente para garantir que todos sentissem o menos possível.

A PRIMEIRA ESPECIAL

Sabrina tentou inutilmente evitar que a primeira série que se formou nessa reconfiguração das turmas recebesse o apelido de especial. Mas foi inevitável e, ainda, além de ser nomeada, permaneceu assim por muito tempo. Qualquer dificuldade que um aluno dessa turma apresentasse não precisava nem mesmo de reflexão, pois o julgamento já estava pronto: foi da primeira especial. Essa turma foi formada pelos alunos que estavam na chamada classe de alfabetização, mas que pelo critério do Santo Ofício, já teriam idade para estar na 1ª série.

Sabrina elaborou, junto à professora, toda uma programação de como alfabetizar paralelamente ao trabalho com os conteúdos das disciplinas. As avaliações eram adaptadas e era esperado que, ao final do ano, as crianças alcançassem paridade com as crianças das outras primeiras séries. Mas não seria assim. No ano seguinte, na hora de misturar as crianças da 1ª especial com os outros alunos de 1ª série, ficou latente a diferença. Mais um ano de trabalho entre as professoras para aceitarem aquela dificuldade e não repassarem para os pais uma responsabilidade que era do colégio, além de um trabalho de reforço de aprendizagem e acompanhamento muito cuidadoso. Na 3ª série, Sabrina ainda olhava com olhos suspeitos para os alunos daquela 1ª especial, sem falar com ninguém, percebendo a defasagem. Era o segredo de Sabrina, mas todos sabiam.

UM SEGREDO QUE TODOS SABIAM

O TERCEIRO MENTOR

Veio o terceiro mentor, um senhor corpulento, de rosto vermelho e sorridente. Aparentando ser uma pessoa boa e simples, trajava o terno do uniforme de mentor que, no entanto, não lhe caía bem. Chegou mansinho, querendo conhecer o colégio, suas rotinas, os professores e os alunos. Começava 2000.

Sua chegada trouxe para o colégio o novo uniforme verde dos alunos, dos professores, dos funcionários – diferenciados para recepção, inspetoria e serviços gerais. A assessoria recebeu um traje clássico verde oliva, enquanto os professores receberam um uniforme esporte verde bandeira, marcando uma diferença hierárquica que era evidenciada na uniformização de todos. Para aqueles professores que não eram exclusivos no colégio, havia a possibilidade do uso de um colete, apenas.

A pintura do colégio foi outro acontecimento nessa gestão, que cuidadosamente trouxe os padrões da Associação do Santo Ofício. O colégio recebeu a cor verde nos uniformes, no mobiliário, nas paredes, nas lixeiras e até mesmo no piso. Tudo esverdeou.

Alcançado padrão do Santo Ofício, o colégio recebeu um totem em sua entrada principal com o nome da Associação do Santo Ofício. Otávio, o mentor, sentiu-se vitorioso, provavelmente.

MUDANÇAS NA CASCA: TUDO ESVERDEOU

DO AZUL AO VERDE, O EXTERMÍNIO

O uniforme era azul antes de Otávio. Do azul ao verde, muita coisa foi mudando devagar. No primeiro ano do Otávio, o novo uniforme não era obrigatório. No segundo ano, pintaram o prédio e tudo mais de verde. E o uniforme verde passou a ser obrigatório, completando a nova paisagem.

O verde anunciou que, como colégio do Santo Ofício, deveríamos abandonar certas práticas tradicionais de um colégio que não existia mais. Foram eliminadas a Olimpíada, a Tarde dos Talentos, a Feira de Conhecimentos... Entre as atividades que desenvolvíamos, uma das mais emocionantes era a formatura das classes de alfabetização, em que cada detalhe era cuidadosamente planejado em azul. As becas eram azuis e seus cordões eram "ouro", garantindo uma certa pompa ao evento. As becas, no primeiro ano, deixaram de ser azuis e cada detalhe passou a ser cuidadosamente planejado em verde. No ano seguinte eliminaram a Formatura.

VERDE FATAL

O NOVO REGIMENTO

O novo regimento chegou, em primeira versão, elaborado por equipe do SIP, para ser analisado. Sabrina, como foi solicitado à equipe de assessores, fez uma cuidadosa leitura, estranhando, logo no primeiro passar de olhos, as atribuições do diretor e do mentor. O diretor, segundo as novas normas, teria um papel bastante representativo do colégio e todas as atribuições de decisão passavam para o mentor.

Sabrina procurou frei Augusto bastante preocupada, percebendo que algo estava errado e notou um certo desconforto com essa situação por parte de frei Augusto que comentou aleatoriamente que ela parecia ter razão e que ele iria comentar em Patronal. Posteriormente, ele voltou ao assunto explicando a Sabrina que o regimento fora aprovado daquela forma pois os freis não teriam muito tempo nas escolas, exercendo um papel mais orientador na direção. As atribuições caberiam realmente ao mentor. Naquela conversa, Sabrina sentiu-se insegura e percebeu que alguma coisa de grave estava acontecendo.

Não tardou a se confirmarem as preocupações de Sabrina, pois, autorizado oficialmente, Otávio assumiu o colégio. Frei Augusto permaneceu ali, cumprindo o que o novo regimento determinava: figurava. Sabrina, inconformada, percebia frei Augusto cada vez mais sério e mais silencioso. Assustada, ela sentia seu coração pesado e não sabia bem como agir. Resolveu, então, renunciar ao colégio como um todo e resignou-se em ficar no lugar que lhe cabia, assessorando as professoras e empenhando-se, apenas, em cumprir o melhor possível a sua função, sem entrar em discussões que não eram de sua competência.

UMA DIREÇÃO QUE NÃO DIRIGE

ACERTOS DECISIVOS

Ouvindo aquela voz ao telefone, Sabrina sentiu certo embrulho em seu estômago. Era Otávio que a chamava, pedindo que comparecesse à sua sala assim que pudesse. Para lá Sabrina seguiu, pensando o quanto a afabilidade de Otávio a incomodava e, mais uma vez, veio a se confirmar que aquele desconforto tinha sua razão de ser e o quanto aquele mentor era uma criatura desprezível.

– Entre, Sabrina, por favor. Feche a porta para que possamos conversar mais à vontade.

O tom doce soava falso e Sabrina sentou a pedido de Otávio, sem saber se deveria se esforçar em esboçar um sorriso.

– Algum problema, prof. Otávio? Foi a pergunta que ela fez, torcendo para que Otávio fosse direto ao assunto.

– Me chame de Otávio, Sabrina.

– Ah, sim! – respondeu Sabrina um tanto constrangida e incomodada, ainda mais com aquela

aproximação forçada.

– Precisamos estar mais próximos para que possamos trabalhar juntos – disse ele.

Sabrina estava assustada, sem saber aonde Otávio queria chegar. Um certo asco lhe percorria todo o corpo e ela se sentia cada vez mais insegura. Resolveu, então, se explicar, numa tentativa de se colocar honesta e verdadeira, falando de suas reais dificuldades.

– Otávio – ensaiou ela –, confesso que tenho estado um pouco distante de você sim, mantendo uma formalidade que me protege, pois estou assustada com as mudanças e com medo de confiar em quem chega. Tenho tentado fazer meu trabalho da melhor forma possível e, espero mesmo, que o tempo venha a estabelecer a confiança que precisamos ter uns nos outros. Desculpe-me, mas os acontecimentos mal explicados com Juan me deixaram muito com o pé atrás. Faço tudo pelo colégio e não foi assim que ele me apresentou em Patronal.

– Entendo você, Sabrina, mas quero que saiba que não temos tempo para ficarmos amiguinhos. Precisamos tomar posições. Você precisa assumir de que lado você está, de que lado você quer ficar.

– Não estou entendendo.

– Vim indicado para essa função, pois já resolvi situações de conflitos em várias instituições da Associação. Sou pessoa de plena confiança do Pedro Jorge e estou aqui para acabar com os problemas que a Associação vem tendo com o colégio. Identificarei quem está contra a Associação e preciso saber se você está do meu lado ou do lado dos freis.

Aquela pergunta revelava para Sabrina que Associação e freis estavam em embate. Mas, que freis? Frei Augusto e frei Mariano, ou todos os frades aionistas? Ela não tinha tempo para pensar e sabia que qualquer palavra sua poderia ser a sua salvação ou a sua ruína. Pensou em frei Augusto, que estava distante e calado. Pensou em frei Mariano, que não mais se dirigia a ela como sua filha, mas a cumprimentava formalmente, apenas, e sentiu-se muito só. Pensou no colégio e há quanto tempo estava ali. Pensou nas professoras e imaginou o quanto elas contavam com ela para lhes ajudarem a suportar ordens incompreensíveis e determinações sem fim. Pensou o quanto aquilo poderia ser apenas um rompante de um mentor tão inseguro quanto ela estava, descontrolado pelo poder que tinha nas mãos. Pensou que um dia isso tudo passaria e o colégio voltaria à calma. Sua resposta saiu firme, tranquila, verdadeira:

– Estou do lado do colégio, Otávio. Se você é o mentor, cargo imediato acima do meu, eu lhe devo obediência. Espero que suas ordens não venham contra os valores que eu havia aprendi aqui mesmo nesse colégio. Eu visto a camisa da Associação do Santo Ofício e tenho feito tudo para que dê certo no nosso colégio, pois acreditei nela. Eu não tenho escolha a fazer.

– Você está escolhendo um lado, Sabrina, e espero que cumpra com o compromisso de apoiar o Santo Ofício e sua implementação no Bom Samaritano.

– É só o que venho fazendo nos dois últimos anos.

Otávio se levantou e esticou seu braço em direção a Sabrina para cumprimentá-la. Seus dedos grossos e sua mão avermelhada seguraram sua mão mais tempo do que Sabrina achava necessário para um cumprimento. Sentindo-se enojada, saiu da sala em busca do primeiro lugar onde pudesse esconder as lágrimas que lhe escorriam pela face. Sabrina chorou muito, naquele momento. Questionava-se se realmente fizera uma escolha. Havia escolha a ser feita? Escolhera o lado errado? Ela só pensava o quanto não queria ir embora. Tudo aquilo haveria de passar, era só uma fase difícil de adaptação e ela precisava acreditar nisso.

O SIP - SETOR DE INVESTIGAÇÃO E PLANEJAMENTO

Sabrina estivera em Patronal muito antes de poder imaginar que a Associação do Santo Ofício pudesse vir a ser a nova dona do colégio, ao qual dedicara tanto tempo de sua vida. Percebendo seu empenho, frei Augusto havia encaminhado Sabrina para passar uma semana junto ao SIP, em Patronal, a fim de conhecer sua dinâmica, em meados de 1997.

Tendo como finalidade buscar sempre a aplicação de um processo de ensino eficiente, segundo Pedro Jorge, o SIP foi estruturado para preparar e coordenar o planejamento curricular das diversas áreas do conhecimento nos colégios da Associação do Santo Ofício. Além de propor formas de abordar cada conteúdo e de interatividade entre as áreas, também monitorava toda aplicação e os resultados desse trabalho em sala de aula, de forma a garantir a unidade entre todas as unidades.

Seu trabalho consistia em organizar cursos e palestras para os colégios, apresentando a proposta pedagógica da Associação do Santo Ofício, questionando os velhos modelos de ensino e apresentando discussões fundamentadas em alguns autores em destaque naqueles tempos, como César Coll, Pedro Demo e Philippe Perrenoud, para defender suas idéias. A elaboração de manuais de ensino, ainda que não denominasse assim, era sua maior e mais intensa atividade. Apresentava seu material com o nome de Roteiro de Aulas (RAs), no qual definia quais os conteúdos a serem ministrados, o cronograma de páginas dos livros didáticos a ser cumprido semanalmente, sugestões de tarefas e, ainda, leitura complementar sobre os conteúdos do período. Os RAs tinham regularidade quinzenal, geralmente.

O SIP precisava garantir o cumprimento das propostas apresentadas pelos RAs e o fazia através de avaliações únicas semestrais em todas as unidades. Os professores precisavam trabalhar toda a proposta pois seus alunos seriam cobrados em cima do que era apresentado inicialmente como sugestão.

ESPAÇOS SAGRADOS

Encontros semanais entre Sabrina e as professoras das séries iniciais passaram a fazer parte do programa da escola, sem que isso viesse como orientação do mentor ou do SIP, muito pelo contrário. Essas reuniões eram momentos de encontro para conversar sobre os RAs vindos da Associação, para decidirem juntas o que seria seguido ou não, em um exercício de tentar atender às propostas, mas unir força e argumentos para explicar as desobediências necessárias.

AVALIAÇÃO: A SUTILEZA DA IMPOSIÇÃO

Além do acompanhamento das propostas dos RAs, o SIP exigia que os professores preparassem avaliações periódicas, elaboradas com questões contextualizadas, uma tarefa não muito simples para muitos professores. Para “facilitar”, o SIP enviava modelos de avaliações bimestrais, apresentadas com base no conteúdo previsto nos RAs, o que fazia com que todos se interessassem, pois seria um trabalho a menos. A facilidade em receber “sugestões” veio agregar-se à dificuldade em aproveitar as idéias do SIP, pois faltavam, em Serrano, recursos para a reprodução com qualidade.

Dáí, foi um pulo para que o Colégio Santo Ofício-Bom Samaritano solicitasse o envio dos pacotes de provas prontas, com qualidade excelente, impressas nos equipamentos de última geração da Associação do Santo Ofício, em Patronal.

Assim sendo, todos estavam tão embevecidos com aqueles modelos interessantes de avaliação, na verdade provas, que sequer se davam conta de que estavam perdendo mais um domínio,

cedendo-o à Associação do Santo Ofício. Sabrina incluía-se no grupo dos enlevados e sofria com o assédio permanente de Leandra, questionando-lhe o espaço que acreditava seu como professora, o de preparar as avaliações de seus alunos. Leandra apontava detalhes das avaliações que ninguém tinha observado e cobrava que Sabrina discutisse essas questões com o Santo Ofício.

Sabrina conduzia a questão compreendendo e concordando com algumas colocações de Leandra, que até mesmo apontava para o SIP, bem como tentando convencer Leandra de algumas posições do Santo Ofício, mostrando que era melhor viver primeiro para ter maior possibilidade de argumentar. Essa era a forma de convencimento dos professores à qual Sabrina mais recorria. No entanto, as conversas constantes entre Sabrina e Leandra não passaram despercebidas e a insatisfação de Leandra foi detectada. Leandra foi demitida.

QUEM NÃO SE ACOMODA, INCOMODA

Outros professores e outras professoras conseguiram manter uma postura de questionamento, conseguindo evitar serem contaminados por aquela excitação própria dos modismos que nos levam a mudanças de atitudes, modos de vida e de jeitos, sem que reflitamos a respeito. Foi o que aconteceu com Norberto, professor de filosofia, completamente engajado na causa da educação para a cidadania. Os alunos do ensino médio adoravam suas aulas, que eram verdadeiros bate-papos sobre o que está acontecendo no mundo e em nós – neles, os alunos. Com essa proposta, Norberto não podia aceitar seguir um RA vindo do SIP e suas respectivas avaliações. Negou-se, ponto. Foi considerado sem o perfil de professor pelo Santo Ofício. Foi demitido.

SEM OS FREIS

Era outubro, comemoração do dia dos professores. E ficamos sabendo de outras demissões. Demissões diferentes aquelas, comunicadas por Otávio com um ar – pareceu a Sabrina – de sadismo. Por que comunicar ali, naquela ocasião?

Era um jantar de festa, preparado pelo Santo Ofício para homenagem ao dia e como era próprio do Santo Ofício, havia pompa. Uma mesa, no centro do refeitório trazia um enorme arranjo de frutas, lindamente ornamentado. As mesas, bem postas, com belas toalhas, circundavam todo o refeitório e as luzes tremulavam de candelabros. Antes da notícia, havia beleza. Depois da notícia, aquela luz perdeu o brilho e o refeitório pareceu mal iluminado, o que permitia que as reações das pessoas não ficassem evidenciadas. Mas, o ar se tornou pesado e os risos custaram a voltar ao ambiente.

– O Condado decidiu acatar a decisão de frei Mariano em assumir uma paróquia. Ele será transferido. Gostaríamos de dizer que ele deixou tudo programado, planejando especialmente a sua substituição como regente. Assume a regência do Coral Bom Samaritano o antigo menino cantor, hoje formado na Alemanha, nosso querido Luiz Cláudio de Paula. Uma salva de palmas ao novo regente!

Ainda conseguiu-se perceber alguma alegria na manifestação que se seguiu, principalmente ao ver um ex-aluno assumindo tão importante posição. Mas, Otávio não parou por aí.

– Coube a mim dividir com vocês a notícia do convite que nosso estimado frei Augusto recebeu. Sua presença é solicitada para assumir a direção do colégio de formação de frades aionistas. Não podemos ser egoístas e precisamos dar força ao frei Augusto, que se vê diante de grande responsabilidade. A redução de frades nos exige que os frades que temos assumam funções específicas que só a eles cabem. Cabe a nós manter o espírito aionista que rege o trabalho das escolas do Santo Ofício.

Por que ele ia embora? Por que o frei Augusto? Ele não viera para assumir o lugar de frei Mariano? E agora iam os dois embora? O que estava acontecendo? Essas perguntas estontearam Sabrina, que não sabia o que fazer naquele momento, sequer para onde dirigir seu olhar. Não pôde

se lembrar exatamente como foram os momentos que se seguiram àquela comunicação. Ela fora pega de surpresa e só então percebeu o quanto se afastara de frei Augusto. Agora, ele iria embora e ela ficaria só, sem ele e sem frei Mariano.

ELAS TAMBÉM SE FORAM

Final de 2000, os preparativos para 2001 estavam correndo intensivamente para que todos pudessem entrar em férias deixando tudo preparado para o próximo ano letivo. Não havia mais freis, mas o colégio precisava daqueles que ali estavam e uma rotina, que tantas vezes fora considerada perversa, era o que mantinha o ritmo das obrigações em curso.

Para Janice e Rosana, organizar a grade de horários dos professores era o que mais exasperava, enquanto Sabrina arrumava o depósito de materiais de artes plásticas e reorganizava as salas de aula, separando material depreciado para doação. Era um trabalho que ela sempre gostara muito e sentia-se até mal vendo a tensão das colegas em acertar aquela grade. Procurava não pensar e tentava se distrair naquela atividade mecânica.

Os professores já estavam de férias e vinham apenas para fazer os últimos ajustes de horário. Assim que Janice e Rosana terminaram de montar a grade, as duas procuraram o mentor para acertar os últimos detalhes e verificar se a dúvida que sempre pairava no ar iria mais uma vez se confirmar.

– Otávio, estamos com a grade de horários quase fechada, mas precisamos saber se mais alguém será demitido, para que possamos fazer os ajustes finais, e contactar outros professores, se necessário –, adiantou-se Rosana, muito direta como lhe era próprio.

Aquele final de ano já havia sido marcado não só pela saída de frei Mariano e frei Augusto, como também pela demissão de mais 15 funcionários. Haveria outros?

– Sim, – disse Otávio, abaixando-se a abrindo uma gaveta – vocês duas. Aqui estão os documentos para vocês assinarem.

Janice não poderia relatar como foi aquele momento, pois se desmanchou em lágrimas ali mesmo, mostrando todo o desespero que aquela demissão representava. Deixar o Bom Samaritano? Tal como Alice, ela havia deixado suas outras escolas e assumira a dedicação exclusiva. Além de toda a paixão que nutria pelo colégio, dependia financeiramente daquele trabalho. Sua dor e seu desespero eram visíveis. Rosana, firme, percebeu que Otávio tremia ao pegar os papéis. A forma de conduzir aquele momento delicado não poderia ter sido pior. O momento fora impróprio, mas haveria momento próprio? Haveria palavras amenas?

A DOR DO FICAR

Carregada de energia negativa, estava a sala dos professores naquele maldito final do ano de 2001. O ano anterior havia sido marcado pela demissão de mais de 15 professores e todos esperavam que algo semelhante estivesse para acontecer. Naquele dia, marcada a reunião para planejamento do próximo ano, Otávio pediu que Sabrina aguardasse, pois, antes, ele falaria com os professores, um-a-um. E assim o fez, ocupando a tarde toda com aquele ritual de convocação à sua sala, onde cada professor recebia o veredicto “Você fica” ou “Você está dispensado”.

Sabrina aguardou a liberação dos professores andando de sua sala para a sala dos professores, constrangida pelo olhar de angústia daqueles que estavam ali aguardando sua sentença. Após horas de sofrida espera, viu Leandra dirigir-se a ela.

– Você sabia, não?

Sabrina quis dizer algo, mas não encontrou nada apropriado. Leandra a fitou sem insistir, pois sua pergunta não precisava de resposta, mordeu os lábios, e continuou a andar sem olhar para trás.

Atordoada, dirigiu-se à sala dos professores, sem saber ao certo porque e sentiu que a dor do ficar estava estampada em todos os rostos, que se sentindo covardes como ela, naquele momento, não tinham coragem de se rebelar.

Dispensou os professores na tentativa de dissipar o mal-estar que envolvia a todos. Mas, no dia seguinte, naquela mesma sala que outrora fora lugar de confraternização, havia tristeza e Sabrina percebeu que nada poderia fazer para apagar as sombras de decepção que haviam sido deixadas nos corações daqueles que estavam ali, inclusive no seu.

O MAIS AIONISTA DE TODOS

Antônio fora estudante de teologia e desistira de ser frade, mas a vocação aionista transparecia em cada gesto, em cada aula, em cada atitude sua de irmão, fosse com os alunos, ou com os professores. Coordenava todo o trabalho de ensino religioso no colégio, comprometido com a causa da fraternidade e da solidariedade. Foi demitido.

INCESSANTES CURSOS DE FORMAÇÃO

Poucos foram aqueles que ousaram questionar as propostas apresentadas nos cursos, cerimoniais quase sagrados, ritualísticos, agendados com frequência e de participação inevitável. Eram sempre pessoas de Patronal que vinham para ministrar aulas, palestras, cursos, e muitos desses cursos eram voltados para questões de relacionamento interpessoal, solução de conflitos, etc. Os professores ficavam-se perguntando, inicialmente, porque eles tanto se preocupavam com esses assuntos que não eram problema no Bom Samaritano.

O que houve, decerto, foi que frei Augusto evitou a rejeição inicial ao Santo Ofício, pois era alguém de dentro do colégio, confiável, que trazia propostas de mudança e melhoria. As propostas, porém, foram-se transmutando em prescrições. Aqueles que percebiam esse movimento eram eliminados.

Alguns outros eram aproveitados para servir de baliza entre o antes e o agora, enquanto não percebiam o embuste. Sabrina teria sido um desses casos?

O ATAREFAMENTO

Sabrina vira todo aquele movimento de chegada de material vindo de Patronal, de realização de cursos e de propostas de atividades como possibilidade de atualização pedagógica. E o era, realmente. Nunca ela estudara tanto como naqueles anos de chegada do Santo Ofício, estando a se sentir no céu ao deliciar-se com toda aquela gama de trabalho.

O momento nacional de discussão da legislação educacional vigente, recém-nascida, propiciava um movimento de estudo onde compreender a nova lei, as diretrizes curriculares e os parâmetros nacionais para o ensino era uma tarefa intensa. Para além das ocorrências no âmbito legislativo, Sabrina tentava dar conta de acompanhar a leitura de todo o material que chegava para os professores, passando por obras de autores que participaram desse movimento de revisão das propostas curriculares nacionais.

Teria sido tal atarefamento que não permitira à Sabrina perceber o que estava acontecendo? Haveria intencionalidade por parte do Santo Ofício em complexificar as tarefas, causando em muitos professores um desânimo e uma dúvida a respeito da própria capacidade? Quantos se perguntavam se tudo que haviam feito até então era errado! Mas Sabrina se sentia desafiada a estudar mais e mais a fim de não perder o posto de quem tudo sabe.

o CONTROLE

Provas únicas em todos os colégios ligados à Associação do Santo Ofício já eram controle suficiente de uma padronização dos conteúdos a serem apresentados aos alunos pelo professor. Não satisfeito, o SIP estabeleceu algumas outras rotinas de acompanhamento do trabalho docente, como a avaliação externa, por exemplo, que, através de um provão aplicado em todas as unidades e corrigido por equipe externa, apresentava a todos os resultados dos alunos, classificando-os e premiando os melhores. Na análise que a equipe externa apresentava vinha o desempenho dos alunos, analisado questão por questão, sendo possível verificar, aos olhos do SIP, qual o conteúdo que o professor deixara a desejar. Também era possível comparar o desempenho das turmas e dos colégios. Todos os resultados eram apresentados em gráficos, apontados do melhor ao pior.

Esse mecanismo de acompanhamento, segundo o SIP, não se prestava a controlar o professor, mas a ajudá-lo a perceber onde os alunos precisavam de mais ajuda e reforço da aprendizagem. Talvez, pela dúvida que gerava sobre sua intencionalidade, não houve grandes questionamentos dessa forma de avaliação, enquanto a classificação dos alunos chegou, inclusive, a agradar alguns professores que a viam como estímulo ao estudo.

Um mecanismo, entretanto, que ativou um movimento de rejeição entre os professores, que até então não surgira em Serrano e que levou o SIP a não retomar a iniciativa, no ano seguinte, foi a avaliação dos docentes do ensino médio, em que os alunos preenchiavam uma ficha, analisando as aulas dos professores.

Não terminou por aí a inserção de formas de controle por parte do SIP. Um sistema de questionários enviados aos pais de todos os alunos, com retorno lacrado, era um caminho para observarem nível de satisfação, inclusive quanto ao desempenho dos professores. E havia ainda o teleatendimento que, ao receber uma denúncia, tratava de telefonar para uma porcentagem determinada de pais ou responsáveis para verificar a relevância do problema.

Passou a ser comum o comentário dos pais, dizendo que receberam telefonemas do *telemarketing* para saber se estavam satisfeitos com certo professor, bem como as ameaças de que iriam reclamar com o 0800, ligação gratuita!, se não fossem atendidas tais e tais solicitações.

O próximo e decisivo passo foi a colocação de câmeras pelos corredores e escadarias do colégio, preservando as salas de aula em um primeiro momento, do olhar que tudo vê.

MATERIAL PEDAGÓGICO: LUCRO GARANTIDO

O processo de montagem da gráfica do Santo Ofício não incluía apenas a possibilidade de impressão do material para suas escolas, mas também a elaboração de uma coleção de livros didáticos para a educação infantil a serem comercializados e havia, ainda, o plano de que aqueles RAs viessem a ser o alicerce dos livros didáticos para as outras séries.

Com quase quinze mil alunos, somado o número dos colégios, o material pedagógico passou a ser um grande negócio para a Associação. Índícios percebidos em um acontecimento na escolha do material didático deixaram poucas dúvidas em Sabrina de que eram feitos acordos financeiros com editoras para a escolha dos livros.

Foi o caso de uma reunião que havia sido combinada, pelo SIP, para a escolha dos livros didáticos que chamou a atenção de Sabrina. De 1ª. a 3ª. séries do ensino fundamental, ficou estabelecido que as assessoras de todas as unidades deveriam analisar os livros à disposição no mercado editorial e apresentar as sugestões. Foi, entretanto, desnecessário o trabalho, pois, na reunião marcada, a coordenadora do SIP apresentou a Coleção Surpresa como sendo a ideal, totalmente dentro dos critérios do planejamento do colégio, na qual o SIP teria podido inclusive apontar mu-

danças na boneca dos livros. A coleção foi “escolhida” sem sequer as assessoras olharem para ela, pois ainda não estava pronta e a boneca já havia sido devolvida à editora com os devidos comentários do SI P. As tentativas de questionamento foram abafadas, sutilmente, sendo apontado o interesse da direção naquela coleção.

O LOGOTIPO DO SANTO OFÍCIO

Otávio, o terceiro mentor, foi importando o padrão do Santo Ofício e implantando aquela marca em tudo. O logotipo da Associação do Santo Ofício passou a ser o logotipo de todos os colégios a ela vinculados, tendo sido adaptado para receber embaixo o nome de cada um, no nosso caso Bom Samaritano. O logotipo também apresentava as palavras educação aionista, fazendo referência a seu caráter de ligação com o Condado. No entanto, esses eram detalhes estratégicos, na tentativa de não estimular reações enquanto o nome do Santo Ofício se estabelecia e se fazia conhecer. Posteriormente, o logotipo sofreu nova alteração, sendo que só o nome Colégio Santo Ofício se manteve, com a boa desculpa de atender a todas as unidades escolares com um mesmo uniforme, uma única marca.

ATENDIMENTO PERSONALIZADO

As reuniões de pais foram proibidas. O Santo Ofício definiu como padrão o atendimento personalizado das reuniões individuais, em busca da satisfação de cada cliente, como diziam os mentores. Apenas, no início do ano letivo, uma reunião para os pais, as mães e os responsáveis pelos alunos novos seria realizada para apresentar o colégio. Depois, a professora passaria a convocar os pais em seus horários de aula-vaga para apresentar o aproveitamento escolar da criança. Para as turmas com diversos professores, um seria escolhido, pelo Santo Ofício, como tutor da turma e receberia uma carga horária semana de algumas aulas para atendimento aos pais. O tratado nessas reuniões deveria ser registrado, sucintamente, e assinado pelo responsável presente. Os pais também poderiam agendar essas reuniões, solicitando um horário para conversar com os professores na central de atendimento. Para casos de reclamação, o Santo Ofício oferecia o serviço de teleatendimento. Assim seria.

As professoras reclamavam, explicando o quanto era muito desagradável ouvir as reclamações dos pais e não ter como dar um retorno ou uma explicação, pois geralmente tratavam de assuntos não pedagógicos, aos quais elas sequer tinham conhecimento muitas vezes.

O pedido de reuniões de pais era constante por parte destes e Otávio dizia que eles iriam-se acostumar a essa outra cultura. Enfim, as reclamações foram mesmo diminuindo. Será que as pessoas se acostumaram? Ou será que desistiram?

AS GRADES DE SEGURANÇA

Para atender ao padrão do Santo Ofício de segurança, que se preocupava com os índices de violência em Patronal – e sequer observou que Serrano não sofria mal em tamanha extensão – foram colocadas grades verdes ao redor do pátio, impossibilitando que alunos transitassem pelo estacionamento e impedindo a entrada de pais no pátio a qualquer hora. Uma rampa de acesso ao pátio passou a ser a entrada dos alunos, não autorizada aos pais se não no horário de saída para buscar as crianças. O contato com os professores, que se dava sempre à chegada dos alunos, passou a não mais acontecer, exigindo um agendamento prévio para as tais reuniões de atendimento personalizado.

Sabrina, inicialmente, gostou da organização, pois os pais chegavam a atrapalhar o horário de entrada, sempre com recados e conversas com as professoras. Havia, também, um grupo de mães que permanecia um bom tempo ali, após a entrada das crianças, conversando, conversando. Sem essa

hora de conversa e sem as reuniões de pais, esses foram-se afastando uns dos outros e perdendo a força de um grupo que antes conseguia articular-se, mostrar-se insatisfeitos e com poder de reivindicação, se necessário.

Esse afastamento, no entanto, chegou a atingir Sabrina quando ela começou a perceber, ao caminhar pelo pátio na hora da saída, que não conhecia mais os pais de alunos. Lembrou-se dos tempos em que recebia os pais na entrada e sempre ouvia um ou outro, solicitando ou questionando alguma coisa. Nas reuniões, Sabrina sempre trazia algum tema que imaginava ser importante estar discutindo com os pais, ligado ao desenvolvimento das crianças e aos projetos desenvolvidos com as turmas. Com essas reuniões e conversas, ela havia angariado a confiança dos pais, no entanto percebia que estava perdendo pois os pais de alunos sequer a conheciam.

AS FILAS

Uma das mudanças que frei Augusto instituiu assim que assumiu a direção do colégio foi o fim das filas na hora da entrada. Havia sido um aprendizado difícil ver os alunos dirigirem-se às salas ao soar de uma música, até porque tudo não ocorria com a tranquilidade que essa idéia parece transmitir. Os alunos se aglomeravam perto do portão de entrada e corriam, literalmente, escada acima. Outros, acintosamente, caminhavam lentamente pelos corredores, gerando o atraso que interessava a eles.

O Santo Ofício retomou o antigo sistema de fila para entrar, interrompendo um processo de aprendizagem ligado à circulação dos alunos que já havia feito grandes progressos. Sabrina encantou-se com a proposta trazida por Otávio, pois aquela aparente desorganização proposta por frei Augusto a incomodara desde o início. Agora, mantendo a música, os alunos enfileiravam-se no pátio e cada professor, à frente de sua turma, deveria encaminhar uma formação aos moldes militares, com distância de um braço entre os alunos, inclusive. Um sistema de som foi instalado no pátio e, na entrada, Sabrina se dirigia aos alunos para cumprimentá-los, dar alguns avisos e comandar que, turma-a-turma, após se apresentarem perfeitamente perfilados, pudessem subir para o primeiro e segundo andares do prédio, onde se achavam as salas de aula. Sabrina saboreava o silêncio que impunha ao apenas proferir o seu bom dia ou boa tarde.

AS OCORRÊNCIAS

O caderno de ocorrências deveria ser o temor da criançada. Com aquele instrumento, a coordenadora de disciplina, Dona Celeide, tinha registradas todas as traquinagens e faltas das crianças e dos adolescentes. As mães ou os pais seriam convocados quando a terceira ocorrência fosse preenchida e deveriam assinar. Sorte, talvez, seria que Celeide tentava usar pouco esse instrumento como forma de coerção e mais, como forma de registro para acompanhamento dos alunos. Ela procurava não usá-lo como ameaça, mas não eram poucos os professores que exigiam, inclusive, maior rigor. Afinal, o sistema de ocorrências fazia parte do Santo Ofício e alguns professores cobravam. Lembrar que esse sistema era o “jeito Leila” de coordenar, no tempo do Bom Samaritano era, no mínimo, interessante. Muita coisa havia mudado realmente, mas muita coisa havia apenas mudado de nome.

“CORPOS DÓCEIS”

SUSSURROS ESCLARECEDORES

Os encontros pedagógicos passaram a ser constantes, sendo que as assessoras estavam sempre a viajar para Patronal a fim de estarem presentes nesses encontros, que aconteciam com a participação de assessores de todos os colégios. Eram viagens de avião e hospedagens custeadas pelo Santo Ofício o tempo todo, fosse para irem pessoas de Serrano para Patronal para serem “capacitadas”, fosse para

virem pessoas de Patronal para Serrano para darem capacitação.

Alguns desses encontros aconteciam nas unidades, o que levou Sabrina, Janice e Rosana a viajarem juntas para Patronal e Paredes. Não chegaram a ir juntas para Verdemar, onde também havia um colégio da Associação. Eram sempre viagens para estudos entre os assessores das unidades, com momentos menores de estudo e muitos passeios, almoços, jantares, hotéis caros... Sempre acompanhadas por coordenadoras do SIP, tinham quase nunca a possibilidade de uma troca mais informal.

Todavia, não haveria de se evitar que meias-conversas com outras assessoras viessem a assombrar Sabrina ao tomar ciência de que, nas outras unidades, o processo de demissão de professores e funcionários era, também, o grande terror. Também, a ida de mentores de Patronal e a neutralização do poder dos freis na direção era semelhante. Mas eram sussurros rápidos, trocados com o temor da possibilidade de se ter no interlocutor um possível delator. Ninguém confiava em ninguém.

FRATERNIDADE EM CARTAZ

A falsidade tomou conta das falas e até mesmo das ações. Imaginem, por exemplo, que as campanhas de solidariedade se intensificaram, entraram para o calendário escolar como parte do currículo; no entanto, a arrecadação de alimentos passou a ter premiação a fim de garantir que os alunos trouxessem grandes quantidades e atingissem a meta de uma tonelada, obrigatoriamente. Precisava-se divulgar tamanho envolvimento na campanha solidária!

Aionistas passaram a ser as propagandas do colégio que, até em CD-Rom distribuídos, divulgavam o projeto de formação humana e suas metas de orientar os alunos para as virtudes e para a fraternidade.

Nos jornais da cidade, viam-se reportagens sobre o colégio, sua ampliação e suas realizações, como a bênção dos animais e a compra de um grande área verde que possibilitaria uma educação mais ecológica e mais aionista. O Santo Ofício precisava mostrar o quanto suas ações eram baseadas em princípios religiosos, aionistas.

OS DISCURSOS DE FORMATURA

Mas não passou despercebido para os alunos que algumas práticas não correspondiam a esse discurso de colégio aionista. As vésperas das formaturas eram tensas para Otávio, frei Augusto e, também, para as assessoras. As formaturas de oitava série e terceiro ano do ensino médio, principalmente, traziam à tona, nos discursos dos alunos, a nostalgia e a saudade do velho colégio, bem como a revolta contra o Santo Ofício. Os alunos conseguiam levantar pontos que sequer tinham sido notados que os incomodavam, como a orientação de não permanecerem no pátio após as aulas. Aí, vinha à lembrança os alunos com seus violões tocando e cantando após a hora da saída e aquela bolinha rolando, entre os pequeninos que esperavam seus pais, um pouco atrasados. Os atrasados passaram a esperar na entrada do colégio e não mais no pátio e o violão parou de tocar, proibida, após as aulas, a permanência no pátio.

Também as demissões eram largamente criticadas pelos alunos e antigos ex-professores eram homenageados, muitas vezes se fazendo presentes no evento.

Os alunos, naquele momento, eram inatingíveis pela ação direta do Santo Ofício, que precisou recorrer à doçura de Janice que ia conversar com os alunos que tanto gostavam dela e pedir que não criassem constrangimentos na festa. Era momento de confraternização, dizia ela, e era melhor deixar as mágoas para lá. Muitos, ela convencia. Tempos depois, Janice veio a se perguntar a que papéis se prestara. Por que não deixou que aquelas marcas da insatisfação viessem a público? Por que defendeu tanto o Santo Ofício?

O BOM SAMARITANO ESQUECIDO

Sabrina ficou só, a partir de 2001. Os freis haviam seguido suas vidas aionistas e Rosana e Janice seguiram suas vidas, talvez, muito mais aionistas que as dos freis. Sabrina estava no Santo Ofício-Bom Samaritano. Para formar a equipe de assessores novamente, uma professora bastante comprometida com o Santo Ofício foi designada para acompanhar as turmas que se seguiam às de Sabrina. Para o ensino médio, foi trazido um professor de Patronal. Ele já viera no ano anterior, quando Rosana estava ainda ali. Ele assumira turmas e se fizera muito amigo dos professores, saindo e bebendo juntos. “Que bom que o coordenador é um cara bacana”, muitos disseram. Rosana soube, logo que essa colocação foi definida que Alexandre já viera para ocupar o seu lugar e tinha se preparado cuidadosamente para tal. Restava a Sabrina conviver com esse novo grupo que se reunia semanalmente com Otávio. E ela tentou mais uma vez.

DA SOLIDÃO AO ESQUECIMENTO

Muitos dos professores haviam sido substituídos, mas muitos ainda eram do Bom Samaritano. Era impressionante perceber que esse nome quase se apagara pois Santo Ofício-Bom Samaritano era um nome muito extenso e aos poucos as pessoas foram chamando o colégio de Santo Ofício, apenas, e o Bom Samaritano foi sendo esquecido.

O ABANDONO

Frei Mariano foi embora no final de 2000, conforme anunciara. Ele havia prevenido a todos, mas, no caso de frei Augusto, Sabrina não pôde perdoar e ficou muito magoada. Acreditava que as brigas ali estavam acima de seu espaço de atuação e que nada poderia fazer. Mas ele poderia! O colégio era aionista e ele o era. Ele poderia mandar! Era isso que Sabrina queria acreditar. Mas, ele se foi.

Antes de partir, frei Augusto se dirigiu à sala de Sabrina, ateu-se na porta a observá-la trabalhando absorta no computador, de costas para ele sem sequer imaginar o que estava por vir. Deixou-lhe uma cópia de um livro dele, com a história do colégio, de presente. Sabrina recebeu o presente e ouviu suas palavras de despedida em tamanha dor que nem mesmo podia falar. Não falou nada e nem mesmo entendeu que aquele livro era um presente para ela. Nem mesmo agradeceu. Logo depois que ele saiu, Sabrina abriu o livro que tinha em suas mãos e leu a dedicatória: “A amizade, o companheirismo e o aprendizado foram muito grandes na convivência com você. Deixo-lhe este livro como partilha no ideal aionista, que é tão presente em você. Obrigado por tudo! Do amigo e irmão, frei Augusto”. Linda, pensou! Sentiu raiva, no momento seguinte, e pensou: “Mentira! Se fosse verdade, ele não me abandonaria. Se fosse verdade ele ficaria aqui comigo e lutaria pelo colégio”.

RENDIÇÃO

Ela precisava aceitar que seria do jeito que Otávio determinasse, daqui para frente. Ele vencera e ela desistira, naquele momento, de lutar. Estava totalmente só e essa sensação que já vinha tomando conta dela apenas se confirmou. Com a saída de frei Augusto, não restou nenhum frade aionista no colégio. Para as missas, as “bênçãos”, as “primeiras comunhões” passaram a ser chamados alguns frades, que celebravam com aquela falta de intimidade que é própria a encontros entre desconhecidos.

Ela abafou um grito de dor em sua garganta, que jamais foi proferido.

Continuou seu trabalho, ali mesmo, em frente àquela máquina, após um tempo que ela não poderá nunca determinar se foram segundos ou horas de reflexão. Naqueles momentos ela pode revisitar todo o movimento de vinda do Santo Ofício, mas não conseguiu dar um sentido que amenizasse a dor que sentia, como se os pensamentos fossem uma lâmina a lhe penetrar a pensamento. Talvez, esses momentos em frente àquela máquina tenham sido como foram todos os momentos dali para frente, enquanto ocupou aquela sala a serviço do Santo Ofício.

NO TEMPO DA MEMÓRIA

A DEMISSÃO

Todo esse movimento de vinda da Associação do Santo Ofício fora esperado por Sabrina com grande expectativa. Poder participar da gestão de tantas escolas havia sido o sonho de Sabrina, que esperava chegar a trabalhar no SIP. Quão ingênua ela foi! Acreditou que a conversa do Pedro Jorge sobre gestão em rede era verdade. Participou das reuniões com garra, discutindo sobre as mais variadas questões e colocando, em pauta, suas sugestões e insatisfações.

O caso com os livros da educação infantil, que criticou, foi um primeiro choque. “Cala-te!”, foi como se o Santo Ofício lhe gritasse. Havia atendido tão bem às propostas do primeiro novo mentor e, depois, saber que o mesmo a criticara, em Patronal, foi outro choque. “Cala-te!” Então, Juan se foi.

Soube que foi mandado embora e ela estava lá. Acreditou, então, que deveria continuar a ser verdadeira e colocar suas opiniões, mostrando os problemas e dificuldades.

Veio o Altair, outro mentor. Ele era tão prepotente que a constrangia. Ele sabia tudo. Tinha verdadeiras convulsões futuristas, falando de planos que ela não chegou a saber se foram idéias dele ou chegaram a ser discutidas como planos da Associação do Santo Ofício. Suas idéias não chegaram a se realizar. Ele, também, se foi. E, tempos depois, também foi demitido.

Veio o Otávio e, com ele, chegou o novo regimento que tirava todo o poder do frei Augusto, dando ao mentor o arbítrio sobre contratações e demissões. Sabrina jamais esqueceu aquela conversa sórdida, em que Otávio lhe propôs que escolhesse um lado, o dele ou o dos freis. Meu Deus, o que estava acontecendo? – pensava ela.

Frei Augusto também se foi. Não foi demitido, mas deixou a todos. E Frei Mariano já havia ido antes. Sabrina ficou só.

Não! Ficou o Otávio.

Mais uma vez, ela tentou. Ela adorava aquele colégio e resolveu mostrar seu trabalho. “Vestiu a camisa”, expressão que eles usavam. Vestiu? Acreditava que sim e procurou fazer o trabalho dela o melhor possível. Não mais discutiu questões que não lhe diziam respeito. Mas, quanto às questões que surgiam em sua área, procurava se envolver ao máximo. Bem, esse foi o limite que ela se impôs no que dizia respeito a aceitar as novas determinações: em sua área, ela iria opinar. Trabalhou muito! Às vezes, chegava a achar que havia encontrado um caminho. Estava feliz, a felicidade possível. Estava resignada.

“Os professores contam comigo”, pensava ela. E chegava a se considerar ponto de equilíbrio entre o antes e o agora, entre Serrano e Patronal, entre o azul e o verde... Ela era a mais antiga na assessoria e uma entre os mais antigos no colégio.

Uma vez ou outra, alguns incidentes com Otávio a deixavam completamente desanimada.

Foi como o caso do vazamento da informação sobre a saída de sala de aula, no próximo ano letivo, de uma professora. Ele deu a entender que, se quem soube da notícia trabalhava com Sabrina, logo... Ela ficou arrasada com aquela acusação velada. Tudo fazia para conquistar a confiança e mostrar que estava tentando que o Santo Ofício desse certo. Mas, era pouco.

A professora, que soube antecipadamente daquela informação, foi mandada embora ao final daquele ano. Ela, ainda não. Que suplício! E ela queria tanto ficar que, a cada ano, não sendo demitida, acreditava que ia conseguir superar a fase de mudança, de desconfiança, de transição, de adaptação.

Mas não conseguiu! Foi demitida em 22 de dezembro de 2002.

No dia 23 de dezembro deste mesmo ano, Otávio foi transferido para outra unidade recém-integrada à Associação do Santo Ofício.

Talvez ele tenha sido designado para resolver uma outra Sabrina.

ESCOLHA ERRADA

RESIGNAÇÃO: O CAMINHO SEM VOLTAS

SUPLÍCIO

MORTE

O DISFARCE

EXO 2.

CONVERSAS

COM PARCEIROS E CÚMPLICES

Agora, que chegaste à idade avançada de 15 anos, Maria da Graça, eu te dou este livro: Alice no país das maravilhas. Este livro é doido, Maria. Isto é: o sentido dele está em ti.

Para Maria da Graça, Paulo Mendes Campos

Sumário

PARA COMEÇO DE CONVERSA...	4
----------------------------	---

M

CONVERSANDO COM CERTEAU	102
REALIDADES E FICÇÕES NO [MEU] ROMANCE	107
DO ROMANCE ÀS ENTREVISTAS	117
ENTREVISTAS: METODOLOGIA DO ENCONTRO	119
DEPOIMENTOS E DOCUMENTOS: OUTROS TESTEMUNHOS	126
INÊS BARBOSA DE OLIVEIRA: UMA NOVA ORIENTAÇÃO	128
“MANEIRAS DE FAZER” NEGADAS	130
CIDADANIA E EXCLUSÃO	141
AS AMBIGÜIDADES 2: SILVIACAPITU	146
MUDANÇAS: BOM OU RUIM?	149
MUDANÇA DE HÁBITO	154
A MORTE E SEUS ENREDAMENTOS	166
O INOMINÁVEL: DEDITO	178
MEMÓRIA[S] DE FUTURO	182
UM OLHAR PARA DENTRO DE MIM	187
ENTRE OLHARES E CONVERSAS	190

PARA COMEÇO DE CONVERSA...

Comece pelo começo – disse o Rei, solenemente – e siga até chegar ao fim: então, pare.

Alice no país das maravilhas, Lewis Carroll

Apresentei-me para o mestrado em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro com a proposta de escrever um momento significativo da história do Colégio dos Canarinhos, colégio religioso fundado ao final do século XIX – agora, Colégio Bom Jesus Canarinhos – na busca da compreensão do processo de integração desse colégio à Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus, mantenedora dos colégios franciscanos da região Sul do Brasil. Em meus pensamentos, achava que sabia tudo e que seria fácil, pois havia vivido “intensamente” a chegada do sistema de ensino Senhor Bom Jesus e conhecia “profundamente” o Colégio dos Canarinhos, onde fui professora e atuava como coordenadora pedagógica na época da integração. Reaproprio-me das palavras de Gonçalves Dias, trazidas por Lourdes Tura (2000:181), para reafirmar o que sentia:

... ACHAVA QUE SABIA TUDO...

E a noite na taba,
Se alguém duvidava
Do que ele contava
Tornava prudente:
'Meninos, eu vi!'

Sabrina

E não foi isso que você fez?

Silvia

Sim, foi isso, mas precisei de você para cumprir aquilo a que me propus.

Sabrina

Explica melhor, porque não eu estou entendendo.

Silvia

Quando comecei a escrever, percebi que muitas coisas que eu conhecia dessa história não poderia contar.

Sabrina

E por que não?

Silvia

Eu sabia de coisas que só tinham como referência a minha própria memória. De outras, sabia por conversas com pessoas de quem gosto muito, e não sei se elas gostariam que eu contasse sobre nossas conversas em minha pesquisa. Além do mais, não poderia fazer um trabalho científico, pensava eu, em cima apenas do que eu sei.

Sabrina

Então...

Silvia

Pensei, logo num primeiro momento, em entrevistar as pessoas para que ratificassem o que eu sabia. Era uma forma de dar veracidade ao que iria dizer.

Sabrina

Então, resolveu o problema, não?

Silvia

Ainda não, pois o estudo de diversos autores foram-me mostrando que não deveria procurar tão somente ratificar minha fala nas entrevistas. Além disso, descobri, ainda antes de fazer as entrevistas, que ouviria outras versões diferentes da minha. A memória das pessoas traria lembranças diferentes daquela que eu tinha.

Sabrina

Como você complica tudo!

Silvia

Não! Eu consegui descomplicar as coisas quando resolvi que escreveria a história do meu jeito mesmo, sem me preocupar em provar o que eu dizia. Resolvi escrever um romance. Essa é a forma de escrita que mais se aproxima da narrativa que queria fazer, percebi em um determinado momento.

Sabrina

E você poderia fazer isso? Como trabalho acadêmico?

Silvia

Ainda não sabia, mas resolvi estudar e defender essa idéia.

Sabrina

E conseguiu?

Silvia

Preciso confessar que não consegui escrever o romance. Minha tentativa de escrita hoje chamo de "quase um romance" e equivale ao campo inaugural da pesquisa - que a academia costuma chamar de fase exploratória -, em que procurei literaturizar o conhecimento - ou, de jeito mais acadêmico, usando formas literárias para expressar conhecimento. No entanto, vi que sabia muito, mas esse muito ainda era pouco para dar consecução ao romance. As entrevistas serviriam para me ajudar com mais informações, lembranças, acontecimentos de que minha memória não deu conta sozinha de trazer, até porque eu vivi essa história, mas não via tudo o que acontecia. Precisava dos outros olhares, de alguns outros ângulos (von Foerster, 1996).

Sabrina

E como foram escolhidas as pessoas para entrevistar?

Silvia

São ex-professores, na sua maioria, mas consegui entrevistar também frei César, diretor na época em que o colégio foi filiado ao Bom Jesus. Definido o grupo de ex-professores, foi um movimento de escolha calcado nas possibilidades de encontro. Do frei José Luiz - antigo diretor - e de outros ex-professores, como também de alunos e ex-alunos, consegui depoimentos via e-mail.

INTERNET COMO POSSIBILIDADE

Sabrina

Pesquisa à distância?

Silvia

Mais ou menos isso. Para algumas pessoas, dirigi mensagens diretamente, quando tinha o endereço eletrônico. Outras souberam da pesquisa por mensagens que deixei em comunidades do Orkut. Os depoimentos que recebi por esse meio foram muito interessantes, pois sempre me surpreendiam, devido à espontaneidade e ao desejo de as pessoas se declararem.

Sabrina

Com as entrevistas feitas, você pôde finalmente escrever o romance?

Silvia

No encaminhamento da pesquisa, acabei por achar que o "Quase um romance" já apresentava uma versão minha da história. Decidi, pois, dialogar com as múltiplas histórias que ouvi⁹ e tecer uma nova outra compreensão da história, enredando teorias, diferentes saberes e maneiras de ver, a partir da concepção de conhecimento em rede (Alves, 2001).

Apresento, então, "**Quase um romance**" como um primeiro eixo da dissertação. Como eixo 2, fui tecendo "**Conversas com parceiros e cúmplices**" com-e-entre os autores que li, as várias versões e o "quase um romance". **Versões - testemunhos e documentos** que colhi - são um outro eixo, o 3.

O que acha?

Sabrina

Traz uma estratégia narrativa inovadora, não posso negar. Parece interessante o modo como você pretende costurar suas leituras teóricas com a sua leitura/compreensão da história Bom Jesus. Você falou, também, sobre documentos que colheu...

Silvia

Ah, sim! Não pensei em estudar documentos inicialmente, mas eles me vinham às mãos na medida em que remexia meus guardados como forma de lembrar; outros me foram fornecidos por entrevistados. Não pude negar suas relações com os acontecimentos e percebi que, os trazendo, estaria trazendo à minha narrativa "quase" ficcional um possível estatuto de realidade, ou, como dizem os estudiosos de literatura, dando à minha ficção ares de verossimilhança. Também poderia chamar esses documentos de outras versões "mais oficiais" da história.

Sabrina

Uau! Sua ideia cativa. Tomara que dê certo!

⁹ Essa forma casada de usar as palavras, eu aprendi com pessoas autores que me são muito caros, Nilda Alves, Dirceu Castilho e Paulo Sgarbi, nomes que não poderia deixar de referenciar nessa minha forma de expressar meus pensamentos/ideias. Muitas vezes, os neologismos são fundamentais para dar conta de significados que, mantendo relações com conceitos já conhecidos, representam novas outras maneiras de dizer.

MEU LUGAR NA PESQUISA

Preste seu depoimento – disse o Rei – mandarei executá-lo, esteja você nervoso ou não.

Alice no país das maravilhas, Lewis Carroll

Sabrina

Por que um romance?

Silvia

Tenho uma história para contar que traz muitas histórias. Não querendo trazer uma verdade única, encontrei no romance a possibilidade de contação de histórias de histórias.

Sabrina

E quem é você nessas histórias?

Silvia

Eu fui coordenadora da educação infantil por anos no Colégio dos Canarinhos. Fui eu quem começou com o trabalho de "jardim de infância", em 1985. Foi meu primeiro trabalho como professora! Além disso, tinha acompanhado a trajetória do colégio desde minha infância, pois meus irmãos haviam estudado lá.

Sabrina

Você não estudou lá, também? Por quê?

Silvia

Era um colégio só para meninos quando cheguei a Petrópolis. Eu tinha oito anos. Minha trajetória escolar acabou sendo diferente da de meus irmãos. Estudei em um colégio que havia sido criado pelas irmãs da Congregação de Santa Catarina no mesmo ano em que foi fundada a Escola Gratuita São José. Esse é o nome de origem do Colégio dos Canarinhos.

Sabrina

É! Se você não sabe tudo, sabe quase tudo sobre o colégio.

Silvia

Isso era o que eu pensava quando comecei a pesquisa. Mas esses dados assim... mais oficiais, eu aprendi acompanhando os estudos que frei César fez para escrever a dissertação dele: "Fraternidade em

currículo, a história do Colégio Bom Jesus Canarinhos”⁹.

Sabrina

Então, essa história já está escrita, Silvia!

Silvia

Uma versão, sim. Eu pensava que eu poderia escrever a versão não-oficial da história, como se houvesse a versão dele e a minha, apenas, e que as duas versões se contrapunham. Ele também escreveu mais sobre a origem do colégio e não avança para a questão da transição de Canarinhos a Bom Jesus, que é onde eu quero chegar.

Sabrina

No entanto, você precisa explicar um pouco essa história “do antes” para que as pessoas possam entender essa história “do agora”, não é?

Silvia

Sim, mas acho que não posso fazer isso sozinha e uma das pessoas que podem me ajudar a contar mais sobre essa história é o prof. Waldemiro.

Sabrina

Quem é ele?

Silvia

Ele foi o diretor administrativo-financeiro durante todo o tempo em que trabalhei no colégio e havia sido professor de matemática. Mas conhece a história ainda do tempo da escola gratuita, porque estudou lá.

Sabrina

Vamos conversar com ele!

Silvia

Sim, é nossa próxima conversa. Quero, apenas, completar que o meu lugar na pesquisa parte da história que vivi no colégio. Não creio ser possível adiantar em poucas palavras tudo o que isso significa. Ao caminhar pela dissertação, me irei desnudando.

... somos no final de tudo, pesquisadores de nós mesmos, somos nosso próprio tema de investigação. Então, em nossos estudos “com “ os cotidianos das escolas, no lugar de perguntas como que significa essas atitude? Que quer dizer esse cartaz?... devemos perguntar que leituras “eu” faço dessa atitude, cartaz, texto ou fala? (Ferraço, 2003:160).

⁹ Kùlkamp, 2001.

UM POUCO DA ESCOLA GRATUITA SÃO JOSÉ

*O Chapeleiro arregalou os olhos ao ouvir isso, mas, tudo que ele disse foi:
– Por que um corvo se parece com uma escrivainha?*

Alice no país das maravilhas, Lewis Carroll

Procurar prof. Waldemiro foi uma forma de recuperar, pela narrativa de sua vida, um pouco da história do colégio.

Silvia

Conta um pouquinho da sua trajetória no colégio...

prof. Waldemiro

Quando eu cheguei lá, em 42, a Escola Gratuita era uma escolinha pobre. Frei Leto (entrar nota de rodapé apresentando frei Leto) declarava que todo ano havia uma reunião de todos os colégios da província e ele nunca foi convidado. Então, ele chegou à conclusão de que a Escola Gratuita São José, a escolinha dele, não tinha a menor importância para a congregação dos franciscanos. E, no entanto, é uma escola que nasceu no ano de 1896 ou 97, logo que os franciscanos chegaram a Petrópolis. E eles, primeiramente, fizeram a igreja. Eu nem estaria me lembrando disso tudo se não estivesse já refrescado minha memória. Então, eles funcionaram com algumas salas de aula ali mesmo no convento, ao lado da igreja, e aquela parte onde ficava ou onde depois ficou a escola e depois ainda, o ginásio, aquilo ali já é uma construção mais recente. Ao lado, era a Vozes.

Mas nasceu naquela época,então. A gente imagina a importância que tinha... escola gratuita naquele tempo para a população de Petrópolis, que era essencialmente de operários! Tinha muitas fábricas aqui, então, o alunado era de gente pobre, andavam descalços... Eu fui para a escola descalço. Naquele tempo, não se usava sapato... só mais tarde. Até de calcinha curta! quando tive que usar calça comprida chorei, eu não queria usar.

(Aqui ele riu descontraído.)

A gente morava ali no comecinho do Bingen, perto da Fábrica Werner, uma grande fábrica, e o pessoal ia trabalhar de tamanco... a gente até escutava o pessoal caminhando pela rua. É incrível, não é? Era um barulho muito forte. Depois, teve algumas dificuldades na época da guerra...

Meu pai, por exemplo, estudava lá.. Ele pegou justamente o período da guerra de 14 a 18... A escola gratuita tinha, praticamente, só professores religiosos vindos da Alemanha. Talvez um ou dois falassem português, mas a maioria dava as aulas em alemão. E, nesse período da guerra, o alemão foi proibido. Meu pai, por exemplo, teve um prejuízo danado, teve que parar os estudos.

A escola, nesse período, chegou a fechar, mas provavelmente, não se sabe, funcionava clandestinamente.

Provavelmente, no meu deduzir, porque não podia deixar que as crianças aparecessem lá abertamente. Então, foi um período crucial. Depois, quando eu cheguei, em 42, aliás, em 41, quando eu entrei lá como aluno e depois em 42, quando fundaram o coro, fui um dos primeiros a ser escolhido. Aí, por exemplo, você vai encontrar como data de inauguração dos Canarinhos (o coral), 15 de agosto de 42, mas essa é uma data falsa (falou rindo). Na verdade, foi na primeira comunhão de 20 de setembro de 42. Foi quando fiz a primeira comunhão. Então, dia 15 de agosto, provavelmente, foi uma apresentação não solene.

Mas como a padroeira dos Canarinhos é Nossa Senhora da Glória, então, frei Leto... acabou ficando com essa data: 15 de agosto de 42. Essa é a data da fundação do Coral(eixo3:6,7).

Silvia

De algumas coisas, eu sabia, como, por exemplo, a criação do coro dos meninos que recebeu o carinhoso apelido de "Canarinhos". Este grupo cresceu realizando inúmeras viagens artísticas, inclusive internacionais. A importância deste coro para a Escola foi tamanha que ela mesma passou a denominar-se "Colégio dos Canarinhos". É interessante contar, também, sobre a aquisição de uma máquina de impressão com a qual os professores publicaram os primeiros livros de leitura para a escola. Essa máquina deu origem à *Typographia da Escola Gratuita São José*, que, com o crescimento de publicações, tornou-se a *Editora Vozes*.

DO AZUL AO VERDE: DE CANARINHOS A BOM JESUS

*– Não é a mesma coisa nem um pouco!, disse o Chapeleiro.
– Senão você também poderia dizer, completou a Lebre de Março, que “Eu gosto daquilo que tenho” é a mesma coisa que “Eu tenho aquilo que gosto.”*

Alice no país das maravilhas, Lewis Carroll

Silvia

Para começar a contar a história “de Canarinhos a Bom Jesus” uso metaforicamente a história do azul ao verde, pois havia uma predominância do azul no Colégio dos Canarinhos e há a supremacia do verde no Bom Jesus.

O uniforme era azul. E com isso, íamos “azulando” tudo, para combinar. Até os passeios eram azuis!

OS PASSEIOS ERAM AZUIS

Sabrina

Passeios azuis? Tudo azul?

Silvia

Imagina que por causa do uniforme azul, procurávamos usar o azul como cor da escola. Por exemplo: das atividades que desenvolvíamos, uma das mais emocionantes era a formatura das classes de alfabetização. Cada detalhe era cuidadosamente planejado em azul. As becas eram azuis e até as toalhas da mesa eram azuis.

FORMATURA AZUL

Sabrina

Está começando a ganhar sentido.

Silvia

Não posso deixar de mencionar o quanto a religiosidade estava presente no dia-a-dia do Canarinhos, nos eventos...

ATÉ A FÉ ERA AZUL

Sabrina

Era um colégio franciscano, não era? Podia ser diferente?

Silvia

Deixa eu contar o que aconteceu para a gente pensar se essa questão pode ser diferente em um colégio franciscano.

Sabrina

O que aconteceu?

Silvia

Em 1998, um movimento diferente começou a acontecer. E pode ser que já estivesse a acontecer muito antes, nos bastidores. Foi quando frei César iniciou um diálogo com o Colégio Bom Jesus, em Curitiba, buscando apoio para a implementação da informática e orientação administrativa, jurídica e contábil. A direção do colégio, depois do frei Leto, havia sido assumida por frei José Luiz e, nessa época, por frei César.

Sabrina

Sim, e o que aconteceu? Você explica demais. Fica sempre voltando ao passado...

Silvia

Se eu não fizer isso, as mudanças não ganham sentido.

Sabrina

Está bem. E o que aconteceu?

Silvia

Após as negociações das quais não participamos - professores, coordenadores, eu...-, o Colégio foi filiado à Associação de Ensino Senhor Bom Jesus, uma entidade que se assume como sem fins lucrativos e que administra os colégios da Província. O colégio passou a ser uma unidade "Bom Jesus".

Sabrina

E, como foi isso?

Silvia

Aos poucos, Bom Jesus e Canarinhos foram-se misturando aos nossos olhos. O uniforme das crianças mudou para um uniforme verde e as professoras começaram a usar um uniforme, verde também. O Bom Jesus foi aparecendo. O azul foi-se apagando...

Sabrina

Essa metáfora da cor tem tudo a ver!

Silvia

Sim, as becas da formatura, por exemplo, deixaram de ser azuis e cada detalhe passou a ser cuidadosamente planejado em verde.

A FORMATURA VERDE

Sabrina

É visível como tudo foi esverdeando.

Silvia

Os passeios ficaram verdes!

OS PASSEIOS FICARAM VERDES

Sabrina

Tudo passou a ser verde!

Silvia

O verde Bom Jesus tingiu o Canarinhos.

○ LUGARTEMPO DE ONDEQUANDO FALO: NASCE A SABRINA

– Isto está cada vez mais esquisito! – gritou Alice.

Alice no país das Maravilhas, Lewis Carroll

A descrição do confuso não é o mesmo que uma descrição confusa.

Walter Benjamin

Ao iniciar a escrita dessa história, como me havia proposto, senti uma imensa dificuldade. Já não sabia de ondequando falava, pois já não sou a Silvia do Canarinhos, nem a do Bom Jesus Canarinhos, e é daquela Silvia de que eu gostaria de falar. Queria poder recuperar o que ela sentia... Conhecer Paul Thompson (1992) foi interessante para trazer à pesquisa algumas reflexões nesse sentido.

Paul Thompson

Recordar a própria vida é fundamental para nosso sentimento de identidade (id.:208).

Silvia

Sendo assim, ao terminar essa pesquisa, talvez eu possa responder "quem sou eu?".

Hoje, brincando com a minha loucura, me poderia autodenominar "22", como se diz popularmente para os doidos... Segundo o dicionário de símbolos⁹: o inspirado, o poeta, o iniciado parecem loucos muitas vezes, por algum aspecto de seu comportamento, que escapa às normas habituais. No tarô¹⁰, ainda segundo o mesmo dicionário:

De todas as imagens do jogo de tarô, eis a mais misteriosa, a mais fascinante, portanto, e a mais inquietante. Diferentemente dos outros arcanos maiores, numerados de um (o mago) a vinte e um (o mundo), o louco não tem número. Ele se coloca, portanto, fora do jogo, isto é, fora da cidade dos homens, fora dos muros (...) E acima de tudo, ele caminha, isso é o importante, ele não vaga errante, ele avança (...) Certos autores dão a esta lâmina do tarô o número zero, outros, o número vinte e dois. Uma vez que vinte e um forma um ciclo completo, (...) O louco, segundo a simbologia dos números, quer dizer o limite da palavra, o lado de lá da soma que não é outra coisa senão o vazio, a presença superada, que se transforma em ausência, (...) Se ele é o vazio, é ele que separa o ciclo completo do ciclo que vai começar (Chevalier e Gheerbrant; 1999:560).

Carregada de simbologias, tensões, paixões, esperanças, decepções, coragem, indignação, lembranças, perspectivas e sonhos, caminhei por essa pesquisa, também para contar o que fui nessa história do colégio, aquilo que me foi possível compreender. Escrever "Quase um romance" foi a maneira que encontrei de poder contar como me se senti diante do que percebi dos acontecimentos. Só depois, mergu-

⁹ Dicionário de símbolos constitui um inventário sempre inacabado do imaginário simbólico, uma encruzilhada de todo o psiquismo humano, onde se reúnem o afetivo e o desejo, o conhecido e o sonhado, o consciente e o inconsciente (Chevalier e Gheerbrant; 1999).

¹⁰ Jogo de cartas, sem dúvida, dos mais antigos, apresenta um mundo de símbolos. Não se pode duvidar do seu ensinamento esotérico, mais ou menos secretamente transmitido ao longo dos séculos(...) na verdade, apresenta uma iconografia nitidamente medieval, misturada a símbolos cristãos (Chevalier e Gheerbrant; 1999).

lhei em uma tentativa mais acadêmico-política de compreensão em "conversas com parceiros e cúmplices".

Acredito que, nessa pesquisa, misturei os papéis que Thompson destina ao historiador e àquele que "conta a história".

Paul Thompson

Enquanto os historiadores estudam os atores da história à distância, a caracterização que fazem de suas vidas, opiniões e ações sempre estarão sujeitas a serem descrições defeituosas, projeções da experiência e da imaginação do próprio historiador: uma forma erudita de ficção. A evidência oral, transformando os 'objetos' de estudo em 'sujeitos', contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira (1992.:137).

Silvia

Sim, Thompson, e para escrever a história precisei definir esses papéis. Fiz-me de historiadora e criei aquela que "conta a história", que viveu a história. Sabrina nasceu para poder dizer as coisas que eu não conseguia.

Paul Thompson

Um ferimento tão doloroso, tão onipresente, tão totalmente abrangente, que parece impossível falar sobre ele, mesmo depois de toda uma vida (id.:208).

Silvia

E por isso, muitos me apontaram o risco de que meu trabalho acabaria sendo uma terapia. E acho que foi. Meu romance conta de minha decisão de não falar mais sobre o tempo que passei no Bom Jesus Canarinhos. Não consegui, mas, quando me propus a fazê-lo, também não conseguia.

Paul Thompson

A dimensão terapêutica do trabalho de história de vida tem sido uma descoberta que sempre se repete (ib.).

Silvia

No entanto, meu trabalho não fica apenas na minha história de vida. Trago outras histórias de vida para contar uma "mesma" história.

Paul Thompson

A construção de uma memória coletiva pode resultar numa força histórica por si só de imenso poder (id.:184).

Silvia

Relendo as entrevistas e testemunhos, sinto essa força.

Paul Thompson

A construção e a narração da memória do passado, tanto coletiva quanto individual, constitui um processo social ativo que exige ao mesmo tempo engenho e arte, aprendizado com os outros e vigor imaginativo. Nisto, as narrativas são utilizadas, acima de tudo, para caracterizar as comunidades e os indivíduos e para transmitir suas atitudes (id.:185).

Silvia

Sinto que poderei usar essas suas palavras para defender meu modo de tecer a narrativa dessa história, a começar pelo romance.

Thompson sorriu.

LITERATURIZAR A NARRATIVA: DE CANARINHOS A BOM JESUS

– *Você já adivinhou a charada?*, perguntou o Chapeleiro, virando-se novamente para Alice.

– *Não, eu desisto*, Alice respondeu. *Qual é a solução?*

– *Eu não tenho a mínima idéia*, disse o Chapeleiro.

– *Nem eu*, disse a Lebre de Março.

Alice suspirou enfasiadamente. – *Eu acho que você deveria fazer coisa melhor com seu tempo, ela disse, ao invés de gastá-lo com charadas que não têm resposta.*

Alice no país das maravilhas, Lewis Carroll

Conversar com especialistas em educação, comunicação, literatura e letras, cinema, história... ajudou-me defender a idéia do romance. Era essa a minha preocupação maior, desde o dia em que Nilda Alves (2001) me apontou a possibilidade de literaturizar o conhecimento que eu tinha da história do Bom Jesus Canarinhos. Em uma conversa informal, com um grupo de professores da Uerj, ela sustentava a seguinte idéia:

Nilda Alves

Defendo, e não estou sozinha, que há um modo de fazer e de criar conhecimento no cotidiano, diferente daquele aprendido, na modernidade, especialmente, e não só, com a ciência (2001:13).

Silvia

Então, talvez isso possa me ajudar a resolver como escrever essa história que vivi e que acredito ser importante.

Lourdes Tura

É importantíssima porque ela representa alguma coisa muito típica dentro da cultura do século XX, da segunda metade do século XX, do pós-guerra...¹

Nilda Alves

Se continuo somente “olhando do alto”, como os que têm poder, vou compreendê-lo [o cotidiano escolar] muito limitadamente, é preciso reconhecer. (id.:19).

Lourdes Tura

A gente está trabalhando com entrevistas, o que envolve história de vida. Então a gente sabe que

¹ Trecho de conversa em encontros de orientação.

está trabalhando com versões, que vão trazer uma série de informações, uma série de aspectos para construir o trabalho.

Silvia

Quantas confissões eram feitas sobre as angústias, inseguranças, dúvidas! Essas confissões ainda podem ser resgatadas, mas se perderão no tempo se não forem registradas, pois não fazem parte da história oficial^o.

Assumo, logo de início, que não quero falar da realidade, como verdade única e absoluta, mas quero falar de como essa realidade "doeu" em mim e também em outras pessoas que ali vivenciaram comigo esse processo.

Nilda Alves

Admitir que os fatos a serem analisados e as questões a serem respondidas são complexos, neste mundo simples que é o cotidiano, vai colocar a necessidade de inverter todo o processo aprendido: ao invés de dividir, para analisar, será preciso multiplicar – as teorias, os conceitos, os fatos, as fontes, os métodos, etc. etc Mais do que isso, será necessário entre eles estabelecer redes de múltiplas e também complexas relações (id.:25).

Silvia

Essa sua fala me tranqüiliza, Nilda. Desde o início da pesquisa, ficava a me perguntar em que autor me basear para produzir minha dissertação. No entanto, no movimento que fiz, não me fixei em um, dois, três autores. Aquele com quem eu conversava e me dizia algo, eu registrava. Mas logo outro autor aparecia e outras possibilidades de pensar minha pesquisa se descortinavam.

Nilda Alves

Com o aprendido, sei que uma "boa" pesquisa precisa ter uma sólida teoria de apoio que é entendida como a verdade de partida para que possa "construir" uma outra verdade "em nível superior". Trabalhar com o cotidiano e se preocupar como aí se tecem em redes os conhecimentos significa, ao contrário, escolher entre as várias teorias à disposição e muitas vezes usar várias, bem como entendê-las não como apoio e verdade, mas como limites, pois permitem ir só até um ponto, que não foi atingido, até aqui pelo menos, afirmando a criatividade no cotidiano. Isto exige um processo de negação delas mesmas e dos próprios limites anunciados, assumindo-os, no início mesmo do processo e não no final quando "outra verdade as substituir". Ou seja, essas teorias precisam ser percebidas, desde o começo do trabalho, como meras hipóteses a serem, necessariamente, negadas e jamais confirmadas, para meu/nosso desespero (id.:22).

Lourdes Tura

A tradição positivista na análise da realidade educacional brasileira facilitou a fragmentação dessa em múltiplos objetos ou variáveis e sua explicação através de relações mecânicas e lineares de causa e efeito. Cada escola é uma unidade de vida e trabalho, que está inserida em um conjunto complexo de situações concretas, repletas de estratégias pessoais de sobrevivência, contextos históricos e especificidades regionais e locais (2003:9-11).

OS PERIGOS DAS CRENÇAS

Silvia

Compreender essa complexidade não interessava ao Bom Jesus, que precisava se impor, como boa organização mercantilista, buscando, pragmaticamente, o caminho para fazer o seu

^o Podemos fazer alusão a uma história oficial devido a registros sobre a história do colégio em suportes diversos como revistas, jornais e o próprio site de divulgação da escola.

projeto "dar certo".

Acho que, por perceber que em nenhum momento o Bom Jesus preocupou-se com o contexto em Petrópolis, ao assumir a escola, sinto-me, em muitos momentos fazendo da minha escrita uma *escritadenúncia* em que relato compulsivamente tudo o que vivi no Colégio Bom Jesus Canarinhos. Hoje, quando olho para os meus textos, não estou certa de poder dizer se o caráter denunciador desapareceu de minhas palavras.

Paulo Sgarbi

Cuidado [para] não transformar o [seu] sistema de crenças e valores em verdades *a priori* (2003:19)!

Silvia

Essa ambigüidade entre a necessidade de verdades que me sustentem e a suspeição permanente me traz um estado de angústia. Sei que meus dizeres e minhas análises trazem a parcialidade e as minhas possibilidades de visão/entendimento, pois deixo em tudo a marca de meus valores, minhas crenças, meus saberes e minhas vivências; portanto são "minhas verdades" e escrevo assumindo a impossibilidade da neutralidade, enquanto sujeito dessa história.

Lourdes Tura

Vale, neste ponto, lembrar da afirmação de Geertz de que estaremos sempre diante de uma versão dos fatos, parcial e provisória, posto que nossos relatórios de pesquisa expressam não a realidade social observada, mas uma construção do real, a partir de nossas observações, de nossos pressupostos teórico-metodológicos e do recorte que fazemos numa realidade multifacetada (2003:186).

Silvia

Então, se assumo que estou contando a minha versão, posso escrevê-la?

Lourdes Tura

Em vez de o pesquisador iludir-se em procurar eliminar os efeitos da sua presença no campo de investigação, o importante é buscar entendê-las (ib.).

Silvia

Sim, acho que preciso me mostrar nesse trabalho. O que, inevitavelmente, mostrará também aqueles que trago para ele.

Paulo Sgarbi

Antes de qualquer coisa, preciso [...] deixar claramente marcada a inevitável e desejável participação de muitas pessoas nos textos/discursos que inventamos como pessoais, sem deixar que sejam invenções efetivamente pessoais, quer pelo modo como jogamos com os diálogos que fazemos com essas outras pessoas, quer pela forma como procuramos expressar essa vida coletiva de nossas individualidades. Por outras pessoas, entendamos tanto os autores com quem dialogamos em nossas trajetórias de estudos através das leituras, como as com quem, nessa mesma trajetória, conversamos a respeito das nossas questões e leituras e escritos, como também, de uma maneira bem geral, as pessoas todas que constituem as nossas redes de formação, ou, como prefere Boaventura Santos, "redes de subjetividades" (2003:1-2).

Silvia

Nossa conversa me levou novamente à minha preocupação maior, pois somadas à minha narrativa, as narrativas das entrevistas e dos depoimentos, bem como os diálogos com os autores, como disse você, Paulo, minha responsabilidade na escrita cresce muito. Não quero elaborar um texto que perca a fala das pessoas, os sentimentos, as emoções... O difícil é tecer um equilíbrio entre essa escrita com tanta emoção

com a qual eu tento contar uma história, o processo dessa escrita, e enredar os fios da história que vivicentei com os das histórias que ouvi, o fato de eu ter evitado estabelecer uma análise formal de dados obtidos, percebendo a necessidade de inverter todo o processo aprendido como Nilda Alves me disse e as exigências formais e de rigor acadêmico que se colocam para uma dissertação.

Nilda Alves

Entendo que é preciso uma outra escrita para além da já aprendida. [...] Para comunicar novas preocupações, novos problemas, novos fatos e novos achados é indispensável uma nova maneira de escrever, que remete a mudanças muito mais profundas. A esse movimento talvez se pudesse chamar narrar a vida e literaturizar a ciência (2001:29; 15-6).

Essa frase de Nilda me apontou uma perspectiva nova, uma possibilidade de viabilizar o que eu queria para minha pesquisa e confesso, “viajei”. A conversa continuou mas eu estava ausente. Todo aquele diálogo não poderia ser esquecido por mim, pois eu aprendera muito e, a partir dela, comecei a perceber as saídas e alternativas de que dispunha.

CONVERSA COM FOUCAULT^o E BOSI

Os jogadores jogavam todos ao mesmo tempo, sem esperar sua vez, discutindo o tempo todo, brigando pelos ouriços; logo a Rainha estava furiosa e batia com os pés no chão, gritando: "Cortem a cabeça dele!", ou "Cortem a cabeça dela!" o tempo todo.

Alice começou a sentir-se muito mal: para dizer a verdade, ela ainda não tinha discutido nenhuma vez com a Rainha no jogo mas sabia que poderia acontecer a qualquer minuto, "e então", ela pensou, "o que irá acontecer comigo? Eles são loucos para cortar as cabeças por aqui. A grande dúvida é como ainda existe alguém vivo!"

Alice no país das maravilhas, Lewis Carroll

Conhecer Foucault abriu portas a uma série de questionamentos.

Silvia

Eu quero analisar o processo de mudança que ocorreu no Colégio dos Canarinhos com sua integração à Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus. Meu estudo busca recuperar lastros da história, vestígios que possam me auxiliar na compreensão do processo. Você pode me ajudar?

Michel Foucault

Em meus livros, eu tenho tentado analisar mudanças, não para encontrar suas causas, mas para mostrar todos os fatores que interagem e as reações das pessoas (1988:9-15).

Silvia

É isso que eu quero! Preciso, através das narrativas de memórias, resgatar o que as pessoas vivenciaram nesse processo de mudança. Em seus estudos, percebi caminhos que podem favorecer o entendimento da profissionalização e da homogeneização que a mudança trouxe, bem como do distanciamento dos princípios de orientação franciscana implantados pela Associação.

Michel Foucault

Sim, em minhas análises, mostro a arbitrariedade das instituições e mostro qual o espaço de liberdade do qual nós ainda podemos usufruir e como muitas mudanças ainda podem ser feitas (ib.).

Silvia

Você fala de mudanças que ainda podem ser feitas enquanto eu estou a pensar no sentimento

^o As falas de Foucault que tecem essa conversa são trechos de minha tradução livre, retirados da entrevista Truth, Power, Self: An Interview with Michel Foucault - October 25th, 1982. From: Martin, L.H. *et al* (1988) Technologies of the Self: A Seminar with Michel Foucault. London: Tavistock. pp.9-15. Pesquisado em 20/06/2003: <http://www.thefoucauldian.co.uk>

nostálgico que ficou em relação ao tempo em que trabalhei nesse colégio. Essa nostalgia pode atrapalhar meu trabalho de pesquisa?

Michel Foucault

Toda essa beleza dos tempos passados são um efeito e não uma razão para nostalgia. É muito bom ter esse tipo de nostalgia, assim como é bom ter uma boa relação com nossa própria infância, se nós temos filhos. É uma boa coisa sentir nostalgia com respeito a alguns períodos, com a condição que seja uma forma de ter uma relação cuidadosa e positiva para com nosso próprio presente. Mas, se nostalgia é a razão para sermos agressivos e incompreensivos quanto ao presente, é preciso excluí-la (ib.).

Silvia

Talvez essa idéia me ajude a compreender muitos dos processos de rejeição ao Bom Jesus, pois muitos permaneceram "Canarinhos" e a nostalgia os aprisionou no passado. Mais do que isso, no entanto, você me faz um alerta para o cuidado com o presente, provocando em mim a preocupação em manter uma atitude mais para compreensiva do que acusatória. Hoje, muitas vezes me vejo "nostalgicamente" também Canarinhos, retomando essa saudade de um tempo que se foi.

Nesse momento, talvez porque o assunto lhe interessasse muito, Ecléa Bosi entrou na conversa.

Ecléa Bosi

O passado reconstruído não é refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar (2003:66).

Silvia

Mas preciso estar atenta para não ficar agressiva quanto ao presente, como me aponta Foucault.

Ecléa Bosi

A nostalgia revela sua outra face: a crítica da sociedade atual e o desejo de que o presente e o futuro nos devolvam alguma coisa preciosa que foi perdida (id.:67).

Silvia

Fazer essa pesquisa é um pouco isso. Que essa coisa preciosa que foi o Canarinhos possa ser devolvida, minimamente, na recuperação da sua história.

Ecléa Bosi

[Mas você precisa] não buscar o que se perdeu: as raízes já foram arrancadas, mas procurar o que pode renascer nessa terra de erosão (id.:177).

Silvia

Meu trabalho guarda em si uma reclamação e uma denúncia contra a concepção e a prática hegemônica de políticas que descem de *torres de marfim* como diretrizes de ação para serem impostas aos que "atuam". Bom Jesus é terra de erosão? Sei que não apenas, mas o meu desafio, que é também epistemológico, é fazer uma pesquisa não para estudar o sucesso ou o fracasso de uma gestão, mas para acompanhar movimentos que vão transformando a cultura da escola, de uma cultura de fortalecimento em uma de destituição da autonomia dos professores, de promoção ao veto à participação coletiva e individual nos processos decisórios, ao conjugar-se com alianças econômico-financeiras, teóricas e tecnológicas que vão mostrando um mundo que me parece menos solidário, menos incluyente, e que está sendo gestado com a nossa participação mais ou menos consciente.

Ecléa Bosi

Somos, em geral, prisioneiros de nossas representações (id.:61).

Silvia

O que me leva a escrever essa história é a vontade de me 'desnudar' e mostrar a outros profissionais, professoras e professores, o quanto fui levada por uma consciência ingênua, como denomina Freire (1986), a ações que levaram a caminhos diferentes daqueles em que eu realmente acreditava. Quero dizer daquilo que vivi enquanto professora/coordenadora nesse colégio, o que me fez bem e o que me magoou. Dizer o quanto fui ingênua, acreditando que estava cheia de autoridade e razão, enquanto promovia a reprodução pacífica da concepção bancária de educação (Freire, 1987).

Michel Foucault

[Cabe lembrar que] a verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua 'política geral' de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como "verdadeiro" (1979:12).

Silvia

Você está me dizendo que a verdade é construída não apenas pelo conteúdo que ela apresenta, mas também pela forma como é apresentada?

Michel Foucault

A produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (2003:8-9).

Silvia

Verdade e poder.

Michel Foucault

O discurso verdadeiro não é mais, com efeito, desde os gregos, aquele que responde ao desejo ou aquele que exerce o poder. Na vontade de verdade, na vontade de dizer esse discurso verdadeiro, o que está em jogo, senão o desejo e o poder? O discurso verdadeiro, que a necessidade de sua forma liberta do desejo e libera do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade que o atravessa; e a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, a tal verdade que ela quer não pode deixar de mascará-la (id.:20).

Silvia

Eu poderia estar, então, buscando recuperar um poder perdido ao elaborar esse discurso contra-hegemônico, um discurso que aponta para o que creio serem as mazelas do Bom Jesus, para além do discurso de "melhor colégio" que ele apresenta?

Michel Foucault

O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas e ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (id:10).

Ecléa Bosi

As chaves do futuro e de utopia estão escondidas, quem sabe, na memória das lutas... (2003.:208).

Silvia

Não sei mais o que dizer. Preciso pensar mais sobre essa luta entre verdade e poder. Estou assustada.

Michel Foucault

Não digo apagar esse temor, mas analisá-lo em suas condições, seu jogo, e seus efeitos, é preciso, creio, [...] questionar nossa vontade de verdade (2003:51).

Essa foi uma conversa do início da caminhada de estudo no mestrado e que me desequilibrou bastante. Eu tinha chegado ali para contar a história de uma verdade que havia sido negada, apagada, esquecida a cada demissão. Eu queria resgatá-la. Minha preocupação era com a memória e a verdade. Eu daria conta de recuperá-la? O tempo estava passando e o esquecimento me assombrava. E Foucault viera complicar ainda mais minhas reflexões, provocando-me a refletir se seria essa nobre intenção que de fato me mobilizava, no questionamento que levantara sobre a vontade da verdade e a vontade do poder na produção do discurso criador de verdade, ou de um regime de verdade (Foucault, 2003a). Ou seja, um discurso produzido já é, em si, uma forma de poder e, portanto, não podemos dissociar a idéia da verdade e da produção e enunciação dela da de poder.

QUEBRA-CABEÇA

Chegou a hora – disse a Morsa – de falar sobre muitas coisas.

Alice no país das maravilhas, Lewis Carroll

Cheguei dessa conversa no carro um tanto tonta, lembro-me bem. Parecia que minha história escorria das minhas mãos. Eu tinha uma história e, naquele momento, parecia que as muitas outras estavam a se embaralhar em meu pensamento. Eu só pensava: E se não foi assim?

E, qual é o meu desejo de verdade? Seria desejo de poder?

Mas, uma voz do rádio veio me socorrer e me acalantar naquele momento de insegurança. Ouvi e deixei meu coração sorver aquelas palavras.

Faça o jogo da memória
 Contando toda a sua história
 Todos querem ouvir
 Você tem muito pra dizer
 É importante crer
 No que você sonhou um dia
 Não importa como
 E nem importa mesmo quando
 Você descobriu que o mundo é somente um quebra-cabeça
 Quebra-cabeça, quebra-cabeça...
 Siga, continue rindo
 Seu mundo lindo construindo
 Não se desespere
 Existe um mundo coerente
 Que você presente
 No riso puro da criança
 No beijo do amante
 E na procura incessante
 Da verdade sua
 E que ninguém lhe roubará
 Não esmoreça, não esmoreça, não
 Quebra-cabeça...

Quebra-cabeça, Paulinho Soares e Marcello Silva, 1970.

Reanimada, voltei a discutir com Tura (2003) os “Itinerários de pesquisa” e Santos, o Boaventura, bem como Michel de Certeau, precisaram estar na conversa, pois o assunto principal foi a questão do *outro*, que aparece na pesquisa, interpretado por mim.

Lourdes Tura

[Não tente] iludir-se em procurar eliminar os efeitos da sua presença no campo da investigação, o importante é tentar entendê-los. Ou seja, atentar para o fato de que, se desenvolvemos uma explicação do comportamento humano, esta deve também abranger nossas atividades como pesquisadores e a busca de estratégias de investigação (2003:186).

Silvia

É exatamente com essa preocupação que estou buscando compreender o papel de intérprete que me cabe nessa dissertação.

Lourdes Tura

O que temos diante de nós é a necessidade de tradução de comportamentos observados, de ritos socialmente reconhecidos, de crenças compartilhadas e, por isso, é preciso encontrar formas de descrição que possam tornar esses elementos mais compreensíveis, mais nitidamente inseridos numa rede de significados que lhes dão sentidos e materializam sua existência (id.:190).

Michel de Certeau

Noutras palavras, há "histórias" que fornecem às práticas cotidianas o esconjuramento de uma narrativa. Certamente, só descrevem alguns de seus fragmentos. (...) O "retorno" dessas práticas na narração está ligado a um fenômeno mais amplo, e historicamente menos determinado, que se poderia designar como estetização do saber implícito no saber-fazer. (...) Trata-se de um saber não sabido. (...) Tal como o dos poetas ou pintores, o saber-fazer das práticas cotidianas não seria conhecido senão pelo intérprete que o esclarece no seu espelho discursivo, mas que não o conhece tampouco (1994:142-3).

Silvia

Enredar minhas vivências e os saberes múltiplos advindos de outras vivências é um trançar de uma nova história e a maneira como os fios serão trançados depende do gosto ou das possibilidades de "relacionamento" com os diferentes fios e com as "cores" que tem o tecelão.

Lourdes Tura

Se, como afirma Geertz, o que está em jogo é 'construir um relato da estrutura imaginativa de uma sociedade', essa tarefa implica o esforço de captar entendimentos diferentes dos nossos e, numa hermenêutica que irá conferir status epistemológico ao senso comum (2003:197).

Silvia

O fazer conhecer o "não-saber" das práticas cotidianas pelo intérprete possibilita que essas práticas que são usadas de maneira quase invisível possam ganhar um saber discursivo.

Michel de Certeau

Tal como o dos poetas ou pintores, o saber-fazer das práticas cotidianas não seria conhecido senão pelo intérprete que o esclarece no seu espelho discursivo, mas que não o possui tampouco. Portanto, não pertence a ninguém. Fica circulando entre a inconsciência dos praticantes e a reflexão dos não-praticantes, sem pertencer a nenhum (1994:143).

Silvia

Daí a dificuldade em interpretar esses saberes, pois o saber é inconsciente e é no inconsciente que está o saber.

Lourdes Tura

Uma tarefa complexa que faz emergir uma certa visão de mundo que comporta estruturas de pensamento e ação, que se desdobram em conhecimentos e conceitos sobre as coisas, no interior de uma lógica que determina uma maneira de se lidar com os objetos de interesse daquele universo cultural e as expectativas de comportamento, de trocas sociais e de formas de expressão de sentimentos pessoais (id.:197).

Silvia

Compreendo que devo fazer um exercício de articulação entre a multiplicidade de histórias, trançando os fios atenta às múltiplas ações contra-hegemônicas e possibilidades de leitura que a história traz. Isso não pode significar, no entanto, silenciar as histórias de dominação cultural a que foram expostos todos aqueles que viviam no Colégio dos Canarinhos.

Boaventura Santos

Por outras palavras, como fazer falar o silêncio sem que ele fale necessariamente a linguagem hegemônica que o pretende fazer falar (2000:30)?

Silvia

Esse vem a ser o exercício desta escrita, em que procuro, ao colocar as várias versões da história em diálogo, possibilitar a cada um que participa da conversa o reconhecimento enquanto produtor de conhecimento.

Boaventura Santos

Esse conhecimento-reconhecimento é o que designo por solidariedade. Estamos tão habituados a conceber o conhecimento como um princípio de ordem sobre as coisas e sobre os outros que é difícil imaginar uma forma de conhecimento que funcione como princípio de solidariedade. No entanto, é um desafio que deve ser enfrentado (id.:30).

Essa breve conversa, entre outras, provocou-me a buscar a criação de uma inteligibilidade mútua entre as diversas experiências – *conhecimento-reconhecimento* – atenta à minha tarefa de intérprete da complexidade na relação entre o hegemônico e o contra-hegemônico. Apoiada na concepção da tessitura do conhecimento em redes (Alves, 2001), procurei relacionar este exercício de intérprete à metáfora da tecelã, legitimando o uso das palavras “dos outros” como fios de “meu tecido”: um quebra-cabeça.

Para ampliar essa fundamentação de minha pesquisa, busquei a *Epistemomagia do cotidiano* (Sgarbi, 2005), mais um referencial teórico-metodológico.

EPISTEMOMAGIA: MAIS UM REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Quando Alice comeu o bolo, e não cresceu de tamanho, ficou no maior espanto. Apesar de ser isso que acontece, geralmente, às pessoas que comem bolo.

Para Maria da Graça, Paulo Mendes Campos.

As pesquisas costumam apresentar em sua proposta um conjunto de conhecimentos que visam explicar os seus condicionamentos, sejam eles técnicos, históricos, ou sociais, sejam lógicos, matemáticos, ou lingüísticos, sistematizando as suas relações, esclarecendo os seus vínculos, e avaliando os seus resultados e aplicações. Esta dissertação não quis fugir a esse compromisso assumido com o programa de mestrado, por isso, venho-me estendendo nas discussões teórico-epistemológico-metodológicas. Além das conversas já relatadas, um caminho bastante surpreendente e inovador se abriu quando ouvi Sgarbi (2005) defender a idéia de uma “epistemomagia do cotidiano”, em uma conversa que envolveu diversos autores.

Paulo Sgarbi

Chamei de uma epistemomagia do cotidiano, por considerar a impossibilidade de uma epistemologia (2005 art 5:49).

Silvia

Magia?

Paulo Sgarbi

Magia porque as palavras têm o poder de criar realidades e sonhos, mentiras e verdades, obscuridades e luminescências, de trazer de volta lembranças escondidas na memória, mesmo que inventando um outro passado que tenha mais significado para um presente desejado (2005 art 1:41).

Silvia

Parece-me uma idéia atraente e provocadora, mas como fazer da magia uma episteme? Ou será fazer da episteme uma magia?

Paulo Sgarbi

Se é difícil seguir a trilha do *logos*, caminhemos pelo *magos*. O que fica muito forte é a sensação de que a magia - inclusive a do *logos* ou a do *photon* - contagia o cotidiano e um pouco que viabiliza um projeto epistemológico que, sendo plural, insiste em não se fazer hegemônico para não decretar sua própria morte. Assim, [retomo] a questão da linguagem e sua relação com os conhecimentos que se tecem cotidianamente, buscando compreender que essa tessitura magicológica faz parte da vida dos pobres mortais, mesmo que alguns deles gostem de brincar de deus (2005 int:15).

 Silvia

E como essa epistemologia se sustenta?

 Paulo Sgarbi

[Em] redes de conhecimentos e tessitura de conhecimento em redes que se apresentam como uma boa maneira de conhecer o mundo e suas vidas pelo que oferece de encontros – e desencontros – na relação com o outro. Tecer, como uma maneira mais prazerosa do que construir; compreender, como uma maneira muito lúcida do que explicar; beber sempre em todas as fontes (Alves, 2001) como possibilidade de abraçar múltiplas relações que se complementam; narrar a vida e literaturizar a ciência (Alves, 2001), como escolha estética mais próxima à vida social cotidiana e uma possível epistemologia a partir dela (2005 art 4:8).

Vou retomar a alusão à tecedura de tapetes para tentar me clarear quanto à tessitura de conhecimentos em rede, que, enquanto metáfora, é diferente da metáfora das redes de conhecimentos, com a consciência de que estou privilegiando a visão – uma das marcas metafóricas da modernidade – como caminho discursivo dessas relações que me vão compor algumas possibilidades de uma epistemologia do cotidiano, mas lembrando que outras possibilidades de percepção são tão válidas quanto. Na tecedura dos tapetes, há uma relação entre sua frente e seu verso. Muitas vezes, eu diria a maioria delas, olhando-se o verso, não se tem uma idéia nítida da imagem que está estampada em sua frente; sabemos, *a priori* (?), que o emaranhado do verso tem uma relação lógica com a frente, mas nem sempre, ou quase sempre, podemos perceber qual seja. Por outro lado, ao olharmos a frente, o desenho acabado, dificilmente conseguimos supor que o seu verso seja tão diferente e, também, dificilmente conseguimos relacionar o desenho acabado com a “aparente confusão” do seu verso (id.:16).

 Silvia

A linguagem tem um papel constitutivo na tessitura do conhecimento, a partir do que me diz. Tenho uma preocupação muito grande com essa questão, pois venho compreendendo, a partir de interlocuções com Foucault e von Foerster, que a linguagem cria verdades que se vão tornando realidades para atender a desejos de verdade e jogos de poder. Essa premissa me tem levado a questionar o discurso que venho tecendo, um fazer científico a partir de discursos científicos reconhecidos e discursos do senso comum.

 Paulo Sgarbi

Os discursos científicos têm força de lei, de verdade, dogmatizando o fazer científico cotidiano, criando magicamente realidades onde há apenas possibilidades, deixando aparecer e escondendo coisas, processos, fatos pela nomeação que ora faz existir, ora faz desexistir. (...) Em termos da vida cotidiana, o que temos, de fato, é a sujeição dos discursos do senso comum aos discursos teórico-políticos emanados dos poderes instituídos (2005 art 1:13-21).

 Michel de Certeau

Estamos submetidos, embora não identificados, à linguagem ordinária. Como na nave dos insensatos, estamos embarcados, sem possibilidade de fuga ou de totalização. É a “prosa do mundo” de que falava Merleau-Ponty. Ela engloba todo discurso, mesmo que as experiências humanas não se reduzam ao que ela pode dizer a seu respeito. As científicas se permitem esquecer-la para constituir-se, e as filosofias acreditam dominá-las para autorizar-se a abordá-las. Nem estas nem aquelas, sob este aspecto, tocam a questão filosófica, sem cessar re-aberta por este “elã” que “leva o homem a lançar-se contra os limites da linguagem”. Wittgenstein reintroduz esta linguagem tanto na filosofia, que a tomou por objeto formal mas atribuindo-se um domínio fictício, como nas ciências que a excluíram para se atribuírem um domínio efetivo (1994:70).

Silvia

Volta-me a idéia de Foucault sobre a questão do desejo de verdade. E quero pensar suas falas voltadas para minha pesquisa. Estarei tecendo conhecimento sobre a história do Colégio Bom Jesus Canarinhos considerando a linguagem ordinária (Certeau, 1994) com a qual as pessoas que viveram essa história a contam. Magicamente, poderei estar a tecer um discurso científico se conseguir trançar as múltiplas linguagens da pesquisa buscando uma aproximação entre a "prosa do mundo" e o discurso teórico. Até porque não quero fazer do trabalho uma discussão entre saberes que se mantêm em dicotomia, com seus espaços determinados, mas quero trazer as vivências das pessoas como saberes tão outorgados quanto aqueles que a Ciência aprovou. Assim, as conversas podem funcionar como um mapeamento para a compreensão do conhecimento que estou buscando tecer, sem apresentar hierarquia entre os saberes, que se encontram na vida cotidiana, seja no cotidiano das escolas, das universidades, dos lares, dos laboratórios... Quero aprender com Santos (2000) como romper com a ruptura epistemológica entre ciência e senso comum.

Paulo Sgarbi

Uma epistemologia do cotidiano deve pautar-se num novo senso comum ético [...] na busca solidária da compreensão da vida social, e não no isolamento, nas especialidades, no fracionamento (2005 art 5:38).

Boaventura Santos

Um senso comum solidário... construído a partir das representações inacabadas da modernidade ocidental: o princípio da comunidade, com as duas dimensões (a solidariedade e a participação), e a racionalidade estético-expressiva (o prazer, a autoria e a artefactualidade discursiva) (2000:111).

Silvia

Acredito que tenho tentado, nas conversas que venho tendo, já não sei se trazidas anterior ou posteriormente à apresentação desta, defender a racionalidade estético-expressiva como um pilar dessa dissertação, e não gostaria de me estender aqui sobre esse ponto.

No entanto, quando você me traz essas duas idéias, solidariedade e participação, não posso deixar de retomar minha preocupação e cuidado com a presença do outro na pesquisa. Preciso cuidar para ler as entrevistas e os depoimentos com o respeito que o outro merece, bem como não deixar de trazer esse(s) outro(s) para o nosso diálogo, até mesmo quando há divergências no ponto de vista.

Paulo Sgarbi

Respeitar as diferenças, para uma epistemologia do cotidiano, não deve ser um casuísmo, mas sim uma ação a ser levada às últimas conseqüências, mesmo que isso leve a desencontros do ponto de vista epistemológico, religioso, moral e ético. Desencontros não são, necessariamente, impossibilidades de convivência; diferenças não são, necessariamente, divergências; divergências não são, necessariamente, motivos para aniquilar o outro. Muitas vezes, a desqualificação do ponto de vista do outro é a própria negação da possibilidade de existência do *outro como um legítimo outro na convivência* com um eu, como nos mostra Maturana (2005 art 5:36).

Silvia

Quero fazer de minha dissertação um diálogo solidário (Maturana, op. cit.) que retrate algumas das múltiplas vozes que constituem o conhecimento que estou a tecer, em um trabalho "honesto", que possa apresentar novos outros olhares para as histórias do Colégio Bom Jesus Canarinhos, que se fazem com as histórias de muitas vidas compartilhadas.

As versões que busco para compor minha dissertação e nossas conversas são as histórias

daqueles que, a cada demissão sofreram a ruptura na convivência com as pessoas que continuaram a fazer as histórias do colégio e tiveram as suas próprias histórias silenciadas, em um processo pleno de emoção e dor.

Paulo Sgarbi

Uma epistemologia do cotidiano deve abraçar a emoção como tão constitutiva do ser humano quanto sua razão como fundamental para que os conhecimentos tecidos tenham maior identidade com a vida social. Por muito tempo, a academia tem evitado, em nome da racionalidade científica, compreender a emoção como inerente ao próprio conhecimento humano. (...) O ser humano, desta forma, passa a ser visto como um somatório dessas duas possibilidades de ser humano, como se fosse realmente possível esta separação, como expressa Maturana (2005 art 5:38-39).

Dizer que o emocional tem a ver, em nós, com o animal, certamente não é novidade; o que estou acrescentando, sem dúvida, é que a existência humana se realiza na linguagem e no racional partindo do emocional. Com efeito, ao convidá-los a reconhecer que as emoções são disposições corporais que especificam domínios de ações, e que as diferentes emoções se distinguem precisamente porque especificam domínios de ações distintos, convido-os também a reconhecer que, devido a isso, todas as ações humanas, independentes do espaço operacional em que se dão, se fundam no emocional porque ocorrem no espaço de ações especificado por uma emoção. O raciocinar também (MATURANA, 1997:170).

Com isso, foi estabelecido como conhecimento, a partir da cientifização, apenas uma parte específica da produção humana, com sentidos estabelecidos *a priori* pela regulação e pelo controle dessa produção, a que se chamou ciência. As outras produções, as da sensibilidade, são rotuladas como não-conhecimento (2005 art 5:38-9).

Silvia

Ganha sentido trazer para a história as emoções e os sentimentos vivenciados pelas pessoas, suas dores e os terrores das demissões, pois estes marcam uma ruptura entre a vida dessas pessoas e a do colégio, mas não impedem - exceto em caso extremo como o do prof. Denis, relatado no romance na página 2 - que as vidas dessas pessoas continuem, bem como a da própria instituição.

Esses saberes das vivências podem me levar ao conhecimento das histórias a partir das percepções das pessoas que participam da pesquisa, na tessitura de uma representação do que aconteceu no Colégio dos Canarinhos com a chegada do grupo Bom Jesus, o que me leva a perseguir a tentativa de compreensão de como cada um viveu a sua história, do quanto se comprometeu ou não e da consciência que tinha dos processos que vivenciava.

Paulo Sgarbi

A reaproximação dos vários saberes não deve ser entendida como uma concessão que as ciências da ciência podem fazer como “resgate” de muitos anos de ruptura, mas sim como uma forma solidária e efetivamente representativa de como a vida social acontece na realidade. Ao mesmo tempo, como nos indica José Machado Pais, importa fazer da sociologia do cotidiano uma viagem e não um porto (2005 art 5:38).

Silvia

Mas que caminho seguir nessa viagem?

Machado Pais

Toda pergunta é um buscar. E, como etimologicamente método significa caminho e como o caminho se faz ao caminhar, o método que nos deve orientar é esse mesmo: o de trotar a realidade, passear por ela em deambulações vadias, indiciando-a de uma forma bisbilhoteira, tentando ver o que nela se passa quando “nada se passa” (2003:33).

Silvia

O vadiar sociológico pode ser então o método.

Machado Pais

Em que consiste a perspectiva metodológica do quotidiano? Precisamente em aconchegar-se ao calor da intimidade da compreensão, fugindo das arripantes e gélidas explicações que, insensíveis às pluralidades disseminadas do vivido, erguem fronteiras entre os fenómenos, limitando ou anulando suas relações recíprocas. (...) A sociologia do quotidiano não se diferencia das outras sociologias pelas realidades que privilegia nem pelo que diz sobre essas realidades, mas, simplesmente, pelo modo de dizer. (id.:30-31).

(RE)INVENTANDO A HISTÓRIA

Precisamos da história, mas não como precisam dela os ociosos que passeiam no jardim da ciência.

Nietzsche

Precisava escrever. Tinha Foucault a me inculcar cuidado e tinha Alves e Sgarbi a me impulsionar para o romance. Continuava a falar da idéia e a angariar admiradores e antagonistas. No entanto, em uma dessas conversas, o que era idéia ganhou pernas e possibilidade de caminhar. Não posso dizer que as palavras foram bem essas que se seguem, mas foi essa conversa informal que me ajudou muito a pensar firmemente em seguir adiante com a idéia do romance. Mais do que isso, essa conversa me ajudou a começar.

Paulo Sgarbi

Dom Casmurro! Silvia, você já pensou o quanto a história do Bentinho apresenta uma similitude com a sua história?

Silvia

Similitude? Bentinho e eu? Como assim?

Paulo Sgarbi

Há uma incessante busca pela verdade de Capitu. No seu caso, a busca é pela verdade dos franciscanos, ou mais especificadamente, pela verdade do frei César. Não é isso?

Silvia

Você captou essa minha história no que ela tem de essência.

Paulo Sgarbi

E você poderia fazer como em Dom Casmurro, começando a história pelo fim.

Silvia

Isso é genial, Paulo! Eu já sei como começar! Começo pela demissão.

Com a idéia do romance e sabendo como começar, achei que o caminho seria fácil. Reli a história de Bentinho com cuidado. Queria tentar assimilar a maneira de Machado escrever, tamanha pretensão!

Sabrina

E aí, o que foi difícil?

Silvia

Deixe-me contar primeiro os encontros que essa leitura me proporcionou. Machado de Assis conta uma história banal...

Sabrina

Sim, *Dom Casmurro* é a história de um homem que supõe que sua esposa o traiu com o melhor amigo. Primeiramente, o narrador revira o passado mais remoto — o da juventude — em busca de provas que justifiquem a suposta tendência de Capitu à traição. Depois, no passado mais próximo — o da vida adulta —, ele encontra e apresenta as provas, que entende como definitivas, do adultério. Bentinho afirma o adultério, mas a narrativa apresenta tantos paradoxos e contradições que nada se esclarece totalmente para o leitor. Todos os elementos que compõem a acusação possuem aspectos nebulosos e dúbios.

Silvia

Assim como Bentinho, poderei demonstrar a desconfiança que paira sobre essa história do Bom Jesus. Mais do que isso, tenho a ideia de começar a história pelo fim, rompendo com a narrativa linear, o que me possibilita seguir o sopro da memória, despreocupada com um fio (crono)lógico. Na literatura, costuma-se reconhecer a obtenção de verossimilhança, capacidade de tornar a ficção semelhante à verdade. Posso dizer que tornar a realidade uma forma de ficção é um caminho para a escrita de um romance.

Sabrina

Tendo o caminho...

Silvia

Foi hora de começar. Ainda que os manuais de redação tivessem me ensinado que o título deveria ser pensado no final, para melhor se adequar ao trabalho desenvolvido, comecei a trilhar os caminhos do romance já imaginando um possível título, "*Ternura e terror: a história de um colégio franciscano*". Um outro nome, entre outros tantos que me vinham ao pensamento, seria "*Flores^o e horrores: a história de um colégio franciscano*". Não havia necessidade de defini-lo naquele momento, mas deixava que fosse sendo gestado à medida que ia escrevendo.

Para a escrita, a distinção que Machado de Assis fez entre o narrador e o autor foi a grande dica de que eu precisava para conseguir o distanciamento necessário de minha história e conseguir narrá-la; afinal, eu havia compreendido que não conseguia falar de mim por não me reconhecer mais. Machado de Assis, em meu auxílio, escreve em primeira pessoa. No entanto, mostrou que não foi o narrador da trama e que quem a narra é o personagem *Dom Casmurro*. Mostrou-me a possibilidade de ser autora sem ser personagem, algo trivial, mas que, naquele momento, era preciso que alguém me apontasse. Passei a narrar a história como que de fora dela, como narradora e autora, mas não personagem — não sou eu quem vivo a história — e a participação que tive na história "real" aparece nessa história ficcional, contada nas vivências de uma certa personagem. Quem serei?

Sabrina

Еи сон você?

Sorri.

^o Flores, na linguagem medieval, lembra a narrativa tanto de bons exemplos como de milagres (Külkamp, 2001:26).

INVENTANDO AS PERSONAGENS

– *Pessoas inteligentes sabem que não há diferença entre real e irreal, bradou o Chapeleiro Louco.*

Através do espelho, Lewis Carroll

Em Eco (1983:25), encontrei Boécio a dizer que “nada é mais fugaz que a forma exterior, que perde o viço e muda como as flores do campo com o aparecimento do outono”, defesa essa utilizada em *O nome da rosa* para a escolha de não se deter em descrições de pessoas. Pela minha dificuldade nessa tarefa e acreditando que não traria acréscimos ou decréscimos à história, utilizei essa proposta em minha narrativa literária na continuidade da busca de um estilo.

Assim, as personagens reais de minha trama foram ganhando nomes fictícios, sem uma preocupação de apresentação inicial de todas. Nomeei, inicialmente, aqueles que, junto à Sabrina, apareciam logo no início da história. As outras personagens iam sendo batizadas à medida que iam sendo trazidas à narrativa, pois deixei que a escrita me levasse, enquanto a memória ia direcionando os caminhos da escrita.

Consegui assim, mas não muito, fugir do drama da definição do outro, tentando não fixar esse outro. Pedro Jorge, Rosana, Leila, Isabela, frei Augusto e frei Mariano são algumas das personagens, que aparecem no romance, não necessariamente na ordem em que os reapresento agora.

Engenheiro, Pedro Jorge havia sido aluno de outro colégio aionista, bem maior, o Colégio do Santo Ofício. Formado, veio a assumir a direção de uma associação de leigos (eixo 1:8).

Rosana coordenava o 2º grau, recém-instaurado e orgulho de frei Mariano (id.:4).

No 1º grau, pela manhã, Leila repetia o modelo autoritário de frei Mariano e, sob os cuidados dos diários de ocorrência, mantinha tudo sob controle (ib.).

Isabela, que coordenava também o 1º grau, no entanto, no turno da tarde, fazia o estilo boazinha (ib.:4).

Recém-formado, frei Augusto chegou ao Bom Samaritano para assumir o cargo de orientador pedagógico (id.:3)...

Figura temida, respeitada e amada, frei Mariano visitava, periodicamente, os corredores do colégio (ib.).

Silvia

Fui precisando nomear colégios, cidades, ruas... Todo um cenário de acontecimentos precisou ganhar ares de ficção. Até a própria ordem franciscana ficou real demais na história e precisou ser batizada.

Sabrina

Mas não perderia todo o sentido da história, deixar de ser a história de um colégio franciscano?

Silvia

O mais importante da história não é o quem e nem mesmo o onde, mas sim o como. Cada realidade de escola, franciscana ou não, poderá encontrar semelhanças com essa história que conto. E ficar alerta.

Sabrina

Então, o romance tem ainda um caráter de ensinamento?

Silvia

Pensei apenas em narrar os sabores e as dores de minha história, na história do Colégio Bom Jesus Canarinhos, para que outros venham a conhecer, e foi Benjamin (1994:200) que me encorajou quando me falou sobre "aquele que sabe dar conselhos". Para ele, um narrador:

O narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se 'dar conselhos' parece hoje algo de antiquado é porque as experiências estão deixando de ser comunicadas. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão, é necessário primeiro saber narrar a história (sem contar que um homem só é receptivo a um conselho na medida em que verbaliza a sua situação). O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definindo porque a sabedoria – 'o lado épico da verdade' – está em extinção.

Sabrina

O que seria saber narrar, nesse caso? Quais "os lados" dessa verdade?

Silvia

Sempre envolvida por essa preocupação ética teci essas conversas. Quando estava quase terminando, consegui organizar e conversar com alguns interlocutores sobre a questão.

O CUIDADO COM A HISTÓRIA

Meu enleio vem de um tapete que é feito de tantos fios, que não posso me resignar a seguir um só; meu enredamento vem de que uma história que é feita de muitas histórias. E nem todas posso contar.

Clarice Lispector

Sabrina

Sem dúvida, você mexe em algo polêmico. Eu o vejo como a libertação de um grito que ficou trancado na garganta. Isto é uma forma diferente de fazer história. Normalmente, ela é construída a partir de grandes feitos, grandes nomes, a partir dos vencedores.

Silvia

Não, não, Sabrina! Esse modelo já foi 'descartado' da história há mais de século. É verdade que ele ainda aparece e nas escolas ainda predomina, mas é uma resistência. Encontrar uma outra maneira de dizer e destacar um olhar diferente desse dos "grandes nomes e grandes feitos" foi um desafio da pesquisa e da escritura. Usar a imaginação foi um caminho que se colocou para que eu pudesse dar conta da tarefa de (re)criar a realidade.

Vera Figueiredo

Assim, [você Sabrina] os personagens-narradores, ao perceberem a impossibilidade de chegar à palavra original, elegem a interpretação, conferindo ao ato de narrar a tarefa de construção de uma versão verossímil que substitui a verdade inatingível (2003:45).

Silvia

Especialmente porque não se trata da busca da verdade. Saber que essas histórias acontecem em nossos dias, e em outros tempos também, por causa do bendito poder e que poder e dinheiro dialogam, muitos sabemos.

Inicialmente, a escolha pairou na escrita do que é "quase um romance". Depois, as conversas foram criadas para dar conta desse desejo de escrever as histórias, trazendo a multiplicidade de versões e as possibilidades teórico-epistemológicas de compreensão. No romance, tentei escrever uma versão da história, pensando em literaturizar minha narrativa. Depois, teci histórias em conversas. Isso para evitar o risco de parecer estar pretendendo criar A história como verdade única e absoluta.

Conversar com você sobre literatura e romance histórico me ajuda a pensar sobre a dissertação - que acabou sendo também literatura - pois, desde o início, tentei questionar as fronteiras entre fazer literatura, fazer história, fazer ciência, através da minha forma de tecer a dissertação.

Descobri, nos caminhos da pesquisa, que o mais importante, em meu parecer, é que meus possíveis leitores possam presumir *como* essas histórias acontecem, *como* essa busca incondicional por tudo que produz dinheiro se dá, *como* o predomínio do poder econômico interfere nas relações, *como* as relações ficam sujeitas às leis do capitalismo, *como* mecanismos de exclusão vêm-se perpetuando em um modelo econômico e social injusto, *como, como...* esses "comos" se tecem, também, no cotidiano de um colégio.

Vera Figueiredo

A partir dessa consciência, cri[ou]-se, para usar a expressão de Edward Said, uma "literatura de resistência" que se propõe rever as certezas universalizantes do colonizador. [...] Daí a proposta de releitura da história como parte do esforço de descolonização, que se realiza contra toda uma mentalidade perpetuada pelas elites locais, pelos discursos da história oficial. [...] Escreve-se uma anti-história que denuncia as falácias da história eufórica dos vencedores (id.:130-1).

Silvia

Contudo, a história dos vencidos, um dos pontos de partida da pesquisa, apenas inverte a maneira de contar dos vencedores, dou-me conta, mas continua uma maneira moderna de pensar/fazer história. Não posso dizer que tenha avançado muito além do que a modernidade tão fortemente marcou em mim, mas esse questionamento parece-me que já propõe novas outras reflexões na forma de leitura daquilo que já escrevi.

Creio que fui demolindo minha compreensão da história do Colégio dos Canarinhos e a maneira que imaginei como possível, inicialmente, para "contar" esta história. Logo percebi que, "meninos, eu não vi tudo!", parodiando Gonçalves Dias, e, daquilo que vi, posso escolher o que contar. A parcialidade da pesquisa é uma escolha e uma injunção, simultaneamente.

Nesse ponto da pesquisa, torna-se inexorável aceitar a impossibilidade de uma verdade objetiva a partir das interpretações conflitantes que compus.

Vera Figueiredo

Por extensão, as dúvidas que [a] atormentam abalam também e, sobretudo, a pretensão de objetividade da pesquisa histórica, porque, esta, da mesma forma que a investigação policial, parte da análise de pistas - vestígios, fragmentos do passado - para tentar conhecer uma realidade que não foi presenciada pelo investigador. Assim, os impasses do detetive remetem para a questão central do romance, ou seja, a impossibilidade de reconstituir a verdade histórica (id.:137).

Silvia

Talvez, Vera, a questão central nesse meu trabalho esteja relacionada ao fato de que a realidade é diferente para os diferentes sujeitos que a vivenciaram e as pistas são, portanto, as versões de cada um. A consciência do limite da verdade, entretanto, não implica abrir mão das minhas verdades, mas sim repensá-las, revisitá-las, revê-las. A verdade permaneceu como um horizonte, como uma aspiração. Pareceu-me que consegui compreender a lição da verdade histórica inatingível e demonstrar na dissertação, na forma de escrita dialógica, a possibilidade de desencontros, para além das concordâncias, entre as formas de compreensão de uns e de outros a respeito dos acontecimentos.

Fiz o exercício, continuamente, de cuidar para não "glorificar" o passado mais passado, do tempo Canarinhos em detrimento do tempo Bom Jesus (eixo 2: Mudanças boas ou ruins).

Quero crer que deixo entrever no texto a multiplicidade de caminhos que trilhei, no exercício de tessitura da história do Colégio Bom Jesus Canarinhos, em busca de uma outra "maneira de dizer": uma outra maneira de tecer história.

Outrossim, quero destacar que o conflito entre o cuidado com a história e o cuidado com as

pessoas perpassa cada momento de composição do texto.

Construir e desconstruir personagens foi um exercício de convencimento pessoal, para além da escrita. Retomar acontecimentos levou-me a repensar minhas ações e de amigos, muitas vezes. Compor as conversas exigiu de mim combinar falas e revisar permanentemente minha compreensão da história. Não mais "controlei" a pesquisa, como um dia supus fazê-lo.

Nesse movimento, escrito a partir da visão de história como um jogo aleatório, quis destacar os pontos trazidos pelas pessoas, que mostram o quanto foram negligenciadas em prol do grande projeto Bom Jesus. Acredito que essa questão dá relevância à pesquisa e, especialmente, à escolha que fiz deliberadamente, de contar a história pelo viés da dor e do sofrimento daqueles que - como eu - foram aliçados do processo, valorizando a emoção como parte fundamental para compreensão da história.

Humberto Maturana

Vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções em função de uma supervalorização da razão, num desejo de dizer que nós, os humanos, nos distinguimos dos outros animais por sermos seres racionais. Mas, acontece que somos mamíferos e, como tais, somos animais que vivem na emoção. As emoções não são algo que obscurece o entendimento, não são restrições da razão: as emoções são dinâmicas corporais que especificam os domínios de ação em que nos movemos. Uma mudança emocional implica uma mudança de domínio de ação. Nada nos ocorre, nada fazemos que não esteja definido como uma ação de um certo tipo por uma emoção que a torna possível (2002:92).

Silvia

Você, Maturana, defende magistralmente aquilo que senti o tempo todo, desde os primeiros momentos em que comecei a pensar nesta dissertação. A emoção de ter vivido alegrias e encantamentos, bem como dores e dissabores no Colégio dos Canarinhos e no Bom Jesus foi a mola propulsora para a pesquisa.

De tanto escrever, ler, reler as conversas, as entrevistas, os depoimentos, o romance, os documentos, minha maior insegurança passou a ser o medo da naturalização das práticas que quis contestar. O choro, a esperança, o suicídio, a tristeza, os sonhos... poderiam ser naturalizados na escritura de um texto acadêmico? Medo dispensável. A emoção persistiu e acompanhou/companha meu movimento.

E agora, em vias de "parar de escrever", pois não posso quero dizer concluir a pesquisa, releio minha dissertação e esbarro com textos que podem suscitar o questionamento por seu caráter acusatório. Pergunto-me, dividindo com você mais uma questão que a pesquisa me impõe: poderia ser diferente, se escolhi escrever sob a ótica dos vencidos? Se escolhi contar, como diz o Veríssimo, "a versão dos afogados" (Veríssimo, 1997) ?

Veríssimo

Existe uma teoria segundo a qual o prestígio do boto entre pescadores, surfistas e outros seres marinhos se deve a uma deformação estatística. Tudo que sabemos do bom caráter do boto vem do relato de quase afogados que ele salvou, empurrando-os para a praia. Mas o boto empurra tanto para a praia quanto para o alto-mar. Estatisticamente, talvez, tenha empurrado mais gente para a morte do que para a praia. Só que a versão dos afogados ninguém fica sabendo. (...) afogados, por definição, não têm lobby, não têm imprensa e não têm quem fale por eles, fora boas almas e maus poetas (1997:75).

Maturana

Nossas declarações, afirmações ou discursos, na medida em que constituem as coordenações de ações em que nos movemos, ainda que nos pareçam abstratas e voláteis, nos configuram em seu espaço de ações. Em outras palavras, cada vez que alguém diz que o discurso do outro é uma especulação sem

fundamento, o que ele diz é que o outro é hipócrita e afirma implicitamente: “Creio que quando você diz isto, na realidade está dizendo outra coisa que você oculta com ações que não são sinceras.” Mas a hipocrisia é uma reflexão a posteriori. A hipocrisia nunca é no presente; a hipocrisia é uma reflexão sobre a sinceridade das condutas do outro no passado, não agora, de modo que enquanto não se puder acusar aquele que fala a mentira, o que fala está aprisionado por suas palavras. Ainda assim, para a estabilidade na harmonia da convivência será sempre melhor um discurso sincero que não possa ser desvalorizado posteriormente com a afirmação da hipocrisia (1998,76-7).

Silvia

Partindo de uma postura “não purista”, defendo que as colocações trazidas para a pesquisa mostram, pela experiência não só minha, como também de muitos dos informantes, a possibilidade de validade das interpretações apresentadas, que se reformularam e se enriqueceram nas conversas.

Por outro lado, aquilo que apresento não me cria a ilusão de que as interpretações serão iguais para diferentes pessoas ou grupos, pois tudo é percebido a partir de nosso lugar no mundo. A percepção de um caráter acusatório, nesta pesquisa, sobre os acontecimentos e sua representação, posso crer, estará sujeita à visão de meu possível leitor sob lentes assemelhadas, lugares assemelhados.

Inês Oliveira

Isto significa que é através das experiências vivenciadas no nosso cotidiano que aprendemos muito daquilo que usamos para estar no mundo e conviver com o outro, e que nos inserimos como co-partícipes nos valores e especificidades da nossa cultura de origem (2003:18).

Humberto Maturana

Inclusive, numa conversação como esta, cada um escuta a partir de si mesmo e, constitutivamente, devido ao determinismo estrutural, a gente não pode escutar senão a partir de si mesmo. O que eu digo é uma perturbação que desencadeia em cada um de vocês uma mudança estrutural determinada em vocês mesmos, e não no que eu digo e, portanto, não determinada por mim, que somente sou a contingência histórica na qual vocês se encontram pensando o que estão pensando (2002:64).

Silvia

Contudo, enquanto aquela que provoca algumas reflexões, me preocupou ainda mais o que pode representar essa versão que abarca a vida de alguns, da qual não consegui fugir ao tecer o registro da pesquisa, colocando os informantes e as informações, bem como as lembranças, em diálogo.

No entanto, poderia negar à história as peças que compunham o mosaico? Diante do compromisso assumido com a pesquisa, poderia chegar e medrar na “hora H”. Como não dizer?

Ecléa Bosi

Na memória política, os juízos de valor intervêm com mais insistência. O sujeito não se contenta em narrar como testemunha histórica “neutra”. Ele quer também julgar, marcando bem o lado em que estava naquela altura da história, e reafirmando sua posição ou matizando-a (1994: 453).

Silvia

Sim, procurei mostrar e assumir o movimento na minha posição enquanto SilvanoBomJesus e Silviademitada. Houve, ainda, uma tentativa de compreender para além dessa dicotomização de posição, que me esforcei, durante toda a pesquisa, em rever, procurando evitar uma percepção que colocasse em oposição o bem e o mal, na história. Acredito que dei conta dessa tarefa, exercitando o não-julgamento e a não-condenação. No entanto, não posso dar conta da leitura que é feita a partir de tantas constatações.

Minha preocupação, portanto, avançou para além de minha posição quanto à história para o cuidado com as pessoas. Como “descuidar” daqueles a quem fui tão cara a ponto de lhes ouvir confissões,

dúvidas e dividir impasses e inseguranças?

Ecléa Bosi

Não é preciso dizer que o motivo da pesquisa foi explicado com toda a clareza ao sujeito, e que ele sempre teve autoridade sobre o registro de suas lembranças e consciência de sua obra (1994:37).

Silvia

Certamente, Ecléa.

Os entrevistados não costumam aguardar esse movimento de pegar o gravador... Eu achava que não podia chegar com ele na mão. Parecia-me ostensivo. Precisava, antes, pedir autorização (eixo 3: 137).

Contudo, essas pessoas fizeram parte de minha trajetória pessoal, como é o caso do frei José Luiz, de quem me senti obrigada a rever minhas considerações, ainda que no campo discursivo (mas não só). Preciso, aqui, dizer do carinho e da admiração que tenho por ele, ainda que com uma compreensão ampliada de sua forma de ser e estar com as pessoas, para além de mim.

Com essa preocupação, decidi incluir as entrevistas na íntegra (eixo 3), possibilitando que as compreensões possam ser outras para aqueles que, como eu, se debruçarem na tentativa de compreender a história. Outras composições poderão ser pensadas pelo leitor, para além daquela que percebi. Comprometi-me em tecer uma versão da história: "requisito parcial para obtenção do título de mestre". O trabalho árduo e "braçal" de transcrição possibilitou trazer as falas das entrevistas para a tessitura desta história e a composição das conversas.

Mantive, por cuidado, a *transcrição literal*, ou seja, a transcrição o mais aproximada possível daquilo que disse o entrevistado. Ainda que eu tenha percebido algumas brechas que na oralidade são naturais, mas que criam espaços abertos na versão textual, escolhi manter a transcrição dessa forma.

Ecléa Bosi

Faltou-lhes a liberdade de quem escreve diante de uma página em branco e que pode apurar, retocar, refazer. Suas memórias contadas oralmente foram transcritas tal como colhidas no fluxo de sua voz (1994:38).

Silvia

Quando vim a saber da prática de alguns historiadores e jornalistas que devolvem suas entrevistas aos informantes para que a retoquem, já tinha as conversas em fase de conclusão. Gostaria de poder, naquele momento, retomar a etapa das entrevistas que eu havia dada por encerrada, nesta dissertação. Mas havia o perigo de mudanças que *desmontariam* todas as conversas.

Paul Thompson

Os informantes não conseguem resistir à tentação de reescrever a fala original... Podem também eliminar frases e reescrever outras para alterar a impressão oferecida por alguma lembrança (2002: 297-8).

Silvia

Nem posso imaginar! Seria precisar reescrever as conversas... Seria recomeçar. Não havia mais tempo. Não posso deixar de dizer que poderia ser um recomeçar ou um continuar da pesquisa, em que os informantes pudessem ter uma participação mais ativa inclusiva na leitura, elaboração e composição das conversas. Seria incrível! Mas não me era possível neste momento. E, de qualquer forma, tinha a convicção de ter agido com clareza e respeito perante meus entrevistados.

Alex

Não estou sabendo quase nada. Marisa só falou comigo que você está fazendo mestrado e precisava me entrevistar (ib. 116).

Odete

Contou que você está fazendo seu trabalho de mestrado em cima da **transição Canarinhos/Bom Jesus** (id.:88).

Silvia

Eu nem mesmo sei o que você já sabe sobre a pesquisa, pois algumas vezes nós conversamos por e-mail (id.:167).

frei César

Não muito, acho. Mais que você está coletando essas informações de fontes diferentes. Eu não sei em que posso ajudar também (ib.).

Silvia

Na primeira parte do trabalho, escrevi o que finalmente decidimos chamar de "quase um romance". Pretendia ser um romance, mas sei que eu não dei conta. Até porque dependia de mais pesquisa, de ouvir outras vozes, porque só a memória não deu conta.

Na primeira parte do trabalho, escrevi o que finalmente decidimos chamar de "quase um romance". Pretendia ser um romance, mas sei que eu não dei conta. Até porque dependia de mais pesquisa, de ouvir outras vozes, porque só a memória não deu conta.

Até porque dependia de mais pesquisa, de ouvir outras vozes, porque só a memória não deu conta. O romance é uma primeira versão, a versão que eu conto. Aí, eu vou buscar outras versões nessas entrevistas e as pessoas vão contando a sua trajetória no colégio. Num primeiro momento, eu pensei que você contasse sua trajetória. Agora, no decorrer das transcrições, surgiram dúvidas, porque muita coisa não ficava claro para as pessoas. Eu fui coletando essas dúvidas com a intenção de perguntar a você. Então, você podia contar da sua trajetória e, depois, eu tenho um questionário pra você (ib.).

A questão é: o trabalho é sobre a chegada do Bom Jesus no Colégio dos Canarinhos (id.:168).

frei César

Ah, está bom (ib.).

Silvia

Essas entrevistas serão transcritas, então não será usada diretamente essa fala, o que permite que você, no decorrer da entrevista, me peça que não coloque alguma das declarações (ib.88).

Henrique

Mas como pode alguém defender uma tese de mestrado tratando de um assunto de uma gente que apunhalou você pelas costas (id.:42)?

Silvia

No mestrado, eu estou escrevendo a história do Colégio Bom Jesus Canarinhos, [...] E, nessa história, o foco principal é o movimento de mudança com a chegada do Bom Jesus. A idéia foi trazer você[s] para essa conversa, porque eu acho que você[s] t[ê]m algo para falar (id.:116).

Alex

Com certeza. Tenho uma visão sobre o que aconteceu (ib.).

Denise*Nomes (id.:191)?*Silvia

Pode citar, não tem problema. Todos que eu entrevistei citaram à vontade. Agora, se você quiser citar alguma coisa mais delicada e que você prefira que eu não coloque na entrevista, é só pedir (ib.).

prof. Waldemiro

Bem, esse livro eu tenho a impressão de que vai servir para você, para fazer um prólogo de sua dissertação (id.:22).

Lenira

Não, meu filho, a parte técnica ela já fez. Agora ela está fazendo só arremates. Ela vai defender agora, em fevereiro.

Silvia

Não continuarei a discutir essa questão teórico-metodológica pois, caso o faça, essa conversa não terá fim. Mas é certo que, em setembro de 2005, eu imaginava ter a dissertação concluída em fevereiro de 2006. Não consegui.

O período que imaginei estar elaborando as conversas foi todo tomado pelas transcrições - janeiro, fevereiro. Foi um período longo, de muitas horas na frente do computador, com o fone nos ouvidos. Depois da transcrição, pude retomar o trabalho de criação, que tivera seu início com o romance e continuou com as conversas.

No que diz respeito ao trabalho com a memória, muito identifico o meu trabalho com o seu, Ecléa. Não quis fazer uma obra de amostragem, mas compreender um pouco mais das histórias do colégio e das pessoas e, para tal, as entrevistas foram de fundamental importância.

Como digo em uma outra conversa (eixo 2:119), vim a chamar as entrevistas de *metodologia do encontro*.

Ecléa Bosi

O principal esteio do meu método de abordagem foi a formação de um vínculo de amizade e de confiança com os recordadores (1994: 37).

Silvia

Essa amizade, na minha pesquisa, também, busquei nas lembranças. Mas, não só. Alguns dos entrevistados eram mais próximos como Margarete, Letícia, Renata e Denise, pois haviam trabalhado diretamente comigo. Alex era colega de trabalho, mais distante, outro setor. Frei César era o amigo. Odete e Marisa foram parceiras na função de assessoria pedagógica. Por "Tia" Marilda e por Márcio, eu tinha um carinho especial. Prof. Waldemiro era aquela "figura de respeito". Henrique era um conhecido, apenas. Ampliei os vínculos com todos a partir desses encontros/entrevistas, exceto com frei César, pois dúvidas já haviam rompido a relação de confiança. Não bastou a entrevista para recuperá-la.

Clarice Lispector

Basta descobrir a verdade que ela logo já não é mais: passou o momento. Pergunto: o que é? Resposta: não é (1999:85).

Ecléa Bosi

É verdade que, ao narrar uma experiência profunda, nós a perdemos também, naquele momento em que ela se corporifica (e se enrijece) na narrativa.

Porém, o mutismo também petrifica a lembrança que se paralisa e sedimenta no fundo da garganta como disse Ungaretti no poema sobre a infância que ficou:

Arrestata in fondo alla gola come una roccia di gridi

[Presas ao fundo da garganta como uma rocha de gritos] (2003:35).

Silvia

Muito além da tentativa de captura do conhecimento que essas pessoas poderiam dividir comigo, ao romper seus silêncios, compor o eixo 2 em conversas foi, também, um caminho para apresentar com cuidado as incertezas, as contradições, as projeções... que me inquietavam e me provocavam.

Jorge Larrosa

Que podemos cada um de nós fazer sem transformar nossa inquietude em uma história?

E, para essa transformação, para esse alívio, acaso contamos com outra coisa a não ser com os restos desordenados das histórias recebidas (2003:22)?

frei César

Não há mais tanto o interesse de levantar essa história passada do que aconteceu na Província (eixo 3:178).

Silvia

Será?

A HISTÓRIA EM TRÊS TEMPOS

Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim.

Clarice Lispector

Silvia

Decidi não me dedicar a descrever o colégio, até mesmo porque de que colégio eu falaria? A narrativa, no romance, pretendeu dialogar com a história, trazendo três tempos: o tempo de um passado longínquo, quando da criação do colégio e seus primeiros anos; o tempo de um outro passado, quando ainda dirigido pelos franciscanos; e, por fim, o tempo do passado mais recente, quando o colégio vive o conflito produzido pela implantação de uma administração não-franciscana.

Fiz uma tentativa de mapeamento dos tempos e trouxe do *Canarinhos Bom Samaritano*⁹ o que sabia de sua origem.

Fora fundado como Escola Gratuita Franz Liszt nos idos 1898 (eixo 1:6).

Condado, confraria... dos aionistas. Nomes que eram tão freqüentes no Bom Samaritano que sequer as pessoas atentavam para o alcance de cada um deles. Condado, por exemplo, pode ser entendido como uma organização político-religiosa complexa, marcada pela hierarquia, tão a contragosto do que o jovem Aion pregara. Sabia-se que o colégio pertencia ao grupo – chamado Condado – da região Sudeste do país. Esse grupo atacava em várias frentes – colégios, editoras, rádios, paróquias – com o objetivo de evangelizar.

Sem fins lucrativos e sendo beneficente, o Condado conseguia uma série de vantagens governamentais para ampliar suas casas com dinheiro público, bem como promovia campanhas entre os crentes (eixo 1:5).

frei José Luiz

Dentre os Colégios de nossa Província Franciscana, o dos Canarinhos era, por aqueles tempos de 1973, o mais insignificante, tanto que, até pelos anos de 1980, nem sequer era convocado para a assembléia anual dos demais (eixo 3:216).

frei César

O colégio de Petrópolis nem era convidado para as reuniões de colégios da Província, no passado, porque não era considerado, era uma escola gratuita, paroquial, de pouca importância (id.:180)...

prof. Waldemiro

Frei Leto até declara que todo ano havia uma reunião de todos os colégios da província e ele nunca foi convidado. Então, ele chegou à conclusão de que a escola Gratuita São José, a escolinha dele, não tinha a menor importância para a congregação dos franciscanos (id.:6)...

Silvia

Essas falas me fornecem elementos para pensar que a Província não estava preocupada tanto assim com os pobres. Talvez, no início... Pude recuperar, em depoimentos e entrevistas, sinais da trajetória de um comportamento concreto (político, econômico e moral) da Província, que poderia habilitar leitores e eu a assumir uma outra compreensão da relação entre a Província e seus colégios.

Carlo Ginzburg

Pistas talvez infinitesimais permitem captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível (id.:150).

Alex

O Bom Jesus, em Curitiba, era uma máquina bem calibrada, que cheirava a dinheiro, caixa para a Província (eixo 3:124).

Carlo Ginzburg

Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama (1989:151).

frei César

Toda a fraternidade do Sagrado assinou um documento repudiando o modo como as coisas estavam acontecendo, porque os frades, em Petrópolis, escutavam muito das suas amizades, das comunidades, do povo falando de tudo o que estava acontecendo. Então, foi feito esse documento de toda a fraternidade. Até frei Constantino assinou não aceitando, ele que tinha sido aluno do Bom Jesus lá em Curitiba, mas não concordando como as coisas estavam acontecendo aqui em Petrópolis.

Mas, tudo isso foi arquivado em uma pasta e está lá na sede da Província [...] frei Caetano permaneceu quase nove anos à frente da Província, e ele não quis muita discussão em torno disso (eixo 3:176-7).

Carlo Ginzburg

... ramos quebrados (1989:151)...

Odete

Frei César disse que eles viam, que eles vêem o Bom Jesus fazer algumas coisas com que eles não concordam, mas não fazem nada. Esse é o meu grande questionamento. Se a Província é soberana, você tem definidores na Província que estão contra o Bom Jesus, percebia-se naquela época isso, por que não se faz nada? (eixo 3:102).

Carlo Ginzburg

... bolotas de esterco (1989:151)...

frei José Luiz

Tudo aconteceu, porque era desejo da Província ter todos os seus colégios unidos sob uma única direção, para melhor eficiência administrativa e pedagógica e para maior garantia de sobrevivência num futuro incerto (eixo 3:217).

Carlo Ginzburg

... tufos de pêlos (1989:151)...

Teris

Muita gente saiu de lá porque o Bom Jesus não dava desconto quando eram dois ou mais irmãos estudando (eixo 3:232).

Carlo Ginzburg

... plumas emaranhadas (1989:151)...

Corre a boca solta nessa cidade provinciana com telhados de nobreza, que um colégio centenário, negociado pelos franciscanos para um aglomerado particular de educandários de ensino...

Editorial do Jornal Diário de Petrópolis de 27/nov/1999, p. 2. (eixo 3:284).

Carlo Ginzburg

... odores estagnados (1989:151).

Silvia

São denúncias! Não caberá no espaço desta dissertação, no entanto, uma investigação. O que me compete, assim sendo, é, nessa conversa, continuar a caminhada pelos tempos vividos pelo colégio, pois recuperar o tempo em que este passa a ser administrado pela Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom-Jesus Santo Ofício de Educação Aionista é foco privilegiado nessa pesquisa. O romance já apresentou um pouco do que eu sabia.

Amarrado por suas próprias regras, preocupado em violar o seu caráter benevolente, constrangido pelos convites atraentes do mercado e com dificuldades financeiras, o Condado ampliou a ingerência de uma associação de leigos – não comprometidos com os “nós” aionistas da obediência, pobreza e castidade – que veio a assumir a direção dos colégios. Leiga, a Associação Santo Ofício de Educação Aionista podia estar mais à vontade para dirigir o negócio dos colégios (eixo 1:7).

A Associação havia sido criada no âmbito do Colégio do Santo Ofício, nos idos 1955 e agora, com a direção de Pedro Jorge, partiu da idéia inicial do Condecorador de que fossem feitas parcerias entre os colégios e assumiu a direção de todos. Teria sido um plano audacioso de Pedro Jorge criar um grande *pool* educacional ou essa idéia já estava sendo tramada sem o conhecimento sequer da própria Associação (ib.)?

Para dar andamento à grande Associação do Santo Ofício, porém, era preciso que os diretores-freis, seculares em seus

colégios, abrissem mão de sua autoridade única. O nó da obediência foi, então, cobrado com vigor desses freis, exigindo-lhes que deixassem os colégios (id.:7-8).

Decidiu-se a adoção do nome da Associação junto ao nome do colégio, ficando firmado o contrato de subordinação, ainda que velado nesse primeiro momento. O colégio passou a denominar-se *Colégio Santo Ofício-Bom Samaritano* (id.:10).

Não havia como descartar a hipótese de que a Associação viera motivada por interesses econômicos. A excelência dos colégios aionistas foi um fator decisivo na motivação das esferas políticas eclesiais em assumir gerenciar de outro modo essas instituições, como um veio para suprir sua decadência financeira e garantir a sobrevivência do Condado. E essa talvez tenha sido a mudança mais sentida (id.:14).

A Associação do Santo Ofício, entretanto, passou a buscar as famílias de elite como clientela, para atender a um novo patamar de valores de mensalidade e oferta de serviços educacionais "de qualidade", uma linguagem mercadológica que parecia necessária à concorrência com outros colégios que tradicionalmente atendiam aos mais abastados na cidade (ib. 14).

Carlo Ginzburg

Poderíamos comparar os fios que compõem esta pesquisa aos fios de um tapete. Chegados a este ponto, vemo-lo a compor-se numa trama densa e homogênea. A coerência do desenho é verificável percorrendo o tapete em várias direções [...] (1989:170).

Sabrina

O que me dói é que custei muito a ver isso. [...] Hoje, penso que aquela associação é uma confraria de princípios genuinamente empresariais (eixo 1:29).

Marisa

Então, quando surgiu essa coisa da chegada do Bom Jesus, que a princípio foi... isso eu me lembro bem, porque inclusive tem até no jornal (eixo 3:241)... foi por causa da informática, o frei [José Luiz] achou que nós estávamos muito amadores e precisava de uma coisa mais certa, e, como lá no Bom Jesus, eles já tinham toda uma estrutura, dois professores daqui foram para lá junto com frei César. Eles foram lá para ver como que funcionava a informática e trouxeram todas as idéias. E assim, aos poucos, o Bom Jesus foi começando a se chegar aqui para o nosso lado, e aí vinham professores de lá para cá... daqui também começaram a ir professores para lá e começou a haver uma aproximação muito grande, até que eles resolveram chegar em definitivo. Eles quiseram fazer do nosso colégio o Colégio Bom Jesus Canarinhos, mais um colégio Bom Jesus. Na verdade, eu acho assim: os dois freis, tanto frei César quanto frei José Luiz, estavam achando que isso seria uma coisa muito boa para a escola, já que era uma parceria de franciscano para franciscano.

Eles não podiam imaginar que o Bom Jesus estava chegando para tomar conta mesmo, para trazer o esquema deles lá de Curitiba para aplicar aqui em Petrópolis, que era uma realidade tão diferente (eixo 3:36).

Silvia

Você se refere a "uma parceria de franciscano para franciscano". Esse foi um tema bastante recorrente e nebuloso nas entrevistas.

Carlo Ginzburg

Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la. Essa idéia [...] constitui o ponto essencial do paradigma indiciário (1989:177).

Mas, pode um paradigma indiciário ser rigoroso? A orientação quantitativa e a antiantropocêntrica das ciências da natureza a partir de Galileu colocou as ciências humanas num desagradável dilema: ou assumir um estatuto científico frágil para chegar a resultados relevantes, ou assumir um estatuto científico forte para chegar a resultados de pouca relevância (id.:178).

Silvia

Dessa forma, o paradigma indiciário torna-se mais um dos "caminhos" de investigação, através do qual o mistério das realidades constitui-se num dos fios do tapete de significados da história adquirindo um *novoo* outro sentido. Retomo, por hora, os indícios que apontam o conflito entre franciscanos e Bom Jesus.

No romance, uma conversa entre Sabrina e um gestor deixam em evidência um sinal.

– Entendo você, Sabrina, mas quero que saiba que não temos tempo para ficarmos amiguinhos. Precisamos tomar posições. Você precisa assumir de que lado você está, de que lado você quer ficar.
 – Não estou entendendo.
 – Vim indicado para essa função, pois já resolvi situações de conflitos em várias instituições da Associação. Sou pessoa de plena confiança do Pedro Jorge e estou aqui para acabar com os problemas que a Associação vem tendo com o colégio. Identificarei quem está contra a Associação e preciso saber se você está do meu lado ou do lado dos freis (eixo 1:37).

OUTRAS CORES E DORES

Márcio

Nessa época, a gente percebia nitidamente que era como se fosse uma... disputa. Grupo de gestores questionando de um lado, franciscanos questionando do outro. Então, foi uma época de conflito entre esses dois grupos. Os gestores – eu percebia isso – questionavam o modo de administração dos franciscanos; por outro lado, os franciscanos questionavam esse modo de administração muito dura e sem muita humanidade por parte dos gestores. Essa guerra dava pra perceber, assim, nitidamente (eixo 3:29).

Anibal

O Bom Jesus veio para quebrar os padres (id.:220).

Silvia

Até mesmo a ata do Departamento de Educação da Província (eixo 3:287) aponta esse conflito! Em uma proposta dos frades do colégio, eles dirigem-se ao frei Guido solicitando a recuperação do papel dos franciscanos na instituição (id.:293) e ainda, em um outro documento, os frades elaboram pontos a serem conversados com o visitador da província, e em análise da situação, escrevem que se sentem indesejáveis no processo (id.:295).

Esses indícios parecem apontar que os freis do colégio ocupam, na história, nesse tempo da chegada do grupo Bom Jesus, um espaço de submissão.

Marisa

Ah, deixa eu falar agora uma coisa que eu me lembrei. Porque eu continuo amiga dos professores de lá... o pessoal do ensino médio... Os livros de literatura que os alunos estão lendo, têm que ler, são os livros que são pedidos no vestibular de Curitiba, não tem nada a ver com o vestibular da nossa região. Então, vem a ordem de lá de que os alunos daqui têm que ler (id.:45).

Fred

O Bom Jesus prepara para vestibulares do Sul. Estamos no estado do Rio (id.:228).

frei César

Eu nunca me manifestei como contrário ao Bom Jesus e às propostas que vinham de lá, para os

QUEIMA DE ARQUIVO NO JOGO DO PODER

professores, para os alunos, até porque eu era diretor e representava... com cada vez menos poder de ação, até o ponto em que eu não tinha mais nenhum poder de ação, as coisas aconteciam e eu não estava mais sabendo de nada (id.:174).

Odete

Então, eu acho que o próprio Bom Jesus quis queimar frei César. Porque, se ele anunciou um aumento de salário, foi autorizado por alguém. Então, a gente vai deixar, ele vai dizer que vai aumentar e depois, vai ter que voltar atrás. Então, ele foi obrigado a fazer umas coisas, até contra ele mesmo. Que não tinham nada a ver com ele, mas que ele era obrigado a fazer (id.:102).

frei Augusto

Eu tinha ficado sem argumento. Eu tinha prometido o aumento com o consentimento deles. Depois eles disseram que não tinham prometido nada. E não abriam a administração de forma alguma. Eu não administrava o dinheiro, mas as pessoas não sabiam disso. Afinal, eu era apresentado como o diretor (eixo 1:11).

Denise

A gente teve que aceitar o que veio imposto, o que veio pronto para a gente (eixo 3:192).

frei César

Foram vindo mais funcionários de Curitiba e eu percebi, um pouco, nesses funcionários, um certo preconceito com os antigos funcionários canarinhos, transparecia em algumas conversas um preconceito com o Estado do Rio de Janeiro. Parecia que Curitiba é que era o centro cultural, intelectual do mundo (id.:172).

Guilherme

Parecia que os que vieram de Curitiba trabalhavam com um manual de instrução. Era muito difícil resolver qualquer problema com eles. Eram muito frios (id.:225).

frei Augusto

Isto me angustiava muito em Serrano. A forma como me olhavam, esperando que eu fizesse alguma coisa. Mas a situação era maior do que eu. Eu não tinha apoio do Condado, não tinha poder para fazer (ib.:19).

Carregada de pistas sobre um comportamento reduzido à obediência, continuo o “caminho” e encontro outros indícios que revelam outras faces da história.

O FREI

De uma coisa eu tenho certeza: essa narrativa mexerá com uma coisa delicada: a criação de uma pessoa inteira.

Clarice Lispector.

Dramas e tramas da história trazem os tempos em um ir e vir, buscando enlaçamentos entre o passado mais recente, em diálogo com o passado mais passado. Frei José Luiz Mariano é figura que esteve presente em “dois dos tempos” da história que narro – só não estava presente na fundação do colégio – e falar dele é fazer esse movimento de entrelaçar os tempos.

Figura temida, respeitada e amada, frei Mariano visitava, periodicamente, os corredores do colégio para marcar sua presença como diretor. Seus 20 anos à frente do Bom Samaritano haviam-lhe reforçado o autoritarismo com que direcionava determinadas questões, deixando claro que sua palavra era inquestionável e suas decisões deveriam ser acatadas. Sua postura empertigada deixava no ar a pergunta sobre o porquê de tanta altivez, com a possível resposta, acompanhando o meio sorriso, de que seria orgulho de ver a própria obra – coral e colégio – caminhando tão bem (eixo 1:3).

Marilda

As pessoas que chegam já vêem o Bom Jesus aquilo ali e ficam satisfeitas. Uma maravilha das maravilhas, como tem muita gente que acha. Por quê? Não conheceu o Canarinhos de verdade. Não conheceu frei José Luiz com todo aquele jeito dele brabo lá, batendo o pé quando estava zangado. Não conheceu César, não conheceu Waldemiro... a quantidade de bolsas de estudo... Como frei José Luiz ajudou os funcionários financeiramente! Os funcionários levavam dinheiro dele na conversa. E não pagavam nunca (eixo 3:52).

Silvia

Ele era durão e bonzinho ao mesmo tempo (ib.).

Marilda

É! Ele era uma pessoa que você chegava nele, conversava com ele e conseguia convencê-lo. Ele queria mandar um embora. Você conversava e convencia. Aquela pessoa que agora há pouquinho era cheia de defeitos, já era cheia de qualidades. Eu sei, porque eu cansei de ir lá para defender professor (ib.).

Margarete

Foi muito legal a época em que o frei estava ali no comando, apesar de ele ser uma pessoa rígida, às vezes de mau humor. Ele não mandava recado. Ele falava na cara. Mas era gostoso, porque você sabia que o colégio andava. Tinha uma disciplina, tanto para os alunos quanto para os professores, para os funcionários, e era uma coisa que, apesar de você ter medo – porque a gente tinha medo –, receio, sei lá, cada um pensa como quiser, era gostoso (id.:61).

O RETRATO DE UM “PAI” DE MUITOS “FILHOS”: PARANOIA OU MISTIFICAÇÃO?

Denise

Do frei José Luiz eu me lembro bem: rígido, sério [...] Isso eu me lembro: frei José Luiz tinha uma vontade muito, muito grande de fazer o colégio crescer e estava sempre presente, com a gente, tratando muito bem (id.:198).

Simone

O frei José Luiz foi a figura mais importante pra mim, como educador, formador e sempre ensinou-nos a ter disciplina (id.:226).

Letícia

O frei José Luiz, que era uma pessoa assim... é... como eu vou dizer... exigente (id.:80).

Alex

A rudeza do frei José Luiz. Isso me chamava muito a atenção (id.:120).

Henrique

Eu sabia o canalha que ele era e, ao mesmo tempo, o canalha que não era (id.:38).

Alex

Frei José Luiz Prim [era] arrogante, porque ele era ao extremo. Você tinha que saber com que humor ele estava no dia. Isso é um absurdo. Isso é um disparate. As pessoas não têm que se adaptar ao outro dessa forma (id.:121).

Margarete

Apesar de toda grosseria do frei José Luiz... era uma coisa legal! [...] Mas frei José Luiz, ele valorizava o profissional. Ele estava sempre a favor do professor. O professor é a autoridade, mesmo que ele esculachasse o professor. Porque, às vezes, ele esculachava na frente do aluno, não é? Uma vez, aconteceu isso com a professora de música na frente da minha sala. Nossa Senhora. Coitada da menina! Ele esculachou a professora na frente da turma.

– Se você continuar dessa forma, você vai ser mandada embora.

Aí, eu entrei para saber o que tinha acontecido e as crianças falaram que o frei falou isso, assim, assim, porque ela estava fazendo isso, assim, assim, assim. Ele esculachava, mas era diferente. Ele esculachava aqui, mas ali ele dava a mão. Se você precisasse, ele dava a mão (id.:71).

Silvia

Frei José Luiz, o bom carrasco...

Maria

Elemb a? Ele a a a no co edo e iando o e e a a acon ecendo. A gen e dando a la e, o io , e e ele n o e a ad fo a n o, elej e a a ali do e lado. Ele en a a o a aden o e, ando oc ia, ele e a a ali do e lado (id.:154).

Margarete

O frei passava toda hora na sala, ele se materializava... Eu até falei isso, não é? Ele não pedia licença, ele se materializava dentro da sala (id.:75).

Henrique

Ele devia ter usado essa capacidade dele de ser o líder, de ser o diretor da escola, para unir mais os professores, e não para atemorizar (id.:54).

Silvia

Não quero aqui desmerecer todas as ações que fizeram do frei José Luiz *uma figura mitológica*^o. Percebo, no entanto, em muitas falas, a idealização da figura dele, pois, ainda que percebam os mecanismos de dominação subjacentes em muitas das atitudes dele, não se incomodam e as autorizam, inclusive.

Adriana Zilberman

A idealização também é um dos mecanismos amplamente utilizados pelas pessoas em luto, que passam a tratar e referir-se à pessoa morta como imaculada, perfeita, o que dificulta a conexão com os sentimentos ambivalentes presentes neste processo, que incluem: raiva, tristeza, culpa, compaixão, dentre outros (2003).

Silvia

Uma referência incrível para pensar essa idéia é o conto "O peru de Natal", de Mário de Andrade, em que a possibilidade de transpor a lembrança do pai déspota para uma imagem imaculada permite que a família possa recuperar a harmonia familiar após sua morte. Não que frei José Luiz tivesse morrido, mas foi distanciado, "apagado" pela Província e passou a viver nas lembranças nostálgicas de um passado que não mais existia ou sequer existira.

Meu pai fora de um bom errado [...]

Naquele instante que hoje me parece decisivo da nossa família, tomei aparentemente o partido de meu pai. Fingi, triste: — É mesmo... Mas papai, que queria tanto bem a gente, que morreu de tanto trabalhar pra nós, papai lá no céu há de estar contente... [...]

A imagem dele foi diminuindo, diminuindo e virou uma estrelinha brilhante do céu. Agora todos comiam o peru com sensualidade, porque papai fora muito bom, sempre se sacrificara tanto por nós, fora um santo que "vocês, meus filhos, nunca poderão pagar o que devem a seu pai", um santo. Papai virara santo, uma contemplação agradável, uma inestorvável estrelinha do céu. Não prejudicava mais ninguém, puro objeto de contemplação suave (Andrade, 1964:23).

Alex

Eu acho que o colégio era franciscano pelas pessoas que faziam o colégio, e que não era ele. Ele [frei José Luiz] era o diretor. Porque a gente pode dar nome de franciscano ou qualquer outro nome. Na realidade, é uma questão apenas de nomenclatura. O que Francisco colocou de maneira muito contundente? "Viver como irmãos." E viver como irmãos, naquele momento do Canarinhos, independia do fato do diretor não ser franciscano, não ser irmão.

Ninguém tinha ele como irmão. Tinha como diretor. Mas ele era autoritário, profundamente autoritário. [...] Então, qual o motivo que eu tenho para gostar desse cara? Nenhum.

Mas as pessoas não fazem essa trajetória. As pessoas necessitam de um líder, de alguém que encaminhe (eixo 3:131).

Silvia

A mim incomoda pensar que idealizei tanto o frei José Luiz Mariano. Vivo esse processo de reconhecer suas atitudes rígidas em excesso, mas trago dele a lembrança de um homem exemplar, com pulso, com atitude, seguro, audaz.

Não quero deixar em minha pesquisa uma imagem negativa de uma pessoa de quem gosto tanto... "O que fazer?", pergunto-me, e me vêm à lembrança as palavras de Lourdes Tura, minha ainda orientadora por consideração e carinho, de que eu iria "mexer" com pessoas de quem eu gostava muito. Na entrevista para a entrada no mestrado, ela me perguntou se estava preparada. Não me lembro da resposta que dei,

^o Faço referência aqui a uma comunidade Orkut com esse nome, homenageando frei José Luiz.

mas dói agora.

Percebo-me, então, em busca de recuperar a imagem do Frei que quero guardar.

Frei Mariano viera para o Bom Samaritano por volta de 1970, para auxiliar frei Johannes, diretor do colégio, fundador e regente do Coral Bom Samaritano de Meninos Cantores. Sua chegada garantiu novo fôlego ao coral e os dois regentes ainda tiveram oportunidade de trabalhar por um bom tempo juntos, chegando a realizar a primeira viagem do coral ao exterior. Frei Mariano deu continuidade à repercussão internacional que o coral alcançou, garantindo novas viagens internacionais. Foi ele, também, que deu andamento à obra da sede do colégio e do coral, iniciada por frei Johannes, que muito se orgulhava da compra de um terreno maravilhoso em um local bastante central e aprazível para essa construção (eixo 1:3).

prof. Waldemiro

Frei José Luiz encontrou muita coisa plantada (eixo 3:16).

Silvia

Ele fez um trabalho de continuidade, é isso (ib.)?

Lenira

É... exatamente isso (ib.).

prof. Waldemiro

E com muita competência, também. Porque ele teve que fazer das tripas coração. Conseguiu verbas do Ministério... fez viagens à Europa (ib.).

Lenira

É... ele foi muito lutador. (ib.).

A conversa termina mais a [meu] contento, no entanto, fico a pensar que poderia ter trazido o Frei, também, para a conversa. Repenso, imediatamente, tentando protegê-lo, mais uma vez. Resolvo, então, pedir, ao menos, que ele se apresente.

frei José Luiz

Meus 28 anos de atividade nos “Canarinhos” de Petrópolis iniciaram em 1973 e terminaram no ano de 2000, durante minha idade de 38 a 65 anos. No Instituto dos Meninos Cantores, dirigi o Coral dos Canarinhos, símbolo e alma de toda a Instituição. [...]

Como músico que sou, ao assumir a direção dos Meninos Cantores, em 1973, dei continuidade aos rumos e à filosofia que o grande fundador do Instituto imprimiu à sua obra, formando uma escola voltada para o ensino de canto coral artístico a Meninos Cantores. [...]

Procurei imprimir ao Colégio uma filosofia de cunho franciscano, isto é, fazer da escola uma comunidade voltada em primeiro lugar para a pessoa humana com seus valores, vendo os semelhantes como filhos de Deus, como nossos irmãos, como cidadãos dignos de todo o respeito e apreço. [...]

Concluo afirmando que me sinto feliz pelo tempo que passei nos Canarinhos, pelo amor e as energias que dediquei a esta Entidade que guardo no coração. Valeu a pena (id.:215-7).

A FAMÍLIA COMO METÁFORA

Cuide do sentido, que os sons cuidarão deles mesmos.

Alice no país das maravilhas, Lewis Carroll

Carrego comigo na memória a expressão “família Canarinhos”, reforçada frequentemente nas falas do frei José Luiz, lembrança essa recuperada no romance. Buscando ir além da compreensão de quem viveu, quis dar à **família** um *status* de tema de estudo. Como pesquisadora, chamei de metáfora pensando em buscar compreender como foi elaborada no cotidiano do Canarinhos.

Frei Mariano sempre quisera dar ao Bom Samaritano um aconchego de lar. Todos deveriam fazer parte da família do colégio e ele representava o poder do *pater-familiae* (eixo 1:13).

Frei José Luiz

Fomos uma família no Colégio dos Canarinhos (eixo 3:218).

Renata

Quando era Canarinhos, eu achava que era mais família. As pessoas eram mais entrosadas, era uma coisa menor. A gente conhecia mais as pessoas e interagia melhor (id.:111).

Márcio

Porque as coisas se resolviam ali entre as pessoas; se tinha algum problema, alguma situação, as pessoas conversavam ali entre si. Não era uma coisa que se chamava dentro do gabinete e dentro do gabinete que se resolve, como se fosse uma coisa de escritório. Eu acho

rinhos. Éramos todos, no fundo, uma força de família, ligados à igreja católica, com aquelas famílias todas. [...] Havia uma sintonia, como se fosse uma sintonia universal pairando sobre todo Colégio dos Canarinhos (id.:144).

Guilherme

Durante a época de Canarinhos, embora eu fosse meio novo, lembro de um ambiente muito familiar (id.:225).

Denise

...época Canarinhos família, que era muito boa (id.:199).

Simone

Era como uma segunda casa. Eu adorava ficar lá e não tinha pressa de ir embora. Os inspetores (Geraldo, Paulo e seu Orlando) eram como nossos “tios”, conheciam todos nós (id.:226)!

Isabela

O Canarinhos trabalhava um lado emocional e de família muito forte que o Bom Jesus não liga muito (id.:231).

Henrique

Uma discrepância de quintais, não é? Nosso grupo aqui é família. A gente se conhece. O que os caras vieram fazer aqui? Vieram nos separar? Não conseguiram! Conseguiram acabar com a escola (id.:145).

Margarete

Parece que essas pessoas trouxeram energias negativas. A competição e a falsidade passaram a ser prioridade para algumas pessoas que ali trabalhavam. Aquela família já não existia mais. Ela foi dissolvida por essa energia e aos poucos fui vendo tudo acabar. Desfizeram a nossa família (id.:60)...

Henrique

Perdeu-se uma escola família, ganhou-se uma escola empresa, uma escola de denúncia (id.:140).

Silvia

Até aqui suas falas se entrelaçam e corroboram minhas lembranças. Poderia inferir que a metáfora família é adequada, tendo visto que guarda uma relação de semelhança entre o sentido próprio e o figurado.

Paulo Sgarbi

Esta figura de linguagem cria um significado para além do significado da(s) palavra(s) usada(s) para a sua criação, mas guarda, no sentido criado, o(s) sentido(s) da(s) palavra(s) original(is) e, como nos coloca Fairclough (2001:241) pressupõe uma escolha, pois criamos uma metáfora e não outra. Apenas como esclarecimento, trago os exemplos do Dicionário Aurélio Eletrônico: [Por metáfora, chama-se raposa a uma pessoa astuta, ou se designa a juventude primavera da vida.]. Não se chamaria uma pessoa astuta de raposa se a astúcia não fosse uma característica do pequeno animal (2005 art 2:19).

O mundo é coberto de signos, que é preciso decifrar, e estes signos, que revelam semelhanças e afinidades, não passam por eles próprios, de formas da similitude. Conhecer será, pois, interpretar: ir da marca visível ao que se diz

Paulo Sgarbi

Lekoff e Johnson, ao estudar as metáforas do cotidiano, estabelecem relações entre elas e a verdade, e dizem que o que está em questão não é a veracidade ou falsidade de uma metáfora, mas as percepções e inferências que a acompanham e as ações sancionadas por ela. Já [você] Norman Fairclough comenta que algumas metáforas são tão profundamente naturalizadas no interior de uma cultura particular que as pessoas não apenas deixam de percebê-las na maior parte do tempo, como consideram extremamente difícil escapar delas no seu discurso, pensamento ou ação, mesmo quando se chama sua atenção para isso (2005 art 4:3-4).

Norman Fairclough

A metáfora tem sido considerada tradicionalmente como um aspecto da linguagem literária, especialmente da poesia, com pouca relevância para outros tipos de linguagem. Trabalhos recentes sobre metáforas têm sugerido fortemente que isso não é verdade. As metáforas penetram em todos os tipos de linguagem e em todos os tipos de discursos, mesmo nos casos menos promissores, como o discurso científico e técnico. Além disso, as metáforas não são apenas adornos estilísticos superficiais do discurso. Quando nós significamos coisas por meio de uma metáfora e não de outra, estamos construindo nossa realidade de uma maneira e não de outra (2001:241).

Silvia

Quero apenas apontar que a idéia de metáfora que mantive parece-me importante para compreender o mundo enquanto operação cognitiva e conceitual, isto é, acredito que o mundo social é, em grande medida, construído discursivamente e que, portanto observar as práticas discursivas dos entrevistados me ajuda a compreender sua forma de inventar a vida, no caso, cotidiana no Colégio dos Canarinhos.

Entretanto, os "laços de família" ultrapassavam, em muito, os espaços cotidianos de convivência dentro do colégio.

LAÇOS DE FAMÍLIA

*Esta família é muito unida,
e também muito ouriçada,
brigam por qualquer razão,
mas acabam pedindo perdão.
Pirraça pai, pirraça mãe, pirraça filha,
eu também sou da família,
também quero pirraçar.
Catuca pai, catuca mãe, catuca filha,
eu também sou da família,
também quero catucar.*

A grande família, Tom e Dito.

Cabe aqui falar sobre as relações familiares que se encontravam imbricadas nas "relações trabalhistas" percebidas dentro do Condado. Não deixa de ser curioso pensarmos que frei Mariano era tio de frei Augusto e sua mãe era prima do tio do Pedro Jorge, logo ela era prima em segundo grau de Pedro Jorge. Poderíamos dizer que frei Mariano era primo de Pedro Jorge? E se frei Mariano era primo de Pedro Jorge e tio de frei Augusto, o que seria frei Augusto de Pedro Jorge?

E ainda cabe saber que o tio do Pedro Jorge era um arcebispo, o que dava a ele uma certa autoridade dentre os aionistas, mesmo não sendo da Confraria. Será que o tio de Pedro Jorge era alguma coisa do frei Augusto, também? Contudo, curioso mesmo é pensar que esses "laços de família" só vieram a incomodar Sabrina muito tempo depois, ao olhar para trás e tentar reconstituir a história [...].

Previstos ou acontecidos, os parentescos favorecem laços de confiança (eixo 1: 6).

Silvia

Curioso mesmo é pensar que esses laços de família nunca incomodaram. Passavam despercebidas as possibilidades de conjugalidades que, longe de ser ficção, estão inseridas nessas relações "trabalhistas".

Talvez, teria sido mais adequado usar a expressão parentesco, ao invés de me referir à família, cuja constituição ultrapassa a relação de co-sangüinidade e, genericamente, refere-se a um resultado da convivência.

Não irei me aprofundar nessa discussão, no entanto, pois não estou a buscar uma abordagem que contribua para a compreensão dos aspectos de constituição e desenvolvimento da família. Apenas, estou reforçando algumas pistas, marcas que foram sendo deixadas pelo caminho que ora estou a trilhar. E me pergunto se o nepotismo não é uma das marcas constitutivas dessa história.

O dicionário Aurélio ainda me provocou mais ao apresentar "Autoridade que os sobrinhos e outros parentes do Papa exerciam na administração eclesiástica" como um significado para nepotismo. Precisei entender mais essa "história".

Luiz Santos e Regina Cardoso

A origem etimológica da palavra deriva de nepos, que significa neto, descendente ou sobrinho aglutinando-se como nepotismo (nepote + ismo), que se traduz na “atitude de alguns papas que concediam favores particulares a seus sobrinhos...”.

A prática, nessa acepção, teve início com Alfonso de Borja, em italiano Borgia, que recebeu o cognome de Calixto III. Esse papa beneficiou a seu sobrinho Rodrigo Lançol y Borgia, que também veio a assumir o papado sob o título de Alexandre VI. Informa ainda o Prof. Borja:

“Rodrigo de Borja teve várias amantes e filhos. Com Vanezza Catanei teve quatro, entre os quais César Bórgia (a quem Maquiavel homenageia em O Príncipe), ao qual nomeou cardeal em 1493. Um ano depois de assumir o pontificado tomou uma nova amante Julia Farnesio, com quem teve mais filhos. Assim, com um grande número de filhos, atribuiu-lhes vários territórios da Igreja. Seu nepotismo chegou ao paradoxismo quando, mediante bula fechada em 1º de setembro de 1501, concedeu a seu neto com somente dois anos, filho de Lucrecia, o Ducado de Sermaneta em que situa-se a cidade de Albano. Esta é a história de dissolução e corrupção que jaz indelével no conteúdo conceitual que denota a palavra nepotismo” (2004)

Silvia

Não pude deixar de imaginar que relações se deram entre Dom Paulo Evaristo Arns e seu sobrinho, Paulo Arns da Cunha ...

Que poder franciscano é esse que Paulo Arns, o sobrinho, tem?

Dom **Paulo Evaristo Arns**, arcebispo emérito de São Paulo, sempre fala com muito orgulho e carinho, em seus depoimentos acerca da família, sobre os seus 12 irmãos, sete mulheres e cinco homens.

Fonte: Jornal O SÃO PAULO - Edição 28/06/06;

<http://www.arquidiocese-sp.org.br/cpub/pt/jornal/home.php> (pesquisa feita em 12/07/2006).

Dom **Paulo Evaristo Arns** nasceu em Forquilha (SC), aos 14/9/1921. Desde cedo recebeu influência da figura de São Francisco de Assis graças aos pais Gabriel e Helena, à família e à comunidade de colônia. Como os dois irmãos mais velhos, ingressou no seminário franciscano de Rio Negro (PR), aos 12 anos. Em 1939, recebeu o hábito franciscano e foi ordenado padre aos 24 anos, em Petrópolis (RJ).

Depois de doutorar-se pela Universidade de Sorbonne, Paris, em 1952, retornou ao Brasil e atuou como professor universitário e **capelão do povo carente dos morros de Petrópolis** até meados de 1966, ano em que o papa Paulo VI o nomeou para o episcopado.

Fonte: Paulinas On line; <http://www.paulinas.org.br> (pesquisa feita em 12/07/2006).

prof. Waldemiro

Na época, frei Evaristo, hoje Cardeal Dom Evaristo Arns - ele que nos casou - frei Evaristo, grande cabeça, ele tinha registro, ficou sendo diretor pedagógico. Frei Leto era diretor administrativo... Frei Evaristo só assinava os documentos... Não, então ele era o diretor administrativo e o pedagógico que era frei Leto. Acho que eu tinha falado o contrário antes (eixo 3: 10-1).

Silvia

É interessante olhar para a história ampliando a lente e alcançando outros tempos. Assim como Dom Evaristo, há muito os franciscanos vinham passando por Petrópolis em seu processo de formação, pois lá era o curso de filosofia, etapa obrigatória.

Muitos desses jovens que estavam em formação para seguir a “carreira” religiosa acabavam tendo alguma ligação com o Colégio dos Canarinhos que, nos idos tempos, ficava ao lado do convento franciscano. Também eram esses freis, em formação, geralmente, os professores de ensino religioso no colégio.

Alguns vinham a colaborar no grupo de cantores do coral. Foi assim que frei César disse ter-se aproximado do colégio (id.:167). Independentemente das razões, seu parentesco com frei José Luiz era de "domínio público".

Alex

Frei José Luiz Prim até patrocinou a entrada dele como diretor, foi apadrinhado, até por ter um grau de parentesco entre eles [...] A avaliação que eu faço hoje é de que seria uma pessoa fácil de se manobrar: jovem, relativamente parente (id.:118)...

A informação oficial era de que frei Augusto fora indicado pelo Condado para ajudar frei Mariano, que estava sozinho na direção do colégio. Sem motivo para defesa, todos receberam frei Augusto, que era sobrinho de frei Mariano (eixo 1: 3).

Silvia

Essa questão foi colocada abertamente na entrevista (eixo 3:181), tendo sido negada por frei César a possibilidade de ter sido "escolhido" por parentesco. Imagino que ele possa acreditar nisso, não nos impedindo de fazer uma outra reflexão a respeito: tirar frei José Luiz de seu posto seria bem mais fácil colocando um parente ali, em quem ele pudesse confiar. Isso poderia ter sido pensado por uma outra instância.

Pais: José Egídio PRIM [P2256] & Mathilde SCHMITT
Um dos filhos: José Luiz PRIM

Fonte : <http://www.cruiser.com.br/familiasens/f745.htm> (pesquisa feita em 12/07/2006).

O parentesco de frei César e frei José Luiz, longínquo ou não, existia, na medida em que ele próprio explica essa relação em e-mail enviado para esclarecer essa minha dúvida:

Meu nome completo: César Kùlkamp. Não tenho nenhum outro sobrenome registrado.
Minha mãe tem o sobrenome Prim, igual ao do Frei José Luiz.
Meu avô, ainda vivo, disse que existe um parentesco, mas é bem distante. Mas, a família Prim é muito numerosa e está presente em muitos lugares. A família do meu avô e a do Frei José Luiz se conheciam sim, desde Santo Amaro da Imperatriz e migraram para Ituporanga, devido ao surto de malária. Mas, na verdade, não tinham relacionamento entre si.
Em todo o caso, se houver algum parentesco, o mesmo o é entre o pai do Frei José Luiz, José Egídio Prim, e o meu avô, Otto Prim.
Espero que tenha ajudado em alguma coisa e não confundido ainda mais a sua cabeça.

Abraços,
César.

Retomando os laços entre os Arns, uma outra forma de compreensão para o aparente nepotismo não poderia ser a busca da lealdade e do empenho dos participantes, "garantindo", pelo parentesco, o sucesso do empreendimento "pastoral"?

Esse tipo de empreendimento é uma marca das famílias religiosas, das quais, por razões ligadas a esta pesquisa, destaquei a família Arns e a relação entre Frei José Luiz e seu sobrinho Frei César.

A história do clã:

Os pais:

Gabriel Arns (1890-1965) – o patriarca da família, fundou Forquilha (SC) e era uma espécie de juiz de paz na região. Sempre que havia uma briga, os colonos o chamavam para resolver a situação.

Helena Steiner (1894-1974) – gerou 14 filhos. Era profundamente religiosa e, na comunidade, atuava como uma agente de saúde, medicando e orientando os moradores da colônia

Os irmãos vivos:

• Maria Gabriela Arns, 84 anos – freira e alfabetizadora.

- Paulo Evaristo Arns, 83 anos – primeiro Arns a chamar a atenção do Brasil.
- Otilia Arns, 81 anos – não casou, mas, mesmo assim, adotou seis crianças. Ajuda na Pastoral da Criança.
- Maria Helena Arns, 79 anos – freira, assessora nacional da Pastoral.
- Hilda Arns, 77 anos – freira, coordenadora da Pastoral na diocese de Criciúma.
- Felipe Arns, 76 anos – engenheiro, fundou e integra o conselho diretor da Associação Nacional de Amigos da Pastoral da Criança (Anapac), que articula colaborações de empresários.
- Max José Arns, 75 anos – o mais discreto dos Arns. Esposa e filhos do produtor rural atuam como voluntários da Pastoral.
- Ida Arns, 73 anos – atua na Escola Ecológica Bom Jesus da Aldeia, em Campo Largo (PR), fundada pelo seu irmão Crisóstomo.
- Zilda Arns Neumann, 69 anos – a médica idealizou e coordena a Pastoral da Criança.
- Zélia Arns, 66 anos – ex-professora, mãe de Paulo Arns da Cunha.

Os irmãos mortos:

- João Crisóstomo Arns (1915-2002) – fundou o Colégio Bom Jesus da Aldeia. Dirigiu escolas e internatos, construiu colégios e foi professor universitário. Também ajudou a Pastoral da Criança Irmã Arns (1916-1917).
- Osvaldo Arns (1918-1997) – professor, foi reitor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
- Bertoldo Arns (1932-1998) – foi engenheiro de minas em Criciúma. Sua viúva, Lizolda, colabora com a Pastoral da Criança em Forquilha. Uma de suas filhas, Rosane, presidiu a Anapac local. Outra filha, Liane, construiu na cidade o centro regional de treinamento da Pastoral.

Fonte: Jornal de Santa Catarina <http://www.portaldovoluntario.org.br> (pesquisa feita em 12/07/2006).

Silvia

A força da família Arns na Pastoral da Criança é inegável. Sua força no Colégio Bom Jesus também o é. Um ponto de encontro entre Bom Jesus e Pastoral da Criança e suas intenções de um belo trabalho com crianças está nas figuras dos irmãos Zilda Arns e frei João Crisóstomo, este já falecido.

AFESBJ – Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus, continuando a história de expansão e luta dos franciscanos no Brasil, é fundada em 1955. É a entidade mantenedora das instituições de ensino Bom Jesus. Entre os fundadores estão frei Cipriano Chardon, frei Martinho Mayer, frei Justino Gerardi, frei João Crisóstomo Arns, frei Otávio Schneider, frei Pedro Vier e frei Otmar Suk.

Fonte: <http://www.bomjesus.br/grupo/nossa.asp> (pesquisa feita em 12/07/2006).

A relação entre esses dois empreendimentos é uma versão da história que não pôde ser comprovada, deixando no ar a possibilidade de um desentendimento familiar que tenha dividido a potência da família em dois caminhos.

O que levaria a crer na possibilidade do desentendimento é:

- a fala de frei César (eixo 3: 181-2);

- o fato de Ivan Mesquita Küster ter conseguido emprego no empreendimento "Pastoral da Criança" no momento em que é descartado do empreendimento Bom Jesus.

Como assumo a idéia de Carlo Ginzburg (1989) a respeito do paradigma indiciário, procuro manter-me dentro de uma abordagem detetivesca que tudo questiona.

Nesse sentido, preciso, também, inferir possibilidades de entendimento e parceria entre os empreendimentos. Poderia pensar em um certo acordo entre Ivan Küster e os empreendimentos citados.

Vem-me a pergunta: A Pastoral da Criança, coordenada por Zilda Arns, teria modos de gerenciamento que passam por caminhos semelhantes àqueles que segue sobrinho Paulo Arns, na gestão do sistema Bom Jesus?

Essa possibilidade de versão fica "quase" que inviabilizada pelas indicações de reconhecimento do empenho e das ações da Dona Zilda.

Indicada no ano passado ao Prêmio Nobel da Paz (será novamente este ano), a doutora Zilda, ou dona Zilda – como é chamada em algumas comunidades –, é uma líder nata, que inspira tranquilidade, firmeza e doçura. Viúva, ela tem

cinco filhos, oito netos e é irmã de algumas das maiores personalidades da vida religiosa brasileira: dom Paulo Evaristo Arns e dom Crisóstomo.

<http://www.educacional.com.br/entrevistas/entrevista0095.asp> (pesquisa feita em 12/07/2006).

Não vou responder a essa questão, contudo. Deixo as pistas registradas apenas. Cabe pontuar o comportamento do Sr. Ivan Mesquita Küster durante sua estada no Colégio Bom Jesus Canarinhos.

frei César

Não sei qual era a intenção dele nesse processo todo. Depois, eu fui vendo, acho que havia uma intenção de recuperar o controle por parte do Bom Jesus [...]Acho que a atitude dele foi também bastante desonesta (eixo 3:173).

Odete

Era uma pessoa extremamente prepotente, arrogante. Ele achava que era a pessoa capaz e o que ele fazia era o certo, o que ele determinava que era certo, sem levar em **consideração as diferenças de cada Estado, de cada colégio (id.:91)**.

Marisa

Foi como se fosse uma avalanche. Inclusive, em reunião de pais, a maneira como ele brigava era uma coisa absurda (id.:37).

E uma coisa o Ivan sempre falava:

- Assessor não tem que ser amigo não.

Ele reclamava que Odete era muito amiga dos professores (id.:56).

Odete

Particularmente, no segundo grau, comecei a ver que não ia dar muito certo Odete e Bom Jesus, porque tinha uma pessoa extremamente intransigente, que era o Ivan, que me acusava o tempo todo de super proteger os professores, que a minha equipe era muito velha, que o Bom Jesus não estava disposto a investir em pessoas velhas, que eles faziam cursos fora, no **exterior... Nossa, ouvi isso muitas vezes (id.:91)**!

Margarzke

Uma vez, em Curitiba, a primeira vez que eu fui a Curitiba, Nossa Senhora, o que aquele Ivan falou pra mim de besteira. Dentro do ônibus, na frente de todo mundo, no microfone (id.:69).

Odete

Acho que foi, pra mim, a pessoa mais negativa na escola, em botar todo mundo para baixo, no sentido de, às vezes, **em algum momento, até humilhar professores (id.:92)**.

frei César

Você vê até o Ivan, que tinha se aproximado bastante, agiu desonestamente também. Provocava a gente, frade, a falar certas coisas, gravava e depois levava lá. Fazia umas coisas assim. Era todo um ambiente que não era sadio (id.:176).

Odete

Eu me lembro de uma reunião que nós tivemos em Curitiba em que fazíamos aqueles trabalhos em grupo, e eu fiquei com uma coordenadora que era do Bom Jesus Diocesano de Lages, mas ela estava tão nervosa porque ela dizia que Ivan tinha um problema sério com idade, porque era uma senhora mais velha. Que o Ivan ia pra lá e aterrorizava os professores.

- Ai, Odete, eu vou ser mandada embora.

- Por quê?

– Porque Ivan diz que eu sou velha (id.:100).

Margarete

Uma vez, Ivan falou – ele era muito infeliz aquele homem, sabe? Ele falou que filho de funcionário tem que estudar em escola pública. Filha de doméstica tem que estudar em escola pública (id.:70).

Letícia

Eu senti isso desde o primeiro momento. Desde a época em que Ivan veio conversar, lembra? Que ele falou que ia competir com Instituto... não, o Ipiranga [Colégio da rede privada de Petrópolis], que não ia ter filho de pobre na escola (id.:84).

Silvia

Onde está o franciscanismo? O que será que o Sr. Ivan Mesquita Küster está fazendo na Pastoral da Criança?

Como não cabe, neste estudo, semelhante resposta, passo a apontar uma outra marca dentro dos “laços de família”: a relação entre Paulo Arns da Cunha e Mauro Mendes Warnecke. Não haverá perguntas nem respostas, no entanto. Deixo registrada como pista.

Zélia Arns (* 27.01.1938) (irmã de Zilda Arns)

¥ 01.07. 1938 com Aroldo Straube da Cunha (* 29.08.1938, + 1993 Curitiba)

1. Paulo Arns da Cunha (* 20.06.1962 Curitiba)

¥ (I) 31.01.1987 com Maria Cláudia Gomes (* 13.03.1962) ¥ (II) com Lorena Masci Fraresso (*08.12.1971).

1. Gabriel Gomes da Cunha (* 09.07.1991)

2. Miguel Fraresso da Cunha (* 27.02.2002 Curitiba)

2. Clóvis Arns da Cunha (* 02.10.1964 Curitiba)

¥ 12.01.1991 com Rejane Aparecida Biasi (* 13.06.1964)

1. Flávia Biasi da Cunha (* 10.04.1996 Curitiba)

2. Fernanda Biasi da Cunha (* 31.12.1999 Curitiba)

3. Eduardo Biasi da Cunha (* 14.10.2001 Curitiba)

3. Clarice Arns da Cunha (* 19.12.1967 Curitiba)

¥ com Mauro Mendes Warnecke

1. Vitor Warnecke

4. Sérgio Arns da Cunha (* 28.10.1973 Curitiba)

¥ Maria Josiane Fronzack

Fonte: <http://www.max.steiner.nom.br/helena.htm#heriberto> (pesquisa feita em 12/07/2006).

O que aconteceu com a MERCATTO (empresa do grupo Bom Jesus que trabalhava com marketing e pesquisas de mercado? Será que ela fechou mesmo? Será que não foi um fechamento de fachada? Será que ela foi terceirizada? [...] Onde está funcionando hoje a MERCATTO? Ela não fechou e está estabelecida na antiga residência do Sr. Nilo Warnecke (pai do Mauro Warnecke, que é cunhado do Paulo Cunha). [...] Quanto dinheiro a AFESBJ gastou para montar a MERCATTO, computadores, móveis, sala de espelhos (que custou uma fortuna e é uma das mais modernas da região sul)

Trecho de carta anônima recebida por frei César (eixo 3:307).

Sala de espelho one-way

Recepção direcionada, sala de observação e de convidados climatizada, comunicação on-line entre cliente e moderador, equipamentos de gravação de vídeo e áudio digital, cabine de tradução simultânea e serviços de catering.

Fonte: <http://www.mercatto.com/recursos.asp> (pesquisa em 20/07/2006)

Sala executiva

Equipada com TV, aparelho de DVD, Internet, datashow, frigobar e um telão para projeções. Um espaço com todo o conforto para reuniões, apresentações especiais e mesmo seminários.

Fonte: <http://www.mercatto.com/recursos.asp> (pesquisa em 20/07/2006)

"Profissional que estudou e vivenciou profundamente o mercado educacional, o Guaraci presta serviços ao Grupo Educacional Bom Jesus há 10 anos, o que demonstra nossa satisfação com seu desempenho. Por meio de palestras e workshops, ele tem tido uma importância particular no desenvolvimento de nosso Grupo Educacional, nesse mercado cada vez mais competitivo."

Paulo Arns da Cunha
Diretor do Grupo Educacional Bom Jesus

Fonte : <http://www.mercatto.com/mktnmix/depoimentos.asp> (pesquisado em 20/07/2006)

Silvia

Apresentar Guaraci e seu currículo, a seguir, segue o movimento que venho desenvolvendo de

deixar as pistas que compõem um possível mosaico em que laços para além da família apontam para contratos, combinações, articulações e negócios muito bem trançados pelo empreendimento Bom Jesus.

Fonte: <http://www.mercatto.com/mktmix/palestrante.asp> (pesquisa em 20/07/2006)

Silvia

Embora não possa afirmar que os laços de família estão por trás dos negócios, entre Mercatto e Grupo Bom Jesus, mediante apenas uma única pista, que é a do uso da casa do pai do cunhado do Paulo Arns, parece-me que o endereço onde funciona a atualmente a Mercatto funcionou em “meus tempos de Bom Jesus”, o Centro de Estudos e Pesquisas do Bom Jesus – uma segunda pista.

Mas, por que incomodam esses laços de família? Essa é questão.

Tão ausentes no cotidiano do colégio, aparentemente, eram tão presentes nestas transações encobertas. Talvez, criar aquela crença na família tenha sido uma forma de garantir a relativa tolerância para com tais manifestações de patrimonialismo.

Rancière

Essa é nossa opinião e nós buscamos, com aqueles que acreditam nisso como nós, verificá-la (2004:107).

Silvia.

O que me dói, nessa história toda, é que, de tanto falarem que éramos a família Canarinhos e de tanto frei José Luiz me chamar de filha, eu acreditei. Achei que era, também, uma herdeira do Bom Jesus Canarinhos, uma das donas, e que partilharia da distribuição de cargos entre os sobrinhos de dom Paulo. Estava enganada. Não fazia parte do clã.

OS MESTRES DO BOM JESUS

Ah, não! Essa é forte, essa é demais! –, gritou Humpty Dumpty, preso de súbita ira. – Você andou escutando atrás das portas... e atrás das árvores... e escondida nas chaminés... do contrário não poderia saber nada disso!
– Não, juro que não! –, explicou Alice, muito cordata. – Li num livro.

Através do espelho, Lewis Carroll

Sabrina

Que outra história você tem agora para contar?

Silvia

Os Mestres do Bom Jesus foi um tema que chegou a mim no decorrer da pesquisa de forma bastante inesperada. Enquanto procurava as relações entre as pessoas, seus papéis no emaranhado de “laços de família” e suas funções nas relações trabalhistas dentro da história do Canarinhos-Bom Jesus, deparei-me, *no Google*, com alguns “trabalhos científicos” que me chamaram a atenção.

Eram textos de educação, elaborados enquanto dissertações apresentadas ao Curso de Pós-graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de mestre em engenharia de produção.

Seus autores eram nomes conhecidos: os mestres do Bom Jesus.

Sabrina

Não me faz sentido essa história, Silvia. Texto de educação em engenharia de produção? Pode explicar melhor?

Silvia

Os sentidos da história havemos de criar juntas. Posso-lhe mostrar um pouco do que se foi tornando uma digressão da pesquisa, mas que guarda relação estreita com meu estudo, quando penso em como amplio minha compreensão do processo a cada pista que encontro.

O primeiro desses trabalhos de mestre passou quase que despercebido, pois ainda guardava alguma relação possível entre os objetivos do texto e minha compreensão do que possa ser engenharia de produção, pela abertura que a área de concentração em que se deu o trabalho pode possibilitar.

Recuperei, posteriormente, essas informações:

fonte	http://teses.eps.ufsc.br/Resumo.asp?3958
data pesq	21-abr-06
título	Marketing pessoal
autor	Marcelo Ivanir Peruzzo
referência	Dissertação apresentada ao Curso de Pós- Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção - Área de concentração: Gestão de Negócios.
local e ano	Florianópolis, novembro 2002
Banca	Prof. Dr. Francisco Antonio Pereira Fialho (orientador) Profª Drª Elizete Lúcia Moreira Matos Prof. Dr. Bruno Hartmut Kopittke

Sabrina

Estranho... muito estranho.

Silvia

Peruzzo esteve em Petrópolis durante o processo de implantação das marcas Bom Jesus. Atualmente, não é mais funcionário do Grupo Bom Jesus.

Mais estranho, por isso, foi encontrar, dias depois, o trabalho daquela que havia sido minha coordenadora – coordenadora do CEP – Centro de Estudos e Pesquisas do Bom Jesus – e que, atualmente – julho/2006 – atua como gestora do Colégio Bom Jesus Aldeia.

fonte	http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/16724.pdf
data pesq	21-abr-06
título	Avaliação escolar: da repressão ao acolhimento, trajetória possível e necessária
autor	Solange Inês Dorocinski
referência	Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção, Área de concentração: Mídia em Conhecimento.
local e ano	Florianópolis, dezembro 2003
Banca	Prof. Dr. Francisco Antonio Pereira Fialho (orientador) Profª Drª Elaine Ferreira Profª Drª Mirian Loureiro Fialho

Sabrina

Estranho... muito estranho.

Silvia

Não posso deixar de dizer que me incomodou notar o nome do orientador se repetir no trabalho que, agora, definitivamente, foge à minha compreensão do que possa ser engenharia de produção. Resolvi espiar, então, o resumo do trabalho.

A presente dissertação busca contextualizar a questão da avaliação como um momento dinâmico, vivo, interativo e lúdico no processo educativo ao mesmo tempo impulsionadora da aprendizagem do aluno e promotora da melhoria do ensino. Enfoca a aplicação de casos concretos de modo a validar o instrumento de avaliação elaborado e aplicado numa

instituição de ensino privado, em Curitiba, bem como discutir e agregar valor à sua utilização para o sucesso no processo de ensino e aprendizagem. Analisa-se modelos de práticas de avaliação vigentes com base em alguns teóricos da educação, assim como contempla-se, em todo processo de análise da avaliação, aspectos voltados ao ensino com competência, como a aprendizagem significativa, a educação contextualizada, a essência de um planejamento e a importância do erro como um caminho para avanços, destacando a avaliação como uma atividade de caráter exclusivamente formativo.

Recomenda-se a leitura dessa dissertação a todo educador entusiasta que acredita ser possível ter a avaliação pontual (prova) como um momento privilegiado de aprendizagem, ressignificando-a e elaborando-a numa nova perspectiva pedagógico-metodológica.

Palavras-chave: avaliação formativa; aprendizagem significativa; interatividade; emoção.

Fonte: <http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/16724.pdf> (pesquisa em 21/04/2006)

Sabrina

Estranho... muito estranho.

Silvia

Acredite que, ainda assim, deixei passar esses indícios de algo estranho. Naquele momento, eram outras pistas que eu buscava. Mas estas dissertações de engenharia teimavam em me provocar. Foi a vez de encontrar o trabalho de Duglas Wekerlin Filho. Esse era um nome que eu também conhecia. Não havia me esquecido, faculdade que tenho bastante ativada – esquecer o nome das pessoas – porque Duglas tem uma bonita história de empenho e busca individual. Ele fora ascensorista no Colégio. Com muito esforço, estudou e chegou a professor. Agora, mestre. Com que esforço?

fonte	http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/8929.pdf
data pesq	21-abr-06
título	O aluno pesquisador: um estudo de caso na escola ecológica Rincão
autor	Duglas Wekerlin Filho
referência	Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Engenharia de produção.
local e ano	Florianópolis, novembro de 2001
Banca	Prof. Dr. Francisco Antônio Pereira Fialho, Dr. (Orientador) Profª Drª Christianne Coelho de Souza Reinisch Coelho Prof. Dr. Fábio Augusto da Silva Salvador Profª Drª Virgínia Souza de Carvalho Borges Kistmann

Sabrina

Estranho... muito estranho.

Silvia

Nesta altura dos acontecimentos, o inesperado transformara-se em interrogações.

Machado Pais

A desordem, o inesperado e turbulência fascinam; a banalidade transforma-se em mistério; a vida cotidiana desperta a curiosidade sociológica (2003:50).

Silvia

Mais uma vez, ali estava o nome daquele orientador. Uma pista. Fui à Plataforma Lattes conhecer melhor o seu currículo e seus orientandos. Deixei-me levar como um *flâneur*, passeando por entre aqueles nomes desconhecidos, procurando por algo que me lembrasse alguém.

Machado Pais

A arte do viajante flâneur reside precisamente na combinação da descoberta com o gosto pela aventura (2003:53).

Silvia

Não tardei a fazer pequenas descobertas. Algumas surpresas e outras desconfiças vieram se somar ao estranhamento inicial. Vanilda havia sido coordenadora de Educação Física do CEP e depois assumira os projetos sociais do Grupo Bom Jesus, naquele período entre 1999 e 2002. Seu trabalho, inclusive, parece vir explanado em sua dissertação.

fonte	http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/16723.pdf
data pesq	21-abr-06
título	Responsabilidade social: em estudo de caso do Núcleo de Ação Comunitária da Associação Franciscana de ensino Senhor Bom Jesus
autor	Vanilda Galvão Bovo
referência	Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção, Área de Concentração: Mídia em Conhecimento.
local e ano	Florianópolis, dezembro 2002
Banca	Profª Drª Christianne Coelho de Souza Reinisch Coelho (Orientadora) Prof. Dr. Francisco Antônio Pereira Fialho Profª Drª Elaine Ferreira Profª Ms Eng. Lucília Panisset. Travassos

Sabrina

Estranho... muito estranho.

Silvia

As descobertas começaram a se somar, ainda que as explorações fossem feitas sem que eu soubesse o que faria com todas essas informações.

Os currículos-lattes “dos mestres” mostravam que já haviam sido ou ainda eram parte do corpo docente do Bom Jesus. Essa confirmação, em muitas das dissertações, aparecem no próprio texto da dissertação, que, em sua maioria, apresentam projetos desenvolvidos no colégio.

Quis saber a opinião de um engenheiro, mas a sua informação, apenas confirmou o que eu antecipara em minhas suspeitas.

Analisando o resumo e objetivo das dissertações que me foram apresentadas, posso afirmar como Engenheiro de Produção com especializações em Mecânica e Produção, que não consegui correlacionar os textos apresentados com os princípios da Engenharia de Produção que estão baseados na reengenharia, na melhoria contínua do processo, na administração por objetivos e no gerenciamento da qualidade total.
H.M.A., engenheiro de produção e segurança do trabalho, ergonomista.
Em 18/07/2007.

Sabrina

Estranho... muito estranho.

Machado Pais

O lema é descer à profundidade das aparências para descobrir a seriedade do fútil e da parciali-

AS INFORMAÇÕES ESTÃO AQUI: E AGORA?

dade. O escuro sublima o claro no seu inverso. O jogo claro-escuro permite chegar à lógica do sentido pelo caminho do não-sentido (2003:63)...

Silvia

Deixei-me penetrar, pois, neste universo desconhecido, para melhor compreender. Quem sabe algo não se revelaria na narração das descobertas?

Machado Pais

Na massa caótica e indisciplinada dos fenômenos que compõem a realidade quotidiana, os eventos indeterminados e amorfos adquirem relevo, forma e significado, tornam-se inteligíveis e são interpretados mediante a configuração do relato, da vara mágica da língua (id.:64).

Silvia

Permito-me, então, ir *falando* das continuidades e descontinuidades com que me deparei, incertezas, fragmentos fortuitos de uma história que não sei contar.

Machado Pais

À volta com os enigmas, a sociologia da vida quotidiana cai, então, nos braços de Hermes, deus da Antiguidade que tinha a arte de revelar o latente, o mascarado, o inconsciente, dando sentido ao desprovido de sentido (id.:67).

Sabrina

Estranho... muito estranho.

Silvia

Que os sentidos se revelem na sua leitura e na daqueles que se aventurarem a perseguir as pistas que estou deixando. Mais não posso fazer, além de tomar minhas notas e consigná-las em minha dissertação. São do leitor, a partir de agora.

O ENREDO : TRAMA DE UMA HISTÓRIA QUE NÃO SEI CONTAR

fonte	http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/16718.pdf
data pesq	21-abr-06
título	Desenvolvimento pessoal para o exercício do papel do educador na escola do futuro
autor	Marcelo Karan Guerra
referência	Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção.
local e ano	Florianópolis, 2003
Banca	Prof. Dr. Francisco Antonio Pereira Fialho (Orientador) Profª Drª Elaine Ferreira Profª Drª Mirian Loureiro Fialho

fonte	http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/16701.pdf
data pesq	28-jul-06
título	A organização como geradora de programas de capacitação para subsidiar a escolaridade de seus funcionários: estudo de caso de uma instituição de ensino particular de Curitiba
autor	Claudia Maria Saad
referência	Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Engenharia de Produção.
local e ano	Florianópolis, 2004
Banca	Profª Drª Christianne Coelho de S. Reinisch (Orientadora) Prof. Dr. Francisco Antônio Pereira Fialho Profª Drª Elaine Ferreira Profª MsC. Luiza Maria Bessa Rebelo
OBS	Cláudia trabalhava no CEP em 2000. Assumi, posteriormente, a assessoria das escolas conveniadas do Colégio Bom Jesus.

fonte	http://teses.eps.ufsc.br/Resumo.asp?4250
data pesq	28-jul-06
título	Aprendizagem significativa: a pedagogia por projeto no processo de alfabetização
autor	Rita de Cássia Marques Kleinke
referência	Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção.
local e ano	Florianópolis, fevereiro de 2003
Banca	Profª Drª Christianne Coelho de S. Reinisch Coelho (Orientadora) Profª Drª Araci Hack Catapan Prof. Dr. Francisco Antônio Pereira Fialho Profª Drª Lucilia Panisset Travassos

fonte	Http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/16702.pdf
data pesq	28-jul-06
título	Metodologia de ensino da educação física: repensando a ação do professor
autor	Claudia Sueli Litz Fugikawa
referência	Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Engenharia de Produção, linha de pesquisa: Mídia e Conhecimento.
local e ano	Florianópolis, 2004
Banca	Profª Drª. Mirian Loureiro Fialho (Orientadora) Prof. Dr. Francisco Antonio Pereira (Co-Orientador) Profª Drª Elaine Ferreira

UM GRUPO DE EDUCAÇÃO COM ESPECIALIZAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO: MODELO INOVADOR?

fonte	http://teses.eps.ufsc.br/Resumo.asp?5070
data pesq	28-jul-06
título	O ensino de geografia e o lugar como objeto estudado: uma proposta de mapa conceitual para a educação fundamental 1ª a 4ª série
autor	Rosane Maria Rudnick dos Santos
referência	Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Engenharia da Produção, linha de pesquisa: Mídia e Conhecimento.
local e ano	Florianópolis, novembro de 2003
Banca	Profª Drª Christianne Coelho de S. Reinisch Coelho (Orientadora) Profª Drª Eliete Auxiliadora A. Ourives Profª Drª Luiz Fernando Gonçalves de Figueiredo

fonte	http://teses.eps.ufsc.br/Resumo.asp?5083
data pesq	28-jul-06
título	Avaliação da aprendizagem: projeto conceitual de ferramenta computacional
autor	Carlos Roberto Oliveira Almeida Santos
referência	Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Engenharia da Produção, linha de pesquisa: Mídia e Conhecimento.
local e ano	Florianópolis, novembro de 2003
Banca	Profª Drª Christianne Coelho de S. Reinisch Coelho (Orientadora) Profª Drª Eliete Auxiliadora A. Ourives Prof. Dr. Luis Alberto Gómez

fonte	http://teses.eps.ufsc.br/Resumo.asp?5059
data pesq	28-jul-06
título	Ambientes de aprendizagem e a contribuição da arte para educação infantil
autor	Luciana Milcarek
referência	Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Engenharia da Produção, linha de pesquisa: Mídia e Conhecimento.
local e ano	Florianópolis, setembro de 2003
Banca	Profª Drª Christianne Coelho de S. Reinisch Coelho (Orientadora) Profª Drª Arceloni Neusa Volpato Profª Drª Regina de Fátima F. A. Bolzan
OBS	Lembro-me de Luciana como coordenadora de Artes do CEP.

MARCAS DA RECORRÊNCIA: COINCIDÊNCIA?

título Educação de jovens e adultos: um caminho para a cidadania

autor Ivane Beatriz Pasetti Castagnolli

data maio de 2003

título Alfabetização por projeto: uma proposta de trabalho interdisciplinar

autor Jocimara Chiarello Rocha

data maio de 2003

título A avaliação no contexto educacional – utilização de tecnologias e diferentes formas de avaliar na disciplina Projeto de Pesquisa

autor Luiz Augusto Cordeiro

data fevereiro de 2003

título Estudo dos fatores que

autor C159(o)-22(r)218(o)-22(l)-21(i)-21(oSt)-19cs)-13hwrc

data março de 2002

título

data fevereiro de 2000

de português e professora da 6ª série.

Edição Especial . 23 de outubro de 2002 (pesquisa em 28/ 07/ 2006)
Fonte; http://veja.abril.uol.com.br/especiais/educacao_curitiba/p_038.html

Sabrina

Estranho... muito estranho.

AS AMBIGÜIDADES 1: CÉSARCAPITU

– *Pensem no veredicto* –, disse o Rei para o júri.

– *Ainda não, ainda não!* –, o Coelho interrompeu com pressa. – *Há muito o que fazer antes disso!*

Alice no país das maravilhas, Lewis Carroll

Para falar dessa *personagem*, Machado de Assis, mais uma vez, me ajuda, pois ele traz um caráter enigmático para sua *personagem* Capitu, deixando suspeitas em relação a um possível adultério. Mais importante do que listar os argumentos a favor ou contra esse adultério, é perceber o processo de construção da suspeita de Bentinho.

Sem o brilhantismo machadiano, quis trazer, no romance, uma caracterização de frei César Augusto para compor uma imagem duvidosa que possa, em contrapartida à sucessão de evidências da sua inocência no processo demolidor do Colégio Bom Samaritano, possibilitar uma leitura do avesso da história que se conta, detectando cenas que apresentam um processo psicológico de interesse pelo poder e ascensão, que pode levar à suspeita de seu envolvimento na trama que tornou crescentemente poderosos os tentáculos do Santo Ofício.

Recordar a chegada de frei Augusto ao Colégio Bom Samaritano era definir um acontecimento que parecia, inicialmente, originário das mudanças. [...]

Sem motivo para defesa, todos receberam frei Augusto, que era sobrinho de frei Mariano, e se deixaram envolver por seu discurso tão terno. Humilde, silencioso e tímido, não poderia inspirar cuidados. [...]

Era o estereótipo do que podemos chamar de rapaz do interior, com aquelas calças de tergal, vincadas, camisa de tecido e um par de óculos com uma armação enorme e preta. Muito simples, muito atento, sempre disposto a ouvir, angariou logo a simpatia de todos. À medida que era aceito pelo grupo, mais frei Augusto se apresentava, impressionando a todos com sua defesa do ideal aionista (eixo 1:3).

Ele falava dos seus sonhos de educador. Falava de Aion e dos sonhos de uma comunidade sem hierarquia, solidária, com responsabilidades partilhadas e queria trazer essas idéias para a vida do colégio (id.:8).

... seria possível ter má intenção e mentira por trás de pessoa tão terna, tão comprometida com o jeito aionista de ser (id.:11).

O questionamento maior que Sabrina se fazia, no entanto, era a respeito desse lugar de Demarcador ao qual frei Augusto fora alçado. Nunca lhe pareceu que ele pudesse querer algum posto desses, pois ele se mostrava muito avesso à autoridade. Ou ele teria sempre buscado o poder, mas de forma tão sutil que ela não percebera? Teria sido o seu prêmio pela vitória da derrubada do antigo colégio? Sabrina não conseguia se dar essa resposta (id.:12).

Margarzê

Acho que frei César, cá entre nós, estava ali naquele lugar – isso foi o que eu senti, o que ele me passou – como uma ponte. Ele estava ali, tinha onde morar, estava estudando, ia-se formar, mas não era o campo dele ali. Ele queria mais. Ele queria muito mais. Mas, para ele conseguir esse muito mais, ele tinha que começar ali (eixo 3:75)...

... as preocupações de frei Augusto estavam além dos pequenos embaraços do dia-a-dia (eixo 1:4).

Alex

Em relação ao frei César: Ele é ambicioso? Claro que é. Eu faço essa leitura dele. Ele era um cara ambicioso (eixo 3:133).

Margarzê

Eu acho que foi uma decepção para o frei José Luiz. Ele preparou frei César para substituí-lo, ele depositou... ele queria que todo aquele amor que ele tinha pelo Canarinhos, o frei César tivesse (id.:75).

Odete

Eu acho que frei César foi sangue novo na escola. Ele vinha com outras idéias, com outra mentalidade, com uma coisa mais moderna (id.:90).

frei César

Desde que entrei, eu procurei fazer um trabalho que tivesse uma marca muito franciscana. Então, nos estudos, até das fontes franciscanas, procurava entender uma proposta franciscana para educação para esse colégio. E fui percebendo que muita coisa já existia pelo cotidiano da vida dos frades ligados ao colégio, pelos próprios professores, funcionários, bastante identificados com uma proposta franciscana. Então, falar disso foi de uma aceitação muito grande, mesmo entre os alunos, como entre os professores e os funcionários (id.:168).

Frei Augusto na direção do Bom Samaritano deixou a marca de amigo dos alunos (eixo 1:8).

Margarzê

O pouco que [voeê] ficou lá, e foi muito pouco tempo, [voeê] não passou, por exemplo, assim... a figura de diretor passou do frei José Luiz para a assessoria do Bom Jesus. Não ficou marcada a figura do frei César. [Voeê] não era uma pessoa presente. Não era um diretor presente. [Voeê] vivia fora do colégio (eixo 3:76).

frei César

Eles negaram todas as informações. Eu só vinha ao colégio para assinar alguns documentos que precisava, históricos... e ia embora. Como as informações me eram negadas, então eu, também, não mais me envolvi no processo. Fui-me dedicar a outras coisas (id.:175).

Odete

Eu acho que [você] tinha uma proposta muito positiva, positiva para todo mundo. Eu acho que [você] viu na instituição Bom Jesus poder financeiro para ajudar o Canarinhos. Eu acho que [você] só viu isso. Vamos melhorar laboratório, vamos melhorar salas de aula, fazer melhores projetos, melhorar salário de professor (id.:91).

frei César

O ministro provincial da época escreveu um texto e colocou para nossa reflexão um questionamento muito grande, porque eram várias escolas espalhadas pelo território da Província, mas cada escola com uma vida totalmente independente, uma proposta educacional independente, quase todas muito afastadas da vida da Província. [...]

Então, frei Estêvão provocava que os colégios formassem um *pool* que pudesse dar mais segurança para a Província. [...]

Então, eu gostei muito dessa proposta, me interessei por ela. [...]

Mas aconteceu que frei Estêvão terminou o tempo dele de provincial e entrou frei Caetano como o novo provincial, e ele pegou essa mesma idéia. [...]

Frei Caetano não teve dúvida e fez, de uma vez por todas, uma passagem mais drástica. Pegou o colégio que estava em pior situação, que era Lages, e já passou para a administração do Bom Jesus. Foi uma coisa bastante traumática mexer com os frades lá, e já anunciou para todos os outros que esse era o caminho para todos (id.:169-170).

Alex

Nós fomos os três primeiros a irem para o Bom Jesus em Curitiba. Fui eu, Carlos Eduardo e frei César. Chegando lá, eu pude perceber o que é a estrutura Bom Jesus. A gente entrou na sala do frei Guido, que era o diretor na época, e parecia sala de um presidente de multinacional. Tinha uma mesa enorme, que parecia uma mesa presidencial, uma cadeira super confortável para ele, três cadeiras em volta da mesa, uma mesa oval, assim no meio, com várias cadeiras. E tinha uma coisa de bebida no canto. E eu olhava para aquilo e a gente começou a conversar e ele falando assim que, no Bom Jesus tudo é profissionalizado. O cara que cuida da parte financeira é um economista, o que cuida da contabilidade interna é um contador, o que cuida da administração interna é um administrador de empresas, o cara que cuida da parte da TV Bom Jesus é formado em *marketing*, e ele foi dando algumas noções para [você]. E eu vi [você] encantado com aquilo. É isso. Eu percebi no [seu] olho (id.:02).

frei César

Então, fui tendo um contato com o Bom Jesus também, e a acolhida deles foi muito grande – você participou daqueles momentos – com muitas promessas de fazer um trabalho integrado, em conjunto. Como era essa a intenção da Província e como eles estavam dispostos a não simplesmente passar por cima de tudo, fiquei bastante aberto a essa possibilidade. E percebia que isso seria bom para o colégio. Ele ia crescer muito mais, ia ter um intercâmbio grande, não íamos mais estar pensando sozinhos, mas com todas as outras realidades, e poder contribuir para aquele sonho de uma educação mais franciscana, até num universo bem maior (id.:70).

Odete

Mas [você] nunca imaginou que, talvez, o Bom Jesus fosse interferir na parte pedagógica, na parte administrativa. Acho que nunca passou isso pela [sua] cabeça. Eles só vinham acrescentar, ajudar. O que estava aqui estava muito bom e que eles só vinham dar mais apoio a isso, melhorar mais ainda. E não foi isso que a gente viu acontecendo. Foram imposições muito fortes (id.:91).

A proposta era de unir os colégios do Condado como parceiros, de forma que os custos fossem minimizados por compras em comum e serviços compartilhados, por exemplo. Frei Augusto estava empenhado em promover essa integração, pois acreditava que seria muito profícua essa troca de experiências, inclusive pedagógicas (eixo 1:5).

Alex

Não sei se [você] tinha essa percepção, mas que [você] foi o arquiteto, foi. E nesse sentido, eu acho [você] culpado. Eu julgo [você] culpado disso. Era jovem, como eu era jovem, naquela época. Talvez menos

culpado diante desse fato, mas culpado de ter articulado o processo que descambou na vinda do Bom Jesus e eles assumirem e transformarem isso aqui em uma empresa, porque isso hoje é uma empresa como outra qualquer (eixo 3:124).

Odete

A maioria dos professores ficou contra [você], foi por isso, por nunca ter se explicado. Então, porque [você] não disse que foi enganado? [Você] sabia (id.:102)?

Silvia

Por que você deixou todo mundo pensar que foi idéia sua trazer o Bom Jesus (id.:172)?

frei César

Eu não deixei todo mundo pensar, mas as pessoas relacionaram isso com o fato de eu estar sempre defendendo o Bom Jesus e não atacando. Eu fui nomeado diretor de uma unidade do Bom Jesus. Isso me deixou engessado. [...]

Eu só não saí a público para me defender dessa acusação. Não sei se convenceria e também eu teria que expor muitas coisas do processo que vivi internamente com a direção central do Bom Jesus. Iria difamar uma instituição da Província, ou seja, de mim mesmo e algum confrade.

Também não quis viver aparentando uma paranóia de perseguição, com teorias de conspiração, que não sei se as pessoas que poderiam ajudar iriam acreditar (id.:171-2).

A conversa não continuou e o veredicto não foi pronunciado: “Culpado!” ou “Inocente!”?

VEREDICTO: [DO LAT. MED. VEREDICTUM (< LAT. VERE DICTUM, 'VERDADEIRAMENTE DITO')]

O NOME DA ROSA

Vejam só, tantas coisas estranhas tinham acontecido ultimamente que Alice começara a pensar que muito poucas coisas eram na verdade realmente impossíveis.

Alice no país das Maravilhas, Lewis Carroll

Sabrina

Estranho... muito estranho. Tudo muito opaco... Seriam movimentos conspiratórios?

Silvia

O poder econômico e político não costuma ser exercido de forma transparente porque, frequentemente, é mais eficaz operar de modo opaco. Nesses momentos, sempre que alguém tenta comentar ou desvendar manobras de bastidores, logo aparece uma legião de estudiosos, em atitude pseudo-sofisticada, a tentar ridicularizar supostas teorias conspiratórias. Não quero avançar em teorias, mas quero mostrar que, em toda essa história confusa, percebo o grande objetivo da província em se preservar econômico-financeiramente.

Sabrina

E vocêu ajudamos muito a Província neste objetivo. Não é? Participamos desta história!

Silvia

A idéia, bastante inicial, de que fui testemunha e participe dessa história e de que me vi envolvida em acontecimentos que trouxeram mudanças significativas para aquele colégio, especialmente, acontecimentos que em muito se assemelhavam a inquéritos, julgamentos e intrigas entre religiosos e leigos, levou-me a buscar a estrutura da “santa” inquisição como possibilidade de tessitura do enredo, idéia essa que já me perseguia.

A leitura que veio, nesse contexto, em meu socorro foi a de *O nome da rosa*, de Umberto Eco, que traz um relato de movimentos heréticos e também uma crítica ao poder. Pude ler o romance como uma crônica da vida religiosa e ainda perceber como Eco relata o esvaziamento dos valores pela demagogia. Na minha história, ainda que muitos não pudéssemos ver, a demagogia foi caminho para ocultar os interesses econômicos que prevaleciam.

Manter os colégios, todos particulares, não era problema, ainda que o Condado nunca tivesse dito isso. O problema, agora, era se manter. O Condado precisava dos lucros dos colégios para manter suas obras e seus frades, pois as ofertas dos fiéis eram cada vez mais insuficientes.[...]

Leiga, a Associação Santo Ofício de Educação Aionista podia estar mais à vontade para dirigir o negócio dos colégios (eixo 1:7).

A Associação do Santo Ofício, entretanto, passou a buscar as famílias de elite como clientela, para atender a um novo patamar de valores de mensalidade e oferta de serviços educacionais “de qualidade”, uma linguagem mercadológica que parecia necessária à concorrência com outros colégios que tradicionalmente atendiam aos mais abastados na cidade (id.:14).

Alex

O fato de você ter uma administração profissionalizada, que permita um certo rendimento e que garanta o trabalho da ordem, pra mim é completamente aceitável. O que não é aceitável é você tratar aquilo ali como um empreendimento econômico, que gera renda e ponto final[...]

Eu tenho, pra mim, que, quanto ao aspecto administrativo-financeiro, ele tem que ser tocado como negócio, senão você não viabiliza o projeto pedagógico. O projeto pedagógico depende de grana, porque senão a gente fica no sonho e a coisa não sai. Mas eu não consigo conceber que as coisas sejam incompatíveis, que você não possa ter instrumentos de avaliação econômico-administrativo-financeira dentro de uma instituição eficiente e, ao mesmo tempo, ter um espírito franciscano, de amizade, de solidariedade, de companheirismo, de irmandade, de bem-querer, de contato mútuo, de alegria de estar ali (eixo 3:124-128).

frei César

Fiz administração, até com um estudo que questionava um pouco toda essa forma de acontecer aqui em Petrópolis. A minha monografia era assim: “Como trabalhar com excelência administrativo-financeira em uma empresa de orientação católico-franciscana”, tendo a orientação católico-franciscana como grande diferencial da empresa. Até como forma de fazer negócio mesmo, não de forma desonesta, mas pondo em prática todos os princípios cristãos e franciscanos e isso se torna uma grande forma de crescimento. Eu tinha trabalhado um pouco nessa direção e isso foi muito bem aceito (id.:175).

Silvia

Não creio que deva avançar pelos caminhos do como *poderiadeveriatersido*, caminho mais arriscado do que aquele em que prossigo. Falar do real, através da narrativa ficcional, já se foi tornando mais difícil do que poderia supor e percebi que não bastava saber da história que queria narrar, mas era preciso (re)inventar essa história dentro de um enredo.

Resolvi conhecer mais da estrutura que regia o *Tribunal do Santo Ofício da Inquisição*, para continuar escrevendo. Fui a *Heréticos e Impuros*^o ouvir Silva (1995) explicar um pouco mais a respeito.

Lina Silva

Quem antes vivia em paz, trabalhava em conjunto, convivia com os outros, desde a chegada do Tribunal mudou seu modo de vida; até ser preso, procurava se proteger, quanto menos contato, melhor; maior contato, maior probabilidade de prisão; o amigo de antes era o delator de hoje (1995:107).

Silvia

Como com o *Tribunal da Inquisição*, mantido pelas riquezas apreendidas, via a Associação a confiscar o colégio, causando perturbação na vida daqueles que conviviam, por anos.

Lina Silva

Com a conversão forçada de todos os judeus do Reino ao catolicismo em 1497, criou-se uma

^o Dissertação de mestrado premiada e impressa pela Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Nesse trabalho, Silva recupera a inquisição através da história de uma família carioca que, posteriormente deportada para Portugal, sofreu com os processos inquisitoriais característicos.

nova categoria de católicos, os cristãos-novos, que nem sempre eram cristãos sinceros, bons cristãos. Secretamente praticariam a religião judaica; como católicos batizados, seriam então hereges, e o Tribunal estaria a postos para eliminá-los (1995:119).

frei César

Eu fui percebendo que havia um terrorismo com os professores e com os funcionários [...] Percebi que as pessoas que estavam ligadas a mim sofriam algum tipo de perseguição (eixo 3:174-7).

Patrícia

A sensação que tinha era de vigilância constante (id.:222).

Odete

Então, eu acho que algumas atitudes tomadas na escola eram meio que para pressionar, meio terrorismo mesmo (id.:92).

Perguntem a cada funcionário se ele sente orgulho em trabalhar no Bom Jesus atualmente. Se ele está sentindo um clima de amizade e companheirismo, um espírito de equipe e, principalmente, um clima de família no ambiente de trabalho. Não senhores! Está um verdadeiro clima de terror!!!

Trecho de uma carta anônima recebida por frei César (id.:308).

Com a chegada do Santo Ofício, essa teia familiar de relação patriarcal, característica marcante no colégio, foi sendo desfeita por uma proposta forçada de conversão ao profissionalismo. "Vestir a camisa" do colégio – novo, outro – fazia parte do discurso de convencimento à conversão e criou-se uma categoria de "engajados", pessoas que, nem sempre, eram sinceras. Secretamente, praticavam a irmandade anterior, celebrando a beleza dos tempos passados. O Santo Ofício, consciente de que essa nostalgia seria uma razão para serem agressivos e incompreensivos quanto ao presente, decidiu eliminá-la. [...]

O não-pertencimento, relações estremecidas entre as pessoas no colégio e sensações de estranhamento vieram dizimar a teia familiar ali existente (eixo 1:13-4).

Silvia

Celebrar "a beleza dos tempos passados" era a forma encontrada pelos cristãos novos e por muitos "engajados do Bom Jesus" de não perder suas raízes, sua história, seus costumes, suas práticas... Daí, talvez, uma possibilidade de compreensão para a tentativa de extermínio.

Gostaria de conversar, portanto, sobre os processos de demissão em massa, substituição estratégica das pessoas (eixo 2:166), no entanto, Foucault pediu a palavra.

CONVERSANDO [NOVAMENTE] COM FOUCAULT: HISTÓRIAS SOBRE CONTROLE

EPIGRAFE VISUAL: ELE ESTÁ RINDO DE QUE?

Ilustração de Artur Lopes.

Foucault iniciou essa conversa a partir da relação entre poder e saber, calcada nas disciplinas, conversando sobre o poder a partir das estratégias de dominação e não a partir da teoria *jurídico-política da soberania* (1979:188).

Michel Foucault

Este novo tipo de poder, que não pode mais ser transcrito nos termos da soberania, é uma das grandes invenções da sociedade burguesa. Ele foi um instrumento fundamental para a constituição do capitalismo industrial e do tipo de sociedade que lhe é correspondente, este poder não soberano, alheio à forma da soberania, é o poder disciplinar (ib.).

Silvia

Como é esse poder disciplinar?

Michel Foucault

A partir do momento em que as coações disciplinares tinham que funcionar como mecanismos de dominação e, ao mesmo tempo, se camuflar enquanto exercício efetivo de poder, era preciso que a teoria da soberania estivesse presente no aparelho jurídico e fosse reativada pelos códigos. Temos, portanto, nas sociedades modernas, a partir do século XIX até hoje, por um lado, uma legislação, um discurso e uma organização do direito público articulados em torno do princípio do corpo social e da delegação de

poder; e por outro, um sistema minucioso de coerções disciplinares que garante efetivamente a coesão deste mesmo corpo social. Ora, este sistema disciplinar não pode absolutamente ser transcrito no interior do direito que é, no entanto, o seu complemento necessário. (id.:189).

Silvia

Mudam, assim, as formas de sujeição do indivíduo?

Michel Foucault

O momento histórico (séc. XVIII) das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de um relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma 'anatomia política', que é também igualmente uma 'mecânica do poder', está nascendo; ela define como se ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos 'dóceis'. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência) (2002:119).

Silvia

Quando você fala assim, vejo as semelhanças entre Bom Jesus e Canarinhos. Nunca havia olhado a história pelo prisma da semelhança entre CanarinhosBomSamaritano e BomJesusSantoOfício. Mas a pesquisa foi permitindo que eu percebesse.

E agora quero compreender mais a questão do poder, que inicialmente eu tinha estabelecida como bastante simples e localizada. O lugar do poder era, para mim, o do BomJesusSantoOfício, representado pelas figuras de seus definidoresdemarcadores, gestoresmentores... Conhecia o poder que se estabelece pela hierarquia e me via nesse lugar de poder, como assessora pedagógica.

Havia conhecido o regime autocrático freiJoséLuizMariano, centralizador, possessivo e controlador, que pode ser ilustrado pelo célebre ditado "manda quem pode, obedece quem tem juízo". Se galgasse por esses caminhos de compreensão das formas de liderança, em alguns momentos poderia apontar como *laissez-faire* - aquele que não se envolve com as atividades de áreas de seus funcionários e exerce pequenas influências, conhecido como "deixa rolar" - algumas das atitudes do freiCésarAugusto.

Percebia que a figura do poder se deslocava, e assim foi com a chegada do BomJesusSantOfício, que se considera uma escola democrática, em que ao funcionário é permitida maior participação, compartilhamento do poder. No entanto, outras versões podem ser apontadas. Mais semelhantes entre si, o Canarinhos e o Bom Jesus, do que poderia parecer à primeira vista.

frei José Luiz

Procurei imprimir ao Colégio uma filosofia de cunho franciscano, isto é, fazer da escola uma comunidade voltada em primeiro lugar para a pessoa humana com seus valores, vendo os semelhantes como filhos de Deus, como nossos irmãos, como cidadãos dignos de todo o respeito e apreço. Na educação cristã e franciscana, o educando e seus pais encontram espaço para o desenvolvimento integral e harmonioso da personalidade, e a pessoa deve sentir-se bem aceita, amada e feliz. Dessa forma, será capaz de retribuir respeito e amor àqueles que a cercam. É claro que o aspecto profissional que busca a boa qualidade do ensino e o aperfeiçoamento do corpo docente sempre foi atentamente procurado, e sua melhoria continuamente estimulada. O resultado foi o reconhecimento da população, que considerava o Colégio dos Canarinhos como um dos melhores da cidade (eixo 3:216).

A proposta pedagógica da AFESBJ, na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio baseia-se nos princípios

éticos da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum; os princípios políticos dos direitos e deveres de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática; os princípios estéticos da sensibilidade, da criatividade, e da diversidade de manifestações artísticas e culturais; princípios humanos e cristãos-franciscanos pautados pela paz e a solidariedade.[...]

A educação franciscana tem a intenção de contribuir na construção de uma sociedade justa, socialmente equitativa e solidária, politicamente democrática, culturalmente pluralista e religiosamente ecumênica, de diálogo inter-religioso, pautada pelos princípios éticos, estéticos e políticos, onde todos sejam verdadeiramente reconhecidos e respeitados em sua dignidade humana e em suas diferenças; tenham a possibilidade de desenvolver as suas potencialidades; contribuam para que a autoridade, o saber, os bens naturais e os produzidos pelo esforço comum estejam a serviço do crescimento e sejam partilhados coletivamente; tenham a liberdade e o direito de se associar; onde todos tenham a liberdade de pensamento, de expressão e consciência; tenham acesso ao conhecimento científico e recursos tecnológicos (ib.).

Bom Jesus

Silvia

E interessante perceber que a concorrência pelo "mercado" também é anterior ao Bom Jesus, trazendo *outros valores*, para além dos franciscanos, para o cenário de preocupação com os resultados do Canarinhos. Mas também há as diferenças.

Antes, no Colégio dos Canarinhos, a hierarquia acontecia da direção para os professores, dos professores para os alunos... A estrutura organizacional se colocava a serviço dos poderosos... No novooutro colégio, o "poderoso" é o Sistema Bom Jesus de Ensino, e pude perceber que, embora, alguns aspectos da educação tenham sido reformados, as relações do poder permaneceram as mesmas do colégio do século passado.

Quantas marcas se mantiveram! Quão pouca mudança, poderia dizer. Há um discurso muito semelhante... Há um modelo organizacional, uma ordem predefinida na qual todos devemos nos encaixar...

Michel Foucault

A ordenação por fileiras, no século XVIII, começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: filas de alunos na sala, nos corredores, nos pátios; (...) alinhamento das classes de idade umas depois das outras; sucessão dos assuntos ensinados, das questões tratadas segundo uma ordem de dificuldade crescente. E nesse conjunto de alinhamentos obrigatórios, cada aluno segundo sua idade, seus desempenhos, seu comportamento (2002.:126).

Silvia

No século XXI, muitas escolas ainda repetem esse modelo de ordenação. O Bom Jesus, inclusive, recupera algumas dessas práticas que se vinham alterando, retomando a ordem. Frei César tinha trazido algumas mudanças no, ainda, Colégio dos Canarinhos.

Ele queria que o colégio se atualizasse em algumas de suas formas de ensino e disciplina, pois sua estrutura administrativa e pedagógica mantinha-se centenária. (...) Uma de suas primeiras ações foi terminar com a fila na hora da entrada. Acabou com o sino e, em seu lugar, uma música convidava os alunos a se dirigirem para suas salas de aula (eixo 1:8).

Mais adiante, falo do meu movimento de estranhamento das novas práticas

Havia sido um aprendizado difícil ver os alunos dirigirem-se às salas ao soar de uma música, até porque tudo não ocorria com a tranquilidade que essa idéia parece transmitir. Os alunos se aglomeravam perto do portão de entrada e corriam, literalmente, escada acima. Outros, acintosamente, caminhavam lentamente pelos corredores, gerando o atraso que interessava a eles (id.:34).

A fila voltou com o BomJesusSantoOficio!

O Santo Ofício retomou o antigo sistema de fila para entrar, interrompendo um processo de aprendizagem ligado à circulação dos alunos que já havia feito grandes progressos. (id.:34).

Michel Foucault

A organização de um espaço serial foi uma das grandes modificações técnicas do ensino elementar. (...) Determinando lugares individuais tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos. Organizou uma nova economia do tempo da aprendizagem. Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar. (...) As disciplinas, organizando as 'celas', os 'lugares' e as 'fileiras' criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturas, funcionais e hierárquicos. (...) A primeira das grandes operações da disciplina é então a constituição de "quadros vivos" que transformam multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas (2002:126).

Silvia

Nesse sentido, estamos falando, ainda, de um poder hierárquico de tipo impositivo, não?

Michel Foucault

Em vez de orientar a pesquisa sobre o poder no sentido do edifício jurídico da soberania, dos aparelhos de Estado e das ideologias que o acompanham, deve-se orientá-la para a dominação, os operadores materiais, as formas de sujeição, os usos e as conexões da sujeição pelos sistemas locais e os dispositivos estratégicos. É preciso estudar o poder colocando-se fora do modelo do Leviatã, fora do campo delimitado pela soberania jurídica e pela instituição estatal. É preciso estudá-lo a partir das técnicas e táticas de dominação (2003:186).

Silvia

Em um determinado momento histórico, foi a Igreja a grande detentora do poder e do saber, instância autorizada diretamente por Deus. Posteriormente, esse poder passou para o domínio do Estado. E agora você diz que devo estudar o poder fora da instituição estatal, a partir das técnicas e táticas de dominação?

Michel Foucault

Esta dificuldade – nosso embaraço em encontrar as formas de luta adequadas – não virá de que ainda ignoramos o que é poder? Afinal de contas, foi preciso esperar o século XIX para saber o que era exploração; mas talvez ainda não se saiba o que é poder. E Marx e Freud talvez não sejam suficientes para nos ajudar a conhecer esta coisa tão enigmática, ao mesmo tempo visível e invisível, presente e oculta, investida em toda parte, que se chama poder. A teoria do Estado, a análise tradicional dos aparelhos de Estado sem dúvida não esgotam o campo de exercício e de funcionamento do poder. Existe atualmente um grande desconhecido: quem exerce o poder (id.:75)?

Silvia

Desde nossa última conversa, passei a ler seus textos, em busca de uma compreensão maior de suas idéias. Em um desses que li, em um diálogo com Deleuze, ele coloca que vê-se quem explora, quem lucra, quem governa, mas o poder é algo mais difuso (id.:76) e ele levanta a hipótese de que mesmo o marxismo determinou o problema em termos de interesse. Ele, a seguir, coloca uma questão que a mim intriga: "Como é possível que pessoas que não têm muito interesse nele sigam o poder, se liguem estreitamente a ele, mendiguem uma parte dele? E quando Deleuze fala que "é preciso ouvir a exclamação de Reich: não, as massas não foram enganadas, em determinado momento elas efetivamente desejaram o fascismo!" (ib.), reflito.

Volto-me imediatamente a um documento (eixo 3:277) que apresenta o perfil técnico da gestão educacional Bom Jesus e mostra a metodologia de trabalho do Bom Jesus e como se dará a implementação da gestão. Esse documento foi apresentado aos dirigentes do Colégio dos Canari-

nhos. Portanto, ninguém foi enganado O Bom Jesus disse a que veio! E foi aceito! Ingenuidade, desejo?

Michel Foucault

O PODER COM O DESEJO OU O DESEJO COMO PODER?

Se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, recalçamento, à maneira de um grande superego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo - como se começa a conhecer - e também a nível do saber (2003:148).

Nesse momento em que o país passa a exigir mais competitividade no setor privado, é preciso que as escolas católicas cada vez mais concentrem esforços no Modelo de Gestão e apoiem as áreas operacionais, para que elas se tornem competitivas e percebam a sua capacidade de entender os valores demandados por seus clientes (alunos e pais). Paralelamente, elas devem adaptar o processo de modo a atendê-los. A partir daí, tudo passa a ser possível, as escolas católicas com elevados índices de produtividade, excelência nos padrões de qualidade de ensino, altamente competitivas e com o objetivo de construirmos uma sociedade melhor (eixo 3:273).

Gestão Bom Jesus

Waldemiro

Eu tenho, na minha visão, que isso foi uma imposição, uma decisão unilateral da Província franciscana, justamente com esse objetivo de reduzir custos para diversos colégios da Província e também com o objetivo de uniformizar a parte pedagógica (id.:13).

Silvia

E muitas pessoas mostravam o desejo da vinda do Bom Jesus, ainda que inconscientes - não sei se é a melhor palavra - de tudo o que viria a acontecer, da forma como aconteceu.

Marisa

Eu estava achando que seria uma coisa boa para a escola (...) o professorado daqui ficou encantado (id.: 39).

Margarete

Acreditava que essas mudanças seriam feitas para o bem dos Canarinhos (...) No início, a gente teve uma grande esperança porque o que foi passado para a gente é que tudo o que ia acontecer seria o melhor para o colégio. Você é funcionário de uma instituição, então, se você tiver melhora naquela instituição, é melhora pra você. Quer dizer, vamos embarcar nessa porque vamos ganhar também (id.:60-3).

frei César

Percebia que isso seria bom para o colégio. Ele ia crescer muito mais, ia ter um intercâmbio grande, não íamos mais estar pensando sozinhos, mas com todas as outras realidades, e poder contribuir para aquele sonho de uma educação mais franciscana, até num universo bem maior. Achei a idéia bem interessante, nós fomos buscando ajuda e, logo depois de um ano que o Colégio de Lages tinha entrado para a Associação, frei Caetano determinou que o colégio de Petrópolis também passasse a pertencer à Associação. Eu, da minha parte, acolhi a idéia, sem dificuldade nenhuma (id.:170).

Silvia

O romance, lido como a minha versão da história, também trata dessa atraente vinda do Bom Jesus Santo Ofício para Serrano Petrópolis e mostra a expectativa de desejo de Sabrina.

A proposta foi apresentada como de parceria e parecia atraente, pois a idéia era que o colégio poderia usufruir todos os benefícios de um outro colégio com maior estrutura. A organização, inicialmente, continuaria a mesma, mas se teria uma

OS VÁRIOS SENTIDOS DA CRENÇA

COMO CALCULAR O PREÇO DOS BENEFÍCIOS DE UMA PARCERIA?

assessoria para todas as questões. (eixo 1:10)

[Sabrina] chegou a se animar com a importância que o colégio ganhava ao fazer parte dessa grande cooperativa de colégios (id.11).

Michel Foucault

As relações entre desejo, poder e interesse são mais complexas do que geralmente se acredita e não são necessariamente os que exercem o poder que têm interesse em exercê-lo, os que têm interesse em exercê-lo não o exercem e o desejo do poder estabelece uma relação ainda singular entre o poder e o interesse.(...) E o desejo foi, e ainda é, um grande desconhecido (2003:77).

Silvia

Nesse sentido, podemos dizer que o poder passa por cada indivíduo...

Michel Foucault

O indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu (id.:183-4).

Silvia

Posso entender, então, o indivíduo como produto/produtor e transmissor de poder? O indivíduo exerce o poder e sofre a ação do poder, a partir de seus desejos, interesses... Então para olhar como o poder é exercido na história que escrevo, preciso olhar para cada sujeito.

Michel Foucault

O importante não é fazer uma espécie de dedução do poder, que partindo do centro, procuraria ver até onde se prolonga para baixo, em que medida se reproduz, até chegar aos elementos moleculares da sociedade. Deve-se, antes, fazer uma análise ascendente do poder: partir dos mecanismos infinitesimais que têm uma história, um caminho, técnicas e táticas e depois examinar como estes mecanismos de poder foram e ainda são investidos, colonizados, subjugados, transformados, deslocados, desdobrados, etc., por mecanismos cada vez mais gerais e por formas de dominação global (id.:184).

Silvia

A história do *Bom Jesus Canarinhos* mostra esses mecanismos de poder traduzidos nas práticas franciscanas de condução de seus colégios, sendo substituído por formas de dominação global, única, comum a todos os colégios, apresentada através do detalhamento da experiência vivida no Bom Jesus Canarinhos. A luta pelo poder e o desejo de poder é apresentado, seja no romance, seja nas versões dos testemunhos, em diversos momentos e tempos.

Marilda

Fui convidada para ser diretora na época (eixo3:45).

Waldemiro

Frei José Luiz sempre me garantiu que ele deixaria tudo a critério do frei César a partir do momento em que ele assumiu a direção. Ele sempre disse:

- Eu quero que ele assuma mesmo. Eu não vou interferir em absolutamente nada.

Agora (Rindo), não sei como foi que frei César teria entendido isso aí, não é? Porque frei José Luiz continuava lá (id.:19).

Marisa

A moça que ficou no meu lugar é um exemplo. Inclusive a maneira de ela lidar com os funcionários... As faxineiras... tinham pavor dela. A maneira como ela falava com elas. Eu sei porque eu me

encontrava com elas na rua e elas me diziam. Mas numa autoridade, numa estupidez. Porque agora é assessora, é? Muda, não é (id.:46)?

Silvia

Comigo ela era super doce... Mas eu também era assessora, não é? Comigo... eu não tinha nada a dizer.

Marisa

Mas, quando estava com os professores... e até hoje... (ib.)

Marilda

Ninguém queria assumir o lugar... coisa que acontece agora. Já vai trabalhando pensando em aparecer porque aí eu posso ficar no lugar daquele assessor que vai sair. Ali, nunca ninguém cobiçou o lugar de ninguém (id.:47).

frei César

Eu nunca me manifestei como contrário ao Bom Jesus e às propostas que vinham de lá, para os professores, para os alunos, até porque eu era diretor e representava... com cada vez menos poder de ação, até o ponto em que eu não tinha mais nenhum poder de ação, as coisas aconteciam e eu não estava mais sabendo de nada (id.:174).

Silvia

No romance, o espaço de poder que Sabrina ocupa também sofre mudanças, mostrando que o incômodo que ela vive com a chegada do frei Augusto no colégio (eixo 1:10) é menor do que o incômodo vivido por ela, inicialmente, com a vinda do Santo Ofício (id.:13). Na primeira situação, ela perde o *status* de queridinha do frei Mariano, que passa a se ocupar do sobrinho e, com o status que o Santo Ofício parecia trazer, Sabrina acredita recuperar poder, tendo em vista as promessas que a associação trazia.

Mas muitas foram as situações que estremeceram as relações já firmadas anteriormente. frei JoséLuizMariano perdeu seu espaço. Coordenadoras e professoras foram demitidas. E frei CésarAugusto, que espaço ocupava? O das decisões? Ou foi manipulado por um poder maior? Um poder oculto. Havia PauloCunhaPedroPaulo, o diretor do BomJesusSantoOfício e acima dele, hierarquicamente, havia freiGuidoRamón.

Michel Foucault

As forças em jogo na história não obedecem nem a um destino, nem a uma mecânica, mas efetivamente ao acaso da luta. Elas não se manifestam como as formas sucessivas de uma intenção primordial; tão pouco assumem o aspecto de um resultado. Aparecem sempre no aleatório singular do acontecimento (1999:145-172).

Silvia

Contudo, desses acontecimentos a discussão a respeito do poder das decisões e de quem teria decidido a vinda do grupo Bom Jesus para Petrópolis é uma das questões que mais aparecem na pesquisa, na etapa da entrevista.

"Vale tudo", um clássico das novelas de Gilberto Braga, propõe uma pergunta que estará na galeria de "mistérios mundiais": "Quem matou Odete Reutman?" Uma outra "novela", que até pode ser chamada, também, de "Vale tudo", abre espaço para uma pergunta que teima em não calar "Quem trouxe o Bom Jesus para Petrópolis?". Ela deixa transparecer uma das práticas bastante evidentes do Bom Jesus, a de não deixar claras as suas intenções, mascarando o poder, dificultando a resistência.

Refletindo mais profundamente, posso até mesmo perguntar: houve, de fato, mudança na localização do poder? Por trás de todo o sistema de ensino, um dia Canarinhos, antes Escola Gratuita São José, agora Bom Jesus, sempre esteve "a Província".

Alex

A Província deles aqui é uma das maiores do Brasil, e eu conheço a realidade de algumas ordens que têm menos dinheiro que a deles, os franciscanos são das ordens mais poderosas do mundo, estão espalhados por tudo quanto é lugar (id.:123)...

Waldemiro

Eu tenho, na minha visão, que [a gestão Bom Jesus no Canarinhos]foi uma imposição, uma decisão unilateral da Província franciscana, justamente com esse objetivo de reduzir custos para diversos colégios da Província e também com o objetivo de uniformizar a parte pedagógica (id.:13).

frei César

Tem um organismo na Província que congrega as escolas todas e todo o trabalho de educação e também de comunicação, que se chama DEC.

Então, naquele ano de 93, eu fui participar pela primeira vez dessa reunião, onde vinham todos os frades que trabalhavam em educação. Na reunião, o ministro provincial da época... – não sei se precisa explicar essas coisas: provincial (id.:169)?

Silvia

Respondi "Acho que não" na entrevista, acreditam? Precisava entender mais!

frei César

... o ministro provincial da época escreveu um texto e colocou para nossa reflexão um questionamento muito grande, porque eram várias escolas espalhadas pelo território da Província [...] Viraram, assim, uma espécie de feudos, com frades que ficaram muitos anos em cada uma delas e se tornaram quase que assim... foram identificados como donos desses colégios, embora o patrimônio e todo o trabalho tem uma história da Província por mais de cem anos, em quase todos eles, mas a Província perdeu bastante o controle desses colégios, a influência sobre eles (eixo 3:169).

Então, frei Estêvão provocava que os colégios formassem um *pool* que pudesse dar mais segurança para a Província id.:169).

frei José Luiz

Tudo aconteceu, porque era desejo da Província ter todos os seus colégios unidos sob uma única direção (id.: 217).

frei César

Percebi que a Província queria isso mesmo, que o Bom Jesus assumisse tudo e tocasse tudo, para trazer uma tranquilidade administrativa, que a Província não precisasse mais se preocupar com os colégios, que pudessem falir, ou que pudesse acontecer qualquer coisa (id.:175).

Margarete

Mas eu acho, particularmente, e eu não sei nada disso, que quem começou a fazer essa mudança, não sei se iludido ou não, foi o frei César (id.:64).

Alex

Ele foi o grande arquiteto da mudança (id.:123).

Odete

Acho até que o Paulo Cunha é o idealizador disso (id.:157).

Silvia

Essa questão foi colocada para frei César: Foi uma decisão da Província ou uma ação apenas de sua parte? Será que a resposta dele (id.:170) seria a versão que iria ao ar, no final da novela?

E, até aqui, Foucault, só falei de algumas das situações que intrigam essa história de "colonizados".

Você me permite estabelecer muitas relações entre as suas falas e as minhas escritas estudos lembranças e me chama a atenção para a relação entre poder e saber ao apresentar-me o poder a partir das estratégias de dominação. No entanto, me provoca a voltar para questão que perpassa a minha busca "pela verdade" e pelo "vilão da história", ao falar do grande desconhecido que exerce o poder.

frei César

Eu fui transformado, naquela ocasião, em diretor geral, aqui do colégio e de todo o trabalho, e o conselho é que iria administrar e estaria orientando tudo, conversando com *Curitiba*[...].

Logo depois que eu assumi essa direção, foi nomeado, também, um gestor. Isso não estava bem claro no início, mas ele veio como uma espécie de gerente, para cuidar dessa parte mais administrativa. Assim era a idéia inicial. Então, isso foi aceito até com tranquilidade para justamente fazer a ponte com a central [...] A princípio, a gente discutia bastante, mas cada vez menos, e a ponte dele era direto com *Curitiba*. As informações ele mandava para *Curitiba* e buscava de lá (eixo 3:171).

"QUEM" É CURITIBA?

Marisa

As provas vinham de Curitiba para nós aplicarmos aqui. Uma realidade diferente (id.: 37).

Denise

Esse negócio de entregar disquete com plano de aula para ver se Curitiba aprova... São realidades diferentes (id.:193)!

Márcio

Por um lado, esse era o comentário que todo mundo fazia. Por outro, eu sentia um pouco isso sim. Porque já vinha tudo como que fechado e, muitas vezes, na aula de religião, eu perguntava sobre alguma modificação e sempre me remetiam para que eu falasse com Curitiba. Então, como quem diz:

– Ali não se decide nada (id.:26).

frei César

Uma dificuldade que eu sentia é que a gente não conseguia identificar Curitiba. As coisas vinham:

– Curitiba determinou que tem que ser assim.

E quem é Curitiba? Eu ligava para frei Guido, ligava para Paulo Cunha e eles saíam pela tangente. Nessas coisas, mandavam procurar os setores responsáveis, e aí ficava sempre num empurra para cá e para lá. Então, não ficava nada claro (id.:185).

Denise

É o professor Milton foi o mais próximo, com quem eu tive mais contato e uma pessoa assim muito mais fácil de lidar, mais tranquila, uma pessoa de quem eu me lembro com carinho. Não tive nenhuma dificuldade com ele. Sempre que a gente precisou, ele estava lá, mas que também tentava cumprir o que era pedido de Curitiba (id.:199).

Odete

O Milton, que eu também nunca soube a que veio. Também achava ele muito manipulado por Curitiba, meio que pau mandado. Ele cumpria ordens. Você ia falar com ele, ele nunca tinha uma resposta para te dar naquela hora. Nunca! Todas as vezes que eu ia tentar resolver alguma coisa com ele, ele pedia:

– Amanhã a gente resolve.

A impressão que eu tinha era de que ele ligava para Curitiba para saber o que fazer e, depois, no dia seguinte, dava uma resposta (id.:93-4).

Silvia

Eu chego a achar graça com essa questão, que era tão visível. Eu tinha o hábito de organizar duas ou mais questões para levar para perguntar e resolver. Ele pedia que voltasse no dia seguinte. Voltava eu no dia seguinte com minha lista de problemas e uma das perguntas que eu refazia, e ele dizia novamente:

– Ah, isso resolvemos amanhã.

Pensava eu, “essa questão ele esqueceu de perguntar!”

frei César

Então, Curitiba ia fazer tudo e aqui ia só operacionalizar as coisas e pronto. Nenhum tipo de questionamento (id.:186).

Waldemiro

Minha saída praticamente foi em decorrência do fato de que a administração que eu fazia antes seria toda concentrada lá em Curitiba (id.:13).

frei César

Ficava, então, sempre aquela coisa: “lá em Curitiba”, “lá no Bom Jesus”, e a gente parecia um elemento da periferia fora de todo o processo, recebendo esmolas, migalhas (id.:172).

Sabrina jamais esqueceu aquela conversa sórdida, em que Otávio lhe propôs que escolhesse um lado, o dele ou o dos freis. Meu Deus, o que estava acontecendo? – pensava ela (eixo 1:37).

– Vim indicado para essa função, pois já resolvi situações de conflitos em várias instituições da Associação. Sou pessoa de plena confiança do Pedro Jorge e estou aqui para acabar com os problemas que a Associação vem tendo com o colégio. Identificarei quem está contra a Associação e preciso saber se você está do meu lado ou do lado dos freis. Aquela pergunta revelava para Sabrina que Associação e freis estavam em embate. Mas, que freis? Frei Augusto e frei Mariano, ou todos os frades aionistas (id.:27)?

Silvia

Estou percebendo que há muito mais assunto do que eu poderia imaginar dentro do tema recorrente “Curitiba”, pois parece que é daquele lado que emana o poder, suas falas não negam. Junto a essa questão, no entanto, começa a surgir outra, relacionada, em que aparecem “maneiras de fazer” no Canarinhos negadas, a partir da imposição das *novasoutras* “maneiras de fazer” vindas de Curitiba. Essa pode ser uma boa conversa! (continua no eixo 2:130)

São exatamente 23h 20min do dia 05 de maio de 2006 e me deparei com uma questão que me deixou estupefata: onde fica a Província? Percebem que trabalhei por praticamente 20 anos no Colégio dos Canarinhos e não sei essa resposta? Pergunto, então, a você que me lê: de onde vêm o poder? De Curitiba ou da Província?

Vem-me à memória um trecho do romance em que falo algo sobre isso, sobre a

provínciaccondado...

Condado, confraria... dos aionistas. Nomes que eram tão freqüentes no Bom Samaritano que sequer as pessoas atentavam para o alcance de cada um deles. Condado, por exemplo, pode ser entendido como uma organização político-religiosa complexa, marcada pela hierarquia, tão a contragosto do que o jovem Aion pregara. Sabia-se que o colégio pertencia ao grupo – chamado Condado – da região Sudeste do país. Esse grupo atacava em várias frentes – colégios, editoras, rádios, paróquias – com o objetivo de evangelizar (id.:5).

E o Bom Jesus precisava “obedecer” à Província e, para tal, criou mecanismos para o “bom funcionamento” das escolas franciscanas sob seus cuidados.

O acompanhamento do trabalho dos professores passou a ser intenso. Falo, especificamente, das séries iniciais devido ao fato de acompanhar diretamente esse trabalho enquanto assessora pedagógica do primeiro segmento do Ensino Fundamental.

Michel Foucault

Onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro lado; não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui (2003:75).

Silvia

Então, a minha idéia de que o poder se exerce de cima para baixo não existe?

Michel Foucault

Na medida em que as relações de poder são uma relação desigual e relativamente estabilizada de forças, é evidente que isto implica um em cima e um embaixo, uma diferença potencial (id.:250)

Alain Groisrichard

Sempre se tem a necessidade de alguém embaixo (ib.250).

Michel Foucault

De acordo, mas o que eu quis dizer é que, para que haja um movimento de cima para baixo, é preciso que haja ao mesmo tempo uma capilaridade de baixo para cima (ib.250).

Alain Groisrichard

Você acha, então, que esta representação do poder exercendo-se de cima para baixo e de maneira repressiva ou negativa é uma ilusão? Não se trata de uma ilusão necessária e produzida pelo próprio poder? Em todo caso, é uma ilusão bastante constante, e é contra este tipo de poder que as pessoas lutaram e acreditaram poder mudar as coisas (id.:249).

Michel Foucault

O poder não existe. Quero dizer o seguinte: a idéia de que existe, em um determinado lugar, ou emanando de um determinado ponto, algo que é um poder, me parece baseada em uma análise enganosa e que, em todo caso, não dá conta de um número considerável de fenômenos (id.:248).

Silvia

Essa sua colocação me ajuda começar a entender essa idéia da capilaridade do poder. Se o localizo e o estudo em apenas um espaço/lugar, preciso jogar fora uma série de outras relações que acontecem ao mesmo tempo, e que contribuem para formar esse jogo de forças.

O CEP enviava quinzenalmente o PA – Plano de Atividades – para cada série. O plano de aula deveria ser elaborado pelas professoras com base no PA, posteriormente analisado e comentado por mim e enviado para o CEP.

Para a “compreensão” de como deveria ser a elaboração do plano de aula, segundo o “modelo CEP”, foi necessária a vinda de uma “coordenadora”, que ministrou um curso para as professoras. Era preciso especificar os conteúdos atitudinais, conceituais e procedimentais a serem cumpridos semanalmente, uma das exigências do “modelo”.

Garantir a contextualização dos conteúdos e a interdisciplinaridade era outra exigência. O plano de aula deveria descrever as aulas, sem deixar de seguir o cronograma de conteúdos previamente

alguns autores em destaque naqueles tempos, como César Coll, Pedro Demo e Philippe Perrenoud, para defender suas idéias. A elaboração de manuais de ensino, ainda que não denominasse assim, era sua maior e mais intensa atividade. Apresentava seu material com o nome de Roteiro de Aulas (RAs), no qual definia quais os conteúdos a serem ministrados, o cronograma de páginas dos livros didáticos a ser cumprido semanalmente, sugestões de tarefas e, ainda, leitura complementar sobre os conteúdos do período. Os RAs tinham regularidade quinzenal, geralmente (eixo 1:28).

Silvia

O excesso de informação e cursos deixava o professor em dúvida quanto ao seu saber da experiência.

Ma a

F c
T c a a a (3:144).

Jorge Larrosa

A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outmente2turii TDÜins, 1, nsrsa mposibhilidadis de experr-

geral.”

Por ser um processo planejado e conduzido internamente, revela-se como tarefa árdua e complexa, pois além de implicar num acompanhamento sistemático de todos os seus segmentos, exige a disponibilidade de importantes recursos da tecnologia de informação e pessoal técnico especializado. Assim, são poucas as instituições de ensino que têm condições de implementar e manter um programa interno voltado para a avaliação de suas ações.

No Bom Jesus, a avaliação é hoje uma prática permanente de auto-reflexão e análise de suas ações. Criou-se uma “cultura avaliativa”, sendo que o processo de avaliação é conduzido numa perspectiva participativa, por meio de etapas, desde a sensibilização dos agentes envolvidos até a tomada de decisão e reavaliação do próprio processo. A avaliação externa, por sua vez, é representada nesse contexto pela análise realizada por outros agentes da sociedade, em que destacam-se os resultados obtidos no SAEB e ENEM do Ministério da Educação e os índices de aprovação nos processos seletivos dos principais vestibulares do País.

Os relatórios de todos esses levantamentos são individualizados por unidade e os resultados, disponibilizados em tempo hábil para que possam ser utilizados pelos gestores e pela equipe do Centro de Estudos e Pesquisas, durante os encontros pedagógicos. Com bases nessas informações, busca-se uma reflexão clara da realidade, evitando juízos de valor sem fundamento, identificando os pontos fortes e fracos baseados nos dados analisados, enfatizando todas as dimensões institucionais que necessitam de intervenção.

Por fim, cabe ressaltar que herdeiro de tradicionais valores franciscanos, o Bom Jesus se propõe a responder aos anseios da comunidade, apoiando-se na experiência acumulada no campo educacional há mais de cem anos. Assim, tendo como compromisso a formação de uma nova sociedade, o Bom Jesus desempenha com competência o desafio de atender aos designios da modernidade, articulado com as questões concretas postas pela dinâmica social e da cultura e engajado na humanização do progresso.

Nesse sentido, fundamenta-se na avaliação institucional para estabelecer os mecanismos de garantia do padrão de qualidade, como forma de atender à sua missão: produzir e difundir o conhecimento, libertar o ser humano pelo diálogo entre a ciência e a fé e promover a fraternidade e a solidariedade, mediante a prática do bem e conseqüente construção da paz.

(Texto publicado em 01.05.2003. O Espaço Bom Jesus é publicado todos os domingos no jornal Gazeta do Povo.)

Fonte: http://www.bomjesus.br/espaco/espaco_det.asp?InglIdNoticia=6 (pesquisa em 20/07/2006)

Michel Foucault

O exame combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados. É por isso que em todos os dispositivos de disciplina o exame é altamente ritualizado. Nele vêm-se reunir a cerimônia do poder e a forma da experiência, a demonstração da força e o estabelecimento da verdade. No coração dos processos de disciplina, ele manifesta a sujeição dos que são percebidos como objetos e a objetivação dos que se sujeitam. A superposição das relações de poder e das de saber assume no exame todo o seu brilho visível (2002a:154)”.

Paulo Sgarbi

Esta questão do exame é bem visível, embora muitos queiram que ela passe despercebida, e serve, como escreve Jujo Torres Santomé, como instrumento de vigilância do legítimo (2005 art 6: 23).

Os exames como controle reorientador e vigilância do “legítimo”

Um recurso-chave através do qual se pretende difundir este modelo do consenso e da não existência do conflito e da confrontação são as avaliações, mas com o significado tradicional de *exames*, ou seja, na sua acepção behaviorista e de controle técnico, com uma forte ênfase na sua dimensão de sanção e de rotulagem. Uma avaliação ou exame com estas características é concebida por Michel Foucault como uma nova “tecnologia disciplinar” e, por isso mesmo, interesseira. Esta concepção está longe de ser esse recurso asséptico, imparcial, politicamente falando, que tenta comprovar o conteúdo e a forma de utilização de determinado saber que a instituição escolar pretende transmitir. O exame é concebido por este autor, num modelo educativo como aquele que temos vindo analisar, como um instrumento normalizador que cumpre essa missão mediante o recurso a fórmulas de classificação, hierarquização, avaliação e sanção ditadas pelas pessoas que, em determinada situação, detêm o poder. (Santomé, in: Sgarbi, 2005 art 6 : 23).

Silvia

As avaliações, sugeridas pelo CEP, ou elaboradas na unidade, mas analisadas pelo CEP, mostra-

vam o intuito de verificar se o professor estava dando conta do conteúdo previsto.

O SIP precisava garantir o cumprimento das propostas apresentadas pelos RAs e o fazia através de avaliações únicas semestrais em todas as unidades. Os professores precisavam trabalhar toda a proposta pois seus alunos seriam cobrados em cima do que era apresentado inicialmente como sugestão (eixo 1:28).

Margarite

Eu e Giovana, a gente se matava por causa disso. Porque você tinha que cumprir um cronograma que vinha de Curitiba e as provas vinham de lá. Então, você tinha que cobrar aquilo. E se você resolvesse fazer uma fixação ou um período de revisão... não dava. Então, a gente se moía muito com aquilo. A gente estava vendo que as crianças tinham dificuldades, que as crianças precisavam de revisão, não tinha como passar para outra matéria, mas tinha que passar porque vinha já de Curitiba. Então, a gente ficava bem chatada com isso (eixo 3:65).

Denise

Não tinha tempo pra nada. Cada um tentava dar conta da sua tarefa. E, aquela história: o segmento tal é melhor... Às vezes, acontecia isso: Eu sentia isso. Um segmento está melhor do que o outro. Até por causa do Bom Jesus, que ficava avaliando, avaliando (id.:198)...

Ma a

E c a a a a a a a a a a , b a a a ,
a a . E a a a a a a B J (:37)...

Silvia

Avaliação externa (id.:37).

Ma a

Isso, avaliação externa. Todas as unidades tinham que fazer para eles terem uma noção de como estavam as diferentes unidades. Eu me lembro de que, logo no começo, em português, nós ganhávamos todas. Nós ficávamos a (b.).

Paulo Sgarbi

Quando, no entanto, a questão que se levanta é a avaliação do rendimento escolar, alguns pontos têm de ser trazidos para a reflexão, pois se evidencia a recorrência de práticas quantitativas e classificatórias, na maioria das vezes em consonância com currículos impostos e hierarquicamente elaborados. Assim, a avaliação do rendimento escolar assume um papel de catalisadora das questões educacionais como um todo, na medida em que coloca em evidência as questões curriculares, de gestão, de políticas públicas, metodológicas (2005 art 6:44).

Silvia

Esse era outro dispositivo de vigilância importante: a aplicação das avaliações externas, prática quantitativa e classificatória exercida por equipe contratada pelo CEP, que apresentava relatório em forma de gráfico, ordenando colégios, professores, turmas e alunos de acordo com as notas destas provas, aplicadas "igualmente" em todas as unidades. A avaliação passou a ser percebida por mim como um dos indicadores da perspectiva educacional assumida pelo Grupo Bom Jesus.

Paulo Sgarbi

Não gosto de perder de vista que novos sentidos não pressupõem, necessariamente, novas práticas, mas sim novas possibilidades de uso para alguns procedimentos avaliativos que eram/são utilizados para que fossem alcançados objetivos em que a classificação, a ordenação e, por conseguinte, a exclusão

são o norte dos processos. Para maior clareza, não é a “prova” o mal da avaliação, mas sua utilização como instrumento que serve à hierarquização e à exclusão (id.:37).

Michel Foucault

A divisão segundo as classificações ou os graus tem um duplo papel: marcar os desvios, hierarquizar as qualidades, as competências e as aptidões; mas também castigar e recompensar. A disciplina recompensa unicamente pelo jogo das promoções que permitem hierarquias e lugares; pune rebaixando e degradando. [...] O próprio sistema de classificação vale como recompensa ou punição (2002a: 151).

Silvia

Percebo, então, que estratégias eficazes e sistemáticas, com o intuito de assegurar a dominação por meio de tais mecanismos de controle se estabeleceram através de um programa de avaliação que ia muito além das avaliações externas cuidadosamente esquadriado para ser aplicado nas escolas pertencentes à província.

Henrique

Eu não conheço o que esses moços que comandam o Colégio dos Canarinhos fazem lá no colégio deles, mas aquilo que se diz por aí é que os alunos dizem para eles, quando inquiridos, o que acham dos professores, como se fosse assim um tipo de espionagem do professor. Isso é verdade? É feito isso mesmo (eixo 3:139)?

Silvia

É, no tempo em que eu estava lá, estava sendo feita uma avaliação dos professores pelos alunos, sim. Não sei se continua (ib.).

Odete

... aquela avaliação que os alunos faziam dos professores. Eu falei que não ia fazer, e aí foi frei César para as turmas fazer. Ele [Ivan] também foi e disse que eu estava boicotando o trabalho do Bom Jesus. E depois, ele chamava professor, um por um, para dar o resultado, sabe, para dizer:

– Aqui, professor, disseram que o senhor não tem... que o seu conteúdo é fraco (id.:92).

Não terminou por aí a inserção de formas de controle por parte do SIP. Um sistema de questionários enviados aos pais de todos os alunos, com retorno lacrado, era um caminho para observarem nível de satisfação, inclusive quanto ao desempenho dos professores. E havia ainda o teleatendimento que, ao receber uma denúncia, tratava de telefonar para uma porcentagem determinada de pais ou responsáveis para verificar a relevância do problema.

Passou a ser comum o comentário dos pais, dizendo que receberam telefonemas do *telemarketing* para saber se estavam satisfeitos com certo professor, bem como as ameaças de que iriam reclamar com o 0800, ligação gratuita!, se não fossem atendidas tais e tais solicitações.

O próximo e decisivo passo foi a colocação de câmeras pelos corredores e escadarias do colégio, preservando as salas de aula em um primeiro momento, do olhar que tudo vê (eixo 1:32).

Fred

O BJC é uma prisão cheia de câmeras e não se pode abraçar pessoas no recreio (eixo 3:228).

Silvia

Apreciando os encaminhamentos da “era Bom Jesus” no Colégio dos Canarinhos, que emerge no decurso da “era Fernando Henrique Cardoso” (1995-2002) – período de sujeição aos organismos internacionais, marcado pelo neoliberalismo que viria a orientar as reformas sociais e os projetos educacionais a elas articulados – afigura-se que o Grupo Bom Jesus aderiu à ideologia dominante/hegemônica no período e, tal como o governo FHC, adotou a perspectiva educacional economicista e mercantilista.

Os procedimentos de avaliação e controle mostram preocupação com os resultados, dados de

desempenho escalonados, uso de dados predominantemente quantitativos, entre outros aspectos predominantes na lógica do mercado e nas políticas educativas neoliberais.

Na busca de análises “confiáveis”, elaborando uma grande rede de vigilância, controle, normatização, normalização, o Bom Jesus avalia alunos, professores, disciplinas, currículos, cursos, instituições... Os instrumentos de avaliação, parece-me, foram os instrumentos que o Bom Jesus encontrou para “obedecer” a província na tarefa de manter tudo e todos *sob controle*.

Não posso deixar de relatar aqui, dentro deste contexto, um acontecimento que me estareceu – espero continuar a me estarecer com essas situações – e que mostra o poder exercido através dessas micro-relações que passam o cotidiano e os indivíduos.

Ontem à noite, fiquei sabendo, via MSN, que uma professora do Colégio Bom Jesus Canarinhos acabara de ser demitida. Estamos em início do mês de maio, o que só nos leva a uma compreensão inicial de que uma demissão de professora no meio do período letivo só acontece se há uma problema muito grave e incontornável. Dizia-me a pessoa que havia muitas reclamações dos pais. Sim, compreendi. Mais um problema: na última avaliação dos alunos – que vem pronta de *Curitiba* e não é aplicada pela própria professora – havia *uma* questão que todos os alunos não sabiam. A professora que aplicou aprova “precisou” comunicar o problema à gestora – ela já vinha recebendo reclamações dos pais, lembremos – que se cansou e demitiu a professora. *A professora que aplicou aprova* assumiu o lugar da *professora demitida*.

– E a responsável pela turma discretamente já vinha dando uma cutucada na assessora, continuou minha informante.

Pensei: Por que não cutucara a própria colega?

– *A professora que aplicou aprova* pediu às crianças para contarem para as mães, para irem procurar a Marta – assessora pedagógica – para reclamar. Botou a maior lenha na fogueira. O que ela puder fazer pra ferrar pra ganhar posto, ela está fazendo. E o pior, conseguindo. A menina era sem prática de sala de aula, precisava de orientação. Ela estava sozinha tentando nadar.. Aí teve uma ajudinha indireta para afundar. Fico morrendo de pena porque ela sustentava a casa e precisa muito trabalhar... Alguém ligou pra ela e disse que ela chora sem parar e a mãe dela também. A assessora ficou incomodada porque a menina estava querendo ajuda.

– Como se não fosse papel dela, disse eu.

Mais do que tudo, chocou-me saber que a professora não tinha experiência e não sabia das reclamações: foi pega de surpresa. Que chance teve essa professora de melhorar a sua prática e corrigir as suas falhas? Que marcas essa professora leva de sua estréia em sala de aula?

Vi o poder das “colegas” na *ajudinha indireta para afundar*, dos pais nas reclamações, da assessora que *ficou incomodada porque a menina estava querendo ajuda*, da gestora que se cansou. É, Foucault, o poder não se localiza em uma única instância, mesmo, e se expressa de várias formas enquanto práticas sociais, ao nível do próprio cotidiano. Que eu vá em busca dessa compreensão! Eu queria tanto *um* culpado...

Michel Foucault

Em primeiro lugar: não se trata de analisar as formas regulares e legítimas do poder em seu centro, no que possam ser seus mecanismos gerais e seus efeitos constantes. Trata-se, ao contrário, de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações, lá onde ele se torna capilar; captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que, ultrapassando as regras de direito que o organizam e o delimitam, ele se prolonga, penetra em instituições, corporifica-se em técnicas e se mune de instrumentos de intervenção material, eventualmente violento. [...]

Segunda preocupação metodológica: não analisar o poder no plano da intenção ou da decisão, não tentar abordá-lo pelo lado interno, não formular a pergunta sem resposta: “quem tem o poder e o que

pretende, ou o que procura aquele que tem o poder (2003:182)?”

Silvia

Por isso eu não conseguia avançar em minha pesquisa por tanto tempo...

Michel Foucault

Ao invés de perguntar como o soberano aparece no topo, tentar saber como foram constituídos, pouco-a-pouco, progressivamente, realmente e materialmente os súditos, a partir da multiplicidade dos corpos, das forças, das energias, das matérias, dos desejos, dos pensamentos, etc (id.:183).

Silvia

Parece-me que uma questão interessante que você me ensina é pensar no meu desejo de *Curitiba...*

Michel Foucault

Terceira precaução metodológica: não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras [...] O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (ib.).

Silvia

Preciso pensar em micropoderes em redes mais ou menos hierárquicas, onde cada um é centro de transmissão de poder e produto dele. O poder é relação. E não existe poder fora de seu exercício, pois, poder não é coisa que se possui: não se possui poder — exerce-se poder.

Michel Foucault

Temos que deixar de descrever sempre os efeitos de poder em termos negativos: ele “exclui”, “reprime”, “recalca”, “censura”, “abstrai”, “mascara”, “esconde”. Na verdade, o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção. (2002:161)

Silvia

O conhecimento que posso ter do indivíduo – e de mim mesma – se origina, posso pensar, nessas relações produtivas de poder que criam mecanismos de controle e produção de formas de pensar e de agir. E, neste caso, quem ou o que coordena as relações dos sujeitos? Os próprios sujeitos cotidianos!

Através de um conjunto extremamente complexo de relações, os movimentos funcionam de forma sutil. Aliás é um esforço para mim esse exercício de compreensão de que não há um alguém que coordena as ações desses sujeitos. Talvez minha dificuldade se origine, de forma semelhante, na mesma dificuldade que tenho em pensar o funcionamento harmônico da natureza, sem supor que há alguém por detrás desta harmonia – que se cria no caos e não é tão harmônica assim...

Gostaria de ficar com Foucault nesse diálogo intenso. No entanto, creio que não deva ficar a repetir para meu possível leitor tudo aquilo que ele já leu no romance e identificou, provavelmente (devo dizer que fiz um extremo esforço para não dizer certamente), como essas situações que Foucault aponta como passíveis de exame para a compreensão de mecanismos do poder, exatamente porque quero acredi-

O PODER NÃO PODE SER POSSUÍDO, MAS TÃO SOMENTE EXERCIDO

tar que o romance dá conta de mostrar as questões “a quem quer ver”.

Parei. Lembrei-me de Caetano.

*Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Morrer e matar de fome, de raiva e de sede
São tantas vezes gestos naturais*

Caetano Veloso

Um outro desejo, então, me leva a retomar a conversa sobre a escrita do romance e (re)começo.

CONVERSANDO COM CERTEAU

Disse o ratinho: "Minha história é longa e triste!" Ouvirás isso milhares de vezes. Como ouvirás a terrível variante: "Minha vida daria um romance". Ora, como todas as vidas vividas até o fim são longas e tristes, e como todas as vidas dariam um romance, pois o romance é só o jeito de contar uma vida, Foge, polida mas energicamente, dos homens e das mulheres que suspiram e dizem: "Minha vida daria um romance!" Sobretudo dos homens. Uns chatos irremediáveis, Maria.

Para Maria da Graça, Paulo Mendes Campos

Silvia

O esboço do romance – eu pretendia que fosse um romance, mas essa escrita literária não é tão fácil, por isso parei no esboço – foi um exercício na tentativa de escrever da maneira mais próxima à das acontecências no cotidiano das práticas, bem como da maneira mais próxima do possível leitor “ordinário”.

Michel de Certeau

Herói comum. Personagem disseminada. Caminhante inumerável (1994:57).

Silvia

Busquei uma linguagem que possa abrir mais espaço de diálogo e de compreensão mútua, além de uma conversa mais agradável. No desenvolvimento do estudo das versões narradas da história, ora no romance, ora nas entrevistas e depoimentos, venho escrevendo como transcrevendo conversas, fazendo um exercício de reproduzir o movimento interno que se dá em mim, entre o que escrevo, os autores que leio e o que coleto de material na pesquisa de campo. Metodologia da conversa!

Michel de Certeau

O jogo escriturístico, produção de um sistema, espaço de formalização, tem como ‘sentido’ remeter à realidade de que se distinguiu *em vista de mudá-la*. Tem como alvo a eficácia social. Atua sobre a sua exterioridade. O laboratório da escritura tem como função “estratégica”: ou fazer que uma informação recebida da tradição ou de fora se encontre aí coligida, classificada, imbricada num sistema e, assim, transformada; ou fazer que as regras e os modelos elaborados neste lugar excepcional permitam agir sobre o meio e transformá-lo (id.:226).

Silvia

Mas essa idéia não foi a maneira “moderna” de fazer ciência?

Michel de Certeau

Agora, o importante não é mais o dito (um conteúdo) nem o dizer (um ato), mas a transformação, e a invenção de dispositivos, ainda insuspeitos, que permitem multiplicar as transformações. Acabou-se portanto o tempo em que o ‘real’ parecia vir até o texto para ser aí manufaturado e exportado. Acabou-se o tempo em que a escritura parecia fazer amor com a violência das coisas e alojá-las na ordem de uma razão. (...) Por esse desnudamento do mito moderno da escritura, a máquina celibatária se torna, mediante demissão, blasfema. Ela combate a ambição ocidental de articular no texto a realidade das coisas e reformá-la. (...) Talvez esse antimito ainda se ache à frente de nossa história, mesmo que já encontre muitas confirmações com a erosão das certezas científicas, com o ‘tédio’ em massa dos escolarizados ou com a progressiva metaforização dos discursos administrativos (id.:245-6).

Silvia

Entendo que não mais irei escrever “o real”, mas acredito que, mesmo sem o querer, interfiro nas versões que tenho desse real com minha palavra. É um processo que se dá na escrita: a gente recria o que conta. Ao revisitar o passado, a alegoria (Benjamin, 1991) no [meu] romance reafirma a impossibilidade de se conseguir revelar um sentido e se alcançar qualquer totalidade. Tal fracasso possibilitou-me, no eixo 2, evidenciar equivalências, ambivalências e antagonismos entre as versões, em uma conversa em que procurei formar **um campo de operações dentro do qual se desenvolve a produção da teoria** (Certeau, 1994:152).

Articular historicamente a história não significa conhecê-la como ela de fato foi (Benjamin, 1994:224).

O que é atingido pela intenção alegórica passa a ser segregado do contexto da vida: é ao mesmo tempo, destruído e conservado (id., 1991:130).

Se é a fantasia que fornece à memória as correspondências, então é o pensamento que lhe consagra as alegorias (id.:133).

Michel de Certeau

Para explicitar [essa] relação da teoria com os procedimentos dos quais é feito e com aqueles que aborda, oferece-se uma possibilidade: um discurso em histórias. A narrativização das práticas seria uma “maneira de fazer” textual, com seus procedimentos e táticas próprios. A partir de Marx e Freud (para não remontar mais acima), não faltam exemplos autorizados. Foucault declara, aliás, que está escrevendo apenas histórias ou “relatos”. Por seu lado, Bourdieu toma relatos como a vanguarda e a referência de seu sistema (1994:152).

Silvia

Foi conhecendo essas suas idéias, através da professora Nilda Alves e do seu grupo de pesquisa^o, **que comecei a estudar a possibilidade de uma outra escrita para além da já aprendida** (Alves, 2001:28).

Há assim, uma outra escritura a aprender, aquela que talvez se expresse com múltiplas linguagens (de sons, de imagens, de toques, de cheiros etc.) e que, talvez, não possa ser chamada mais de ‘escrita’; que não obedeça à linearidade de exposição, mas que teça, ao ser feita, uma rede de múltiplos, diferentes e diversos fios; que pergunte muito além de dar respostas; que duvide no próprio ato de afirmar, que diga e desdiga, que construa uma outra rede de comunicação, que indique, talvez, uma *escrita/fala*, uma *fala/escrita* ou uma *fala/escrita/fala* (ib.).

^o Grupo de pesquisa “Redes de saberes em educação e comunicação: questão de cidadania”

Michel de Certeau

Não seria necessário reconhecer a legitimidade ‘científica’ supondo que em vez de ser um resto ineliminável ou ainda a eliminar do discurso, a narratividade tem [aí] uma função necessária, e supondo que uma teoria do relato é indissociável de uma teoria das práticas, como a sua condição ao mesmo tempo que sua produção (1994:152-3)?

Silvia

Esse é um dos desafios dessa pesquisa: trazer as versões da história junto à minha, aos documentos e discussões teóricas numa perspectiva de legitimidade científica do romance e de uma outra *maneira de fazer textual* (id.:152).

Michel de Certeau

Isto implicaria sem dúvida reconhecer o valor teórico do romance, tornado o zôo das práticas cotidianas desde que existe a ciência moderna. Isto seria sobretudo restituir importância ‘científica’ ao gesto tradicional (é também uma gesta) que sempre narra as práticas. Neste caso, o conto popular fornece ao discurso científico um modelo, e não somente objetos textuais a tratar. Não tem mais estatuto de um documento que não sabe o que diz, citado à frente de e pela análise que o sabe (id.:153).

Silvia

Essa é uma discussão que vem sendo travada em diversos espaços da academia, onde se passa a rever a literatura, tomando-a, também, como sistema de conhecimento (Barreto, 1996).

Autor: BARRETO, Sônia Régis

Título: Literatura Como Ciência

Orientador: BRAGA, Maria Lúcia Santaella

Puc/SP 1996

O objetivo básico desta tese é mostrar que a filosofia, desde seu nascimento, foi a administradora política dos saberes, alijando do discurso literário sua realidade de conhecimento, ao lhe oferecer um espaço especial, o da “licença poética”. E, embora todos os modelos de conhecimento sejam determinados pelas convenções da linguagem, que orientam e ordenam a percepção do mundo, do discurso científico foi cobrada a submissão ao sentido como condição de verdade. No entanto, o discurso da ciência atual, que sofreu considerável mutação, muito se aproxima, em suas qualidades básicas, do discurso literário. Assim como o discurso da literatura está subjugado à convenção da língua, que subverte, criando rupturas para apresentar novas significações, o discurso científico está subjugado às normas teóricas, que supera pela apresentação de novos paradigmas. E ambos os discursos, de representação, se mostram aptos para produzir cadeias infindadas de significação e interpretação do objeto de seu conhecimento. Na revisão desse panorama é preciso caracterizar a razão poética, fundada numa memória coletiva, como nos mostram os escritores deste século que pensaram a Literatura também como sistema de conhecimento. Com o auxílio da Semiótica peirceana vamos perceber que a literatura sustenta uma harmoniosa combinação de valores: cria um sentimento (estético), gera uma conduta (ética) e produz um pensamento (científico).

(<http://www6.ufrgs.br/infotec/teses92-96/html/titulos-puc.html>)

Autores diversos apresentam produções científicas literaturizadas, dentre as quais posso apontar *Como um romance*, de Daniel Pennac. O escritor francês discute a leitura sob três óticas: de um pai, de um professor e de um leitor. Redigido em forma de romance, apresenta abordagem inusitada para o tema e permite ao autor informar sem deixar de lado a emoção, além de destacar a responsabilidade de cada um na formação de leitores.

O livro *Abusados*, de Caco Barcellos é resultado de uma pesquisa jornalística, um romance de não-ficção sobre a vida dos jovens num morro do Rio de Janeiro e o tráfico de drogas.

Misturando ficção e realidade, poderia pesquisar uma lista infindável de títulos, mas aponto aqui *Quando Nietzsche chorou*, um romance de estréia de Irvin Yalom, psicoterapeuta e professor de psiquiatria na Universidade de Stanford, que combina personagens reais da Europa do fim do século XIX

com ficção. Trata do encontro entre Nietzsche, Freud e Josef Bauer. Lou Salomé promove um encontro entre o médico Bauer e Nietzsche, pois o filósofo sofre de um mal desconhecido. O encontro entre a psicanálise, a filosofia e a literatura torna-se inevitável neste romance.

Inspirador para a escrita de meu segundo eixo da pesquisa, todavia, foi *Criar currículo no cotidiano* (Alves, 2002), em que Nilda Alves, Elizabeth Macedo, Inês Barbosa de Oliveira e Luiz Carlos Manhães passam para o papel as inúmeras 'conversas' entre personagens-tipo que caracterizam as escolas e as cidades que as contêm.

Dia 12 de maio quarta discussão as questões de organização pedagógica

Fac-símile da página 60 do livro citado.

Fac-símile da página 60 do livro citado.

E por que não apontar *O queijo e os vermes* (Ginzburg, 1987), inovadora investigação da cultura das classes subalternas na Idade Média? Um obscuro herege do século XVI é resgatado do esquecimento por Carlo Ginzburg e, a partir daí, nasce não uma dissertação acadêmica, mas uma das mais apaixonantes histórias sobre a inquisição e sobre a cultura popular e erudita da época por meio da vida de Menocchio, o moleiro, e sua espantosa cosmogonia.

Michel de Certeau

Historiador e antropólogo, [também], Marcel Detienne escolheu deliberadamente a narração.

Ele não instala as histórias gregas diante de si para tratá-las em nome de outra coisa que não elas mesmas. Recusa o corte que delas faria objetos de saber, mas também objetos a saber, cavernas onde “mistérios” postos em reserva aguardariam da pesquisa científica seu significado. Ele não supõe por trás de todas as histórias, segredos cujo progressivo desvelamento lhe daria, em contrapartida, o seu próprio lugar, o da interpretação. Esses contos, histórias, poemas e tratados para ele já são práticas. Dizem exatamente o que fazem. São o gesto que significam (id.:155).

Silvia

Exatamente isso que percebo quando defendo que quero, apenas, contar a história que vivi, trazendo outras versões que ouvi. Basta. Parece-me que é um trabalho de repetição, ficar fazendo análise da história. Ela já se diz. Ler a história é perceber lutas de poder e processos de dominação (Foucault, 1979, 1987), o papel do perito e do filósofo (Certeau, 1994), a circularidade entre culturas docentes e discentes (Tura, 2000), o saber docente (Tardif, 2002), o saber de experiência (Larrosa, 2002), questões sobre a cultura e o desenraizamento (Bosi, 2003), etc. Poderia estar fazendo estas correlações todas e algumas até venho fazendo nas conversas, mas faço questão de registrar aqui que percebi-me, no decorrer da pesquisa, envolvida por um profundo desejo de defender o romance enquanto uma possibilidade de escrita acadêmica, o que quase se tornou mais importante do que a história em si.

Michel de Certeau

Se a própria arte de dizer é uma arte de fazer e uma arte de pensar, pode ser ao mesmo tempo a prática e a teoria dessa arte (1994:152).

Silvia

Em sua geração, foi [você] um dos raros historiadores ao mesmo tempo apaixonado pelos novos métodos, disposto a correr o risco e lúcido sobre suas determinações e seus limites (Certeau, id.:16). Quando li Luce Giard, na introdução de *A invenção do cotidiano*, apresentar você assim, senti-me estimulada a manter essa minha postura de questionar as regras de uma escrita acadêmica modelar, propondo esse meu trabalho, em que o “Quase um romance” e as “Conversas com parceiros e cúmplices” apresentam a minha pesquisa.

REALIDADES E FICÇÕES NO [MEU] ROMANCE

*– Eu sou real sim! –, disse Alice, e começou a chorar.
 – Não é chorando que você vai ficar mais real –, observou Tweedledee. – Além disso, não vejo porque chorar.
 – Se eu não fosse real –, respondeu Alice, meio rindo entre lágrimas, porque aquilo parecia tão ridículo, – não seria capaz de chorar.
 – Espero que você não esteja pensando que essas lágrimas são reais ou está? – interrompeu Tweedledum, em tom de grande desprezo.*

Através do espelho, Lewis Carroll

O romance está frágil. Por isso, para ampliar a história, precisava de outras vozes, detalhes, informações e outras lembranças que minha memória não dava conta de recuperar sozinha. Ainda orientada por Lourdes Tura, deixei o romance “descansar” e parti em busca de outras versões para a mesma história. Esse foi o movimento das entrevistas e dos depoimentos.

Angustiava-me pensar como poderia lidar com essas outras falas que estaria recuperando; o meu desejo era ir retomando o romance, inspirada por esse movimento de recordar junto aos entrevistados. Mas segui a orientação recebida.

Lourdes Tura

Agora é hora de ouvir as pessoas. Cuidado com “o olhar que não que ver” (2000).

Silvia

Tudo bem, Tura! Preciso cumprir a tarefa a que me propus, de escrever uma dissertação. Mas gostaria tanto que meu romance fosse minha dissertação!!!

Lourdes Tura

Você já está fazendo um caminho completamente heterodoxo.

Sem saber como defender melhor minha idéia de um romance como dissertação, achei que era hora de obedecer para que pudesse estudar mais e fazê-lo oportunamente. Parti para as entrevistas, colhi depoimentos, guardei documentos. Parei de escrever e passei a olhar e ouvir. Sentia-me colhendo material para voltar ao romance.

Quando terminei essa etapa, reli o romance. Fiquei aturdida com a realidade estampada em minhas palavras. Até aquele momento, minha narrativa havia dado conta de muitas acontecências, e a única fuga para a ficção havia sido a nomeação de personagens. Tive certeza de que não havia dado conta do caráter ficcional que pretendia. Contar sobre um colégio franciscano em Petrópolis denunciava tudo. Podia ter o nome de Colégio Bom Samaritano, como eu o denominara, ou outro nome qualquer, mas não bastava. Estava estampada em cada palavra a evidência da realidade, ainda que parcial, do Colégio dos Canarinhos. Eu

reconhecia a história que ouvi nas entrevistas e supus que as pessoas que viessem a ler reconheceriam o colégio sobre o qual eu elaborara a história.

Sabrina

Mas você não poderia negar a história. Não era narrá-la sua intenção?

Silvia

A escrita da história em romance pede que as semelhanças com a realidade sejam apenas coincidências. Não é essa a famosa frase que aparece em muitas produções dizendo que aqueles personagens são fictícios? *Qualquer semelhança com pessoas e fatos reais é mera coincidência!* Então, nasceu Aion. Foi a personagem mais forte a ser pensada, pois éoi acerca dessa figura que toda a história se construiu, desde outros tempos.

Aion é Francisco de Assis e com esse nome fui elaborando todas as relações de nomenclatura com a filosofia e a ordem franciscana. Passei a apresentar a história de um colégio aionista. As semelhanças são quase evidências, mas não se pode mais garantir a relação direta entre realidade e ficção. Essa relação, eu aponto nas conversas, mas se perde, intencionalmente, no romance.

Sabrina

Mas de onde veio esse nome, Aion? Existiu alguém com esse nome? Ou é uma criação?

Silvia

Pensar um nome com equivalência a representatividade de Francisco de Assis foi uma tarefa árdua. Inicialmente, pensei em emprestar da mitologia grega o nome de um deus da natureza ou algo semelhante. Mas, na vida desses deuses não há essa dicotomia entre o bem e o mal, o que me impedia de identificar as características de um desses deuses àquela imagem que eu fazia do santo. Passei a olhar para palavras que carregassem em si a idéia de amor, compaixão, fraternidade, ecologia, natureza... Foi quando encontrei Aion. Lia, aleatoriamente, no texto de Coelho (2001), a história de Sherazade, em que ela "insere uma nova concepção de tempo, denominada por Deleuze, na Lógica do Sentido, como Aion."

Nesta nova temporalidade, o passado e o futuro insistem ou subsistem no tempo. Eles dividem o presente, transformando-o num instante, do qual partem um passado e um futuro infinitos (1974:169). Este instante, por sua vez, pode se deslocar na linha temporal do Aion (1974:171), dividindo, em outro ponto, o presente em passado e futuro infinitos. É o que faz Sherazade ao longo das mil e uma noites. No momento em que já é dada como morta, mas ainda não morreu, narra as suas histórias (1974:66). Através das narrativas, avança, insistentemente, tanto para o futuro como para o passado, na medida em que recupera os contos da tradição oral. Ainda conforme o filósofo francês, se Cronos engendra o devir das profundidades corporais, que produz a mistura dos corpos, Aion produz o devir dos efeitos incorporais da superfície (1974:170) (Coelho, 2001:s/p).

Sabrina

Foi uma descoberta e tanto!

Silvia

Essa relação entre passado e futuro, através das narrativas, que Sherazade faz no tempo Aion, me impressionou. E esse nome tem uma sonoridade... Seria o nome de Francisco no romance. E toda uma ordem religiosa, a aionista, foi criada a partir dessa idéia.

Nesse momento da conversa, entrou Larrosa, ajudando a mostrar a força das palavras como elementos criadores da realidade.

Jorge Larrosa

A aventura que nos conduz à consciência de que o eu não é senão uma contínua criação, uma

permanente metamorfose (...) tem sua força impulsora no processo narrativo e interpretativo da leitura e da escrita (...) já não existe um ser substancial a ser descoberto e ao qual ser fiel, mas apenas um conjunto de palavras para compor, e decompor e recompor. (...) Somente o combate das palavras ainda não ditas contra as palavras já ditas permite a ruptura do horizonte dado, permite que o sujeito se invente de outra maneira, que o eu seja outro. (...) A fidelidade às palavras é não deixar que as palavras se solidifiquem e nos solidifiquem, é manter aberto o espaço líquido da metamorfose (...) é reaprender continuamente a ler e a escrever, a escutar e a falar. Só assim se pode escapar, ainda que provisoriamente, à captura social da subjetividade, a essa captura que funciona nos obrigando a ler-nos e escrevermo-nos de uma maneira fixa, com um padrão estável. Só assim se pode escapar, ainda que seja por um momento, aos textos que nos modelam, ao perigo das palavras que, ainda que sejam verdadeiras, convertem-se em falsas uma vez que nos contentamos com elas (2003:39-40).

Silvia

Por isso é tão forte a escolha das palavras, pois, assim como as palavras criam a realidade, elas criam, também, a ficção. E a beleza da ficção é ver realidade nas palavras. No caso de *Ternura e dor: a história de um colégio aionista*, no entanto, esforço-me por engendrar ficção nas palavras, ao ideal literaturizar o conhecimento.

Como o tema caminhou para a literatura, o diálogo trouxe outras vozes, que vieram participar da conversa.

Clarice Lispector

Foi quando pensei em escrever sobre a realidade, já que essa me ultrapassa. Qualquer que seja o que quer dizer “realidade” (1998:17).

*A certeza na frente, a história na mão,
caminhando e cantando e seguindo a canção,
aprendendo e ensinando uma nova lição.*

Pra não dizer que não falei das flores, Geraldo Vandré

Márcio

Corre uma história dizendo que a saída do frei César e a do frei José Luiz foi toda uma manobra, minar as pessoas por baixo até que elas cansassem e entrassem em conflito com aqueles que estavam administrando e saíssem. Frei César conta que foi até gente contratada para poder, de certa forma, enfraquecer a comunidade religiosa para que eles saíssem do colégio, para depois essa pessoa ser dispensada também (eixo 3:30).

frei César

Houve, lá em Agudos, um encontro de ex-seminaristas, onde encontrei Watanabe. [...] Ele disse pra mim que ele era mandado aqui para tentar desmistificar o papel dos frades, que ele vinha com essa missão. Por quem ele era enviado, eu não sei dizer, mas era para espalhar boatos sobre nós frades, para tentar lançar a discórdia entre nós, os frades. Ele ia ao frei José Luiz e falava que eu estava querendo derrubá-lo. Vinha para mim e falava outras coisas do frei José Luiz (eixo 3:176).

Clarice Lispector

É claro que a história é verdadeira embora inventada (1998:12).

Corre a boca solta nessa cidade provinciana com telhados de nobreza, que um colégio centenário, negociado pelos franciscanos para um aglomerado particular de educandários de ensino sediado no sul-maravilha do país, está modificando tudo na estrutura do colégio, que começou nos fundos da comunidade franciscana como escola gratuita (eixo 3:284).

Diário de Petrópolis

Margarzê

Quando eu estiver bem velhinha, vou contar todas essas histórias para as pessoas. Nuneia vou esquecer (eixo 3:77)!

Clarice Lispector

Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe (1998:12).

frei César

Toda essa história que aconteceu nesses processos foi um pouco sufocada. Falar muito disso é como se você estivesse colocando sua mágoa pessoal, traumas que cada um teve (eixo 3:177).

Alex

E foi muito rancor durante alguns anos. Uns dois ou três anos, eu moía aquilo dentro de mim. Eu via as histórias dos meus amigos sendo mandados embora e isso me causava mais revolta ainda (eixo 3:127).

Clarice Lispector

O acontecimento fica tatuado em marca de fogo na carne viva e todos os que percebem o estigma fogem com horror (1998:18).

frei César

A gente conversou bastante, tentando levar isso ao conhecimento da Província, mas não houve muita aceitação, até por causa das outras histórias que iam para lá (eixo 3:176).

Jorge Larrosa

Como evitar, então, a suspeita de que a crescente profusão de palavras e de nossas histórias não tem como correlato o engrandecimento de nosso desassossego (2003:23)?

Clarice Lispector

Cada coisa é uma palavra. E quando não se a tem, inventa-se-a (1998:17).

frei Guilherme de Baskerville (personagem)

Não precisas ficar preocupado se não existem ainda, porque não quer dizer que não existirão (Eco, 1983:29).

Alex

Isso é um colégio franciscano? Tem alguma coisa errada nessa história (eixo 3:130).

A comunidade pensa que o colégio foi vendido para uma corporação leiga (id.:287).

Ata do Departamento de Educação e Comunicação

Tentamos sempre mostrar que não é bem assim, que o Bom Jesus não é um colégio leigo e que também tem uma missão evangelizadora

Documento "Pontos a serem conversados com o Visitador Provincial sobre o Colégio Bom Jesus Canarinhos", redigido pelos freis em reunião realizada no dia 5 de outubro de 2000 (id.:296).

Não adianta colocar na Rede Globo em horário nobre, pagando uma fortuna, propaganda do "Bom Jesus Social", pois ele não existe. É tudo uma farsa, uma vergonhosa e descarada farsa (id.:307).

depoimento anônimo

Jorge Larrosa

O mundo não existe anteriormente a uma forma que lhe dê seu perfil. Ou existe, mas como algo amorfo, desordenado e sem delimitações e, portanto, sem sentido (2003:49).

Margarzta

Ocorreram mudanças. Nós, como profissionais – tem o lado bom da história – tivemos acesso a mais conhecimento, devido às palestras e aos encontros que eram feitos (eixo 3:64).

frei Guilherme de Baskerville

A ordem que nossa mente imagina é como uma rede, ou uma escada, que se constrói para alcançar algo (Eco,1983:553).

Odete

Eu acho que talvez o erro do frei César, o único, foi não se expor aos professores, chegar e falar:

– Olha, gente, não foi nada disso que eu pensei.

Ele nunca se posicionou. Talvez a Província não tenha permitido. Eu acho isso. Então, ele ficou como o vilão da história porque ele criou uma **situação e depois nunca explicou essa situação** (eixo 3:101).

Italo Calvino

A arte de escrever histórias consiste em saber extrair daquele nada que se entendeu da vida todo o resto; mas concluída a página, retoma-se a vida, e nos damos conta de que aquilo que sabíamos é realmente nada (2005:53).

Alex

A minha história ali foi muito curta. Eu fiquei três anos. Mas tem histórias de pessoas de dez, quinze, dezessete, vinte anos ali dentro. Tudo isso destruído em nome de um discurso pseudo-empresarial, nem sei. Então, eu acho que, resumindo a ópera, eu acho que quem arquitetou foi [você] (eixo 3:130).

frei César

Percebi que não havia muita chance de diálogo no mundo lá do Bom Jesus, desde a presidência, a direção geral... Acho que muitas histórias, nesse meio, aconteceram que não foram muito esclarecidas; então, o ambiente estava todo contaminado. Era todo um ambiente que não era sadio. Foi bom ter saído, pena não ter saído bem antes, para não me envolver com essa história toda, mas havia esse tipo de coisa. Acho que os frades em geral não sabem dessas coisas, na Província não sabem, e o frei Guido acho que também não sabia que existia todo esse movimento desonesto. Desonesto. Muitas histórias eram levadas para ele [...] Depois, eu vim a saber de algumas não eram verdadeiras (eixo 3:175-6)...

Odete

Talvez, [você] tenha ficado bem **nessa história (eixo 3:99)**...

Clarice Lispector

O fato é que tenho nas mãos um destino e no entanto não me sinto com o poder de livremente inventar (1988:21).

Silvia

Essa é uma questão que também me angustia. Múltiplas versões não instauram uma única realidade. Até mesmo uma colcha de retalhos não é possível fazer sem cortar as pontas e deixar pedaços de fora. Ao reescrever o romance, ampliando-o a partir das versões em entrevistas, documentos e depoimentos, ainda assim, nada mais seria que uma nova outra versão que não anularia as anteriores e nem se sobreporia

como a mais verdadeira.

frei Guilherme de Baskerville

Talvez a tarefa de quem ama os homens seja fazer rir da verdade, fazer rir a verdade, porque a única verdade é aprendermos a nos libertar da paixão insana pela verdade (Eco,1983:552).

Adson de Melk (personagem)

[A verdade] outra coisa não é senão a adequação entre a coisa e o intelecto (id.:351).

frei Guilherme de Baskerville

Diante de um livro não devemos nos perguntar o que diz, mas o que quis dizer (id.:361).

Alex

Onde é que fica a ética nessa história (eixo 3:122)?

frei César

Não há mais tanto o interesse de levantar essa história passada do que aconteceu na Província. Nós temos, a cada três anos, o que se chama de Capitulo Provincial, que é a reunião dos frades representantes de todos os lugares, e que discute as linhas da Província, a orientação da Província. Lá, de vez em quando, esse assunto vem à tona; então, frei Guido dá o posicionamento dele. Eu já me manifestei. Frei José Luiz já se manifestou mais vezes. Mas já não mais tentando colocar tudo aquilo (eixo 3:178).

Silvia

Não pretendo mais *dizer tudo*, pois o processo de estudo e pesquisa para a dissertação me roubaram esta quimera. Com um projeto mais realizável, quero sim, fazer dessa dissertação um exercício de reconstrução de significados, uma releitura coletiva da história junto aos sujeitos que, por analogia co-autores, me ajudam a pensar sobre ela.

Jorge Larrosa

Toda escritura pessoal, enquanto escritura, contém vestígios das palavras e histórias recebidas (2003:25).

Alex

Eu acho que a filosofia me ajudou bastante a poder perceber que existem lados e lados da história. Provavelmente, não com certeza, o meu não é o único. Se colocasse [você] na minha frente, [você] diria outras coisas, que eu também não tenho conhecimento, que, talvez, pudesse, de alguma forma, ter criado aquela situação, o que não invalida o meu discurso, porque, independente de tudo o que pudesse acontecer, [você] tinha um compromisso, porque [você] era padre franciscano (eixo 3:134).

frei César

Acho que essa parceria poderia ter sido uma história até muito bonita e ter acontecido para grande benefício e, hoje, o colégio poderia estar muito melhor se tivesse sido diferente (eixo 3:187).

Jorge Larrosa

Que podemos cada um de nós fazer sem transformar nossa inquietude em uma história (2003:22)?

Odete

É, tem uma história de vida. Quando meu irmão conseguiu trabalhar no Canarinhos, para ele foi um sonho, por ter sido aluno de lá. [...] O Canarinhos foi um negócio muito bonito para a gente. [...] Quer dizer, você trabalhar num lugar que você tem toda uma história passada de família é muito legal, por isso que eu acho que eu ainda guardo um carinho muito **grande pelo**

Canarinhos. Guardo. Não posso negar (eixo 3:106).Márcio

A gente faz parte da história dos outros e eu fiquei muito contente de falar para você[s] das histórias, das vivências (eixo 3:32)...

Gonzaguinha

... e aprendi que se depende sempre de tanta muita, diferente gente.
Toda pessoa sempre é as marcas
das lições diárias de outras tantas pessoas.
É tão bonito quando a gente entende
que a gente é tanta gente onde quer que se vá.
É tão bonito quando a gente sente
que nunca está sozinho por mais que pense estar.

(Caminhos do coração)

frei César

O empenho grande deles era, também, negar essa história (eixo 3:177).

Jorge Larrosa

Toda obra literária cobiça um silêncio, uma obscuridade. E é isso que diferencia sua linguagem da linguagem não literária, dessa linguagem arrogante e dominadora que pretende iluminar e esclarecer, explicar, dar conta das coisas, dizer tudo (2003:75).

frei César

Acho que muitas histórias, nesse meio, aconteceram que não foram muito esclarecidas (eixo 3:175).

Jorge Larrosa

O misterioso expressado poeticamente, ao conservar seu mistério, conserva-se como uma fonte infinita de sentido (2003:75).

Edwiges Zaccur

[Prefiro] que a linguagem se apresente pela palavra dos que a viveram como matéria de criação e indagação, afrontando seu mistério (2001:08)...

*Uso as palavras para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas.
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim esse atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.*

*Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.*

O apanhador de desperdícios, Manoel de Barros

Silvia

E esse foi o gozo maior encontrado na idéia da escrita do romance, pois nessa forma escriturística acredito ter encontrado um caminho para dizer da teoria que leio escrevo nas práticas e vivências, sem precisar dar conta de responder às incompreensões que vou tecendo, concomitantemente aos novos outros conhecimentos que elaboro nessa pesquisa.

Jorge Larrosa

Nietzsche identifica literatura didática e novela, ou melhor, qualifica a novela como o gênero poético que mais expressa o espírito teórico (2003:118).

Julia Kristeva

Antes de ser uma história, a novela é uma instrução, um ensinamento, um saber (id.:123).

Jorge Larrosa

Desde suas origens está orientada tanto para a função comunicativa e didática, quanto para a sua função poética. [...] Continuará sendo em todos aqueles casos em que a forma de relato pareça subordinada à transmissão de algum ensinamento: de alguma tese teórica ou prática, seja de que tipo for [...] A novela pedagógica seria basicamente comunicativa, no sentido de que a relação entre o autor e o leitor seria similar à que existe entre um professor e seu aluno, um pregador e sua audiência ou um orador e seu público (id.:124).

Silvia

Interessante essa sua fala para entrar na conversa com Nietzsche e Certeau na defesa da idéia do romance como dissertação de um programa de pós-graduação em educação: uma obra pedagógica! Contudo, confesso que, depois que escolhi a forma de romance para a escrita da dissertação, senti-me liberta da representação, e esse caráter pedagógico parece querer "puxar de volta" o romance para um caráter de transmissão.

Jorge Larrosa

Quando um texto passa a fazer parte do discurso pedagógico, esse texto fica como submetido a outras regras, como que incorporado a outra gramática (id.:117).

Silvia

É exatamente esse o meu temor: que o romance passe a ser um texto escolarizado, didático, pedagogizado e o deleite literário se perca, depois de ter-me encantado completamente como possibilidade de escrita acadêmica.

Jorge Larrosa

É possível que a péssima conotação que o adjetivo *pedagógico* tem hoje, no campo literário, provenha de uma concepção demasiadamente estreita e dogmática desse logotipo pedagógico (id.:125).

Silvia

Veja você que eu, pedagoga, também me vejo na armadilha de uma visão reducionista de meu próprio campo de conhecimentos. Não consegui escapar!

Jorge Larrosa

O primeiro ponto, portanto, seria tentar pensar o que ocorre quando a novela é convertida em texto pedagógico e submetida às regras didáticas e ideológicas do discurso pedagógico oficial e dominante. [...] O segundo ponto seria pensar de que modo a novela pode escapar do controle das regras didáticas e ideológicas do discurso pedagógico dominante ou pode contribuir para solapá-las (id.:117).

Edwiges Zaccur

Em vez de lutar contra a imprecisão da linguagem, [trate] de explorá-la mais e mais, subvertendo a ditadura das convenções (2001:41).

Silvia

Foram anos de treinamento dentro de idéias normativas, saberes elaborados, normas de conduta, métodos disciplinadores, respostas seguras e cuidado com quaisquer transgressões. Vejo-me, agora, adentrando em um caminho de questionamentos e inquietudes, trilhando uma outra forma de pensar e escrever.

Jorge Larrosa

Uma forma em que as respostas não sigam às perguntas, o saber não siga à dúvida, o repouso não siga à inquietude e as soluções não sigam aos problemas. Penso que o maior perigo para a pedagogia de hoje está na arrogância dos que sabem, na soberba dos proprietários de certezas, na boa consciência dos moralistas de toda espécie, na tranquilidade dos que já sabem o que dizer aí ou o que se deve fazer e na segurança dos especialistas em respostas e soluções. Penso que agora o urgente é recolocar as perguntas, reencontrar as dúvidas e mobilizar as inquietudes (2003:8).

No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz:
Eu escuto a cor dos passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo, ela delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos –
O verbo tem que pegar delírio.

Manoel de Barros, 2003

AS RESPOSTAS COMO DESEJO DE PERGUNTAR

Edwiges Zaccur

O que provoca mais o pensamento, o problema resolvido ou a questão que lança dúvida (2001:41)?

Silvia

Nesse ponto reside minha alegria com a escrita das *conversas com parceiros e cúmplices* - eixo 2, pois posso mais perguntar do que responder.

Jorge Larrosa

Só as perguntas poderiam fazer retroceder a arrogância das respostas (2003:204).

Silvia

Nesse sentido, no entanto, assusta-me a idéia de retomar o romance. Ainda que navegando entre

a ficção e a realidade, ciente de que posso - e nem mesmo posso evitar -deixar lacunas, precisaria retomar a história e (re)contá-la. Confesso que o lugar de quem faz as perguntas, hoje, é mais confortável do que eu poderia imaginar, ainda que seja para mim um exercício o silenciar, o ouvir, o aquietar-me.

Sinto que minha insegurança se deve à certeza de que minhas certezas sobre tudo o que vivi não são tão certezas assim. E, incerta, não sei ao certo o que escrever.

Carlos Drummond

Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero:
há calma e frescura na superfície intacta.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
Convive com teus poemas antes de escrevê-los.
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consume
Com seu poder de palavra
e seu poder de silêncio.
Não forces o poema a desprender-se do limbo.
Não colhas no chão o poema que se perdeu.
Não adules o poema. Aceita-o.
Como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada
no espaço
Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível que lhe deres:
Trouxeste a chave?

O CAMINHO DA SOLIDÃO

Procura de poesia. In: Zaccur, 2001:10.

Clarice Lispector

Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem tentou, sabe. Perigo de mexer no que está oculto - e o mundo não está à tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidades do mar. Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente. Mas é um vazio terrivelmente perigoso: dele arranco sangue. Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras - quais? Talvez as diga. Escrever é uma pedra lançada no poço fundo (1978:13).

Silvia

Nas *conversas com parceiros e cúmplices* (eixo 2), há partilha de problemas, dúvidas, ansiedades, (in)certezas e êxitos. Mas, quando (re)penso a escrita do romance, hoje, imagino a solidão da escrita, que superei nessa etapa da pesquisa. Não sei mais se conseguiria escrever *só*, ainda que tenha ciência de que traria tantas vozes comigo. Estranha sensação.

Falando nisso, aliás, não posso deixar de lhes contar sobre as estranhas sensações que me ocorreram. Estranhas sensações, não: estranhas suspeitas.

DO ROMANCE ÀS ENTREVISTAS

-
- Poderia me dizer, por favor, por onde devo ir-me daqui?
 - Isso depende muito do lugar para onde você quer ir – respondeu o Gato.

Alice no país das maravilhas, Lewis Carroll

Silvia

Parar de escrever o romance foi uma exigência de minha então orientadora, Lourdes Tura. Não posso precisar se ela percebia que eu precisava de outras vozes para compor a minha história ou se ela estava mais preocupada com os procedimentos-padrão de uma pesquisa científica no campo educacional. Talvez acumulasse essas preocupações à questão tempo como outro fator a não perder de vista.

Foi preciso parar de escrever quando ainda havia muito para compor "a minha versão dos fatos" - corrompida pelas permanentes conversas com frei César Augusto, principalmente. Muito das conversas que travávamos aparece no romance, parcialmente e adaptado à trama.

Ecléa Bosi

É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas idéias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma história dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates (2003a:407).

Silvia

Interromper a escritura da "história dentro de mim" foi um incômodo, inicialmente, pois o desejo era escrever e reescrever até que pudesse encontrar, no exercício da escrita, a melhor forma de contá-la. No início, parecia que seria fácil escrevê-la, pois eu tinha a história no pensamento e no coração, vivida dia-a-dia no Colégio dos Canarinhos. No entanto, quando escrevia, as palavras não ganhavam o encanto necessário a um romance, imaginava eu, e tornavam-se um relato enjoado.

Gustave Flaubert

Queria eu compor uns livros em que nada houvesse para fazer senão que escrever frases (por assim dizer), tal como para viver precisamos somente respirar o ar. O que me aborrece são as malícias do plano, a conexão dos efeitos, todo o emaranhado das intrigas e que são Arte, todavia, pois é disso mesmo que depende, pura e simplesmente, o rendimento do estilo (In Figueiredo, 2003:80).

Silvia

Não conseguir dar um estilo à minha narrativa pareceu-me incapacidade ou inexperiência e

como não garantia a agregação de encantamento à história que narrava para compor o romance, como havia me proposto, acreditei que era momento de deixar o texto descansar e ouvir a história de outras bocas, de outros corações. Quem sabe o movimento das entrevistas pudesse repovoar meu pensamento das imagens acontecidas e eu conseguisse transgredir aquela forma dura em que se transformara meu esboço do romance, retomando a escrita em outro momento? Eu precisava parar.

Jorge Larrosa

...parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos (2002:24)...

Silvia

Como já estava desconfiada da história que escrevia, achei que esse "parar" de escrever para "pensar, olhar, escutar e sentir" poderia ser um meio para me afastar e reaproximar da tessitura da trama do real - ciente de que falo de um real interpretado - que me possibilitasse (re)elaborar um quadro de significações e me permitisse um cruzamento das histórias que ouviria com minha própria história, para voltar a escrever.

Ecléa Bosi

Proust comparava a memória intelectual e elaborada aos quadros dos maus pintores: ela pinta o passado com cores sem verdade (2003:65).

Jorge Larrosa

Atividades como considerar as palavras, criticar as palavras, eger as palavras, cuidar das palavras, inventar palavras, jogar com as palavras, impor palavras, proibir palavras, transformar palavras etc. Não são atividades ocas ou vazias, não são mero palavrório. Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos (2002:21).

Silvia

Pois foi perceber que as palavras que eu escrevia se banalizavam em uma narrativa destituída de profundidade foi o que me fez parar. Queria ressignificar as palavras fazendo-as menos vazias, mais vivas, menos inofensivas, mais politizadas. Acreditei que não falar sozinha poderia reencantar minha história, reavivar minha narrativa trazer a força do coletivo, que me seria ponto de apoio e de proteção, fortificando minha palavra individual na fala daqueles que viveram comigo a história. Mais que isso, a união de vozes poderia lançar mais longe o questionamento e a incompreensão sobre muito do que aconteceu, gerando uma onda de desacordo e inquietudes. Utopia?

Eduardo Galeano

Ela está no horizonte - diz Fernando Birri. - Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para caminhar (1994:310).

PARA QUE SERVE A UTOPIA? SERVE PARA ISSO, PARA ESCREVER.

ENTREVISTAS: METODOLOGIA DO ENCONTRO

A arte de contar histórias se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve.

Walter Benjamin

Silvia

Motivada pela metodologia de história oral (Thompson, 1992), utilizei-me de entrevistas e de depoimentos pessoais como procedimentos de pesquisa, bem como compilei mensagens trocadas por correio eletrônico, reportagens e outros documentos afins, como outros meios de captar a história.

Sônia Freitas

A história oral possibilita novas versões da história ao dar voz a múltiplos e diferentes narradores. [...] propicia fazer da história uma atividade mais democrática, a cargo das próprias comunidades, já que permite construir a história a partir das próprias palavras daqueles que vivenciaram e participaram de um determinado período, mediante suas referências e também seu imaginário (In Thompson, 2002:18-9).

Silvia

As referências se ampliaram para além das narrativas, pois, ao final do trabalho com as entrevistas, eu havia acumulado esses outros "comprovantes" - os documentos - que me foram fornecidos, principalmente, pela prof^a Marisa e por frei César.

Esse material precisava ser organizado e optei pelo critério simples da ordenação por data. Devido à enorme quantidade de material, houve uma seleção indispensável daquilo que mais se aproximava do momento histórico de transição de Canarinhos para Bom Jesus, foco privilegiado na pesquisa.

Um trabalho árduo e mais "braçal" foi a transcrição das entrevistas, que foram trazidas na íntegra para o eixo 3. Ali, em alguns momentos, há, junto às transcrições, falas da Sabrina, especialmente na transcrição da entrevista do frei César, pois, enquanto fazia esse trabalho, algumas lembranças fortes vinham à memória. Para não misturar o que foi fala da Silvia entrevistando com esse rememorar acontecido durante a transcrição, Sabrina incorporou o papel daquela que lembra.

Falar um pouco mais das entrevistas parece-me interessante para que eu possa apresentar intercorrências que compõem a tessitura dessa dissertação, em que me permiti não apenas dialogar com a história, mas tentar apresentar os caminhos que me levaram para essa conversa.

Paul Thompson

Há muitos estilos diferentes de entrevistas, que vão desde a que se faz sob a forma de conversa amigável e informal até o estilo mais formal e controlado de perguntar (2002:254).

Silvia

As entrevistas foram definidas como instrumento de coleta de informações bem no início da pesquisa. No entanto, muito relutei em começá-las.

[Enfim] não pude mais postergar essa tarefa, cuja resistência inicial se dissipou logo após a primeira, por ter sido mais agradável que constrangedor conversar, mesmo com aquele gravador nos espionando, receio que era meu e dos entrevistados a princípio (eixo 3:3).

Paul Thompson

Ao utilizar um gravador é importante não chamar a atenção para o aparelho, nem distrair-se ocupando-se dele. Se for um gravador novo, não deixe de ler o manual que o acompanha... Antes de sair para a entrevista, verifique se está funcionando e se você tem não só todos os componentes e fitas de que precisa, como também pilhas e adaptadores para tomadas (2002:264-5).

Silvia

Tomei todas essas providências. Na primeira entrevista, logo após explicar minha intenção, pedi autorização para gravar, que me foi concedida, com a resposta de que se essa é a forma que eu precisava fazer a entrevista, tudo bem. Ficou claro que ele preferiria que eu não gravasse, mas que ficava a meu critério. Se podia ficar a meu critério, coloquei o gravador na mesa, fingindo não perceber o incômodo que a gravação causava (eixo 3:5).

O maior problema acontecido dentro do aspecto tecnológico da metodologia de pesquisa, no entanto, ocorreu após a segunda, terceira e quarta gravações. Foram feitas em seqüência, uma no sábado e duas no domingo. Com isso, como precisava de ajuda para passar o arquivo do gravador novo diretamente para o computador, esperei para fazê-lo na segunda-feira. Essa seria uma das contribuições de meu marido na pesquisa. Entretanto, ao pegar o gravador, os arquivos estavam vazios, mudos. Não sei o que aconteceu, pois dera tudo certo com a primeira entrevista. Desespero absoluto, por um momento. O momento seguinte foi fazer novo contato com as entrevistadas e refazer a entrevista.

Como pode ver, havia lido todas as orientações que você apresenta no capítulo 7 de *A voz do passado* (Thompson, 2002), no entanto, ainda assim, os imprevistos aconteceram.

Inicialmente, listei cinco pessoas com quem realizaria entrevistas não estruturadas, que mais se aproximariam de conversas informais. Das cinco listadas inicialmente, avancei para doze entrevistas e só parei porque o tempo previsto havia se esgotado (eixo 3:3).

Paul Thompson

Uma vez que a experiência de vida das pessoas de todo tipo pode ser utilizada como matéria prima, os historiadores orais podem escolher exatamente a quem entrevistar e a respeito de que perguntar... podem pensar como se fossem eles próprios, editores: imaginar qual a evidência de que precisam, ir procurá-la e obtê-la. (2002:25).

Silvia

Queria das entrevistas, como possibilidade metodológica e documental, fazer um contraponto e trazer outros detalhes, ângulos e caminhos que só poderiam enriquecer o conhecimento da história do Canarinhos, despertando pontos de vista que foram calados pela visão oficial e pela minha, permitindo re-encontrar e re-contar experiências marcantes de relacionamentos e de ações belas ou horrendas, dependendo da perspectiva do sujeito que as testemunhou.

Paul Thompson

A história oral é uma história construída em torno das pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre

a maioria desconhecida do povo. [...] Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época (2002:44).

Silvia

Foi ao redor dessas relações de pertencimento que elegi os primeiros entrevistados. O primeiro dos primeiros foi prof. Waldemiro, por ter conhecimento de que ele vivera aquele tempo da chegada do Bom Jesus, mas que também havia vivido muitos outros tempos da história do colégio, pois havia sido inclusive aluno. Seu pai estudara no colégio nos tempos da primeira grande guerra (eixo 3:7). Muita história ele teria para contar.

Paul Thompson

A vida individual é o veículo concreto da experiência histórica (2002:302).

Silvia

Com ele, o primeiro entrevistado, vivi a ansiedade de minha primeira experiência com entrevista, desde a marcação do encontro a cuidados com o gravador, como já explicitado.

Paul Thompson

Uma vez que as decisões preliminares tenham sido tomadas, você tem que fazer contato com o informante que escolheu. [...] Você precisa explicar sucintamente o objetivo da pesquisa. Sugira uma data possível para uma primeira visita, mas sempre permita que o informante possa propor outra, ou possa recusar-se inteiramente a participar (2002:267).

Silvia

Foi assim que agi. Confesso que quando li suas orientações, achei que havia ido a um detalhamento quase que dispensável. Bastaria bom senso para se dar conta da delicadeza que o contato com os prováveis entrevistados pede. No entanto, não posso deixar de dizer que alguns alertas me auxiliaram de veras.

Quando você aponta, por exemplo, a questão do casal que não se separa sequer na hora da entrevista me remete diretamente ao que aconteceu nessa primeira entrevista.

É interessante contar que a mulher do prof. Waldemiro, Lenira, estava junto e se posicionou em uma poltrona à nossa frente. Fiquei um pouco preocupada com a presença dela ali, por saber o quão falante é. Minha preocupação se confirmou. No entanto, surpreendi-me com sua participação e suas informações (eixo 3:5).

Paul Thompson

Felizmente, porém, nem tudo é desvantagem. Um velho casal, ou um irmão e uma irmã, frequentemente proporcionarão correções de informação positivamente úteis (2002:266).

Silvia

Era o que acontecia, normalmente, no entanto, em alguns momentos, a participação de Lenira se exacerbava e chegou a me irritar, em um determinado momento (eixo 3:14), quando interrompeu o pensamento e a fala do professor.

Paul Thompson

Se você interrompe uma história, não interrompe apenas essa, mas toda uma série de ofertas posteriores de informações que seriam relevantes, mais cedo ou mais tarde (2002:263).

Silvia

Foi um pouco essa a sensação que ficou da entrevista com o professor. Suas "ofertas de informações", talvez, tivessem sido mais ricas se menos tolhidas pelas interrupções de sua esposa, ainda que ela tenha contribuído com o seu conhecimento e as suas vivências, surpreendendo com informações que eu desconhecia.

Paul Thompson

A presença de outra pessoa na entrevista não só inibe a franqueza, como exerce uma sutil pressão no sentido de um testemunho socialmente aceitável (2002:266).

Silvia

Essa não foi a única das entrevistas, cabe dizer, que teve a presença de um acompanhante. No entanto, não me pareceu que tenha sido desfavorável. Provavelmente, até mesmo o contrário, pois estas pessoas que estavam juntas já eram cúmplices na/da história.

Estes outros casos tiveram a participação direta de Marisa, que, desde o primeiro momento, envolveu-se intensamente com a pesquisa. No dia de sua entrevista, que foi uma daquelas que precisou ser repetida (eixo 3:35), depois de dar seu depoimento, Marisa buscou e me emprestou os jornais - toda a coleção dos jornais editados pelo Colégio no período em que lá estive -, dos quais eu trouxe algumas reportagens para a dissertação (eixo 3:239, 240, 241, 242, 243, 244, 246, 270, 271, 279, 280, 290).

Estava tão animada que insistiu em ligar para Marilda, uma outra ex-profesora da escola, que eu deveria entrevistar segundo ela. Marilda, que mora nas proximidades da casa de Marisa, veio logo (eixo 3:35).

Marisa esteve super comprometida. Parecia que ela é quem fazia a pesquisa. Acredite se quiser! Se puder!!! No momento em que entrevistava Odete, tocou o telefone. Era Marisa, minha "ajudante de pesquisa", para pedir a Odete que contasse "tudo" e que não esquecesse de contar sobre a demissão (eixo 3:92)!

Ainda trazendo os feitos de Marisa, fui acompanhada por ela na entrevista com o prof. Henrique. Quando falei que queria entrevistá-lo, ela ficou ainda mais animada. Conseguiu para mim o número do celular dele, pois eu não tinha a menor idéia de onde eu o encontraria.

A idéia de fazer a entrevista na casa da Marisa pareceu boa, pois não tinha também muita intimidade com Henrique e não sabia bem como proceder. Convidá-lo à minha casa? Ir à casa dele? Ele, também, adorou a idéia de rever a amiga Marisa (eixo 3:137).

Esse acontecido me traz um outro ponto a considerar nas entrevistas: o lugar. Na maioria dos casos, no telefonema aos futuros entrevistados, eu me propunha a ir à casa do entrevistado e oferecia a minha casa, deixando que escolhesse o que mais lhe conviesse.

Paul Thompson

Deve ser um lugar onde o informante se sinta à vontade (2002:265).

Silvia

Na entrevista com Letícia teve uma novidade, nesse sentido. Eu havia marcado na casa dela a seu pedido, pois ela teria a mãe para deixar as crianças, mas estaria por perto. Mas, logo, ela percebeu que não daria certo.

— Mãe, me machuquei.
— Ele quer chamar a atenção.

Filho da Letícia.

Sugeri que fôssemos a uma padaria ali perto, "que tem umas mesinhas e é tranqüila" - (?). Estávamos ali, em meio a um movimento de pessoas que entravam e saíam, o barulho dos carros lá fora e a gente em nossa conversa (eixo 3:79).

As entrevistas com frei César e Alex foram em minha casa e a entrevista com Denise foi, também, em local público - em um shopping sem movimento, numa segunda-feira pela manhã.

Ecléa Bosi

Se o local for a casa do depoente, estaremos mergulhados na sua atmosfera familiar e beneficiados pela sua hospitalidade (2003:59).

Silvia

Mais um tópico interessante para meu relato sobre as entrevistas: os lanchinhos. Thompson já me havia prevenido.

Paul Thompson

Não saia imediatamente depois da sessão de gravação. Você deve ficar um pouco, dar algo de si, e mostrar simpatia e apreço em retribuição ao que lhe foi dado. Aceite um chá, se lhe oferecerem, e esteja disposto a bater papo a respeito da família e de fotografias (2002:273).

Silvia

Foi exatamente esse um dos conselhos que segui. Ficava em dúvida se seria mais delicado agradecer e retirar-me logo após a entrevista, evitando ampliar a disponibilidade do entrevistado. No entanto, na prática, esse estar mais se prolongava em muito, especialmente porque os entrevistados eram antigos colegas de trabalho. A disponibilidade minha em dar atenção e "matar as saudades" dos informantes e também minha prolongou em muito essa tarefa, mas seria impossível fugir dela. E, deliciei-me com essa etapa, inclusive!

Ecléa Bosi

Narrador e ouvinte participa[m] de uma aventura comum e prova[m], no final, um sentimento de gratidão pelo que ocorreu [...] Ambos [saem] transformados pela convivência, dotada de uma qualidade única de atenção (2003:61).

Silvia

Nessa convivência ampliada pelo depoimento, que, em vários momentos, assemelha-se a confissões, amplia-se a cumplicidade. Nesse sentido, em mais de uma entrevista surgiu certa angústia no relato de alguns casos, especialmente, no que diz respeito a nomear pessoas. A possibilidade da edição (eixo 3:79, 88) daquilo que foi dito, em combinação com o informante ficou combinada e, no encaminhamento da entrevista, essas preocupações se dissiparam.

Mais um ponto a comentar, foram as tentativas de encerrar as entrevistas, que em muito se prolongavam. Isso aconteceu três vezes na entrevista com Odete.

Tentativa 1:

- Eu acho que a idéia da entrevista era essa, Odete. Demos conta. O que eu queria era ouvir essa história sua e que complementa outras histórias (eixo 3:94)...

Tentativa 2:

- Bem, você acha que tem mais alguma coisa (eixo 3:97)?

Tentativa 3:

- Bem, vamos terminar essa entrevista, Odete, ou não acabamos mais (eixo 3:107).

Paul Thompson

entanto, uma certa preocupação com a finalização dessa conversa sobre os procedimentos de coleta de informações levou-me a não desobedecer meu próprio plano e continuei a conversa sobre "depoimentos e documentos: outros testemunhos".

DEPOIMENTOS E DOCUMENTOS: OUTROS TESTEMUNHOS

Memória inventa, esquece, faz várias vidas de uma só.

Marina Colassanti

Silvia

Iniciar as entrevistas, como explanei, não foi fácil. Parecia-me constrangedor, a princípio, invadir a privacidade das pessoas, afinal, pensava eu, quem queria contar sua história e a história do colégio era eu.

Foi engano, pois as pessoas sentiram-se, aparentemente sem exceção, muito lisongeadas em serem entrevistadas.

Ecléa Bosi

Entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve ser reproduzido (1994:90).

Silvia

Eu não havia imaginado - inocente! - que não era a única a desejar que a história fosse recuperada, revisitada, reescrita...

Então, enquanto a coragem não chegava e a resistência em iniciar as entrevistas era grande, comecei um movimento de troca de mensagens por correio eletrônico, solicitando depoimentos.

Inicialmente, as mensagens eram diretamente encaminhadas a endereços eletrônicos de conhecidos. Nesse ínterim, conheci o Orkut e inúmeras comunidades de alunos, e ex-etc ligados aos colégios franciscanos, nas quais deixei por escrito uma provocação no sentido de colocarem seu depoimento.

Os depoimentos aqui colocados são de pessoas – ex-diretores, ex-alunos, ex-professores, ou qualquer outro ex –, além de alunos e professores que tenham ou tiveram uma ligação com escolas religiosas, franciscanas, em sua maioria, que, como o Colégio dos Canarinhos, de Petrópolis, **sofreram** o processo de transição para passar a fazer parte do Grupo Bom Jesus (eixo 3:207).

Ao receber a primeira mensagem-resposta, em final de setembro, a coragem emergiu. As palavras de Nishiura guardam tamanho cuidado e carinho para com a história, que me mobilizei mais e mais a ouvir as pessoas "que viveram aquele tempo" nos "Canarinhos"... um "tempo tão especial" (eixo 3:210).

Fui às entrevistas (eixo 3:3; eixo 2:119).

Encerrei o tempo destinado em meus planos para a coleta de informações, pois a pesquisa precisa respeitar os prazos definidos pelo ProPEd, Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ, e eu

precisaria terminar minha dissertação.

Preciso lhes contar que as mensagens e os depoimentos não param de chegar, no entanto, na etapa atual da pesquisa, estão sendo, apenas, arquivados para que eu possa, posteriormente, retomar esse material.

O uso das informações trazidas pelos depoimentos, bem como o dos documentos vem seguindo a *metodologia da conversa*, em que coloco em diálogo o conhecimento que apreendo desse material com as teorias estudadas e minha história.

Devido à enorme quantidade de material, houve uma seleção indispensável daquilo que mais se aproximava do momento histórico de transição de Canarinhos para Bom Jesus, foco privilegiado na pesquisa.

Paul Thompson

A fronteira do mundo acadêmico já não são mais os volumes tão manuseados do velho catálogo bibliográfico (2002:25).

Silvia

Ao trazer as entrevistas e os depoimentos como histórias de vida do *homem comum (ordinaire)* (Certeau, op. cit.), ajusto um outro foco sobre a história do Colégio dos Canarinhos, diferente da focalização apresentada pela própria instituição - "história oficial" - em seus materiais impressos e em seu site, o que me possibilita considerar mais que a versão hegemônica ao questioná-la mediante outras versões.

Com a estratégia de historiadora-detetive, venho recolhendo fragmentos de toda informação coletada, elaborando combinações, cruzamentos, deduções... inventando conversas, deixando transparecer que há um enigma a ser decifrado. Dessa forma, quero provocar em meus leitores em potencial, o incômodo e a inquietude diante da história, instigando-os a investigarem.

Como o moleiro elaborou sua defesa em *O Queijo e os vermes* (Ginzburg, 1987), tento elaborar a dissertação a partir de extratos das entrevistas, inferências a partir dos depoimentos, reminiscências de textos lidos, lembranças que não são bem precisas... Pormenores, elementos de pouca importância, que vão compondo uma outra maneira de *contar os lances* (Certeau, 1994:155).

Ecléa Bosi

As lembranças grupais se apóiam umas nas outras formando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal. Se por acaso esquecemos, não basta que os outros testemunhem o que vivemos. É preciso mais: é preciso estar sempre confrontando, comunicando e recebendo impressões para que nossas lembranças ganhem consistência. Imagine-se um arqueólogo querendo reconstituir, a partir de fragmentos pequenos, um vaso antigo. É preciso mais que cuidado e atenção com esses cacos; é preciso compreender o sentido que o vaso tinha para o povo a quem pertenceu (1994:414).

Com muitos "cacos" nas mãos, comecei a repensar "o vaso".

INÊS BARBOSA DE OLIVEIRA: UMA NOVA ORIENTAÇÃO

“Tenho certeza que estas não são as palavras corretas”, disse a pobre Alice, e seus olhos ficaram cheios d’água novamente. “Eu devo ser Mabel, afinal, e eu vou ter que ir e viver naquela casa tão pequena, e quase não ter brinquedos para brincar, e oh, ter sempre tantas lições para aprender! Não, não vou me convencer disso: se eu sou Mabel, eu vou ficar aqui embaixo.

Não adianta eles colocarem suas cabeças para baixo e dizer, “venha para cima, querida”. Eu vou simplesmente olhar para cima e dizer “Quem sou eu? Digam-me isso primeiro e depois, se eu gostar de ser a tal pessoa, eu subirei: se não, vou ficar aqui até ser outra... mas, puxa”, e Alice começou a chorar, com uma súbita explosão de lágrimas.

“Eu queria que eles olhassem para baixo! Eu estou tão cansada de estar aqui sozinha.”

Alice no país das maravilhas, Lewis Carroll

Dando continuidade ao trabalho, chegou o momento de voltar a escrever. Havia vencido a intrigante etapa das entrevistas, a cansativa etapa de transcrição e a difícil seleção de documentos e depoimentos. “Para garantir a finitude necessária da pesquisa, o caminho [seria] colocar esses três eixos [o romance, as entrevistas e os depoimentos e documentos] em diálogo para deixar fluir a história que quero contar e a história que posso contar (Tkotz, 2005)”.

A solução para a redação da dissertação em forma de conversa (eixo 2:4) possibilitou o encontro do desejo de uma escrita que colocasse em diálogo os achados da pesquisa com a busca de uma escrita mais agradável para um possível leitor (eixo 2:70), imaginava eu, cansada de tantos textos acadêmicos em muito semelhantes. Queria algo diferente, instigador.

As leituras e discussões provocadas pelo grupo de pesquisa *Redes de conhecimentos em educação e comunicação: questão de cidadania*, coordenado pela prof^a Nilda Alves, bem como o acompanhamento da escritadefesa da tese de Paulo Sgarbi (2003, 2005), apresentada de forma tão original, me provocaram a buscar uma forma mais própria, menos clássica, que melhor atendesse ao diálogo que pretendia. Expliquei, anteriormente, as trilhas dessa descoberta (eixo 2:72), mas retomei essa conversa para contar um episódio que em muito me intrigou, mas que, “no fim”, teve um desfecho satisfatório.

Janeiro e fevereiro correram mais do que o esperado, no trabalho da transcrição e no processo de exercitar essa escrita que acabara de imaginar como “maneira de fazer textual” (Certeau, 2002:152). Marcada uma reunião de orientação, apresentei as conversas que já havia iniciado no dia 08 de março de 2006. Estava feliz por ter conseguido caminhar bastante na dissertação e percebi que meu trabalho colheu sorrisos. Voltei para casa animada em continuar aquele caminho que nem tão fácil era, pois exigia um mapeamento de todos os conhecimentos até então auferidos, para tramar as conversas.

Um telefonema no mínimo estranho parecia querer impedir que eu continuasse naquela trilha.

Lourdes Tura

Mantenha as conversas como uma introdução à dissertação, mas daqui em diante você deve escrever como quem profere uma palestra.

Silvia

Não estou compreendendo. Não podemos ter uma conversa dessa por telefone, Tura!

Lourdes Tura

Só quis telefonar para que você não continuasse a escrever dessa forma, antes de nosso próximo encontro. Estive conversando com alguns professores e essa sua forma de escrever será muito difícil de ser apresentada para uma banca.

Um novo encontro foi marcado para o dia 24 de março. Eu não podia me imaginar abrindo mão daquela escolha da forma de escrita. Estava decidida a ir à coordenação e pedir para defender meu trabalho ainda que em desacordo com minha orientadora. Estava decidida, também, que o mestrado perdia o sentido se não fosse para dar continuidade àquelas conversas.

Para surpresa e alegria, minha, então, orientadora já levava a situação a outra professora do programa, que aceitou dar continuidade à orientação de minha pesquisa, pois já vinha acompanhando o meu trabalho. Inês Barbosa de Oliveira tinha avaliado meu projeto, havia sido minha professora em disciplina no mestrado e com ela, eu tivera oportunidade de travar uma conversa sobre os descaminhos que se apresentavam desde o início daquele fatídico março. Além disso, vínhamos nos tornando amigas desde o início do mestrado.

Estava, então, *sob nova direção* – adotando o nome de um programa de televisão conhecido na época.

“PREZADO SENHOR, O SEU FILHO NÃO É COMO TODO MUNDO. NÃO É POSSÍVEL CONSERVÁ-LO NA ESCOLA.” [O MENINO DO DEDO VERDE, MAURICE DRUON.]

“MANEIRAS DE FAZER” NEGADAS

*– Quando eu uso uma palavra – disse Humpty Dumpty num tom escarinho – ela significa exatamente aquilo que eu quero que signifique... nem mais nem menos.
– A questão – ponderou Alice – é saber se o senhor pode fazer as palavras dizerem coisas diferentes.
– A questão – replicou Humpty Dumpty – é saber quem é que manda. É só isso.*

Alice através do espelho, Lewis Carroll

As atividades de pesquisa de minha nova orientadora focam práticas emancipatórias nos cotidianos escolares, e têm como um de seus fundamentos a idéia de uma pedagogia da emancipação (Santos, 1996). Encantaram-me seus estudos ao me levarem a perceber que além das muitas pesquisas que falam das mazelas e dos infortúnios da educação em nosso país, outras se dedicam a ir além, buscando descobrir como esses problemas são enfrentados pelos sujeitos reais cotidianamente. Compreender e considerar a existência de ações e alternativas curriculares mais democráticas surge como uma novaoutra maneira de criar caminhos para deflagrar novosoutros processos educacionais, a partir da proliferação dessas práticas cotidianas e do enredamento possibilitado pela troca de experiências educativas reais, que, efetivamente, acontecem nas salas de aula.

Não pude deixar de fazer uma reflexão em busca de indícios que me permitissem compreender os modos de tessitura dessas práticas emancipatórias no contexto Bom Jesus Canarinhos. Certamente, os professores e as professoras, como praticantes do/no cotidiano, desenvolviam modos e usos (Certeau, op. cit.) próprios para as propostas recebidas do Bom Jesus, mas a “invasão” no espaço Canarinhos era o que mais ficava visível, pela forma autoritária como impunham sua forma de ser e pensar educação. A conversa com Inês Oliveira não tardou:

Inês Oliveira

Num regime ditatorial, as regras e sua execução são estritas e cerceadoras da ação dos sujeitos e grupos sociais. Nesse sentido, as possibilidades táticas são poucas e “apertadas” em função dos riscos e do pequeno espaço no qual se desenvolvem (2003:30).

Silvia

Por isso, Inês, fica tão difícil perceber os currículos praticados pelos professores e pelas professoras para além das disciplinas e dos saberes formalizados, instituídos pela proposta Bom Jesus e que era rigorosamente cobrada pelos donos “Bom Jesus” do saber. Olhando para trás, percebo a rede de fazeres e saberes pedagógicos que se teciam nas vivências Canarinhos e que foram negadas pelo novo grupo de gestão. Ainda que reconhecêssemos nas propostas do Bom Jesus uma “modernização”/“atualização” do ensino, a maneira imposta aos professores e às professoras desrespeitou os processos locais.

Márcio

[No] ano em que eu entrei, fazia um ano que haviam recém-modificado, direção e todo o planejamento que existia. Nessa época, conversando com os professores, a gente via neles a preocupação com essa mudança. Então, eles comentavam que, no ano anterior, que foi o da mudança, foi muito difícil... tudo modificado.

E uma coisa que chamava muita atenção é que eles falavam:

- Eles pensam que a gente aqui é como Curitiba.

Falavam coisas assim:

- Eles vêm aqui e não respeitam as nossas idéias, a nossa história, porque a gente já tem uma caminhada de colégio e eles vêm para cá pensando que a gente não sabe fazer isso.

Como quem diz:

- Até agora vocês não fizeram nada direito, a gente vai ensinar como é que faz.

Então, o maior comentário que eu escutava foi em relação a isso. Não havia esse respeito pelas coisas que aconteciam antes de chegar esse novo grupo. Então era prova pronta, projeto pronto, planejamento pronto e nunca perguntavam para as pessoas se podia fazer diferente. Empurravam o pacote e tinha que ser daquele jeito (eixo 3:26).

O JOGO DO INVISÍVEL

Inês Oliveira

A dominação cultural tem sido um dos pontos nevrálgicos do fazer pedagógico hegemônico, e sua superação uma de nossas principais lutas no contexto de um projeto de construção de uma escola e de uma sociedade mais democráticas (2004:10-1).

Silvia

Questionar essa dominação e refletir a esse respeito me ajudam a pensar o porquê dos currículos praticados serem tornados invisíveis pelos dominadores (Santos, 2004), como era o caso do Bom Jesus, que nada permitia se ver das qualidades das práticas canarinhas, para que a imposição de novas normas curriculares não fosse interpelada pelos sujeitos da escola, suas práticas e seus fazeressaberes cotidianos.

Letícia

Achei o Bom Jesus muito radical. Ele chegou muito radical. Alguém querer escolher o livro que a sua turma vai ler e esse alguém não estar dentro da escola! É muito complicado. Então, era assim: a sua turma, esse mês, vai ler sobre sexo, educação sexual. Mas, a minha turma não estava, nesse momento, questionando nada disso. Eles estavam querendo saber sobre bichos, por exemplo. Então, eu colocava:

- Minha turma não quer ler sobre isso.

- Ah, não, mas é um livro igual para todas as turmas de todas as...

Sabe, muito radical! E eu acho muito complicado, você, de fora, querer dizer o que é bom para aqueles que estão lá dentro.

Às vezes, tem coisas interessantes. Nunca deixei de ver as coisas interessantes. Mas nunca, também, me iludi com isso. Porque a maneira como eles chegaram... Eles chegaram muito de soa. Muito.

- Nós sabemos... nós podemos... nós sabemos o que é melhor. Nós estamos em Curitiba, mas sabemos o que é melhor para Petrópolis.

Não é assim (eixo 3:85)!

O JOGO DO PODER SABER

frei César

Se falava bastante em uma parceria e, de repente, se percebeu que era um "encampamento", se é que se pode usar essa palavra, e aí é que foram vindo as mudanças. [...] quando mudou o nome do colégio, mudou o uniforme, foram entrando outras situações e os alunos, que tinham um carinho muito grande pelo colégio, pela marca do colégio, pelo uniforme que usavam... Eles, em Curitiba, não imagina-

vam que houvesse essa simpatia [...] Quiseram forçar a marca Bom Jesus, a qualidade deles, os funcionários deles (eixo 3:172).

Margarzê

Vinha o pessoal de Curitiba para orientar quem era de Petrópolis, para mostrar como era o trabalho. [...] Você tinha que cumprir um cronograma que vinha de Curitiba e as provas vinham de lá. Então, você tinha que cobrar aquilo (eixo 3:65).

Marisa

Até livros de literatura extraclasse vêm de Curitiba, que são adotados no vestibular de lá e querem que o pessoal daqui leia (eixo 3:148).

Odete

Começaram a vir coisas prontas de Curitiba, que tinha que adotar. Eu não adotava exatamente, porque não tinha nada a ver com o Estado do Rio, a gente tinha vestibular e Curitiba não tem nada a ver com o daqui (eixo 3:90).

Inês Oliveira

Embora sejam múltiplas, diversas e singulares, as práticas cotidianas, maneiras de fazer e estar no mundo, para serem pensadas, devem ser entendidas como um número finito de procedimentos, que aplicam os códigos e normas existentes seguindo uma lógica articulada em cima da “ocasião”, que é diferente daquela da ordem estabelecida, mas que se constitui, ainda assim, de um certo número de formalidades. [...] Sendo assim, as táticas utilizadas pelos praticantes na escolha deste ou daquele “lance” em uma direção específica, embora limitados pelas regras onde devem inscrever-se estes lances, possuem uma formalidade que lhes é própria, que não permite o desvendamento do jogo enquanto totalidade, na medida em que se desenvolvem no contexto complexo da vida cotidiana, com sua multiplicidade de situações e de maneiras de se perceber e avaliar estas situações (2001:51).

Silvia

O primeiro relato trazido pelos professores retrata a situação dentro de uma visão globalizante, que rejeitamos, mas repetimos. Não seria, então, por isso, que as táticas não aparecem muito nas entrevistas? Poucos eram os que relatavam suas “maneiras de fazer” diante da “nova ordem”. Mas lembro-me das suas falas sobre o planejamento não cumprido, Denise e Margarete.

Denise

A gente acabava não dando conta das coisas como deveria ser [...] e, no final das contas, sendo muito sincera, o plano de aula que a gente preparava, não sei com quanto tempo de antecedência, a gente não colocava tudo em prática mesmo, nunca (eixo 3:196).

Margarzê

Então, divisão por dois Algarismos era uma semana só e pronto. Na realidade, eles não conseguiam tirar as dúvidas em uma semana. Não tinha como voltar. Então, sabe como a gente fazia? Tinha quinze minutos para terminar a aula, gente tacava conta de dividir por dois Algarismos. Por quê? Pra ver se eles aprendiam. Depois, a gente recolhia as folhas (eixo 3:66).

Denise

Esse negócio de entregar disquete com plano de aula para ver se Curitiba aprova... São realidades diferentes! Eram sugestões que vinham, mas, sinceramente, até, às vezes, magoava. Poxa, a gente já tem um caminho que a gente segue. E a gente sabe que são realidades diferentes (eixo 3:193).

Inês Oliveira

Aceitamos as regras e, com elas atuamos, sempre. Por outro lado, sobre elas agimos revertendo-lhes a lógica, criando espaços para aquilo que não está previsto, buscando, com isso, o desenvolvimento de nosso trabalho de acordo com nossas crenças e expressando valores não contemplados pelas regras oficiais, sejam elas comportamentais, políticas e/ou pedagógicas (2001:53).

Silvia

Ampliar minha capacidade de compreensão do cotidiano redimensiona a crítica que faço à forma repressiva e aos mecanismos de imposição das propostas mercadológicas, pedagógicas e ideológicas do grupo Bom Jesus. Isso porque, repensando nesses relatos, percebo possibilidades de entender que essa repressão acabou, também, por fomentar formas criativas e astutas de burla do sistema. Cabe pensar que uma retomada das entrevistas em busca de relatos sobre as astúcias dos praticantes poderia trazer inúmeras surpresas.

Pedir que as pessoas me contassem sua trajetória no colégio parece-me, hoje, que criou um compromisso maior em "dar conta da totalidade da vivência" e, dentro dessa tarefa, os desvios e as maneiras diferentes de atender às ordens não seriam parte do relato, provavelmente. Somente uma nova pesquisa poderia responder.

Cabe aqui continuar pelos trilhos que guiaram essa pesquisa e que me permitiram reconhecer algumas maneiras de fazer dos praticantes que foram negadas por um grupo "forte" de Curitiba que impunha (ou pensava impor) aos "fracos" de Petrópolis uma nova forma de agir e pensar educação.

frei César

Parecia que Curitiba é que era o centro cultural, intelectual do mundo e havia uma certa idéia de que, no Rio de Janeiro, as pessoas não trabalhavam, enrolavam e não tinham uma seriedade naquilo que faziam.

As intenções foram sendo muito diferentes de tudo o que estava programado e aí foram aparecendo vários outros personagens de Curitiba, como o Guaraci, na parte de marketing, trabalhando todo um outro nome, essa mudança toda da imagem, colhendo na comunidade material de marketing, de divulgação da marca do Bom Jesus. (eixo 3:172-3).

Silvia

Os processos relacionais no colégio eram bastante centrados na hierarquia, já no tempo Canarinhos. Sendo assim, não foi preciso mudar a forma de instituir a ordem, que vinha de cima para baixo, para as novas determinações. A partir dessas percepções, nesta pesquisa, procurei compreender um pouco mais do que foi o processo de dominação Bom Jesus no Colégio dos Canarinhos, e os mecanismos de exclusão dos quais ele se serve. Há que se cuidar para não sacralizar o antes, reconhecendo que no Canarinhos o regime de organização e decisões também não era democrático.

Inês Oliveira

Entendemos que uma determinada sociedade será tão democrática quanto mais intensos e efetivos forem os mecanismos e processos decisórios sobre os quais se funda, em todas as instâncias de inserção social dos seus membros. Esta democracia social se fundamenta em alguns princípios e requer o desenvolvimento de um certo número de práticas emancipatórias que permitam superar a verticalidade das hierarquias apriorísticas (...) (2003:16).

Silvia

Conversar sobre os mecanismos de dominação pode possibilitar uma melhor compreensão destes e dos possíveis questionamentos, de modo a contribuir para a emancipação social de outros

sujeitos e/ou grupos sociais. No mesmo sentido, promover o questionamento do ideário formalista dominante permite conhecer e explicar melhor alguns processos, cuja ordem precisamos subverter, pois muitos de nós - e nesse nós me incluo - tendemos a cair nas malhas do discurso hegemônico de promessas de inovações, evolução e progresso que atendem a alguns em detrimento de outros, legitimando procedimentos excludentes.

Inês Oliveira

Muitos outros são os mecanismos que, ao definirem quem é, porque é e como é que se deve ser cidadão, excluem todos aqueles que não preenchem tais requisitos (2003:24).

Silvia

Quando o tema é exclusão, é possível conversar sobre vários tempos e acontecimentos dessa história. A partir de *um de seus começos* - porque defendo a impossibilidade de se chegar a uma única origem das histórias -, na antiga Escola Gratuita São José, fundada nos idos anos 90 do século XIX, nasceu o Ginásio dos Meninos Cantores de Petrópolis que, posteriormente, transformou-se no Instituto dos Meninos Cantores, momento em que a gratuidade inicial da escola foi extinta. Tomo esse como um dos momentos que representam a exclusão daqueles que não podiam pagar a mensalidade como escolha daqueles que dirigiam o colégio.

Poderia fazer a leitura como sendo o momento de escolha da inclusão daqueles que podem pagar uma mensalidade, pois, do contrário, talvez, a escola não tivesse sobrevivido. Toda escolha pressupõe uma renúncia. E colocar as escolhas nesse campo dicotômico é um complicador. No entanto, coloco como questionamento a ambigüidade que desponta entre o discurso franciscano e as ações que vão transparecendo na trajetória dessa escola. Essa discussão eu já havia começado no romance, ao apresentar o colégio aionista e, depois, em uma conversa entre frei Augusto e Sabrina.

O Bom Samaritano tinha, em suas origens, o atendimento a alunos pobres e a caridade marcava o desejo de solidariedade e fraternidade imputado naquela comunidade pelos princípios aionistas. Manter esse pensamento e agir dentro dele já vinha sendo muito difícil, pois, com o passar dos anos, as dificuldades financeiras haviam mudado o perfil da escola de pobres para uma escola paga, que atendia alguns pobres. Era já uma incoerência cobrar para educar aionisticamente, pois se deveria atender aos desfavorecidos e não àqueles que podiam arcar com os custos educacionais, ainda que não fossem exorbitantes. Diante da possibilidade da gratuidade, o colégio tentava cobrar dos que podiam pagar, ajudando àqueles que não podiam (eixo 1:14).

[...] Sabrina questionava essa postura que o Santo Ofício assumiu:

O Santo Ofício está apenas representando uma escolha dos aionistas de buscar uma outra clientela para o colégio, que eu identifico como uma postura semelhante à assumida pelo Bom Samaritano em outros tempos, não é?

- De que tempos você fala, Sabrina?

- Lembro-me de ter ouvido de você que, quando foi fundado o colégio, foi fundada uma outra escola gratuita aionista na cidade. Essa escola tomou outros rumos "não-aionistas"; no entanto, manteve e mantém a gratuidade e a opção pelos pobres até os dias de hoje. A escolha dos aionistas, em um momento de dificuldades financeiras, no entanto, foi a de cobrar mensalidades, fazendo uma primeira opção por começar um processo em que alguns são excluídos, aqueles que não podem pagar a mensalidade, por mínima que se pretendia no início dessa escolha, lá nos idos de 1960. É coincidência, mais uma vez, os aionistas optarem pela elitização da escola em um momento de dificuldade?

- Os frades são seres mortais comuns. A gente não deve misturar artigo de fé com reações humanas (eixo 1:18).

Sabrina

Talvez você não devesse misturar artigos de fé e reações humanas com trabalho científico, Silvia!

(Não sei se Sabrina aqui fez o papel de "grilo falante" ou apenas está dizendo o que fico ouvindo dentro de mim, vindo do meu lado cartesiano, ortodoxo, disciplinado, religioso etc. A Silvia desobediente continua a conversa.)

Silvia

As histórias são multidimensionais e tanto os artigos de fé quanto as reações humanas são dimensões importantes no enredo que venho compondo. Não poderia negar a intrincada relação educação-igreja que perpassa a história, e que ganha contornos muito próprios no cotidiano do Bom Jesus Canarinhos, desenhados pela trajetória daqueles que por ali passaram deixando suas marcas.

Mesmo conhecendo as contradições que envolvem a Igreja atual e a "opção pelos pobres", parece-me difícil compreender como a ordem franciscana optou pela solução que desfavorece os potencialmente excluídos.

Mas foi o que aconteceu. Marcas individuais ou escolhas coletivas levaram a Escola Gratuita São José a optar pelo ensino pago para tecer sua trajetória e a se manter assim.

prof. Waldemiro

O Instituto absorveu a Escola Gratuita São José e manteve a escola ainda por alguns anos, até que, depois, acabou sendo particular definitivamente (eixo 3:10).

frei César

As outras escolas se modernizaram mais cedo e se tornaram grandes complexos e atenderam uma classe mais abastada, e essa aqui não. Ela conseguiu, durante muitos anos, se manter. E aí, foi devido à idéia do frei Inácio de fazer a tipografia, que depois se tornou editora, mas que, durante muitos anos, foi a editora que pagou o salário dos professores e que ajudou a manter o próprio Canarinhos, quando estava à frente frei Ludovico Mourão de Castro. Tinha todo esse encaminhamento.

Com frei Leto é que surgiu a primeira escola particular [...]Ele diz que era uma tendência, que não tinha mais como ser diferente. O convênio com a prefeitura era complicado porque ele não podia escolher diretores, não podia escolher professores, não podia tirar alunos, uma série de situações... (eixo3:179-180).

Silvia

Uma série de situações de exclusão, muitas delas explícitas e quantas outras veladas!

frei César

Por minha formação como padre, eu sempre fui bastante avesso à idéia de escolas particulares. Mesmo dentro dos departamentos da Província, eu já me tinha manifestado contrário à nossa presença nessas escolas (eixo 3:167).

prof. Waldemiro

Quando eu cheguei lá, em 42, a Escola Gratuita era uma escolinha pobre não é? Frei Leto até declara que todo ano havia uma reunião de todos os colégios da província e ele nunca foi convidado. Então, ele chegou à conclusão de que a escola Gratuita São José, a escolinha dele, não tinha a menor importância para a congregação dos franciscanos (eixo 3:6)

frei César

O colégio de Petrópolis nem era convidado para as reuniões de colégios da Província, no passado, porque não era considerado, era uma escola gratuita, paroquial, de pouca importância, como tem aqui em Petrópolis seis escolas paroquiais. A do Bingen, por exemplo, ela é da Província, o terreno, o prédio, mas ela é conveniada com a prefeitura e tem 800 alunos. A da Mosela, aí já é da paróquia e pertence à diocese, mas são escolas assim... A Escola Gratuita São José era mais uma dessas (eixo 3:180)...

Silvia

Nesse sentido, a exclusão pode ser um eixo da história da escola. A Escola Gratuita foi excluída

pela Província! E outras ainda o são, segundo suas palavras, frei César. E o impressionante é que eu achava, depois de mais de 10 anos de Canarinhos, que a escola era a única franciscana de Petrópolis. Canarinhos, depois de “incluída” excluíaexclui suas “co-irmãs” escolas franciscanas para pobres.

Inês Oliveira

Para fazer essa discussão – do papel atribuído à escolarização pela modernidade, em sua articulação com as questões relativas às formas válidas de exercício da cidadania e aos mecanismos de exclusão social –, precisamos voltar um pouco ao conceito de cidadania tal como ele foi cunhado no contexto de emergência da hegemonia burguesa na Europa capitalista e moderna, passando, ainda, por um “desvio”, que é a discussão sobre a questão dos processos de regulação e de emancipação social presentes na sociedade moderna e do seu significado para a luta pela democratização, que pressupõe a ampliação das formas democráticas de exercício da cidadania (2003:25).

Silvia

O legado histórico que inspirava as práticas dos educadores, que traziam a ideologia da fé católica para seus modos de ensinar, no Colégio dos Canarinhos, desde a Escola Gratuita, baseava-se no modelo europeu de ensino. Era uma educação humanista alicerçada numa pedagogia tradicional de cunho religioso. A proposta curricular era organizada a partir de disciplinas estanques e os métodos de ensino, em sua maioria, baseavam-se numa postura rígida de ensino, eram centrados na figura do professor e na memorização de conteúdos desarticulados da realidade. A avaliação era quantitativa, buscando mensurar os conhecimentos ensinados em sala de aula e o padrão de comportamento do aluno.

Poderíamos ampliar a frase acima da seguinte maneira: “no Colégio dos Canarinhos, desde a Escola Gratuita, até os dias de hoje, no Bom Jesus-Canarinhos”. Com esse complemento, pretendo apontar que nem tudo mudou. Aliás, muita coisa não mudou, ainda que a roupagem Bom Jesus tenha pintado o “Canarinhos” de verde e ainda que o país tenha vivido muitas propostas de ruptura com o ensino tradicional. A proposta de educação deste colégio ainda continua marcada por essa tendência pedagógica conservadora, maquiada por belas palavras “verdes”, supostamente modernizantes.

Fui “tão longe” nessa conversa porque percebo os excessos da instância da regulação que, se “na modernidade é representada pelo Estado” (Oliveira, 2003:25), no colégio é representada pelos freis e pelas instâncias de poder da Província, que, “brincando de deus”, tomam decisões sobre os processos de inclusãoexclusão. Quantas vezes eu mesma “brinquei de deus” ao convidar um indisciplinado a se retirar do colégio, por exemplo, caso esse que mais me aflige lembrar?

(Não posso deixar de dizer que, depois de escrever esse parágrafo, que me pareceu tão bom, fiquei a repensar que tais barbáries não poderiam ser “brincar de deus”. Pelo menos, não é esse o Deus que eu quero, mas como me alertaram frei Augusto e Sabrina, é melhor eu me cuidar com essa coisa de misturar artigos de fé e dissertação de mestrado.)

Inês Oliveira

Na origem da concepção liberal burguesa de Estado está a idéia de que o “estado da natureza” selvagem precisa ser controlado para que o contrato social possa ser instituído. Questionando o ideário liberal, Marx afirma que o Estado burguês atua como mecanismo de legitimação da dominação burguesa contra o proletariado. A partir desses dois entendimentos quanto à função do Estado, cabe pensar nas formas distintas que pode assumir o princípio da regulação.

Na continuidade do pensamento liberal moderno, fácil é reconhecer a selvageria como lei do mais forte ou “lei da selva”, como costumamos a ela nos referir. É supostamente para controlar e limitar esse poder do mais forte que são instaurados mecanismos de regulação. Desse modo, seria permitido aos mais fracos existir dignamente e ter acesso aos bens fundamentais. A liberdade do

A RIGIDEZ TEÓRICO-METODOLÓGICA E O “BRINCAR DE DEUS”

O QUE FAZER COM QUEM NÃO É “AMIGO DE DEUS”?

mais fraco seria assegurada pela proteção concedida por meio da limitação do poder do mais forte (2003:26).

Silvia

A questão nesse caso é que quem deveria “proteger” os mais fracos eram os próprios fortes, antes, os freis e, depois do Bom Jesus, os gestores, o que nos aproxima da perspectiva marxiana. Ou seja, a dominação é legitimada pelos argumentos dos dominantes e aos “fracos” só resta a adaptação, a obediência, ou a punição. E aí precisamos chamar Foucault para a conversa.

Michel Foucault

(...) micropenalidades do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseira, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes incorretas, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência) (2002:149).

Silvia

Sim, para fazer funcionar normas gerais da “boa” educação. Se um aluno, professor ou funcionário, por exemplo, transgredisse a norma, penalidade seria a consequência lógica.

Michel Foucault

Trata-se ao mesmo tempo de tornar penalizáveis as frações mais tênues da conduta, e de dar uma função punitiva aos elementos aparentemente indiferentes do aparelho disciplinar: levando ao extremo, que tudo possa servir para punir a mínima coisa; que cada indivíduo se encontre preso numa universalidade punível-punidora (2002:149).

Silvia

Exatamente. Todos deveriam obedecer por receio às punições, que eram expressas por suspensões, reunião com os pais, redução nas notas, mudança de classe e, dependendo da gravidade, expulsões, no caso dos alunos, por exemplo.

Margarzta

Com frei José Luiz, eu achava muito legal, aquela formação, que tinha que rezar, tinha que cantar hino, aquela disciplina. Aquelas galalauas e o frei José Luiz mandava calar a boca e calava (eixo 3:75).

prof. Waldemiro

Frei Leto era muito mais humilde. Ele, na presença do frei José Luiz, se submetia a tudo. Tudo que frei José Luiz determinasse estava resolvido. Com ele não tinha problema (eixo 3:20).

Henrique

O racismo dele contra negros, contra alunos indisciplinados, ele achava que tinham que ser expulsos da escola. Aconteceu com um menino que trabalha aqui perto do Hospital Santa Tereza. Na época, ele foi expulso. A escola não é lugar disso. A escola precisa resolver, ajudar esses meninos, não é? Ele fazia o contrário: degolava (eixo 3:75).

Margarzta

Tinha uma disciplina, tanto para os alunos quanto para os professores, para os funcionários, e era uma coisa que, apesar de você ter medo – porque a gente tinha medo –, rezio, sei lá, cada um pensa como quiser, era gostoso. Você trabalhava, você vestia a camisa (eixo 3:61).

Michel Foucault

A punição, na disciplina, não passa de um elemento de um sistema duplo: gratificação-sanção

(2002:150).

Silvia

E eu, como coordenadora pedagógica aconselhava, ainda, os professores a que se utilizassem mais de gratificações do que de sanções. Os mais fracos, sem poder enfrentar a dominação, buscavam gratificações e reconhecimento. Dava certo. Contudo, com muitos outros, “fortes” nas táticas transgressoras (Certeau, op. cit.), não funcionava e eles eram suspensos e “convidados” a se retirar! Ou seja, aos não adaptados, não disciplinados – alunos e professores questionadores - a exclusão.

Não posso deixar de falar sobre minha angústia em “sujar” a imagem que eu mesma tinha do frei José Luiz e do frei Leto, mesmo compreendendo que apenas os humanizei. A história toda do colégio se devia ao empenho desses dois homens-freis, pensava eu. Porém, revendo a história, frei José Luiz e frei Leto ficam menos sacralizados e ganham uma dimensão humana, que eu não distinguia nos dois, como se frade fosse uma “espécie de santo vivo”; e frei Leto ainda morreu depois, aumentando sua santidade. Parece-me que esse pensamento era incutido em nós, pois até frei José Luiz pensava isso de si mesmo!

Caso um dia o sistema coral venha a ser supresso por motivos financeiros, a meu ver o Colégio Bom Jesus Canarinhos perderá o sentido de existir. Pois toda a estrutura que frei Leto e eu, com grande idealismo, esforço e tenacidade, construímos durante 58 anos, cairia por terra. Seria anulado o trabalho de duas vidas, e creio que ninguém queira cometer esta insanidade. A sociedade iria gritar, e com razão. Por isso, estou tranqüilo (eixo 3:217).

Interessante observar que frei César sempre teve essa dimensão humana mais marcada, ainda que tivesse um jeitinho de santo, no início, talvez pela simplicidade que demonstrava.

Recém-formado, frei Augusto chegou ao Bom Samaritano para assumir o cargo de orientador pedagógico dos alunos do ensino médio. Era o estereótipo do que podemos chamar de rapaz do interior, com aquelas calças de tergal, vincadas, camisa de tecido e um par de óculos com uma armação enorme e preta. Muito simples, muito atento, sempre disposto a ouvir, angariou logo a simpatia de todos. À medida que era aceito pelo grupo, mais frei Augusto se apresentava, impressionando a todos com sua defesa do ideal aionista (eixo 1:3).

Denise

Do frei José Luiz eu me lembro bem: rígido, sério e, às vezes, até algumas coisas me incomodavam em relação às crianças, porque ele queria um comportamento dos pequenos que eles não tinham e era natural. Talvez, ele não entendesse, até pela criação dele. Me lembro, mas nenhuma dificuldade maior com o frei José Luiz, até por uma questão de respeito também. Entregava na sua mão, na mão da Marcia, que foi coordenadora. Ele acreditava em vocês e vocês desenvolviam. Isso eu me lembro: frei José Luiz tinha uma vontade muito, muito grande de fazer o colégio crescer e estava sempre presente, com a gente, tratando muito bem (eixo 3:198).

Silvia

Até agora, vinha recordando o tempo Canarinhos, em que disciplina era considerada um referencial, mas, se houve diferença no tempo Bom Jesus, foi para mais disciplinamento e não mais negociação. A questão continuou importante e ganhou um status de preocupação maior, “merecendo”, inclusive, uma coordenadora específica para tal. A proposta pedagógica confirma essa preocupação.

São **deveres dos alunos** acatar a autoridade; tratar com respeito todas as pessoas do colégio; comparecer as aulas com pontualidade e devidamente uniformizado; comparecer as aulas de recuperação no contraturno; fazer as tarefas solicitadas pelo professor; ressarcir os prejuízos referentes a danos materiais que porventura venha causar. Fica proibido entrar e sair da sala sem autorização do professor; ocupar-se nas aulas de qualquer atividade estranha às mesmas; recorrer a meios fraudulentos para benefício próprio ou a terceiros; fazer uso de celulares ou qualquer

aparelho eletrônico durante as aulas ou atividades correlatas; introduzir qualquer tipo de arma ou dela fazer uso no colégio; introduzir no colégio ou fazer uso de bebidas alcoólicas, cigarros, entorpecentes ou psicotrópicos. Respeitar os artigos Dos Deveres, Das Proibições, Das Sanções e Dos Direitos que constam no Regimento Escolar.
[...] Para um acompanhamento disciplinar, o gestor, os assessores e os professores atuam em conjunto com o Coordenador Disciplinar (eixo 3:311-3).

Vanessa

Quando entrou o Bom Jesus começou a ter um bando de regras, proibiram os shorts curtos, as blusas curtas e calça jeans (eixo 3:224).

Guilherme

Parecia que os que vieram de Curitiba trabalhavam com um manual de instrução (eixo 3:225).

Fred

O Bom Jesus Canarinhos é uma prisão cheia de câmeras e não se pode abraçar pessoas no recreio (eixo 3:228).

Kylian

Com o Bom Jesus aquilo virou um verdadeiro quartel general... um regime militar lá dentro. Se você encostasse na grade era bem capaz de descer agentes especiais e te algemar e levar para o diretor, que certamente era um curitibano metido a besta (eixo 3:229).

Silvia

Essa preocupação com uma possível rebelião – porque é isso que deixa transparecer esse “bando de regras” – faz-me pensar em outra forma ainda mais excludente de regulação.

Inês Oliveira

Nesse sentido, uma segunda formulação é possível. O mecanismo a ser montado e desenvolvido legitimará, nessa perspectiva, as formas burguesas de gerenciamento dos conflitos, considerando, a partir daí, como “selvageria” as formas de negociação de outras classes sociais, que passam a ser entendidas como falta ou insuficiência. Entendendo a selvageria desse modo, a concepção burguesa de cidadania encara como “selvagens” todos aqueles que, por motivos político-religiosos, culturais e sociais não se enquadram nas possibilidades de inclusão que o conceito prevê e não se comportam de acordo com os parâmetros de inclusão “razoáveis e civilizados” definidos pelos modos burgueses de sociabilidade (2003:26-7).

Silvia

A questão que mais mobiliza as pessoas entrevistadas e mesmo a mim, nessa história é a exclusão daqueles que não se enquadram no sistema Bom Jesus: são demitidos. Mas as regras eram tantas, e tão invasivas, que me pergunto se seria possível chegar aos padrões de razoabilidade e civilidade estabelecidos. Penso que, talvez, sejamos irremediavelmente “selvagens”, todos os que discordamos da proposta que chegou e que, por isso, fomos eliminados.

Inês Oliveira

A regulação, a princípio entendida como uma instância de controle sobre o poder do mais forte e, portanto, voltada para a equalização de correlações de forças desiguais, acaba por se transmutar e passa a funcionar como mecanismo de controle sobre os mais fracos, a partir do momento em que suas formas reivindicatórias são entendidas como selvagens e, portanto, precisam ser coibidas pela instância reguladora (2003:27).

Silvia

Já conversamos um pouco sobre essa forma coibitiva, que não permitiu que professores e professoras questionassem nada durante a implantação do sistema Bom Jesus.

Dando prosseguimento a essa discussão, proponho trazer o conceito de cidadania para ser discutido

de forma articulada, na tentativa de compreendê-lo a partir do conceito de exclusão.

CIDADANIA E EXCLUSÃO

*"... Liberdade – essa palavra
que o sonho humano alimenta:
que não há ninguém que explique,
e ninguém que não entenda!"*

Romanceiro da Inconfidência, Cecília Meireles

Silvia

Retomo agora a questão tentando associar o processo de constituição identitária dos sujeitos sociais ao da construção de suas formas de pertencimento ou não a diferentes grupos, critério fundamental para a idéia de cidadania e de *exclusão/inclusão*.

Inês Oliveira

No sentido clássico e ainda dominante nos dias de hoje, a cidadania vem sendo entendida como uma listagem de direitos e deveres do cidadão em relação a um Estado que, em troca, lhe confere segurança e proteção, garantindo suas possibilidades de manter a integridade física e moral. (...)

A discussão que propomos pretende ampliar esse conceito, considerando a cidadania não apenas como uma relação cidadão/Estado-nação, mas, na discussão aberta por Boaventura de Sousa Santos (2000:273), considerá-la como um dos espaços estruturais inscritos no “mapa de estruturação das sociedades capitalistas” e associada privilegiadamente ao direito territorial ou estatal, o que explica, em parte, o reducionismo que questionamos. Por outro lado, numa discussão do contrato social enquanto “grande narrativa em que se funda a obrigação política moderna” (1997:5) e de seus fundamentos, o mesmo autor aponta a cidadania como critério de inclusão nesse contrato como uma dimensão territorialmente fundada, sem desconsiderar sua dimensão inclusiva a partir do critério de partilha do sistema de valores do mesmo Estado-nação (2002:43-4).

Silvia

A cidadania, portanto, seria mais do que a condição que permite a cada indivíduo a participação no processo de tomada de decisões relacionadas à sua relação com o Estado. Ela incluiria, também, a possibilidade de relacionamento de sujeitos e grupos sociais entre si, definindo-se, através de outros critérios, quem está incluído ou excluído a partir das possibilidades de participação nas decisões coletivas que envolvem os grupos e no grau de autonomia de que dispõem os sujeitos para fazerem suas próprias escolhas. No não reconhecimento da legitimidade dos modos de ser do outro se constitui a negação da cidadania, a segregação, a exclusão, mas nem sempre é possível reconhecê-la como tal.

Inês Oliveira

São cidadãos apenas aqueles que são capazes de se comportar de modo “decente e ordeiro”, cabendo aos demais, rótulos variados que os desqualificam seja como bárbaros incivilizados, seja como mal-educados e desordeiros, ou ainda como incapacitados para o exercício da cidadania.

Muito da filantropia e da suposta aceitação de diferenças culturais contemporâneas se funde na idéia de que, fora dos padrões burgueses, a cidadania possível é uma espécie de cidadania “de segunda classe”, e, portanto, nesse caso, só podemos, na relação com aqueles que detêm outra origem cultural, ajudar caridosamente e mantê-los sob controle e fora dos espaços destinados aos “verdadeiros” cidadãos (2002:46-7).

Silvia

Os “verdadeiros cidadãos” Bom Jesus, “caridosamente”, predispuseram-se a ajudar o “Canarinhos”. Veja o que aconteceu!

A busca por uma outra abordagem no ensino, a partir da crença na escola não só como espaço de obediência, mas também de contestação, que vinha marcando os anos 90, foi penetrando no Canarinhos surdamente, sem alarde, pelas mãos dos praticantes.

Romper com a tradição escolar católica era complexo para um colégio historicamente instituído sob essa égide. Entretanto, começou a aflorar uma proposta pedagógica que considerava a educação como um espaço de criação, construção e reflexão do universo cultural que envolve todos os sujeitos. Esse movimento era muito mais fortemente observado no campo das discussões do que propriamente nas práticas dos professores. A proposta de Frei César era de promover e enriquecer essa discussão, mas foi através da “aceitação” da ajuda do Bom Jesus que ele o fez.

frei César

Fui tendo um contato com o Bom Jesus também, e a acolhida deles foi muito grande – você participou daqueles momentos – com muitas promessas de fazer um trabalho integrado, em conjunto (eixo 3:170).

Silvia

Como a proposta foi trazida, inicialmente, por você, frei César, como muitos acreditavam (eu também) – ver eixo 2:51 –, a resistência inicial foi branda.

frei César

Foram muitas conversas, só que era uma situação delicada, porque a coisa estava nascendo ainda, essa transformação, e eu, diretor, representando essa mudança do Bom Jesus. Para todo mundo do colégio, toda a comunidade dos professores e funcionários, tinha que haver uma defesa dessa transição para não surgirem resistências maiores. Então, logo no início, já no ano anterior a essa mudança, que foi no final de 98, eu fui apresentando à escola essa mudança. Você também junto, participando, e todo mundo – acho – acolheu com tranquilidade, sem maiores dificuldades (eixo 3:171-2).

Silvia

As dificuldades, no âmbito da “leitura” que venho fazendo nesta conversa, começam com a busca da “excelência” pelo Sistema Bom Jesus de Ensino que gerou a paradoxal prática de exclusão, percebida na dissonância entre os princípios franciscanos de solidariedade e fraternidade – referenciados na proposta pedagógica do colégio **abre parênteses**

cidadãos dignos e justos, capazes de ser livres (aprender a pensar); servir a todos com alegria (aprender a fazer) e agir como verdadeiros Irmãos (aprender a conviver).

A sociedade espera do Bom Jesus, por meio da educação franciscana, um novo patamar de consciência em que predomine a liberdade no mundo de formação, igualdade no mundo jurídico e a fraternidade no mundo econômico

• Concepção de Escola

Dimensão Pedagógica

A proposta pedagógica da AFESBJ, na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio baseia-se nos princípios éticos da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum; os princípios políticos dos direitos e deveres de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática; os princípios estéticos da sensibilidade, da criatividade, e da diversidade de manifestações artísticas e culturais; princípios humanos e cristãos franciscanos pautados pela paz e a solidariedade (eixo 3:309-314). **fecha parênteses**

e os critérios econômicos de rentabilidade e produtividade praticados. Ainda que entendendo não serem esses os únicos critérios para aferir “qualidade” ao Colégio Bom Jesus Canarinhos, pode-se perceber nas práticas a intensificação de um processo de mercantilização do ensino, evidenciado pela seleção e segregação dos inadaptados às regras do mercado – de excelência ou meramente monetárias. A excelência exclusão despontou como materialização do pensamento liberal.

Inês Oliveira

Cabe à escola [capitalista burguesa], entre outras funções, a de civilizar e preparar para o exercício da cidadania os membros jovens ou “diferentes” da sociedade, e também a exclusão daqueles que não obtêm sucesso (2002:43).

Sabrina

[Ivan, o gestor] dizia que nosso colégio não era colégio para filho de empregada doméstica (eixo 3:173).

Margarzê

Ela falou que filho de funcionário tem que estudar em escola pública. Filha de doméstica tem que estudar em escola pública. Em escola particular estudam pessoas que têm condições (eixo 3:70).

Odete

Acho que foi, pra mim, a pessoa mais negativa na escola, em botar todo mundo para baixo, no sentido de, às vezes, **em algum momento, até humilhar professores** (eixo 3:92).

Silvia

Havia, uma forma especial de exclusão pela ameaça, nem tão velada assim, aos “não capazes” de acompanhar o “Ensino Médio Especial”, como assim era chamada a proposta “Bom Jesus” de ensino médio em dois anos, com o terceiro ano dedicado à preparação exclusiva para o vestibular.

Marisa

A fala maior deles era a coisa da competição lá fora, sair pronto para o vestibular (eixo 3:144).

Lara

Minha turma sofreu bastante. Na época a gente estava no primeiro ano do segundo grau, um ano já difícil devido à introdução de novas matérias e ainda tivemos de ser testados como primeira turma Bom Jesus. Bom, éramos quatro turmas enormes de primeiro ano, que no segundo ano reduziu-se a duas e no terceiro a uma turma de 25-30 alunos. É notável que a adaptação não foi das melhores. Pouquíssimos desses alunos foram aprovados em Universidades Federais depois do 3º ano; alguns só depois de fazerem cursos pré-vestibular. Eu saí do colégio no meio do segundo ano porque para mim já não era possível continuar naquele sistema. Minhas notas baixaram muito e se eu não sáísse naquele momento iria repetir o ano. Hoje em dia o colégio vem crescendo e acho que o método de ensino é realmente bom (eixo 3:227).

A “EXCELENCIA” COMO CRITÉRIO DE EXCLUSÃO

Kylian

Um colégio forte sim, mas mil vezes meu Canarinhos (eixo 3:229)...

Alex

Hoje, talvez, o Bom Jesus tenha mais aprovação no vestibular, talvez tenha uma saúde financeira melhor do que tinha antes, talvez o Bom Jesus tenha mais eficiência administrativa e financeira do que tinha antes... Talvez o Bom Jesus tenha uma série de características que o Colégio dos Canarinhos não tinha. Mas tinha, e aí é a minha crítica muito profunda em cima do César, um espírito mais franciscano (eixo 3:127).

Silvia

O Colégio dos Canarinhos viveu a euforia das farsas anunciadas por níveis de satisfação, níveis de aprendizagem, níveis de aprovação no vestibular e outros tantos resultados de pesquisa (elaboradas/realizadas pelo Bom Jesus).

Os “padrões de excelência” avançaram para além da qualidade de ensino, e levaram à elitização do corpo discente. Um caminho foi o estabelecimento de novos padrões de mensalidade, marcado pelo aumento brusco nos valores – uma das causas de maior incidência para a saída de alunos. O fim dos descontos levou, também, muitos antigos bolsistas a deixarem o colégio.

frei César

Então, acho que, ali, os nossos alunos eram de uma classe média baixa, na sua grande maioria, e pobres também. Então, com o sacrifício de alguns, bolsas, descontos, com o coral, com outros benefícios, se conseguia (eixo 3:181).

Odete

Uma vez, eu fui pedir desconto para um aluno que tinha perdido o pai naquele ano, nunca mais me esqueço, George, tinha perdido o pai e estava numa situação terrível, e eu fui falar com Milton se não podia deixar o garoto ficar no colégio até a mãe se restabelecer, se reerguer, e ele falou pra mim que ali não era uma instituição de caridade. Se o aluno não podia estudar, que não estudasse. Então, isso tudo foi-me **desiludindo em relação ao colégio** (eixo 3:181).

Killian

Os preços subiram e os descontos e bolsas diminuíram e desapareceram em alguns casos (Colégio São José - Rio Negro - incorporado ao grupo Bom Jesus em 2006 - eixo 3:230).

Silvia

Partindo desses acontecimentos, posso entender que a elitização e a excelência almejadas no Bom Jesus faziam um par indissociável? Estou a falar de uma instituição capitalista, direcionada pelo objetivo de obter lucro? Não há respostas definitivas, mas tenho muitas suspeitas, indícios e probabilidades.

Inês Oliveira

Se podemos afirmar que, na maior parte do planeta, os regimes políticos vêm se democratizando, podemos também afirmar que esta democratização formal vem se sustentando sobre formas de exclusão, de discriminação e de dominação ampliadas, que atingem numerosos segmentos da população mundial. Da exclusão econômica, que vitima milhões de pobres e desempregados, à discriminação cultural a que são submetidos grupos sociais ditos “minoritários”, à dominação global a que vêm sendo submetidos estes e tantos outros, nossas democracias vêm se consolidando como democracias excludentes na maior parte do planeta (2003:15).

Silvia

Essas práticas de exclusão não são apenas abstrações formais, acontecem, e não apenas nas grandes instâncias sociais. Estão presentes em espaços sociais diversos, e se revelam nas realidades dos fazeres cotidianos, transmutando regras e características amplas de modo a adequarem-se a cada espaço-tempo vivido.

Inês Oliveira

“De perto ninguém é normal” diz Caetano Veloso, confirmando que nenhuma regra ou normatização se efetiva tal qual prescrita na vida das pessoas reais [...] Os modos como as realidades locais expressam as normas e as modificam pelas suas especificidades só podem ser compreendidos se “desce-mos” às singularidades (2003:59).

Silvia

Além de alguns mecanismos de controle e de regulação dos quais já falei, ganha sentido aqui explicitar mais alguns trazidos pelo novo sistema, pois demonstram um certo padrão de ação dentro da ótica neoliberal, de modo adequado à realidade local, e, portanto, singular. Como você cita. Assim, posso recuperar um outro conjunto de práticas de exclusão que consistiu em disposições administrativas trazidas pelo grupo Bom Jesus, como a constante mudanm1.8trouno dofum , pfaze-se a cfinal/im(1 5ciuntlvia)Tj-0.007

AS AMBIGÜIDADES 2: SILVIA CAPITU

– *Quem é você?*, perguntou a Lagarta.

Não era uma maneira encorajadora de iniciar uma conversa. Alice retrucou, bastante timidamente:

– *Eu – eu não sei muito bem, Senhora, no presente momento – pelo menos eu sei quem eu era quando levantei esta manhã, mas acho que tenho mudado muitas vezes desde então.*

Alice no país das maravilhas, Lewis Carroll

Essa conversa partiu de um incômodo muito particular vivido por mim no decorrer da história que vem sendo recuperada e reconstituída por versões daqueles que não mais fazem parte do grupo Bom Jesus. Minhas suspeitas, antes voltadas para Césarcapitu, voltaram-se para mim, a respeito de minha posição e minhas atitudes.

Sabrina

Enquanto estava “dentro” você vestia a camisa. No momento em que é demitida e passa a estar “fora”, muda de opinião?

Silvia

Quase não consigo responder a essa pergunta. Tento, no exercício da escrita da dissertação, não mais colocar minha opinião, mas tecer significados a partir de minhas lembranças junto às lembranças dos entrevistados. No entanto, não posso negar a mágoa e um sentimento que insiste em me assombrar de sentir-me usada mas, ainda assim, aceitar esse papel.

Essa sensação me remeteu à idéia dos “meninos da língua”, expressão que trazia na lembrança de meus estudos ligada ao tema colonização do Brasil. Tentando recuperar, encontrei expressão semelhante: “meninos da terra”^o. Senti-me tal e qual.

Rafael Chambouleyron

Foi justamente o padre Nóbrega o mais entusiasta defensor dos meninos da terra [...] pelo seu conhecimento da língua, seriam úteis obreiros da conversão (2000:71).

Silvia

Os jesuítas apenas concluíram: precisamos conhecer esse povo, sua língua, seu costume e sua forma de pensar, para dominá-los!

^o Eram os mediadores entre a mentalidade cristã/européia e as culturas recém “encontradas” e tornaram-se cúmplices do processo de cristianização dentro de sua cultura, agindo como repressores de seus costumes.

Rafael Chambouleyron

Com efeito, com o passar do tempo, consolidava-se a convicção inicial de que os meninos índios não somente se converteriam mais facilmente, como também seriam o “grande meio, e breve, para a conversão do gentio”, como escrevia o padre Nóbrega a Dom João III, em setembro de 1551. [...] Talvez, o ensino das crianças indígenas pudesse representar, também, uma possibilidade de estabelecer alianças entre grupos indígenas e padres, revelando outra dimensão da evangelização das crianças (2000:59).

Silvia

Os meninos da terra foram uma solução para as dificuldades com a língua e também uma forma de compreender a cultura dos indígenas para lhes apresentar o cristianismo através da língua deles, diminuindo a resistência. Esses *meninos* passaram a ser aliados, depois de forte doutrinação.

A doutrinação - no caso em estudo, a minha - começou muito antes de se falar em Bom Jesus em Petrópolis.

Nessa altura da história, Sabrina já havia conquistado a confiança de frei Augusto, que a enviou para passar uma semana no Colégio do Santo Ofício para conhecer sua dinâmica pedagógica (eixo 1:9).

prof. Waldemiro

Eles mandaram praticamente a turma toda para fazer estágio lá em Curitiba. Você chegou a ir (eixo 3:13)?

Silvia

Sim, sim, várias vezes (ib.)... E não fui a única “da terra” a ser aliciada.

Márcio

Quando eu entrei, a primeira coisa que frei César e prof. Milton fizeram foi... no final do ano, fui para Curitiba participar das últimas reuniões que iam planejar o ano seguinte. Então, já peguei todo o planejamento e o material para usar no ano seguinte do Bom Jesus (id.:29).

Alex

Nós fomos os três primeiros a ir para o Bom Jesus em Curitiba. Fui eu, Carlos Eduardo e frei César. Chegando lá, eu pude perceber o que é a estrutura Bom Jesus [...] Fátima foi para treinamento de avião, no Bom Jesus em Curitiba. Passou lá uma ou duas semanas em treinamento (id.:122-9).

Sabrina

Cheguei a [me] animar com a importância que o colégio ganhava ao fazer parte dessa grande cooperativa de colégios (eixo 1: 14).

Silvia

Às vezes, eu fico pensando, com a consciência até meio pesada [...] quando veio o Bom Jesus... aquele microfone, chamar as turmas ao microfone... eu senti assim, organizando o batalhão (eixo 3:54).

Rafael Chambouleyron

O regozijo era generalizado quando os meninos passavam a abominar os costumes de seus pais [...] além de fazerem progressos na doutrina, repreendiam duramente seus pais, e delatavam aos padres os mais velhos que teimavam em praticar seus “horíveis” costumes, às escondidas, é claro (2000:60).

Silvia

Quando Rui chegou, ele me chamou na sala e falou que eu era muito distante dos professores. Que eu era muito autoritária... que isso não era perfil de coordenação de Bom Jesus... que eu tinha que ser mais amiga, ir à sala dos professores, ouvir o que os professores estavam sentindo, perceber as dificuldades, o que eles não estavam gostando, até para poder atender melhor (eixo 3: 56-7).

Marilda

Contar pra ele (id.:57)...

Silvia

Eu até percebi isso, mas eu achava que o contar para ele era no bom sentido.

- Você tem que ver o que não está bom para os professores pra a gente poder melhorar. É o seu papel. Você é a ponte entre os professores e o Bom Jesus, entre os pais e o Bom Jesus.

E eu achava isso importantíssimo (ib.).

As maiores mudanças - marcas da exclusão - aconteceram naquele ano de 2000, primeiro ano do Colégio Santo Ofício-Bom Samaritano, em que chegou o primeiro mentor vindo de Patronal. [...]

Juan sempre atendia Sabrina com atenção e ela tinha a impressão de que ele queria ensinar como deveria ser uma assessora dentro do perfil desejado para o Santo Ofício. Ele também fazia muitas perguntas e Sabrina sabia de tudo sobre o Bom Samaritano, pensava ela. Os dois conversavam muito e ela se sentia uma grande colaboradora. Falava dos problemas do colégio, das insatisfações de alguns e dos seus sonhos (eixo 1:17).

AFINAL, QUEM FOI QUEM NO REINO DE CURTIBA?

Sabrina

Mas, será que vocês foram tão ingênuas assim?

Silvia

Não interessa a resposta. Não é essa a questão. Essa é, apenas, mais uma pista nessa trama, que ajuda a compreender como as pessoas são usadas - nós fomos usadas - e se deixam usar - nos deixamos corromper.

Sabrina

Eu sofro com o quanto fui enganada, também. E nem mesmo sei por quem. Isso me dói. Sinto-me uma ingênuas, boba. Ajudei aquela gente e muito (eixo 1: 28).

frei Augusto

Eu também. O meu maior erro foi ter acreditado neles (id.:28).

Silvia

Só posso dizer que hoje eu tomo mais cuidado ao falar "deles", pois não consigo me ver separada deles em vários momentos de minha narrativa. E, se hoje estou a repensar essa história, devo a "eles". Não me identifico mais com a Sabrina que fui.

Sabrina

Enfim, quem são "eles" nesta história? Quem fui eu?

Umberto Eco

Uma verdadeira investigação policial deve provar que os culpados somos nós (In: Figueiredo, 2003:45).

MUDANÇAS: BOM OU RUIM?

O valor das coisas não está no tempo em que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.

Fernando Pessoa

Silvia

Quero começar esta conversa, colocando em discussão a idéia dicotômica de bem *versus* mal.

Perceber que a permanência da dicotomia bem *versus* mal perpassa os caminhos da religião católica pode me ajudar a compreender o meu próprio movimento e de muitas outras pessoas/professores/professoras do Colégio dos Canarinhos - colégio de orientação religiosa - na tentativa de acompanhar o processo de mudanças por que o colégio passava, através de julgamentos. Era dessa forma que eu e outras/os aprendemos/sinávimos a compreender os valores do mundo.

Henrique

Havia uma coincidência de verdades entre nós todos para com os donos do Colégio dos Canarinhos, verdades religiosas em que acreditávamos, acreditamos (eixo 3:137).

Silvia

No desenvolvimento da pesquisa, precisei-me reposicionar em relação a noções, que eram vivenciadas por mim dentro de um sistema fechado e dogmático, como justiça, pecado, pobreza, sofrimento, etc.

Pude perceber a trajetória de significações que eu vinha tecendo desde os primeiros momentos em que me dei conta da interação Bom Jesus Canarinhos.

Vivi momentos de grande expectativa com a chegada do grupo, que trazia promessas e desafios, sentidos como ameaças por alguns.

frei Cesar

Fui tendo um contato com o Bom Jesus também, e a acolhida deles foi muito grande - você participou daqueles momentos - com muitas promessas de fazer um trabalho integrado, em conjunto (id.:170).

Patrícia

Chegaram trazendo as "mudanças" que tanto queríamos. Projetos e idéias novas, materiais diversificados, cursos de aprimoramento, uma nova proposta. E não ficou só na parte pedagógica: propuseram plano de cargos e salários, pós-graduação gratuita, aumento de salário, dentre outras coisas. Ficamos maravilhados, era de encher os olhos. Seríamos o melhor colégio do Estado do Rio de Janeiro, era o que falavam (id.:221).

Margarite

O colégio tinha uma proposta que eles queriam professores exclusivos e que eles iriam investir no profissional e que seria uma mudança muito grande, os professores iam ganhar muito com isso e tal (id.:62).

Odete

Vamos melhorar laboratório, vamos melhorar salas de aula, fazer melhores projetos, melhorar salário de professor... [...] Eles só vinham acrescentar, ajudar. O que estava aqui estava muito bom e que eles só vinham dar mais apoio a isso, melhorar mais ainda. **E não foi isso que a gente viu acontecendo. Foram imposições muito fortes (id.:91).**

Henrique

Está certo que esse pessoal de Curitiba veio com outros perfumes, aí os perfumes daqui não combinavam com os de lá (id.:140).

Paulo

Será que o nosso tão amado, afamado, respeitoso, o antro de boas recordações de nossa vida, ele, o “The Best Colégio São José” [também] será vendido (ou então adquirido, termo melhor) para (pela) a Congregação Franciscana Bom Jesus ou, então, o chamado Grupo Educacional Bom Jesus (id.:219)?

Silvia

As promessas foram cumpridas/frustadas em parte, à medida que, para que fossem cumpridas, era preciso abrir mão dos anseios anteriores. Formas de trabalho que eram vivenciadas no cotidiano do Colégio dos Canarinhos foram negligenciadas pelos pacotes do CEP, que não levaram em conta a experiência daqueles que ali estavam.

Agiram sempre como se fossem os únicos responsáveis por esta instituição. Não só deixaram de considerar a nossa presença aqui como, também, nas reuniões com os demais profissionais trazem tudo pronto.

Documento “Pontos a serem conversados com o Visitador Provincial sobre o Colégio Bom Jesus Canarinhos”, redigido pelos freis em reunião realizada no dia 5 de outubro de 2000 (id.297).

Henrique

Cortar como foi feito, foi muito agressivo, agrediu muito as pessoas. Você foi agredida, Marisa foi agredida. Como se todo mundo valesse nada (id.:144).

Silvia

Algumas/alguns professoras/professores rejeitaram as novas propostas logo no início e, por esta escolha, foram degolados (eixo 2:166 e 178). Contudo, minha crença nas novas/outras promessas do Bom Jesus não se dava por medo, mas sim por empolgação frente às soluções que se vislumbravam para as nossas dificuldades do dia-a-dia. Acreditei nos *pacotes Bom Jesus*.

Ouvia propostas de redução de custos, otimização de recursos, planificação do currículo baseada nos parâmetros curriculares, avaliação de resultados... Toda essa nova/outra linguagem me encantou. Era a profissionalização chegando à *família Canarinhos*!

Alex

Talvez, o Bom Jesus tenha mais aprovação no vestibular, talvez tenha uma saúde financeira melhor do que tinha antes, talvez o Bom Jesus tenha mais eficiência administrativa e financeira do que tinha antes... Talvez o Bom Jesus tenha uma série de características que o Colégio dos Canarinhos não tinha. Mas tinha, e aí é a minha crítica muito profunda em cima do César, um espírito mais franciscano. Era um colégio mais solidário, de pessoas amigas. Tinha suas intrigas como qualquer outro local de trabalho, mas era mais amigo, os alunos tinham uma relação afetiva com o corpo docente muito grande, onde você trabalhava com alegria, onde... criou-se um espírito de fraternidade que foi destruído em um curto

espaço de tempo em nome da eficiência (eixo 3:127).

Letícia

Quando a coordenação saiu dali para passar para o Bom Jesus, o negócio complicou. Porque aí veio uma filosofia totalmente diferente da nossa. Eu acho que aquela humanidade, aquela união que tinha entre as pessoas... O negócio começou a ficar esquisito. Acho que o colégio cristão foi até o Canarinhos. Acabou essa coisa de cristão, uns olharem pelos outros, porque o Bom Jesus, eles pensam mais em dinheiro do que, propriamente, no desenvolvimento do ser humano como um cidadão consciente e religiosamente correto. Não Católico, mas ético. Eu acho que isso não tem muito mais. Eu fui sentindo isso aos poucos, sabia (id.:83).

Silvia

Eu passei para o lado deles. Teve um momento em que eu acreditei na proposta sim. Eles chegaram com muitos perfumes, como você disse. E a gente estava muito sozinho lá. A gente já não contava com frei José Luiz e frei César lá dentro, eles já não estavam tão lá dentro. Frei José Luiz se afastou muito e a gente recebia uma série de orientações, de cursos. O nosso estudo era muito intenso. Então, aquilo me empolgou muito no início. Eu lembro que passava pelo Henrique e ele sempre incomodado com o Bom Jesus:

- Por que você se incomoda tanto? Deixa o Bom Jesus em paz. Você não está mais lá! - eu me perguntava (id.:142).

Henrique

Quando eu falava com a Silvinha, expressava essa minha revolta contra tudo que tinha acontecido, e você está dizendo agora que você não entendia. Que eu deixasse de lado o Bom Jesus, que o Bom Jesus ia mostrar de novo uma cara bonita que o colégio dos Canarinhos já tinha tido com os padres. Quando eu mostrava essa revolta, é porque eu não acreditava. Eu não vejo possibilidade. Não tem como. Não existe possibilidade. Essas pessoas que vêm com esses corações atrás do lucro... Não tem como misturar óleo com água. A prova está aí. Quantos anos, já (id.:143)?

Marisa

Na verdade, você acreditava, não é, Silvia (id.:142)?

Silvia

Meu primeiro movimento de rejeição ao Bom Jesus foi somente depois que fui demitida. Será? Não posso dizer com certeza. Parece-me que fui desacreditando aos poucos.

Denise

Foi 2001? Ou 2002? Não, foi meio de 2001. Você mudou. Você ficou diferente com a gente. A impressão que eu tinha... não sei se era uma insatisfação... você falava com a gente o necessário e sempre seca. E eu pensei que era alguma coisa comigo. E eu ficava esperando você vir conversar comigo.

- O que eu estou fazendo de errado?

Mas eu sempre fui muito tímida e não tinha coragem de perguntar. Mas ficou diferente. Talvez, muito trabalho. Muita coisa para dar conta. Eu lembro que uma coisa que ficou muito forte. Olha! Naquela salinha, naquele corredor, onde era a sua sala, logo no início, a gente ia lá perguntar alguma coisa, você estava no computador, mas dava uma atenção. No final, nessa época, você não olhava para a gente. Você respondia, mas não olhava. A impressão que dava era a de uma insatisfação, não sei por que, mas ficou diferente.

A última impressão que eu tenho de trabalhar com você é essa. A gente fazia as coisas, a gente dava conta, mas você estava diferente. Quantas

vezes a gente ia lá, sempre correndo, mas você falava, tudo bem. Depois, parou de olhar nos olhos (id.:204).

Silvia

que não vêem (1996:60).

Silvia

Percorri muitas trilhas para perceber que os processos reprodutores da educação tradicional do Canarinhos se perpetuaram com outras roupagens no Bom Jesus Canarinhos. Há muito menos antagonismo do que eu podia supor ou perceber.

Na dissertação, quis destacar o sofrimento advindo das rupturas entre as histórias de algumas professoras, alguns professores e minha história com a história do Colégio Bom Jesus Canarinhos.

Minha pretensão com este trabalho não foi de esgotar as interrogações que se interpu-
nham na escritura da história, mas sim, instigá-las. Procurei mudar as lentes com que olhava para as
acontecências, exercitei ouvir outras vozes, e escrevi, procurando, na escritura, superar a inconsistência
entre o que eu sabia e o que não sei mais.

O QUE EU QUIS VER

MUDANÇA DE HÁBITO

http://www.mafaldacrescida.com.br/sobre_o_blog/

Mudar lentes, mudar modos de compreender – *habitus* - para compreender melhor as mudanças: de hábito, de hábitos. São três os significados estreitamente ligados a esta pesquisa que o termo pode ter. O primeiro a que me refiro diz respeito à indumentária de frade ou freira, no caso em estudo, frade. Logo a seguir, vêm-me à idéia aqueles atos, usos ou costumes que se repetem frequentemente no cotidiano, os hábitos, a rotina .

Machado Pais

O que se passa no quotidiano é “rotina”, costuma dizer-se. A idéia de rotina é próxima de quotidianidade e expressa o hábito de fazer as coisas sempre da mesma maneira, por recurso a práticas constantemente adversas à inovação. É certo que, considerado do ponto de vista da sua regularidade, normatividade e repetitividade, o quotidiano manifesta-se como um campo de ritualidades (2003:28).

Inês Oliveira

Mas, por que definir conceitualmente um termo tão utilizado e de significado tão evidente para a maior parte das pessoas? O que pode ser o cotidiano a mais do que a rotina do dia-a-dia de todos nós (2003: 48)?

Machado Pais

As raízes etimológicas de rotina apontam para outro campo semântico, associado à idéia de rota (caminho), do latim *via*, *rupta*, donde derivam as expressões “rotura” ou “ruptura”: acto ou efeito de romper ou interromper; corte, rompimento, fractura.

Ora, é nestas rotas - caminhos de encruzilhada entre a rotina e a ruptura - que passeia a sociologia do quotidiano, passando a paisagem social a pente fino, procurando os significantes mais do que os

TODO DIA ELA FAZ TUDO SEMPRE IGUAL...

significados, juntando-os como quem junta pequenas peças de sentido num sentido mais amplo: como se fosse uma sociologia passeante, que se vagueia descomprometidamente pelos aspectos anódinos da vida social, percorrendo-os sem contudo neles se esgotar, aberta ao que se passa, mesmo ao que se passa

econômico... Reconhecendo que a "minha" história se insere no contexto desta conjuntura político-econômica, pretendi, no entanto, conversar sobre como este momento histórico se configurou na especificidade da vida cotidiana do Colégio dos Canarinhos. As questões sobre o como entender, explicar e trabalhar com o cotidiano percorreram o meu tempo de mestrado e foram respondidas em parte.

Machado Pais

A vida cotidiana é um tecido de maneiras de ser e estar, em vez de um conjunto de meros efeitos secundários de "causas estruturais". [...] A sociologia do cotidiano corresponde mais a uma perspectiva metodológica do que a um esforço de teorização, a menos que se ressuscite a acepção antiga (de tradição grega) do termo "teoria", que significa "panorama", "descrição ordenada e compreensiva" - à margem das normas, leis, preceitos e regras que dominam os grandes quadros teóricos, de natureza mais explicativa (2003:30).

Silvia

Nesta compreensão do cotidiano como um espaçotempo em que tecemos nossas maneiras de ser e de estar, tanto os processos históricos mais amplos quanto as circunstâncias das situações que vivenciamos são elementos constitutivos de nossa rede de subjetividades.

Inês Oliveira

Se a rede de subjetividades que constitui cada um de nós se tece nos diversos espaços estruturais nos quais estamos inseridos, isto se dá porque eles estão permanentemente articulados e sempre presentes na nossa vida cotidiana, da qual são elementos constitutivos (2003: 55).

Silvia

Neste rumo, cabe trazer o terceiro significado de hábito que essa conversa me sugere: a noção de *habitus*. *Habitus e campo* estão inter-relacionadas, e acredito que posso fazer uma ponte entre as noções de espaços estruturais e campo, que pode interessar nesta conversa em que tento relacionar ações e situações, "maneiras de ser e estar" no mundo.

Pierre Bourdieu

A maior parte das ações é objetivamente econômica sem ser econômica subjetivamente, sem ser produto de um cálculo econômico racional. Elas são produto do encontro entre um *habitus* e um campo, ou seja, entre duas histórias mais ou menos ajustadas integralmente. [...] Assim, enquanto o *habitus* e o campo estiverem afinados, o *habitus* "cai bem" e, à margem de qualquer cálculo, suas antecipações precedem a lógica do mundo objetivo (1990:130).

Silvia

A noção de campo pode ser entendida como um espaço estruturado de significações, saberes e informações?

Pierre Bourdieu

O campo e aquilo que está em jogo nele (eles próprios produzidos enquanto tal pelas relações de força e de luta para transformar as relações de força constitutivas do campo) produzem investimentos de tempo, de dinheiro, de trabalho, etc. (diga-se de passagem que há tantas formas de trabalho quantos campos, é preciso saber considerar as atividades mundanas do aristocrata ou as atividades religiosas do rabino como formas específicas de trabalho orientadas para a conservação ou para o aumento de formas específicas de capital).

Em outros termos, o interesse é simultaneamente condição de funcionamento de um campo (campo científico, campo da alta-costura, etc.), na medida em que isso é o que estimula as

peças, o que as faz concorrer, rivalizar, lutar, e produto do funcionamento do campo (id.:127).

Silvia

Para Boaventura Santos (2000), nas sociedades capitalistas existem seis espaços estruturais de produção do poder que se articulam, embora sejam estruturalmente autônomos. São eles: o espaço doméstico, o espaço da produção, o espaço do mercado, o espaço da comunidade, o espaço da cidadania e o espaço mundial. Parece-me que se eu aprofundasse essas noções, eu poderia fazer aproximações bem interessantes.

Contudo, essa conversa caminhou neste sentido, pois estava a falar de *habitus*.

Pierre Bourdieu

É aqui que precisa ser colocada a questão do sujeito do cálculo. O *habitus*, que é o princípio gerador de respostas mais ou menos adaptadas às exigências de um campo, é produto de toda a história individual, bem como, através das experiências formadoras da primeira infância, de toda história coletiva da família e da classe. [...] Os *habitus* individuais são produto da interseção de séries causais parcialmente independentes (1990:130-1).

Silvia

Poderia entender o *habitus* como, metaforicamente, uma cartilha que me orienta a ler cada situação, guiando minhas ações. Esta cartilha é muito individual, mas acredito que algumas lições devem ser semelhantes entre pessoas que transitam pelos mesmos campos.

Henrique

Havia uma coincidência de verdades entre nós todos (eixo 3:137)...

Nishiura

Pessoalmente, sinto-me abençoado pelo fato de ter vivido no “Canarinhos” um “tempo tão especial”, Pode parecer, para alguns, ingenuidade. Para os que viveram aquele tempo isso soa como uma força divina que, efetivamente, movimentava toda aquela máquina (id.:210).

Silvia

A noção de *habitus* - pela cabível pertinência com o estudo - poderia ser aprofundada em uma boa conversa e esta sua fala me remete àquele sentimento que perpassava o grupo e que Henrique chama de *coincidência de verdades*, que você chama de *força divina* e que infundia no grupo o sentimento de pertencimento a uma mesma *família*.

Nishiura

Logicamente, numa conversa surgiram muitos pontos interessantes, de modo especial, a maneira jovial com que era temperada aquele estilo de vida, tão estranho para tantos, mas tão significativo para nós (ib.).

Silvia

Deixo, contudo, mais essa trilha assinalada nesta pesquisa, como caminho possível pelo qual não aprofundei minha caminhada, ainda que, nas próprias conversas tenham ficado muitas histórias que poderiam traçar as passadas que dão sentido a *habitus* neste estudo.

Machado Pais

Os conceitos e as teorias devem entender-se como instrumentos metodológicos de investigação ao serviço da capacidade criadora de quem pesquisa (2003:31).

Silvia

Adotando este pensamento, procurei, apenas, articular múltiplas compreensões que os teóricos

e suas teorias, os entrevistados e o romance me possibilitavam, enredando esse trabalho em conversas nas quais não precisei apresentar respostas, mas diferentes pontos de vista, opiniões convergentes e divergentes e interrogações comuns ou díspares. E, em um determinado momento, falar de *habitus* ganhou espaço na conversa.

Machado Pais

Os processos de pesquisa são como vastas explorações mineiras, com vários poços, muitos dos quais fechados de há muito. Os pesquisadores trabalham muitas vezes no escuro, guiados apenas por túneis ou poços anteriormente explorados, seguindo o filão e esperando descobrir novos veios ricos em minério.[...] talvez possamos confiar em que os ganhos superem as perdas ao seguirmos caminhos incertos, num trotar vagabundo, errante, vacilante, e até mesmo indisciplinado. Porque para que nos possamos “encontrar” é necessário ter vivido algum tipo de desnorte (2003:54).

Silvia

Vagueando pela idéia de conversar sobre *mudança de hábito* na história Canarinhos-Bom Jesus, quero ainda provocar uma reflexão em cima da palavra mudança, que me parece carregar um sentido bastante *habitual*/de que toda mudança “é para o bem”, idéia calcada na crença da evolução e do progresso como possibilidade de se levar a humanidade a um “paraíso terrestre”.

Machado Pais

Tendemos então a ser vulneráveis às vigências colectivas das crenças que nos regem – porque estas, na verdade, nos dominam, nos con... vencem. Vencidos e convencidos, ficamos cativos, prisioneiros, possessos de convencimentos, professantes incontidos de inquestionáveis teorias – termo que no seu sentido etimológico original, arrasta a presença de deus (do grego *théos*) no prefixo *teo* (2003:40).

Silvia

Conversar sobre a desmistificação dessa forma de pensar em uma perspectiva binária foi tarefa anterior em que procurei mostrar uma perspectiva relacional como escolha para tecer minhas compreensões. Percebi, no entanto, que esse “papo” foi ficando muito retórico, pois “falei, falei, falei”, mas de que mudanças eu vinha “falando”?

Diante disto e não querendo adentrar, outrossim, por uma forma linear de interpretação, interessa-me apenas puxar essa conversa para a “contação” das situações vividas a partir da chegada do Bom Jesus que me remetem a usar o termo mudança. Não irei conversar sobre porque aconteceu isso ou aquilo e o que aconteceu a partir disso ou daquilo.

Inês Oliveira

A hierarquia e as explicações causais tão a gosto do pensamento moderno dão lugar à complexidade do real e à importância da compreensão do viver cotidiano, das práticas culturais reais das populações como elementos explicativos dos processos sociais (2003:76).

Silvia

Continuando a busca de superar tanto a causalidade linear quanto a dicotomização, continuo essa conversa. Ao “rastrear” as entrevistas, o romance, os documentos e outras informações, encontrei algumas atividades e mudanças que gostaria de rememorar.

As Olimpíadas, por exemplo. Não só no Colégio dos Canarinhos, mas em toda Petrópolis, olimpíadas entre os alunos aconteciam anualmente nos colégios. Era uma semana de jogos esportivos internos, sem aula. A abertura destes jogos era um evento que mobilizava alunos, professores e famílias. Os capitães das bandeiras, alunos, organizavam tudo. Os professores não podiam interferir. Alunos de todas as

NEM TODA MUDANÇA É BOA

CULTURA DO HÁBITO OU HÁBITO DA CULTURA?

séries se misturavam pelas cores de sua bandeira e ensaios, danças, preparativos movimentavam o colégio por mais de um mês de preparação em horários antes e depois do escolar.

O Padrão Bom Jesus não autorizou esse "disparate" no calendário escolar. Retirou essa atividade e instituiu os Jogos Internos, que se passavam aos sábados.

Henrique

Nas olimpíadas, eu era o locutor. Não tinha jeito de escapar. Gostava demais. Você sabe que essa coisa das olimpíadas era uma coisa que eu achava tão rica, porque as crianças tinham, aí sim, uma pluralidade de ações, de efeitos pedagógicos, de recursos pedagógicos para quem quisesse se aproveitar e ajudar. Que eles crescessem entre si, como grupo humano. Eu me lembro que eu ficava impressionado de ver o quanto a proposta de uma olimpíada naquele tempo, e ainda hoje... arranjar patrocinador... Olha que coisa riquíssima! Os alunos do ensino médio, capitães das equipes, precisavam procurar patrocinador, aprender a lidar com lojistas, empresários, lidar com cartazes, com pincel, tinta (eixo 3:149-50).

Silvia

Hoje, julho de 2006, as *Olimpíadas* voltaram a fazer parte das atividades no Bom Jesus-Canarinhos. Esta "volta" pode estar, apenas, me ajudando a cogitar ainda mais sobre esta história do Bom Jesus no Canarinhos, que não elimina Canarinhos e instaura Bom Jesus. Bom Jesus-Canarinhos é um novo colégio, mas é também um outro, nem Bom Jesus, nem Canarinhos, Bom Jesus e Canarinhos.

Carlo Ginzburg

Na Inquisição católica, na evangelização protestante, está presente o intuito de eliminar o Outro (lembramos que em português esse é um dos termos para designar... o diabo), para isso sendo necessário devassar os seus caminhos (1987:208).

Silvia

Contudo, o "outro" resiste e não é eliminado. Menocchio - moleiro herege do século XVI estudado por você (Ginzburg, 1987) - sofreu nas malhas da Inquisição mas não eliminaram suas idéias por completo.

Carlo Ginzburg

A experiência é dura; os anos de cadeia o alquebram; ainda assim, solto, não consegue manter a promessa de calar suas indagações (1987:210).

Nishiura

O que se pretende não é a volta a um esquema didático-catequético que já demonstrou, historicamente, sua vocação para o desastre. [...] A questão é complexa e não se esgota numa simples tentativa de reflexão. Daí a necessidade urgente de se re-pensar esse momento histórico, e para tal, um bom começo será recolher os cacos daquilo que, ingênua e açodadamente, foi quebrado, destruído, deixado de lado, jogado fora (eixo 3:213-4).

Silvia

Muitos dos cacos da história do Canarinhos se misturaram, outros se dispersaram. Recolhi e reconstituí alguns fragmentoscacos em um mosaico que conta minha maneira - transitória e efêmera - de compreender a história. Vou denominar de cacos alguns pedaços que encontrei pelo caminho, a partir dos quais estive investigando sentidos e desenvolvendo um processo de bricolagem em que diversas idéias, informações, teorias, documentos foram colocados lado a lado.

A recuperação de atividades "despedaçadas", não só no Canarinhos, mas em outras escolas que receberam o sistema Bom Jesus, vem sendo uma das etapas de (re)criação da história.

Para todos os que tiveram o prazer de estudar no Lourdão, NSL ou Cajuru (como queiram). Agora tudo mudou lá! [...]

aqueles que ainda conseguiram sentir o cheiro do salão nobre nas Semanas da Cultura (id.: 235).

Lucas

[No Lourdes] a Semana Cultural era um evento que durava uma semana (claro). Os professores ministravam oficinas como teatro, pipa, fotografia, charge... e todos os alunos participavam, com alunos da quinta série e da oitava na mesma oficina. Isso era muito legal. No sábado, as oficinas apresentavam seus trabalhos em exposições ou apresentações (id.:234).

Teris

Outra coisa que mudou bastante foi o modo como os eventos ocorriam. Eventos como as festas juninas do Lourdão eram também datas em que podíamos encontrar velhos amigos, ex-alunos e membros da comunidade (moradores do Cristo Rei e bairros próximos) inclusive pais e familiares, sempre de modo saudável. Às vezes, rolavam shows, também, da mesma forma, as pessoas de fora podiam participar. Quando aconteceu a festa junina do Bom Jesus foi proibida a participação de qualquer pessoa de fora do colégio, até mesmo os pais (id.: 232)!!!

Lucas

No ano passado, estive na festa junina do BJ Lourdes. Nossa, o choque foi maior. Não havia mais professores e funcionários nas barracas de brincadeiras e comidas. Era tudo feito por empresas terceirizadas, uma para o cachorro quente, outra para o crepe, outra para o milho. A festa perdeu aquele caráter de família-colégio (id.:234).

Silvia

A festa junina, em Petrópolis, passou pelo mesmo processo de *mudança*, deixando de ser uma festa aberta à comunidade petropolitana, por imposição do CEP, que enviou proposta de como organizar a festa - era como um PA (plano de atividades), com as orientações.

Assim como a festa junina foi ajustada ao "modelo Bom Jesus", todas as atividades e eventos dos colégios que não estavam no calendário geral foram extirpadas. Assim o foi com a *Semana da Cultura* no Lourdão e com a *Tarde dos Talentos* e a *Feira do Conhecimento* no Canarinhos.

A *Tarde dos Talentos* não era um evento que eu, pessoalmente, gostasse. Reunia alunos que apresentavam alguma habilidade especial como canto, apresentação de instrumento musical, declamação de poesia, dança e até mesmo artesanato, desenho... Era feita uma seleção dos melhores trabalhos - era essa a parte que me incomodava - e marcada uma tarde de apresentação. A *Feira de Conhecimentos* era uma atividade que ampliava a *Feira de Ciências* - atividade desenvolvida há muitos anos no colégio - em que os alunos apresentavam trabalhos a partir de projetos estudados com os professores, organizados em uma exposição que ocupava todo o colégio e envolvia todas as áreas do conhecimento.

Do azul ao verde, muita coisa foi mudando devagar. O verde anunciou que, como colégio do Santo Ofício, deveríamos abandonar certas práticas [...] Entre as atividades que desenvolvíamos, uma das mais emocionantes era a formatura das classes de alfabetização, em que cada detalhe era cuidadosamente planejado em azul. As becas eram azuis e seus cordões eram "ouro", garantindo uma certa pompa ao evento. As becas, no primeiro ano, deixaram de ser azuis e cada detalhe passou a ser cuidadosamente planejado em verde. No ano seguinte eliminaram a Formatura (eixo 1:26).

O OUTRO PODE SER AQUILO QUE NÃO CABE NO PADRÃO, NO MODELO?

Do azul ao verde, muita coisa foi mudando devagar. (eixo 1:26).

Silvia

E as mudanças não pararam por aí.

Marisa

Os pais não podiam mais subir na escola. Tinham que deixar os filhos na porta de entrada (id.:56).

Silvia

Antes, eu recebia os pais na entrada... Não deixaram mais. Eram as estagiárias (id.:56)...

Marisa

Essa foi uma coisa que mudou, a relação com as famílias. Os pais, para falar, tinham que agendar e esperar lá embaixo. Nem subir! Não tinha mais aquela coisa dos pais irem buscar os filhos, ficarem no pátio... Aquele entrosamento gostoso (id.:146).

Simone

Eu saí do colégio exatamente durante a transição de Canarinhos para Bom Jesus (1999) em que era ainda permitido usar o antigo uniforme (azul-marinho e amarelo) e já metade dos alunos iam aderindo ao novo uniforme verde, o qual eu nunca utilizei, ainda bem, pois me mudei antes de ser obrigatório (id.:226).

Juliana

Meu último ano também foi 99, quando me formei e não fui obrigada a usar o ridículo uniforme verde (id.:227).

Kilya

Como Bom Jesus Canarinhos só se viu um monte de crianças vestidas de periquito (id.:229).

Veio o terceiro mentor, um senhor corpulento, de rosto vermelho e sorridente. Aparentando ser uma pessoa boa e simples, trajava o terno do uniforme de mentor que, no entanto, não lhe caía bem. Chegou mansinho, querendo conhecer o colégio, suas rotinas, os professores e os alunos. Começava 2000.

Sua chegada trouxe para o colégio o novo uniforme verde dos alunos, dos professores, dos funcionários – diferenciados para recepção, inspetoria e serviços gerais. A assessoria recebeu um traje clássico verde oliva, enquanto os professores receberam um uniforme esporte verde bandeira, marcando uma diferença hierárquica que era evidenciada na uniformização de todos. Para aqueles professores que não eram exclusivos no colégio, havia a possibilidade do uso de um colete, apenas.

A pintura do colégio foi outro acontecimento nessa gestão, que cuidadosamente trouxe os padrões da Associação do Santo Ofício. O colégio recebeu a cor verde nos uniformes, no mobiliário, nas paredes, nas lixeiras e até mesmo no piso. Tudo esverdeou (eixo 1:25).

Lucas

[No Lourdes] quando a aula recomeçou, houve uma verdadeira campanha sobre a marca Bom Jesus, tanto no nome quanto na logo. Todas as salas ganharam placas com a arvorezinha [onde aparece o pássaro]

e todos os informes vinham em papéis timbrados. Todos os professores ganharam guarda-pó com a marca, camisetas, camisas, etc. Os demais funcionários foram uniformizados. Nós, alunos, ganhamos uma camiseta especial, comemorativa ao Bom Jesus Nossa Senhora de Lourdes. Nós, do terceiro ano, ganhamos a camiseta “do Fera”, pois a que havíamos desenhado para marcar nosso último ano não foi aceita pela direção (eixo 3:234).

Lara

Pra minha turma foi pior porque fomos a primeira turma a usar o método Bom Jesus de ensino. A gente

brincava que era cabaia, foi um baque ter que se acostumar aquele sistema novo, ser obrigada a usar o uniforme verde, ver os professores também serem obrigados a usar jalecos e uniformes, mudaram também os professores tradicionais trocando-os por novos de Curitiba. (id.:227).

Killian

[No São José, em Rio Negro], os professores nos tratam de uma forma diferente, de uma forma mais madura. Agora qualquer ocorrência, como machucados e tal, tem que ser registrada na agenda, e também tem uma enfermeira no colégio, que antes não tinha. O lanche antes era feito no colégio, agora está terceirizado, uma panificadora daqui faz. Alguns professores foram mandados embora, outros não [...] O uniforme também é diferente, bem melhor que o outro. O horário mudou bastante (id.: 230).

Teris

[No Lourdes] senti muita diferença no tratamento, onde antes tínhamos uma relação de afeto com todos os professores, passamos a ser atendidos como números, praticamente, e sentia frieza na relação aluno-professor [...] Antes, as pessoas de cargo mais elevado também nos tratavam com cordialidade (id.:232).

Lucas

[No Lourdes], vieram professores muito bons, mas não tão humanos no tratamento quanto aqueles que se foram (id.:234).

Com tudo isso, estamos assistindo a uma crescente perda do espírito franciscano.

Documento "Pontos a serem conversados com o Visitador Provincial sobre o Colégio Bom Jesus Canarinhos", redigido pelos freis em reunião realizada no dia 5 de outubro de 2000 (id.297).

Isabella

Estudava desde pequenininha no Canarinhos e não senti tanta diferença assim que o Bom Jesus entrou, mas deu para perceber que a identidade Canarinhos tinha ido (id.:231).

Lara

Hoje em dia, acho que o colégio vem crescendo e o método de ensino é realmente bom. A primeira turma totalmente Bom Jesus que veio após a minha se adaptou bem e teve melhores resultados no vestibular (id.:227).

Teris

[No Lourdes], para muitos foi difícil a adaptação ao novo método de ensino, tanto que vários alunos (inclusive eu) abandonaram o colégio no meio do ano letivo (id.:232).

Isabella

O Bom Jesus é estudo e resultado, a formação humana fica por conta dos valores que a instituição propõe, mas que não vão para dentro da sala. Mas, afinal de contas, o que conta hoje é isso, resultado (id.:231).

Lucas

[No Lourdes], por outro lado, a qualidade de ensino melhorou bastante. Os professores que vieram eram melhores e tinham bom domínio de conteúdo. Nós recebemos muito material (gratuitamente) que era disponibilizado para os alunos das demais unidades do Bom Jesus. Os eventos promovidos pelo Bom Jesus (teatro, debates, palestras) eram disponibilizados para nós sem custo nenhum (id.:234).

Teris

[No Lourdes], as melhorias ocorreram em relação à infra-estrutura [...] Posso notar as mudanças positivas em relação a estrutura (id.:232).

Silvia

Não quero entrar pela discussão sobre *o que deva* ou *o que não deva* ser a educação. Não é essa a conversa do momento. Mas me parece interessante apontar o quanto as mudanças são sentidas de formas tão diferentes por uns e outros. Outrossim, gostaria de chamar a atenção para as recorrências dessas mudanças nas outras unidades Bom Jesus. Ou seria melhor chamar de matriz para as mudanças? Ou ainda molde?

Para atender aos moldes do Bom Jesus, o Canarinhos precisou fazer uma mudança enorme na distribuição dos alunos da educação infantil, reagrupando-os por um novo critério de faixa etária (ver eixo 3:109).

Pedro Jorge resolveu empenhar-se pessoalmente em acompanhar o processo que ele próprio propôs de reorganizar as turmas de educação infantil aos moldes de Patronal, atendendo a critérios diferentes de distribuição por faixa de idade. Isso não seria um problema se essa decisão não tivesse sido tomada em março, com as aulas já encaminhadas (eixo 1:24).

Renata

Eu lembro que, assim, eu recebi uma turma, material, as crianças... aí, de repente, teve a mudança que pegou todo mundo de surpresa. Então, pegaram as crianças das três turmas de CA e os mais velhos e colocaram numa turma que ia ser uma turma especial (eixo 3:112).

Denise

Nossa! Lembro, lembro. Mas isso foi na época do Bom Jesus. Foi logo na chegada. Isso foi complicado. A gente teve até problema com alguns pais. Alguns pais acreditavam. Mas, acho que, no final, a gente ainda conseguiu levar numa boa (id.:202).

Silvia

As mudanças nas atividades e eventos iam ajudando a pintar ainda mais o colégio... de verde. Da festa das mães ao encerramento do ano letivo, todas as comemorações passaram a mega-eventos. Nosso habitual churrasco de final de ano foi substituído por um jantar à luz de velas. Junto às promessas de chegar a melhor colégio da região, tudo passou a ser feito para impressionar.

Denise

*Ah, uma coisa que marcou:
- Bom Jesus tem que ser o melhor colégio, o melhor de Petrópolis (id.:201).*

Silvia

Em um dia dos professores, talvez o de 1999, fomos todos para Curitiba, em um ônibus chiquérrimo de dois andares, luxuoso, para um jantar no Madalosso¹. Além de espetáculos de dança, vídeo parabenizando os melhores professores de cada unidade, orquestra e um maravilhoso jantar, com camisas e lembranças distribuídas a todos, foi realizada uma queima de fogos em cascata pelas janelas do restaurante à meia-noite. Um show!

Marisa

A turma que se formou em 99 me chamou para participar do passeio de formatura, justamente na semana do dia do professor. Eu me lembro que, quando o Ivan soube – era o Ivan que estava aqui, não era o Milton – quando o Ivan soube que eu não ia, ele ficou muito danado:

– Mas, por que você não vai? Mas, por quê?

Eu falei:

– Eu não posso. Eu já me comprometi com meus alunos.

Aí, ele me falou que eu ia ser a professora homenageada, a professora homenageada do Bom Jesus Canarinhos seria eu. E, no ano seguinte, eu tomo um pontapé. Você sabe? Você está me entendendo? Uma coisa que não entra na cabeça da gente (id.:40).

Silvia

O que vale é a agenda. E a agenda de eventos era importantíssima pois havia toda uma estrutura de marketing para garantir que os eventos “apresentassem” o Bom Jesus.

Até mesmo, os cursos de atualização dos professores se transformaram em evento, também. A partir de 2000, os professores passaram a participar do *Encontro Educacional Nacional Bom Jesus*, em Curitiba. Em 2003, não presente, soube que o encontro se realizou em Blumenau. Em 2004, não foi feito o III Encontro - contenção de despesas!

O Bom Jesus promove a segunda edição do Encontro Nacional de Educadores, nos dias 22, 23 e 24 de julho, na cidade de Blumenau, Santa Catarina. O evento deverá reunir aproximadamente 1.500 participantes em conferências, mesas de debates, comunicações orais, minicursos e atividades culturais, trazendo novidades por meio de uma feira educacional.

Com o tema "As competências da sociedade do conhecimento", o evento tem como objetivo divulgar as vivências pedagógicas de educadores, disseminar e debater temas relativos à educação, em todas as áreas do conhecimento, incluindo gestão e marketing escolar, avaliação, teorias da aprendizagem, relacionamento humano, entre outros.

Fonte: <http://www.bomjesus.br/noticia.asp?lngIdNoticia=390> (pesquisa em 29/07/2006).

Marisa

E aí, no início, levavam o grupo de professores, hospedavam nos melhores hotéis, para conhecer o espaço lá, que é muito bonito. O prédio do Bom Jesus Centro é muito bonito. Bom Jesus da Aldeia... Então, o pessoal voltava:

- Que maravilha!, não percebendo o que havia por trás (eixo 3:145).

Silvia

Poderia puxar aqui outra conversa sobre os altos investimentos para uma instituição deficitária (ver eixo 3: 246, 247, 279), pois a questão econômica foi relevante na tessitura do mosaico Bom Jesus Canarinhos. Muita era a expectativa de melhoria salarial, por exemplo.

A melhoria de salário não aconteceu. *Não houve mudança* (pelo que me consta, até hoje estão aguardando... ou não aguardam mais, talvez).

Independentemente da (in)exatidão da questão, havia promessas. Algumas eram cumpridas como o plano de saúde e a pós-graduação gratuita. Outras não.

Animador dentro desse tema "salarial" foi "o 14º". Em outubro, um salário extra para todos. Foi uma felicidade só. Mas, só no primeiro ano. Foi explicado que "o 14º" seria uma participação nos lucros. Que as outras unidades recebem por merecer e que deveria haver empenho. Mas, o "empenho não foi suficiente" e, no ano seguinte, parece-me que o "plus" foi de 70% do salário. Todos ficaram felicíssimos. Mas, o empenho precisa aumentar! No ano seguinte, 50%. E o empenho? Nada de "plus" no ano seguinte.

Patrícia

Agora sim, as máscaras estavam caindo e, no lugar do orgulho que sentia em trabalhar no SBJC, comecei a sentir o gosto amargo da decepção e o ano que estava apenas começando prometia novas surpresas. [...] Cheguei a pensar que teríamos um final de ano tranquilo, mas estava enganada e, para a minha surpresa, a hora que mais temia havia chegado. Fui chamada à direção da escola. [...] A direção, como sempre, vestida numa capa de gelo, me disse, entre vários elogios, que não havia uma turma no ano seguinte para mim e, por isso, não precisavam mais dos meus serviços (id.:222).

Patrícia

Para quem ficou, o refrão: "Vocês são os melhores!". Será (id.:222)?

Silvia

Mais uma vez, a forma dual de compreensão mostra como *eramsão* os paradigmas que orientavam orientam muitas das compreensões sobre o que *estava está* acontecendo. Amalgamar a minha compreensão, no entanto, é algo que me assusta, pois o sentido que venho atribuindo à história Bom Jesus Canarinhos também é uma das mudanças que posso apontar nesta conversa.

Retomando *mudanças de hábito*, ainda como assessora pedagógica no colégio, lembro-me bem de ter lido as atribuições do diretor e do gestor e percebido que a elaboração de um novo regimento, que

vinha sendo elaborado por uma *equipe especializada* do Bom Jesus, estava definindo uma *mudança* a respeito de quem seguraria o cetro dentro do colégio.

O diretor assumiria um papel bastante representativo e todas as atribuições de decisão passavam para o gestor (ver eixo 3:301). Procurei "o" Diretor na época e percebi um certo desconforto com essa situação. Posteriormente, ele justificou porque fora aprovado o regimento daquela forma inicial, dizendo que os freis não teriam muito tempo nas escolas, exercendo um papel mais orientador na direção. As atribuições caberiam realmente ao gestor.

frei César

Eu me lembro dessa discussão, nós conversamos muito até, frei José Luiz e eu, e vimos com eles, porque achávamos que não poderia ser assim. Frei Guido e Paulo Cunha não abriram mão disso, dizendo que a sistemática do Bom Jesus era assim. A figura do diretor, pensando mais modernamente, era outra e o gestor era quem realmente cuidava de todas essas coisas de funcionamento, e o diretor seria uma pessoa que estaria mais ocupada com a filosofia de ensino, vendo as representações da escola, e a parte operacional das coisas corriqueiras do dia-a-dia, de tudo o que acontecia na mão do gestor. Mas até para essas coisas de filosofia de ensino não havia muito espaço para o diretor. Eu não concordava com aquilo e nem frei José Luiz, foi um ponto onde nós batemos bastante, mas era aquela situação: você trouxe o questionamento e eu não queria entrar numa situação contra. Eu brigava muito internamente, mas nunca para a comunidade (id.:185).

UM MODELO PRÉ-DESENHADO

Não tardou a se confirmarem as preocupações de Sabrina, pois, autorizado oficialmente, Otávio assumiu o colégio. Frei Augusto permaneceu ali, cumprindo o que o novo regimento determinava: figurava. Sabrina, inconformada, percebia frei Augusto cada vez mais sério e mais silencioso. Assustada, ela sentia seu coração pesado e não sabia bem como agir. Resolveu, então, renunciar ao colégio como um todo e resignou-se em ficar no lugar que lhe cabia, assessorando as professoras e empenhando-se, apenas, em cumprir o melhor possível a sua função, sem entrar em discussões que não eram de sua competência (eixo 1:26).

Simone

Com a entrada do Bom Jesus ninguém entendeu muito bem... Frei José Luiz se mudou, o colégio foi pintado de verde!!! Verde!!! Os professores foram despedidos... muitos dos inspetores também... logo foi gravado um CD de promoção do colégio pelo coral dos meninos e das meninas... Deu uma sensação de que nossa "casa" foi comprada, remodelada, que nossa "família" foi substituída e agora era uma indústria (eixo 3: 226)...

Juliana

Eu tive a mesma sensação que a Simone, me senti vendida [...] Mataram nossa escola, era isso que eu sentia (id.: 227).

Simone

Enfim, pode ser um exagero para quem ler e pra quem não viveu (id.: 226)...

FAMÍLIA: A METÁFORA DA MORTE AN UNCIADA

A MORTE E SEUS ENREDAMENTOS

Representações diversas da morte.

Patrick Polleley. FONTE: <http://www.geocities.com/ppolleleys/divers.htm#wolgemut>

Um fator característico na minha dissertação é a presença constante da morte. Morte de meu pai – Werner Tkotz, 90 anos –, em janeiro de 2005, mês que havia reservado para elaborar o projeto da dissertação, que veio a ser concluído um pouco mais tarde.

Morte de minha tia Rita, que estava morando comigo há pouco menos de um ano, pessoa muito querida e especial em minha vida. Morreu ainda ontem... 94 anos.

A morte, sempre presente, foi eleita como o marco inicial da história do colégio aionista, no romance.

No dia anterior, Denis havia morrido. Enforcou-se com uma gravata no chuveiro de casa ao chegar do colégio. Fora, também, demitido (eixo 1:2).

A morte do prof. Agostinho não anunciou o princípio e nem o fim de nenhuma história a não ser a dele mesmo: cometeu o suicídio após ser demitido do Bom Jesus (eixo 3:307). Morreu muito antes

dos 90. Era um jovem professor de educação física, nos seus 25 anos de vida.

Outrossim, a morte eleita para iniciar a história do colégio aionista, além de ser a morte de Agostinho Denis, é a morte como metáfora para o fim de um tempo, mortedemissão.

Após a morte – demissão anunciada – Sabrina passou a buscar uma forma de gerir a vida no rememorar, um jogo perigoso de reconstrução (ib.).

Perpassou muito da história a sombra da morte. E eu Sabrina fui em busca de recontar esta história.

Trata-se de histórias da dor e do medo. Histórias de pessoas emudecidas. Quais as formas utilizadas para silenciá-las? Penso que a produção do silêncio efetivava-se, simultaneamente, ao processo de exclusão e de mortedemissão dos colegas e das colegas de trabalho.

Condenados à morte os heréticos, caça às bruxas, banimento de vagabundos... procedimentos de exclusão comuns ao espaço europeu entre os séculos XIV e XVII se repetiram na história do “Canarinhos”, e a Igreja, mais uma vez, esteve presente nestas execuções.

frei José Luiz

O fato é que houve uma mudança radical no quadro do corpo docente e dos funcionários que havíamos selecionado durante anos a fio. Mudou a filosofia, mudou a cara do Colégio. Tudo aconteceu, porque era desejo da Província ter todos os seus colégios unidos sob uma única direção, para melhor eficiência administrativa e pedagógica e para maior garantia de sobrevivência num futuro incerto eixo 3.:217).

O espectro da demissão pairava sobre as almas. A chegada do Santo Ofício trouxe mudanças para o modo de vida de professores, professoras, alunos, alunas e toda a comunidade daquele colégio. Professores e professoras, no entanto, precisavam mostrar adaptação a essas mudanças e procuravam manter suas práticas de portas adentro, tentando se proteger. Quanto menos contato, melhor. Quanto mais contato, maior probabilidade de ser descoberta a não-conversão e a eliminação seria fatal.

A demissão passou a fazer parte de uma política de terror, onde o medo garantia o silenciamento e a não-resistência aparente às mudanças. A cada ano, professores e funcionários foram sendo substituídos em larga escala. O não-pertencimento, relações estremecidas entre as pessoas no colégio e sensações de estranhamento vieram dizimar a teia familiar ali existente (eixo 1:14).

frei César

Quando eles começaram a manter contato e a perceber que os funcionários daqui tinham uma qualidade, em muitas coisas até superior a eles, me pareceu que isso incomodou. Ai, começou sucessiva queima de pessoas, esse ou aquele tinha que ser eliminado, é resistente (eixo 3:172).

Márcio

Quando chegava no final do ano, era o terror para todo mundo, para ver quem que ia ser chamado para ser mandado embora (id.:27).

Renata

Com a chegada do Bom Jesus, sempre tinha isso no final do ano. [...] Algumas pessoas falavam que eles não queriam ninguém que fosse do Canarinhos. Eles queriam tirar todo mundo porque eram antigos (id.:114).

Com a chegada do Santo Ofício, essa teia familiar de relação patriarcal, característica marcante no colégio, foi sendo desfeita por uma proposta forçada de conversão ao profissionalismo. “Vestir a camisa” do colégio – novo, outro – fazia parte do discurso de convencimento à conversão e criou-se uma categoria de “engajados”, pessoas que, nem sempre, eram sinceras. Secretamente, praticavam a irmandade anterior, celebrando a beleza dos tempos passados. O Santo Ofício, consciente de que essa nostalgia seria uma razão para serem agressivos e incompreensivos quanto ao presente, decidiu eliminá-la (eixo 1:13).

frei César

Às vezes, professores que estavam em primeiro lugar em termos de qualidade de ensino na opinião dos alunos eram demitidos. Eles questionavam ou demonstravam um pouco o modo de ser errado, ou o modo de fazer as coisas do Bom Jesus...

Foi o que aconteceu com Norberto, professor de filosofia, completamente engajado na causa da educação para a cidadania. Os alunos do ensino médio adoravam suas aulas, que eram verdadeiros bate-papos sobre o que está acontecendo no mundo e em nós – neles, os alunos. Com essa proposta, Norberto não podia aceitar seguir um RA vindo do SIP e suas respectivas avaliações. Negou-se, ponto. Foi considerado sem o perfil de professor pelo Santo Ofício. Foi demitido (id.:29).

frei César

Era uma estrutura que não permitia a autocritica, nem critica de fora. Tinha que se aceitar tudo como era e tinha que ser ou Bom Jesus ou nada. Quem quisesse ser Canarinhos parece que estava já assinando a sua carta de demissão. Então, toda essa situação... eu fui percebendo que havia um terrorismo com os professores e com os funcionários (eixo 3:174).

Leandra apontava detalhes das avaliações que ninguém tinha observado e cobrava que Sabrina discutisse essas questões com o Santo Ofício. [...]
No entanto, as conversas constantes entre Sabrina e Leandra não passaram despercebidas e a insatisfação de Leandra foi detectada. Leandra foi demitida. (eixo 1:40).

Henrique

Quando chegou esse pessoal de Curitiba, começou gente a sair e tirar nossas raízes. Por isso que sempre chocava no final do ano. Quando Marisa foi embora... que coisa forte. Foi coisa muito forte. Não acredito que eles melhoraram a escola porque mandaram gente embora. Não consigo acreditar. Eles não melhoraram. Eles demitiram muitas pessoas que até, de fato, foi bom que tivessem sido demitidas, mas a maioria, a demissão dessa maioria não fez com que o colégio se tornasse assim um colégio expoente na cidade (eixo 3:139).

Alex

O colégio tinha que se transformar em uma máquina administrativo-financeira. E aí eu vi as pessoas sendo demitidas nos anos seguintes. Todo mundo! Todo mundo foi demitido ou quase todo mundo. De resto, todos os meus amigos foram mandados embora. Foi mandada embora Cjisele, da biblioteca, aquela secretária escolar... Orlene; Luzia; Sandra; a coordenadora de quinta a oitava, Ana Amélia; aí foi Sônia; foi você; Marisa; Odete; Carlos Eduardo; fui eu... Quem mais a gente tinha ali? A secretária do frei, Claudete; foi o Baixinho, da educação física; foi o Peixe... Cara, mandou todo mundo embora (id.:128).

Patrícia

As mudanças só estavam começando. Com elas, pessoas “ditas” não adaptadas foram dispensadas e, a cada ano que se passava, víamos o grupo que há tanto tempo trabalhava junto ser desmantelado, sempre com a mesma desculpa: não se adaptaram. Para os que ficavam, restava o vazio de ver os amigos partirem (id.:221).

Equipe de educadores: período matutino, 1998. Das 26 pessoas, apenas 4 permanecem no Canarinhos (fev/2006) (eixo 3:247).

Equipe de educadores: período vespertino, 1998. Das 28 pessoas, apenas 3 permanecem no Canarinhos (fev/2006) (eixo 3:247).

Dos 20 professores, 1999, apenas 5 permanecem no colégio (fev/2006) (eixo 3:279).

Marilda

Quando fui demitida, perdi o rumo da vida (id.:38).

Marisa

É... o Baixinho ficou muito magoado, nossa! Olha, conversei com a mulher dele depois... Ela não sabia mais o que fazer, porque ele não parava de chorar (id.:54).

Marilda

Rita, mãe da Aline e do Bruno, ficou muito magoada (id.:54).

Margarzê

Hoje, estou aqui sem nada, pois me descartaram como se fosse um objeto que não tem mais valor e nem utilidade (id.:60).

Alice

Se hoje estou aqui sem nada, é por causa deles. [...] Não me perguntaram nada, não me pediram nada, apenas me tiraram do jogo. Não viram o meu lado profissional, a minha responsabilidade e a minha dedicação (eixo 1:29).

Márcio

De certa forma, foi um peso que saiu das minhas costas (eixo 3:33).

Odete

Para mim, também, foi um alívio ter saído de lá, porque eu fui sofrendo com Ivan. Era crítica o tempo todo. Nada do que você fazia era o certo. Você era **uma pessoa errada, com um grupo errado de professores, tudo errado** (id.:95).

Marisa

E eu chorava mesmo. Não tinha vergonha não, minha filha:

- Mãe, você vai desidratar.

Chorei muito, muito, durante muito tempo (id.:54).

Silvia

Eu só fui chorar depois que eu comecei a escrever sobre essa história. Eu dizia pra mim que eu não ia pensar nessa história.

- Não vou olhar prá trás! Eu não saí do Colégio dos Canarinhos. Eu saí do Bom Jesus (id.:54).

prof. Waldemiro

Minha saída praticamente foi em decorrência do fato de que a administração que eu fazia antes seria toda concentrada lá em Curitiba. Inclusive folha de pagamento, eu não sei como está sendo feito hoje, mas, na época, fizeram tudo lá em Curitiba, [...] Então, concentraram toda parte administrativa em Curitiba. Aí, não tinha mais nada pra mim ali... ia ficar fazendo o que lá? Não sabia fazer faxina (fala rindo). Então, eles resolveram fazer esse acordo comigo (id.:13).

Marilda

Ana Amélia foi antes, foi em dezembro. Ana Amélia e Orlene. Sônia foi em fevereiro (id.:53).

Marisa

Ah, já sei! Eles mandaram a Ana Amélia embora para dar o lugar para a Cíntia, que é a esposa do Rui. Porque Rui vinha assumir e a mulher dele tinha que ter um emprego. Foi isso mesmo. Ana Amélia saiu para dar lugar para a Cíntia (id.:53).

Silvia

Cada demissão guarda uma história, uma dor. A sua demissão, Márcio, foi outra das que relatei.

Antônio fora estudante de teologia e desistira de ser frade, mas a vocação aionista transparecia em cada gesto, em cada aula, em cada atitude sua de irmão, fosse com os alunos, ou com os professores. Coordenava todo o trabalho de ensino religioso no colégio, comprometido com a causa da fraternidade e da solidariedade. Foi demitido (eixo 1:31).

Márcio

Na época em que eu fui demitido, era Rose, a gestora que entrou logo depois do professor Milton. Foi no final de 2003. Então, era final do ano, era formatura. E como todo final do ano, tinha aquele comentário:

– Quem é... qual é o grupo que vai ser mandado embora dessa vez?

Porque todo ano tem um monte de gente. – Então, será que esse ano, sou eu?

[...] Eu percebi, da parte da Rose, às vezes, quando a gente se encontrava, se via no corredor, que ela tinha um olhar diferente, como quem diz:

– Eu quero falar uma coisa para você.

Mas não tem coragem. Aí, um dia, a gente estava conversando sobre alguma coisa sobre a formatura, na sala dela, então ela aproveitou e falou comigo:

– Curitiba teve que fazer um remanejamento de uma série de coordenações, uma série de horários, e o cargo que você assume hoje, que era promover, organizar os eventos da escola, esse cargo não existe mais. Então... a gente não vai ter como ficar com você. Você já não está em sala de aula e em sala de aula já temos outros professores. Então, por causa disso...

Essa foi a justificativa de terem me mandado embora (eixo 3:27).

Marilda

Pra me mandar embora? Não. Foi o Rui mesmo. Me chamou e falou pra mim que ia rescindir nosso contrato... foi isso mesmo... porque eu já estava lá há muito tempo e já contava idade, porque eu já estava com cinquenta e tantos anos... já era velhinha, já tinha cinquenta e cinco anos... E eu ganhava muito bem para o que eu fazia. Então, ele ia dispensar o meu serviço. Porque, em Curitiba, qualquer pessoa que fizesse o meu trabalho, ganhava quatrocentos, quinhentos reais. Aí, me dispensaram (id.:49).

Patrícia

Fui chamada à direção da escola. Desci já sabendo do que se tratava e deixei atrás de mim várias companheiras chorando, porque elas também sabiam o que estava para acontecer. A direção, como sempre, vestida numa capa de gelo, me disse, entre vários elogios, que não havia uma turma no ano seguinte para mim e, por isso, não precisavam mais dos meus serviços. No primeiro momento fiquei paralisada. Vi toda a minha história dentro do colégio passar em meus pensamentos. Quanta coisa eu tinha vivido ali, quantos anos! Não conseguia entender. Como que uma professora com tanta experiência, que sempre era disputada pelos pais e tão elogiada, não teria uma turma? Bem, era isso que estava acontecendo e, sem mais nem menos, agora eu era “carta fora do baralho”. Com um simples abraço e um muito obrigado, uma história de quase 15 anos chegava ao fim, e mais uma pessoa que “não se adaptou” fora dispensada (id.:222).

Letícia

Quando eu saí, foi um ano em que eu fui elogiada à beça e, no final do ano, o Milton me mandou embora. Por quê?... Ele não sabe. Ele não me disse o porquê:

– Seu trabalho é ótimo. Se você precisar de uma carta de referência...

– Mas o que eu fiz que não foi bom?

– Não, não, é que a escola está refazendo o quadro (id.:84).

Margarzê

O dia em que eu fui mandada embora foi uma tortura. Nenhuma pessoa, em sua consciência, uma pessoa que seja realmente cristã, ela não pode fazer uma coisa dessa, coisa que o Milton fez. Chamar um por um, sobre, você vai ficar com essa turma. Quando chegou a última, que se eu não me engano foi a Patrícia, eu já sabia que não estava em lugar nenhum. [...] aquilo dali foi uma tortura psicológica. [...] aí ele virou pra mim e disse assim:

– Pois é, mas nós não precisamos mais dos seus serviços. Você pode ir embora agora. Você vai reorganizar tudo em casa.

Foram as palavras que ele usou. Eu me senti realmente como um objeto. Eu não gostei

mais daquele objeto porque saiu de moda, eu vou jogar fora. [...] Eu ia completar 10 anos de colégio. [...] Eu me senti a pior pessoa do mundo. [...] Então, a forma como eu fui mandada embora é que foi muito triste. Eu não senti o chão. [...]

Ah, aí eu perguntei a ele porque que eu estava sendo mandada embora. Se tinha alguma reclamação...

– Não, você não tem o perfil da empresa (id.:68).

Otávio pediu que Sabrina aguardasse, pois, antes, ele falaria com os professores, um-a-um. E assim o fez, ocupando a tarde toda com aquele ritual de convocação à sua sala, onde cada professor recebia o veredicto “Você fica” ou “Você está dispensado” (eixo 1:30).

Marisa

Quando foi no final do ano de 2000, fui chamada para conversar com ele [Milton] e fui, gentilmente, comunicada que estava sendo demitida. Eu não me esqueço disso. Ele disse que eu estava sendo demitida não é porque eu não tivesse competência... ele disse, com essas palavras:

– Você confia mais nos freis do que em nós (eixo 3:40).

Henrique

A sua demissão [Marisa] traz em seu bojo uma mostra de caminho (id.:305).

Marilda

A Odete não saiu do Fênix em outubro? Eles já sabiam que iam demiti-la, ela se desligou, passou o Fênix porque pediram que ela desse prioridade (id.:40).

Marisa

Exclusividade (id.:40)!

Odete

Me chocou muito a saída, porque eu ainda tinha um resquício de Canarinhos, mas sair do Bom Jesus não me magoou nada. Como talvez tenha magoado [você] Marisa, que ainda hoje não pode ouvir falar do colégio, não passa lá em frente. Eu não. Para mim, Canarinhos acabou. A partir do momento em que Canarinhos acabou, a minha relação com o Bom Jesus era muito fria. Não era aquela relação que a gente tinha antes, de carinho, de dedicação. Não. Era uma relação assim muito patrão/empregado e eu tenho consciência de que eu não estava **satisfazendo as vontades do patrão (id.:90)**.

Silvia

A gente pensa muito a partir do que a gente sente. Eu fiquei muito machucada com a história e a gente começa a achar que os outros também ficaram (id.:21).

prof. Waldemiro

Sim... Eu cheguei ao final da minha missão... Então, com toda tranquilidade... não tem ... talvez você... imagino que você tenha-se machucado, porque, depois que você recebeu todo apoio inicial, foi fazer curso lá em Curitiba e, logo em seguida, dispensaram seus serviços... Eu fiquei muito triste com a Sônia... Ela precisava. Ela tinha necessidade de se manter no emprego e, mal ela chegou de Curitiba, depois de um curso que ela fez lá, ela foi dispensada, já depois do início do ano letivo. Isso aí, sinceramente, eu fiquei magoado por ela (id.:21).

Denise

Quando eu saí, eu saí porque eu estava muito cansada, com problema de saúde, e eu tenho certeza de que foi emocional também. O professor Milton, na época perguntou:

– Você tem certeza disso? Você não vai se arrepender?

PARA ALGUNS, NÃO FOI APENAS MUDANÇA DE HABITUS, MAS DE VIDA

- *Eu tenho certeza.*

E, sinceramente, eu não me arrependi [...] Eu acho que, se eu tivesse saído na época do Canarinhos, eu ia ter muita saudade, mas do Bom Jesus eu não tenho (id.:195).

Odete

Você sabe como foi a minha demissão e da Marisa? Assim. Fechei o horário todo e falei:
- Marisa, o horário está fechado, mas não vou entregar esse horário não. Vou lá conversar com o Milton primeiro. Porque, sabe, alguma cooooooioisa me dizia que eu não pertencia mais à escola. Aí, ela falou:

- Eu vou com você.

Aí, botei meu horário debaixo do braço e falei:

- Milton, eu vim com a Marisa aqui porque o horário está quaaaaaaase fechando e eu preciso saber com você se tem mais alguém que vai ser demitido pra poder tirar ou não do horário. Ele se descontrolou, começou a rir:

- Tem sim.

- Quem?

Ele abriu a gaveta, puxou uns papéis de dentro da gaveta e jogou em cima da mesa.

- **Vocês duas (id.:95).**

Silvia

A demissão de vocês eu me lembrava e conto no romance: a saga de Jacira e Rosana (eixo 1:42). Naquele ano saíram mais de 15 funcionários, vocês e os freis.

Janice não poderia relatar como foi aquele momento, pois se desmanchou em lágrimas ali mesmo, mostrando todo o desespero que aquela demissão representava. Deixar o Bom Samaritano? Tal como Alice, ela havia deixado suas outras escolas e assumira a dedicação exclusiva (eixo 1:30).

Alex

Eu lembro que Fátima trabalhava no Colégio ISPA e trabalhava em um outro coleginho lá embaixo no Rio, e no Bom Jesus. [...] E aí, o Canarinhos tinha feito uma proposta para ela imperdível, para ela pegar exclusividade. [...] Isso foi em dezembro. Ela largou tudo para poder pegar a disponibilidade. Pegou a disponibilidade de tempo integral. O que os outros colégios fizeram? Contrataram outros profissionais. Ela foi para treinamento de avião, no Bom Jesus em Curitiba. Passou lá uma ou duas semanas em treinamento. Quando ela voltou, chegou aqui, ela estava demitida (eixo 3:128-9).

Odete

[Celso, meu irmão] saiu um ano depois de mim. Ele saiu... talvez fosse até mandado embora, mas ele tinha uma carga horária muito grande e, no ano seguinte, deram para ele 29 aulas, que ele achou que foi uma sacanagem da *FULANA*. [...] Isso quando ele chegou de férias, em fevereiro. Até final de dezembro, ninguém comunicou nada a ele, até para ele procurar outra coisa. Quando ele foi lá para pegar o horário, ele viu as 29, ele foi falar com o Milton.

- O colégio decidiu te dar 29 aulas. [Ele] Tinha quarenta. De 40 para 29, sem avisar! Você não aceita as 29?

- Não.

- Então, a gente vai te pagar até julho as quarenta que você tinha e você está dispensado.

Foi assim a demissão dele (id.:105).

Denise

Todo mundo falava;

- Quem era do Canarinhos vai acabar saindo.

E assim, sobraram poucos do Canarinhos. Nossa! [...] Mas a demissão, a gente sempre fica esperando em escola particular (id.:201).

Silvia

Denise, você disse algo que quero retomar. A demissão não era algo novo. Não era algo só do Bom Jesus. Demissão é coisa de escola particular, isso não querendo falar de forma mais abrangente. "Sempre existiu". Nos tempos longínquos que sequer alcançamos, há relatos nesse sentido.

Henrique

Quando eu saí de Corrêas, do Seminário para cá, eu vim com o intuito de estabilizar uma situação instável, que era de demissão de professores, pessoas que estavam indo embora porque não conseguiam afinidade com os alunos. Adquirir uma linha, um trabalho de condutas, de disciplina, de programação. Então, frei José Luiz me chamou e eu consegui fazer de quinta série até oitava um trabalho como ele quis que fosse feito, naturalmente com falhas (id.:141).

Marisa

Isso foi em que ano? (ib.)

Henrique

Eu cheguei em 1973 e fiquei até 80 (ib.).

Silvia

E podemos nos lembrar sem esforço de algumas demissões no tempo do frei José Luiz. Você mesmo foi demitido pelo frei José Luiz, Henrique, não é?

Henrique

Ele me demitiu. Ele me chamou e falou:
 – Estou demitindo você porque você não consegue ser pontual Além do mais, você tem um hábito ruim como professor. Você coloca apelido nos alunos.
 E eu fiquei quieto, não é (id.:149)?

Silvia

E era isso mesmo?

Henrique

Estava complicado ser pontual mesmo. Eu tinha a livraria e ele, talvez, tivesse razão. [...] A questão do apelido, de onde ele tirou isso eu não sei (id.:149).

Alex

[frei José Luiz] mandava pessoas embora em pleno churrasco de final de ano. Você se recorda disso? A pessoa era chamada:

– Só um instantinho. Quero falar com você!

E aí, levava para a sala dele e:

– Está demitida!

Em pleno churrasco! Uma vez, eu comentando isso com o César, disse:

– César, isso é um disparate, cara! Isso é de uma crueldade fora do comum. Isso arrasa com a festa e arrasa com a pessoa (id.:120).

Silvia

Parece que essa tarefa, própria do frei José Luiz, no Canarinhos, de "arrasar com a festa", foi transferida para o gestor. Ironia do destino foi o gestor Milton Otávio "arrasar com a festa", justamente, comunicando a "demissão" do frei José Luiz Mariano.

Era outubro, comemoração do dia dos professores. E ficamos sabendo de outras demissões. Demissões diferentes

aquelas, comunicadas por Otávio com um ar – pareceu a Sabrina – de sadismo. Por que comunicar ali, naquela ocasião?

Era um jantar de festa, preparado pelo Santo Ofício para homenagem ao dia e como era próprio do Santo Ofício, havia pompa.

– O Condado decidiu acatar a decisão de frei Mariano em assumir uma paróquia.

Ele será transferido. [...]

– Coube a mim dividir com vocês a notícia do convite que nosso estimado frei Augusto recebeu. Sua presença é solicitada para assumir a direção do colégio de formação de frades aionistas (eixo 1:29).

SERÁ QUE HAVIA ALGO CONTRA FESTAS?

Silvia

A tarefa da demissão não arrasava somente as festas. Arrasava quem demitia e quem era demitido, pensava eu. Mas, sabia o quanto aquele mal estar para quem demitia era logo substituído pelos afazeres do dia-a-dia. Quem era demitido ficava no vazio, no ócio e ficava aquela lembrança como companhia.

Alex

De tanto repetir essa cena na minha cabeça, eu tenho essa fala completa e sem exageros, porque a gente tem a tendência a exagerar.

– Com licença, frei.

– Sente-se.

Eu sentei, ele pegou e virou o papel pra mim:

–Eu quero dizer que o colégio não precisa mais dos seus préstimos. Você assina aqui, aqui, aqui, aqui e aqui. Eu gostaria que você retirasse todas as suas coisas, ainda agora, e você pode ir embora que você está dispensado. Você vai ter que comparecer tal dia para fazer sua rescisão de contrato e, por gentileza, eu gostaria das chaves do colégio, agora.

Em menos de um minuto, ele falou isso tudo. Dessa forma e sem nenhum tipo de preparação. Eu era um jovem de 23 anos de idade, e aí a lágrima tomou conta. Eu lembro que eu peguei as chaves, assim meio trêmulo para conseguir tirá-la do chaveiro, botei em cima da mesa, ele pegou a chave e jogou dentro da gaveta, eu assinei o papel, ele virou e falou assim:

– Por gentileza, seja breve em retirar suas coisas do colégio e passar bem (eixo 3:125-6).

Silvia

Passar bem? Difícil, não? Esperava uma outra forma de dizer... Contudo, lendo os relatos e me lembrando das situações em que estive no lugar daquele que demite, não consigo imaginar se há alguma forma de demitir que não doa.

Reconhecendo que as demissões aconteciam em outros períodos, quero pontuar que muitas de suas causas eram compreensíveis, aceitáveis. O que incomoda, especialmente, com a vinda do Bom Jesus é a questão da demissão em massa. Demissão pareceu ganhar o significado de descarte, uma forma de livrarem-se dos indesejados. E eram muitos.

frei César

Eu fiquei muito sentido quando soube da demissão da Maria Odete, da Marisa. Marisa era uma das professoras mais amadas do colégio. Eu me sentia culpado por isso. Eu me afastei. Na época, até você continuou no colégio, eu não entrei muito em contato, “porque se souberem lá que eu tenho algum contato com ela, ela não dura muito tempo”. E assim foi com outras pessoas. Cada ano, com cada pessoa que eu encontrava, eu percebia que tinha essa situação.

Mas, lá em Curitiba, depois disso, eu percebi que eles foram eliminando essas pessoas também de lá, que faziam esse núcleo sujo, se a gente poderia dizer assim, corrupto... Foram sendo eliminados um-a-um e, então, permaneceu só Paulo Cunha como diretor geral (id.:177).

MATARDENTIR: OS MUITO SIGNIFICADOS POSSÍVEIS

Silvia

Mesmo professores que defendiam a concepção educacional Bom Jesus foram demitidos, como a professora Jussara, por exemplo (id.:280). Outras demissões de parceiros do grupo levantaram até mesmo suspeitas.

A demissão do primeiro mentor foi um desses acontecimentos. Se ele viera como representante da Associação do Santo Ofício e por essa mesma era dispensado, o que acontecera (eixo 1:22)?

Por que demitir Ivan Mesquita Küster e João Schmidt? [...] Por que o Sr. Paulo Cunha está demitindo do Bom Jesus todos os funcionários experientes? Será que esses funcionários, de uma hora para outra, deixaram de ter competência, deixaram de ser úteis? Ou será que sabiam demais? [...] E as indenizações milionárias que ele está pagando para que essas pessoas fiquem de boca fechada

Trecho de uma carta anônima recebida por frei César (eixo 3:308).

Silvia

Continuando essa etapa como uma investigação, passei a questionar a saída de Ivan, que passou a atuar na Pastoral da Criança.

Programa Adote uma Comunidade

Contato: Ivan Mesquita Küster

Pastoral da Criança — Diretoria de Articulação

Fone: (41) 336-0250 – Fax: (41) 336-9940

E-mail: ivan@pastoraldacrianca.org.br

Site: www.pastoraldacrianca.org.br

In: Segurança alimentar e nutricional: a contribuição das empresas para a sustentabilidade das iniciativas locais. / International Finance Corporation, Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social, Pólis – Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais. São Paulo, Instituto Pólis, 2003:108 (pesquisado em 11/06/2006 no endereço http://www.fomezero.gov.br/download/manu_empresas.pdf).

A Pastoral da Criança é uma instituição coordenada por Zilda Arns. Essa informação me leva a repensar os "laços de família" (eixo 2:59), pois Zilda é tia do Paulo Cunha Arns, diretor do Bom Jesus. O que pode representar a demissão por parte de Paulo Arns e a contratação por Zilda Arns? Uma pista.

Outra pista: as demissões não aconteciam apenas no Bom Jesus Canarinhos.

Killian

Hoje as aulas começaram, mudou um pouco. A Aneci foi demitida no ensino médio... e uma outra que eu não sei o nome. A irmã Emirene era diretora, agora é vice-diretora, porque veio um gestor de Curitiba, e alguns professores foram mandados embora (eixo 3:230).

Teris

Eu estava no Nossa Senhora de Lourdes quando chegou o tal do Bom Jesus. Nosso colégio era muito especial, todos os professores nos conheciam pelos nomes. Alguns deles passaram mais de seis anos como meus professores [...] A maioria dos professores foram mandados embora ou saíram por conta própria (não tenho como afirmar). Senti muita diferença no tratamento, onde antes tínhamos uma relação de afeto com todos os professores, passamos a ser atendidos como números praticamente, e sentia frieza no relacionamento aluno-professor (id.:232).

Lucas

Quando o Bom Jesus assumiu no final de 1998 e iniciando 1999, eu passava do 2º do ensino médio para o 3º [no Colégio Nossa Senhora de Lourdes]. Quando as aulas acabaram, dia 26 de novembro, quase 30 professores foram demitidos sem nenhuma explicação, professores com 28, 30 anos de Lourdes.

Sabrina

Conversei com professores das outras unidades. Essas conversas eram breves sussurros, pois havia o medo de falar das inseguranças junto ao medo da demissão. Também não se sabia quem era o outro com quem se

falava. Poderia ser um delator (id.:172).

Silvia

Pude conhecer os dois "lugares". Como aquele que demite, as suasminhas lembranças revelam a minha dor.

Sabrina ajudou frei Augusto e Juan nessa tarefa delicada de demitir alguns funcionários e jamais esqueceu as palavras de Solange:

– Hoje sou eu que estou sendo demitida. Amanhã será você. Não tenho raiva de você, tenho pena. Tenho pena de ver você aqui trabalhando quando deveria estar em casa cuidando de sua filha. Nada no mundo vai fazer você recuperar o tempo da licença-maternidade, que era de sua filha e você deixou aqui, participando de reuniões para receber o Santo Ofício e nos mandar embora.

Ela estava certa (eixo 1:17-8).

Silvia

A minha não-demissão causava estranhamento. Era esperada por mim, pensava eu, mas não só. A cada avalanche de demissões "a dor do ficar" (id.:30) gerava um estranho sentimento ambíguo.

Atordoada, dirigiu-se à sala dos professores, sem saber ao certo porque e sentiu que a dor do ficar estava estampada em todos os rostos, que se sentindo covardes como ela, naquele momento, não tinham coragem de se rebelar.

Dispensou os professores na tentativa de dissipar o mal-estar que envolvia a todos. Mas, no dia seguinte, naquela mesma sala que outrora fora lugar de confraternização, havia tristeza e Sabrina percebeu que nada poderia fazer para apagar as sombras de decepção que haviam sido deixadas nos corações daqueles que estavam ali, inclusive no seu (id.:31)

Henrique

E porque, dentro dessa avalanche toda de gente que foi, por que você também não foi? Não que eu quisesse que você fosse. Mas era para você também ter ido. Era para você também ter derramado seu sangue lá. E você não foi.

– Ela passou para o lado deles. Ela virou a casaca. Olha, que danada!

Aí, quando você foi, eu:

– Ah, então não virou a casaca (eixo 3:140)!

E ela [SilviaSabrina] queria tanto ficar que, a cada ano, não sendo demitida, acreditava que ia conseguir superar a fase de mudança, de desconfiança, de transição, de adaptação.

Mas não conseguiu! Foi demitida em 22 de dezembro de 2002 (eixo1:37).

O INOMINÁVEL: DEMITIDO

<p><i>Je voudrais pas crever</i></p> <p><i>non Monsieur, non Madame,</i></p> <p><i>avant d'avoir tâté</i></p> <p><i>le goût qui me tourmente,</i></p> <p><i>le goût qu'est le plus fort.</i></p> <p><i>Je voudrais pas crever</i></p> <p><i>avant d'avoir goûté</i></p> <p><i>la saveur de la mort.</i></p>	<p>Eu bem gostaria de não morrer</p> <p>não senhor, não senhora,</p> <p>antes de ter experimentado</p> <p>o gosto que me atormenta,</p> <p>o gosto mais forte.</p> <p>Eu bem que gostaria de não morrer</p> <p>antes de ter provado</p> <p>o sabor da morte.</p>
---	--

Boris Vian

Quando se aproxima a demissão, o imediato superior se retira. Não há mais o que fazer. Aqueles que estão para serem demitidos são colocados, de antemão, na “câmara da morte”, como anunciado por Certeau (1994:293); o tempo que precede a morte equivale ao que precede a demissão daqueles que o serão. Pós-decisão administrativa, há um tempo envolto em silêncio ou, pior ainda, em mentiras que protegem os “poupados” – aqueles que ficam – contra a voz que poderia quebrar essa clausura para gritar: “Estou sendo demitido!”. Essa demissão é sentida, preanunciada, percebida...

O demitido equivale ao moribundo.

Michel de Certeau

Saindo do campo circunscrito por possibilidades de intervenção, entra numa região de insignificância. Não se pode dizer mais nada ali onde nada mais pode ser feito. Com o ocioso, e mais do que ele, o moribundo é o imoral [...] Em nossa sociedade, ausência de trabalho significa absurdo; deve-se eliminá-la para que se prossiga o discurso que incansavelmente articula as tarefas e constrói o relato ocidental do “há sempre alguma coisa a fazer”. O moribundo é o lapso desse discurso. É, e não pode ser senão ob-sceno. Portanto, censurado, privado de linguagem, envolto numa mortalha de silêncio: inominável (2002:294).

DEMITIDO: VÍTIMAS DO DISCURSO?

Silvia

Imagine, pois, qual não foi o sentimento quando me tornei uma "demitida". Aliás, ensinaram-me inclusive a dizer 'dispensada'. Por que seria? Demissão gera vergonha! Ah, outra palavra que atinge o demitido: improdutividade. O demitido não produz!

Michel de Certeau

Numa sociedade que só conhece oficialmente 'repouso' como inércia ou desperdício... (id.:295).

Silvia

Entre apodrecer na lata de lixo e ser demitido, paira a semelhança no desmoronamento do ser. A diferença está no questionamento que só o demitido faz de si próprio: "O que é ser?"

Michel de Certeau

Pergunta 'ociosa'. Falar que não diz mais nada, que possui apenas a perda de onde se forma o dizer. Entre a máquina que pára ou estoura, e o ato de morrer, existe a possibilidade de dizê-lo. A possibilidade de morrer se joga nesse espaço intermediário (id.:297).

Silvia

Assim como a possibilidade de ser demitido. Ela estabelece um tempo de agonia em que a espera é acompanhada de um sentimento ambíguo entre o desejo de acabar com o sofrimento e a vontade de desfrutar daquelas companhias, vivências e atividades que estão a se extinguir.

Michel de Certeau

O 'derradeiro momento' é somente o ponto último onde se refugia, se exacerba e se aniquila o desejo de dizer. Sem dúvida, aquilo que da morte tem a forma de expectativa se insinua muito antes na vida social, mas sempre tem que mascarar a sua obscenidade. Sua mensagem se trai nos rostos que se vão desfazendo, mas só têm mentiras para dizer o que anunciam (calem-se, relatos de envelhecimento contados por meus olhos, minhas rugas e inúmeros pesos), e todos evitam fazê-los falar (não nos digam, rostos, aquilo que não queremos saber) (id.:298).

Sabrina aguardou a liberação dos professores andando de sua sala para a sala dos professores, constrangida pelo olhar de angústia daqueles que estavam ali aguardando sua sentença. Após horas de sofrida espera, viu Leandra dirigir-se a ela.

– Você sabia, não?

Sabrina quis dizer algo, mas não encontrou nada apropriado. Leandra a fitou sem insistir, pois sua pergunta não precisava de resposta, mordeu os lábios, e continuou a andar sem olhar para trás. Atordoada, dirigiu-se à sala dos professores, sem saber ao certo porque e sentiu que a dor do ficar estava estampada em todos os rostos, que se sentindo covardes como ela, naquele momento, não tinham coragem de se rebelar (eixo 1:30-1).

Silvia

Com a morte - demissão anunciada -, não havia mais o que dizer. Busquei na escrita uma forma de gerir a vida, um "jogo perigoso de reconstrução" (Certeau, 1994:301).

Michel de Certeau

Prática de perda da palavra, a escritura só tem sentido fora de si mesma, num lugar outro, o do leitor, que produz como a sua própria necessidade indo ela mesma para esta presença que não poderia ganhar. Vai em direção a uma palavra que não lhe será jamais dada e que, por isso mesmo, constrói o movimento de ser indefinidamente ligada a uma resposta solta, ab-soluta, a do outro. (id.:299).

Silvia

Uma escrita que nasceu no/do vazio, nasce da morte, nasceu da demissão/morte, contra a qual nada havia mais a ser feito.

Ao ser chamada à sala do mentor, não tinha mais dúvida. Saiu de lá como que anestesiada e se dirigiu para a [não mais] sua sala. [...] Resolveu que não pensaria no assunto, não investigaria suas falhas, não buscaria culpados. Queria esquecer. Essa era uma etapa finda em sua vida.

No dia anterior, Denis havia morrido. [...] Fora, também, demitido. [...]

Após a morte – demissão anunciada – Sabrina passou a buscar uma forma de gerir a vida no rememorar, um jogo perigoso de reconstrução. Engano seu fora pensar que conseguiria esquecer. As marcas deixadas eram muito fortes e Sabrina, a cada dia, recuperava parte de suas vivências, em um exercício de compreensão (eixo 1:2).

Michel de Certeau

Dessa perda se forma a escrita [...] Desta maneira, a morte que não se diz pode escrever-se e encontrar uma linguagem, justamente quando neste trabalho da despesa, volta sempre a necessidade de possuir pela voz, de negar o limite do intransponível, que articula entre si presenças diferentes, de esquecer num saber a fragilidade que é instaurada em cada lugar por sua relação com outros (2002:299).

Silvia

Redigir a história dessa(s) demissão(ões) possibilita-me retomar o direito a voz, restabelecendo o contato com o outro, o possível leitor. Escrever representa um ressurgir, ressuscitar. Instaurei um novo vínculo - não trabalhista - com a vida, ainda que o caminho venha sendo por uma região sombria, a da morte.

Michel de Certeau

Então, escrever (este livro) é ter que caminhar através do terreno inimigo, na própria região da perda, fora do domínio protegido delimitado pela localização da morte noutro lugar. É produzir frases com o léxico do perecível, na proximidade e até mesmo no espaço da morte (id.:302).

Silvia

Ainda assim, posso acreditar que escrever é uma forma de retorno à vida através de uma prática "legítima", científica, política, escolar etc. Como você sublinhou, a prática escriturística assumiu um valor mítico nos últimos quatro séculos.

Michel de Certeau

O progresso é de tipo escriturístico (id.:224). Hoje, o texto é a própria sociedade (id.:261).

Silvia

E para essa sociedade da qual fui banida, volto pelo texto.

Michel de Certeau

O domínio da linguagem garante e isola um novo poder, 'burguês', o poder de fazer história fabricando linguagens. Este poder, essencialmente escriturístico, não contesta apenas o privilégio do 'nascimento', ou seja, da nobreza: ele define o código da promoção socioeconômica e domina, controla ou seleciona segundo suas normas todos aqueles que não possuem esse domínio da linguagem (id.:230).

Silvia

Voltamos à questão do poder, que se instaura pela escritura. Recupero meu lugar nessa sociedade capitalista e conquistadora. Mas, acredito que já tratei dessa minha fraqueza. Prefiro conversar agora sobre outras possibilidades que se tecem nessa minha outranova vida.

Certeau

A arte de “moldar” frases tem como equivalente uma arte de moldar percursos. Tal como a linguagem ordinária, esta arte implica e combina estilos e usos. O estilo especifica “uma estrutura lingüística que manifesta no plano simbólico (...) a maneira de ser no mundo fundamental de um homem” (1994:179).

Silvia

Esta é agora minha questão. Quero rever a vida. A história da morte deixá-la-ei por escrito. Acabou “em tese”.

Michel de Certeau

Somente o fim de uma época permite enunciar o que a fez viver, como se ela tivesse que morrer para tornar-se um livro (id.:302).

MEMÓRIA[S] DE FUTURO

...mas há uma grande vantagem nisso, pois a memória pode funcionar nos dois sentidos.

Através do espelho, Lewis Carroll

Wanderley Geraldi

Ainda não sabemos costurar uns casos aos outros, uns acasos aos outros, umas histórias a outras histórias sem perder o vigor de sua singeleza, sem perder suas cores próprias. Talvez hoje tenhamos aprendido que não há como compor uma cor outra, produto da abstração, porque os futuros já definidos estão para sempre problematizados. Talvez este seja um momento necessário para nos sentirmos dentro da floresta, examinando minúcias, para depois retornarmos ao promontório de que saímos e cuja existência não esquecemos. E uma vez lá, recuperarmos nossas utopias. Mas a viagem de retorno ao promontório nunca mais será uma volta, será sempre outra viagem (2005:6).

Silvia

A escrita da dissertação foi como estar "dentro da floresta, examinando minúcias", que me possibilitaram compor histórias, conversas, versões, compreensões... A impossibilidade do retorno, eu sentia a cada passo que dava, em cada descoberta, desconfiança, inferência ou invenção, o que me fazia crer que reversibilidade não existiria em minha pesquisa. Eu não voltaria ao ponto de partida, pois sequer seria possível definir que ponto teria sido esse.

A viagem de retorno - sair da floresta pesquisada dissertação - é uma nova outra viagem, e parto levando mais perguntas e mais desconheceres.

Wanderley Geraldi

Perguntas que, por serem fundamentais, permanecerão não respondidas e a elas sempre retornaremos já que as respostas construídas vêm marcadas pelas épocas vividas e são sempre já história. O homem está permanentemente convidado a construir suas outras respostas. Não pode haver convite maior do que este; não pode haver desafio maior do que pensar sem corrimãos (2005:1).

Manoel de Barros

O que resta de grandezas para nós são os desconheceres [...] Para enxergar as coisas sem feitiço é preciso não saber nada. É preciso entrar em estado de árvore. É preciso entrar em estado de palavra. Só quem está em estado de palavra pode enxergar as coisas sem feitiço (1998:35).

Silvia

Precisei aprender a "pensar sem corrimãos", pois aqueles em que poderia ter-me segurado não

SABER PODE SER MUITO BOM. SABER NÃO SABER É SEMPRE NECESSÁRIO

teriam me possibilitado enxergar as coisas sem feito. Tracei linhas para mostrar meu trabalho; no entanto, são compreensões provisórias que me possibilitam retomá-las e refazer as perguntas.

Sabrina ouvia aquelas palavras e se perguntava se seria possível que ele estivesse mentindo. Por outro lado, ele mesmo afirmava a possibilidade real de ter falhado, quase querendo convencê-la. E aí, voltava a falar culpando o invisível, eximindo até mesmo o Condado.

– Acho que o Condado, como instituição, ainda não percebeu o que aconteceu lá. Se eu fico falando muito parece uma paranóia. Então é complicado.

– Como falar muito? – perguntava, angustiada.

– Em toda reunião eu tenho levantado a questão. Recebi muito apoio de frades, mas não da instituição.

– Desculpe-me se acabo colocando mais peso em seus ombros. Mas, não queria que fosse assim. Quero apenas sua honestidade.

– Procurei ser totalmente honesto naquela situação toda. Mas, acho que não foi suficiente. As pessoas não querem honestidade. Querem conciliação. Ainda que a injustiça permaneça.

As conversas dos dois caminhavam sempre assim, cada um colocando para o outro as suas dores no que dizia respeito a essa história onde ambos tinham suas parcelas de culpa. Ou essa culpa existia apenas dentro dos dois? Eles teriam sido parceiros ingênuos, usados pelo Santo Ofício? Quem teria convencido os dois (eixo 1:19)?

Wanderley Geraldi

Talvez devêssemos perguntar: que compulsão é esta de dizer novamente e sempre, repetindo o já dito, tornando-o outro dizer? Que apostas podem estar contidas nos enunciados para que eles retornem em novas enunciações, em outras situações e com significados sempre outros? Certamente há boas razões para este quefazer continuado. E cada um que retorna traz suas contrapalavras que desvelam algumas de suas razões (2005:1).

Silvia

Pretensão minha é a de ir além dos sentidos da história que teci e provoqueei. Quero me voltar para o futuro, acrescentando um olhar para o devir. Acredito que já falei do Canarinhos que persiste na história Bom Jesus-Canarinhos, o Canarinhos que se projeta para o futuro, em algumas versões. Há outro Canarinhos, o dos sonhos que aparecem nas entrevistas e que já foi meu um dia: "Se Canarinhos voltasse..."

Wanderley Geraldi

Estas direções podem tomar diferentes fundamentos para o sujeito – uma vocação à eternidade? uma vocação à solidariedade? uma vocação à racionalidade? uma vocação à subjetividade eticamente fundada, razão convertida em paixão pelo humano de cada um e de todos? – mas nenhuma destas direções dispensa ou se dispensa de uma tomada de posição (2005:2).

Silvia

Permita-me um rodeio para apresentar o sentido que sua fala me traz.

Minha morte: a demissão. Mas, precisei voltar! A dissertação me possibilitou o retorno.

Conversando com minha filha – Alice, 7 anos –, ela me deu uma explicação muito interessante sobre o que seria fantasma.

Alice

Alguém que volta depois que morreu para procurar outro alguém que possa cumprir suas promessas não cumpridas.

Silvia

Tornei-me fantasma por acreditar que as promessas do Colégio Bom Jesus não foram cumpridas e que tenhotinha uma parcela de culpa nessa dívida.

E AGORA, PRA ONDE VOU? PRA LÁ...

Procurei Sabrina. Reencarnei no texto.

Neste trabalho, precisei exorcizar meus demônios. Consegui dar "um sentido que amenizasse a dor que [euSabrina] sentia" (eixo 1:36).

Foi psicanálise. Foi terapia. Foi auto-análise.

Mas, não só. Foi também estudo, pesquisa, discussão teórico-metodológica, levantamento de informações, reflexão.

E mais ainda, foi criação. Foi romance. Foi conversa.

E agora, que posição tomar? Que direção seguir? Não tenho a resposta.

Margarzke

Às vezes eu sonho... não é sonho dormindo não. Quando eu estou assim, sem pensar em nada, vem ainda alguma coisa que o Canarinhos vai voltar a ser Canarinhos (eixo 3: 76).

Odete

Nossa, se alguém me falasse:

– Vamos voltar o Canarinhos como era o Canarinhos?

Eu... na hora (id.:94).

Nishiura

Humildade e coragem para "re-começar" é uma grandeza só reservada ao Homem. E também nesse aspecto, Francisco foi mestre. Dessas atitudes nascem as lendas, engendram-se as sagas, eternizam-se os homens, muda-se a história, criam-se, enfim, "novos céus e *nova Terra*", *como quer o Senhor* (id.:214).

frei Hermann Schalück

Que o colégio dos meninos cantores plante nas consciências destas e das futuras gerações o trigo genuíno com que se possa fazer e partilhar o pão da fraternidade universal (id.:242).

frei César

Acho que é um sonho. Acho que a coisa já caminhou muito e o colégio já é outro. Ele já instituiu uma outra identidade e vai acertando os rumos nessa nova identidade. Se hoje fosse voltar o Canarinhos, seria um novo trauma para a instituição, para os alunos que estão lá. Eu não sei se hoje eles iam querer mudar. Talvez, seria o mesmo trauma que aconteceu naqueles anos. Então, voltar a ser outra coisa, talvez para a sociedade de Petrópolis, que acompanhou isso, os antigos alunos... Eu até vi naquela comunidade do Orkut, nos bate-papos dos alunos, como tem aqueles todos que ficam indignados, já um pouco mais velhos e antigos alunos. E os que já estão lá não têm essa preocupação. A direção que está lá não se envolve mais nessa coisa. Então, eu acho muito difícil voltar. Até porque, o que foi estava muito em torno das pessoas que estavam lá. Trazer todas essas pessoas de volta seria difícil. Eu não voltaria, porque seria para entrar em um novo trauma (id.:188).

Henrique

O que nós talvez gostaríamos que tivesse acontecido era que fôssemos todos chamados para uma grande discussão, de uma renovação dessas forças que tocavam o Colégio dos Canarinhos. Mas não que fôssemos assim, substituídos. Nós não deveríamos ter sido substituídos. Devíamos ter aprendido mais com aquilo que já sabíamos, dentro da nossa própria casa, aprender com forças novas, porque há uma dinâmica constante de ação da vida, em todos os instantes, em todos os momentos (id.:144).

Silvia

O que nos fica como possível é aprender com a experiência de termos sido substituídos. A consciência daquilo que vivemos é importante, mas quero lembrar do perigo que vivi em sacralizar certas passagens. Como von Foerster (1996) me alertou, precisei do outro para ver aquilo que não via que não

via.

frei César

Hoje, nós temos outro provincial, que é frei Augusto, e eu também faço parte do Conselho Central da Província. Então, às vezes se discute, mas já fica uma coisa muito passada. As unidades todas do Bom Jesus já passaram por um processo de uma certa humanização, se a gente poderia falar assim, foram eliminando umas certas tensões que existiam e caminham numa certa normalidade. E toda essa história que aconteceu nesses processos foi um pouco sufocada. Falar muito disso é como se você estivesse colocando sua mágoa pessoal, traumas que cada um teve. A gente conversa muito entre os frades, os que conhecem essa realidade, os que participaram, mas não há mais intenção de fazer todo um levantamento (eixo 3:177).

Silvia

Acredito que valeu escrever. Concordo que é "como se [eu] estivesse colocando [minha] mágoa pessoal", mas é muito mais do que isso. A dissertação foi o encontro de histórias e memórias que, tecidas neste texto, se lançam como uma reflexão sobre nossas formas de viver na escola, para a escola, com a escola e sem a escola.

Wanderley Geraldi

Reconhecer a unicidade de cada sujeito, a singularidade de cada momento, o desprezado cotidiano em que os enunciados circulam nas enunciações cada vez únicas, e onde se praticam ações ora conducentes, ora não, à memória de futuro imaginada, até porque a própria memória de futuro não é perene e imutável, implica construir novos caminhos do olhar perscrutador que deseja captar nas "grandezas do ínfimo" os movimentos diminutos em direções cada vez múltiplas e desiguais (2005:5-6).

Silvia

Guardei do Canarinhos o sonho de uma realidade menos injusta, mais fraterna, mais solidária, mais cidadã - um Canarinhos que nunca existiu -, ilusão criada que possodevoquero guardar como *memória de futuro*.

Minha dissertação vai terminando propondo Canarinhos como metáfora. Entre o imaginário e o real, entre o sonho e a ilusão, entre o possível e a utopia vã, estamos nós para superar dicotomias entre essas idéias ou buscar conversas e ações que nos levem a pensar um Canarinhos para além do sonhado ou vivido, mas um Canarinhos possível, feito do encontro dessas idéias compartilhadas.

Nishiura

O novo tempo, que se avizinha, exigirá mais que acúmulo de conhecimentos. Reclamará por visão de totalidade, flexibilidade diante de constantes mudanças, postura de acolhimento integral frente aos vários ramos do saber. Enfim, fraternidade entre as *indispensáveis diferenças* (eixo 3: 213).

Silvia

Acredito que a consciência de sua enunciação pode possibilitar que um caminho em que o projeto do amanhã seja memória para as escolhas do hoje. Possa a escritura da dissertação fomentar reflexões neste sentido.

Wanderley Geraldi

Conscientizar-se é ser uma resposta à alteridade: do outro que se foi, eco e memória na herança cultural; do outro com que se compartilha o tempo presente; do outro que virá necessariamente distinto do que se é porque trará suas novas lições (2005:5).

Almir Sater

Ando devagar porque já tive pressa
e levo esse sorriso, porque já chorei demais.
Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe
eu só levo a certeza de que muito pouco eu sei, eu nada sei.

[...]

Todo mundo ama um dia todo mundo chora,
Um dia a gente chora, no outro vai embora.
Cada um de nós compõe a sua história,
e cada ser em si, carrega o dom de ser capaz, e ser feliz.

UM OLHAR PARA DENTRO DE MIM

Ardendo de curiosidade, ela correu pelo campo atrás dele, a tempo de vê-lo saltar para dentro de uma grande toca de coelho embaixo da cerca. No mesmo instante, Alice entrou atrás dele, sem pensar como faria para sair dali. A toca do coelho dava diretamente em um túnel, e então aprofundava-se repentinamente. Tão repentinamente que Alice não teve um momento sequer para pensar antes de já se encontrar caindo no que parecia ser bastante fundo.

Alice no país das maravilhas, Lewis Carroll

Todo esse movimento de vinda da Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus fora esperado por mim com grande expectativa. Poder participar da gestão de tantas escolas havia sido meu sonho, que esperava chegar a trabalhar no CEP. Quão ingênua eu fui!

Acreditei que a conversa do Paulo Cunha sobre gestão em rede era verdade. Participei das reuniões com garra, discutindo sobre as mais variadas questões e colocando, em pauta, minhas sugestões e insatisfações.

O caso com os livros da educação infantil, que critiquei, foi um primeiro choque. “Cala-te!”, foi como se o Bom Jesus me gritasse. Havia atendido tão bem às propostas do primeiro novo gestor e, depois, saber que o mesmo me criticara, em Curitiba, foi outro choque. “Cala-te!” Então, o Rui se foi.

Soube que foi mandado embora e eu estava lá. Acreditei, então, que deveria continuar a ser verdadeira e colocar minhas opiniões, mostrando os problemas e dificuldades. Veio o Ivan, outro gestor. Ele era tão prepotente que me constrangia. Ele sabia de tudo. Tinha verdadeiras convulsões futuristas, falando de planos que não cheguei a saber se foram idéias dele ou chegaram a ser discutidas como planos da Associação Franciscana Bom Jesus. Suas idéias não chegaram a se realizar. Ele, também, se foi. E, tempos depois, também foi demitido.

Veio o Milton e, com ele, chegou o novo regimento que tirava todo o poder do diretor – frei César, na época –, dando ao gestor o arbítrio sobre contratações e demissões. Eu jamais esqueci aquela conversa sórdida em que Milton me propôs que escolhesse um lado, o dele ou o dos freis. Meu Deus, o que estava acontecendo? – pensei.

Frei César também se foi. Não foi demitido, mas deixou a todos. E frei José Luiz já havia ido antes. Fiquei só.

Não! Ficou o Milton.

Mais uma vez, eu tentei. Eu adorava aquele colégio e resolvi mostrar meu trabalho. “Vesti a camisa”, expressão que eles usavam. Vesti? Acreditava que sim e procurei fazer o meu trabalho o melhor possível. Não mais discuti questões que não me diziam respeito. Mas, quanto às questões que surgiam em minha área, procurava envolver-me ao máximo. Bem, esse foi o limite que me impus no que dizia respeito a aceitar as novas determinações: em minha área, eu iria opinar. Trabalhei muito! Às vezes, chegava a achar

que havia encontrado um caminho. Estava feliz, a felicidade possível. Estava resignada.

“Os professores contam comigo”, pensava. E chegava a me considerar ponto de equilíbrio entre o antes e o agora, entre Petrópolis e Curitiba, entre o azul e o verde... Eu era a mais antiga na assessoria e uma entre os mais antigos no colégio. Uma vez ou outra, alguns incidentes com Milton me deixavam completamente desanimada. Foi como o caso do vazamento da informação sobre a saída de sala de aula, no próximo ano letivo, de uma professora. Ele deu a entender que, se quem soube da notícia trabalhava comigo, logo... Fiquei arrasada com aquela acusação velada. Tudo fazia para conquistar a confiança e mostrar que estava tentando que o Bom Jesus desse certo. Mas era pouco.

NÃO CONSEGUI

A professora, que soube antecipadamente daquela informação, foi mandada embora ao final daquele ano. Eu, ainda não. Que suplício! E eu queria tanto ficar que, a cada ano, não sendo demitida, acreditava que ia conseguir superar a fase de mudança, de desconfiança, de transição, de adaptação.

Mas não consegui! Fui demitida em 22 de dezembro de 2002.

No dia seguinte, Milton foi transferido para outra unidade recém-integrada à Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus.

Talvez ele tenha sido designado para resolver uma outra Silvia.

Carlos Drummond

E agora, José?
 A festa acabou,
 a luz apagou,
 o povo sumiu,
 a noite esfriou,
 e agora José?
 e agora, você?
 você que é sem nome
 que zomba dos outros,
 você que faz versos,
 que ama, protesta?
 e agora, José?

Está sem mulher,
 está sem discurso,
 está sem carinho,
 já não pode beber,
 já não pode fumar,
 cuspir já não pode,
 a noite esfriou,
 o dia não veio,
 o bonde não veio,
 o riso não veio,
 não veio a utopia
 e tudo acabou
 e tudo fugiu
 e tudo mofou,
 e agora, José?

E agora, José?
 Sua doce palavra,
 seu instante de febre,
 sua gula e jejum,
 sua biblioteca,
 sua lavra de outro,
 seu terno de vidro,
 sua incoerência,
 seu ódio - e agora?

Com a chave na mão
 quer abrir a porta,
 não existe porta;
 quer morrer no mar,
 mas o mar secou;
 quer ir para Minas,
 Minas não há mais.
 José, e agora?

Se você gritasse,
 se você gemesse,
 se você tocasse
 a valsa vienense,
 se você dormisse,
 se você cansasse,
 se você morresse
 Mas você não morre
 você é duro, José!

Sozinho no escuro
 qual bicho-do-mato,
 sem teogonia,
 sem parede nua
 para se encostar,
 sem cavalo preto
 que fuja a galope,
 você marcha, José!
 José, para onde?

Silvia

"Sabrina, para onde?"

- Se isso não tiver qualquer significado, melhor - disse o Rei - pois não teremos de nos preocupar em encontrar algum.

Alice no país das Maravilhas, Lewis Carroll

ENTRE OLHARES E CONVERSAS

Não era uma maneira encorajadora de iniciar uma conversa. Alice retrucou, bastante timidamente: "Eu - eu não sei muito bem, Senhora, no presente momento - pelo menos eu sei quem eu era quando levantei esta manhã, mas acho que tenho mudado muitas vezes desde então.

"O que você quer dizer com isso?", perguntou a Lagarta severamente. "Explique-se!" "Eu não posso explicar-me, eu receio, Senhora", respondeu Alice, "porque eu não sou eu mesma, vê?"

Alice no país das maravilhas, Lewis Carroll

ALVES, N. (Org.) *Criar currículo no cotidiano*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: **ALVES, N.** e **OLIVEIRA, I. B.** de (Orgs.). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ANDRADE, M. de . *Nós e o Natal*. Rio de Janeiro: Artes Gráficas Gomes de Souza, 1964.

ASSIS, M. de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Klick Editora, 1997.

BARROS, M. de. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003.

_____. *Retrato do Artista Quando Coisa*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1998.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura; Obras Escolhidas – volume I*; tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. Parque Central. In: **KOTHE, F. R.** *Walter Benjamin: sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1991.

_____. Pequena história da fotografia. In: **KOTHE, F. R.** *Walter Benjamin: sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1991

BOSI, E. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, P. O interesse do sociólogo. In: *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CAMPOS, P. M. Para Maria da Graça. In: **ANDRADE, C. D.** de et al. *Para gostar de ler: crônicas*. Vol. 4. São Paulo: Ática, 1979.

CARROL, L. *Alice no país das maravilhas*. Trad. Clélia Regina Ramos. Petrópolis, RJ: Arara-azul, 2002.

_____. *Através do espelho*. Rio de Janeiro: Editoras Summus, 1977.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHAMBOULEYRON, R. Jesuítas e as crianças no Brasil quinhentista In: Priore, M. del. (Org.) *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto: 2000.

CHEVALIER, J. e **GHEERBRANT, A.** *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

- COELHO, C. F. M.** *Por que tanta saudade de Sherazade?* A revitalização da narrativa moderna depois da exaustão das vanguardas modernistas. Revista Semeiar 7/2001. Disponível em: http://www.letras.puc-rio.br/Catedra/revista/semiar_7.html. Acesso em: 24 fev. 2006.
- Eco, U.** *O Nome da Rosa*. Tradução de Aurora Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- FAIRCLOUGH, N.** *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001.
- FERRAÇO, C. E.** Eu caçador de mim. In: **GARCIA, R. L.** *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.
- FIGUEIREDO, V. L. F. de.** *Os crimes do texto: Rubem Fonseca e a ficção contemporânea*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- FOERSTER, H. von** Visão e conhecimento: disfunções de segunda ordem. In: **SCHNITMAN, D. F.** *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FOUCAULT, M.** *A ordem do discurso*. São paulo: Edições Loyola, 2003.
- _____. *As palavras e as coisas*. S. Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. Truth, power, self. In: Martin, L. H. et al. *Thecnologies of the self: a seminar with Michel Foucault*. London: Tavistock, 1988.
- _____. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FREIRE, P.** *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- _____. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- GALEANO, E.** *As palavras andantes*. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L & PM, 1994.
- GERALDI, J. W.** Ser, falar e conhecer 'essencialidades' em Paulo Freire. V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife, 19 a 22-setembro 2005. (<http://www.paulofreire.org.br/Textos/CF%20Geraldi%20-%20SER%20%20FALAR%20E%20CONHECER.pdf>)
- GINZBURG, C.** *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*; tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das letras, 1989.
- _____. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das letras, 1987.
- KÜLKAMP, C.** *Fraternidade em currículo: uma história do Colégio Bom Jesus Canarinhos em Petrópolis, RJ*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- LARROSA, J.** *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*, tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- _____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro/ANPED, n. 19, p: 20-28, jan/fev/mar/abr, 2002.
- Lispector, C. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. *Um sopro de vida (Pulsações)*. 6. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978.
- MATURANA, H.** *Emoções e linguagem da educação e na política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- _____. *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.
- OLIVEIRA, I. B. de** *Alternativas emancipatórias em currículo*. São Paulo: Cortez Editora, 2004.
- _____. *Currículos praticados: entre a regulação e a emancipação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- _____. e **SGARBI, P.** *Redes culturais: diversidade e educação*. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.
- _____. e **ALVES, N.** *Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.
- PAIS, J. M.** *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

- RANCIÈRE, J.** *O mestre ignorante* – cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- SANTOS, B. S.** *Conhecimento prudente para uma vida decente*. um discurso sobre as ciências revisitado. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. *A crítica da razão indolente*: contra o desperdício da experiência. V 1 – Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. São Paulo: Cortez, 2000.
- SANTOS, L. A. dos e CARDOSO, R. L. dos S.** Corrupção, nepotismo e gestão predatória: um estudo do caso brasileiro e alternativas para o seu enfrentamento. In: *XVIII Concurso del CLAD sobre Reforma del Estado y Modernización de la Administración Pública* “Cómo combatir la corrupción, garantizar la transparencia y rescatar la ética en la gestión gubernamental en Iberoamérica. Caracas, 2004-2005. <http://www.clad.org.ve/fulltext/0052003.pdf> – pesquisa em 14/07/2006.
- SGARBI, P.** *Avaliação pensada assentida a partir de uma epistemologia do cotidiano*. Rio de Janeiro: Uerj, 2005. (Tese de doutorado).
- _____. *Para uma epistemologia do cotidiano*. Rio de Janeiro: Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2003. (Texto de qualificação – Doutorado em Educação).
- _____ e **VICTORIO FILHO A.** Formação docente: imaginário e idealização. In: Congresso da Uff. 2003, Niterói. *Anais*. Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, 2003.
- SILVA, L. G. F. da** *Heréticos e impuros*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1995.
- TARDIF, M.** *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- THOMPSON, P.** *A voz do passado*: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- TKOTZ, S.** Plano de estudos apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação da Uerj. Rio de Janeiro: Uerj, 2003.
- _____. *Fraternidade em cartaz*: uma história do Colégio Bom Jesus Canarinhos em Petrópolis/RJ. Rio de Janeiro, 2005. Rio de Janeiro: Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005. (Projeto de dissertação – Mestrado em Educação).
- TURA, M. de L. R.** A observação do cotidiano escolar. In : **ZAGO, N.; CARVALHO, M. P. e VILELA, R. A.T.** (Orgs.). *Itinerários de pesquisa*: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.
- _____. *O olhar que não quer ver*: histórias de escola. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- ZACCUR, Edwiges** (org.). *A magia da linguagem*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP & A: SEPE, 2001
- ZILBERMAN, A.** *Em Busca de Mecanismos de Adaptação e Superação no Luto Familiar*. Revista Contextos Familiares. Porto Alegre: AGATEF, 2003. (http://www.cefipoa.com.br/artigos_visualizar.aspx?id=9be8808b-7480-4c93-8ea6-2429efddde5c – 25-abr-2006)

eixo 3

versões:
testemunhos e
documentos

entrevistas

Silvia

As entrevistas foram definidas como instrumento de coleta de informações bem no início da pesquisa. No entanto, muito relutei em começá-las.

Por isso, até, quando fiz contatos por e-mail pedindo depoimentos por escrito de pessoas que moravam em locais distantes – muito difíceis de entrevistar pessoalmente, portanto, pelo custo e outras dificuldades –, enviei também mensagens para pessoas de mais “fácil acesso” por morarem em Petrópolis ou por virem constantemente a esta cidade.

Essas pessoas mais próximas entraram em contato, em sua maioria, propondo conversar pessoalmente, todos manifestando a dificuldade de um depoimento escrito.

Assim sendo, não pude mais postergar essa tarefa, cuja resistência inicial se dissipou logo após a primeira das entrevistas, por ter sido mais agradável que constrangedor conversar, mesmo com aquele gravador nos espionando, receio que era meu e dos entrevistados a princípio. A dificuldade passou a ser, então, o momento de parar.

Inicialmente, listei cinco pessoas com quem desenvolveria entrevistas não-estruturadas, que mais se aproximariam de conversas informais. Das cinco listadas inicialmente, avancei para doze entrevistas e só parei porque o tempo previsto havia se esgotado.

Cabe apontar detalhes interessantes no percurso das entrevistas:

Quando na fase de transcrição de dez entrevistas que havia feito, passei a anotar as dúvidas e questionamentos que surgiam, pensando em encaminhar para frei César, que eu não havia conseguido entrevistar até então. Por e-mail, perguntando para ele se eu poderia encaminhar essa relação de questões, obtive a resposta de que estaria em Petrópolis no próximo final de semana e que responderia pessoalmente às minhas dúvidas. Assim sendo, essa entrevista teve um caráter um pouco diferente das outras, pois, após ouvir o relato livre de frei César, dirigi-lhe algumas das perguntas, descartando algumas delas porque haviam sido apontadas no relato livre e também em função do tempo e cansaço, pois a entrevista, no total, chegou a mais de duas horas.

Também, no decorrer das transcrições, senti falta de um relato que falasse da experiência mais voltada à educação infantil, espaço em que eu tanto trabalhei, mas que queria um outro relato para se unir ao meu. Foi quando decidi entrevistar Denise, totalizando doze entrevistas.

Coincidência, acabei alcançando em entrevistas o número dos santos apóstolos, “doze, um número simbólico porque o ano divide-se em 12 meses. Indica plenitude e perfeição. As tribos de Israel eram doze (Gn 35, 22-26). Os Apóstolos eram doze (Mt 10,1-5). O número dos eleitos era 144 mil, sendo mil de cada uma das tribos de Israel (Ap.7,4-8)”. (Referência: http://www.npdbrasil.com.br/religiao/rel_bibliacom.htm#p09)

Curioso: O número 12 indica a perfeição ou plenitude, especialmente em perspectiva escatológico-apocalíptica. É número divino (três) multiplicado pelo número humano (quatro): $3 \times 4 = 12$. O sentido de perfeição e totalidade inspira-se na duração de um ano completo, composto de 12 meses; no dia e na noite, esta e aquele com duração de 12 horas cada. Doze são os signos do zodíaco, os campos (casas) da astrologia cabalística e os frutos da árvore cósmica. São doze os trabalhos de Heracles (Hércules) em expiação pelo crime de haver matado esposa e filhos, os titãs da mitologia grega das origens, os navios da Odisséia de Homero e os cavaleiros da lenda celta da Távola Redonda. (Referência: http://www.psleo.com.br/b_divino.htm)

entrevista com
professor waldemiro

20-outubro-2005

ENTREVISTA COM PROFESSOR WALDEIRO**23-OUTUBRO-2005**

Fui carinhosamente recebida na casa do professor Waldemiro, com quem havia agendado a entrevista por telefone. Convidada a me sentar, repeti o que já havia explicado, sucintamente, ao telefone sobre tratar-se de uma pesquisa para o mestrado em educação, na UERJ, contando a história do Colégio Bom Jesus Canarinhos.

Cabe contar que essa foi a primeira entrevista e confesso que eu estava super ansiosa. Posso dizer que essa foi uma etapa da pesquisa que posterguei o mais que pude. Mas, enfim, não dava mais para esperar. Então, decidi por iniciar com o professor Waldemiro, por imaginar que ele não apenas poderia me contar muito da história. Ele "é" muito da história.

É interessante, também, contar que a mulher do professor Waldemiro, Lenira, estava junto e se posicionou em uma poltrona à nossa frente. Fiquei um pouco preocupada com a presença dela ali, por saber o quão falante é. Minha preocupação se confirmou. No entanto, surpreendi-me com sua participação e suas informações. Ela havia sido professora do colégio. A primeira mulher! Isso era interessante... Ela também "cutucava" o marido para que ele falasse mais. Muitas vezes, ela fazia o papel da entrevistadora, com a liberdade de ser mais direta, mais insistente...

Logo após explicar minha intenção com a entrevista, pedi autorização para gravar, que me foi concedida, com a resposta de que

- Se essa é a forma que eu precisava fazer a entrevista, tudo bem.

Ficou claro que ele preferiria que não gravasse, mas que ficava a meu critério. Se podia ficar a meu critério, coloquei o gravador na mesa, fingindo não perceber o incômodo que a gravação causava.

A gravação começou de forma intempestiva, pois, enquanto eu pegava o aparelho na bolsa, professor Waldemiro foi buscar um livro que poderia me ajudar no trabalho e já chegou comentando.

- O livro, na verdade a revista "Franciscanos na Educação - 1985", traz um texto a respeito de cada escola franciscana.

E ele começou a me mostrar. Pus o gravador para funcionar...

Waldemiro

Tudo referente à atuação dos franciscanos...

(Aqui ele ia folheando a revista e me mostrando o artigo que fala de cada colégio.)

Colégio Santo Antônio, que é lá de Blumenau... Colégio Diocesano de Lages... Bom Jesus de Curitiba... desde os tempos de 1993... e depois termos aqui exatamente a Escola Gratuita São José, que deu origem ao Instituto, não é? Depois Santo Antônio do Pari... de São Paulo... Faculdades Franciscanas... Universidade São Francisco, que fica lá em Bragança Paulista e tem campus em São Paulo, em Campinas... Você tem agora muitos dados referentes ao ano de 1985. Bem, os dados estatísticos estão inteiramente desatualizados¹. Se você quiser você pode levar... Fica com você... Você, além de fazer a sua dissertação sobre os Canarinhos, você pode...

¹ Cabe lembrar que professor Waldemiro é professor de matemática e, durante a entrevista, eu notava nele a preocupação de me passar "dados", datas...

Silvia

... dar uma olhada nas outras...

Waldemiro

... outras instituições dos franciscanos, não é?

Silvia

Nessa história aqui... (Aponto o artigo da história da Escola Gratuita), o senhor fala dessa ligação da Escola Gratuita São José com o Instituto... O senhor teve uma participação intensa, não teve?

Waldemiro

Tive, tive, eu comecei lá em 52.

(Ele fala alguma coisa aqui e ri, rio eu e ri a esposa, o que faz com que fique inaudível.)

Silvia

Eu li alguma coisa sobre a época da criação do ginásio.

Waldemiro

Ah, você chegou a ler...

Silvia

Muito por alto.

Waldemiro

Nessa época, o senhor já estava no colégio? Conta um pouquinho da sua trajetória no colégio...

Lenira

Fala Waldemiro. Está caladão...

Waldemiro

Quando eu cheguei lá, em 52, a Escola Gratuita era uma escolinha pobre não é? Frei Leto até declara que todo ano havia uma reunião de todos os colégios da província e ele nunca foi convidado. Então, ele chegou à conclusão de que a escola Gratuita São José, a escolinha dele, não tinha a menor importância para a congregação dos franciscanos, não é verdade? E, no entanto, é uma escola que nasceu no ano de 1896 ou 97, logo que os franciscanos chegaram a Petrópolis. E eles, primeiramente, fizeram a igreja. Eu nem estaria me lembrando disso tudo se não estivesse já refrescado minha memória². Então, eles funcionaram com algumas salas de aula ali mesmo no convento, ao lado da igreja, e aquela parte onde ficava ou onde ficou futuramente a escola e depois futuramente o ginásio, aquilo ali já é uma construção mais recente.³ Ao lado, era a Vozes.

Mas nasceu naquela época, então. A gente imagina a importância que tinha... escola gratuita naquele tempo para a população de Petrópolis, que era essencialmente de operários! Tinha muitas fábricas aqui, então, o alunado era de gente pobre, andavam descalços... Eu fui para a escola descalço. Naquele tempo,

² Ele se preparou para a entrevista!!!

³ Aqui ele faz referência ao espaço que o Colégio dos Canarinhos ocupou, à Rua Frei Luiz, por muitos anos.

não se usava sapato... só mais tarde. Até calcinha curta... quando tive que usar calça comprida chorei, eu não queria usar.

(Aqui ele riu descontraído.)

A gente morava ali no comecinho do Bingen, perto da Fábrica Werner, uma grande fábrica, e o pessoal ia de tamanco... a gente até escutava o pessoal caminhando pela rua. É incrível, não é? Era um barulho muito forte. Depois, teve algumas dificuldades na época da guerra...

Meu pai, por exemplo, estudava lá.. Ele pegou justamente o período da guerra de 14 a 18... A escola gratuita tinha, praticamente, professores religiosos vindos da Alemanha. Talvez um ou dois falassem português, mas a maioria dava as aulas em alemão. E, nesse período da guerra, passou 18, o alemão foi proibido. Meu pai, por exemplo, teve um prejuízo danado, teve que parar os estudos.

A escola, nesse período, chegou a fechar, provavelmente, não se sabe, mas provavelmente funcionava até clandestinamente. Provavelmente, no meu deduzir, porque não podia deixar que as crianças aparecessem lá abertamente. Então, foi um período crucial. Depois, quando eu cheguei, em 42, aliás, em 41, quando eu entrei lá como aluno e depois em 42, quando fundaram o coro, fui um dos primeiros a serem escolhido. Aí, por exemplo, você vai encontrar como data de inauguração dos Canarinhos, 15 de agosto de 42, mas essa é uma data falsa (falou rindo). Na verdade, foi na primeira comunhão de 20 de setembro de 42. Foi quando fiz a primeira comunhão. Então, dia 15 de agosto, provavelmente, foi uma apresentação não solene.

Mas como a padroeira dos Canarinhos é Nossa Senhora da Glória, então, frei Leto... acabou ficando essa data: 15 de agosto de 42. Essa é a data da fundação do Coral. Agora, mais tarde, então, foi o Instituto dos Meninos Cantores. Aí, eu já estava trabalhando lá há algum tempo e eu sentia a dificuldade do frei Leto em ampliar o colégio porque não tinha grande apoio da ...

Lenira

Mas aí você deu um pulo. Da escola, você não falou nada. Como, depois, saíram os franciscanos e ele admitiu outros professores? Escolheu? Como ele gostava tanto daquele Deister, que diz que era um professor e tanto...

Waldeiro

Não, os professores antigos continuaram lá. Você, por exemplo, foi uma das primeiras professoras...

Lenira

Pois é. A primeira foi a Beatriz, catequista. Eram todos homens. E as salas eram... não tinha como agora aquele telhadinho que tem lá. Era ali ao nível daquele pátio. E uma das salas dentro da outra. Você, por exemplo, tinha que passar com seus alunos pela sala do ooooutro professor.

Waldeiro

Não, isso era só numa sala...

Lenira

É ali onde depois foi o laboratório.

Waldemiro

Ah, mas isso era porque era uma sala grande e fez uma divisória de madeira e, para quem tinha que dar aula no fundo daquela sala, tinha que passar...

Lenira

E eram todos idosos os professores, todos senhores...

Waldemiro

... é, já de idade. E então, ele estava com muita dificuldade porque era a Editora Vozes que mantinha e os alunos pagavam uma chamada caixa escolar que, na época, eu não tenho idéia de quanto que era, mas, se fosse hoje, seria uns cinco ou dez reais... talvez, não é... a título de caixa escolar para custear os trabalhos, despesas da limpeza... um faxineiro que morava lá mesmo. Mais tarde, então, frei Leto resolveu fundar o ginásio, porque tinha a dificuldade de manter o coral, pois as crianças chegavam a uma certa idade, no final do curso primário, ainda não cantavam muito bem. Tinham uma boa voz, mas tinham que se transferir, tinham que mudar de colégio, porque lá só tinha até a quarta série. Ele foi procurando... tentando meios para fundar o ginásio, até resolver obter da província o direito de usar aquela esquina, lá onde ele construiu o posto de gasolina, que seria a entidade mantenedora, propriamente, ou fornecedora de recursos para o ginásio, que corresponde hoje à segunda fase do ensino fundamental. Sei que a nomenclatura mudou mais recentemente, e eu não acompanhei muito bem...

Mas ele precisava, então, de uma pessoa que o auxiliasse na organização, que era um processo muito extenso... Na época, era realmente um calhamaço de documentos que eles pediam. Então, ele conseguiu, na Editora Vozes, que me nomeassem como secretário do colégio, em começo de 56, e eu tive então a incumbência de preparar essa documentação toda para o funcionamento do ginásio. Fui várias vezes ao Ministério da Educação, que funcionava ainda no Rio – só mudou para Brasília na ocasião da inauguração da capital, não é? Sessenta... uma coisa assim. Que coisa, eu nem lembro mais disso. (Risos.)

Bem, eu fui várias vezes ao ministério levar documentos e as exigências eram imensas, inclusive quanto a prédio, por exemplo, nas salas de aula tinham aquelas janelas iguais as do segundo e terceiro andares. Então, a gente tinha que fazer um cálculo. Havia um cálculo para determinar a luminosidade da sala de aula; aquelas janelas mais estreitas não conseguiram cumprir as exigências. Frei Leto teve, então, que fazer uma reforma, fez aqueles janelões maiores com menos madeira, mais vidro, para dar uma luminosidade maior... E outra exigência, também, era quanto à parte coberta... Foi feito aquele varandão ali, na frente das salas de aula, e mais aquele que ficava lá no fundo, em frente a cantina e aquele galpão ali ao lado dos banheiros. Aquilo tudo foi feito por exigência do Ministério da Educação. Bem, o que mais você poderia saber desse início do colégio...

Lenira

... ele fez a secretaria e mais aquelas duas salinhas ali do lado...

EDITORA VOZES E CAIXA
ESCOLAR.

OS CANTORES E O GINÁSIO.

PROFESSOR WALDEIRO E A CRIAÇÃO DO GINÁSIO.

Waldemiro

É, ele teve que construir mais salas de aula, pois a exigência é que tivesse, pelo menos, se não me falha a memória, sete salas de aula.

Silvia

Mas o ginásio já nasceu particular...

Waldemiro

Já nasceu como particular, sim. Mas os canarinhos, os cantores, tinham direito à gratuidade. Na época, era gratuidade total, agora... depois, com o passar do tempo, as dificuldades foram aumentando e nós tivemos que estabelecer uma taxa mínima para os Canarinhos. Você deve saber, ou depois pergunta a seus irmãos, como era uma vida de sacrifícios para eles se manterem; tinha que ter alguma vantagem, alguma regalia. E, em tese, era para eles ficarem mais prazerosamente.

Lenira

E o almoço, quem cedia o almoço naquela época?

(Ela pergunta ao marido, mas se volta para me dar algumas explicações.)

Porque funcionava ali na Ordem Terceira a parte deles. Ali em cima... aquela parte de cima era toda deles. Então, determinada hora, eles iam para lá.

Waldemiro

Ali, frei Leto construiu, com recursos dele, sem dinheiro da Província, mas para usar durante um certo período, gratuitamente; depois, então, ele teria que ceder para a Ordem Terceira. Eu não me lembro exatamente qual foi o período, dez ou vinte anos...

Silvia

E por isso essa busca pela nova sede...

Waldemiro

Isso. Ali ele conseguiu uma nova sede. Mas, até... a gente ensaiava era ali mesmo. E não tinha hora certa para acabar.

Lenira

E vocês não almoçavam?

Waldemiro

Duas horas, Uma e meia... a hora que chegasse em casa. Mas, não era todo dia. Era dia sim, dia não. Soprano era um dia, contralto era outro e, aos sábados, era ensaio geral. Naquela época, não havia aula aos sábados.

Silvia

E a parte que era do primário? Em que momento o primário deixa de ser gratuito e passa a ser instituto ou colégio?

Waldemiro

Se não me falha a memória, foi em 1976. Se você quiser saber com exatidão, poderia procurar a Rose⁴ e ver se lá no arquivo tem o livro de atas, porque

⁴ Atual gestora do Colégio Bom Jesus Canarinhos.

eu não tenho de memória essa data, mas foi por volta de 1976... O Instituto absorveu a Escola Gratuita São José e manteve a escola ainda por alguns anos, até que, depois, acabou sendo particular definitivamente. Deixou de ser gratuita porque a Editora Vozes não tinha mais condições... mesmo assim, a Editora Vozes nos subvencionou o Instituto durante alguns anos... acredito que foi mais ou menos até por volta de 80, 81... A Editora Vozes pagava uma subvenção correspondente a onze salários mínimos e mais 60% para a cobertura das despesas relativas a INSS. A gente ainda não tinha a isenção da parte patronal. Isso veio mais tarde. Foi na época da Junta Militar... aí precisaria apelar para a História... (Risos.) Foi quando nós conseguimos o título de utilidade pública, um decreto assinado pela Junta Militar... Eu não me lembro mais quais eram os mandachuvas naquela época.

Silvia

Nessa história, o senhor me conta de um período como aluno, depois professor, depois secretário. Continuava como professor?

Lenira

Desde o tempo da escola primária, não foi? Já era professor, não?

Waldemiro

Não.

Lenira

Quando você terminou o seu estudo lá, ele logo o pegou, não foi?

Waldemiro

Quando terminei meus estudos? Não. Terminei meus estudos em 45 e fui para o São Vicente. Depois, fui fazer segundo grau e, quando eu estava no exército, foi que frei Leto me chamou para ser professor. Professor primário. Naquela época não precisaria de nenhum tipo... e para ser professor do ginásio, então precisaria fazer o que chamava na época de exame de suficiência, que você fazia pelo Ministério da Educação, que era válido para as cidades onde não havia faculdade, que na época se chamava de Filosofia. Era a faculdade que formava professores. Então, todos os professores no início do ginásio, foram desse ... dessa lei 8500... e não sei quanto.

(Risos.)

Silvia

E quando veio o frei José Luiz para a escola? Por que essa história toda é do tempo do frei Leto, não é?

Waldemiro

É. Frei Leto foi ficando ligeiramente cansado, esgotado... já não estava mais dando conta do recado... Estava já beirando os oitenta anos... Ele, então, fez vários contatos com a Província para conseguir um substituto, até que, finalmente, ele conseguiu e frei José Luiz chegou no começo de 1973. Nesse período, ficaram os dois. Frei José Luiz não tinha registro de diretor... Frei Leto também não tinha, no começo... Na época, frei Evaristo, hoje Cardeal Dom Evaristo Arns – ele que nos casou – frei Evaristo, grande cabeça, ele tinha registro, ficou sendo diretor pedagógico. Frei Leto era diretor administrativo... Frei Evaristo só

assinava os documentos... Não, então ele era o diretor administrativo e o pedagógico que era frei Leto. Acho que eu tinha falado o contrário antes. E, quando veio frei José Luiz, deu-se o mesmo fato. Frei Leto já tinha o registro dele. Frei José Luiz não se interessou porque ele não quis fazer o curso de pedagogia para conseguir o registro. Então, ficou sendo o diretor administrativo frei Antônio Nader. Você se lembra dele? É do seu tempo.

Silvia

Lembro, lembro.

Waldemiro

Ele tinha registro, então, assumiu a direção administrativa. Mais tarde, então, quando, por força da nova lei de diretrizes e bases, nós nos desvinculamos do sistema federal, aí ficou mais... ficou menos exigência quanto a esse particular. Então, frei José Luiz também conseguiu o registro de diretor. Aí, ele ficou mais independente porque frei José Luiz... foi transferido no final de 2000 para 2001... isso, 27, 28 anos.

Mas isso, numa Província, é muito raro... um frade permanecer tantos anos numa localidade, numa determinada função... Então, ficava muito complicado constantemente estar renovando a direção do colégio, não é? Aí, o frei conseguiu o registro, mas só quando nos vinculamos ao sistema estadual. Até então, era sistema federal. Quando surgiu a nova lei, todos os colégios passaram a ser regidos pelo sistema estadual. Você pode até mencionar que, no começo do ginásio, nós tivemos como inspetor federal a Dona Aracy Rondon Amarantes, filha do Marechal Rondon.

Silvia

É, professor, o senhor passou por todas as trocas de direção... do frei Leto para o frei José Luiz e do frei José Luiz para o frei Cesar. Essa passagem veio da província ou veio a pedido do frei José Luiz, como frei Leto havia feito em outras épocas?

Waldemiro

Olha, aí eu acho que havia o seguinte: frei José Luiz já estava com o período dele de permanência em Petrópolis considerado excessivo; então, a ida dele já estava sendo programada justamente para esse ano de 2000, já fazia alguns anos... Então, a Província, já prevendo essa situação, forneceu o frei Cesar, que foi fazer curso de pedagogia, inclusive, para já se preparar para substituir frei José Luiz. Foi, então, uma transição já programada. Não foi como no caso do frei Leto, que lutou por alguns anos para conseguir. Ele tinha até receio de que o coro acabasse quando ele faltasse... quando ele não pudesse mais continuar. Mas eu acho que não era bem assim, porque a Província sempre apoiou frei Leto.

(Aqui, Lenira interrompe para mostrar o pé que estava inchando e começa a explicar a respeito de um incidente que ocorreu pela manhã, quando caiu e torceu o pé. Como ela começou a falar demais, interrompi a gravação. De repente, o assunto voltou, Lenira falando não me lembro a respeito de quê.)

Lenira

Isso deve ter sido em 58, 59.

O SISTEMA DE ENSINO.

AS TROCAS DE DIREÇÃO.

Waldemiro

Mas, isso não interessa.

(Risos deles e meus também.)

Lenira

Interessa. Interessa sim. (Falando rindo.) Eu trabalhava com o Santa Isabel e a freira que me perguntou se eu queria trabalhar em outro lugar, que eu estava recém-formadinha, igual a ele.

– *Eu quero. Em que parte, manhã ou de tarde?*

– *De manhã.*

– *Então, eu vou lá.*

– *Então, vai lá conversar com ele.*

E eu fui, mas eu não sabia que eram todos homens e eu era menina nova, terminando o curso normal. Quando eu cheguei lá e me deparei com aquele bando de senhores... podiam ser meus pais até:

– *Ai, meu Deus!*

Eu me senti totalmente desprotegida. Aí, eu encontrei essa alma boa lá na secretaria... (Apontando para o marido.) ... então, tudo o que eu precisava eu pedia para ele. Aí foi nascendo aquela amizade, aquilo tudo... e aí...

Waldemiro

... deu no que deu.

Silvia

Mas, a direção autorizava o namoro?

Waldemiro

Não, a gente nunca namorou.

Lenira

E o medo que eu tinha das crianças? Então, eu soltava a criançada um pouquinho mais cedo e aí, depois, ele vinha com o carro me trazer em casa para eu almoçar e depois ir para o Santa Isabel. Então, foi assim tudo muito por debaixo dos panos... E depois que a gente firmou o negócio e estávamos certos que queríamos casar... foi uma coisa muito rápida o nosso namoro, porque nós começamos a namorar em fevereiro, em setembro nós noivamos e em dezembro nós casamos. Aí, falamos com frei José Luiz, e ele ficou muito contente...

– *Ai, que maravilha! Eu estou muito feliz e parará...*

Ele, então, disse que o frei Evaristo casaria e ele levaria o coral para cantar. Foi muito bonito.

Silvia

Para que a gente possa dar uma fechada, em função do tempo, em função da hora... estou preocupada com o pé da Lenira...

Lenira

Não, não se preocupe não...

Silvia

Bem, na verdade, o ponto central do trabalho é a chegada do Bom Jesus e o

que ela causa, o que isso gera de história nessa história que vinha acontecendo... O que o professor Waldemiro me conta disso?

Waldemiro

Êêêêêêhhh... Agora acho que você já precisaria colher dados com outras pessoas porque praticamente quando eles chegaram eu saí. *Êêêêêêhhh...*

Silvia

Mas, é essa sua saída? Porque, nessa época, eu estava lá...

(Ele não me deixa terminar de falar.)

Waldemiro

Minha saída praticamente foi em decorrência do fato de que a administração que eu fazia antes seria toda concentrada lá em Curitiba. Inclusive folha de pagamento, eu não sei como está sendo feito hoje, mas, na época, fizeram tudo lá em Curitiba, porque o Bom Jesus lá também assumiu o Colégio Santo Antônio, de Blumenau, assumiu o Colégio Diocesano, de Lages – esse do Pari é que eu não tenho certeza – e os Canarinhos. Pelo menos esses três com certeza. Então, concentraram toda parte administrativa em Curitiba. Aí, não tinha mais nada pra mim ali... ia ficar fazendo o que lá? Não sabia fazer faxina (*Fala rindo.*). Então, eles resolveram fazer esse acordo comigo.

Lenira

Agora, resta a nós saber por que razão houve isso... eles resolverem sair do Canarinhos para o Bom Jesus? Conta isso um pouco. Como foi essa chegada? Foi uma chegada tranquila? Porque, para todos, a chegada do Bom Jesus foi um pouco complicada de entender.

(Era interessante observar que a Lenira falava muito do que eu tinha vontade de perguntar. Porém, ela interrompia a fala do professor Waldemiro. Talvez porque ela sentisse o mesmo nervoso que eu, com aquela fala pausada, calculada. Cada palavra dele, ele media antes de dizer...)

Waldemiro

Eu tenho, na minha visão, que isso foi uma imposição, uma decisão unilateral da Província franciscana, justamente com esse objetivo de reduzir custos para diversos colégios da Província e também com o objetivo de uniformizar a parte pedagógica. Tanto que eles mandaram praticamente a turma toda para fazer estágio lá em Curitiba. Você chegou a ir?

Silvia

Sim, sim, várias vezes.

Waldemiro

Mas também foi tudo muito nebuloso. No meu entender, foi isso, uma decisão unilateral da província, ninguém foi consultado a respeito. Frei José Luiz não pôde dar a sua opinião, pra saber se era bom ou se não era...

Silvia

E frei Cesar era, nessa hora, do colégio ou da Associação?

Waldemiro

Frei Cesar... não! Frei Cesar já era o diretor. Ele se formou e conseguiu o registro de diretor e passou a exercer a função. Não me lembro quando foi a tomada

de posse, disso eu não me lembro, não, mas...

Lenira

Agora, será que os franciscanos decidiram isso tudo aleatoriamente, sem falar com o frei José Luiz? E depois chegaram e deram a notícia, assim?

Waldemiro

É... pelo menos frei José Luiz nunca me disse que tinha sido consultado a respeito... ou que teve que dar algum parecer... Não foi assim, não.

Lenira

Deve ter sido coisa lá dos maiores, não é? Talvez. Agora, a escola estava causando prejuízo para eles?

Waldemiro

Nãããã!!! Financeiramente? Não! Financeiramente a gente não dava prejuízo não. Tanto que, ultimamente, nós tínhamos um compromisso com o BNDS de um empréstimo grande, de quatrocentos e tantos mil reais. Tínhamos que fazer um esforço tremendo todo mês para reservar vinte e um mil reais, na ocasião, para pagar. Isso foi... foi até junho de 99. Foi alguns meses depois que eu já tinha saído, não é?

Silvia

O senhor saiu quando?

Waldemiro

Em 98. Final de 98.

Silvia

Então, bem na chegada mesmo da...

Lenira

É... foi... eu lembro...

Silvia

No período de transição, não é?

(Falei, olhando para ele, tentando que ele se colocasse. Naquele momento, me irritei com a interrupção, mas perguntei tentando não colocar na voz a minha irritação.)

Lenira

(Ainda que eu olhasse para o professor Waldemiro...)

Sim, eu me lembro bem.

(Silêncio. A questão havia sido dado por respondida.)

Silvia

Naquela época, já havia sido comprado o terreno⁵?

Lenira

Aquela lá em cima?

⁵ Trata-se de um terreno atrás do colégio, muito grande, com área de preservação ambiental e construção de preservação histórica. Trouxe essa questão na tentativa de recuperar a entrevista.

Waldemiro

Justamente, foi nesse período de transição: 98...99.

Silvia

Mas, o terreno, então, não foi comprado pelo colégio?

Waldemiro

Não... não...

Lenira

Não... Não foi do tempo do frei José Luiz, não...

Waldemiro

Não. O colégio foi comprado pela Província franciscana. Está em nome da Província franciscana.

Silvia

Sim, o terreno do colégio é do tempo em que frei Leto procurava a sede para o instituto, mas e aquele novo terreno, lá atrás? Esse também é da Província?

Waldemiro

O debaixo, não. Onde está situado o instituto, aquele foi adquirido com recursos captados pelo frei Leto, através de doações, festas, subvenções...

Lenira

Ele começou, primeiro, comprando uma casinha pequenininha, ali na (rua) Piabanha.

Waldemiro

Ah, é!

Lenira

Ali ele começou. Ali, você vindo naquela ponte da Piabanha, onde tem aquele negócio da universidade... um pouquinho mais prá lá, agora tem um casarão enorme com umas janelas verdes e é qualquer coisa de secretaria de saúde, ao lado tem uma casa... até tem uma coisa diferente... diferentona... ali era uma casa bem antiga, que frei Leto comprou. Ali foi o começo, não foi? Não foi a primeira coisa que ele comprou?

Waldemiro

Foi, foi. Depois, chegou à conclusão de que seria muito pequeno...

Lenira

Foi... Ele alugou aquilo muito tempo...

Waldemiro

Depois, ele conseguiu vender e, com o recurso da venda e mais outros que ele conseguiu, ele comprou esse terreno da Santos Dumont.

Lenira

Que pulo, não é? Foi um pulo bonito. A gente que viveu isso tudo com Waldemiro... foi muito bonito. E ele era uma pessoa de uma humildaaaaade... Uma coisa assim, que você ficava impressionada. Você teve contato com ele.

Silvia

Sim, sim, cheguei a conviver bastante.

Lenira

Ele era um amorzinho, não é? Devia ter um ideal muito grande. Porque, para ele ter lutado esse tempo todo...

Silvia

Já diferente do frei José Luiz! Ele teve uma luta tão intensa quanto... Não sei, pois não acompanhei o tempo todo do frei Leto, mas ele tinha a alma ali, não? E frei José Luiz?

(Provocando para trazer a discussão para mais próximo do tempo que pesquiso.
Tive a impressão que o professor Waldemiro queria falar do tempo do frei Leto.)

Waldemiro

Mas frei José Luiz encontrou muita coisa plantada.

Silvia

Ele fez um trabalho de continuidade, é isso?

Lenira

É... exatamente isso.

Waldemiro

E com muita competência, também. Porque ele teve que fazer das tripas coração. Conseguiu verbas do Ministério... fez viagens à Europa...

Lenira

É... ele foi muito lutador. Frei Leto, coitadinho, era medroso. Ele pensava:

– A gente não pode fazer assim não.

– Não, é melhor a gente ver... Vamos pensar... porque de repente... temos que conversar...

Ele nunca dizia sim na hora para uma idéia avançada que você tinha. Tanto que, quando a gente trabalhava lá, a gente tinha missa para ir aos domingos com as crianças. Nós éramos obrigados a assistir à missa com as crianças. Depois, nós saíamos com as crianças para irmos para a escola para carimbar a cadernetinha deles.

Waldemiro

Controlar...

Lenira

E olha, quando chegava no fim do ano, ele se reunia com os professores separadamente e nós tínhamos uma folha grande onde nós fazíamos todas as anotações. E ele queria saber porque esse menino faltou tanto à missa. Quando o garoto não aparecia, você já tinha que pressionar:

– Por que não veio?

Porque, quando chegava no final do ano, ele queria saber direitinho. E quando frei José Luiz chegou, a gente ficou naquela expectativa de ver como será que frei Leto ia receber a chegada de um sangue novo. Um sangue novo porque ele era também muito vibrante, como é até hoje... Ele sempre chegou com aquele jeito:

– *Cheguei!*

Frei Leto, não... chegava... e a gente ficava nessa dúvida:

– *Será que ele vai compreender?*

Mas, graças a Deus, eu acho que Deus ficou aí entre eles... porque era difícil.

Silvia

Eu lembro de ter ouvido a respeito de algumas coisas, como, por exemplo, o caso da Kombi, que frei Leto não queria que mudassem a cor de jeito nenhum. O uniforme também... Não teve histórias assim?

Lenira

É porque ele trazia aquele ideal e vendo aquele crescimento muito grande... porque eles eram muito pobres... A escola era tão pobre... quando nós casamos, eles não tinham nem a máquina de calcular. Então, o que Waldemiro fazia? Como ele cuidava da escola, dos alunos, notas, etc, ele ia, no final da tarde, caindo a noite, na loja em que o irmão trabalhava – o irmão pegava aquelas máquinas antigas de rodar assim. Me lembro como se fosse hoje. Eu ia dormir com aquele barulho tá tá tá tá tá tá tá...

Waldemiro

Eu, calculando as médias.

(Risos.)

Lenira

Então, era assim, a noite toda ele somando, somando... aquilo tudo para, no dia seguinte, entregar a máquina para o irmão e dar as notas para os alunos. Quando chegou o ginásio, continuou assim, muito complicado. Nunca tinha dinheiro, não é, Waldemiro?

Waldemiro

É...

Lenira

No tempo em que eu trabalhei lá, nós não éramos... não tinha nada de INSS... Então, eu não tenho uma aposentadoria, não tenho nada. A gente não reivindicava... naquele tempo... não tinha, não tinha. Trabalhava e recebia aquele dinheiro todo mês. Ia vivendo com aquilo... Mas, depois, continuou. Aquilo ali foi tudo muito suado. Muito, mas muito mesmo. Olha, terminou nosso casamento... Nós tivemos que marcar dezessete de dezembro... Nós escolhemos a semana antes do Natal para a gente poder casar e dar uma saidinha assim rápida pra depois voltar. Não tinha ninguém que ficasse no lugar do Waldemiro.

Waldemiro

Ah, e dezembro foi a primeira formatura do ginásio! Sábado, 10 de dezembro!

(Ele falou com um orgulho!!!!)

Sábado, 17, foi nosso casamento.

Lenira

Sabe, então era tudo ali em função da escola. Era ele, ele, ele, e só ele. Frei Leto deixava, sabe. Então, foi assim, foi bem sofrido...

Silvia

(Pela primeira vez, me dirigindo à Lenira.)

A senhora continuou lá até quando?

Lenira

Eu terminei meus estudos de normal em 57. Então, eu devo ter ido para lá em 58... por aí... 59... Não foi mais do que isso. Em 70, nós casamos. E aí, eu custei a engravidar... eu fiquei seis anos sem ter filho... então, eu continuei trabalhando lá. Mas depois, eu engravidei do Fernando, falei com o Waldemiro:

– Ah! Não dá mais!

Não tinha porque razão eu continuar ali com aquele parco salariozinho... E com quem eu ia deixar o Fernando? Não tinha condições de ter uma empregada... Mas aí já estava mais aberto para as mulheres, pois eu tinha levado uma colega de trabalho: a Marise. Se lembra da Marise? Marise Machado também foi professora lá. Ela dava aula no Santa Isabel comigo. Aí, quando os professores já estavam bem idosos e começaram a sair, ele quis começar com professoras. Depois da Marise, veio a Dona Isabel... que também trabalhava aqui no Santa Isabel. Ele levou pra lá. Aí, foi ficando mais light. Já foi modernizando mais...

Acabaram com o compromisso da missa aos domingos... porque a gente vivia muito presa. Queria fazer um programinha, queria ir viajar, não podia. Não tinha como, pois tinha que levar as crianças à missa. A primeira comunhão, eu é que preparava. Eram uns sessenta, setenta alunos... Você tinha que arranjar até roupinha, porque eles não tinham... Aí, você pedia a um... dava uma calça, dava uma camisa... O outro dava um tamanco... o outro dava um sapato... para poder organizar as turminhas para fazerem a primeira comunhão. Ali era tudo muito pobrezinho.

E que sonho o dele ver realizado aquela maravilha que ficou lá... É uma coisa de louco... A gente pensa constantemente nele, não é? Aquele ideal dele se realizou!

Silvia

Que bom que ele conseguiu ver o Instituto!

Lenira

Ele também deve ter ficado muito contente com o fato de eles terem ido para a Europa... ele participou disso... o coral cantou na terra dele⁶ pra família dele... Ele ficou muito feliz... É isso aí, minha filha! Agora, com a chegada desses aí, o negócio ficou meio... meio estranho...

Waldemiro

É uma outra fase, não é? Isso aí...

(Silêncio. Mantive o silêncio, pois a fala era do professor Waldemiro. Lenira silenciara enfim.)

Você talvez pudesse conversar com frei José Luiz para saber detalhes sobre a vinda... a vinda do Bom Jesus.

(Eu sorri. Mantive um pouco mais o silêncio. Nada. Perguntei, então.)

Silvia

O senhor chegou a trabalhar com frei Cesar na direção, não chegou?

⁶ Frei Leto era alemão.

Waldemiro

Não... Acho que frei Cesar assumiu a direção em 1996.

Lenira

Ué, você saiu quando?

Waldemiro

Eu saí? Eu saí em 98. É... É eu cheguei a trabalhar com frei Cesar, sim. Mas acontece que, na ocasião, eu já não estava mais como professor... Eu não estava mais lecionando. Então, meu contato com frei Cesar era mínimo, era praticamente nenhum. Frei José Luiz é que estava o tempo todo mais comigo. Frei Cesar não se imiscuía, não se imiscuía no setor... administrativo.

Silvia

Ele ficava mais no pedagógico?

Lenira

Ah, então foi isso que eles ficaram mais separados...

Waldemiro

É... é!

Silvia

Até nós, como professores, às vezes não entendíamos como eram as relações entre freis, direção, diretor, quem é que decidia o quê... Era uma coisa muito nebulosa... Dessa palavra eu gostei.

Waldemiro

Mas frei José Luiz sempre me garantiu que ele deixaria tudo a critério do frei Cesar a partir do momento em que ele assumiu a direção. Ele sempre disse:

– Eu quero que ele assuma mesmo. Eu não vou interferir em absolutamente nada.

Agora (**Rindo**), não sei como foi que frei Cesar teria entendido isso aí, não é? Porque frei José Luiz continuava lá.

Silvia

Talvez Frei Cesar tivesse entendido, mas, para os professores, a figura do frei José Luiz era uma coisa tão marcante, não era? Ele era tão pai de todos que talvez seus filhinhos não quisessem abandoná-lo...

Waldemiro

É verdade! É...

Lenira

Vocês devem ter sentido como nós sentimos, na ocasião, quando chegou frei Leto. Essa expectativa... Essa expectativa de ficar pensando se será que eles vão se entender. Um mais novo... um mais velho... o mais velho é mais... do antigo... Chega um com sangue novo, é sempre ... causa sempre aquele frisson.

Silvia

Eu até coloco isso no trabalho. A imagem que eu tenho dessa história é que, de alguma forma, ela tenha-se repetido em termos de sentimentos entre as pessoas...

Lenira

Só que ali não tinha tantos funcionários, tantos professores... Porque, depois, a escola cresceu assustadoramente. Agora, frei Leto não chegou a acompanhar isso, não é Waldo?

Waldemiro

Ah, sim. Frei José Luiz chegou em 73 e frei Leto faleceu em 88, não é?

Lenira

Ah... então eles ainda conviveram bastante!

Waldemiro

É, foram quinze anos de convivência... quinze anos!!! Cinco anos de convivência, os dois morando lá... juntos... no Instituto.

Silvia

Para frei José Luiz, foi uma missão acompanhar frei Leto, não é?

Lenira

Ah, sem dúvida.

Silvia

A história só não se repetiu porque frei Cesar, por decisão própria ou por imposição da Província, deu um encaminhamento diferente. E aí entrou a Associação.

Waldemiro

É uma questão muito pessoal, não é? De cada um... De repente, frei Cesar já imaginava que pudesse ser tolhido nas decisões dele, apesar de frei José Luiz ter sempre declarado, e demonstrado também, que ele sempre deixou a direção livre ao frei Cesar... para tomar as decisões dele. Agora, como frei Cesar via isso? Na prática, a gente não sabe. Frei Leto era muito mais humilde. Ele, na presença do frei José Luiz, se submetia a tudo. Tudo que frei José Luiz determinasse estava resolvido. Com ele não tinha problema. Mas agora, com frei Cesar, não sei.

Lenira

Agora, pra você, perdeu aquela coisa pequenininha, não é? Porque antigamente era aquela coisa...

Waldemiro

Não, não chegou a perder não, porque eu cresci junto. Eu fui crescendo... tomando parte daquele... daquele crescimento todo... Não foi uma coisa que aconteceu assim... de repente. Eu fui acompanhando paulatinamente o crescimento. Então, eu não senti...

Lenira

Será que frei José Luiz sentiu alguma coisa? Isso a gente não sabe. Engraçado como umas coisas assim a gente nem pensa.

Silvia

Eu começo a pensar agora muito em função da pesquisa...

Lenira

E a gente pensa... eu penso que ele ficou muito triste, muito machucado... Não acha

não?

Silvia

A gente pensa muito a partir do que a gente sente. Eu fiquei muito machucada com a história e a gente começa a achar que os outros também ficaram. Porque essa é uma história que a gente vem tecendo... Quando professor Waldemiro me conta, ele só vai atualizando coisas que a gente vivia mesmo. Então, com a chegada da Associação, a gente sente um baque.

Eu tento entender o que isso foi para as pessoas. O que isso significou para as pessoas? Então, acho que a gente podia até, para poder encerrar, falar sobre o que foi isso para o professor Waldemiro. A sua saída está associada diretamente a essa chegada da associação?

Waldemiro

Eu só teria uma palavra a dizer a você: foi tranqüila.

(Esse momento foi de muita angústia. Eu sabia que não era isso que eu queria ouvir. Eu queria que ele compartilhasse do grupo de sofridos. Contudo, eu não acreditei. Sua fala era muito calculada, lenta, pontuada... como havia sido no início da entrevista.)

Silvia

Foi tranqüila?

Waldemiro

Eu acho que eu cheguei lá e fiz a minha missão.

(Riu.)

Lenira

Pelo menos ele diz que estava-se preparando, que, quando frei José Luiz saísse, ele sairia também. Mas aí eu não sei. Frei José Luiz chegou a terminar o tempo dele aí?

Waldemiro

Não. Frei José Luiz estava...

Lenira

Ele tinha que terminar o quê... aposentadoria... o quê?

Waldemiro

Não... o tempo de... de... que ficou determinado pela província. Ele ficaria até 2000. Talvez... isso nunca foi dito... foi justamente para introduzir frei Cesar naquele novo ambiente... Talvez a Província tenha imaginado isso, que, se frei José Luiz saísse hoje e frei Cesar entrasse amanhã, provavelmente encontrasse algumas dificuldades, algumas dúvidas. Então, a Província já previu a permanência do frei José Luiz durante algum tempo, juntamente com frei Cesar, mas não para dividir a direção. Mas eu tinha programado a minha saída junto com a do frei José Luiz. Mas, quando chegou, dois anos antes, o Bom Jesus...

Silvia

As coisas acabaram se precipitando. Mas missão cumprida, não é, professor Waldemiro?

Waldemiro

Sim... Eu cheguei ao final da minha missão... Então, com toda tranqüilidade... não tem ... talvez você ... imagino que você tenha-se machucado,

porque, depois que você recebeu todo apoio inicial, foi fazer curso lá em Curitiba e, logo em seguida, dispensaram seus serviços... Eu fiquei muito triste com a Sônia... Ela precisava. Ela tinha necessidade de se manter no emprego e, mal ela chegou de Curitiba, depois de um curso que ela fez lá, ela foi dispensada, já depois do início do ano letivo. Isso aí, sinceramente, eu fiquei magoado por ela. Mas, por mim, jamais. Por mim, não.

(Silêncio.)

Bem, esse livro eu tenho a impressão de que vai servir para você, para fazer um prólogo de sua dissertação.

Lenira

Não, meu filho, a parte técnica ela já fez. Agora ela está fazendo só arremates. Ela vai defender agora, em fevereiro.

Waldemiro

Fevereiro está longe.

(Risos.)

E outra coisa: essa nossa conversa pode não se encerrar aqui. A hora que você quiser, a hora que você precisar...

Silvia

Ah... isso eu gostaria. Deixar essa porta aberta, porque, às vezes, em uma entrevista, na hora em que repensa o que conversou...

Lenira

Aí você vai anotando tudo e volta.

Silvia

É. Essa primeira conversa é assim muito indeterminada... Depois, podem surgir dúvidas que, se a gente pode voltar a conversar...

(Terminada a conversa, precisei aceitar um guaraná e biscoitos, que foram gentilmente servidos pelo professor Waldemiro, para evitar que a esposa precisasse ficar andando, devido à torção no pé. Saí feliz com minha primeira entrevista.)

entrevista com

márcio

20-novembro-2005

ENTREVISTA COM MÁRCIO**20-NOVEMBRO-2005**

Depois da entrevista com professor Waldemiro, fiz entrevistas com Marisa, Marilda e Sônia. Não sei dizer o que aconteceu, mas, quando fui passar para o computador, só havia silêncio no arquivo do gravador digital. Uma tristeza e um desespero tomaram conta de mim. O que fazer? Não havia escolha: remarcar. Consegui fazê-lo com Marilda e Marisa. Falarei mais a respeito.

Cabe aqui dizer que ganhei novo equipamento de meu marido, que percebeu a minha insegurança e falta de confiança naquele meu gravador tão moderno... Minha entrevista com Márcio tinha sabor de inauguração do gravador novo, daquele modelo para fita cassete.

Silvia

A idéia do gravador é... se a gente fica anotando respostas, fica muito artificial a conversa. O tempo da fala é muito diferente do tempo da escrita. Depois, eu transcrevo e levo para a pesquisa as questões que têm a ver com o que eu estou escrevendo. Bem, vou falar um pouquinho do trabalho para você imaginar qual é a idéia de eu estar entrevistando você.

O que eu estou fazendo? Eu estou escrevendo a história do colégio, a história, hoje, do Colégio Bom Jesus Canarinhos, e tentando trazer para o trabalho esse movimento da passagem de Colégio dos Canarinhos para Colégio Bom Jesus Canarinhos... como é esse período de transição. Agora, o que eu senti necessidade? De contar a história de outros tempos também, porque, para se perceber a mudança, você precisa ir lá no tempo da Escola Gratuita São José, contar a história do Colégio dos Canarinhos... das direções... O meu trabalho começa com a minha narrativa sobre o que eu lembro dessa história, do que eu sei a respeito.

Não é um trabalho de busca de fontes documentais, não. É um trabalho em cima de narrativas na primeira parte do trabalho. Agora, na segunda parte trago as entrevistas, na busca de outras narrativas até para poder mostrar que a história é feita de versões.

Eu tenho uma versão dessa história. O que eu quero pedir para você é que me conte a sua versão da história. Como é essa história para você? O que você conhece? E como foi a sua trajetória no colégio? Porque, pela trajetória de cada pessoa, a gente constrói mais uma versão da história.

(Márcio, todo o tempo, ia confirmando minha fala com a cabeça. Eu agora esperava que ele falasse e obtive um

– Hum! Hum!

Será que falei demais? Acho que sim. Bem, vamos tentar de novo.)

Eu queria que você me contasse... como você chegou lá... como foi o colégio para você?

Márcio

Quando eu fiquei sabendo do colégio... foi por meio do coral, porque, quando eu estava terminando filosofia, lá em Rondinha (Márcio é ex-franciscano), a gente já pensava:

– Quando eu for para Petrópolis, quero cantar no Coro dos Canarinhos.

E foi aí que eu conheci a escola. Uma ou duas vezes por semana, eu ia para participar do ensaio do coral e conheci alguma coisa do colégio. O meu envolvimento maior era com o coral. Depois, a gente foi fazendo os ensaios, conversando com o frei José Luiz, com os outros freis que cantavam lá também. Aí, numa época, surgiu a oportunidade de formar uma comunidade dos freis na escola.

METODOLOGIA DE PESQUISA: POR QUE O GRAVADOR?

O TRABALHO COM AS NARRATIVAS: O FATO E A VERSÃO DOS FATOS?

Então, primeiro foi frei Robson. Não, primeiro foi frei César, frei Marcos, depois eles convidaram frei Robson e depois, por intermédio dele, eu fui participar da comunidade. Então, a partir do momento em que eu estava morando na escola, fiquei sabendo mais das decisões do colégio. Até então, eu não trabalhava nem como professor nem como orientador. Meu envolvimento maior era com o coral. Frei César era diretor na época e frei José Luiz era o diretor e o regente do coral. Foi a partir desse convite que eu comecei a ir para a escola e fui morar com os outros freis.

Silvia

Quanto tempo você morou lá?

Márcio

Dois anos... dois anos! Logo depois, teve aqueles começos de decisões de tirar a comunidade religiosa... eu e Robson tínhamos acabado teologia... Robson ficou três anos. Eu fiquei dois porque eu entrei por último.

(Silêncio.)

Silvia

Aí, você foi para o colégio para dar aula. É isso?

Márcio

Quando eu entrei para a comunidade, cada um de nós tinha uma tarefa. Então, frei José Luiz pediu que eu desse orientação ao coral, aos meninos. Mas, dentro de sala de aula, eu nunca trabalhei. Eu trabalhava muito com os professores e os funcionários da limpeza, da cozinha... Uma vez por semana, a gente se reunia com elas para fazer uma oração, uma reflexão do evangelho... fazer um trabalho de formação dos funcionários. Com os professores, era mais a presença para conversar com eles, mas não tinha nada marcado, sala de aula... E ajuda na catequese! Tinha toda a organização, que era do professor Arnaldo, que trabalhava na catequese. Nessa época, a gente, esporadicamente, o ajudava, às vezes nas aulas, às vezes nas atividades de formação, às vezes na missa... A gente estava sempre ligado a ele. Mas, dentro de sala de aula, a gente não tinha esse envolvimento.

Silvia

E quando você vai para lá como professor?

Márcio

Quando eu fui? Depois que acabei teologia, a gente... a gente... eu saí de lá. Fui para o Sul, fiquei oito meses em Florianópolis e, depois, me chamaram para trabalhar em um colégio no Rio. Isso foi em 99. No final de 99, fui ao colégio para conversar com frei César e professor Milton, que era o gestor. Conversando com eles, falaram que precisariam de uma pessoa para a aula de religião e eu falei:

- Ah! Eu poderia assumir.

Aí, deixei o colégio no Rio e, no ano seguinte, eu entrei no Bom Jesus. E junto, também, entrei em outro colégio, Instituto Social São José. Então, a partir daí, eu entrei como professor mesmo. Eu trabalhava com todas as turmas do fundamental e também do médio. Ensino religioso era até oitava série e primeiro ano era um trabalho de formação. Eram encontros planejados junto com a coordenação.

(Aqui, ele pigarreia e silencia. Que nervoso. Fala, Márcio, me dava vontade de dizer.)

Silvia

Então, na verdade, você já entrou no Colégio Bom Jesus Canarinhos, nem chegou a trabalhar no Colégio dos Canarinhos. Já era Bom Jesus.

Márcio

Quando eu morava na comunidade franciscana¹, nesse ano que eu fiquei fora,

foi o ano que entrou o Bom Jesus. Nesse ano que eu entrei, fazia um ano que haviam recém-modificado, direção e todo planejamento que existia. Nessa época, conversando com os professores, a gente via neles a preocupação com essa mudança. Então, eles comentavam que, no ano anterior, que foi o da mudança, foi muito difícil... tudo modificado.

E uma coisa que chamava muita atenção é que eles falavam:

- Eles pensam que a gente aqui é como Curitiba.

Falavam coisas assim:

- Eles vêm aqui e não respeitam as nossas idéias, a nossa história, porque a gente já tem uma caminhada de colégio e eles vêm para cá pensando que a gente não sabe fazer isso.

Com quem diz, não é, até agora vocês não fizeram nada direito, a gente vai ensinar como é que faz. Então, o maior comentário que eu escutava foi em relação a isso. Não havia esse respeito pelas coisas que aconteciam antes de chegar esse novo grupo. Então era prova pronta, projeto pronto, planejamento pronto e nunca perguntavam para as pessoas se podia fazer diferente. Empurrava o pacote e tinha que ser daquele jeito.

Silvia

Você sentia isso ou isso estava na cabeça das pessoas e não era bem assim? Era isso mesmo que acontecia?

Márcio

Por um lado, esse era o comentário que todo mundo fazia. Por outro, eu sentia um pouco isso sim. Porque já vinha tudo como que fechado e, muitas vezes, na aula de religião, eu perguntava sobre alguma modificação e sempre me remetiam para que eu falasse com Curitiba. Então, como quem diz:

- Ali não se decide nada.

Até se abria essa oportunidade. Pelo menos, tem algum lugar onde se pode questionar uma modificação. Mas, por que não a gente decidir juntos? Era toda uma época de transição, não é? Para ir de um modo de organização para outro... então, talvez, eu refleti assim dizendo:

- Se até aqui não deu muito certo, por causa desse tipo de organização, vamos fazer de outro jeito para ver se vai dar certo.

Então, vamos fazer do jeito que o Bom Jesus faz para ver o que vai acontecer.

(Silêncio.)

Silvia

Na época que você trabalhava no colégio, você trabalhava em que coordenações? Diretamente comigo você não trabalhava, não é?

Márcio

Eu ficava na coordenação da catequese. No segundo ano em que eu fiquei na escola... no primeiro ano, eu trabalhava em sala de aula e a coordenação era feita por Curitiba. No segundo ano, professor Milton me fez uma proposta, que eu saísse mais de sala de aula e fizesse essa coordenação, porque havia um projeto das unidades, onde havia um determinado número de horas que a gente poderia usar para o que a gente chamou de coordenação, mas na época era um outro nome que não estou lembrando agora. Então, no segundo ano, eu fiz assim.

Silvia

⁷ Quartos no terceiro andar do prédio de música onde moravam os freis desde a época ainda do Frei Leto! Moraram ali, Frei Leto, Frei José Luiz e Frei Nishiura. Em outro tempo, Frei José Luiz, Frei Cesar, Frei Marcos, Frei Robson e Frei Márcio. Frei José Luiz chegou a morar um tempo sozinho.

Então, você não ficava ligado diretamente às coordenadoras? Ficava ligado diretamente a Curitiba?

Márcio

Não. Havia aquela reunião semanal de que a gente participava e ali decidia juntos as coisas da escola, juntos com as coordenadoras. Mas muita coisa de planejamento, de projeto, de aula era remetida tudo a mim e eu repassava para a escola.

(Novo silêncio.)

Silvia

E como foi sua saída do colégio, Márcio?

Márcio

A saída? Na época em que eu fui demitido era Rose, a gestora que entrou logo depois do professor Milton. Foi no final de 2003. Então, era final do ano, era formatura. E como todo final do ano, tinha aquele comentário:

- Quem é... qual é o grupo que vai ser mandado embora dessa vez?

Porque todo ano tem um monte de gente.

- Então, será que esse ano, sou eu?

Então, quando chegava no final do ano, era o terror para todo mundo, para ver quem que ia ser chamado para ser mandado embora. Eu percebi, da parte da Rose, às vezes, quando a gente se encontrava, se via no corredor, que ela tinha um olhar diferente, como quem diz:

- Eu quero falar uma coisa para você.

Mas não tem coragem. Aí, um dia, a gente estava conversando sobre alguma coisa sobre a formatura, na sala dela, então ela aproveitou e falou comigo:

- Curitiba teve que fazer um remanejamento de uma série de coordenações, uma série de horários, e o cargo que você assume hoje, que era promover, organizar os eventos da escola, esse cargo não existe mais. Então... a gente não vai ter como ficar com você. Você já não está em sala de aula e em sala de aula já temos outros professores. Então, por causa disso...

Essa foi a justificativa de terem me mandado embora.

- Bem, se foi essa decisão, pra mim não tem problema nenhum. Se vocês acham melhor assim...

Até ela me ofereceu assim:

- Olha, a formatura é daqui a tanto tempo, se você não quiser terminar, não tem problema. Porque você já sabe que vai embora, não é?

- Não, comecei uma coisa, eu quero ir até o final.

Até fiz a formatura, tudo que tinha combinado. Foi assim, por causa de um remanejamento da organização de cargos e funções e essa função deixou de existir...

Silvia

Sobrou.

Márcio

É.

Silvia

Me diz uma coisa. Fala da Silvia. Como era a Silvia no colégio? Porque, no trabalho, eu falo muito a meu respeito. Eu vou contando a minha história. De repente, é

bom ouvir de outra pessoa a versão da minha história dentro do colégio.

Márcio

Você, na sua função de organizar... as professoras do infantil. Eu sempre achei você uma pessoa muito competente, muito...

Silvia

Elogios, podemos dispensar.

(Rindo.)

Márcio

Sério! ... de muito conhecimento teórico e prático. Para os problemas que

financeira. O colégio estava com problemas, dívidas... Como Bom Jesus era da mesma Província da Imaculada, ele teve a idéia:

- Vamos chamar o Bom Jesus para poder ajudar a gente aqui!

E foi bom. Pelo menos esse lado sanou. Eu acho que se não tivesse chamado, talvez o colégio estava até ameaçado de fechar... uma crise muito feia. Mas só que frei César, depois que chamou - e depois, até comentando com ele -, ele falava que, muitas vezes, ele se arrependeu de ter chamado, porque, por um lado, ajudou, mas, por outro, trouxe uma série de outras coisas, como, por exemplo, a... a... administração do Bom Jesus é uma coisa profissional, tem que prestar contas, tem uma série de detalhes administrativos... que frei José Luiz e frei César não estavam acostumados a fazer. Era entrada e saída, eles controlavam isso... com o professor Waldemiro... e iam fazendo desse jeito.

Mas, à medida que o colégio cresceu mais e as coisas se modificaram, isso não funcionava mais. A questão da inadimplência estava começando a crescer muito... e quem controlava isso era sempre o professor Waldemiro e o frei José Luiz. Olhavam para a cara da pessoa e falavam:

- Esse eu vou dar desconto. Esse aqui, não.

Então, à medida que as coisas foram aumentando, já não dava mais para ser assim. E, por outro lado, eu via também que eles não sabiam fazer de outro jeito. Então, acho que as duas administrações já começaram a se chocar aí. Isso começou a gerar o conflito entre os gestores administrativos e frei César. E isso, depois, provocou... e, por um lado também... frei César e frei José Luiz... eles eram as figuras... os freis franciscanos que são os representantes da província Imaculada na escola. Então, eles também tinham autoridade para questionar determinadas decisões administrativas dos gestores.

Nessa época, a gente percebia nitidamente que era como se fosse uma... disputa. Grupo de gestores questionando de um lado, franciscanos questionando do outro. Então, foi uma época de conflito entre esses dois grupos. Os gestores - eu percebia isso - questionavam o modo de administração dos franciscanos; por outro lado, os franciscanos questionavam esse modo de administração muito dura e sem muita humanidade por parte dos gestores. Essa guerra dava pra perceber, assim, nitidamente.

Silvia

Foi vencida?

Márcio

Depois passou, não é? Terminou. Não sei o que aconteceu numa determinada época. Começaram a fazer reunião em Curitiba, para que os dois grupos se conhecessem, se encontrassem, se conversassem. E aí isso se dissipou. Não teve mais esse problema.

Silvia

E o ensino religioso, que era o seu espaço no colégio, você já pegou o ensino religioso com a proposta do Bom Jesus ?

Márcio

Quando eu entrei, a primeira coisa que frei César e professor Milton fizeram foi... no final do ano, fui para Curitiba participar das últimas reuniões que iam planejar o ano seguinte. Então, já peguei todo o planejamento e o material para usar no ano seguinte do Bom Jesus... que já estava preparando para ser um livro que agora já existe nas Vozes. Na época, esse livro de ensino religioso não estava pronto. Então, em um ano, planejaram os conteúdos. No ano seguinte, os professores escreveram o livro e entregaram pra gente. A gente colocou em sala de aula e, no terceiro ano, o livro ficou pronto. É o livro que se usa até hoje na escola, que é uma linha assim, mais cristã-ecumênica.

UMA IDÉIA DO FREI CÉSAR.

O COLÉGIO CRESCER: A ESTRUTURA FAMILIAR É INADEQUADA.

FAMÍLIA E EMPRESA: UMA GUERRA NÃO DECLARADA.

O ENSINO RELIGIOSO.

Silvia

Do que a gente conversou, tem alguma coisa a mais que chamou a sua atenção, que você se lembra...

Márcio

Ah... uma coisa que eu acho muito importante é que o colégio tem formação franciscana e quem administra, quem é o gestor, não tem formação franciscana. Então, no final, isso é um risco, porque perde o que é o essencial da escola e troca por uma administração muito profissional, muito boa, muito competente, que tem resultado... mas isso a gente pode cair no risco de perder o que é próprio de um colégio franciscano. Então, um pouco era essa a briga que tinha entre os gestores e os franciscanos. Os gestores combatiam com a administração. Os franciscanos combatiam com o franciscanismo. Para se chamar colégio franciscano, não precisaria dos gestores, precisaria dos franciscanos. Os franciscanos pediram ajuda aos gestores para poder dar uma administração mais profissional. Mas, até que isso acontecesse, teve essa briga, essa luta ou... como a gente poderia dizer?... conflito entre essas duas partes. E tanto que o colégio, depois, investiu muito na formação franciscana de todo mundo, dos professores, dos funcionários... Teve uma época que isso foi muito forte. A gente nem percebeu os resultados, mas eu percebia que aconteceu.

Silvia

Agora, você fala desse conflito que a gente viveu, forte... quem estava lá antes sentia e depois você fala de um período em que passou isso. Passou porque foi resolvido ou passou porque os freis foram embora?

Márcio

Resolvido? Não, eu acho que não foi. Eu acho que, aos poucos, a solução que encontraram foi:

- Vamos tirar as pessoas que estão questionando, no caso lá dos Canarinhos, tentar tirar as pessoas que estão nos questionando na nossa maneira de administrar.

Tanto que conseguiram. Corre uma história dizendo que a saída do frei César e a do frei José Luiz foram toda uma manobra, minar as pessoas por baixo até que elas cansassem e entrassem em conflito com aqueles que estavam administrando e saíssem. Frei César conta que foi até gente contratada para poder, de certa forma, enfraquecer a comunidade religiosa para que eles saíssem do colégio, para depois essa pessoa ser dispensada também.

Silvia

Eu fico pensando assim, quando eu escrevo a meu respeito, enquanto eu estive lá, eu estava acreditando no Bom Jesus. Eles usavam muito aquela expressão "vestir a camisa", e eu vestia a camisa.

Márcio

E todo ano eles davam camisa.

(Risos.)

Silvia

A gente literalmente vestia a camisa (Risos.). Bem, vestia a camisa que eles davam, mas eu vestia a idéia, sabe? E, como você falou, o Bom Jesus trouxe recursos pedagógicos, terminou a obra, terminou toda a estrutura da escola, que estava ainda muito básica naquela fase... havia o prédio, mas as escadas não estavam prontas... O Bom Jesus trouxe recursos, sim, para terminar a parte física. Então, aquilo me empolgava muito. Mas, falemos de você. No meu trabalho, eu escrevo a seu respeito e falo muito do quão franciscano você era ali no colégio... o quanto o espírito franciscano continuava através das suas ações, porque a gente já não tinha frei nenhum ali, mas o trabalho de ensino religioso, o trabalho de formação, ele continuava por essa sua coordenação.

Márcio

Hum, hum!

Silvia

E aí, de repente, assim, eu fico sabendo que tiraram essa pessoa que garantia que o colégio continuasse franciscano. E eu fiquei me perguntando:

- O que estão fazendo com o colégio?

E essa é a pergunta do trabalho. O que estão fazendo com o "nosso" colégio franciscano. Estou colocando o "nosso" de propósito.

Márcio

No ano seguinte ao que eu saí, lá em Curitiba, entrou frei Galdino. Ele é da minha turma, a gente estudou junto. Então, frei Guido o deixou responsável para que, em todas as unidades, ele coordenasse o ensino religioso e a catequese. Então a partir daí, ele mesmo passa a ir em todas as unidades visitar. Ele, de uma certa forma, conseguiu organizar, junto com Arnaldo², que também tem formação franciscana, ele foi franciscano, também.

Silvia

Então é isso... pensar como as coisas vão-se modificando e outras permanecendo... Porque um momento desses traz mudanças e também...

Márcio

Traz coisas boas, mas também ruins. Vem o pacote inteiro.

Silvia

E sempre carregado de surpresas, não é?

(Não transcrevo um trecho, pois o Márcio começa a falar do trabalho dele no Instituto Social São José, outro colégio de Petrópolis. Retorno, pois ele vai trazer uma comparação interessante sobre a forma de ensinar.)

Márcio

Lá, as irmãs tinham plena confiança em mim. Então, passei a participar de reuniões em outras escolas... porque... às vezes... dentro do Bom Jesus, ficava muito preso ali dentro. Passei a participar de muitas reuniões no Rio e em outros colégios católicos... Então, ali ficou até bem mais claro, pra mim, que as escolas de Petrópolis e Rio de Janeiro têm uma cara própria, a começar pela linha. No Bom

A escola é católica, mas não se fecha às outras religiões. Mas, o fundamento principal é o catolicismo. Essa é a linha da diocese aqui.

Silvia

Mas ela não vai tentar evangelizar?

Márcio

Não, não. Ela vai colocar o seu ponto de referência, que é esse. Mas ela não vai querer que os outros se modifiquem...

Silvia

Mas, a escola católica tinha essa função...

Márcio

Hum, hum. Isso... deixar todo mundo católico. Veja, nosso ponto de referência é o catolicismo. Se existem outras religiões, vamos respeitar, vamos conhecer, vamos conviver juntos, com respeito e acolhimento. Não queremos que ninguém mude a sua identidade por causa da nossa.

Silvia

E no Bom Jesus, como esse ensino está organizado?

Márcio

No Bom Jesus é bem claro que é ecumênico. O cristão-católico é uma das partes do ensino religioso. Não é que seja só esse ponto de referência. Então, o ensino religioso, como foi organizado no Bom Jesus, tem as cinco principais religiões, o Cristianismo, o Hinduísmo, o Islamismo, o Judaísmo e o Budismo. Em cima dessas cinco religiões, estão todos os programas e idéias de ensino religioso. Não é a religião católica e as outras em redor.

Silvia

E a questão do franciscano, entra onde?

Márcio

A formação franciscana é ecumênica. Francisco foi ligado à Igreja católica, mas ele nunca desprezou o islamismo, o judaísmo, as outras religiões em relação à igreja católica. Esse foi um dos questionamentos que Francisco fez. E a igreja repensou um pouco o seu modo de se relacionar com as outras religiões. Essa foi a atitude de São Francisco. Ele acolhia o diferente, ele acolhia o ladrão, o que não era cristão... Ele não ficava questionando se era diferente. O gesto dele era de acolher e conversar. Esse é o sentido ecumênico. Não ficar pensando as diferenças, mas conviver com elas. Esse é o sentido principal da formação franciscana.

Silvia

Estou tendo uma aula, aqui.

(Risos.)

Acho que a gente pode terminar nossa entrevista por aqui, podemos? Posso desligar o aparelho ou você quer ainda me dizer alguma coisa?

Márcio

Eu queria primeiro dizer que eu estou muito contente de estar falando isso para você, pois, às vezes, a gente já conversou com outras pessoas, com outras professoras... Mas, deixar isso assim, registrado de uma maneira que vai fazer até parte de um estudo seu, isso é muito importante, porque a gente faz parte da história dos outros e eu fiquei muito contente de falar para você das histórias, das vivências... O que eu vi, eu não tinha falado para ninguém, falei agora para você porque sei que vai fazer parte de um estudo mais aprofundado.

Silvia

Tomara que eu dê conta de toda a sua expectativa. Farei todo esforço mesmo.

Como no final da entrevista, havíamos discutido muito as questões do ecumenismo, terminei a entrevista com a sensação de que havíamos fugido muito e que não havia sido tão proveitosa a entrevista. Eu tinha muitas expectativas em ouvir o Márcio, devido a um registro anterior que tinha guardado, em que dizia que "de certa forma foi um peso que saiu das minhas costas". Essa fala anotei de um telefonema que recebi dele no dia 23 de maio de 2004, quando falávamos de sua demissão no ano anterior.

entrevista com

Marisa e marilda

26-novembro-2005

ENTREVISTA COM MARISA E MARILDA

26-NOVEMBRO-2005

Marquei uma entrevista com Marisa. Já havia comentado com ela, em uma festa de aniversário em que nos havíamos encontrado, sobre o trabalho e ela mostrou-se empolgadíssima e interessadíssima em me ajudar. Ofereceu uns jornais do colégio, que ela carinhosamente havia guardado...

Quando liguei, ela se dispôs à entrevista e mostrou-se muito feliz.

Chegou o dia tão esperado. Cheguei pontualmente e ela elogiou. Fiz a entrevista e ela me relatou, emocionada, toda a sua trajetória na escola. Depois, buscou os jornais. Estava tão animada que insistiu em ligar para Marilda, uma outra ex-professora da escola, que eu deveria entrevistar, segundo ela. Marilda, que mora nas proximidades da casa de Marisa, veio logo.

Enquanto entrevistava Marilda, Marisa foi preparar um lanchinho para nós. Fiz mais uma entrevista emocionada, cheia de detalhes sobre a vida de Marilda imbricada na história do Colégio dos Canarinhos. Eu estava radiante.

Lanchamos, depois conversando mais sobre o momento atual da vida de cada uma de nós, mas sempre recuperando algumas daquelas histórias que acabáramos de lembrar.

Saí de lá, radiante.

No dia anterior, eu entrevistara a professora Sônia, que deu um depoimento apaixonado a respeito de sua história no Colégio.

- Vamos passar esses arquivos para o computador!

- Oh! O que está acontecendo?

Nada. Silêncio. Nenhuma entrevista.

- O que eu faço?

Thompson já me havia avisado a respeito desses imprevistos e, pela primeira vez, gostei de ter conversado com ele. Até então, me incomodava a forma de ele ir-me adiantando o que ia ou não acontecer. Mas, no desespero, é bom ter umas dicas... Então, segui: liguei de novo, expliquei o acontecido e propus refazer as entrevistas.

A única coisa que eu não esperava, pois Thompson não me avisou que as segundas entrevistas foram muito melhores que as primeiras. As professoras Marilda e Marisa - não pude refazer com a Sônia - repetiram o que já haviam contado e trouxeram muito mais lembranças que haviam emergido após o nosso primeiro encontro. Foi excelente!

Silvia

Eu vou colocar no trabalho que essa é uma nova gravação. Acho que é melhor assumir essa ocorrência de que a gente fez toda a entrevista e eu perdi.

Marisa

*Na verdade, eu comecei a trabalhar no Canarinhos em 88, quando o colégio ainda era aqui, ao lado da Igreja do Sagrado¹, trabalhando com língua portuguesa. Depois, nós nos mudamos lá para a Santos Dumont e eu continuei trabalhando, dando aula de português, com mais turmas. Quando foi montado o ensino médio, foi em... em 92, eu também peguei aulas do ensino médio, língua portuguesa e redação. Além de professora, eu ainda fazia umas outras coisas na escola. Eu cuidava da parte de revisão gramatical de **tooodas** as*

¹ Igreja do Sagrado Coração de Jesus – igreja dos franciscanos.

provas, desde a pré-escola até o ensino médio. E tinha uma participação em outras áreas também. Ajudava em época de olimpíada, em festa junina... Eu me metia em tudo.

Silvia

No jornal...

Marisa

No jornal! Isso mesmo! O jornal começou de uma forma assim, tão sem compromisso, e acabou ficando uma coisa tão bonita! Os alunos gostavam demais porque tinha a participação deles. Eles é que faziam. Então, minha relação com a escola sempre foi muito forte. Eu não era só a professora que chegava lá, dava a aula e ia embora. Eu ficava além do horário, sem a preocupação de estar ganhando hora extra. Ficava porque gostava. Tudo o que me pediam, eu fazia com a maior boa vontade. Além disso, tinha uma relação com os professores muito bonita. Todo mundo era muito amigo. Não tinha aquela coisa de competição, de um querer passar a perna no outro. No ensino médio, não tinha, de quinta a oitava, também não e acredito que na educação infantil não tinha isso.

Então, quando surgiu essa coisa da chegada do Bom Jesus, que a princípio foi... isso eu me lembro bem, porque inclusive tem até no jornal... foi por causa da informática, o frei [José Luiz] achou que nós estávamos muito amadores e precisava de uma coisa mais certa, e, como lá no Bom Jesus, eles já tinham toda uma estrutura, dois professores daqui foram para lá junto com frei César. Eles foram lá para ver como que funcionava a informática e trouxeram todas as idéias. E assim, aos poucos, o Bom Jesus foi começando a se chegar aqui para o nosso lado, e aí vinham professores de lá para cá... daqui também começaram a ir professores para lá e começou a haver uma aproximação muito grande, até que eles resolveram chegar em definitivo. Eles quiseram fazer do nosso colégio o Colégio Bom Jesus Canarinhos, mais um colégio Bom Jesus. Na verdade, eu acho assim: os dois freis, tanto frei César quanto frei José Luiz, eles estavam achando que isso seria uma coisa muito boa para a escola, já que era uma parceria de franciscano para franciscano.

Eles não podiam imaginar que o Bom Jesus estava chegando para tomar conta mesmo, para trazer o esquema deles lá de Curitiba para aplicar aqui em Petrópolis, que era uma realidade tão diferente. Por isso, até houve um choque tão grande com as famílias, com os alunos... Uma revolta por parte de alguns... alguns não, da maioria dos alunos. Eles não aceitavam. E a gente via até demonstrações deles mesmos, em época de olimpíada. Eu me lembro, uma vez, um menino jogando. No meio do jogo, quando ele faz um gol, ele levanta a camisa e estava escrito: "Fora Bom Jesus! 100% Canarinhos." Ele fazia isso e mostrava de uma forma bem acintosa, pra todo mundo ver.

Outra vez, também, eu me lembro que o Bom Jesus tinha a mania de por a bandeira do Colégio Bom Jesus ali no pátio e, sempre que eles tinham oportunidade, eles iam lá e jogavam alguma coisa nela... era catchup, mostarda... E nunca aparecia quem fazia isso. Era uma forma de mostrar que eles não estavam felizes com aquilo, com a chegada desse Bom Jesus.

Silvia

Como foi, Marisa? Você se lembra? Ele foram chegando aos poucos, naquele momento da ajuda à informática... Mas, quando chegam em definitivo? Como foi essa chegada?

Marisa

Olha só. Eles começaram... primeiro chegou o novo gestor, aliás, esse nome de gestor... uma coisa que a gente não estava acostumada com esse nome, porque, até então, a gente estava acostumada com nosso diretor, frei

EU ME METIA EM TUDO: O JORNAL.

BOM JESUS: COMENDO PELAS BEIRADAS.

A REALIDADE DE CURITIBA INVADE PETRÓPOLIS.

DEPOIS DA INFORMÁTICA,

José Luiz...

Silvia

Como isso foi apresentado para os professores?

Marisa

É porque, na verdade, frei José Luiz, aos poucos, estava-se afastando da escola, tanto da parte da escola quanto da parte do coral. Ele estava já em fim de carreira, vamos dizer assim. A direção ficaria para frei César. Frei César seria o diretor da escola e viria alguém de Curitiba para ser o gestor administrativo. Foi quando chegou o Rui, que foi um fracasso... Foi uma coisa que ficou seis meses só. Não deu certo. Acredito eu que ele não tinha experiência nenhuma. Ele foi jogado aqui e meteu os pés pelas mãos. E, junto com o Rui, chegou também um rapaz para cuidar da parte financeira, e aí, professor Waldemiro, que cuidava disso já... há quantos anos?... desde que o colégio existe, também foi chutado pra fora. O nome dele era Luizinho... para cuidar da parte das finanças, cuidar das mensalidades... O que a gente sente é assim: a maneira de eles administrarem é uma coisa muito empresarial, coisa que, no nosso colégio, não era. Isso a gente sabe muito bem. Quantos casos a gente sabe de famílias que passavam por dificuldades financeiras e chegavam lá e conversavam, explicavam a situação e dava-se um jeito.

Com eles não tinha nada disso: pode pagar, fica; não pode, sai. A escola se transformou numa empresa. E isso todo mundo sentiu. Os professores sentiram, os pais sentiram... E a nossa escola foi começando a ganhar uma outra cara, não é, Silvia? Uma coisa diferente do que era até então.

Depois dessa parte administrativa, começou a parte pedagógica. Então, vieram pessoas ligadas a diferentes áreas, língua portuguesa, matemática... e começaram a trazer a maneira de eles trabalharem. As provas vinham de Curitiba para nós aplicarmos aqui. Uma realidade diferente... Eu me lembro que... engraçado... houve uma ocasião em que... porque eu olhava as provas todas, não é? Uma prova de matemática, de quinta ou de sexta série, uma prova até muito bem feita, contextualizada, mas os problemas citavam: "publicado no dia tal, no jornal de Curitiba, a matéria tal assim, assim...". Mas Curitiba para nós aqui de Petrópolis? Os alunos, quando pegavam essa prova, eles davam risada. Eles começaram a brincar em cima daquilo. Que prova é essa? Assim, como na matemática, acontecia nas outras matérias.

Então, o nosso aluno começou a ter uma grande rejeição. Eu me lembro que, logo que começaram essas provas, muitos alunos respondiam de qualquer maneira. E outra coisa. Eles começaram a fazer uma tal de uma avaliação, eu não me lembro agora o nome exato, que eles davam. Era uma prova que todas as unidades do Bom Jesus...

Silvia

Avaliação externa.

Marisa

Isso, avaliação externa. Todas as unidades tinham que fazer para eles terem uma noção de como estavam as diferentes unidades. Eu me lembro de que, logo no começo, em português, nós ganhávamos todas. Nós ficávamos sempre em primeiro lugar. Apesar disso, o nosso aluno fazia aquilo de muita má vontade porque era uma coisa de Curitiba. O que aconteceu? Aos poucos, eles foram trazendo mais gente de lá.

Depois desse Rui, veio o Ivan, que também ficou pouco tempo e foi como se fosse uma avalanche. Inclusive, em reunião de pais, a maneira como ele brigava era uma coisa absurda. Depois, saindo o Ivan, veio o Milton, e foi justamente aí, quando chegou o Milton... ele chegou... no final de... 99... e aí

O GESTOR.

SAI CANARINHOS, ENTRA BOM JESUS: A ESCOLA SE TRANSFORMOU NUMA EMPRESA.

DEPOIS DO ADMINISTRATIVO, O PEDAGÓGICO: GRANDE REJEIÇÃO DOS ALUNOS.

OS

eles me pediram para assumir a parte de assessoria. Eu, a princípio, não quis não. Mas acabei aceitando porque vi que não tinha como recusar. Então, continuei dando aula só para redação no primeiro ano e peguei essa assessoria de quarta à sétima série. Foi um ano muito difícil, porque era uma coisa diferente para mim e eu estava percebendo a insatisfação de muitos professores.

(A porta bate:

– Acho que é a Marilda.

Era. Ela atendeu, Marilda entrou, nos cumprimentamos e continuamos.)

Marisa

Onde eu parei? Ah, sobre quando o Milton chegou e eu peguei a assessoria de quarta à sétima. Quando foi no final do ano de 2000, fui chamada para conversar com ele e fui, gentilmente, comunicada que estava sendo demitida. Eu não me esqueço disso. Ele disse que eu estava sendo demitida não é porque eu não tivesse competência... ele disse, com essas palavras:

– *Você confia mais nos freis do que em nós.*

– *Aí, ficou claro na minha cabeça a posição do Bom Jesus em relação aos freis. Eles não vieram aqui para fazer parceria coisa nenhuma, vieram tomar o lugar. E aí foi aquele horror. Eu fiquei desesperada. Eu e a Odete, assessora do ensino médio.*

Silvia

Interessante que muita coisa eu conhecia e a entrevista vai confirmando coisas que eu já escrevi. Uma coisa que eu fiquei surpresa foi quando tia Marilda falou que, nesse ano de 2000, eu também seria demitida. Não foi isso?

Marilda

Frei César já sabia, em outubro, que as três assessoras iam ser dispensadas. Eu soube disso em outubro por ele, porque eu estava na pastoral... porque... quando fui demitida, perdi o rumo da vida. Então, eu queria sair fazendo coisas. Fui trabalhar na pastoral da saúde – até me encontrei com seu pai lá, ele levava um biscoito bom na quarta ou na quinta feira, quando ele ia lá tomar um café com a gente –, fui para a APAI. Eu fiquei totalmente perdida.

Aí, um dia... fiquei sem ter contato com César muito tempo, de junho a outubro. Um dia, liguei para ele e marquei um encontro para a gente conversar e nós fomos numa salinha ali no Sagrado. Naquele dia, ele me falou que ele estava muito triste, muito chateado, que estava-se afastando, já que iam sair vocês três: Silvia, Odete e Marisa. Fiquei... fiquei na minha. O que eu vou fazer? Vou fazer confissão? Não, porque, às vezes, quando eu queria falar uma coisa braba, eu dizia:

– Vou fazer confissão.

Marisa

E, quando acaba, você não foi. Ficou mais quanto tempo? Mais dois anos?

Silvia

Mais dois anos.

Marilda

Eu tenho a impressão de que eles precisavam aproveitar mais um pouco de você.

Silvia

Uma coisa que eu não perguntei da outra vez: fala um pouquinho da Silvia, Marisa. Porque eu escrevo um pouco da minha história na versão que eu conto. Você fala um pouco da sua história. Fala um pouquinho, então, a meu respeito no colégio.

Marisa

Veja só! Eu não conseguia, na época, imaginar a educação infantil sem a Silvia. Porque eu acho que a credibilidade da escola, nessa parte, se devia muito ao seu trabalho. Inclusive os pais, quando traziam os filhos para lá, confiavam sabendo que você fazia um trabalho bem feito. Você estava naquela escola manhã, tarde e noite, não é? Não tinha horário. Qualquer horário que você chegasse, lá estava a Silvia, atendendo pai, atendendo criança, atendendo professor, sempre. Fazia trabalhos extraclasse com os alunos... muito lindos. Então, quando começou essa onda de demissão, eu pensava comigo:

– A Silvia nunca vai sair, porque, se ela sai, acaba a educação infantil.

Tanto que, quando você saiu, foi outro choque. Outro choque para todos nós.

Marilda

Nós achávamos que você ia ser gestora. A idéia era essa. Um dos nomes que estavam sendo cogitados. Mas tinha muita conversa, muito ti-ti-ti; ainda assim, a gente achava. Logo que eles chegaram, Sônia falou:

– A primeira a dançar sou eu.

Marisa

Engraçado... Sônia, logo no início, percebeu uma coisa que ninguém... eu não percebi. Eu estava achando que seria uma coisa boa para a escola. Eu, inclusive, conversava com os professores. Eu me lembro que, em uma época, ia acontecer uma reunião com o tal do Watanabe, que vinha lá de Curitiba.

*Watanabe trabalhava junto com Paulo Cunha². Ele era o braço... esquerdo... o braço direito... sei lá que braço que era, mas ele vinha... e ele pediu para a gente convocar todos os professores, que ele queria colocar até a questão financeira. Menina, eu liguei para a casa de **toooooodos** os professores, convenci todo mundo a comparecer nessa reunião. O salão lá de cima, onde o coral faz os ensaios, ficou lotado. Todos foram! Ele foi lá para a frente, explanou tudo, explicou, mas com um poder de convencimento... uma coisa assim... a gente fica estarecida. Meu Deus, como conseguiram enganar tanta gente assim?*

Marilda

Mas não o tempo todo. Não tem um ditado que fala isso?

Marisa

*Mas, olha ... uma **conveeeeeeeeeeeeeersa!!!** Uma fala!!! que era uma coisa maravilhosa, que iria ser muito bom. Até em termos financeiros... E sabíamos que o pessoal de Curitiba recebia muito melhor do que nós. O valor da hora-aula lá era muito maior do que o daqui. Até isso, sabe? E depois, também, junto com isso as viagens que fazíamos pra Curitiba, uma coisa assim com muita regalia, lá tinha muita mordomia. Então, o professorado daqui ficou encantado. Começa que as escolas lá são muito bonitas, o lugar muito bom... Ficou todo mundo encantado... Chegavam aqui com os comentários:*

– Que maravilha! Que coisa boa!

² Paulo Cunha é o diretor geral da Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus até a data de hoje, janeiro/2006.

Marilda

Eu nunca fui convidada para essas viagens.

Marisa

Acho que é porque você já não tinha mais sala de aula.

Marilda

Que tristeza! (Rindo!)

Marisa

Você mesma deve se lembrar. A primeira vez que vocês foram lá, vocês viajaram de primeira classe, ficaram num hotel maravilhoso... Não foi?

Silvia

Sim, inesquecível. E o jantar dos professores? Você estava lá?

Marisa

Ah, deixa eu contar isso! (Falou gritando.) Está vendo, não contei da outra vez, deixa eu contar hoje. No dia dos professores, não fui porque viajei com meus professores para Porto Seguro, a turma que se formou em 99... não, em 98... não, 99. A turma que se formou em 99 me chamou para participar do passeio de formatura, justamente na semana do dia do professor. Eu me lembro que, quando o Ivan soube – era o Ivan que estava aqui, não era o Milton – quando o Ivan soube que eu não ia, ele ficou muito danado:

– Mas, por que você não vai? Mas, por quê?

Eu falei:

– Eu não posso. Eu já me comprometi com meus alunos.

Aí, ele me falou que eu ia ser a professora homenageada, a professora homenageada do Bom Jesus Canarinhos seria eu. E, no ano seguinte, eu tomo um pontapé. Você sabe? Você está me entendendo? Uma coisa que não entra na cabeça da gente.

Marilda

A Odete não saiu do Fênix³ em outubro! Eles já sabiam que iam demiti-la, ela se desligou, passou o Fênix porque pediram que ela desse prioridade.

Marisa

Exclusividade!

Marilda

Isso mesmo. Ou eu estou mentindo?

Marisa

Não, não. Isso mesmo! E ela ainda foi perguntar:

– Olha, eu estou saindo do Fênix...

Marilda

Por que ela era uma das donas, não?

Marisa

É, uma das sócias.

– Então, eu vou ficar?

³ Colégio da rede privada de Petrópolis.

– *Tudo bem. Que ótimo, que você vai poder ficar aqui conosco.*

Marilda

É eles já sabiam.

Marisa

Está vendo como tudo era planejado, e de uma forma... tão feia?

Marilda

Uma falsidade tremenda. Eles, ao mesmo tempo em que estavam elogiando você, estavam te esfaqueando também.

Marisa

Pelas costas!

Marilda

Exatamente. Fizaram isso comigo. Me colocaram lá naquele financeiro, coisa que eu nunca tinha visto na vida. Um belo dia, puseram um computador na minha frente para fazer boleto bancário, para negociar dívida... me jogaram ali, assim. Caí de pára-queda ali... Não mandaram ninguém me ensinar nada, cá ali. Suei. Aprendi.

Um belo dia, estou lá, chega esse Luizinho. Entrou, olhou pra mim:

– Você veio para ficar muito tempo?

– Vim para ficar no seu lugar.

Assim... acabou.

– Ah, é para o meu lugar? Está bom.

César não veio falar comigo para me explicar, Rui... depois:

– Ah, nós esquecemos de te avisar. Esquecemos de falar pra você.

Eu quase fui lá, pedir socorro pra você, ficar lá junto com você. (Falou se dirigindo a mim.) Mas, aí, não:

– Eu quero é ir embora!

Aí, Rui soube que eu estava a fim de pedir demissão. Eu não pedi, porque ninguém deixou.

Marisa

Eu não entendi direito. Rose, quando começou ali, começou em qual setor?

Marilda

Fazia, mais ou menos, o trabalho que Waldemiro fazia. Por sinal, me ajudou muito. Não sei como ela está agora, se ela está legal... Mas, na época, ela era muito legal comigo... Você pediu um depoimento. Uma coisa que eu sempre falei com a Sônia a seu respeito: eu não tenho faculdade, só fiz o normal. Esse ano faz 40 anos que eu terminei.

Silvia

Nossa! Precisamos fazer uma festa. (Aplaudimos.)

Marilda

É, naquela época, o curso normal *éééera* o curso normal... É Sônia, tem a mesma formação que a minha. Não passamos do segundo grau. É uma coisa que eu sempre admirei na Silvia era o jeito que ela vinha conversar com a gente, com toda

sabedoria, com toda faculdade, com todos os cursos e “os Pestalozzis” e não sei mais o que e não sei mais o que, você sempre chegava e pedia uma opinião, na humildade... Chegava lá...

– Oh, tia Sônia, tia Marilda... isso assim, assim, assim...

É a gente dava nossa opinião e você aceitava e conversava. Você nunca...

Marisa

Nunca se sentiu superior pelo fato de ter toda uma formação que elas não tinham.

Marilda

Você ouvia a gente!

Silvia

Vocês tinham a sabedoria da prática!

Marilda

Eu comento, até hoje, com Sônia [dirigindo-se a Marisa] a humildade que ela [Silvia] tinha de chegar e perguntar... Eu admirava e admiro isso em você [dirigindo-se a mim] até hoje. Porque tem gente que tem uma faculdade e já pisa logo em cima. Você não era assim. Mas, a gente ficava até com vergonha, porque você falava citando os educadores, os Paulo não sei das quantas, os Darcys Ribeiros... e a gente não estava nem sabendo. É era a prática que a gente tinha. São 40 anos, não é?

Marisa

Depois, é aquilo... a gente conhecia o aluno, conhecia a família... isso daí, só numa escola...

Silvia

Deixa eu puxar a tia Marilda para cá, mais pertinho, para ela recontar a história dela. A tia Marisa já contou. Agora é sua vez.

Marilda

Eu falei para vocês que eu tenho um Orkut? (Risos.) Eu tenho uma página na Internet: *“Eu estudei com a tia Marilda”*.

Marisa

Ah, é? Ai, que lindo!

Silvia

Ah, eu vou pesquisar, então!

Marilda

Só tem dois membros, o fundador é o Bruno. Bom, pra mim está ótimo. Só de estar na Internet...

Marisa

Tem negócio de escolher professor. Está cheio de gente votando em mim.

Marilda

Pra mim, nem interessa quantos tem lá. Pra mim, essa foi a maior homenagem que eu recebi. Bom, eu comecei ali em 1980. Eu ia começar a trabalhar, aí a prefeitura mandou outra professora, Soninha Monken, e eu perdi a minha vaga. Frei José Luiz, com aquela mania de coração grande, ele ia aceitando aluno. Chegou a um ponto que tinha 54 alunos em uma turma. Aí, eu fui lá e falei com ele e me propus a trabalhar de graça.

Eu queria trabalhar ali, eu queria sair de casa, voltar a lecionar. E dividi a turma com a Soninha. Eu ficaria com os meninos todos que eram Canarinhos e ela ficaria com os outros. E ele aceitou. Eu tenho a impressão de que, depois, ele ia me pagar alguma coisa e, nesse meio tempo, Frei Aniceto, que tomava conta da Mitra... ele que selecionava os professores... você conheceu Frei Aniceto, não é?

Silvia

Não pessoalmente.

Marilda

Eu já tinha trabalhado com ele no São Judas. Então, quando ele soube que eu ia pra lá, e ele que indicava as professoras, na mesma hora ele foi na prefeitura e me indicou. Então, comecei a trabalhar ali no dia 1 de abril de 1980, dia da mentira, não é? Eu comecei a trabalhar ali e, pra mim, foi a glória! A coisa mais gostosa que eu fiz na vida foi trabalhar no Canarinhos. E fiquei ali até 88, porque Frei José Luiz resolveu acabar com a parte que era conveniada com a prefeitura. Então, a cada ano, ele eliminava uma turma. Quando chegou à quarta série, que era a minha turma... foi o último ano. Apareceu uma vaga no Santa Luiza e eu fui lá, conversei com ele e fui embora para o Santa Luiza. Aí, veio outra professora, assumiu a turma e eu fui embora.

Mas, eu nunca me desliguei do colégio. Naquela época, saiu a diretora, Walda, e entrou Sônia Casamasso. Estava sempre em contato porque eu era professora substituta. Faltava um professor, Sônia me ligava:

– Ah, vem depressa que o professor não veio, está precisando e não tem ninguém para ficar no lugar.

Eu saía correndo de casa e vinha, substituía o professor naquele dia. Aí, teve uma vez que a professora de geografia teve que fazer uma operação às pressas, a Jane, e eu assumi geografia de quinta a oitava série (Risos.) Audácia, não? Eu queria é estar ali. O meu negócio era estar dentro do Canarinhos. Não importava se era como professora... Eu fui trabalhar na cantina, uma vez. Quando eu trabalhava lá, na hora do recreio, eu e a Geralda... não, não foi a Geralda, não... foi o Nishiura que me botava lá pra trabalhar... na hora do recreio, eu ia prá cantina. Eu não gostava não, mas ele pediu, eu fui. O negócio era estar ali. Então, de 88 até 91, quando mudou, eu fiquei em contato. Eu ia pra lá para essas aulas, ia prá festa junina, ia lá à toa... Às vezes, eu estava na rua, chegava lá, época do Frei Antônio, ficava lá, conversava...

Marisa

Ih, a gente nem conversou sobre a mudança... como nós encontramos o prédio quando fomos pra lá. Era tudo ainda em obra, sem luz, sem vidro nas janelas... E as aulas... e os alunos vinham e a gente dava aula e começava a ficar escuro, tinha que acabar a aula e ir embora todo mundo. E frei José Luiz com aquelas coisas de fazer festas para angariar fundos... e todo mundo ajudava.

Silvia

A própria mudança foi em mutirão.

Marisa

Foi, foi mutirão.

Marilda

Eu fui ajudar na mudança, pra desmontar esse colégio aqui de baixo para levar pra lá. Ficava lá o dia inteiro, tirando aquelas coisas de armário para ver se podia jogar fora, o que tinha que encaixotar. E, nessa mudança, ajudei a carregar carteira, subir escada com carteira, descer... E eu nem trabalhava lá ainda. Eu não estava lá. Eu ia por

amor ao colégio. Aí, nesse meio tempo, Sônia, como diretora, sugeriu ao Frei que me contratasse para ser... auxiliar⁴. Mas aí, o Frei falou que eu ia ter essa função de substituir quem faltasse e, nas horas vagas, eu ia ajudar Sônia. Sônia tinha uma folga por semana e, quando ela tinha folga ou quando ela faltava, eu que assumia a coordenação. E assim foi de 91 a 99.

Marisa

Sendo que Sônia, teve uma época, que pegava até a oitava série. Foi quando fechou o colégio São Vicente⁵, a própria Sônia sugeriu que chamasse a Ana Amélia, porque aumentou muito o número de alunos. Aí, Sônia ficou de primeira à quarta e Ana Amélia pegou de quinta à oitava.

Marilda

Inclusive, Maria Odete, quem trouxe foi Sônia.

Marisa

Sônia queria alguém mais específico de ensino médio. Porque, quando começou o ensino médio, ela mesma assumiu a coordenação, mas precisava uma outra pessoa. Era muita coisa. E aí veio Odete, que já tinha trabalhado como professora, dando aula de inglês. E aí tudo começou...

Marilda

E tudo acaba... E quando houve essa mudança, no princípio, eu não participei muito, porque logo eu fui convidada a me retirar.

Marisa

Mas, Sônia, logo da primeira vez, já voltou de lá com muitas críticas de coisas que ela viu lá e não concordava.

Silvia

Mas nem deu tempo direito. A viagem foi em janeiro, não foi?

Marilda

Pra você ver como Sônia percebeu o que ia acontecer. Inclusive, a primeira vez que Frei César apareceu no colégio, ele andou por lá fazendo alguns trabalhos, Sônia olhou assim pra ele e, depois, disse:

– Esse aí está sendo preparado para ser nosso diretor.

Me lembro disso direitinho. Depois, quando ele me convidou para ser secretária dele, ele falou que

– Quando eu vim prá cá, eu já tinha mais ou menos a idéia de que eu ia pegar a direção, e eu olhei para você e falei:

– Essa aí vai ser minha secretária.

(Risos.)

Ele me falou isso. Sônia achava que você ia ser uma diretora, alguma coisa do colégio, na época. Depois ela achou que você ia ficar como gestora.

Silvia

Na época do frei José Luiz, ele dizia que eu ia ser diretora do colégio e eu sempre falava pra ele que não. Eu nem conseguia me imaginar diretora. E eu achava que era mais aquela coisa que ele era muito... meio paizão da gente.

⁴ A expressão que ela usa, brincando, para expressar a função de professora substituta, ela pede que eu apague.

⁵ Um colégio de Petrópolis, também religioso e centenário.

Marilda

Fui convidada para ser diretora na época... quando Cecília saiu. Deu uma confusão e eu nem me lembro direito o que aconteceu. Não me interessava. Eu queria era dar aula, estar com os meus alunos, queria jogar bola, jogar queimada, pegar aluno no colo... Eu queria ... Aí, na época em que Cecília saiu, me chamaram e perguntaram se eu queria. O Nishiura, então, conversava muito comigo:

– Eu dou dois dias para você pensar e me dar uma resposta.

– Eu não quero dois dias não. Eu dou a resposta agora: o meu negócio não é direção, o meu negócio é dar aula, o meu negócio é ficar dentro de sala de aula.

Tanto que, quando saí para ir para o Santa Luiza, Sônia Scudese não queria que eu fosse para o Santa Luiza. Ela queria que eu fosse junto com a Walda instalar uma escola nova, a Hermínia Mateus, lá no Indaiá. Ela brigou comigo e foi uma auxiliar dela que me colocou no Santa Luiza. Sônia não queria.

– Não, você vai junto com Walda. Você vai ser adjunta.

– Mas eu não quero, meu negócio não é direção. Eu quero ir para sala de aula. Eu quero dar aula.

Silvia

Eu gostava da coordenação pedagógica, mas eu morria de medo da direção.

(Risos.)

Marisa

Eu me lembro que, quando você assumiu até a terceira série, não ficou muito feliz, não é?

Silvia

Já foi um susto! Não era bem o que eu queria. Eu só lidava com a educação infantil. Mas, depois, até me adaptei bem. Foi gostoso. Acho que tive muito apoio dos professores. Agora, quando trabalhei com frei César, naquele núcleo pedagógico que nem chegou a dar certo... Não sei se vocês lembram disso. Aquilo era terrível. Entrar em uma sala de ensino médio...

Marisa

Pra dar qualquer recado?

Silvia

Eu tinha medo de entrar nas salas.

Marilda

Eu ia. Ajudava a tomar conta... dia de prova...

Marisa

Marilda era pau para toda obra. Tinha que fazer qualquer coisa, chamava a Marildinha.

Marilda

É lá ia eu, feliz da vida, saltitante.

Marisa

Ah, deixa eu falar agora uma coisa que eu me lembrei. Porque eu continuo amiga dos professores de lá... o pessoal do ensino médio... Os livros de literatura que os alunos estão lendo, têm que ler, são os livros que são pedidos no vestibular de Curitiba, não tem nada a ver com o vestibular da nossa região. Então, vem a ordem de lá de que os alunos daqui têm que ler.

Está entendendo como são as coisas. É uma revolta por parte dos professores de literatura daqui. Alguns dizem que não fazem, que não vão fazer, que não indicam...

Silvia

Mas a lista de material é única, tem aquele sistema de comprar pelo colégio, compra direto no colégio, na hora que faz a matrícula. Faz a matrícula e já inclui o material. Depois, recebe o kit material. Recebe a sacola.

Marisa

Foi outra coisa que gerou um descontentamento geral dos donos de papelaria aqui de Petrópolis. O Paulo Roberto, da Papelaria Obelisco, ficou numa revolta... Vem o material de lá pra cá. Coisa absurda. Fechando as portas para o comércio daqui.

Marilda

Não comentei que eles traziam camisetas de olimpíadas de lá?

Marisa

Sendo que aqui somos um pólo de malha.

Marilda

Trazer de lá, presente de dia das mães... Trazer aquelas caixas, tudo de avião.

Marisa

É pra mostrar o poder, sabe? Justamente pra impressionar.

Marilda

Eu estava lendo... até na revista de domingo... Paulo Freire falando sobre poder e como as pessoas mudam com o poder, falando que fizeram uma experiência com alunos de psicologia nos Estados Unidos. Colocaram, em uma cela, doze alunos que iam ser os prisioneiros e doze iam ser os guardas. A mudança desses que iam ser os guardas... o poder corrompe... Muito interessante.

Marisa

A moça que ficou no meu lugar é um exemplo. Inclusive a maneira de ela lidar com os funcionários... As faxineiras... tinham pavor dela. A maneira como ela falava com elas. Eu sei porque eu me encontrava com elas na rua e elas me diziam. Mas numa autoridade, numa estupidez. Porque agora é assessora, é? Muda, não é?

Silvia

Comigo ela era super doce... Mas eu também era assessora, não é? Comigo... eu não tinha nada a dizer.

Marisa

Mas, quando estava com os professores... e até hoje... isso eu sei porque eu trabalho com professores de outras escolas que ainda estão lá... é um ambiente pesadíssimo. Na sala dos professores, não se pode falar nada. Toca o sinal, tem que levantar imediatamente e, se demorar um minuto:

– Vamos lá, gente! Já tocou o sinal!

Silvia

Quem chama?

Marisa

A assessora... essa Jaqueline. Ela ficou no lugar da Mônica quando ela foi ganhar neném. Depois, Mônica voltou, mas Jaqueline ficou no lugar e

Mônica foi mandada embora.

Marilda

Qualquer hora, é a Jaqueline que vai embora!

(Risos.)

Marisa

Está vendo? É assim! Se tornou um ambiente péssimo. Parece que estão sendo vigiados o tempo todo.

Marilda

Embora, se a gente quisesse esconder... a direção sabia das coisas. Frei José Luiz estava sempre por dentro dos assuntos. César nunca foi assim, uma coisa que se fizesse para proteger professor, não. Às vezes ele não ficava sabendo porque não tinha necessidade.

Marisa

Era uma coisa dentro do espírito de companheirismo.

Marilda

Isso tinha muito na nossa época. Muito mesmo. Ninguém querendo passar a perna no outro. Ninguém queria assumir o lugar... coisa que acontece agora. Já vai trabalhando pensando em aparecer porque aí eu posso ficar no lugar daquele assessor que vai sair. Ali, nunca ninguém cobiçou o lugar de ninguém.

Marisa

E outra coisa, também... eu não comentei da outra vez, e agora... depois que as coisas passam é que a gente começa a se dar conta. Por exemplo: Marcelo⁶, chegou para ser professor de educação física... mas ninguém me tira da cabeça... sabendo que, no ano seguinte, ia ficar no lugar da Odete. Ele participava de conselho de classe onde ele nem era o professor. Como as coisas aconteciam? Já estava-se preparando. Uma coisa mesquinha... Mas isso dá uma revolta na gente. E ele participava de tudo. Ele era um dos primeiros a chegar na escola. Eu chegava, ele já estava lá, sentadinho, lendo o seu jornal, falando de futebol e tentando se dar bem com todos os professores, com os alunos, com os funcionários. Sabe, fazia aquele social, já se preparando para, no ano seguinte... Você está entendendo? Esse tipo de armação é que revolta a gente. Como uma pessoa se presta a um papel desse? E derruba um trabalho feito. Um trabalho tão bonito...

Marilda

Aconteceu um caso comigo e com Sônia que ilustra bem isso aí. Uma vez, em uma reunião de professores, de repente Verônica e Letícia resolveram sair para fumar um cigarro. Ela estava lá conversando com as outras... Elas saíram rapidinho... Aí, Sônia me chamou e perguntou:

– Devem ter ido fumar lá “no buraco”.

Aí, Sônia falou:

– Você fica lá na porta e, quando elas voltarem, você não deixa elas entrarem. Elas não deviam ter saído.

Fiquei lá, botei uma cadeira perto da porta e fiquei sentada. Daqui a pouquinho, chegam Verônica e Letícia. Abrem a porta, olham, entram e sentam. Eu não fiz nada. A reunião continuou, correu tudo. Quando acabou a reunião, Sônia falou:

⁶ Transferido do Colégio Bom Jesus Centro, em Curitiba.

– Marilda, vem cá!

Agora, sobrou prá mim.

– Por que você deixou as duas entrarem?

– Eu deixei porque, na hora, você estava com raiva e eu achei que não era motivo para você ficar aborrecida com aquilo e elas precisavam fazer, porque era um conselho de classe... e não estava certo aquilo.

– Ainda bem que você fez isso

– Isso não é seu jeito. Eu te conheço e achei que não devia obedecer.

Silvia

Esse era mais o meu jeito.

Marisa

É a tal história: com a Silvia, era tudo muito certinho. Você sempre foi assim.

Marilda

Aliás, o seu poder de organização era uma coisa que...

Marisa

Eu admiro até hoje. (Risos.) Era um tal de andar com um bloquinho. Era muito engraçado. Você é assim até hoje?

Silvia

Não sei. Assim como? Conta.

Marisa

Muito organizada. Hoje eu tenho que fazer, isso, isso e isso. Aí, você divide o tempo... É assim até hoje?

Marilda

Igualzinho nós lá...

(Risos.)

(Interrupção para troca de fita, mas as duas não pararam de falar.)

Marisa

Foi nessa época que veio a proposta de mudança do nosso livro de Português. E você vinha conversar comigo que deveria ser o mesmo livro adotado em Curitiba. E eu disse que não queria mudar. Olha só, Silvia, como eu me lembro. Sabe por quê? Nós tínhamos mudado no ano anterior. Então eu dizia a você:

– *Silvia, não é certo mudar de novo.*

Mas você acabou me convencendo. E acabou que a gente mudou sim. A gente tinha mudado o livro naquele ano.

– *Mas, Silvia, mudar de novo?*

Marilda

É que a gente pensava como pobre.

(Risos.)

Marisa

O livro era tão bom. Era do José de Nicola. Aí, passou para o Cereja

porque... é um livro bom também, mas... por indicação de Curitiba, você está entendendo?

Marilda

Viu, Silvia, o que você fez? Joga ela janela abaixo!

Marisa

Não.

(Risos.)

Silvia

Eu até dei uma olhada para a janela...

Marilda

É segundo andar, só.

Marisa

Essas indicações, eu me lembro, vinham de lá. Eu me lembro de um livro de química... não, de biologia... indicado pelos professores daqui... o de matemática...

Marilda

Eu já estava fora.

Silvia

E quando você foi mandada embora? Essa história você ainda não contou.

Marisa

Quem te chamou para conversar? Foi frei César?

Marilda

Pra me mandar embora? Não. Foi o Rui mesmo. Me chamou e falou pra mim que ia rescindir nosso contrato... foi isso mesmo... porque eu já estava lá há muito tempo e já contava idade, porque eu já estava com cinquenta e tantos anos... já era velhinha, já tinha cinquenta e cinco anos... E eu ganhava muito bem para o que eu fazia. Então, ele ia dispensar o meu serviço. Porque, em Curitiba, qualquer pessoa que fizesse o meu trabalho, ganhava quatrocentos, quinhentos reais. Aí, me dispensaram.

(Enquanto eu entrevistava tia Marilda, Marisa havia ido preparar um lanchinho. Lá de dentro, ela grita:

– Ah, lembrei agora.

Eu pedi que viesse falar de pertinho para que eu pudesse gravar.

Marisa

Sabe do que eu lembrei agora... você falando de idade... um dos argumentos que o Ivan usou pra me convencer a aceitar ser assessora foi... ele disse assim:

– Quantas turmas você tem?

Eu trabalhava com oitava série, redação... Era muito trabalho. E ele falou assim:

– Quantos anos você tem?

Eu estava com 41.

– E você acha que vai agüentar muito tempo essa batida?

Não foi bem essa palavra que ele usou, mas foi isso que ele quis dizer.

– *Você, como assessora, é uma coisa mais tranqüila. Sai de sala de aula. Muita prova, muita coisa para corrigir.*

Marilda

É prometeram que, no dia em que você não quisesse mais ficar como assessora, você podia voltar para a sala de aula.

Marisa

Exatamente.

– *Se você não gostar. Se não der certo, você pega suas turmas de volta.*

Marilda

Você vê como eles mentiam. Pra mim, disseram, quando César me jogou lá... não tinha ninguém no colégio que eles iam mandar Simone embora... não tinha ninguém para assumir aquela função. Isso César falou:

– A única pessoa que pode ir para esse setor que eu confio é você.

– Mas César, eu não sei. Não é a minha praia!

– Não, não faz mal. Não é difícil. Você aprende rápido! Você fica só até o meio do ano e no meio do ano você retorna.

Sônia não tinha ido embora. Ela foi em fevereiro. Passou o ano novo, eu já fui embora para o colégio, pois era aquela época em que os pais vêm fazer acordos... Você imagina a minha situação! Eu tinha dor de cabeça todos os dias porque não sabia o que fazer.

Silvia

Não foi orientada.

Marilda

Não, não fui. Ninguém. Me jogaram lá. Rodrigo me ajudou muito e fui aprendendo e apanhando. Até que aconteceu aquilo. O rapaz que chegou também não sabia xongas. Os dois dias em que eu fiquei com ele, ele ligava o computador e ficava parado, olhando. Ele não conhecia ninguém, não conhecia família, não sabia das histórias. E eu também não passei nada pra ele. A minha agenda eu carreguei. Eu deixei ele sem nada. Eu vou passar? Ninguém me passou. Me tiraram desse jeito. Vou ficar sendo boazinha? Não vou não. Aí, eu fui exumar cadáver lá no arquivo morto. E, logo depois de mim, Rui foi embora também. Logo depois de mim. Saiu daqui porque estavam meio insatisfeitos com o trabalho dele.

Silvia

É, muita gente que entra e sai, não é? Ele não foi embora só daqui. Ele foi mandado embora mesmo.

Marilda

Mas é a tal história: eles pegam essas pessoas para fazerem os serviços sujos. As pessoas, então, fazem o que eles querem, seguem as ordens, porque a gente tem que seguir... tem hora que o chefe dá uma ordem e você tem que se rebelar.

(Risos.)

Tem que rebelar mesmo. Uma vez, Frei César chegou pra mim e falou assim:

– Frei José Luiz queria dar uma bolsa de estudos para um protegido de um padre.

Naquela época, eles já tinham conseguido jogar frei César contra frei José Luiz. Eles fizeram isso, não é? Frei César ficou bem estremecido com frei José Luiz. Não, foi frei José Luiz que ficou com César, não? Então, Rui trazia ele para almoçar... César vinha almoçar na casa dele... vinha de noite para conversar. Ele conseguiu jogar.

Aí, frei José Luiz queria uma bolsa. Frei César não queria dar a bolsa. Entendeu? Aí, César chegou pra mim e:

– Marilda, você vai até lá no frei José Luiz e diz para ele que, se ele quiser dar a bolsa, que ele pode dar, mas que esse dinheiro vai ser descontado do que é repassado para o Canarinhos.

Falou assim pra mim e saiu da sala. Eu falei:

– Está bem. Eu vou lá!

Passados uns dois dias, César chegou pra mim e falou:

– Você falou com frei José Luiz?

– Não falei e nem vou falar, porque compete a você falar. Você é o diretor do colégio. Agora, eu não vou chegar lá e gratuitamente e falar

– Ó aqui, ô frei José Luiz, frei César...

Eu não vou fazer isso não.

Silvia

Marisa, preciso fazer uma pergunta pra você, depois que ela contou isso. Por que a gente foi mandada embora se a gente era tão obediente?

(Risos.)

Ela tinha que ser mandada embora mesmo. Ela dava bolsa quando não podia dar bola, não cobrava multa dos alunos.

Marisa

O que ele falou pra mim. Eu era competente. Mas, era o quê? A gente era amiga dos freis. Era falta de confiança.

Marilda

Olha, Silvia, eu acho o seguinte: se você coloca alguém para trabalhar em algum lugar, ora pitombas, você tem que ter confiança naquela pessoa. Mesmo que não a agrade, você não pode achar ruim, nem brigar.

Marisa

Sabe que eu estou pensando porque você foi demitida. Sabe uma coisa que talvez tenha pesado contra você? Aquela análise que você fez do livro da esposa do Paulo⁷.

Marilda

Mas não foi!

Silvia

Mas, uma história de tanto tempo antes. Isso foi logo no início. Fui mandada embora dois anos depois.

Marilda

Eles não queriam ter ninguém que ficasse para fazer comparação, como era antes e como era depois, e contaminar os que estavam chegando. Porque quem era

⁷ Livro didático para a educação infantil editado pela própria Associação Bom Jesus.

antigo... sempre tem esse comentário... Na época do frei José Luiz era assim. Na época do César era assado... Entendeu? Então, vai contaminando. As pessoas que chegam já vêem o Bom Jesus aquilo ali e ficam satisfeitas. Uma maravilha das maravilhas, como tem muita gente que acha. Por quê? Não conheceu o Canarinhos de verdade. Não conheceu frei José Luiz com todo aquele jeito dele brabo lá, batendo o pé quando estava zangado. Não conheceu César, não conheceu Waldemiro... a quantidade de bolsas de estudo... Como frei José Luiz ajudou os funcionários financeiramente! Os funcionários levavam dinheiro dele na conversa. E não pagavam nunca.

Silvia

Ele era durão e bonzinho ao mesmo tempo.

Marilda

É! Ele era uma pessoa que você chegava nele, conversava com ele e conseguia convencê-lo. Ele queria mandar um embora. Você conversava e convencia. Aquela pessoa que agora há pouquinho era cheia de defeitos, já era cheia de qualidades. Eu sei, porque eu cansei de ir lá para defender professor. Às vezes, Sônia falava:

– Eu não estou a fim de ir. Vai você!

Aí, lá ia eu. E aí, vinha o Geraldo:

– Cabeças vão rolar?

E eu:

– Por enquanto não rola.

(Risos.)

Marisa

Já está esse ambiente lá agora.

Marilda

Dizem que esse ano não vai ter ninguém que vai rolar. No ano passado, já não teve ninguém. Acho que já limparam todos que eles queriam. Na cidade inteira, já começavam:

– Vamos ver no Bom Jesus quem é que vai sair?

Já havia virado piada, mesmo.

Marisa

Mas tem gente que está lá porque não tem escolha. Mais uma coisa: não é próprio do Bom Jesus que, se alguém sai, não chama de volta quem ele demitiu?

Silvia

Na nossa época era assim. Diziam que era uma regra. Quem sai não volta mais.

Marisa

Mas há professores que voltaram. A própria Ana Amélia voltou. O Arnaldo voltou.

Silvia

Eles mudaram a regra.

Marilda

Não, mas esses eram do tempo do Canarinhos, não eram do tempo do Bom Jesus. Ana Amélia... o Bom Jesus não tinha nem tomado conta ainda. Eles estavam

chegando.

Silvia

Mas foram eles que mandaram embora, não foi? Não mandaram Ana Amélia junto com Sônia?

Marilda

Não. Ana Amélia foi antes, foi em dezembro. Ana Amélia e Orlene. Sônia foi em fevereiro.

Marisa

Ah, já sei! Eles mandaram a Ana Amélia embora para dar o lugar para a Cíntia, que é a esposa do Rui. Porque Rui vinha assumir e a mulher dele tinha que ter um emprego. Foi isso mesmo. Ana Amélia saiu para dar lugar para a Cíntia, que foi aquele fracasso junto com o marido dela, não é? Você lembra disso?

Silvia

Mas isso eu compreendia. Ela estava grávida, não se adaptou à cidade... Eu não lidava muito com ela e não sei como era a relação dela com os professores, mas eu tinha uma pena! Vê-la grávida, passando mal... Eu nem soube que ela era ciumenta. Quem contou que ela era ciumenta?

Marilda

Eu. Ela tinha ciúme do marido.

Silvia

Então, ela nem devia gostar de mim. Eu ficava horas conversando com o marido dela.

Marilda

Ela tinha ciúmes era da Raquel.

Silvia

A gente trabalhou tanto naquela época... Ela, eu queria poder entrevistar.

(Um meio silêncio e uma voz em tom mais baixo marcou a tristeza de pensar no falecimento da Raquel⁸.)

Marilda

Bate uma linha lá pro céu. Me lembro da Soninha Monken. Ela foi outra.

Silvia

O que aconteceu com ela?

Marilda

O coração. Mas Soninha... foi desgosto. Não, ninguém morre de desgosto, não. A gente fala isso, mas... morreu porque tinha que morrer.

Marisa

Você conseguiu ligar para o Baixinho⁹?

Silvia

⁸ Teve uma morte tão "estúpida". Tão moça, deixou dois filhos pequenos. Morreu depois que se engasgou com um alimento que foi parar no pulmão. Ou teria sido a glote que fechou por uma alergia alimentar.

⁹ Professor de educação física.

Não, ainda não¹⁰. Estava nesse estresse de resolver a questão do gravador.

Marisa

É... o Baixinho ficou muito magoado, nossa! Olha, conversei com a mulher dele depois... Ela não sabia mais o que fazer, porque ele não parava de chorar.

Marilda

Rita¹¹, mãe da Aline e do Bruno, ficou muito magoada.

Marisa

E eu chorava mesmo. Não tinha vergonha não. Minha filha:

– Mãe, você vai desidratar.

Chorei muito, muito, durante muito tempo.

Silvia

Eu só fui chorar depois que eu comecei a escrever sobre essa história. Eu dizia pra mim que eu não ia pensar nessa história.

– Não vou olhar prá trás!

Eu não saí do Colégio dos Canarinhos. Eu saí do Bom Jesus.

Marilda

Às vezes, eu acordava de noite pensando que eu já estava atrasada para ir para o colégio. Aí, eu sentava na cama e pensava:

– Puxa, mas eu não trabalho mais lá!

Deitava, chorava, chorava, chorava. Depois, não. Agora, passou. Passou de vez.

Silvia

Às vezes, eu fico pensando, com a consciência até meio pesada... quando frei César chegou, eu custei muito a me adaptar com a direção dele. Eu gostava muito do estilo do frei José Luiz. Eu era muito do estilo dele. Aquele fim das filas que frei César trouxe para o colégio... aquilo me desesperou.

Marilda

Mas isso era coisa de Sônia também. Não era coisa só dele não.

Silvia

Aí, quando veio o Bom Jesus... aquele microfone, chamar as turmas ao microfone... eu senti assim, organizando o batalhão.

Marisa

O negócio dela é organização... (Risos.) Talvez por isso você tenha tido dificuldade para trabalhar com frei César, porque, com ele, era tudo muito confuso. Sabe, a pessoa que tem muita coisa pra fazer, se não se organizar, não dá conta não.

Marilda

Dá, dá sim. Se não der, passa para o dia seguinte.

Silvia

¹⁰ Cabe dizer que, ao final da primeira vez que eu havia entrevistado a Marisa, ela me havia dado o telefone de vários professores, “quase” tentado fazer uma agenda de quem eu devia entrevistar. Ela ficou super envolvida com a idéia da pesquisa.

¹¹ Professora de ciências.

Eu entrava na sala do frei César com uma lista de cinco coisas para resolver. Eu saía tendo falado as cinco coisas, mas sem solução para nenhuma delas. Frei José Luiz era pa-pum.

– Olha, tem um aluno assim, assim...

– Faz isso.

Marisa

Era sim. Até as coisas do jornal, eu ligava para frei José Luiz e falava que precisava do edital para amanhã. Hoje à tarde, no mesmo dia, já estava lá o edital, o editorial prontinho. Notícias do coral, frei, eu preciso para amanhã. Pode contar que estava lá. O frei César...

Marilda

Um dia, não estava lá todo mundo esperando que ele tinha que rezar a missa e ele não tinha esquecido? (Risos.) Faz parte dele.

Silvia

Por outro lado, na missa das crianças, eu ia lá discretamente e colocava um bilhete: "Chega de falar.", porque ele ficava lá, falando, falando... e as professoras desesperadas para fazerem as crianças ficarem quietas.

Marilda

César é um barato.

Marisa

Você lembra aquela última celebração com a Lara¹⁰? Você olhava pra mim, eu olhava pra você. Lembra disso? Foi bonito. Até o bispo estava lá. Ela fez uma coisa tão bonita...

Marilda

A pior coisa é a gente saber que uma pessoa vai ser demitida e não poder falar nada... Orlene, Zezé e Ana Amélia, eu sabia também.

Silvia

A pior coisa que me aconteceu foi no último ano... No ano seguinte a que Marisa saiu, quando foi a reunião de decisão de quem ia ficar ou não, o professor Milton pediu para eu sair, porque, no ano anterior, havia vazado a informação de quem ia ser demitido. E aí... eu achei que eu ia ser. Ele falou pra mim que eu era muito amiga dos professores e que ele iria me poupar de estar lá. Aí, eu achei que ia ser mandada embora. E não fui.

Marilda

Eles não mandaram porque você foi útil. Ficou mais um ano... Quando eles viram que você podia ser substituída...

Silvia

Às vezes, eu fico pensando que eles não me mandaram embora porque, naquela época, ia dar muita reclamação. Porque eu era muito envolvida. O que eles fizeram? Primeiro, me destruíram, entre aspas. Mas o que fizeram? Não tinha mais reunião de pais. Naquela época, eles sentiam falta das reuniões e reclamavam. Em 2002, ninguém mais lembrava, os pais estavam é gostando que não tinha mais reunião de pais. Já se adaptaram àquele outro sistema. A memória é muito curta... E o que acontece? Na educação infantil, a criança passa muito rápido. Então, a metade dos meus alunos já nem reclamaram quando eu saí, porque eu não tinha mais envolvimento com os pais. E eles preparam tudo no novo sistema, um sistema em que só se atendia

¹⁰ Professora de religião.

aos pais com hora marcada... primeiro com os professores...

Marisa

Os pais não podiam mais subir na escola. Tinham que deixar os filhos na porta de entrada...

Silvia

Antes, eu recebia os pais na entrada... Não deixaram mais. Eram as estagiárias... Aos poucos, eles me queimaram, foram-me afastando... Quando os pais já nem lembravam de mim, pode mandar ela embora agora.

Marisa

Foi isso mesmo! E o tipo de pai estava mudando, também, não estava Silvia?

Silvia

É, sim...

Marisa

E uma coisa o Ivan sempre falava:

– Assessor não tem que ser amigo não.

Ele reclamava que Odete era muito amiga dos professores.

– Não pode ser assim não. Tem que manter uma autoridade e uma distância.

Silvia

Agora, comigo... e aí a gente não sabe qual é o discurso do Bom Jesus. Tinha uma história de que a gente tem que ter o perfil Bom Jesus, não?

Marisa

E eu, graças a Deus, não peguei a fase do uniforme. No final, vocês tinham que usar um uniforme, não é?

Marilda

Parecia tudo aeromoça... tinha que ir tudo...

(Risos.)

Marisa

Eu pensei logo na Silvia. Gente, a Silvia tendo que usar meia fina... Você gostava de usar tênis...

Silvia

Eu parei de tocar violão com as crianças... Não dava. Não combinava. Aquelas festas, carregar coisa... Não dava. O modelo era outro.

Marisa

O ensino era assim, com brochinho de Bom Jesus, com sapato de salto, meia fina e maquiagem. Empresa!

Marilda

A pessoa não é mais ela. Tem que ser o que eles querem.

Silvia

Mas nessa coisa de ter o perfil Bom Jesus, quando Rui chegou, ele me chamou na sala e falou que eu era muito distante dos professores. Que eu era muito autoritária... que isso não era perfil de coordenação de Bom Jesus, que eu tinha que ir à sala dos professores... Eu não ia à sala dos professores porque não dava tempo. Eu era

mesmo muito autoritária. Eu mandava e elas obedeciam. Eu era legal e, ao mesmo tempo, mandona. Eu seguia ainda aquele modelo frei José Luiz. Eu fazia reunião, determinava o que cada um ia fazer.

Marisa

Mas era uma questão de organização.

Silvia

Tudo bem que eu tinha que organizar, mas eu tinha que ser mais amiga, ir à sala dos professores, ouvir o que os professores estavam sentindo, perceber as dificuldades, o que eles não estavam gostando, até para poder atender melhor.

Marilda

Contar pra ele...

Silvia

Eu até percebi isso, mas eu achava que o contar para ele era no bom sentido.

– Você tem que ver o que não está bom para os professores pra a gente poder melhorar. É o seu papel. Você é a ponte entre os professores e o Bom Jesus, entre os pais e o Bom Jesus.

E eu achava isso importantíssimo.

(Pulo uma parte da entrevista , em que repetimos conversas já tratadas antes, e retomo quando começamos a comentar sobre outra professora que foi demitida.)

Marisa

Rita sofreu muito. Sofre até hoje. Nunca mais voltou pra sala de aula. Depois, entrou em um processo de depressão. Começou a comer, comer, comer, engordou.

Marilda

Pra você ver o amor que movia a gente dentro do colégio. Não era por causa de salário, não era por causa de status... Era o amor à profissão, aos alunos e o amor ao colégio! A gente estava bem quando estava ali.

Marisa

E eu me lembro de uma das idas nossas à Curitiba, o professor Paulo José, de história, perguntou:

– Como é a relação aqui em Curitiba dos professores com os alunos?

Porque aqui a gente tinha aquela coisa da camaradagem... éramos professores, mas os alunos também eram nossos amigos. E aí, Ivan fez um comentário que, no fim do ano, lá, eles levavam os alunos do terceiro ano para um jantar e pagavam para todo mundo. Como se quisesse dizer que lá também tivesse esse entrosamento... Mas, eu não acredito, não.

(A conversa foge, novamente. Sinto que está na hora de terminar a entrevista. Já havia virado bate-papo há muito tempo. Eu havia me deixado entrar na conversa, depois dos primeiros momentos da entrevista, quando elas se colocaram, na tentativa de que as trocas de lembranças , aprofundassem a conversa. E deu certo. Mas, agora, o assunto estavam dispersando demais. Estávamos falando sobre o papa e os franciscanos, Daniela Mercury, proibida de cantar no Vaticano... Quando Marisa resolveu dar mais uma orientada nas entrevistas.)

Marisa

Você entrevistou ex-canarinhos?

Silvia

Não, ainda não tive oportunidade.

Marisa

E Medella¹¹? Bassous¹²?

Silvia

Estou anotando as idéias, mas os alunos eu vou entrevistar em uma outra etapa. Nessa etapa, eu estou entrevistando apenas professores e que não estão mais no colégio.

(Marisa, no entanto, vai citando vários professores do colégio que me dariam entrevista, ainda que estando lá. Ela pega a agenda e me vai nomeando e passando os telefones desses professores.)

¹¹ Medella é um ex-aluno que foi para o seminário franciscano.

¹² Bassous, ex-aluno do colégio e cantor do coral.

entrevista com
margatete

02-dezembro-2005

02-DEZEMBRO-2005

A entrevista foi na casa da Margarete, previamente agendada. Eu pedi para gravar, e deixei para dar a explicação já gravando para que eu pudesse, revendo, observar-me também. O trecho gravado vem a seguir:

"Nesse trabalho, eu estou escrevendo a história do Colégio Bom Jesus e, nessa história, o meu foco principal é contar sobre o período de transição de Canarinhos para Bom Jesus. Mas, para eu contar, para as pessoas compreenderem as mudanças, o movimento que acontece, eu preciso voltar na história. Eu conto da Escola Gratuita São José, eu conto do Colégio dos Canarinhos, lá no tempo do frei Leto, conto do tempo do frei José Luiz e da chegada do frei César. Vou contando tanto a história desse período da chegada do Bom Jesus, como a de outros períodos.

Como eu estou fazendo? Entrevisto as pessoas para ouvir um pouco das histórias delas no colégio. A idéia, então, é você me contar a sua história no colégio. Não se preocupe em contar a história do colégio. Conta a história da Margarete no colégio."

(Margarete já havia me enviado um depoimento por escrito, no dia 24 de setembro, transcrita abaixo.)

Bom Jesus

Quando fui contratada pelo frei José Luiz para lecionar no Colégio dos Canarinhos, confesso que fiquei muito feliz.

Durante um bom tempo, trabalhei satisfeita e me sentia em casa. O frei [José Luiz] tinha os seus defeitos, mas havia um ponto muito importante: as pessoas eram tratadas como seres humanos. Havia respeito e compromisso com tudo aquilo que eles juraram. Nós, professores, éramos tratados como mestres e sentíamos a valorização profissional e pessoal nas palavras que nos eram dirigidas.

Naquele ambiente, formamos uma família. Afinal de contas, uma boa parte do nosso dia era dedicada ao colégio.

Quando ocorreu a mudança, fiquei apreensiva e até esperançosa. Achei que a mudança poderia melhorar algumas falhas que havia. Acreditava que essas mudanças seriam feitas para o bem do Canarinhos. Apesar de essas falhas não interferirem no meu trabalho e, acredito, que no trabalho dos outros também não. Mas, com o passar do tempo, aquela esperança foi-se transformando em medo e revolta. Revolta porque algumas mudanças estavam "prejudicando" amigos; medo porque encontrei nas pessoas que ali chegaram, a falta de humanidade e a ambição no poder e no dinheiro.

Parece que essas pessoas trouxeram energias negativas. A competição e a falsidade passaram a ser prioridade para algumas pessoas que ali trabalhavam. Aquela família já não existia mais. Ela foi dissolvida por essa energia e aos poucos fui vendo tudo acabar.

Voltando a um comentário que fiz anteriormente, a esperança era tão grande, que abri mão de um emprego estável para dar crédito a toda aquela reforma que estava sendo feita, acreditando em tudo aquilo que falavam.

Hoje, estou aqui sem nada, pois me descartaram como se fosse um objeto que não tem mais valor e nem utilidade. Não me perguntaram nada, não me pediram

nada, apenas me tiraram do jogo. Não viram o meu lado profissional, a minha responsabilidade e a minha dedicação. Naquele momento, não vi o mínimo de humildade, de respeito e de honestidade. Me senti como se fosse ninguém.

Vi todos aqueles anos de dedicação sendo jogados fora como se fosse um lixo.

Percebi que essas pessoas não conhecem o amor. A amizade e o relacionamento afetivo, para eles não têm valor. Desfizeram a nossa família, mas eles não sabem que a nossa força está na amizade que temos uns pelos outros, e isso eles não destruíram.

O sentimento que tenho por eles é de pena. São pessoas pobres de espírito que não conhecem o verdadeiro significado da palavra família e amizade.

Hoje, apesar de tudo, somos felizes, pois continuamos a nossa amizade. E eles? Onde estarão? Serão felizes?

P.S.: Espero que esse meu depoimento possa ajudá-la. Ele saiu bem do fundo do meu coração. Milhões de beijos. A luta continua...

Margarete

Nesse trabalho, foi o que eu escrevi naquele depoimento, consegui trabalhar no Canarinhos por intermédio da Marilda. Eu a substituía muito no Santa Luiza de Marilac¹. Então, quando surgiu uma vaga, Marilda falou com o frei e ele mandou me chamar. Nós conversamos. Ele era bem... assim... rígido, não é? Não fazia rodeios, ia direto ao assunto. Ele me chamou pra trabalhar e eu achei que ia ser ótimo, uma experiência completamente diferente. Eram dois os colégios particulares em que eu trabalhava, mas eram de padres. Eram freis que estavam ali. Seriam duas realidades diferentes, apesar de católicas. Fiquei super empolgada porque ia conhecer novas pessoas... A experiência profissional seria outra, porque, até então, eu estava trabalhando anos e anos na pré-escola. Eu nunca tinha trabalhado na primeira, segunda, terceira e quarta séries.

Quando eu cheguei no Canarinhos, eu fui direto para a quarta série, português. Então, fiquei... assim... desesperada. Eu passei as férias estudando gramática, porque a gente esquece de muitas coisas. Mas foi assim uma coisa muito gratificante. Eu gostei muito, trabalhava com os cantores, porque eu dava aula de manhã e a maioria dos meninos eram os cantores.

Foi muito legal a época em que o frei estava ali no comando, apesar de ele ser uma pessoa rígida, às vezes de mau humor. Ele não mandava recado. Ele falava na cara. Mas era gostoso, porque você sabia que o colégio andava. Tinha uma disciplina, tanto para os alunos quanto para os professores, para os funcionários, e era uma coisa que, apesar de você ter medo – porque a gente tinha medo –, receio, sei lá, cada um pensa como quiser, era gostoso. Você trabalhava, você vestia a camisa. Então, naquele período, foi muito bom.

Silvia

E quem era a coordenadora?

Margarete

Era Ana Amélia, de manhã. A coordenadora de primeira à quarta era Sônia, mas como eu trabalhava de manhã, eu entrava junto com Ana Amélia, que era de quinta a oitava de manhã. Era uma terceira e uma quarta. Era Mônica na terceira e

¹ Colégio da rede pública de Petrópolis.

eu na quarta. E, à tarde, eu estava no Santa Isabel.

Silvia

Depois, tem um período em que você vem trabalhar o dia inteiro?

Margarete

Foi. Nesse período, eu fui para a primeira série.

Silvia

Então, me conta do convite. Por que você deixou o Santa Isabel?

Margarete

Ah!. Bom, primeiro a minha coordenadora na época, que era Silvia, (Risos.) me chamou e colocou que o colégio tinha uma proposta. Quer dizer, já tinha tido a mudança, porque o Bom Jesus entrou não totalmente, mas, em 99, ele já estava ali manipulando por trás. Então, o colégio tinha uma proposta que eles queriam professores exclusivos e que eles iriam investir no profissional e que seria uma mudança muito grande, os professores iam ganhar muito com isso e tal. Pra mim, foi um choque. Eu gostava dos dois lugares. Eu me sentia em casa. Eram as minhas casas. Eu praticamente... meu pai, quando era vivo, perguntava

– Pra onde você quer que eu mande sua certidão de nascimento? Você quer que eu mande para os padres ou para as freiras?

A minha vida era dedicada aos dois. Eu amava os dois. Mas, por toda essa proposta... depois, frei César me chamou... ele já fez o convite mais oficialmente, por ele ser o diretor na época. Contou a mesma coisa, que o Bom Jesus iria investir nos professores, aquela coisa toda... e eu resolvi buscar o novo. Eu arrisquei no novo. Bom, eles vão investir, vai ser uma experiência nova... Eu resolvi largar o Santa Isabel. Pedi demissão no Santa Isabel e comecei a dobrar no Canarinhos. Quando eu dobrei, já fiquei dobrando só na terceira série. Em 99, nesse período de transição, que eu ainda estava nos dois, eu ainda fiquei na primeira série. Quando foi em 2000, que eu assumi a dobra, aí já foi terceira série, manhã e tarde.

Silvia

Quando você chegou ao colégio, era frei José Luiz o diretor, depois tem uma mudança em que você passa para a minha coordenação. A direção muda... Como foi esse movimento, antes ainda do Bom Jesus?

Margarete

Bom. Ana Amélia era uma pessoa muito organizada. Ela tinha domínio de tudo, sabia tudo o que acontecia, sabia o nome de todos os alunos, pais de todos eles... dominava toda essa parte. Depois, eu ia ficar com a Sônia. Porque foi uma confusão! Ana Amélia foi mandada embora e Sônia ia ficar e me colocou na primeira série. Só que, nesse meio tempo, Sônia também foi embora, por isso você passou a ser minha coordenadora, porque Sônia foi mandada embora.

Nesse meio tempo, veio aquele pessoal de Curitiba. Veio a Cíntia, veio a Fátima², veio o Rui... Então, aquele período ali, o pessoal não tinha... da segunda em diante, acho que era essa tal de Cíntia, e você ficava até a primeira? Eu nunca foi coordenada pela Cíntia. Então, teve toda essa mudança... uma bagunça, porque ninguém sabia o que era ninguém ali dentro. E nós, professores, a nossa visão, era de receio, de medo, porque a gente não sabia o que estava chegando.

Eles começaram a tomar posse; então, a gente só confiava em quem a gente

² Orientadora educacional, transferida para Petrópolis com a desculpa – pois agora já não sei se os motivos eram reais – de que o marido fora transferido, pela Petrobrás, para o Rio de Janeiro por dois anos.

conhecia. Porque dos novos a gente não tinha controle. Até a forma de eles agirem dentro da escola era diferente. Eu dava aula para a filha da Fátima e ela entrava na minha sala na hora que quisesse, não pedia licença... Como a filha dela estudava ali, ela tinha livre acesso. Na realidade, não é isso. Tem uma autoridade dentro da sala. Tem um professor. Eles não tinham esse discernimento. Eles eram funcionários, como todo mundo, mas eles tinham que respeitar a tarefa, o cargo de cada um. E ali, tinha uns que não respeitavam.

As pessoas que foram para ali – por exemplo, Cíntia – eu via que estavam ali para ocupar um cargo. Porque os professores corriam atrás de ajuda e nunca tinham, não sabiam o que iam fazer e o que não iam. Se precisava, não estava em sala. Eles começaram muito a trabalhar a parte burocrática. A parte prática, ali, de atender os professores, de lidar com alguma situação, não tinha. Isso é o que eu via, porque, no meu caso, não era bem assim. Mas essa mudança gerou insatisfação, incerteza no pessoal. A gente ficava sempre pensando:

– O que vai acontecer amanhã?

Eles estão chegando e estão tomando tudo. Com o passar do tempo, a gente viu que começou a mandar todo mundo embora. Foi mandando. E o grupo Canarinhos, cada dia que passava, ia diminuindo. Essa insegurança, então, em nós, que éramos funcionários de mais tempo... a gente não deixava chegar tanto, mas se deixássemos, podia até prejudicar o nosso andamento como profissional dentro da escola.

Silvia

E essa insegurança acontecia desde o início?

Margarete

Desde o início. Pelo menos o pessoal com quem eu convivia, por exemplo, Giovana, Mônica... Assim, no início, a gente teve uma grande esperança de ter uma mudança, porque o que foi passado para a gente é que tudo o que ia acontecer seria o melhor para o colégio. Você é funcionário de uma instituição, então, se você tiver melhora naquela instituição, é melhora pra você. Quer dizer, vamos embarcar nessa porque nós vamos ganhar também. O colégio não vai fechar... Porque era isso que a gente ouvia. O colégio está trabalhando no vermelho... Não tem dinheiro, apesar do que nunca atrasou nosso pagamento.

Silvia

Você lembra quando começou essa conversa de que o colégio está no vermelho?

Margarete

Olha, eu entrei lá em 93 e frei José Luiz, nas reuniões, sempre falava isso, que o colégio estava passando por dificuldades, que tinha um número grande de inadimplentes, mas ele nunca atrasou nosso pagamento, nunca deixou de pagar nenhum aumento que era decidido pelo sindicato, no dissídio. Ele nunca reclamou de pagar; o que era decidido era decidido. Então, está no vermelho, mas a gente está ganhando. Mas, porque frei José Luiz passava isso de que o professor tinha o seu valor. Frei José Luiz passava muito isso. O professor tem o seu valor. É nele que nós pensamos. Aí, quando chegou uma época, colocaram numa empresa de cobrança. Houve uma auditoria lá dentro. Porque começaram a ver que a folha não estava dando pra pagar tudo. E aí, colocaram numa empresa de cobrança. Aí, logo depois dessa empresa de cobrança, que começou a vir o Bom Jesus. A gente começou a ouvir rumores...

Silvia

Essa firma de cobrança de que você fala era para cobrar mensalidades dos inadimplentes, não era?

Margarete

Era. Era Cobes. Para cobrar mensalidades, porque o frei tinha cansado de chamar... Mas eu acho, particularmente, e eu não sei nada disso, que quem começou a fazer essa mudança, não sei se iludido ou não, foi frei César. Eu acho que, de repente, ele foi até iludido pelas pessoas que o cercavam, que eu não sei quem eram. Mas eu acho que frei César não tinha o pique que frei José Luiz tinha. Eu acho que se o Canarinhos fosse para o buraco, frei José Luiz ia junto. E frei César, eu acho que não.

Eu não sei se ele não queria ser diretor... se ele queria ser uma outra coisa dentro da Ordem, que não era dele trabalhar com escola... Ele não estava satisfeito. Então, quando ele viu a primeira dificuldade, ele foi buscar uma ajuda. E, nessa ajuda, acho que ele foi iludido, sei lá, por esse grupo Bom Jesus. A gente vai fazer e acontecer. Vamos colocar o colégio nos eixos. Acho que ele entregou de mão beijada... eu acho que ele não esperava que fosse acontecer o que aconteceu. Eu acho que acabou foi aí, entendeu? Porque frei José Luiz depositou muito no frei César. Frei José Luiz preparou frei César para ser o seu substituto. E frei César não queria muito isso. Eu nunca conversei a respeito disso com ninguém, muito menos com frei César e com frei José Luiz, mas assim, é o que passou pra mim. Eu acho que foi isso. Frei César perdeu todo o controle de tudo, porque aí esse pessoal assumiu e achou que era a verdade, não é?

Antigamente, as pessoas falavam muito bem do Canarinhos: era um colégio tradicional, mas era um colégio de que todo mundo falava bem. Hoje, muitas pessoas já não falam bem. Hoje, muitas pessoas colocam seus filhos lá pelo status... Era isso que eles queriam. Nas reuniões que nós tivemos, eles falavam que queriam que o primeiro colégio que viesse à mente fosse Bom Jesus. Então, a maioria das pessoas colocam os filhos por isso. E como o colégio não tem liberdade com os pais, porque os pais não têm acesso, também os pais não reclamam. Porque o pai só vai reclamar se tiver acesso à escola. Como não tem...

Silvia

Você ficou quanto tempo lá?

Margarete

No Bom Jesus, diretamente, de 2000 a 2002. Vai fazer três anos que eu fui mandada embora. Porque, quando o Bom Jesus entrou, até na carteira de trabalho eles carimbaram, mudou a razão social... Isso foi a partir de 01 de janeiro de 99. Mas 99 foi uma coisa indireta, ainda não estava totalmente Bom Jesus lá dentro. Vinha o pessoal de Curitiba para orientar quem era de Petrópolis, para mostrar como era o trabalho... Estavam fazendo uma assessoria. A partir de 2000 é que começou o Bom Jesus mesmo. Foram só dois anos.

Silvia

Na prática, na sua sala de aula, no dia-a-dia, teve mudanças? O que mudou? Ou as mudanças eram mais no âmbito administrativo?

Margarete

Não, não. Ocorreram mudanças. Nós, como profissionais – tem o lado bom da história – tivemos acesso a mais conhecimento, devido às palestras e aos encontros que eram feitos. Nós adquirimos mais informações, aprendemos mais. E isso a gente

A COBRANÇA.

NA PRIMEIRA DIFICULDADE, FREI CÉSAR FOI PROCURAR AJUDA.

HOJE, COLÉGIO É SÓ STATUS.

CRESCIMENTO PROFISSIONAL E PESSOAL.

passava para os alunos. Nós crescemos, não só como profissionais, mas também como pessoas. No dia-a-dia da sala de aula, teve mudança porque o Canarinhos era tradicional, era totalmente tradicional. Claro que essa mudança no ensino brasileiro não é Bom Jesus. O ensino brasileiro teve uma mudança, tem uma outra visão... Os próprios parâmetros curriculares... os PCNS deram uma outra visão, mas a mudança que eu achei muito grande para as crianças, foi que a gente tinha que jogar matéria.

Eu e Giovana, a gente se matava por causa disso. Porque você tinha que cumprir um cronograma que vinha de Curitiba e as provas vinham de lá. Então, você tinha que cobrar aquilo. E se você resolvesse fazer uma fixação ou um período de revisão... não dava. Então, a gente se moía muito com aquilo. A gente estava vendo que as crianças tinham dificuldades, que as crianças precisavam de revisão, não tinha como passar para outra matéria, mas tinha que passar porque vinha já de Curitiba. Então, a gente ficava bem chateada com isso.

Silvia

E não dava para desobedecer?

Margarete

Silvia, não é que não dava. A gente estava ali cumprindo ordens. Então, às vezes, a gente até questionava com a coordenadora:

– Olha, isso assim, assim, assim.

Silvia

Pode falar, que era eu a coordenadora. É legal a gente falar sobre isso, porque eu conto a minha história também e nós podemos confrontar as nossas opiniões.

Margarete

O que acontecia? A gente conversava com você, questionava algumas coisas, mas tem aquele lance. Nós tínhamos que seguir uma hierarquia. Nós seguíamos uma assessoria que tinha seus assessores também. Então, a gente colocava os argumentos, mas quando a gente colocava esses argumentos, eu tenho certeza que de repente, você pensava com os nossos argumentos, mas você passava os argumentos para eles e eles faziam de uma forma... de uma outra forma. Então, na realidade, eles têm um dom muito grande da palavra e fazer com que você mude a sua opinião facilmente, entendeu? Porque eles sabem, eles estudam. E você, é claro, não é que você seja menos, mas você não tinha argumento suficiente para debater o que eles falavam.

Então, a maior mudança foi essa, porque inclusive a parte de conteúdo programático, de antigamente, da terceira e da quarta séries, era enorme. Era uma coisa assim muito grande. E como eu dava aula para terceira e quarta, eu dava matemática para terceira e para quarta e era a mesma coisa, só que, na quarta, as dificuldades se tornavam maiores. Eu até pensava que se você deu um conteúdo na terceira série, pra que repetir na quarta? Vamos amenizar isso aí, jogar uma matéria pra lá, outra pra cá, ver o que é o mais importante.

Mas, depois, o que aconteceu? Alguns conteúdos permaneceram, mas você jogava. Por exemplo: você tinha que dar multiplicação de números decimais, porque o Bom Jesus não pegava a divisão de números decimais. Você tinha que dar a multiplicação, só que tem a regrinha para você dar a multiplicação. Ali era jogado. Então, se você parava para ensinar regra, para explicar, ba-ba-ba-ba, você tinha um determinado dever que tinha que ensinar divisibilidade. Só que divisibilidade não fazia parte do conteúdo. Então, você tinha que ter uma aula para ensinar divisibilidade, para eles fazerem determinado dever. Mas, não tinha tempo e você

A GENTE TINHA QUE JOGAR MATÉRIA.

NOSSOS ARGUMENTOS QUANTO AO TRABALHO IAM ATÉ A COORDENAÇÃO.

A MAIOR MUDANÇA EM SALA FOI EM RELAÇÃO AOS CONTEÚDOS.

tinha que correr.

Então, era difícil porque, por exemplo, a dificuldade muito grande que tinha a terceira série – até hoje, que eu dou aula particular e vejo – é divisão por dois algarismos. Então, divisão por dois algarismos era uma semana só e pronto. Na realidade, eles não conseguiam tirar as dúvidas em uma semana. Não tinha como voltar. Então, sabe como a gente fazia? Tinha quinze minutos para terminar a aula, a gente tacava conta de dividir por dois algarismos. Por quê? Pra ver se eles aprendiam. Depois, a gente recolhia as folhas.

Silvia

Desobedientes, heim?

Margarete

É, desobedientes, mas não era assim uma desobediência...

Silvia

Isso sem a coordenadora saber?

(Risos.)

Margarete

Sem a coordenadora saber. Mas era para o bem das crianças. A gente estava pensando nas crianças, porque ia chegar na quarta série... porque lá tem uma diferença muito grande. Não sei hoje. Até a terceira série, era trabalhado de uma forma mais natural, contextualizado, toda aquela parte. Quarta série não entrava aí. Então, quer dizer, a criança, ela vinha C.C., que tinha um outro nome, primeira, segunda, terceira, tudo de um jeito. Quando chegava na quarta, a criança se perdia. Então, a gente sempre pensava:

– Na quarta, como o professor iria fazer?

Se eles não se perdessem, a gente... mas, assim, os conteúdos sempre foram dados, todas as provas chegavam, estava tudo dado... E agente tinha que correr atrás. O problema da história de Petrópolis... vinha tudo história de Curitiba. E a gente tinha que correr atrás com a história de Petrópolis. Quer dizer, era uma forma de a gente também se atualizar, conhecer a nossa cidade, a nossa cultura. Isso foi legal! A gente tinha que pesquisar na Internet... para seguir o mesmo padrão deles, só que voltado para Petrópolis. Agora, português e matemática eram assim. Entrava com substantivo, pá, acabou. E já entrava no adjetivo. E a criança:

– Substantivo, o que é isso?

Não tinha aquele tempo para você passar o que é um substantivo, entendeu? Vamos procurar no texto, blá-bá-bá. Não tinha tempo porque tinha que correr. A quantidade de páginas que você tinha que dar do livro era muito grande. Então, a gente ficava meio estressada.

– A gente não vai dar conta! Isso tudo é jogado para a criança. Não pode ser assim!

Então isso foi uma coisa negativa. Fora a parte humana, não é?

Eu, Margarete, acho sinceramente que eles não deveriam nem usar 'franciscanos'. Eles não têm humanidade. Eles não pensam no outro... Eu até costumava brincar: coitado de São Francisco, deve estar se virando o túmulo... Ele está ouvindo tanta coisa... Ele não pregava isso. E eu acho que... o ser humano – não é a igreja, não é o santo, não é a pessoa, mas o ser humano, homem – é que está fazendo isso. E eles usam franciscanos e na realidade eles não são. Então, isso me deixava muito triste em saber. Porque os pais tinham uma confiança muito grande no

colégio!

– Eu vou colocar meu filho no Canarinhos porque é um colégio católico. É um colégio que ensina religião.

Tudo bem que, hoje em dia, toda essa parte é ecumênica, o colégio não pode impor religião, mas eu acho isso errado, porque, a partir do momento em que o colégio é católico, você coloca o seu filho no colégio se você quiser. Ele não é católico e vai estudar em um colégio católico? Então, tem que seguir as regras do colégio, não é verdade? Eu penso dessa forma.

– Ah, meu filho é evangélico, eu não quero que ele assista aula de religião.

Então, porque você colocou em um colégio católico? Coloca em um outro colégio que não tenha nenhuma... mas, 99,9% dos pais colocavam no colégio por causa disso, entendeu? Por ser católico e tal. Uma coisa muito engraçada: entrou o Bom Jesus, acabou a parte católica do colégio. O colégio passou a não ter mais aquela parte católica. Celebrações, que o colégio tinha na época do frei... Parecia que eles são, sei lá, ateus. Eles não levam essa parte do catolicismo, a parte cristã. É mais assim, não é que o ecumenismo deixe o cristão, mas é diferente. Eu não sei explicar. É diferente. Não tinha aquela parte católica mesmo, que os pais gostavam, que as crianças precisam, já que eles são católicos e às vezes, não encontram em casa. O contato com o frei... já que era um colégio religiosos... Eles não tinham mais contato com os freis. Então, isso foi uma falha.

Silvia

Margarete, como foi a sua saída? Você ficou esse tempo se adaptando a esse movimento todo...

Margarete

Eu sempre fui uma pessoa... é... é muito difícil falar da gente, mas – eu sempre fui uma pessoa muito responsável. Então, tudo que eu fazia – só fiz duas coisas na vida, dois trabalhos, dois empregos que eu tive na vida: o Bom Jesus Canarinhos e o Santa Isabel – eu vestia a camisa de onde eu estava. Então, por exemplo, tinha que estar lá... eu dormia no Santa Isabel quando dava aula no Santa Isabel. Tem que passar a noite, eu estava lá. Tem que estar 7 h da manhã, eu estava lá. Tem que ficar até as 11 da noite, eu ficava. Eu era uma pessoa que sempre me dediquei ao emprego. Eu ia trabalhar doente. Eu nunca fui de faltar. Tanto é que, quando operei, eu conversei com Rose, nós sentamos e nós duas chegamos à conclusão do melhor dia para eu operar para eu não precisar entrar em INSS e ficar muito tempo fora do colégio. Tanto é que eu fiquei 15 dias em casa. Eu fui trabalhar.

– Não, meu Deus do céu, eu vou ficar longe das crianças.

É um colégio particular e eles podem mandar alguém embora a qualquer hora. Então, você não pode ter esse privilégio de ficar 500 anos... Coisa que outras pessoas não pensam. Mas eu pensava. Eu fazia o plano. Eu mandava o plano para o colégio. Quando eu tive hepatite, quem mandava o plano para mim era Verônica. Lembra da Verônica? Porque ela morava na Estrada da Saudade. Então, Ronaldo levava o plano até Verônica e ela levava pra lá. Na sexta-feira, voltava e, no final de semana, eu fazia o plano.

Então, eu sempre fui uma pessoa responsável. Tem que plantar bananeira, eu planto. Tem que dar matéria desse jeito, eu dou. Nunca fui de enrolar. Eu detestava enrolar. Quando chegava ao final do ano, que eu não tinha mais matéria para dar, aquilo, pra mim, era uma agonia, porque você enrolar, a hora não passa. E as crianças ficam agitadas. Então, sempre foi assim.

Chegou aquela tortura, porque aquele dia foi uma tortura, o dia em que eu fui

mandada embora foi uma tortura. Nenhuma pessoa, em sã consciência, uma pessoa que seja realmente cristã, ela não pode fazer uma coisa dessa, coisa que o Milton fez. Chamar um por um, sobe, você vai ficar com essa turma. Quando chegou a última, que se eu não me engano foi a Patrícia, eu já sabia que não estava em lugar nenhum. Porque a Marta ia dobrar, Patrícia ia dobrar... Então, aquilo dali foi uma tortura psicológica. E como eu estava dando recuperação... ele começou a me perguntar o que eu tinha achado do ano, eu falei o que eu achei, tudo bom e tal, como eu me dava com os pais e eu sempre tive uma relação muito boa com os pais e tal, aí ele virou prá mim e disse assim:

– Pois é, mas nós não precisamos mais dos seus serviços. Você pode ir embora agora. Você vai receber tudo em casa.

Foram as palavras que ele usou. Eu me senti realmente como um objeto. Eu não gostei mais daquele objeto porque saiu de moda, eu vou jogar fora. Que eu não devia ter feito isso, porque afinal de contas eu não tinha um mês de colégio. Eu tinha quase dez. Eu ia completar 10 anos de colégio. Não era qualquer pessoa. Era assim:

– Vai embora. Você não precisa mais ficar aqui! Você vai receber tudo em casa.

Tanto é que eu saí dali e não levei nada que era meu. Tudo o que era meu ficou lá dentro do Bom Jesus. Quem pegou para mim foi Mônica. Pegou meus livros da história de Petrópolis, uma canetinha, um grampeador, essas coisas. Então, assim, eu me senti a pior pessoa do mundo. Você nunca prestou aqui. Sabe, porque eu posso não ter prestado para ele, mas eu sei que daqui a alguns anos, daqui a uns cinquenta anos, sei lá, vai ter a história do Canarinhos e meu nome vai estar lá. Nosso nome estará lá. Então, a forma como eu fui mandada embora é que foi muito triste. Eu não senti o chão. E eu virei para o Milton e falei assim:

– Milton, eu larguei 19 anos de um colégio para ficar aqui.

Ele falou assim:

– Olha, a minha consciência está limpa. Você é uma ótima profissional. Você arruma emprego em qualquer lugar.

Foi o que ele falou pra mim. Logo depois, ele foi embora. Mandou todo mundo que tinha que mandar embora e saiu. Então, dizem que ele tinha sido um frei. Uma pessoa que foi frei, ou que quase foi, que estudou... Como uma pessoa pode tratar o outro ser humano dessa forma? Isso foi uma coisa que me deixou muito triste, muito magoada. De repente, não de ter sido mandada embora. Conscientemente, ou inconscientemente, eu pensava:

– Colégio particular, você não sabe o seu futuro. Hoje você está. Hoje você não está.

E aí, quando chegava o final do ano, a gente sempre pensava:

– Ai, meu Deus do Céu, será que a gente continua no ano que vem? Será?

Então, a gente tinha consciência de que, um dia, mais cedo ou mais tarde, nós poderíamos ser mandados embora. Porque ninguém tem um contrato fixo. Mas, não dessa forma. A forma é que foi ... porque se ele chegasse de uma outra maneira...

– Houve algumas mudanças...

Ah, aí eu perguntei a ele porque que eu estava sendo mandada embora. Se tinha alguma reclamação...

– Não, você não tem o perfil da empresa.

Foi essa a resposta que ele deu. Porque, se ele me falasse assim:

– Você vai ser mandada embora porque você vive chegando atrasada.

Eu ia ter consciência disso:

– Eu realmente chego atrasada.

– Você não ensina as crianças, você é uma péssima profissional.

Era uma justificativa. Mas eu não tenho o perfil da empresa. Pra dobrar, eu tive, agora eu não tenho mais! Então, assim, foi uma coisa muito chata. Eu fiquei muito magoada com a maneira com que eles trataram todas nós. Eles não tinham humildade, humanidade.

Uma vez, em Curitiba, a primeira vez que eu fui a Curitiba, Nossa Senhora, o que aquele Ivan falou pra mim de besteira. Dentro do ônibus, na frente de todo mundo, no microfone. Não sei onde você estava, não me lembro. Por quê? Porque eu estava passando mal, me deu uma cistite, o ônibus parou no Bom Jesus Centro para pegar umas caixas e tinha uma farmácia perto e eu falei:

– Enquanto eles pegam as caixas, eu vou dar uma corridinha na farmácia, para comprar um remédio.

Só que a farmácia que o motorista me indicou era uma farmácia de manipulação e não tinha. O cara me falou que era do outro lado da rua. Eu atravessei e fui. Eu sou de maior, sou vacinada, sei das minhas responsabilidades... Só que, nesse meio tempo, o Ivan chegou no ônibus e aí,

– Vamos, vamos.

– Não, tem uma professora que saiu.

Quando eu voltei, ele pegou o microfone e falou que não queria que acontecesse aquilo, que se algum outro professor fizesse aquilo, era bom sair e não voltar mais. Como se eu fosse uma criança. Eu chorei o tempo todo. Isso, na frente de todo mundo, no microfone do ônibus. Isso foi uma coisa que me magoou muito.

Então, a partir daí, eu passei a ver que aquelas pessoas não sabiam tratar os outros, lidar com os outros, serem educados. Eu fui confirmar isso quando eu fui mandada embora. Porque também não teve nenhum papo, nada disso. Não agradeceu meu trabalho, não agradeceu por nada que eu fiz.

– Você pode ir embora agora, você vai receber tudo na sua casa.

– Vai embora! Você não vai pegar nada!

Sabe, assim! Ou com medo de que eu levasse alguma coisa do colégio. Isso me magoou muito. De repente, não magoaria tanto o fato de eu ter sido mandada embora, mas a forma como eu fui. E eu sempre, pelo menos eu acho, que eu sempre tentei tratar os outros muito bem. Eu sempre tive a preocupação muito grande de não magoar ninguém. Eu tinha muito medo de magoar os outros e eu fui magoada.

A experiência foi péssima. E eu acho que eles fizeram tudo isso planejado, porque eu fui, depois, corri atrás dos meus direitos. Ver se eu tinha algum direito. Faltavam três anos para eu me aposentar e eu já tinha, não, eu ia fazer dez anos em fevereiro. Eles me mandaram embora em dezembro. Porque se eles me mantivessem mais um ano lá, eles não podiam mais me mandar embora. É uma lei. Se você estiver na mesma empresa dez anos ou mais, se faltam 36 meses para você se aposentar, a empresa não pode mais te mandar embora. Então, eu acho, inclusive até o advogado falou isso comigo, que provavelmente eles fizeram isso de caso pensado. Eles sabiam

³ O Professor Renato, professor de matemática, havia sido mandado embora e foi reenquadrado, por força dessa lei.

que se deixassem, depois não poderiam mais mandar embora, teriam que esperar eu me aposentar. Tanto é que Renato ganhou. Renato voltou³.

Então, a mágoa que eu tive foi essa. Começou a desmembrar todo mundo. Aquela família que existia no Canarinhos começou a não existir mais. Porque eu nunca me esqueço, uma reunião que teve com um cara do RH, ele falou sobre isso, sobre os ruídos. E aquilo ficou martelando na minha cabeça, porque os ruídos no rádio, os ruídos atrapalham na sintonia, sei lá. E, numa empresa, você não pode ouvir ruídos. Você tinha que agir como profissional ali dentro, não podia ter o lado afetivo, como nós tínhamos. Porque, afinal de contas, ali a gente era uma família. Não tinha esse lado afetivo mais. Não podia ter, porque interferia, ia interferir no trabalho, na profissão... Então, você vê que as pessoas eram muito frias. Era:

– Oi, tudo bem?

Mas não tinha aquele vínculo afetivo que nós tínhamos. E eles não queriam isso. E foi o que foi acontecendo. Eles começaram a minar. Eles foram tirando, colocando um novo. Então, aquele vínculo afetivo foi acabando. Porque o que você tinha que fazer era dar aula. Chegar, dar a sua aula e sair. Pronto. Aquele negócio de ficar batendo papo... fofoca, claro, é prejudicial, mas eu digo batendo papo.

Eles não queriam isso. Era trabalho. Ambiente de trabalho. As pessoas começaram a ficar frias, também. Eu tenho certeza de que, hoje, lá dentro, não tem mais essa parte afetiva. As pessoas... cada um por si e Deus por todos. Começou a ter competição. Tinha muita gente que queria tirar o tapete do outro. Hoje, acredito que tenha, também. Na época que eu ainda estava lá, vários. Não vou citar nomes aqui. Mas que morreu pelo próprio veneno, porque também foi mandada embora. Então, as pessoas queriam tirar o tapete do outro, porque eles começaram a minar. Você vê que deixavam alguém antigo, mas... Vê a parte administrativa: a assessoria... Tinham pessoas antigas, mas tinham novos também, que você não tinha vínculo. Porque antes, tinha lá, Odete, Marisa... que eram pessoas do Canarinhos. Aí, tiraram Marisa ou Odete, sei lá. Que veio Marcelo. Ficou você, que era antiga, Odete..

Silvia

... Mônica. Era Marisa, Odete e eu. Aí colocaram Marcelo, Mônica e eu.

Margarete

Então, aí o que acontece? Mina aquela amizade. Por quê? Marisa, Odete e você eram pessoas amigas, unidas, de muito tempo. Nas turmas, também. Tiravam uma, duas e entrava uma nova. Pra não ter mais essa ligação. Não é pra falar, não, mas por que a terceira série funcionava? Porque eu e Giovana tínhamos uma sintonia muito grande. Às vezes, eu lembrava de uma coisa e saíamos as duas da sala, porque lembrávamos juntas. E dava certo, entendeu? Aí, começou a cair, por quê? Porque não tinha toda essa parte afetiva.

E aí, os alunos eram prejudicados, porque as pessoas não tinham aquela ligação. Porque as crianças percebem também. Então, foi uma coisa que foi acabando, porque isso era o ruído e o ruído atrapalhava. Eu nunca me esqueço dessa reunião. E outras coisas, também. Uma vez, Ivan⁴ falou – ele era muito infeliz aquele homem, sabe? Nossa Senhora, ele tinha que ter morrido e ficado com a boca fechada – ele falou que filho de funcionário tem que estudar em escola pública. Filha de doméstica tem que estudar em escola pública. Escola particular estudam pessoas que têm condições. Agora se você for ver, muitos que são filhos de pessoas mais carentes pagam mais em dia que os filhos de ricos. Porque a família faz sacrifício para o filho, para dar para ele o que não teve.

⁴ Ivan também foi demitido tempos depois.

Não é por aí. Onde está o franciscanismo? Tinha que tirar essa palavra franciscano da Associação, porque o franciscano não é assim. Pelo menos a filosofia não é. Foram coisas que foram acontecendo e a gente começou a ver. Não era por aí. Estavam indo por outro caminho que não era o nosso, que a gente não estava acostumados.

Apesar de toda grosseria do ~~freeeeei~~ José Luiz... era uma coisa legal! Você vê a grosseria que Ivan fez comigo e vê a grosseria do frei José Luiz. Eram diferente. Mas frei José Luiz, ele valorizava o profissional. Ele estava sempre a favor do professor. O professor é a autoridade, mesmo que ele esculachasse o professor. Porque, às vezes, ele esculachava na frente do aluno, não é? Uma vez, aconteceu isso com a professora de música na frente da minha sala. Nossa Senhora. Coitada da menina! Ele esculachou a professora na frente da turma.

– Se você continuar dessa forma, você vai ser mandada embora.

Aí, eu entrei para saber o que tinha acontecido e as crianças falaram que o frei falou isso, assim, assim, porque ela estava fazendo isso, assim, assim, assim. Ele esculachava, mas era diferente. Ele esculachava aqui, mas ali ele dava a mão. Se você precisasse, ele dava a mão.

Então, você vê que nós éramos uma família. Tinha o professor Kronenberg⁵... A gente ia lá, recebia, batia papo... Aiscanismo? Tinha que 1ea 0 c20136 T05 mo? Tf. Eram dia favor dosramo00 né-nhé-nhé porque s36ão você caía por terra. Mas, eu sinto saudades dessa geração do Canarinhos. Teve uma vez, eu fui marcar médica. Eu to?balhava o dia inteiro. Então, eu tinha que usar o telefone de lá para marcar médica, não é? Aí, eu fui na sala da M 0 4nica, porque a Cristina autorizou. Eu estou lá:

– Pode ser 17 is30?

Eorque a scanissaía às 17 is20.

– Vai dar tempo sim, porque eu estou aqui no Canarinhos. Desliguei, aí Marcelo me chama na sala.

– Aqui é Bom Jesus, está?

Aí, eu virei isfalei que ...

(A fita acabou e perdi o final da frase.)

Milton mandou as pessoas que minham mais capacidade embora, mo? medo. Porque eu são estou lá, mas aqui, as pessoas Não têm capacidade pra estar lá dentro não. Então, acho que vai da experiência.

⁵

FREI JOSÉ LUIZ, O BOM CARASCO: CRIADOR DA FAMÍLIA CANARINHOS.

SACRIFÍCIOS PELO ANARINHOS EXEMPLO DE DEDICAÇÃO.

CADA GESTOR DENTRA

Experiência é tudo. Você vê, eu, 22 anos de profissão, passei por quinhentos mil métodos, por quinhentos mil diretores... Então, cada pessoa pensa de uma forma, cada ano que passa é uma metodologia diferente... Você vai ganhando experiência, tirando o que é bom daqui, o que é ruim você vai jogando fora, você vai tendo alunos de vários tipos. Esse tipo de experiência leva você a assumir determinados cargos.

(Aqui, ela conta o caso de uma professora que ela não quer nomear, que assume um cargo sem experiência.)

Você vê, em um almoço, as pessoas que tinham mais tempo de experiência ficavam juntas. Num jantar, era aquele grupo. Eles não queriam que acontecesse isso.

Silvia

A gente devia ter disfarçado mais.

(Risos.)

Margarete

Pois, é. Mas não dava prá disfarçar.

Silvia

Me conta uma coisa, agora: como foi trabalhar comigo?

Margarete

No início, quando eu entrei no Bom Jesus, eu tive uma impressão muito má de você. Bom Jesus, não! Canarinhos. Quando o frei me chamou para conversar, não sabia para que turma eu ia. Aí, o frei falou assim:

– A senhora vai lá no prédio e conversa com a Dona Sônia Casamasso, que ela vai indicar a turma que a senhora vai trabalhar.

Aí, fui. Cheguei lá, me apresentei e aí ela falou assim:

– Eu vou te dar o nome e o telefone da coordenadora do Jardim porque tem uma vaga lá e a sua experiência é vasta no jardim.

Aí, ela me deu seu nome e seu telefone e eu liguei pra você, porque ela falou comigo que tinha vaga no jardim. Aí, eu liguei.

– Poderia falar com a professora Silvia? É que a coordenadora Sônia dos Canarinhos pediu que eu ligasse para a senhora, que a senhora tem uma vaga no jardim...

Contei a história, que o frei falou e tal. Você falou assim:

– Olha, não tem vaga nenhuma pro jardim e desligou o telefone.

Silvia

Que mal-educada!

Margarete

Silvia, eu fiquei com uma má impressão! Aí, o que eu fiz. No dia seguinte, eu falei com Marilda.

– Marilda, não tem vaga pra mim, vocês estão enganadas.

– Margarete, claro que tem. O frei mandou te chamar.

– Ah, mas eu liguei para aquela coordenadora do Jardim e ela falou que não tinha vaga nenhuma e desligou o telefone.

– Não, Margarete, vamos lá.

E marcamos à tarde e fomos, e Sônia me colocou na quarta série e tal. Gisele foi para a biblioteca e eu fiquei no lugar da Gisele. Mas eu fiquei com má impressão. E como eu não tinha contato com você, eu pensava:

– Nossa Senhora, aquela garota é tão estranha, não fala com ninguém.

Aí, a gente começou a falar uns “ois”, mas sem muita ligação, porque o Jardim era muito separado⁶. Até as professoras, a gente não tinha contato com elas. Aí, quando eu fui para a primeira série – até então minha coordenadora era Sônia – de repente, a coordenadora da primeira série agora vai ser a Silvia.

– Ai, meu Deus do Céu, a Silvia é cobra demais.

Era o que eu pensava. Eu via você com as professoras do jardim, as professoras fazendo aquelas coisas lindas e maravilhosas, aquelas capas de envelope.

– Ai, a Silvia cobra demais.

Eu fiquei tão desesperada. Eu fiquei meio nervosa. Mas, depois, foi numa boa, sabe? Gostei muito de ter trabalhado com você. Aprendi muito.

Silvia

Eu cobrava demais mesmo? Ou era cobra?

Margarete

Não, não. Você cobrava, mas não demais. Você cobrava porque era a sua função cobrar. Você tinha que ter nas mãos aquele grupo. E você tinha alguém que cobrava de você também. Não era questão de que você cobrava demais. Era sua função! Você era coordenadora pedagógica, a responsabilidade estava em cima de você. Se o professor cometesse um erro, mesmo que ele fosse punido por aquele erro, o seu nome também estava em jogo.

– Pô, Silvia, você não viu o que a professora fez?

Foi muito bom trabalhar contigo. Muito, muito. Eu cresci como pessoa, não só porque o Bom Jesus deu essa oportunidade, mas como a gente trabalhava diretamente e você é uma pessoa muito capaz, capacitada... Uma pessoa que realmente veio ao mundo para estudar... E são raras as pessoas que existem para isso. Eu acho que, mesmo se eu tivesse todas as condições possíveis, eu não seria assim. Eu gosto de ler... Eu gosto de aprender... Mas, não com aquele compromisso. Eu estou a fim de ler um livro sobre educação, vou e compro, peço emprestado, sei lá. Não estou mais a fim, parei. Você, não. Você é uma pessoa disciplinada e acho que isso você passava muito para a gente. Você estava sempre buscando algo novo, através de uma leitura, através de um estudo...

Então, muitas vezes eu também tinha vontade de ler, por causa de você. Foram poucos anos letivos, 99 a 2002, mas que eu aprendi muito. E agora, nessa minha nova “obra”, eu acho que eu vou passar muita coisa que eu aprendi com você. A sua organização, sabe aquele caderninho que a gente tinha que ler o bilhete e tinha que assinar. Tudo era organizado, entendeu? A gente tinha uma dúvida e a gente ia até você e você explicava. É por causa disso, disso, disso e pronto. Você se sentia segura. Até eu e a Giovana conversávamos assim. Tinha lá um pai para atender...

– Ai, a Silvia podia falar, porque ela fala assim numa boa e convence o pai. A

⁶ O “Jardim de Infância” ficava separado do prédio do primeiro e segundo graus, em uma casa antiga, ainda que no mesmo terreno.

gente não tem essa capacidade.

Se é um período que eu sinto falta, é o trabalho que nós tivemos juntas, que nós vivemos juntas. Foi muito bom. Eu fiz uma outra idéia completamente diferente do que você era no início. Mas você também mudou! (Ela fala com muita ênfase.) Você se abriu mais, se deu mais. Não sei, acho que, antes, você era mais você, era mais fechada, tinha uma proteção em volta, uma redoma, um escudo... depois que você foi para o lado de lá⁷, você se abriu mais. Não sei, acho que isso facilitou o entrosamento... Eu via você, antes de ser minha assessora, você era lá em cima. Ninguém chegava até você. Depois, não. A gente estava tudo no mesmo plano. Mesmo que você fosse assessora, nós todos éramos iguais. Havia aquela hierarquia, mas nós éramos iguais. Teve essa abertura, porque você também se abriu. Então, a gente pôde se aproximar mais.

Silvia

E o lado ruim? Você só falou o lado bom.

Margarete

Não, acho que não teve lado ruim. Mesmo assim, acho que tinha coisas que, às vezes, a gente reclamava, cá entre nós. Cá entre nós e entre nós:

– Ah, meu Deus do Céu, tem que passar sábado o dia inteiro aqui.

Sabe essas coisas assim? Mas era gostoso. De manhã, a gente ficava arrumando e almoçava no colégio...

– Ai, está chegando sábado que a gente vai passar o dia inteiro aqui no colégio. Ai, que saco!

Depois que estava lá, estava tudo bem. Era bom. Era gostoso. Não teve coisas ruins, coisas negativas. O negativo mesmo foi a intromissão dessas pessoas de fora no nosso trabalho. Assim, com você... a gente reclama mesmo de tudo, não é? Se sair cedo, reclama.

– Eu tinha médico às 6 e o colégio liberou às 3.

A gente reclama. Sai tarde, reclama. Curso, a gente reclamava.

– Pô, tem que ficar aqui até às 10 h da noite.

Mas a gente ficava e, no final, a gente:

– Pô, foi legal hoje, e tal.

Teve só lado positivo. Negativo só quando há uma intromissão e que vai prejudicar você. Vai pro lado ruim, pro lado mau das pessoas. Aí, é negativo. O que teve de negativo foi quando começaram a prejudicar as pessoas lá dentro, sem saber se você não ia ter condições... Faltam três anos para aposentar. Vamos mandar essa pessoa embora? Ela não tem boa condição financeira e vai perder esse emprego. Não pensavam nisso. Isso foi negativo.

– Deu-me-veirelo. Nã, eiado, nã, eiado, não e,

- Não, frei, eu não estou mascando chiclete.
- Ah, bom, porque, se tivesse, ia jogar agora.

Como se eu fosse uma criança. Então a gente se divertia, depois. A gente reclamava e tal, mas ia levando porque era bom para a gente.

Silvia

E o contato com frei César?

Margarete

Nenhum. A gente não tinha. É o que eu te falei no início. Acho que frei César, cá entre nós, estava ali naquele lugar – isso foi o que eu senti, o que ele me passou – como uma ponte. Ele estava ali, tinha onde morar, estava estudando, ia-se formar, mas não era o campo dele ali. Ele queria mais. Ele queria mais. Ele queria muito mais. Mas, para ele conseguir esse muito mais, ele tinha que começar ali. Porque, na época em que ele foi diretor, a gente não via frei César. Professores não tinham acesso e nem viam frei César. Uma vez ou outra que a gente via frei César pelos corredores da vida. Coisa que com frei José Luiz, eu achava muito legal, aquela formação, que tinha que rezar, tinha que cantar hino, aquela disciplina. Aqueles galaláus e o frei José Luiz mandava calar a boca e calava.

Então você tinha o contato com o frei. O frei passava toda hora na sala, ele se materializava... Eu até falei isso, não é? Ele não pedia licença, ele se materializava dentro da sala. E você tinha contato com ele.

- Ai, meu Deus do céu, tenho que fazer determinada atividade mas não posso fazer barulho.

Porque o frei não admitia falar alto. Você sabia que, em algum momento, ele estaria presente. E eu sempre falava que era sempre nas piores horas que ele aparecia. Tipo assim, mudança de uma aula, que a criança fica agitada, era a hora em que ele aparecia. Entrada na sala depois de um recreio, era a hora em que ele aparecia. Era sempre assim.

Com frei César, a gente não tinha esse contato. Eu acho que foi uma decepção para o frei José Luiz. Ele preparou frei César para substituí-lo, ele depositou... ele queria que todo aquele amor que ele tinha pelo Canarinhos, o frei César tivesse. E não era a praia do frei César aquilo ali. Dizem que, hoje, ele é diretor, sei lá o que ele é. Manda-chuva!

Silvia

Definidor.

Margarete

Não sei qual o termo que eles usam, mas então, era isso que frei César queria. Ele não queria um coleginho. Ele queria uma coisa maior. Mas, para chegar nessa coisa maior, ele precisava passar por ali. Por isso ele aceitou. Ele é uma pessoa muito nova. Acredito que ele seja mais novo do que você. Eu me lembro que alguém falou que ele tinha 28, quando ele se formou e eu já estava pra lá dos 30. Ele era uma pessoa muito nova. Ele não tinha essa experiência para assumir um colégio daquele porte.

Por isso, quando ele sentiu a primeira dificuldade, ele foi atrás de ajuda. No que ele foi atrás de ajuda... eu não sei se essa marca Bom Jesus, em Curitiba, é uma coisa muito grande e ele, como vivia muito para aquele lado do Sul, ele é de lá... ele achou que aquilo iria ser muito bom para Petrópolis e iria mudar muita coisa. Ele foi envolvido por isso. Eu penso que ele achou que aquilo seria uma boa para o colégio,

FREI JOSÉ LUIZ TINHA AUTORIDADE OU ERA AUTORITÁRIO: EIS A QUESTÃO.

FREI CÉSAR NÃO QUERIA UM COLEGINHO: HOJE ELE É DEFINIDOR.

NA PRIMEIRA DIFICULDADE, PEDE

para os professores e ele viu que não foi. Então, frei César era isso: ele não tinha presença como diretor.

Você vê que muitas coisas você perguntava a ele e ele não sabia responder. Frei José Luiz, além de ser responsável pelo coro e regente, ele era responsável pelo colégio. E o colégio funcionava! O colégio funcionava! Você vê que alguns professores reclamavam:

– Pô, a gente tem quarenta alunos dentro de uma turma.

E eu já tive 44. Eu tinha 22 meninos e 22 meninas numa quarta série. E eu dava tudo. Eu só não dava música e educação física. E inglês. Eu dava história, geografia, matemática, ciências, tudo. Era a turma do Bruno Soares! Era a turma daquele garoto. Ele era uma **peéééééeste!**

(Risos.)

E eu não reclamava e a gente tinha que dar conta. Cobrar disciplina, descer aquela escada, porque se o frei subisse e visse descendo daquele jeito... Detalhe: tinha vezes que eu ia dar aula lá no Instituto⁸. Teve um ano que eu dei aula no Instituto o ano inteiro. Uma sala que era em cima da sala dele, que era ali do lado da sala de canto. E a outra era em cima, onde tinha os quartos. Então, para você subir ali:

– Silêncio! (Sussurrando.)

Então, frei César não tinha esse manejo. O pouco que ele ficou lá, e foi muito pouco tempo, ele não passou, por exemplo, assim... a figura de diretor passou do frei José Luiz para a assessoria do Bom Jesus. Não ficou marcada a figura do frei César. Ele não era uma pessoa presente. Não era um diretor presente. Ele vivia fora do colégio. Eu não sei com você, que ele tinha que lidar diretamente com as coordenadoras, mas com os professores...

Muitas vezes, os pais... muitos reclamavam. Comentavam com a gente que não tinha mais diretor.

– Não, é que ele está fazendo um curso.

A gente tinha meio que tapear, tapar o sol com a peneira. Era isso. Eu acho que o que aconteceu do Bom Jesus foi isso. Se ele tem algum arrependimento, esse eu acho que é um arrependimento que ele tem. Ele afundou o Colégio dos Canarinhos. Chega!

Silvia

Depois dessa frase bombástica, você quer ainda completar, alguma coisa que você não disse?

Margarete

Não. Às vezes eu sonho... não é sonho dormindo não. Quando eu estou assim, sem pensar em nada, vem ainda alguma coisa que o Canarinhos vai voltar a ser Canarinhos. O Canarinhos vai voltar a ser o Canarinhos. Eles vão chegar à conclusão, não sei como se chama, a Ordem... os próprios franciscanos vão chegar à conclusão de que, para Petrópolis, não foi uma boa. Canarinhos é uma tradição, não é? Faz parte da história de Petrópolis. Quantas pessoas famosas estudaram no Canarinhos? Bom Jesus não vai fazer parte da história de Petrópolis! O próprio coro. Não sei como ainda não acabaram com o coro.

Mas, às vezes, eu fico parada e pensando: ainda vai voltar a ser Canarinhos. Eles vão ver o que eles fizeram. Vai fazer parte da minha vida e daqui a 20, 30 anos,

⁸ Chamávamos de Instituto o prédio da escola de música.

quando eu estiver bem velhinha, vou contar todas essas histórias para as pessoas. Nunca vou esquecer! Foi uma parte boa, apesar de todos os pontos negativos que aconteceram, mas foi boa. Não posso falar mal. Aprendi muito. Cresci. Muitas coisas que eu consegui na minha vida particular, eu agradeço ao colégio, porque, afinal de contas, eu tinha um salário. Eu não posso falar mal da onde eu trabalhei. Mas, deixou mágoas? Deixou.

entrevista com

letícia

04-dezembro-2005

ENTREVISTA COM LETÍCIA**04-DEZEMBRO-2005**Silvia

Eu não sei o que você sabe sobre esse trabalho, se a gente já conversou a respeito.

Letícia

Você falou que ia contar a história do Canarinhos, dando um outro tom da história, porque as coisas que você conta, especialmente sobre essa parte católica, você não poderia contar determinados fatos, porque alguns foram contados até pelo seu cargo e tudo mais... E você iria fazer uma proposta de fazer um romance, porque aí você não precisaria citar as pessoas. Você resguardaria alguns fatos e algumas pessoas. Foi mais ou menos isso.

Silvia

Essa parte do romance eu cumpri. É o que eu chamo de primeiro eixo da pesquisa. É a história que eu narro. O segundo eixo da pesquisa é o depoimento de pessoas que também participaram dessa história. Eu trago esses depoimentos como outras versões da história, até para poder dizer que a história não tem só uma versão. Eu vou listando várias pessoas que participaram da história para trazer seus depoimentos para o segundo eixo. E, de alguma forma, esses depoimentos dão uma certa veracidade para a história. Não sou só eu quem conta. Outras pessoas viveram também e contam essa história. A história que eu conto passa um pouco pela vida das pessoas no colégio. Não é aquela história documental de quando foi inaugurada, quando foi... o que as pessoas viveram lá. E a idéia é que você conte um pouco da sua vida no colégio.

Letícia

E você vai gravar o que eu vou contar?

Silvia

A gente pode fazer, depois, um *making off*, é assim que se diz?

(Risos.)

Letícia

Com certeza!!! Bom, eu comecei lá a convite da Marilda. Eu nem pensava em trabalhar em escola. Eu pensava em dar aula de dança.

(Filho da Letícia:

- Mãe, me machuquei.

- Ele quer chamar a atenção.)

Silvia

Eu havia marcado na casa dela a seu pedido, pois ela teria a mãe para deixar as crianças, mas estaria por perto. Mas logo ela percebeu que não daria certo. Sugeriu que fôssemos a uma padaria ali perto, que tem umas mesinhas e é tranqüila. A entrevista teve essa novidade. Estávamos ali, em meio a um movimento de pessoas que entravam e saíam, o barulho dos carros lá fora e a gente em nossa conversa.

Letícia

Onde a gente tinha parado? Ah, começou com Marilda! Eu ia trabalhar com dança, ginástica, porque eu fiz educação física e minha atenção estava voltada para academia e não para escola. Eu tinha feito normal também. E como eu

estava meio me formando ainda – eu não estava formada, mas já estava dando aula de nataçãO –, estava querendo trabalhar mais e não podia começar logo com educação física porque eu não era formada. Na época, eu namorava Rodrigo¹ e Marilda comentou comigo:

– Por que você não vai dar aula no Canarinhos?

Eu tinha uma idéia da Escola dos Canarinhos muito diferente da que eu encontrei. Eu tinha uma idéia de uma escola muito atrasada, muito... pouco moderna. E eu não fiquei empolgada para ir. Mas ela falou para eu ir lá fazer uma entrevista com a Sônia e aí, como eu tinha essa parte bem boa de folclore – foi uma parte que eu trabalhei muito na faculdade, e eu fiz as matérias eletivas com relação a isso –, achei que podia dar uma contribuição nessa parte da educação física para as crianças, não, especificamente dando aula de educação física, mas, no meu trabalho, misturar essa parte assim mais lúdica do folclore. Sônia gostava muito dessa parte.

Quando ela me entrevistou, ficou encantada com esse trabalho. Eu conhecia todas as coreografias de frevo... dessa parte toda regional, não é? E ela ficou empolgada e ela gostou. Me contrataram. Frei José Luiz não me conhecia direito. Ele sabia quem eram meu pai e minha mãe e tal. E, logo no primeiro ano, ele começou a ver meu trabalho, a elogiar, a gostar. Eu não tinha muita idéia de como era ser professora primária. Não era uma coisa que eu estava me preparando para. Aí, eu comecei a dar aula, e eu não gostava muito da área de matemática e geografia. Não era muito a minha área. Minha área era mais línguas. E a parte biológica que é ciências, essa coisa.

Eu encontrei Giovana, que foi, assim, meu par perfeito durante anos, porque Giovana gostava dessa parte de história, geografia, matemática e não, gostava de português, ciências, religião. Essa não era muito a dela. A gente fez uma dupla... perfeita. Primeiro porque ela me entendia, porque eu tenho um jeito meio assim... Ela entendia isso e não achava que era pessoal. Isso é muito importante. As pessoas com quem eu me dei melhor foram as pessoas que não achavam que o que eu falava era pessoal. Eram as pessoas que sabiam separar o meu lado profissional do meu lado pessoal. E Giovana sabia fazer isso muito bem. Ela nunca ficou magoada comigo e nem chateada com nada que eu tenha dito para ela de uma maneira assim mais enfática, porque eu sou um pouco hiperbólica, sabe?

Eu peguei muito a parte da quarta série, que foi a idade que eu mais amei de trabalhar. Com essa idade de 9, 10 anos eu me identifico muito. E a escola era uma escola diferente realmente. Não diferente como eu pensava, de atrasada, mas diferente pelo material humano que tinha ali dentro. As pessoas ali eram muito especiais. Marilda, Sônia, Margarete, Giovana, Lolita, a Patrícia “amiguinho”, que também tinha um jeitão especial dela, mas não era nada pessoal também, era o jeito de ela ser, muito caprichosa, muito detalhista. Então, cada um tinha um dom e a gente juntava esses dons e trabalhava em conjunto. Eu era professora da quarta série e só fazia para a quarta série. Eu fazia coreografia para a primeira, para a segunda, para a terceira, para a quarta... porque eu tinha mais dom. Patrícia enfeitava a minha sala, enfeitava a sala de um... entendeu? Ela tinha jeito para isso. E Giovana contribuía de alguma maneira para que tudo ficasse bom para todos. Isso era muito bom e isso é difícil você encontrar: todos trabalhando em conjunto para o bem de todos. Isso é complicado, e lá tinha isso.

E tinha o frei José Luiz, que era uma pessoa assim... é... como eu vou dizer... exigente. Ele ia às salas ver se estava em silêncio. Eu me lembro o primeiro dia em que trabalhei com o material dourado e ele entrou na sala. Eu trabalhei com material dourado com as crianças no chão. Acho até que frei César tirou umas fotos. As crianças em rodinha, assim. E frei José Luiz entrou nesse momento. Ele achou aquilo esquisitíssimo. As crianças não estavam nas carteiras enfileiradas; uma outra vez, também, ele foi ver o que tinha acontecido, porque tinha um horário que eu

¹ Filho da Tia Marilda.

NÃO ERA MUITO A MINHA PRAIA, MAS GOSTARAM DA PROPOSTA.

O PAR PERFEITO.

AS PESSOAS ALI ERAM MUITO ESPECIAIS.

FREI JOSÉ LUIZ...
EXIGENTE

deixava para leitura, revistinha. Cada um levava uma revistinha e a gente tinha uma biblioteca na sala. Uma caixa de papelão onde todos colocavam as revistinhas ali dentro e cada um pegava a que quisesse, desde que devolvesse. Se quisessem levar para casa, tinham que pedir autorização para o dono da revista. E, quando sobrava uns dez minutinhos, no final da aula, eles sentavam onde eles quisessem, no chão, na porta... Um dia, ele achou uma coisa esquisitíssima, mas era o meu jeito de trabalhar e eu tinha muita liberdade para trabalhar.

Trabalhava do jeito que eu achava que era bom. Minha Chamada dificilmente era pelo nome, eu fazia Chamada... eu falava assim, por exemplo, a pessoa não tinha que me responder presente. Ela tinha que me dizer uma nota de 10 a 1 e todos sabiam que era uma nota com relação a ela mesma naquele dia. Então eu falava assim:

- Amanda.

Ela falava:

- Cinco. Aí a gente parava.

- O que aconteceu hoje que você se deu cinco?

- Ah, hoje eu briguei com a minha mãe...

- Hoje meu peixinho morreu.

- Bernardo.

- Dez.

- Oh, Bernardo, o seu dia hoje está ótimo!

- Carlos.

- Oito.

- O que foi? Tem alguma coisa aí que não está muito boa?

Então, a gente ia fazendo assim. Isso era muito legal porque ajudava a esses que tinham muita dificuldade de serem mais bem compreendidos. Porque é muito difícil, em uma sala de aula, o aluno falar dele mesmo. Você só dá matéria, corrige, cobra, dá dever... Esse momentinho era pequeno, mas era um momento em que eles falavam deles mesmos. E até para você aprender a respeitar.

- Eu sou tímido.

A gente desenvolveu um monte de coisa em relação a esse trabalho. Era um trabalho muito bom. Foi muito mais do que eu esperava, muito melhor do que eu pensava. Eu enriqueci muito a minha maneira de ver o mundo, de ensinar, além de eu aprender muito, eu ensinei muito também, porque, até hoje, eu encontro aluno que:

- Ah, sua aula era tão legal!

Estão na faculdade e me chamam de "tia". Eu acho tão engraçado. É muito bom. É gratificante. Hoje, eu estava até lendo um cartãozinho que Sônia escreveu para mim:

"Você ainda vai colher muitos bons frutos daquilo que você planta aqui na escola."

Ela me deu isso... há 10, 15 anos atrás e é verdade. Eu hoje estou realmente colhendo isso, porque cada um que eu encontro:

- Olha, aprendi a gostar de ler nas suas aulas, lendo revista em quadrinho.

- Tia, lembra quando você ensinava...

Eu ensinava boas maneiras, você acredita? Uma vez, a gente foi para o refeitório e eu ensinei como colocava o prato, os talheres. Um dia assim, diferente. Não colocar os cotovelos na mesa... E tudo isso explicando... E um, outro dia, falou:

- Poxa, hoje em dia eu sei como colocar o prato e os talheres.

Eu não era só professora de português e ciências. Era uma troca e a gente tinha uma troca muito interessante.

Silvia

Esse trabalho foi no período em que você estava coordenada pela Sônia?

Letícia

Uma parte pela Sônia e uma parte por você. A maior parte pela Sônia... uns quatro ou cinco anos... Eu peguei umas três turmas de segunda série... Primeiro foi quarta, depois teve um rodízio, dei aula na terceira, depois rodízio terceira e quarta. Eu não me lembro quantos anos foram. A maior parte foi coordenada pela Sônia. Eu batia muito de frente com ela. Ela me respeitava muito, respeitava o meu trabalho, mas quando ela queria interferir e eu não aceitava, a gente tinha umas certas... a gente conversava muito. A partir do momento em que eu achava que eu estava certa, que tinha convicção de que o que eu estava fazendo era o certo, eu tinha dificuldade também de... uma pessoa fala:

– Você não vai fazer assim.

Eu quero saber o porquê. Se ela me convencer de que aquilo que ela está pensando é melhor do que o que eu pensava, não tinha problema nenhum, mas, se não me convencesse, aí ficava complicado. Eu me sentia na razão.

(Risos.)

Uma vez, eu fui dar um dever de casa de fixação de um assunto importante e as crianças falaram:

– Tia, amanhã tem prova de matemática.

– Gente, sinto muito, vocês tinham que ter estudado isso durante a semana. Vocês não podem deixar para estudar na véspera da prova e esse dever é um dever pequeno. Não posso deixar de passar.

Aí, três alunos, depois, no final da aula, foram falar com Sônia que eu tinha passado dever. Sônia me esperou no pé da escada e, na frente deles, me falou:

– Letícia, o dever de casa não vai poder não. A gente vai ligar para os alunos e dizer que eles não precisam fazer o dever de casa, porque amanhã eles têm prova.

– Absolutamente! De jeito nenhum! Não concordo com isso!

Então, expliquei a minha posição e acabou sendo respeitada. Tinha umas coisas assim que eu não abria mão, desde o momento em que eu achava que não podia. Mas, no geral, a gente se entendia muito bem. Ela entendia muito bem o meu jeito de trabalhar, gostava e quando tinha uma coisa que a gente não concordava, a gente trocava uma idéia.

Fiquei com muito medo de trabalhar com você. Eu te falei isso, na época.

Silvia

Então, fala agora de novo pra gente registrar isso nessa entrevista.

(Risos.)

Letícia

Porque eu achava você meio prepotente. Mas eu entendo até isso. Eu entendi a sua prepotência porque eu acho o seguinte. Quando a gente tem um conhecimento, a gente detém um certo poder e eu acho que você tem muito conhecimento nessa área pedagógica. Com as crianças, eu acho que você é perfeita. Mas, às vezes, eu achava que você pensava que sabia tudo. Até pelo que eu aprendi lá dentro, a gente não sabe tudo sempre. Tem muita coisa que a gente aprende com os outros, com um colega que sabe até menos que a gente. Tem um jeito

de explicar melhor que a gente... ou ele teve uma idéia melhor do que a sua.

Eu achava que você não era flexível para esse tipo de idéia. O que você achasse, era aquilo e... você sabia mais e... eu não queria trabalhar com você por causa disso. Não ia dar certo. Porque eu não ia aceitar. Se você falasse para mim "oh, aqui vai ser assim" e fechasse, eu não ia concordar porque eu nunca fui submissa. Inclusive as pessoas falavam para mim:

– Você vai ser mandada embora um dia porque você fala muito.

Eu falava:

– Não tem importância. Eu estou fazendo o melhor que posso. Se o meu melhor não é o suficiente para a escola, não é bom, então, eu não sirvo para estar aqui realmente e tenho que ser mandada embora. Eu nunca tive medo de falar as coisas que pensava. Medo de ser mandada embora, medo de... sei lá. Nunca tive medo de nada. Eu fazia conscientemente meu trabalho.

E eu achava que isso não ia dar certo com você, porque eu acho, também, que você teve um grupo de professoras que eram muito iniciantes, talvez. Elas estavam saindo do normal e eu já estava terminando a minha faculdade. Eu já tinha dado aula bastante tempo, e eu acho que você tinha um grupo muito cru. Não que elas não tivessem capacidade, mas era um grupo que estava começando e você, com sua experiência, tinha muito mais a acrescentar para elas do que elas para você. Embora todas tivessem, sempre têm.

Mas eu achava que não ia dar certo. E aí, quando você me chamou para cobrir a Verônica, eu pensei muito, muito, antes de decidir. Mas resolvi arriscar. O máximo que vai acontecer é não dar certo. E a gente separa e pronto. Igual a casamento. E eu fui super bem recebida. Eu achava que as minhas idéias eram ouvidas, nem sempre aceitas, mas discutidas. Achei que foi super democrática a sua coordenação, pra mim, pelo menos, foi muito legal. Aprendi muito com você e alguma coisa também passei para você. A gente trocou muito. Às vezes, a gente pensava a mesma coisa de maneiras diferentes e somava. Então, eu enriqueci com esse contato e você deve ter aproveitado alguma coisa disso. Era bom quando uma mãe ia reclamar de alguma coisa e eu já tinha cantado a pedra.

– Oh, isso aqui não está legal, por causa disso e daquilo.

– Mas isso vem de Curitiba.

Isso, eu estou falando depois do fim do Canarinhos, início Bom Jesus. E aí acontecia, a coordenação deixava a questão e sempre vinha alguém reclamar e a gente até se olhava. Sabia que não ia dar certo, mas... quando a coordenação saiu dali para passar para o Bom Jesus, o negócio complicou. Porque aí veio uma filosofia totalmente diferente da nossa. Eu acho que aquela humanidade, aquela união que tinha entre as pessoas... O negócio começou a ficar esquisito.

Acho que o colégio cristão foi até o Canarinhos. Acabou essa coisa de cristão, uns olharem pelos outros, porque o Bom Jesus, eles pensam mais em dinheiro do que, propriamente, no desenvolvimento do ser humano como um cidadão consciente e religiosamente correto. Não católico, mas ético. Eu acho que isso não tem muito mais. Eu fui sentindo isso aos poucos, sabia?

Silvia

Como?

Letícia

Enquanto frei José Luiz e frei César estavam ali, havia alma. Tudo tem alma e eles eram a alma da escola. Eles faziam movimentos dentro que integravam. Era um bolo de aniversário da professora de não sei o que, de não sei onde. Todos se reuniam na hora do recreio dos professores para cantar um parabéns para aquela pessoa. Às vezes, nem era uma pessoa que você tinha muito contato, mas era uma coisa importante. Isso agregava. Uma certa ocasião, a gente fez uma cesta básica para uma

professora que estava precisando. Eles, no movimento, junto com a gente. E por aí vai. Eles faziam sempre aquelas celebrações no final do ano... Tudo, tudo. A bênção dos animais... tudo tinha o espírito deles ali.

Aí, o colégio deu uma morrida. Eu acho que não teve mais essa parte religiosa e humana de encontro e começou a olhar um pro outro pensando quem ia ser mandado embora. Isso não tinha antigamente. Se você não estava fazendo legal o seu trabalho, eles chamavam e conversavam com você. Isso não aconteceu no Bom Jesus. Você estava fazendo o seu trabalho, você era elogiada e, no final do ano, era mandada embora. Então, assim, era uma coisa muito esquisita. Perdeu esse lado humano.

Silvia

Mas você percebia isso acontecendo enquanto você estava lá ou foi depois que você saiu que...

Letícia

Não. Desde o primeiro ano que eles entraram. Não foi depois que eu saí. Eu tive certeza. Quando eu estava lá, eu achava. Mas quando eu saí, eu tive certeza, porque foi um ano em que eu fui elogiada à beça e, no final do ano, o Milton me mandou embora. Por quê?... Ele não sabe. Ele não me disse o porquê:

- Seu trabalho é ótimo. Se você precisar de uma carta de referência...
- Mas o que eu fiz que não foi bom?
- Não, não, é que a escola está refazendo o quadro.

Eu achei assim uma coisa muito vaga. Não sei. Eu senti isso desde o primeiro momento. Desde a época em que Ivan veio conversar, lembra? Que ele falou que ia competir com Instituto... não, o Ipiranga², que não ia ter filho de pobre na escola, essas coisas que, infelizmente, a gente sabe que existem, mas que a gente não gostaria de que acontecessem na escola em que você trabalha.

(Não transcrevi um trecho onde Letícia explica suas idéias sobre avaliação, assunto que surge quando comento com ela que foi por causa das longas discussões que tivemos a esse respeito que resolvi colocá-la na lista das pessoas que eu entrevistaria, na impossibilidade de entrevistar todos os possíveis professores a serem entrevistados. Minha intenção era falar sobre a avaliação no sistema Bom Jesus. Procuo recuperar essa idéia.)

Silvia

Eu me lembro que o Bom Jesus trouxe todo um modelo de avaliação para a gente, contextualizada... E eu me encantei com muita coisa do Bom Jesus.

Letícia

A gente não pode tirar o mérito deles em algumas questões.

Silvia

Mas uma das coisas que me fez buscar você para entrevistar foi que muitas pessoas lá dentro eu vi tão encantadas como eu estava. Hoje, eu olho para trás e penso:

- Quanta coisa eu não via.

Isso devido ao encanto com outras tantas. Quando eu olho para trás e penso na Letícia, me dá a sensação de que você via mais. O tempo todo, você foi uma pessoa que, digamos assim - uma palavra estranha, um pouco exagerada - mas, você não foi iludida. Muitas pessoas:

- Ah, eu acreditei no Bom Jesus.
- Eu vesti a camisa.

Isso era a proposta deles. Você, desde o início, parecia perceber o que estava

² Colégio da rede privada de Petrópolis.

acontecendo. Como foi para você esse movimento de chegada do Bom Jesus? Eu percebi o que você sentia? Até no que diz respeito às avaliações...

Letícia

Silvia, tudo que é muito radical não me agrada. Nada muito radical, até porque eu já fui muito radical também. E eu mudei. Achei o Bom Jesus muito radical. Ele chegou muito radical. Alguém, querer escolher o livro que a sua turma vai ler e esse alguém não estar dentro da escola! É muito complicado. Então era assim: a sua turma, esse mês, vai ler sobre sexo, educação sexual. Mas, a minha turma não estava nesse momento questionando nada disso. Eles estavam querendo saber sobre bichos, por exemplo. Então, eu colocava:

– Minha turma não quer ler sobre isso.

– Ah, não, mas é um livro igual para todas as turmas de todas as...”

Sabe, muito radical! E eu acho muito complicado, você, de fora, querer dizer o que é bom para aqueles que estão lá dentro.

Às vezes, tem coisas interessantes. Nunca deixei de ver as coisas interessantes. Mas nunca, também, me iludi com isso. Porque a maneira como eles chegaram... Eles chegaram muito de sola. Muito.

– Nós sabemos... nós podemos... nós sabemos o que é melhor. Nós estamos em Curitiba, mas sabemos o que é melhor para Petrópolis.

Não é assim. E com as avaliações, eu fiquei também bastante empolgada com as avaliações contextualizadas. Mas também acho que nem tudo na vida é contextualizado. Então, muitas vezes eu vi uma forçação de barra para contextualizar determinadas coisas que não estavam no contexto

(Risos.)

Então, você fazia uma forçação de barra horrorosa e não ficava bem, porque tudo que é forçado não fica bom. Ou a coisa é e flui ou não é. Você forçar a barra para agradar a outra não é legal. Então, eu achava isso. O que dava para contextualizar, tudo bem. O que não dava, tinha que ser mais solto. Mas, eu me encantei com a avaliação, também, a princípio. Tinham que desenhar, embora eu achasse que o desenho não deveria valer pontos. Por quê? Porque tem um que desenha super bem e tem outro que... coitadinho... desenha uma bolinha e diz que é um cachorro. Mas aquilo é a maneira dele ver. Um desenha mal, outro desenha bem. E aí? Como você vai dar nota? Quem é você, simples professor, para julgar qual o desenho vale mais? Então, essa coisa de desenho valendo nota, opinião pessoal valendo nota. Aí, eu comecei a questionar a avaliação. Até então, estava muito legal. Eu me encantei mas não me iludi. Acho que é isso.

(Silêncio.)

Silvia

E dessa história toda, você acha que... Eu não estou fazendo uma entrevista com perguntas organizadas para..

Letícia

Ainda bem, se não seria muito chato.

(Risara..)

Não sei.

(Silêncio.)

Eu acho que é uma pena o Canarinhos ter acabado. Porque o Canarinhos acabou. É como se a gente tivesse perdido um parente. Sabe, eu fiquei de luto um tempo. E eu sinto saudades daquele tempo.

Tanto é que as pessoas se encontram. Tanto é que a gente está querendo organizar uma confraternização de final de ano daquelas pessoas que trabalharam no Canarinhos. A gente ficou amigo. Não tem nada melhor que você trabalhar em um lugar que é uma instituição de ensino onde você aprenda, ensine e ainda faça amigos ali. Os alunos ficaram muito amigos entre eles. A gente passava isso para eles. Eles viam o exemplo da gente como professor. Não tinha um professor querendo derrubar o outro. Não.

Quando eu falo assim, do embotamento do aluno, eu lembrei agora de uma coisa com que me senti totalmente embotada. Eles tinham que aprender algum assunto que eu não me lembro qual era, acho que era a ortografia com a letra x, era o assunto da ortografia naquele mês e eu inventei um texto. Eu criei um texto com rima, usando bastante palavras com x, mas achei que eles iam achar mais fácil de decorar determinadas palavras. Quando eu levei para a escola, não foi aceito, porque esse texto não estava escrito em lugar nenhum, em lugar nenhum registrado.

– Mas, claro que não pode estar. Fui eu quem fiz.

– Então, não serve. Então, quem é você para uma escola, que o que você inventa pra facilitar para o aluno não serve?

Eu comecei a questionar isso:

– Só serve aquilo que está publicado, aquilo que já foi escrito por uma outra pessoa, já foi aprovado e que está nas livrarias.

E o seu trabalho? Então, você não é a pessoa que está criando junto com os alunos. Você é um reprodutor. Você pega o que já vem pronto e passa.

(Essa discussão se prolongou para a questão da função social do texto e os textos pedagogizados. Achei que poderia, no âmbito dessa pesquisa, não transcrever toda a conversa.)

Letícia

Eu acho que o Bom Jesus é muito assim: você não é criador. Você é reprodutor. Eu acho que eu falei mais ou menos o que eu senti, o que eu pensei. Fiquei com muita pena quando eu saí, muita pena, porque ainda tinha pessoas legais ali. Mas, a gente não fazia mais parte. Do Canarinhos, a gente fazia parte. Depois, não era mais você ser, você não era, você estava. Uma coisa é você estar envolvida, outra coisa é você estar comprometida. Quando você está comprometida, você é. Quando você está envolvida, você veste a camisa, está ali. Canarinhos era comprometimento. As pessoas faziam o máximo que podiam. E o Bom Jesus não. Era envolvimento.

E as pessoas faziam o máximo que podiam para não perder o emprego. É uma diferença enorme você fazer o máximo para aquilo que você é. Outra coisa é você ser bom, com medo de perder. É igual casamento. Uma coisa é você ser bom e fazer o máximo quando você é. Outra coisa é você querer ser bom para não perder o cara, só para agradar. É muito diferente. Você deixa de ser você mesma. É isso que acontece entre Canarinhos e Bom Jesus. No Canarinhos, você é; no Bom Jesus, você passa a ser outra coisa, deixa de ser você. É isso que eu sinto. Foi isso que eu senti.

(Achei que poderia terminar a transcrição por aqui. O restante da conversa caminhou para as atuais atividades profissionais de Letícia, que fez concurso, foi aprovada e hoje trabalha no Banco do Brasil.)

A META-FORA DA FAMÍLIA.

PROFESSOR REPRODUTOR.

NO CANARINHOS, VOCÊ É; NO BOM JESUS, VOCÊ PASSA A SER OUTRA COISA, DEIXA DE SER VOCÊ.

entrevista com
odete

09-dezembro-2005

09-DEZEMBRO-2005

Odete foi coordenadora do ensino médio e, depois, com a "nomenclatura Bom Jesus", assessora do ensino médio. Vivemos juntas a situação de sermos as coordenadoras do tempo Canarinhos que não foram mandadas embora no primeiro momento, em 98, 99. Sônia e Ana Amélia foram demitidas e nós ficamos. Odete foi demitida em 2000 e eu em 2002.

Silvia

As entrevistas poderão ser identificadas ou não.

Odete

Não, não tem problema nenhum. Pode identificar até. Agora, se eu tiver que falar mal de alguém...

(Risos.)

Silvia

Se precisar falar mal de alguém, a gente faz uma edição depois. (Rindo.) Essas entrevistas serão transcritas, então não será usada diretamente essa fala, o que permite que você, no decorrer da entrevista, me peça que não coloque alguma das declarações. Então, o que eu estou fazendo? Acho que eu já contei um pouquinho, não é?

Odete

Contou que você está fazendo seu trabalho de mestrado em cima da transição Canarinhos / Bom Jesus.

Silvia

Minha proposta inicial era escrever sobre o período de 98 a 2002. Mas não ganhou sentido... Eu tive que ir lá na Escola Gratuita São José. Falei do frei José Luiz, do frei Leto, do frei César...

Bem, eu escrevi a minha versão da história, e agora, a entrevista é bem livre. É você contar a sua versão, a sua vida no colégio...

Odete

Como eu comecei no colégio na verdade? Eu comecei dando aula de inglês, só como professora, ainda ali na Rua Frei Luiz. Fiquei ali durante três anos e, nisso, eu também trabalhava no Colégio de Aplicação¹. Naquele momento da greve de 89, eu trabalhava mais lá, tinha coordenação lá, no Colégio de Aplicação. Entrei na greve e, no final do ano, os líderes – entre aspas – da greve foram demitidos. A gente tinha fechado com o grupo que, se alguém do ensino médio fosse demitido, o grupo inteiro sairia.

Nós saímos em 12 pessoas e resolvemos montar o Fênix. Montamos o Fênix. Eu continuava trabalhando no Canarinhos e trabalhava no Fênix. E aí, um grupo de pais de oito meninas pediram que o Colégio Fênix montasse uma turma especial para elas, à tarde, que eles bancavam todos os custos da turma. Mas só que precisava de alguém para ficar na escola à tarde. Conclusão, saí do Canarinhos e fiquei trabalhando no Fênix à tarde durante

¹ Colégio de Aplicação da Universidade Católica de Petrópolis – UCP.

um ano.

Nesse meio tempo, já se estava cogitando montar um segundo grau no Canarinhos. Eles mudaram para o prédio novo lá na Santos Dumont e, como o meu irmão, Celso, era um dos poucos ali que trabalhavam em outras escolas no segundo grau, frei José Luiz foi pedir umas opiniões para ele de professores, de quem poderia chamar para trabalhar em algumas áreas. Quando bateu em inglês, o meu irmão, claro, falou:

– A única pessoa que eu sei que seria boa para inglês é minha irmã.

E nessa época, frei José Luiz ainda falou para meu irmão que quem sai da escola não volta,

– Até porque ela saiu porque quis, então não vai voltar.

– Então, vou pensar em outra pessoa, mas eu acho que ela podia voltar.

Frei José Luiz me chamou e eu fui trabalhar. Nesse meio tempo, Sônia Casamasso me pediu para dar uma ajuda em montagem de horário, em contactar com alguns professores de segundo grau, porque ela não tinha muito esse contato com professores de segundo grau. Eu não sei se você já estava lá essa época.

Silvia

Já, já. Mas eu estava lá longe, na "casa do Jardim"².

Odete

Ela não tinha muito essa vivência de segundo grau. Eu achei engraçado, porque ele foi conversar com frei José Luiz e ele:

– Então, você dobra as aulas dela para ela te dar uma assistência.

Eu ia uma vez por semana para dar aula e uma outra vez por semana para ajudar Sônia, conversar com os professores... Ela dizia que era muito difícil conversar com professor de segundo grau. Eu conversava com os professores para montar horário, fazer planejamento... Fiquei um ano assim. No final desse ano, Sônia disse que não queria ficar como coordenadora de segundo grau e frei José Luiz me chamou pra ficar.

Fiquei no segundo grau esse tempo todo. A gente montou uma estrutura de segundo grau muito boa, um grupo de professores muito bons e muito unidos, uma visão de segundo grau que a gente achava que era a visão de segundo grau da cidade, voltado para o vestibular, até que a gente teve a notícia de que havia uma escola modelo que pertencia à Congregação... não, à Província, e que o colégio estava fazendo uma parceria com essa escola modelo.

A princípio, todo mundo levou para o lado positivo mesmo. A parceria seria um lado positivo. Veio a tal parceria. No início, de uma forma, uns seis meses sendo Canarinhos e o Bom Jesus não entrou de... No ano seguinte, 2000, 2001, me parece, entrou o Bom Jesus com tudo mesmo.

² O "Jardim de Infância" ficava separado do prédio do primeiro e segundo graus, em uma casa antiga, ainda que no mesmo terreno. Depois, foi reformada e transformada na central administrativa do colégio.

Particularmente, no segundo grau, comecei a ver que não ia dar muito certo Odete e Bom Jesus, porque tinha uma pessoa extremamente intransigente, que era o Ivan, que me acusava o tempo todo de super proteger os professores, que a minha equipe era muito velha, que o Bom Jesus não estava disposto a investir em pessoas velhas, que eles faziam cursos fora, no exterior... Nossa, ouvi isso muitas vezes! Que eles tinham convênio com o Cord [Cóóóóóóóóóóórd]³ e que eles queriam mandar para lá gente jovem, que se dedicassem exclusivamente, que minha equipe era velha, que o colégio não podia investir, que eu tinha que escolher alguns para mandar embora.

Foi minha briga maior com o Ivan e eu achava que não. Eu falei assim:

– Olha, a gente vai pagar pra ver. O que vocês querem não é resultado? Vamos esperar o resultado.

Mas aí, começaram a vir coisas prontas de Curitiba, que tinha que adotar. Eu não adotava exatamente, porque não tinha nada a ver com o Estado do Rio, a gente tinha vestibular e Curitiba não tem nada a ver com o daqui. Então, fui me desgastando. Pra mim, na verdade, eu acho que a demissão choca muito, magoa muito, mas não foi uma grande surpresa, porque eu acho que eu saí do esquema deles e Ivan deixava claro o tempo todo que a equipe era velha. Nós éramos muito velhos e eu tinha que renovar a nossa equipe, porque, lá em Curitiba, era todo mundo jovem, tempo exclusivo, dedicação integral.

E aí foi acontecendo e, no final do ano, eu saí. Me chocou muito a saída, porque eu ainda tinha um resquício de Canarinhos, mas sair do Bom Jesus não me magoou nada. Como talvez tenha magoado Marisa, que ainda hoje não pode ouvir falar do colégio, não passa lá em frente. Eu não. Para mim, Canarinhos acabou. A partir do momento em que Canarinhos acabou, a minha relação com o Bom Jesus era muito fria. Não era aquela relação que a gente tinha antes, de carinho, de dedicação. Não. Era uma relação assim muito patrão/empregado e eu tenho consciência de que eu não estava satisfazendo as vontades do patrão. Então, foi um choque muito grande.

Mas também foi um choque grande: eu ainda hoje convivo com alunos que estão lá e o colégio é outro, não tem nada a ver com o que foi a nossa escola. Então, hoje, é outra escola, não me diz mais nada. A escola, hoje, o Colégio Bom Jesus não me diz mais nada.

Silvia

Um movimento um pouco anterior a isso, a passagem da direção do frei José Luiz para frei César: você viveu isso também. Como foi?

Odete

Vivi e achei um momento muito positivo, porque frei José Luiz era uma pessoa envolvida com educação, mas extremamente radical. Eu acho que frei César foi sangue novo na escola. Ele vinha com outras idéias, com outra mentalidade, com uma coisa mais moderna. Por isso é que eu acho que, na verdade, frei César foi meio que enganado também. Porque ele vinha com

³ Intensidade dada à fala.

uma proposta muito boa de educação, até de melhorias para a escola, melhoria para os salários dos professores. Então, ele buscou isso e, na verdade, ele foi enganado. Eu acho que prometeram para ele uma coisa e fizeram outra. Eu acho que, no fundo no fundo, eles queriam também... a impressão que eu tenho, que estou de fora... que a própria instituição Bom Jesus quis dar uma puxada de tapete, uma rasteira nos freis. Eu tenho nitidamente essa impressão.

Ficou essa idéia para alguns professores; por exemplo, eu trabalho com Alex, que está dando aula lá no colégio, e você fala no frei César... ele acha que ele é o grande culpado. Eu não vejo frei César como culpado. Foi mais um enganado. Eu acho que ele tinha uma proposta muito positiva, positiva para todo mundo. Eu acho que ele viu na instituição Bom Jesus poder financeiro para ajudar o Canarinhos. Eu acho que ele só viu isso. Vamos melhorar laboratório, vamos melhorar salas de aula, fazer melhores projetos, melhorar salário de professor...

Mas ele nunca imaginou que, talvez, o Bom Jesus fosse interferir na parte pedagógica, na parte administrativa. Acho que nunca passou isso pela cabeça dele. Eles só vinham acrescentar, ajudar. O que estava aqui estava muito bom e que eles só vinham dar mais apoio a isso, melhorar mais ainda. E não foi isso que a gente viu acontecendo. Foram imposições muito fortes:

– Você tem que fazer desse jeito porque eu quero que seja assim.

Eu sentia isso com o segundo grau, com Ivan⁴, que era uma pessoa extremamente prepotente, arrogante. Ele achava que era a pessoa capaz e o que ele fazia era o certo, o que ele determinava que era certo, sem levar em consideração as diferenças de cada Estado, de cada colégio. Eu acho que, na verdade, frei César teve uma intenção, quer dizer, frei José Luiz teve uma intenção em passar para frei César, e achei que foi, assim, a virada mais positiva que o colégio teve.⁵ Depois, frei César teve uma intenção muito positiva em pedir ajuda ao Bom Jesus, só que acho que foi enganado.

Silvia

Esse movimento dos gestores: você cita Ivan. A gente teve antes o Rui e depois o Milton. Tem uma coisa de movimento de pessoas. Além dessas pessoas, uma série de outras foram demitidas, inclusive o próprio Ivan. Rui foi mandado embora. Como você vê esse movimento?

Odete

A gente não entende. Quando Rui entrou, eu nunca entendi muito bem, pois ele não era uma pessoa clara. Ele te abraçava, te beijava, te adorava e depois, com outra pessoa, ele... Eu não sei. Ele não era de confiança. Rui nunca me passou confiança, como a esposa dele. Eu já nem lembro mais o nome dela.

⁴ Ivan foi nosso segundo gestor. Antes de assumir a gestão em Petrópolis, ele era o gestor do ensino médio no Bom Jesus Centro. Após sair de Petrópolis, ele ainda assumiu a coordenação do Centro de Estudos e Pesquisas – CEP em Curitiba. Depois, foi demitido. Por quê? Não ficamos sabendo.

⁵ Frei José Luiz dizia que queria sair e entregar a direção, pois não queria repetir a história que viveu com frei Leto. Frei Leto, nos últimos anos de vida, deu muito trabalho ao frei José Luiz, pois apresentou demência senil. Foram anos de muito trabalho, muito cuidado, pois eles moravam juntos no Instituto. Numa determinada época, um frei chamado Nishiura veio ter com eles para apoiar frei José Luiz e ajudou na direção do colégio, que ainda estava na Rua Frei Luiz. Nishiura, tempos depois, deixou a vida religiosa.

Silvia

Cíntia.

Odete

Cíntia. Também não me passava confiança nenhuma. A impressão que eu tinha é que ela andava pelos corredores tentando ver qual era o lugar de alguém que ela podia pegar. Eu tinha a nítida impressão que ela...

– Onde é que eu vou me encaixar aqui num cargo maior?

Ela ser professora, só, era muito ruim. Rui... eu nunca senti grande confiança nele. Eu acho que quiseram tirar ele de Curitiba e não tinham para onde mandar mandaram para cá como experiência.⁶ Eu acho que aqui foram feitas muitas experiências. Aí, entrou Ivan.

(Acredite se quiser! Se puder!!! Nesse momento, toca o telefone. Era Marisa, minha “ajudante de pesquisa”, para pedir a Odete que contasse “tudo” e que não esquecesse de contar sobre a demissão.

Silvia

Marisa está super comprometida. Parece que é ela que está fazendo a pesquisa!

(Risos.)

Odete

É!!!!!! Acho que é.

Aí, depois, entrou esse Ivan. Acho que foi, pra mim, a pessoa mais negativa na escola, em botar todo mundo para baixo, no sentido de, às vezes, em algum momento, até humilhar professores. Quando foi feita aquela... que foi também uma grande briga que eu tive com Ivan... aquela avaliação que os alunos faziam dos professores. Eu falei que não ia fazer, e aí foi frei César para as turmas fazer. Ele também foi e disse que eu estava boicotando o trabalho do Bom Jesus. E depois, ele chamava professor, um por um, para dar o resultado, sabe, para dizer:

– Aqui, professor, disseram que o senhor não tem ... que o seu conteúdo é fraco.

Aí, eu falava:

– Ivan, o aluno de segundo grau ainda não tem... é... capacidade eu não digo, ele até tem capacidade, mas ele é meio vingativo, ele vai avaliar o professor de acordo com a nota dele. É claro, se ele for muito mal em física, ele vai criticar o professor, se ele for muito bem, ele vai dizer que o professor é ótimo.

E ele dizia que não. Então, eu acho que algumas atitudes tomadas na escola eram meio que para pressionar, meio terrorismo mesmo. Era um meio de mostrar para o professor que ele era incapaz, que ele era incompetente, que os de Curitiba é que eram bons.

E aí, entrou o Milton, que eu também nunca soube a que veio.

⁶Promover para remover???

Também achava ele muito manipulado por Curitiba, meio que pau mandado. Ele cumpria ordens. Você ia falar com ele, ele nunca tinha uma resposta para te dar naquela hora. Nunca! Todas as vezes que eu ia tentar resolver alguma coisa com ele, ele pedia:

– Amanhã a gente resolve.

A impressão que eu tinha era de que ele ligava para Curitiba para saber o que fazer e, depois, no dia seguinte, dava uma resposta.

Silvia

Eu chego a achar graça com essa questão, que era tão visível. Eu tinha o hábito de organizar duas ou mais questões para levar para perguntar e resolver. Ele pedia que voltasse no dia seguinte. Voltava eu no dia seguinte com minha lista de problemas e uma das perguntas que eu refazia, e ele dizia novamente:

– Ah, isso resolvemos amanhã .

Pensava eu, “essa questão ele esqueceu de perguntar!”

Odete

No dia em que ele me demitiu e à Marisa, eu acho que ele estava mais nervoso do que eu. Ele tremia. Ele ria. Ele tremia, como se fosse assim uma coisa. Muito estranho. Quer dizer, eu nunca entendi muito o Milton. Não sei porque que ele veio... o que ele fazia lá... se ele era coordenador, gestor de alguma unidade... Eu acho que, na minha opinião, a gente vivia completamente sem saber. Eu sentia isso, alguém aqui vigiando a gente, só para passar para Curitiba. Quem manda mesmo é Curitiba. Se você faz alguma coisa que não agrada, eles vão comentar, eles vão falar. Eu me sentia assim, vigiada o tempo todo.

Silvia

Lembra de uma reunião que frei César nos convidou, com um tal definidor?

Odete

Lembro! E uns dias antes, olha o que acontece... você vai ligando as coisas... uns dias antes, a gente fez a festa de despedida do frei José Luiz aqui em casa. Não sei se você se lembra. E veio aquele grupo de gente. Aí, frei José Luiz disse que não quis contar nada, mas

– Eu fiquei muito preocupado com você, Odete, porque eu fui à sala do Milton e, em cima da mesa dele, estava uma lista de todas as pessoas que estavam na sua casa. Eu pensei: Ué! naquele dia, eu e frei César conversamos e soubemos que você foi demitida ali, porque você, talvez, não tenha convidado ninguém do Bom Jesus.

Milton já estava lá. Já era o Milton na época.

– Mas, isso não me incomoda.

Se foi ali, também não me incomoda.

– Eu fiz uma despedida para vocês. O colégio fez uma despedida para vocês. Eles não pertenceram aos Canarinhos.

Aí, eu falei:

– Mas quem deu essa lista a ele?

Ele disse que sabe quem é, mas não quis dizer. Mas a lista lá estava e Milton mostrou a ele.

– Quer dizer que teve uma festa na casa da Odete e o Bom Jesus não foi convidado?

– Uma festa não!

Ainda, ele brincou assim:

– A gente costuma se reunir na casa dela no dia dos professores. É uma casa grande. Por quê?

– Porque está aqui.

Quer dizer, aí você vê meio que uma rede de intrigas, fofocas. Não sei. Mas, hoje, pra mim, Bom Jesus não diz nada! Morro de saudades dos Canarinhos. Morro. Do ambiente dos Canarinhos. Das festas. Às vezes, eu ainda comento que a gente ficava lá sábado à noite, com Eliane, tocando, dançando, bebendo, cantando. Disso eu tenho muita saudade. Bom Jesus não, porque Bom Jesus rompeu com isso tudo. Nessa parte social, o Bom Jesus não permitia que a gente fizesse. Nunca mais existiu isso lá depois de Bom Jesus. Existiam aquelas festas solenes, que não era o que a gente estava acostumados. Aquela coisa de... jantar formal. A gente queria ir para a farra mesmo, fazer churrasco, ficar a tarde inteira lá de farra. Então, eu não tenho saudade, nenhuma, nenhuma mesmo do Bom Jesus. Tenho muita saudade dos Canarinhos. Muita, muita. Acho que foi um colégio único. Único.

Eu fui sócia do Fênix e o Fênix não me deu tanto prazer quanto me deu os Canarinhos. Não sei se foi porque a gente viu o segundo grau crescendo, de 48 alunos, quando eu saí, tinha 450, contando a oitava série. Parece que você botou um filho no mundo e viu ele crescer, crescer, então eu morro de saudades do Canarinhos. Mas do Bom Jesus, não.

Silvia

Eu acho que a idéia da entrevista era essa, Odete. Demos conta. O que eu queria era ouvir essa história sua e que complementa outras histórias...

Odete

Nossa, se alguém me falasse:

– Vamos voltar o Canarinhos como era o Canarinhos?

Eu ... na hora. Lógico que para ganhar metade da metade da metade... porque todo mundo trabalha por dinheiro, claro, porque você faz aquilo de que gosta, mas por dinheiro. Mas a gente tinha prazer de trabalhar lá. Era uma coisa prazerosa.

Silvia

O que você acha se frei César voltasse e falasse:

– Vamos tirar o Bom Jesus daqui e vamos tentar recuperar o Canarinhos. Você aceita a coordenação?

Odete

Nossa! Eu ia na hora. Como era o Canarinhos. Na estrutura de Bom Jesus, aquela coisa, não gostaria não. Eu voltaria. Você não voltaria?

Silvia

Não sei. A minha mágoa se estendeu mais tempo, Odete? Eu não sei. Essa pesquisa diz muito disso. Buscar essa história...

Odete

E você sofreu muitas decepções. Talvez eu não tenha sentido muito e, para mim, também, foi um alívio ter saído de lá, porque eu fui sofrendo com Ivan. Era crítica o tempo todo. Nada do que você fazia era o certo. Você era uma pessoa errada, com um grupo errado de professores, tudo errado, entendeu? Eu mostrava modelos de provas daqui e:

– Não importa.

E aí, quando eu fui demitida, que eu estava em casa chocada, eu estava na minha casa às vésperas de Natal. Milton ligou...

Porque... você sabe como foi a minha demissão e da Marisa? Assim. Fechei o horário todo e falei:

– Marisa, o horário está fechado, mas não vou entregar esse horário não. Vou lá conversar com o Milton primeiro.

Porque, sabe, alguma cooooooisa me dizia que eu não pertencia mais à escola. Aí, ela falou:

– Eu vou com você.

Aí, botei meu horário debaixo do braço e falei:

– Milton, eu vim com a Marisa aqui porque o horário está quaaaaaase fechando e eu preciso saber com você se tem mais alguém que vai ser demitido pra poder tirar ou não do horário.

Ele se descontrolou, começou a rir:

– Tem sim.

– Quem?

Ele abriu a gaveta, puxou uns papéis de dentro da gaveta e jogou em cima da mesa.

– Vocês duas.

(Odete representa a expressão de assombro que manifestou na ocasião.)

Marisa se descontrolou:

– Mas, como?

– É, o Bom Jesus pediu porque vocês ... não é nada pessoal contra vocês, mas é porque...

Eu me levantei, deixei ele falando sozinho, peguei minhas coisas e fui embora. Marisa foi atrás de mim, chorando, chorando, chorando. Fomos lá para a nossa sala e logo depois, lá estava ele atrás da gente. Aí ele:

– Olha, eu queria explicar que não é nada pessoal, porque vocês são pessoas da confiança dos freis e não da nossa confiança. Não é por competência, não é por nada.

INTENSIDADES DIFERENTES DE MÁGOA.

AS FORMAS DE DEMISSÃO, UMA CONSTANTE: TODAS COM REQUITES DE CRUELDADE.

DEMISSÃO POR CONFIANÇA NOS FREIS.

Marisa chorando aos prantos. Ele virou para nós e falou:

– Se vocês quiserem uma carta de apresentação, de referência, o Bom Jesus dá.

Eu não me lembro de ter dito isso. Marisa que me disse:

– Odete, você se lembra da frase que você disse?

– Não.

Você se virou para o Milton e disse:

– Quem é você em Petrópolis para dar uma carta de referência para mim e para a Marisa?

Eu não me lembro de ter dito isso.

– Odete, eu tenho essa frase guardada, porque você disse isso para ele:

– Quem é você em Petrópolis para dar uma carta de referência a mim e a Marisa? Nós não precisamos da sua carta de referência.

Ele ligou para a minha casa para dizer novamente, mas eu acho que o interesse dele era outro. Passado Natal, ano novo, lá pelo dia 10, ele liga para minha casa e manda eu fazer um preeeço no horário. Meu marido queria ir lá bater nele.

– Odete, eu vou bater nesse...

– Não!

– Odete, eu sei que seu horário está pronto, que dá muito trabalho, faz um preço que a gente paga.

Aí, eu falei:

– Não tem preço! Acho que eu até já rasguei. Mas você tem pessoas tão competentes aí, que são capazes de fazer um horário.

E desliguei o telefone. Então, eu acho que isso foi transformando em mágoa o sentimento que eu tinha pelo Bom Jesus. Eu não quero ouvir falar em Bom Jesus.

Agora, Canarinhos não! É outra coisa! É um caso especial! Bom Jesus não. No Canarinhos, questão de pedir desconto para aluno:

– Odete você conhece o aluno, sabe quem é?

Eu tinha essa autonomia. Uma vez, eu fui pedir desconto para um aluno que tinha perdido o pai naquele ano, nunca mais me esqueço, George, tinha perdido o pai e estava numa situação terrível, e eu fui falar com Milton se não podia deixar o garoto ficar no colégio até a mãe se reestabelece, se reerguer, e ele falou pra mim que ali não era uma instituição de caridade. Se o aluno não podia estudar, que não estudasse. Então, isso tudo foi-me desiludindo em relação ao colégio.

E eu tinha certeza que eu ia ser mandada embora porque eu peito muito, eu questiono, não faço.

Mas, eu não sei, se eu não for mandada embora, se eu quero continuar nessa estrutura, porque perdeu aquele sentido franciscano. O colégio virou uma empresa, que tem que dar lucro. Então, não se questiona mais, não se avalia mais um problema de um aluno, se ele tem... isso não interessa mais para a escola.

Uma outra *grananananande* mágoa que eu tive foi quando o meu sobrinho passou para a faculdade. Nós estávamos em conselho de classe, ele sabia que nós estávamos em conselho de classe, com todos os professores, com o pai dele, com Sônia, que ele adorava, com Paulo... Ele passou em primeiro lugar e foi ao colégio para dar a notícia, mas não deixaram ele entrar porque ele não era mais aluno. E ele não entrou para dar a notícia. Ele não entrou.

– Mas eu estudei aqui até o final do ano passado.

E ele não passou na primeira vez. Fez meio ano de cursinho e passou no meio do ano, no ano seguinte. Quer dizer, ele não pensou no cursinho que ele tinha feito. Ele pensou no Canarinhos, que ele estudou lá.

– Eu sei que eles estão em conselho de classe, eu vou lá dar a notícia. Passei para medicina!

Não deixaram ele entrar. Então, isso tudo não é mais o colégio que a gente gostava. Isso é outra coisa. Quer dizer, o aluno deixou de dar lucro, ele não tem mais que nem ir ao colégio. Nós tivemos um excelente aluno, o Diego Prandino...

Silvia

Desde o jardim...

Odete

Desde o jardim. Ele foi ao Alaor, esse ano, para ver a Marisa e o Sidnei e me ver. Ele foi ao colégio e não sabia que todo mundo tinha saído. Ele foi ao Bom Jesus, queria ver os professores todos e não deixaram ele subir, o Celso Bel falou com ele pelo telefone, da sala dos professores para a portaria, perguntou:

– Ah, mas eu queria muito ver o Sidnei, a Odete, ver tia Marisa...

– Ah, então você vai lá no Alaor que eles estão lá.

Da portaria, ele saiu e foi para o Alaor. Não deixaram ele subir para ver os ex-professores dele. Isso não existe!!! Aí, ele chegou lá no Alaor:

– Ih, tia Odete, aquilo lá está muito diferente. Não deixaram eu subir não. Não sou mais aluno da escola!

Então, virou assim, um comércio. Enquanto dá lucro, ótimo, ou assim, deixou de gerar renda, não tem nem que vir a escola mais. Então, eu não sei se hoje, nós... você estaria lá. Se eu estaria... Talvez ficasse pelo salário, não sei, pela necessidade. Mas, por satisfação pessoal, não. Nós não ficaríamos mais.

Silvia

Bem, você acha que tem mais alguma coisa?

Odete

Acho até que ele é o idealizador disso. Talvez, ele tenha ficado bem nessa história porque ele não deixava aparecer isso.

Silvia

Tinha algumas figuras, na história. Tinha o Watanabe...

Odete

Também não sei o que ele era. A mim marcou muito o Ivan, mas porque era aquela pessoa que te botava para baixo o tempo todo.

Silvia

Mas eu acho que isso era com o ensino médio, porque comigo... eu ficava lá mendigando a atenção dele e ele nem ligava.

Odete

Comigo, era o tempo todo. Era botar pra baixo. Aí, eu chegava a falar qualquer coisa.

– Também, com esse mausoléu que você tem aí. Esse monte de gente velha.

Era uma coisa negativa.

Odete

Uma coisa negativa... Terrível. A maior marca que eu tenho do Bom Jesus é do Ivan. Eu não gostava dele.

Silvia

Uma outra figura que é assim interessante e que eu não me lembrei em nenhuma outra entrevista, acho que porque era a gente que estava na coordenação, era o aquele professor, acho que era Paulo também. Um que foi diretor do Bom Jesus Centro e que vinha para umas reuniões de avaliação. Lembra dele?

Odete

Um senhor de cabelos grisalhos, alto... Nunca mais me lembrei desse homem.

(Risos soltos.)

Agora, que você está falando. Nunca mais me passou a imagem desse homem.

Silvia

Acho que ele faleceu, até. Ouvei falar.

Odete

É, Marisa, às vezes, fala:

– Você lembra da fulana, que era do Recursos Humanos?

Eu não me lembro de ninguém. Só do Ivan. Rui, eu me lembro, porque a gente conviveu com ele e Milton. Essas outras pessoas, ela fala, nome por nome, e eu não ligo o nome à pessoa. Eu sei que vinham umas mulheres de lá, conversar com a gente, do recursos humanos, da informática. Passou. Não ligo o nome à pessoa...

Eu me lembro de uma reunião que nós tivemos em Curitiba em que fazíamos aqueles trabalhos em grupo, e eu fiquei com uma coordenadora que era do Bom Jesus Diocesano de Lages, mas ela estava tão nervosa porque ela dizia que Ivan tinha um problema sério com idade, porque era uma senhora mais velha. Que o Ivan ia pra lá e aterrorizava os professores.

– Ai, Odete, eu vou ser mandada embora.

– Por quê?

– Porque Ivan diz que eu sou velha.

– Como é lá em Petrópolis?

– Ah, ele é assim!

E ela, acho, foi mandada embora, porque depois, em outra reunião, eu perguntei por ela e disseram que ela já não estava mais lá na coordenação.

Na época, não, mas, agora, você não tem impressão de que eles eram mandados pra cá para serem mandados embora, para serem esquecidos? Rui, aqui, deu muita mancada, fez muita besteira.. Mas ele já devia fazer isso lá. Ninguém se transforma em um ano.

– Eu vou mandar o Rui para Petrópolis, ele fica lá um ano, faz as besteiras todas lá, e depois, fez muita besteira, a gente manda embora.

Eu tenho a impressão de que essas unidades, fora o Centro, que é o grande xodó deles, essas outras unidades, Lages, Petrópolis, é assim meio que a condenação das pessoas.

(E riu.)

–Você vai prá lá, fica um ano ou dois, depois a gente manda embora.

Silvia

No caso da educação infantil, o xodó era Água Verde.

Odete

Eu digo que é Centro, de Curitiba. Água Verde era a escola modelo.

Silvia

Porque no Centro, quando eu fui conhecer o Bom Jesus Centro, a Associação não estava em Petrópolis. O trabalho do Bom Jesus Centro era ultrapassado, uma escola tradicionalíssima. Tinha toda aquela estrutura de informática pela qual frei César se apaixonou.

Então, quando eu cheguei de Curitiba, falei com frei César:

– Mas o trabalho pedagógico é horrível

Ele, então, me explicou que era por isso que o Paulo instituiu o Núcleo Pedagógico⁸, para reerguer o colégio na aspecto pedagógico. E aí, o primeiro movimento do frei César foi tentar criar o núcleo pedagógico em Petrópolis. Lembra? O Sidnei ...

Odete

Hã, hã. O Sidnei como coordenador de física, alguns coordenadores de área.

⁸ Que deu origem ao CEP - Centro de Estudos e Pesquisas.

Silvia

Mas o custo ficou muito alto. A idéia era essa: cópia do Bom Jesus. Mas o custo ficava muito alto. Então:

– Ah, a gente usa a estrutura de lá.

Odete

É, pois é. Eu acho que frei César foi enganado exatamente aí. Acho que ele imaginou que, se criasse aqui, eles talvez financiassem. Mas não, o colégio vai ter que fazer isso tudo, mas às suas custas. Não tinha condições. Começou a furar aí. Então, já que nós vamos fazer, vamos fazer do nosso jeito, do jeito que a gente quer, com as pessoas que a gente quer. Porque pessoas competentes e capazes você tinha aqui. Não precisava ter mandado aquele monte de gente pra cá, toda hora. Um custo imenso, toda hora aquele monte de gente pra cá, pra falar de uma coisa... Eu me lembro que aquelas reuniões de informática... Alex falava isso pra gente.

– Isso que eles estão falando...

Esse monte de gente que veio aqui dar um curso de informática, nossos professores aqui falavam... sabe, um investimento, uma despesa, pra mostrar a capacidade que a gente aqui tinha profissionais tão bons ou melhores. Então, acho que eles quiseram muito mostrar poder. E aquilo foi-se transformando em uma bola de neve, uma bola de neve.

Silvia

E frei César nessa história, Odete?

Odete

Você diz em que sentido?

Silvia

Nesse primeiro momento, você diz que ele foi enganado. E quando ele percebe esse engodo? Ele percebeu?

Odete

Eu acho que percebeu. Uma vez, eu falei com ele isso.

– Frei César, e quando você percebeu que estava sendo enganado? Não tinha como voltar atrás?

Ele diz que não. Não sei se tinha, entendeu? Eu acho que talvez o erro do frei César, o único, foi não se expor aos professores, chegar e falar:

– Olha, gente, não foi nada disso que eu pensei.

Ele nunca se posicionou. Talvez a Província não tenha permitido. Eu acho isso. Então, ele ficou como o vilão da história porque ele criou uma situação e depois nunca explicou essa situação. A gente sabe porque, nas nossas reuniões, ele passava muito isso:

– Eu vou fazer uma parceria porque eu quero melhoria, eu quero isso, eu quero aquilo.

Ele passava isso. Para os professores, ele nunca passou.

Silvia

Lembra de uma reunião que ele fez sobre aumento de salário?

Odete

Lembro. Ele fez a reunião para anunciar

Silvia

E depois colocou um bilhetinho no mural para cancelar.

Odete

Então, eu acho que o próprio Bom Jesus quis queimar frei César. Porque, se ele anunciou um aumento de salário, foi autorizado por alguém. Então, a gente vai deixar, ele vai dizer que vai aumentar e depois, vai ter que voltar atrás. Então, ele foi obrigado a fazer umas coisas, até contra ele mesmo. Que não tinham nada a ver com ele, mas que ele era obrigado a fazer.

– Você pode dizer que se arrependeu, que estava errado, que não foi isso.

E aí, a maioria dos professores ficaram contra frei César, foi por isso, por nunca ter se explicado. Então, porque ele não disse que foi enganado? Ele sabia? Eu acho que não. Ele foi realmente enganado e não teve como voltar atrás, ou eu posso estar muito enganada. Agora, não sei se ele tinha poder para mudar.

Silvia

Mas hoje ele tem...

Odete

O que hoje eu ainda me questiono, eu não consigo entender, foi aquela nossa reunião que nós fizemos na sala do frei José Luiz, que veio frei José Luiz, frei César, você, Marisa e eu. E eles pediram para a gente falar tudo o que a gente via. Tinha um provincial.

Silvia

Era um definidor.

Odete

Foi uma reunião secretíssima com o definidor, porque o definidor tem poder de decidir algumas coisas. E a reunião se perdeu no ar. A gente nunca soube o que aconteceu com aquela reunião. O que o definidor definiu, por que a gente disse coisas sérias. Eu me lembro de ter dito muita coisa séria ali. Frei César disse que eles viam, que eles vêm o Bom Jesus fazer algumas coisas com que eles não concordam, mas não fazem nada. Esse é o meu grande questionamento. Se a Província é soberana, você tem definidores na Província que estão contra o Bom Jesus, percebia-se naquela época isso, por que não se faz nada? Isso é a única dúvida que eu tenho. O que tem por trás disso? Mas, eu não sei se frei César vai poder dizer o que aconteceu. No fundo, no fundo, acho que existem algumas coisas que aconteceram que a gente nunca vai saber. Porque eu acho que a Província tinha condições de dizer:

– Não era nada disso que a gente esperava para cá. Frei César não

está satisfeito, frei José Luiz não está satisfeito. Sabe, nós conversamos com as coordenações, elas não estão satisfeitas.

Então, tem alguma coisa errada. Vamos repensar isso. Vamos mudar isso. É mais fácil sumir com frei César daqui, sumir com frei José Luiz daqui, sumir com Silvia, Odete...

Silvia

Tira quem não está satisfeito.

Odete

Tira quem não está satisfeito, que os outros a gente controla. A mim, me dá essa impressão. Se a insatisfação das pessoas que meio gerenciavam aquilo era grande, por que foi melhor tirar essas pessoas e manter do jeito que é? Porque, no fundo, até a confiança que a gente tinha no frei César e no frei José Luiz, nesse momento, ela pára.

– A gente não pode fazer nada por esse motivo.

Eu me senti muito usada por eles.

– Vamos lá. O que a gente precisa para o segundo grau? Que os professores do segundo grau tenham com o Marcelo, a relação que eles têm com ela.

Frei César me disse que Marcelo veio, aquele ano, para já assumir o meu lugar. Aí, como ele viu que a minha relação com os professores era muito legal, isso dito pelo frei César, talvez ele não conseguisse esse relacionamento, ele pediu para ficar como professor de educação física. E, nesse meio tempo, ele começou a frequentar as casas dos professores. Ele ia à casa do Décio fazer churrasco, saía com os professores solteiros mais novos... Então, quando Odete saiu e entrou Marcelo,

– Ah, que legal, Marcelo é um cara legal pra caramba!

Ninguém viu no Marcelo:

– Ele veio para tirar o lugar da Odete. Ele trabalhou com ela um ano. Ela saiu. É natural, ele tem uma relação legal com os professores, que ele assuma o lugar dela.

Então, eu acho que eles jogam muito assim. E você não tinha terminado o seu trabalho para eles poderem demitir você. Faltava alguma coisa.

Silvia

Eu acho que eles precisavam fazer com que eu fosse esquecida. Eu conhecia os pais pelos nomes. A gente tinha um sistema de reuniões de pais periódicas... Havia uma integração muito grande. Depois, os pais não podiam mais vir até o pátio na hora da entrada, não podíamos fazer reuniões de pais, o atendimento não era mais feito por mim, mas pela professora da turma, a professora regente, nas aulas vagas dela. Eu me lembro que, depois, eu passava no pátio na hora da saída e não conhecia os pais.

Odete

O que eles queriam era que os pais percebessem que o colégio ia funcionar estando a Silvia lá ou não.

Silvia

Eu encontrei pais de alunos, um ano depois que eu havia sido mandada embora, que não sabiam.

- Você foi mandada embora? Você não está lá?

Odete

Eu encontrei gente que não sabia que você tinha sido mandada embora. O pai não tem mais contato com você mesmo, pra saber se você está lá ou não. Eu acho que eles passaram um ano usando a gente, criando a estrutura que eles queriam, professor regente para o pai não ter contato direto com você...

Sei lá, inspetor de disciplina, nunca ouvi falar nesse cargo, coordenador de disciplina, pra você não chamar um pai, para falar diretamente com ele sobre o aluno. Eles meio foram colocando você de lado mesmo. Para o pai esquecer você. Acho que é por aí, mas a gente não tem certeza porque ninguém (Rindo.) explicou nada pra gente.

O que me parece é que eles queriam frei José Luiz e frei César distantes do colégio e que nós éramos um ponto de ligação entre o colégio e eles, porque eles continuavam a vir a Petrópolis e a gente se reunia então. Eu não sei se eles sabiam disso.

- Ah, então é Odete que passa para os freis o que está acontecendo aqui dentro. Chegou a hora de eliminar, mesmo. Me passa muito isso.

Silvia

Odete, e como foi com seu irmão, Celso?

Odete

Ele não fala nada.

Silvia

Ele saiu quando?

Odete

Ele saiu um ano depois de mim. Ele saiu... talvez fosse até mandado embora, mas ele tinha uma carga horária muito grande e, no ano seguinte, deram para ele 29 aulas, que ele achou que foi uma sacanagem da *FULANA*⁹. Eu também acho isso.

Quando o Bom Jesus entrou, começou a incentivar os professores a horário exclusivo, e ele foi pegando muita aula lá. Ele manteve o Fênix e algumas aulas no Werneck. Ele tinha uma carga horária muito grande e, no ano seguinte, deram a ele 29 aulas. Aí, ele foi perguntar ao Milton porque não pelo menos as 30, que com 30, ele tinha mais 10%. A partir de 30 aulas, a pessoa tinha 10%. Aí, ele foi perguntar ao Milton porque não as 30 aulas.

- Porque não. A gente avaliando aqui, a gente te deu 29 aulas.

Aí, ele concordou, saiu de lá e foi ao sindicato. Isso quando ele chegou de férias, em fevereiro. Até final de dezembro, ninguém comunicou

⁹ Odete pede para que o nome da *fulana* não seja revelado.

nada a ele, até para ele procurar outra coisa. Quando ele foi lá para pegar o horário, ele viu as 29, ele foi falar com o Milton.

– O colégio decidiu te dar 29 aulas.

Silvia

Mas, antes ele tinha quantas?

Odete

Tinha quarenta.

Silvia

(Som de espanto.)

Odete

Porque ele trabalhava todas as manhãs e duas tardes.

Silvia

De 40 para 29, sem avisar?

Odete

Sem avisar! Aí ele foi no sindicato, que falou que ele não era obrigado a aceitar. Eles têm que te pagar as quarenta. Parece que o Mussel, do sindicato, ligou para o Milton:

– Oh, Milton, eu estou com um problema de um professor seu aqui, que não foi comunicado de redução de carga horária, ele não assinou e teria que ter assinado, ele se organizou, organizou a vida dele para 40 aulas e agora está com 29. Então, ele não aceita.

Aí, o Milton chamou ele lá.

– Você não aceita as 29?

– Não.

– Então, a gente vai te pagar até julho as quarenta que você tinha e você está dispensado.

Foi assim a demissão dele. Pagaram tudo até julho, as 40 aulas, sem ele dar aula, e aí mandaram ele embora.

Silvia

A da Sônia foi assim.

Odete

É, isso mesmo. A da Sônia foi assim. Então, por isso eu acho que não existe mais, no Bom Jesus, sentimento humano. É empresa, ponto final. Eu não tenho que ter relação nenhuma de amizade com você, de entender um problema seu. Não. Eu tenho você enquanto você me serve, de alguma forma. Na hora que eu acho que você deixa de me servir, você é um trapo velho que eu posso descartar, jogar fora, tranquilamente.

Silvia

Eu não sabia dessa sua história anterior ao ensino médio...

Odete

Não, a gente sempre teve uma ligação forte com o Canarinhos, por meu irmão ter estudado lá, ter sido canarinho muito tempo... A gente freqüentava muito o Canarinhos, minha mãe, meu pai ajudava nas festas que tinham lá. Minha mãe, sempre, foi muito religiosa, nessas coisas de igreja. Então, os freis freqüentavam a nossa casa, tinha muito essa relação. Aí Celso se formou. O primeiro colégio dele foi Canarinhos. Foi procurar emprego, Canarinhos deu emprego para ele e uma professora de inglês teve um problema e eu entrei para dar aula. Eu tenho de Canarinhos – porque eu entrei, depois saí, depois voltei – um total de 14 anos.

Silvia

E acaba que a história não é só essa.

Odete

É, tem uma história de vida. Quando meu irmão conseguiu trabalhar no Canarinhos, para ele foi um sonho, por ter sido aluno de lá. Ele amava o coral. Quando saiu do coral, porque mudou de voz, ele ia pra lá de manhã. Frei Leto deixava ele lá, sentadinho, assistindo. Ele adorava aquilo. Ele viajava com o coral mesmo sem cantar. O Canarinhos foi um negócio muito bonito para a gente. Minha família toda de Portugal conhece o Canarinhos, porque a gente mandava discos – na época eram ainda aqueles LPs. Sabe, é uma história de família mesmo. Trabalhar lá, pra gente, foi uma gratificação muito grande. Só que terminou do jeito que terminou... Quer dizer, você trabalhar num lugar que você tem toda uma história passada de família é muito legal, por isso que eu acho que eu ainda guardo um carinho muito grande pelo Canarinhos. Guardo. Não posso negar.

Não sei se eu voltaria. Eu acho que eu voltaria. Com tudo que eu tenho, com essas arestazinhas:

– Se eles eram capazes de mudar, porque não mudaram?

Mas eu acho que eu ainda voltaria, se fosse Canarinhos.

(Troca de fita K7.)

Eu achava... o colégio era perfeito, em todos os segmentos, com as variações normais de cada segmento, eu achava que era perfeito. Eu sentia assim, como se eles entrassem lá no primeiro degrauzinho e você fosse ensinado a caminhar. Sônia:

– Mais um passo.

E eu, no final, botando na vida, no mundo. Eu sentia assim. Na verdade, quem criou, quem educou, foi a pré-escola e a Sônia. Eu, a minha responsabilidade era jogar no mundo mesmo. Então, eu vou dar para eles a parte ruim da vida, que são as cobranças, a competição, porque é isso mesmo. Então, a mim cabia isso: mostrar para eles que a vida era competitiva, que eles tinham que se dedicar muito...

Mas eles já vinham preparados para isso. Para eles, não era nenhum choque, tanto que os nossos alunos que vinham com a gente desde lá debaixo se davam muito melhor que os de fora, que entravam só no segundo grau.

Isso era muito legal de ver. Os nossos alunos eram um caso, os que entravam eram diferentes.

Silvia

Bem, vamos terminar essa entrevista, Odete, ou não acabamos mais.

(Aqui eu desligo o gravador e agradeço a Odete, que me convida para um lanchinho. Esse foi um detalhe saboroso das entrevistas. Havia sempre um lanche depois.)

TENTATIVA 3.

entrevista com

renata

11-dezembro-2005

ENTREVISTA COM RENATA**11-DEZEMBRO-2005**

Renata trabalhou comigo na minha escola, Eureka. Quando tive oportunidade, surgindo uma vaga no Colégio dos Canarinhos, sugeri ao frei José Luiz o seu nome. Ele me dava bastante autonomia na escolha das professoras, ainda que fizesse uma entrevista inicial que, imagino, marcava toda a trajetória da professora no colégio.

– Aqui, queremos disciplina!

Acreditei ser importante entrevistá-la para essa pesquisa, pois Renata foi a professora escolhida para assumir a “Primeira D”, uma turma que se formou a partir de uma nova seriação e enturmação que fizemos com as crianças, em março, depois de iniciadas as aulas no Colégio Bom Jesus Canarinhos.

Naquele momento, ajustamos o sistema de seriação das crianças ao modelo Bom Jesus. Isso foi em 2000. Até então, seguíamos o que tradicionalmente se fazia em Petrópolis. A série da criança, na pré-escola, era definida pelo mês de aniversário e o mês limite para ela completar a idade da série a cursar era junho. Veja como ficou:

Antes (Canarinhos)	Depois (Bom Jesus)
Jardim 1 Completar 3 anos até julho	Maternal Completar 3 anos até dezembro
Jardim 2 Completar 4 anos até julho	Jardim 1 Completar 4 anos até dezembro
Jardim 3 Completar 5 anos até julho	Jardim 2 Completar 5 anos até dezembro
Alfabetização Completar 6 anos até julho	Jardim 3 Completar 6 anos até dezembro
Primeira série Completar 7 anos até julho	Primeira série Completar 7 anos até dezembro

Essa foi uma das tarefas mais complexas de adaptação que vivemos entre Canarinhos e Bom Jesus, nas turmas da educação infantil. Fui chamada pelo Paulo Cunha, diretor do Bom Jesus, e fui questionada do porquê trabalhávamos com a distribuição etária daquela forma. Expliquei que era assim em Petrópolis, como todas as escolas faziam. Ele mostrou que a nova LDB dava abertura, nesse assunto, pois não estipulava o mês de aniversário, mas apenas a idade mínima para a primeira série do ensino fundamental: 7 anos. Mas, isso significava dizer que a criança que tivesse 6 anos, desde que fizesse aniversário no ano em que cursasse a primeira série, poderia estar na primeira série. Com essa nova forma de pensar a divisão das idades por turma, fizemos a redistribuição de séries, turmas e professoras.

A nova reorganização das turmas previu, também, a extinção do nome de classe de alfabetização. Com isso, os alunos que estavam na classe de alfabetização foram divididos, de acordo com a idade, indo alguns para o Jardim 3 e outros para a primeira série, como mostra o quadro. Complicado de entender? Imagine explicar isso para 300 pais de alunos, convencendo alguns de que seus filhos não iriam repetir a série e convencendo outros de que seus filhos não iriam pular uma série, ficando defasados, portanto (exceto o caso da primeira série “D”).

Ainda que tenha sido um verdadeiro tumulto, senti-me muito orgulhosa de dar conta de tamanha tarefa imputada a mim diretamente pelo Paulo Cunha, que era quase “meu” ídolo. Para explicar aos pais as tais organizações de turma, fiz reuniões com todos os pais orientada por ele. Estiveram aqui duas assessoras de Curitiba para me ajudar a reorganizar as turmas, mas as reuniões eu fiz sozinha. Foram quatro reuniões e sucesso absoluto. Os pais, em sua maioria, saíram tranquilos com a mudança. Eu os

havia convencido. Lembro-me de que não havia sido informada da que Paulo Cunha estaria em Petrópolis na data das reuniões, mas, em meio a uma delas, lá estava ele, recostado na porta de entrada a me observar. Tive certeza de que ele gostou, pois seu olhar confirmava isso, mas não nos falamos a respeito.

Foi isso que aconteceu e gerou a primeira série D, com esse nome, pois já tínhamos outras três turmas de primeira série. Alunos com 6 anos, a completar sete, que estavam na classe de alfabetização e, naturalmente, não sabiam ler e escrever foram enturmados nessa série.

Renata assumiu a turma com a tarefa de dar conta de alfabetizá-la paralelamente ao trabalho de aprendizagem dos conteúdos da primeira série. Os pais estiveram alertas o ano todo e as crianças foram realmente alfabetizadas, chegando à segunda série, no entanto, ainda com menos segurança nos conteúdos. Quando esse desnivelamento foi superado? Quando as dificuldades foram superadas? Não sabemos, pois as crianças foram misturadas às outras turmas, e não havia como garantir que as dificuldades que surgiam estavam relacionadas a questões particulares ou à vivência dessa experiência. Eu sempre ficava com essa dúvida e “quase culpa” quando uma criança que havia sido da primeira “D” apresentava dificuldades nas séries seguintes. Não foi feito um acompanhamento e uma análise rigorosa disso. Muito pelo contrário, tentamos esquecer que, um dia, aquelas crianças foram da primeira série “D”. **Eu** tentei esquecer que, um dia, aquelas crianças foram da primeira série “D”.

Enfim, sobre a entrevista, agendei previamente e fui à casa da Renata. Conversamos brevemente enquanto eu pegava o equipamento de que a entrevista seria sobre as lembranças dela do que viveu no colégio. Precisei colocar para gravar pois...

Renata

Lembra da primeira série “D”? Eu tinha aluno que não sabia segurar o lápis... que vieram de outros colégios. Os alunos que estavam no nosso Jardim já tinham aquele... já estavam preparadas, reconheciam letras, o nome. Mas tinha aluno que não segurava no lápis direito. Porque a gente tinha aquele trabalho todo, não é? Ensinava como segurava. Mas tinha criança que... A verdade é que eu fiquei desesperada.

(Risos.)

Esses dias, encontrei com a mãe da Taynara.

Silvia

Lembro! A filha do fotógrafo?

Renata

Não, Kaynara. Kaynara. Ela depois saiu do colégio. Ela fez a primeira “D”, depois foi para a Letícia e deu problema no Canarinhos.

Silvia

Lembro. Foi para o Favo de Mel.

Renata

A Kaynara está bem. Grandona!!! Ela lembrou logo de mim. Eu fiquei toda contente.

– A tia Renata colocava música no final da aula.

Eu dizia que eu tinha um programa para cumprir. Se a gente fizesse tudo certinho, ia sobrar tempo para ouvir música no final da aula. Era muito legal.

Silvia

Então, conta um pouco como foi sua história no colégio.

Renata

Eu peguei um pouco do Canarinhos, com frei José Luiz, e a parte do Bom Jesus Canarinhos, que foi uma mudança meio que radical.

(Risos.)

Mas, acho que a mudança maior eu não peguei. Eu acho que eu ainda fiquei naquela fase intermediária, bem do início. Era uma proposta diferente, não é? O pessoal do Sul é diferente. Não só na área de educação, mas em todas as áreas. Até na área jurídica¹.

Agora, a chegada do Bom Jesus... eu acho assim, quando era Canarinhos, eu achava que era mais família. As pessoas eram mais entrosadas, era uma coisa menor. A gente conhecia mais as pessoas e interagia melhor. A escola ainda era menor.

Mas aconteceu a chegada do Bom Jesus, que veio com tecnologia, estudos mais avançados. Então, como toda mudança... toda mudança é complicada. Tem gente que não é aberto às mudanças. Tudo o que é novo assusta. Algumas pessoas, eu acho, não querem sair daquele padrão a que já estão acostumadas. Outras têm a cabeça mais abertas e querem aprender, querem estudar mais. Estão sempre buscando mais. E outras não aceitam as mudanças. Eu acho que começou a ficar mais profissional com a chegada do Bom Jesus. Era mais como uma empresa. Uma proposta boa. É um grande colégio. Até hoje, mesmo fora do colégio, eu vejo amigas minhas que têm filhos no colégio falando.

– É um colégio puxado.

Mas, eu não tenho a real situação de como está hoje. Houve muita gente falando que não gostou da mudança, que virou empresa. Pais de alunos insatisfeitos, muitas crianças saíram.

Silvia

E você? Como viu a mudança? Gostou? Como foi para você?

Renata

Olha, pra mim foi muito difícil aquela decisão de sair ou ficar. Foi muito complicado. Até hoje tenho sonhos com o colégio, que eu tenho que dar aula, que eu tenho plano de aula para cumprir. E meus alunos não... Essa primeira série “D” ficou na minha cabeça. Aí, eu acordo:

– Não, Renata!

Pra você ver como essa coisa marcou, ficou no inconsciente. Eu acho que eu teria que me adaptar, me atualizar e continuar estudando. Agora, tem gente que estava acomodada, que não aceita mudança. Eu achava que estava há muito tempo fazendo a mesma coisa e que aquilo sempre deu certo, era como uma receita de bolo. Eu sou a favor de mudanças. Eu sempre gostei de desafios. Lembra que algumas professoras do colégio:

– Ah, eu só dou aula pra CA².

– Eu só dou aula pra Jardim 3.

– Eu só fico na terceira série.

E você, a cada ano, me colocava em uma série.

Silvia

É que você podia me socorrer.

(Risos.)

¹ Hoje, Renata é advogada e atua na área.

² Classe de alfabetização.

AS DUAS ESCOLAS.

METAFORA DA FAMÍLIA.

UMA MUDANÇA PARA O PROFISSIONALISMO.

DIFICULDADE DE AS PESSOAS ACEITAREM AS MUDANÇAS.

Renata

Tudo quanto era lugar. Era diferente, bom.

(Renata ia falando muito pausadamente. Parecia que não tinha o que dizer, que buscava as palavras.)

Silvia

Conta a história da primeira "D".

Renata

Aquilo ali foi uma experiência assim... bem legal, mas bem trabalhosa. Foi um desafio.

(Parou de falar! Não disse mais nada! Silêncio.)

Silvia

Como foi?

Renata

Foi mudança da lei. As crianças que faziam aniversário até junho... porque, antigamente, dividia em junho. Depois, veio a lei que dizia que as crianças que faziam aniversário até dezembro tinham que estar em uma turma. Aí, o que aconteceu? Eram três CAs. Eu era uma das professoras. Então, o que eles fizeram? Lá em Curitiba já era esse sistema. O Jardim 3 era a alfabetização. A criança saía do Jardim 3 e ia direto para a primeira série, como foi na época em que estudei. Eu não fiz CA. Eu fiz primeira série direto. Eu lembro que, assim, eu recebi uma turma, material, as crianças... aí, de repente, teve a mudança que pegou todo mundo de surpresa.

Então, pegaram as crianças das três turmas de CA e os mais velhos e colocaram numa turma que ia ser uma turma especial. Aí, eu sei que... tinha muitas professoras, mas a escolhida para ficar com a turma fui eu. Eu não entendi nada. Eu só achei que tinha tanta gente mais experiente do que eu, que poderia ter ficado com a turma e acabou que fui eu. Foi todo mundo pegando turma, pegando turma e eu fui ficando sem turma. Aí, sobrou a primeira "D". Foi você que escolheu, não foi? Ou não? Não lembro. Eu me lembro que você fez uma reunião. Estava o Milton e todo mundo, todas as professoras e, no final, você falou. Eu sei que todo mundo foi ganhando turma. Eu achei que fosse a Patrícia que fosse ficar com essa turma, por toda experiência dela. Ela ficou muito tempo alfabetizadora. Eu alfabetizei duas turmas, uma foi a primeira "D".

(Silêncio. De novo?)

Silvia

E aí, como foi? Foi só alfabetizar? Mas na primeira série...

Renata

Não, era uma turma especial. Não tinha como prever, pois dependia das crianças.

Silvia

E você usava o material da primeira série, não usava?

Renata

Usava os livros da primeira. Mas as crianças não sabiam ler, não sabiam escrever. Tinha criança que não sabia usar um caderno. Não sabia o que era linha. Um desespero. Eu rezava todas as noites. Pedia a Deus para me ajudar e ajudar aquelas crianças. Eu precisava alcançar o objetivo de serem alfabetizadas. Eu lembro que você falava que tinha o momento do "click" e eu fiquei assim. Eu só tinha você com quem eu contava – a coordenação. Porque as outras turmas seguiam Curitiba, vinha material, e para a minha turma não existia nada. Porque eu não era primeira e também não era CA.

METODOLOGIA: UMA INTERPRETAÇÃO.

OUTRA QUESTÃO METODOLÓGICA: A MERA DESCRIÇÃO.

(Rindo.)

Eu estava com uma batata quente, assim, na mão. E as crianças, “tadinhas”... Foram caminhando, um passinho, um passinho, um passinho. Eu pedia forças para conseguir tentar passar aquilo para elas. E puxar pelas crianças também. Tinha criança que reclamava. Eram 26 alunos, uma turminha bem grande. Eu me lembro que eu tinha uma estagiária. Essa foi uma das coisas que eu pedi, porque não dava tempo. Era muita coisa, muito dever, muita coisa para você corrigir, e eu tinha que ficar com as crianças. Eu tinha criança que eu precisava ficar sentada ao lado.

Silvia

Por que tinha tanto dever?

Renata

Eu tinha que seguir o programa da primeira série. Eu tinha o programa da primeira e, em cima do programa da primeira... tinha que adaptar o programa da primeira com a realidade das crianças. Livros... E abrir página de livro? Eu comecei do zero. Eles não liam! Vocês tem que prestar atenção para quando chegarem em casa. Mas, eu tive muita ajuda dos pais. A expectativa que eu estava... os pais colaboraram muito em casa.

Silvia

E os pais? Eles gostaram?

Renata

Os pais ficaram meio desesperados. Tinham aquela preocupação:

- Será que isso vai ser bom para o meu filho?
- Será que ele vai conseguir?

Chegava em casa, a criança se desesperava que não sabia fazer o dever. E é diferente. Na sala, eles estão todos juntos, então eu via de um jeito. E tinha aquela coisa da criança, por ser muito novinha, também resmungar.

– Ai, estou cansado. Não agüento.

Eu falava:

– Puxa, mas aqui na sala faz legal, acompanha.

E vendo o grupo, a criança acompanha.

Silvia

E acompanharam?

Renata

No final, foi assim... foi quando eu saí também, não é? Eu acho que foi fechar com chave de ouro. O que mais me emocionou foi na formatura. Na formatura, as crianças todas lá, todas bonitinhas. As crianças participaram da formatura de CA, porque eles não tinham tido formatura. E cada turma fez uma homenagem, um foi orador... tiveram que ler um texto e, quando foi feita a leitura, outras turmas leram como CA, uma gracinha. Alcançaram. Mas a minha turma leu como primeira série. Eu via como eles acompanhavam. Mas, depois, os pais:

– Puxa, tia! A gente notou a diferença. A gente viu que eles realmente foram primeira série!

Ali foi a parte que mais me emocionou. Foi no final. Valeu a pena!

Silvia

Foi justamente o ano em que você saiu.

Renata

Foi.

Silvia

E sua saída? Conta por que você decidiu sair. Você não foi mandada embora.

Renata

Iam sair professores. Com a chegada do Bom Jesus, sempre tinha isso no final do ano, o que não acontecia quando era Canarinhos. No Bom Jesus, sempre saía alguém e entrava gente nova. Acho que era uma experiência que eles estavam fazendo com todo mundo. Algumas pessoas falavam que eles não queriam ninguém que fosse do Canarinhos. Eles queriam tirar todo mundo, porque eram antigos e... Eu saí porque eu estava terminando Direito. Eu acho que eu sou uma professora que virou advogada.

(Aqui, deixo de transcrever um bom trecho em que a Renata conta da experiência dela como advogada e do interesse para questões da vara de família, que envolvam crianças.)

entrevista com

alex

13-dezembro-2005

ENTREVISTA COM ALEX**13-DEZEMBRO-2005**

Eu sequer havia pensado em entrevistar o Alex. Foi minha "assistente de pesquisa", Marisa, que me alertou para esse nome, quando comentou que ele havia ido à Curitiba em 96 para buscar ajuda do Bom Jesus. Eu sequer pensava/lembrava que essa conversa Bom Jesus havia começado tão antes... Outro detalhe que me fez pensar que a entrevista seria interessante foi saber que ele não "perdoava" os freis. Até então, todos os protegem em suas falas. Seria uma "visão" diferente a ser "ouvida", uma forma de ver a história diferente. Liguei e achei engraçadíssimo que o Alex já esperava o meu telefonema, pois a Marisa já havia avisado a ele que eu iria procurá-lo.

Silvia

Eu não sei o que você já está sabendo sobre o trabalho...

Alex

Não estou sabendo quase nada. Marisa só falou comigo que você está fazendo mestrado e precisava me entrevistar.

Silvia

No mestrado, eu estou escrevendo a história do Colégio Bom Jesus Canarinhos, então, para escrever essa história, eu trago um pouco da Escola Gratuita São José, trago a escola no tempo do frei Leto, a escola no tempo do frei José Luiz, do frei César e a chegada do Bom Jesus. E, nessa história, o foco principal é o movimento de mudança com a chegada do Bom Jesus.

Como eu vou tratar essa história? Eu trago uma versão da história que sou eu quem conta e, num segundo momento, eu vou trazer as lembranças de outros professores que passaram por ali. E a idéia foi trazer você para essa conversa, porque eu acho que você tem algo para falar.

(Uma risada do Alex, altíssima, solta e escandalosa preencheu um espaço da gravação.)

Acho que quem estava lá tem algo a contribuir, a dizer.

Alex

Com certeza. Tenho uma visão sobre o que aconteceu.

Silvia

E não dá para entrevistar todas as pessoas. Quisera eu. Mas você foi eleito como uma pessoa importante!

(Novos risos, mais moderados.)

Conta um pouco da sua história no colégio, então...

Alex

Você quer fazer o quê? Pergunta e resposta?

Silvia

Não, não. Eu preferia que você me contasse à vontade a sua história lá.

Alex

Minha história lá. Bom, deixa eu tentar começar pelo princípio. O que aconteceu? Naquela época em que eu entrei para o Bom Jesus, eu tinha, tenho ainda, a grata satisfação de ter uma grande amiga minha que é freira, e a gente fazia um trabalho de adolescentes de igreja, ligados talvez um pouquinho mais à teologia da libertação, comunidade eclesial de base,

etc e tal. E eu trabalhava em uma empresa na área de informática, porque eu já estava fazendo faculdade, e eu era técnico em informática, que era a Future Kids. A Future Kids tinha um trabalho dentro do Canarinhos, e aí, eu fui lá fazer um trabalho, nas férias, de treinamento com alguns funcionários, dentre eles frei José Luiz Prim. E aí a gente fez o curso, foi muito bom, muito proveitoso, interessante e tal, tal, tal e eu fiz um comentário, ao final do curso, com o frei, de que as máquinas do laboratório de informática não estavam tendo a manutenção adequada e que deveria ter uma certa atenção, porque é um equipamento caro e que precisa ser bem aproveitado. Bom, dali começou a surgir um papo de que eu poderia trabalhar no Canarinhos.

– Então, talvez você venha compor a equipe com a gente.

Ele já tinha contratado alguns professores e não poderia me contratar como professor de informática, então, qual é o ponto em que eu me encaixaria e tal? Acabou que ele me falou para eu pegar a coordenação de informática administrativa, porque a parte de coordenação de informática pedagógica estava com o Chumbinho, não lembro o primeiro nome dele.

Silvia

Carlos Eduardo.

Alex

Carlos Eduardo. A parte de coordenação de informática pedagógica estava com o Carlos Eduardo e a parte administrativa ficaria comigo. Então, essa seria a minha função dentro do colégio: seria implementar um processo de informatização do colégio. Confesso a você que, quando eu recebi a proposta, foi uma proposta excelente, porque mais que dobrava o meu salário na época, e eu havia colocado algumas condições para o frei que eram complicadas, porque, na parte da manhã, eu estava ainda na UFRJ¹ estudando, então, eu só poderia estar no colégio na parte da tarde, iníciozinho da noite, sendo que o Canarinhos não funcionaria à noite. Então, ele calculou um salário proporcional que dobrou o meu salário, o que me garantia a possibilidade de subir e descer para a UFRJ e trabalhar no Canarinhos.

E a gente começou a fazer um mapeamento do laboratório de informática, da parte administrativa. Só tinha um computador na secretaria, um programa muito antigo, muito complicado... E a gente começou a tentar determinar quais eram as prioridades, em termos de laboratório de informática e parte administrativa.

Eu confesso a você que, naquele primeiro momento, muito jovem – não tão jovem assim, eu tinha de 22 para 23 anos, isso foi em 96 –, eu vinha com uma imagem de igreja que era a imagem que eu vivia na minha comunidade, onde os padres trabalhavam muito. Eu sou aqui da Paróquia do Alto da Serra, do padre Francisco, que é um cara que trabalha muito, que tem uma vida de pobreza absoluta – eu já estive dentro da casa dele e não tem luxo algum –, tinha um fusquinha – que foi trocado agora, há pouco tempo, contra a vontade dele – para poder ir até as paróquias. Celebra cinco missas no domingo, atende seminário, atende a todas as comunidades. Tem, obviamente, seus defeitos, as críticas que evidentemente alguém deve ter, mas que eu acho uma grande figura, extremamente vocacionado e que, de certa forma, mantém a unidade da comunidade.

E eu vinha desse contato com minha amiga, que era freira. Eu já tinha feito, antes de entrar para a UFRJ, teologia para leigos aqui no ITF² e tive alguns professores muito legais também. Então, eu vinha com uma imagem de franciscano na cabeça que hoje eu entendo como uma imagem um tanto idealizada: pessoas que são comprometidas com o processo, que abraçam a pobreza, que trabalham com a comunidade.

Bom, a gente começou a implementar o sistema ali dentro do colégio. Então, a gente

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

² Instituto Teológico Franciscano.

identificou alguns problemas. Por exemplo: o colégio mantinha todas as suas boletas no Banco do Brasil, pagando quase que o dobro que qualquer outro banco privado da cidade. O frei pediu para eu negociar e eu assumi outras funções que não eram apenas aquelas originárias. E eu comecei a negociar com alguns bancos, por exemplo, a redução de boleto e a gente conseguiu, naquela época, fechar com o Banco Real a R\$ 1,00 o boleto, o que representava uma diminuição de gasto mensal do colégio da ordem de R\$1800,00, que dava mais de cem mil no ano, a ponto de o frei dar para mim, para Rodrigo e para Carlos Eduardo o décimo quarto salário. Porque, com o valor da economia de um mês, dava para dar o décimo quarto para a gente e ainda sobrar. E a gente começou a traçar algumas estratégias.

Nesse meio tempo, frei César assume a direção do colégio e, hoje, eu tenho uma visão muito crítica da administração do César. Hoje, fazendo uma leitura menos apaixonada, menos passional da administração dele, eu vejo que teve alguns problemas assim muito fundamentais. Ele tem a minha idade. Então, na época, ele tinha por volta dos seus 24 anos. Era um frei que nunca havia trabalhado na vida. Ele não tinha percepção, a noção que eu faço dele é de que ele não tinha a percepção do que é o trabalho. Principalmente o trabalho dentro de um colégio. O que ele viveu? Ele viveu a época acadêmica. Ele era um jovem que entrou para o seminário³ e hoje eu tenho uma visão de seminário.

Já discuti isso com um amigo meu que é padre, que o seminário é alienado do mundo, é um ambiente de completa alienação, porque o aluno, de segunda a sexta-feira, no seminário menor, que é o ensino médio, ele só tem férias duas vezes por ano, fica o ano inteiro restrito àquilo ali. Quando sai, é para alguma atividade dentro da própria igreja. Quando vai para o seminário maior, que é a parte de filosofia e teologia, ele tem um trabalho de segunda a sexta-feira, às vezes sábado, um trabalho acadêmico, e, no domingo, ele vai para as comunidades. Então, o que ele vê de comunidade, o que ele vê de vida real? É muito pouco.

Então, é um jovem que não trabalhou, que não conhece as necessidades do povo, conhece em teoria, não conhece as necessidades reais do povo e não conhece o mundo em que ele está se inserindo. A primeira leitura que eu faço do César é essa. A de um cara muito jovem, 24 anos, que não viveu o mundo real, que nunca tinha trabalhado, que viveu só dentro do mundo acadêmico, que tinha algumas ideologias bonitas, mas que, para transportar isso para o mundo prático, era muito complicado. E ele estava inserido dentro de uma comunidade com uma raposa muito velha, que era o frei José Luiz Prim.

Então, o que aconteceu? No primeiro momento, eu acho que frei José Luiz Prim até patrocinou a entrada dele como diretor, foi apadrinhado, até por ter um grau de parentesco, entre eles, porque frei José Luiz entendeu que César seria uma pessoa. A avaliação que eu faço hoje é de que seria uma pessoa fácil de se manobrar: jovem, relativamente parente, para uma pessoa que tem aí 25, 30 anos dentro de colégio, ia ser uma pessoa fácil de se manobrar. O que não se demonstrou. Na realidade, César, em um primeiro momento, nem ele sabia como se tocava um colégio. Na posse do César, veio daquela inspetora da Secretaria Estadual de Educação, e ela fez uma fala muito interessante, na hora muito criticada. Ela falou assim:

– É uma responsabilidade muito grande para um jovem como você.

Quer dizer, assumir um colégio do porte do Canarinhos, com mais de 1000 alunos, com pessoas com experiência, aos 24 anos, sem nunca ter tido experiência nenhuma... E eu lembro que César deu, de certa forma, uma lambada nela, quando, no discurso ele disse assim:

– Mas eu não vou ser diretor sozinho. Espero ser diretor com as pessoas que aqui

³ Cabe lembrar que frei Cesar foi para o seminário na quinta série, por volta dos 11 anos, provavelmente.

estão.

Bom, aí a gente começa a conhecer um pouquinho da vida dos franciscanos. A gente começa a desmembrar um pouquinho da vida deles. Rompeu-se, para mim, na minha cabeça, o grande mito de que aquelas pessoas, por serem padres, estão mais próximas de Deus do que você. E rompeu-se a idéia, na minha cabeça, de que aquelas pessoas eram vocacionadas para o serviço ao outro. Isso é uma coisa que eu trago comigo até hoje, embora eu tenha feito várias releituras desse processo, essa é uma coisa que eu trago comigo até hoje. Não é o rancor. Já foi, em um momento, rancor. Aí, você fala assim:

– Caramba, como essas pessoas puderam ser assim?

Em uma outra forma de percepção:

– Porque eles são seres humanos, mas que revelaram um lado muito complicado das suas relações.

Então, é claro que a gente não pode se prender em estereótipo, mas eu me recordo de algumas coisas que foram me decepcionando ao longo do tempo. Por exemplo, frei César achando que frei Robson, na época, tinha que ser desligado dos franciscanos porque ele não era comprometido com os franciscanos. Isso foi uma coisa que me chocou, porque era um confrade seu. Na minha cabeça, não passava por ali. Passava por uma conversa com o Robson, não sei, mas não por uma crítica extra comunidade de um confrade seu. Então, ele fazia críticas assim contundentes de que o Robson só queria comprar CD, só queria cantar, só queria... sei lá... as mais diversas coisas, menos o trabalho na comunidade. E isso, depois, me foi ratificado pelo próprio frei José Luiz Prim, que dizia ser o orientador – sei lá, tem um nome específico – do Robson e que ele tinha críticas.

Bom, frei César que me surpreendeu em alguns pontos. Eu me recordo de uma fala interessante do César. Telefonaram para ele numa sexta-feira, um frei aqui do Sagrado, pedindo a ele para celebrar duas missas no domingo, porque o frei ia estar em um passeio ecológico não sei onde, e ele ia estar atolado e não tinha outros freis que pudessem ajudar, se ele poderia celebrar duas missas, uma na manhã e outra no finalzinho da tarde. E aí César disse que não. Ele falando:

– Não. Não vou celebrar. Vou celebrar uma só.

Aí, o frei pediu novamente e ele falou:

– Uma eu celebro. Duas não.

Depois, em particular, ele comentou com a gente assim:

– Celebrar duas missas no domingo? Estou cansado. Quero descansar.

Eu ficava pensando assim: “Caramba!” (Risos nervosos). Quer dizer, pra mim, uma coisa assim um tanto quanto incompreensível, visto que ele fazia o horário dele dentro do colégio. Inúmeras vezes, às segundas-feiras, 11 h da manhã, ele estava surgindo no colégio e tinha acabado de acordar. E eu ficava olhando, e o meu ponto de referência era o padre Francisco, aqui no Alto da Serra. Caramba! Um jovem de 24 anos não pode celebrar duas missas de uma hora e meia no domingo! Padre Francisco celebra a primeira na manhã, às sete, depois celebra às nove, depois celebra às onze, celebra às cinco e depois às seis e meia.

Tudo bem, não precisa chegar ao extremo, mas tem alguma coisa errada com essa juventude. É muito idealizadora, muito bonitinha, fala da teologia da libertação, fala bonito, tem um discurso legal, mas a práxis, onde é que fica isso? Aquilo começou a desmontar o arquétipo de padre na minha cabeça. Por exemplo, do frei José Luiz. Quando subia para rezar as missas, parecia que ele era tomado pelo Espírito Santo, falava palavras lindíssimas:

– Irmãos, nosso pai Francisco, e tal...

E, de repente, mandava pessoas embora em pleno churrasco de final de ano. Você se recorda disso? A pessoa era chamada:

– Só um instantinho. Quero falar com você!

E aí, levava para a sala dele e:

– Está demitida!

Em pleno churrasco! Uma vez, eu comentando isso com o César, disse:

– César, isso é um disparate, cara! Isso é de uma crueldade fora do comum. Isso arrasa com a festa e arrasa com a pessoa.

– Ah, eu já falei, mas frei José Luiz Prim é assim!

– Então, é assim e fica assim? Então é assim e fica tudo bem assim? Não é comigo, então...

– É assim.

Onde é que fica o discurso? Onde é que fica a questão ética? Isso foi detonando a imagem que eu tinha deles. Paralelo a isso, eu comecei a fazer essas críticas muito contundentes para o Márcio, que hoje é professor de filosofia e trabalha comigo no Alaor⁴.

A gente trocava idéias e Márcio nunca externou a opinião dele. Mas eu sentia que tinha alguma coisa errada e ele também achava que tinha alguma coisa errada. Então, por exemplo, um fato que eu me recordo: eles, em um carnaval, saíram daqui e foram passar o carnaval em Porto Seguro. Frei Robson, Márcio, César e frei José Luiz Prim. Eu, particularmente, não tenho essa visão romântica que as pessoas têm de que o padre tem que ficar enfurnado. Eu acho que padre pode ir à praia, pode tomar uma cerveja, pode sair para comer uma pizza. Pode fazer qualquer coisa. O que você não pode é construir um discurso de pobreza e não vivê-la. Aí, é inadmissível. Você faz um discurso belíssimo, mas "é carnaval e eu vou para Porto Seguro". Entendeu? Caramba, cara! Você está na profissão errada. Eu não vejo o menor problema as pessoas viverem isso nas suas vidas particulares, mas você está na profissão errada, cara! Tem alguma coisa errada contigo aí. Pelo discurso, não pela prática. A prática de ir para Porto Seguro, para mim, é comum. Eles foram parando de convento em convento, pararam no Espírito Santo, não sei o que, não sei o quê. Na Bahia, curtiram o carnaval numa boa. Eu me lembro do César falando que foi bom porque ninguém sabia que eles eram frades, então, ainda teve essa coisa assim de que eu não quero que ninguém saiba que eu sou frade. Mas aí, eu fico pensando em um país em que nós temos trinta milhões de miseráveis, temos 18% da população analfabeta, que o nível de escolaridade dos 33 - país, escolarz - pad a fd eraçã, quessão Rido dejaneitura eBrranlhia, é de sese anso.. E aí,o, car2 fae]]0.0072 Tw T[m

– Não, a gente deixou as crianças ali embaixo, frei, e estamos conversando.

– Pois saibam que aqui é um local de trabalho. As senhoras, por favor, se retirem que aqui é um local de trabalho (tom firme, sonoro, severo).

E aí a mulher ficou azul, vermelha, cor de abóbora... E ele virou e:

– Passar bem.

Virou as costas e foi embora. (Tempo) Não pode ser padre, entendeu, Silvinha? Não pode. Pode ser qualquer coisa, menos padre. Isso é inadmissível no comportamento de uma pessoa que se diz cristã, tratar o semelhante dessa forma. Ele poderia ser mais educado: "Por gentileza, será que as senhoras poderiam conversar no estacionamento ou num outro lugar". Mesmo porque, não estavam atrapalhando em nada. A casa ficava longe. Incomodou ter uma pessoa ali parada, conversando. Então, você não entende como é que funciona dentro da ordem.

Então, foi uma seqüência de coisas assim. Aí, eu comecei a conversar muito com Márcio, e eu nunca falei isso para ele, mas com certeza ele levou isso ao conhecimento do frei César e do frei José Luiz Prim, e aí, a minha situação foi ficando cada vez mais queimada, porque aquilo não descia. Acho que era muito mais o comportamento deles do que qualquer outra coisa. Não descia na minha garganta. Eu não consegui entender como é que se demite uma pessoa em festa de final de ano, não consegui entender como você prega uma coisa e faz outra, eu não conseguia mais conviver com aquela hipocrisia que reinava ali dentro. César falando mal do Robson, Robson falando mal de todo mundo, Márcio escutando mas não externando nada, frei José Luiz Prim arrogante, porque ele era ao extremo. Você tinha que saber com que humor ele estava no dia. Isso é um absurdo. Isso é um disparate. As pessoas não têm que se adaptar ao outro dessa forma.

Então, frei César resolveu contratar uma auditoria para auditar o meu trabalho e o trabalho do Carlos Eduardo. Eu lembro que a gente teve um papo, eu e Carlos Eduardo:

– O que está pegando?

– Não tenho a menor idéia do que seja.

E aí, foi feita uma auditoria muito cara – que eu acho que o valor ficou em torno de R\$3500,00 – pelo marido da Leigh, que tem uma empresa de consultoria e prestava consultoria para a GE Celma⁶. Imagina o quanto os caras cobraram! Na época, isso em 96, foi algo em torno de R\$3.500,00. O colégio, naquela época, estava profundamente deficitário, pegando empréstimo para pagar empréstimo. Nós tínhamos uma inadimplência muito alta, absurdamente alta. As bolsas que frei José Luiz dava – na época, o professor Waldemiro reclamou comigo – sem consultar o departamento financeiro para saber se havia viabilidade econômica para aquilo.

Isso me lembra uma outra questão, que acho que foi que me colocou de vez que frei José Luiz não era um padre. Eu tenho para mim que ele não é padre. Ele pediu que eu fosse levar uns documentos na sede do... é um prédio que tinha o símbolo da LBV, mas não era mais. Era alguma coisa do INSS, em frente ao aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro. Pediu que eu levasse uma documentação lá que era para comprovar que o colégio tinha fins filantrópicos. Se o colégio perdesse a filantropia, ele teria que pagar uma carga tributária muito alta. Só que todos nós, no colégio, sabíamos que o colégio não era filantrópico. O frei incluía na filantropia filhos de professores, que era um acordo sindical, não tinha nada a ver com filantropia, incluía filho de funcionários, etc e tal, e algumas bolsas parciais, mas isso era insuficiente para gerar uma filantropia de 40%. E aí, o que aconteceu? Eu fui até o Rio para poder entregar essa documentação, e a fiscal, lá embaixo no Rio, abriu a documentação, conferiu e falou assim:

⁶ Uma das maiores empresas do município de Petrópolis.

– Olha só! Já falei com o frei e vou falar novamente. Dessa forma não vai passar. Não vai passar por Brasília. Ele não tem 40% comprovado. Então, o que nós vamos fazer. Eu vou ensinar como nós vamos fazer para conseguir provar os 40%. Ele vai mandar para o contador dele, o contador dele vai ter que modificar esses números – isso é fraudar aqueles números! – para aí poder passar.

Eu cheguei em Petrópolis, fui até o frei José Luiz Prim, expliquei para ele tudo:

– Olha , frei, dessa forma, ela falou que não vai passar

Ele perguntou o que deveria ser feito e eu orientei e ele refez toda a papelada. Eu fui para o Rio novamente, entreguei a documentação, ela conferiu:

– Bom, agora passa!

Só que aí, Silvinha, onde é que fica a ética nessa história? O colégio não era um colégio filantrópico. O frei tinha-me confessado que o colégio tinha recebido, uma vez, quinhentos mil reais, aproximadamente, no dinheiro da época, a fundo perdido do BNDS, para a construção daquele prédio. Então, era dinheiro público! Foi investido naquele prédio com a garantia de que ele daria 40% de bolsas para filantropia, porque ele não pagava impostos, ou seja , uma pancada de impostos, desde a luz até... uma pancada de coisa e o frei me fraudava o sistema com o apoio de uma fiscal do governo para o colégio continuar com a filantropia. Ali foi uma das gotas d'água. Caramba, cara! Os caras fazem parte de um conluio que está lesando o Estado! Porque esse dinheiro, que poderia estar sendo investido em uma escola pública, para geração de melhoria de ensino da população mais carente, está sendo investido em um colégio de classe média! Num frei que me prega ética e que me fala de Francisco, que fraudava o sistema com o apoio de uma agente do governo, para poder continuar na filantropia. Caramba, cara! Quem são esses caras? Quem são esses caras?

E aí, teve essa auditoria em cima do nosso trabalho. Quando saiu o resultado da auditoria, eu pedi ao César para olhar o relatório.

– Quero ver o relatório. O cara está falando do meu trabalho. Quero ver o relatório para me contrapor.

É um princípio básico do direito. Falando juridicamente (Risos.), você ter acesso aos autos do processo para poder se defender. E aí, César:

– Não. Isso vai ficar restrito à direção.

Eu lembro que a gente teve um embate e eu chamei ele de fascista:

– Você está tendo uma atitude fascista. Só os fascistas acusam ou determinam sem deixar as pessoas verem qual é a conclusão do trabalho.

Então, ele me respondeu assim:

– Nós não vamos deixar ver, isso é uma coisa que vai ficar restrito à direção do colégio, mas a consultoria fez muito mais críticas à direção do que ao trabalho de vocês.

– Ótimo, mas isso não minora em nada o fato de você estar tendo uma atitude fascista de não deixar eu ver o relatório.

Ali, eu sabia que a gente estava mandado embora. Era uma questão de tempo. Nesse intervalo de tempo, nós fomos os três primeiros a irem para o Bom Jesus em Curitiba. Fui eu, Carlos Eduardo e frei César. Chegando lá, eu pude perceber o que é a estrutura Bom Jesus. A gente entrou na sala do frei Guido, que era o diretor na época, e parecia sala de um presidente de multinacional. Tinha uma mesa enorme, que parecia uma mesa presidencial, uma cadeira super confortável para ele, três cadeiras em volta da mesa, uma mesa oval, assim no meio, com várias cadeiras. E tinha uma coisa de bebida no canto. E eu olhava para aquilo e a gente começou a conversar e ele falando assim que, no Bom Jesus tudo é profissionalizado. O cara que cuida da parte financeira é um economista, o que cuida da contabilidade interna é

um contador, o que cuida da administração interna é um administrador de empresas, o cara que cuida da parte da TV Bom Jesus é formado em *marketing*, e ele foi dando algumas noções para o César. E eu vi o César encantado com aquilo. É isso. Eu percebi no olho dele.

– É isso! O Canarinhos tem que ser isso.

E eu tinha dúvidas, naquela época, se o Canarinhos tinham que ser aquilo. Eu achava, e acho hoje, que aquela proposta de administração profissional do colégio matou o espírito do Canarinhos. Matou uma equipe, um trabalho, um projeto, um aluno mais afetuoso. Ele criou o que é o Bom Jesus hoje. A gente foi rodar os vários setores. Frei Guido sempre tecendo vários elogios.

– Esse aqui é o fulano de tal, que cuida da TV Bom Jesus, aqui conosco. Ele foi frade. Ele é formado em *marketing* pela Universidade Federal do Paraná.

Conhecemos uma professora de matemática, pós-graduada na área de Ciências da Computação, que cuidava da parte de *software* do colégio. E tal, e tal. E o frei, sempre falando assim para o César:

– César, você tem que ter uma visão de longo alcance. Eu, aqui, na época, em 96, eu planejei o Bom Jesus do ano 2000. As pessoas abaixo de mim executam e eu cobro resultado.

E aí, caiu a ficha para mim e para o Carlos Eduardo. Esse cara não é frei. É empresário. Qual é a jogada? Uma visão, um conjunto de metas que eu estabeleço, as pessoas abaixo de mim fazem, porque cabe a elas fazerem, o operatório não é meu, é delas, e eu cobro resultado. Então, ele está agindo como um empresário. Meta, equipe. Se a equipe não cumpre a meta, está todo mundo no olho da rua. No ano seguinte que a gente voltou de lá, veio a primeira consultoria do Bom Jesus para cá. Aí, eu entendi o frei César. Num bate-papo informal, ele falou para mim que... ele me deu a pista do que ele queria fazer.

– Eu acho que o colégio deveria ser uma instituição independente do Instituto de Música.

Aí a ficha caiu. Eu comentei com Gisele na época, que era bibliotecária:

– Ele quer o colégio independente do frei. Vai botar o frei para fora da jogada.

O caminho disso é o Bom Jesus. Aí, eu faço uma leitura, Silvinha, que eu não sei se é a sua leitura, provavelmente não. Não é a da Marisa, porque a gente já conversou sobre isso e Marisa tem uma outra visão, mas ele foi o grande arquiteto da mudança. Ele pensou estrategicamente como tirar a direção do frei José Luiz Prim, que ele não queria mais, e tornar o colégio um colégio independente. Ele arquitetou isso. E como ele arquitetou isso! Ele tinha um grande trunfo: o colégio era um colégio deficitário. Eu não sei se ele conseguiu calcular, naquela época, onde daria a trajetória dele, porque a trajetória dele acabou ele mesmo sendo retirado do próprio colégio. E aí vem a visão que reforça a minha primeira fala de que os franciscanos, sob o ponto de vista de atuação dentro dos colégios, não atuam como franciscanos. O exemplo máximo disso é que o Canarinho Bom Jesus, aqui, hoje, é um dos principais colégios de Petrópolis e não tem um frade lá dentro. Ele está todo na mão de leigos. Então, não é um colégio franciscano. Não venha me jogar com essa que não é. Eu percebi que, na realidade, tem o outro lado da moeda, já conversando com algumas pessoas, que você manter uma ordem, com o número de frades que tem, que é a Província da Imaculada Conceição, que é a Província deles aqui, é uma das maiores do Brasil, e eu conheço a realidade de algumas ordens que têm menos dinheiro que a deles, os franciscanos são das ordens mais poderosas do mundo, estão espalhado por tudo quanto é lugar..

Eu entendo que o custo de manutenção de uma ordem é muito grande e as pessoas não se atentam para esse fato. Porque, por exemplo, uma casa de formação em Agudos, outra em São Paulo, outra em Curitiba, em Petrópolis, essas pessoas não trabalham e todos têm que

sobreviver de algum modo. Não têm como sobreviver de doação. A igreja perdeu a importância no Brasil e no mundo e o número de doações não é suficiente para garantir a manutenção da ordem. A ordem tem que manter determinadas instituições que gerem renda para ela poder sobreviver, que é o caso da Vozes, que é o caso da Universidade de São Francisco, em São Paulo, que é o caso do Bom Jesus. Compreendo perfeitamente isso, mas não consigo compreender como um colégio que se diz franciscano não tem franciscanos na sua administração. Isso, pra mim, não é compatível. O fato de você ter uma administração profissionalizada, que permita um certo rendimento e que garanta o trabalho da ordem, pra mim é completamente aceitável. O que não é aceitável é você tratar aquilo ali como um empreendimento econômico, que gera renda e ponto final. E depois, no final do ano, fazer missa de São Francisco. Isso, não é concebível. Em Petrópolis, nós temos pelo menos uns sessenta freis. Não tem um no Bom Jesus. Quando eu digo um, é na administração direta. Não tem ninguém. Você elegeu uma figura que é a figura do gestor. É uma linguagem empresarial. Você não tem mais a figura do diretor. Essa passagem, eu não sei se o César percebeu que aconteceria.

O Bom Jesus, em Curitiba, era uma máquina bem calibrada, que cheirava a dinheiro, caixa para a Província, mas que tinha alguns problemas fundamentais, no meu entendimento, incompatíveis com o espírito franciscano, que era não ser um colégio filantrópico, mas gozar de filantropia, que era Colégio Bom Jesus para a classe média alta. Um colégio que se diz franciscano, mas não tem franciscanos na sua administração, que deixa leigos... Não sei se César tinha essa percepção, mas que ele foi o arquiteto, foi. É nesse sentido, eu acho que ele culpado. Eu julgo ele culpado disso. Era jovem, como eu era jovem, naquela época. Talvez menos culpado diante desse fato, mas culpado de ter articulado o processo que descambou na vinda do Bom Jesus e eles assumirem e transformarem isso aqui em uma empresa, porque isso hoje é uma empresa como outra qualquer. Não diferencio o Bom Jesus de Petrópolis... Aliás é próprio nome é uma incoerência, porque lida com um colégio de classe média e classe média alta e a população mais carente continua relegada ao segundo plano. Ou, quando não, a uma política assistencialista da Igreja, que foi sempre o foco e que não era esse o foco daquelas pessoas que se formaram ali. Havia pessoas brilhantes que deram a noção de que você precisava criar instrumentos para que a população pobre fosse senhora de seu próprio destino e cavasse dentro da sociedade o seu espaço e que fosse se emancipar dessa relação burguesa que nós temos na nossa sociedade, onde um manda e o outro é comandado. Então, o César foi o grande articulador.

O que aconteceu nesse intervalo de tempo? Quando veio a consultoria novamente aqui para Petrópolis, eu e o Carlos Eduardo, me lembro disso como se fosse hoje, a gente estava numa reunião e a gente perguntou:

– Poxa, e Fulana de tal, da informática, como ela está?

– Ela foi demitida.

Aí, estranheza.

– Demitida? Frei Guido falava maravilhas.

– Insuficiência de rendimento.

– Está... está tudo bem.

Lá pelas tantas:

– E o Fulano? Manda um abraço para ele.

– Foi demitido.

– Como assim?

– Foi demitido por insuficiência de rendimento.

Essa fala foi das mais duras que eu já ouvi na minha vida. Por que isso? Mesmo o empresariado mais moderno de hoje talvez não utilize essa fala. Vai utilizar que você não tem o perfil da empresa, não tem o perfil daquele setor ou daquele cargo. Mas, insuficiência de rendimento é uma visão economicista da realidade. É uma visão, assim, cumpriu meta, beleza, não cumpriu, está fora. E isso me leva de volta à fala do frei Guido. Aí, desmontou tudo. Eu percebi que ia ser mandado embora, eu fui lá e conversei com frei César.

– Olha, César, eu sei que você vai-me mandar embora.

Ele não falou nada contra, quer dizer, já estava definido.

– Só que eu sou um estudante, estou na faculdade, eu quero ser professor, é o meu caminho, então, se você for me mandar embora, me manda por gentileza em junho porque eu recebo o aviso prévio e tenho o mês de julho para correr atrás de um outro colégio, para eu poder me manter.

Porque eu morava sozinho. Aí, César:

– Não, vamos ver, não tem nada decidido.

Mas estava tudo decidido nos bastidores, já estava cavado meu rumo e o rumo da leva toda. Chegou um belo dia, em abril... isso... eu tinha vindo do Rio mais cedo, porque tinha muito trabalho para resolver, eu encontrei com professor Waldemiro na subida, ele me olhou com um olhar um tanto espantado e falou assim:

– Você chegou mais cedo?

– É, eu tenho que resolver uma série de coisas e tal.

– Então está bom, boa tarde e tal.

Nisso, passei em frente ao Instituto e fui direto para minha sala. Quando eu cheguei na minha, sala o telefone tocou. Quer dizer, frei José Luiz Prim deixou alguém avisado para avisá-lo assim que eu chegasse no colégio. No que eu sentei na minha cadeira, tocou o telefone. E aí, com aquele jeito sutil dele de dizer:

– Venha à minha sala agora.

Eu desliguei o telefone.

– Qual a merda que eu fiz agora?

Porque, sempre que você era chamado, nunca era para um elogio, um bate papo, nunca fui alertado onde eu estava errando, nunca foi conversado comigo sobre quais as perspectivas do colégio, nunca foi dito o que o colégio esperava de mim, nunca foi falado nada disso. Sempre que você era chamado era para tomar esporro. E nisso eu acho César um covarde. Aí, vem a minha outra leitura dele. Um pouco de rancor, lá no fundo, de que ele era covarde porque ele não fazia essa parte. A parte de dar esporro era do frei José Luiz, que era um cara mais duro para isso. Essa covardia dele me incomodava muito. Quer dizer que eu sou gente boa para conversar contigo, na hora de tomar esporro tem que ser o outro. Por que não chega perto de mim e fala: "Olha Alex, eu não estou gostando desse comportamento, o colégio quer que você atue nessa área..." E aí, eu vou me adaptar ou não. Mas nunca houve isso. Nunca chamou para uma conversa. E aí é que eu digo que ele não estava preparado para ser diretor. Porque o papel de diretor é formar equipe. O que aconteceu? O frei me chamou à sala dele, bati na porta, abri, e, de tanto repetir essa cena na minha cabeça, eu tenho essa fala completa e sem exageros, porque a gente tem a tendência a exagerar.

– Com licença, frei.

– Sente-se.

Eu sentei, ele pegou e virou o papel pra mim:

Eu quero dizer que o colégio não precisa mais dos seus préstimos. Você assina aqui, aqui, aqui, aqui e aqui. Eu gostaria que você retirasse todas as suas coisas, ainda agora, e você pode ir embora que você está dispensado. Você vai ter que comparecer tal dia para fazer sua rescisão de contrato e, por gentileza, eu gostaria das chaves do colégio, agora.

Em menos de um minuto, ele falou isso tudo. Dessa forma e sem nenhum tipo de preparação. Eu era um jovem de 23 anos de idade, e aí a lágrima tomou conta. Eu lembro que eu peguei as chaves, assim meio trêmulo para conseguir tirá-la do chaveiro, botei em cima da mesa, ele pegou a chave e jogou dentro da gaveta, eu assinei o papel, ele virou e falou assim:

– Por gentileza, seja breve em retirar suas coisas do colégio e passar bem.

Abaixou a cabeça e começou a fazer uma anotação. Eu fiquei estático na frente dele. Aí, eu pensei: “Cênte, eu tenho que sair daqui, não é?” Levantei:

– Dá licença.

E aquilo foi muito duro, Silvinha. Nossa, chorei muito. Acho que a forma foi pior do que tudo. Porque, quando você é mandado embora, a primeira coisa que te vem à cabeça é: “Eu sou um incompetente. Não sou inteligente para a função.” Você pensa em tudo relacionado a coisas pejorativas em relação a você mesmo. Num segundo momento, você começa a pensar em como você vai sobreviver, porque eu morava sozinho, estava fazendo faculdade ainda, não tinha emprego, era abril, a única coisa que eu sabia fazer era ser professor, fazia faculdade de manhã, na UFRJ, onde que eu ia conseguir um emprego: tarde, noite? Então, me passaram mil coisas pela cabeça. Eu era a primeira pessoa da minha família que chegava ao nível superior, tive a felicidade de passar para a UFRJ logo de cara, mas eu trabalhava desde os 14 anos de idade, estudei no CENIP⁷ minha vida inteira. Eu tinha uma trajetória que foi muito suada. Eu trabalhava desde os 14 anos, durante a semana, final de semana, para ganhar uma grana, para poder bancar o cursinho pré-vestibular junto com o CENIP. Consigo passar para a federal, e tem que subir e descer, e agora estou demitido? Eu lembro que eu sai dali com lágrimas no rosto e fui para frente da sala do César, que era uma sala bem pequenininha, com umas divisórias, e parei com o rosto cheio de lágrimas diante dele. E ele falou que ele sabia que eu tinha sido mandado embora. Aquilo foi arquitetado. Era uma segunda-feira. Conversaram aquilo no final de semana. E ele virou para mim e falou assim:

– O frei foi grosso com você?

– Você conhece seu confrade melhor do que eu. O que você acha?

– Ah, não deveria ser assim.

– Para não ser assim, você deveria ter falado comigo. Por que você não falou comigo?

Então, ali vinha toda aquela carga emocional.

– Você é meu amigo ou não é, pô?

E aí, ele olhou para mim:

– Não é isso, foi o frei que te contratou.

– César, pelo amor de Deus, vem com outro discurso para cima de mim. Fala qualquer coisa. Fala assim: Não queria falar, não estava a fim, não queria te encarar, mas não dá esse tipo de justificativa de que foi ele que me contratou.

Ele assim acuado, num canto.

– César, eu já entendi.

Daí a minha fala de que ele é covarde. Ele foi covarde. Não que ele seja. Ele foi naquele momento. Eu passei pelos setores, me despedindo, e todo mundo assim atônito. Eu

⁷ Escola pública estadual.

também, sem saber o que fazer, peguei todas as minhas coisas e fui embora para casa e chorei muito. Acho que foi uma madrugada em que eu chorava muito. Passaram muitas coisas pela minha cabeça.

Foi um ponto muito marcante na minha vida, da minha decepção com a igreja. Que igreja é essa que forma jovens como esse? Que espírito franciscano é esse? O que é isso? E todo aquele discurso que eu tinha ouvido lá na faculdade de teologia, onde fica? O problema não era me mandar embora. O problema era o processo. Passou-se por uma inspeção do nosso trabalho, uma consultoria de forma facista, sem você ver os resultados. Depois, vem a consultoria do Bom Jesus, que você também não vê os resultados. Você não tem como se defender. As pessoas não te chamam para conversar. E você está perdido. Você não sabe porque está demitido. E aí, vem uma grande revolta. No primeiro momento, muita revolta. Me lembro de que encontrei uma vez com frei César na rua e ele comentou com alguém, na época, que eu estava com raiva dele. E, no primeiro momento, era mesmo. Era raiva dele mesmo. Mas não era raiva por ter sido demitido. Isso faz parte do processo. Mas, não daquela maneira.

Eu lembro que eu fui ter um papo com o padre Francisco, aqui no Alto da Serra, porque eu estava assim muito desiludido. Foi, assim, um choque. Conteí tudo para ele, que teve a paciência de me escutar por quase duas horas, e eu lembro da fala dele no final, porque padre Francisco é um cara muito discreto, e faz muito poucas observações a respeito do processo que se encaminha em Petrópolis. Mas, com certeza, ele tem as considerações muito profundas dele. E, depois de tudo aquilo que a gente conversou, eu lembro da frase que ele me falou. Ele me disse duas coisas assim:

– Primeiro, que eu considero isso um grande contra-testemunho dentro da igreja. Segundo, que você se recorde de que Deus é muito maior do que isso.

E foi muito rancor durante alguns anos. Uns dois ou três anos, eu moía aquilo dentro de mim. Eu via as histórias dos meus amigos sendo mandados embora e isso me causava mais revolta ainda. Então, vem a minha coisa de que César não tinha percepção de tudo aquilo que ia acontecer, porque evidentemente César era uma peça pequena nesse dominó, porque você tem um superior que não é ingênuo, o próprio frei Guido, que é raposa e que não é ingênuo. Mas a leitura que eu faço do César, como eu poderia dizer, é a de um cara que também não foi inocente. Ele também não foi inocente. Ele foi o responsável por deflagrar o processo, que talvez acontecesse inevitavelmente no futuro, porque o colégio precisava sair daquele vermelho para sobreviver enquanto instituição. Mas ele foi o grande deflagrador do processo que destruiu tudo aquilo que aquelas pessoas acreditavam quando trabalhavam no colégio. Porque hoje, talvez, o Bom Jesus tenha mais aprovação no vestibular, talvez tenha uma saúde financeira melhor do que tinha antes, talvez o Bom Jesus tenha mais eficiência administrativa e financeira do que tinha antes... Talvez o Bom Jesus tenha uma série de características que o Colégio dos Canarinhos não tinha. Mas tinha, e aí é a minha crítica muito profunda em cima do César, um espírito mais franciscano. Era um colégio mais solidário, de pessoas amigas. Tinha suas intrigas como qualquer outro local de trabalho, mas era mais amigo, os alunos tinham uma relação afetiva com o corpo docente muito grande, onde você trabalhava com alegria, onde... criou-se um espírito de fraternidade que foi destruído em um curto espaço de tempo em nome da eficiência.

Esse discurso da eficiência contaminou o colégio, que tinha tudo para provar que é possível você ser eficiente sem assumir esse discurso. Eu acho, e eu tenho essa teoria hoje, pois fui coordenador de dois outros colégios depois que saí de lá: eu tenho, pra mim, que, quanto ao aspecto administrativo-financeiro, ele tem que ser tocado como negócio, senão você não viabiliza o projeto pedagógico. O projeto pedagógico depende de grana, porque senão a gente fica no sonho e a coisa não sai. Mas eu não consigo conceber que as coisas sejam incompatíveis, que você não possa ter instrumentos de avaliação econômico-administrativo-financeira dentro de uma instituição eficiente e, ao mesmo tempo, ter um espírito franciscano,

de amizade, de solidariedade, de companheirismo, de irmandade, de bem-querer, de contato mútuo, de alegria de estar ali. Então, a grande visão que eu tenho é que César não tinha a percepção de tudo aquilo que se desencadearia no futuro, porque ele não controlou boa parte do que se desencadeou, outras pessoas tomaram por ele, o que não inviabiliza a minha lógica.

Continua errado: pessoas superiores ao César pensam como ele. O colégio tinha que se transformar em uma máquina administrativo-financeira. E aí eu vi as pessoas sendo demitidas nos anos seguintes. Todo mundo! Todo mundo foi demitido ou quase todo mundo. De resto, todos os meus amigos foram mandados embora. Foi mandada embora Císele, da biblioteca; aquela secretária escolar... Orlene; Luzia; Sandra; a coordenadora de quinta a oitava, Ana Amélia; aí foi Sônia; foi você; Marisa; Odete; Carlos Eduardo; fui eu... Quem mais a gente tinha ali? A secretária do frei, Claudete; foi o Baixinho, da educação física; foi o Peixe... Cara, mandou todo mundo embora.

E eu tenho, assim, duas situações. E essa situação da minha demissão foi muito forte. Eu não sei como foi a sua. Mas Marisa me conta isso chorando e eu percebo quanta dor há por trás. Com o tempo, eu pude perceber algumas clarezas, de que César não era tão culpado, mas também não era tão inocente, frei José Luiz não é padre, frei Guido também não é padre e nem do ramo. Frei José Luiz Prim, eu não sei o que ele é. Ele é um egocêntrico, é um cara que sofre de alguma patologia de egocentrismo. Desencadearam um processo que destruiu aquilo que de mais fraterno nós tínhamos. Todo ano era aquela leva de demitidos. Aliás, essa é a fama pela cidade inteira. Os professores que eu conheço, nenhum quer trabalhar lá, porque ninguém sabe o dia em que vai ser demitido e não há motivo.

Eu tenho um caso agora, recente, uma amiga minha, Gláucia, de história. Trabalha com a gente lá no Alaor. Ela está entre os professores brilhantes de história em Petrópolis, ela tem um perfil de quinta a oitava muito interessante, uma pessoa que tem uma reflexão brilhante, faz um trabalho maravilhoso no Alaor, um amor de pessoa. Foi contratada pelo Bom Jesus. Quando ela foi contratada, eu lembro que eu brinquei com ela:

– Se segura, porque eu não sei se, no final do ano, você vai ser mandada embora.

E chegou no final do ano e ela foi mandada embora. E aí, ela perguntou:

– Quero saber o porquê, porque experiência eu tenho, diploma eu tenho, relacionamento legal com o aluno eu tenho.

E aí o cara virou e falou assim:

– A direção do colégio se limita ao fato de não dar satisfação do porquê das suas demissões.

Então, reforça aquela coisa facista. Você está-me mandando embora e não me diz o porquê? Isso me recorda um outro caso, o da psicóloga, uma magrinha, não me lembro o nome, bonitinha...

Silvia

Fátima.

Alex

Isso. Eu lembro que Fátima trabalhava no Colégio ISPA⁸ e trabalhava em um outro coleginho lá embaixo no Rio, e no Bom Jesus. Nisso, eu já tinha sido mandado embora e nós nos tornamos amigos. Algumas vezes eu estive no apartamento dela, com o esposo dela e tal, a gente conversava e tal. E aí, o Canarinhos tinha feito uma proposta para ela imperdível, para ela pegar exclusividade. Aí, eu falei com ela:

⁸ Colégio interno da rede privada de Petrópolis.

⁹ Colégio da rede privada de Petrópolis.

– Fátima, não pega, que eles vão te mandar embora e você vai ficar com uma mão na frente e outra atrás. São dois colégios pequenos, mas pelo menos você tem uma garantia de salário.

– Não, Alex, a proposta é boa, eu vou para treinamento.

Isso foi em dezembro. Ela largou tudo para poder pegar a disponibilidade. Pegou a disponibilidade de tempo integral. O que os outros colégios fizeram? Contrataram outros profissionais. Ela foi para treinamento de avião, no Bom Jesus em Curitiba. Passou lá uma ou duas semanas em treinamento. Quando ela voltou, chegou aqui, ela estava demitida.

Cara, as pessoas não têm percepção do que acontece na vida das pessoas com isso. Odete largou a sociedade no Fênix⁹ para ficar só no Bom Jesus. Eles são de uma arrogância fora do comum. Eu me lembro de uma fala do Sidnei, dono do Alaor, que, um belo dia, o gestor o chama e pediu para ele pegar integral, disponibilidade exclusiva para o Canarinhos. E Sidnei me falou depois:

– Não tenho como pegar porque eu sou sócio do Colégio Alaor, não tenho como fazer.

Sidnei já era macaco velho. Aí, o gestor, na cara de pau, disse assim:

– Então, me diz quanto você quer pelo Alaor. O Bom Jesus compra.

Isso é de uma audácia, de uma petulância, misturada com uma série de coisas. Aí você vai me dizer assim:

– Ah, mas ele não é um frei.

Mas ele é escolhido por um frei. Quando eu escolho uma professora para o meu colégio, e ela trata o meu aluno tal e qual forma, ou cabe a mim uma intervenção imediata, ou a troca do professor. Eu não posso permitir. E Sidnei veio me contar rindo.

– Não, não vou vender meu colégio. Não sou o único sócio e não sou eu quem decido.

E Fátima foi mandada embora, encontrei com ela depois, ela arrasada, com dificuldades financeiras gigantescas, teve que abandonar o apartamento dela e ir morar na casa da sogra. Então, essas pessoas não tiveram a percepção do quanto eles destruíram uma série de vidas atuando dessa forma. Não é a demissão. É o processo. A maneira como foi. Me lembro uma outra fala, do Aníbal, de que chegaram um dia para Aníbal e pediram a ele exclusividade. Pediram os 35 tempos do Aníbal de exclusividade.

– Não dá, não tem como.

O cara falou assim:

– Então essa é sua última palavra?

– É.

– Então, você faz uma gentileza, você aguarda ali fora um instantinho?

Ele voltou:

– Olha, então, infelizmente, o colégio vai te dispensar.

– Não, não posso ser dispensado porque sou membro do Sindicato.

Acho que faltava um ano e dois meses para o final do mandato dele.

– Não, isso a gente resolve.

Pegou o telefone, ligou para Curitiba, e confirmou:

– Você está demitido.

Isso é um colégio franciscano? Tem alguma coisa errada nessa história. Então, eu fiz uma leitura muito crítica. Esses caras não são o que dizem ser. E aí vem a minha ojeriza, que eu guardo até hoje, dos franciscanos. E aí, é claro, ficou uma coisa generalizada porque virou passional. Mas não desce. Esse discurso não desce mais. Então, o que é o Bom Jesus hoje? É um colégio como outro qualquer. Tem até uma fala de pessoas que agora mudou bastante, que está com a mulher do Lischt.

(Risos.)

Silvia

Conta.

Alex

Alguém me falou, agora não sei se foi Marisa, que uma professora – acho que o nome dela é Marta – tinha te dado uma rasteira, mas eu não sei detalhes da coisa.

Silvia

Eu não sei, realmente nem ouvi falar.

Alex

Que ela fez uma ponte junto com a gestão pra te tirar, sei lá. E aí eu fico olhando quanta gente boa, quantos projetos, quantas coisas legais, quantas coisas boas se perderam nesse intervalo de tempo. E são pessoas que deram muito para construir aquele colégio. A minha história ali foi muito curta. Eu fiquei três anos. Mas tem histórias de pessoas de dez, quinze, dezessete, vinte anos ali dentro. Tudo isso destruído em nome de um discurso pseudo-empresarial, nem sei. Então, eu acho que, resumindo a ópera, eu acho que quem arquitetou foi frei César, acho que ele é inocente no conjunto de coisas que terminaram por acontecer, mas ele é culpado porque foi ele que arquitetou a idéia. Falo isso na cara dele.

– A idéia foi sua. Você não tinha noção da dimensão que ia tomar, mas que a idéia foi sua, foi.

Éééééééé... acho que aquilo ali não era uma comunidade de frades, porque cada um vivia brigando com o outro, cada um tinha um sentimento diferente. Na realidade, todo mundo queria ir para o Canarinhos porque era uma vida cômoda, os caras tinham quarto individual, chuveiro individual, som, televisão, vídeo. O colégio trabalhava de segunda a sexta. Carro.

Eu lembro da comunidade que os franciscanos tinham lá no canto do cemitério, frei Yohanes, na época, era meu amigo, era de lá, e eu passei uns dois dias com eles lá. Aquilo, para mim, era franciscano. Porque há uma diferença muito grande, e eu discuti isso uma vez com César, porque existe uma diferença entre você viver para o pobre, com o pobre e como pobre. São coisas muito distintas. Historicamente, a Igreja viveu para o pobre numa visão assistencialista. A outra coisa é você viver com os pobres, mas não na pobreza deles. É o caso lá do cemitério. Eles viviam com os pobres, no meio da comunidade pobre, no entanto em casa tinham tudo, roupa lavada, televisão, vídeo cassete, roupa, dinheiro, e tal. É a outra coisa, é viver como pobre. Essa opção do horizonte dos franciscanos, pelo menos do que eu conheço, está completamente eliminada. Como pobre não vi nenhum deles.

Silvia

Apesar do nozinho¹⁰.

Alex

¹⁰ O nó do cordão da batina, que representa a opção pela pobreza.

Apesar do nozinho. Nenhum deles vive. Então, eles vivem para o pobre, quando muito com o pobre. Agora, como pobre não. Só que a opção de Francisco não foi essa. É por isso que eu não chamo essas pessoas de franciscanas. Porque a opção de Francisco não foi viver para o pobre, não foi viver com o pobre, mas foi viver como pobre, no meio deles, passando as mesmas dificuldades que eles, vivendo do que eles têm, trabalhando junto, suando a camisa e muito para poder vislumbrar uma vida melhor para o seu semelhante. E isso eles não vivem.

Então, eles não são franciscanos. Frei José Luiz Prim não é padre, pra mim, em definitivo. Não tenho a menor consideração por ele.

Silvia

Eu queria perguntar algo sobre isso. Por exemplo, você fala de um egocentrismo dele [frei José Luiz], como até alguma coisa doentia, e que pode ter sido um comportamento que ele desenvolveu no período em que ele permaneceu ali, tantos anos naquele colégio. Agora, ainda assim, você me fala de um colégio que era franciscano no tempo da direção dele, ainda que ele não fosse "franciscano" ou não tivesse "atitudes franciscanas" a seu ver.

Alex

Mas eu acho que o colégio era franciscano pelas pessoas que faziam o colégio, e que não era ele. Ele era o diretor. Porque a gente pode dar nome de franciscano ou qualquer outro nome. Na realidade, é uma questão apenas de nomenclatura. O que Francisco colocou de maneira muito contundente? "Viver como irmãos." E viver como irmãos, naquele momento do Canarinhos, independia do fato do diretor não ser franciscano, não ser irmão.

Ninguém tinha ele como irmão. Tinha como diretor. Mas, ele era autoritário, profundamente autoritário. A primeira pessoa que chega para o frei e fala alguma coisa: é o que ele acredita e ponto final. Gisele falava isso. Ele formava a opinião dele e acabou. Então, qual o motivo que eu tenho para gostar desse cara? Nenhum.

Mas, as pessoas não fazem essa trajetória. As pessoas necessitam de um líder, de alguém que encaminhe. Ele sempre se propôs a ser essa pessoa de uma forma muito facista, enquanto me agrada, enquanto me convém. Eu me lembro de uma situação muito interessante pela qual nós passamos. Era introdução do horário de verão e ele ia dar um coquetel para não sei quem lá, numa sexta-feira à noite. Ele pediu que eu ficasse e Gisele para poder ajudar. E ele tinha visto com a cozinheira negra para ela poder fazer os canapés que ele tinha comprado. Ela tinha que arrumar na bandeja e a gente ajudar a servir. Ficamos. Só que era horário de verão e não sei o que aconteceu que a funcionária saiu uma ou duas horas e teria que retornar às cinco para poder fazer o negócio. Ela se enrolou e, ao invés dela chegar às cinco, ela chegou às seis, quando todos os convidados já estavam lá. Eu e Gisele, desesperados, arrumando e ele falando absurdos:

– Porque essa pessoa não tem responsabilidade, é uma incompetente, quando ela chegar aqui ela vai se ver comigo!

E a mulher chegou com o marido. Ele partiu com tudo para massacrar e ela:

– Ah, frei, esse aqui é meu marido.

– Ah, muito boa tarde! Como vai?

Aí, eu:

– Ué, não vai dar esporro! Por que não vai dar esporro?

Ele:

– Por gentileza, se você puder ser um pouquinho mais rápida, porque você chegou um pouquinho atrasada.

– Frei, me desculpa, foi o horário.

– Não, não tem o menor problema.

Isso é patológico, Silvinha. Isso é desvio de comportamento! E maior responsabilidade têm aquelas pessoas que deixaram ele esses anos todos à frente do colégio. Mas, qual é a questão? Não mexer com os brios do outro, porque você hoje é o superior da ordem e amanhã não sabe se vai ser. Então é um pacto. Não mexe comigo aqui não, que eu não mexo com você ali, não. Está tudo certo e fica tudo por isso mesmo. E aí?

César, uma vez... foi muito engraçado... eu dei uma gargalhada na cara dele. Não agüentei. Arnaldo esrachou com ele na mesa. Tomando café, César me traz um organograma circular. Arnaldo olhou para mim, eu olhei para ele:

– Mas, por que um organograma circular? No espírito franciscano, ninguém está acima de ninguém. Somos todos irmãos ligados por elos, círculos concêntricos.

Aí, eu dei uma gargalhada.

– Você mostrou isso aqui para o frei José Luiz Prim? Que ele é igual, como todo mundo?

Aí, César olhou para minha cara assim meio surpreso. Arnaldo:

– Ô, César, pra cima de mim não! Conta essa história lá na missa para os leigos, mas pra mim, que estive dentro da Ordem, que vivi lá durante nove anos. Você vem me dizer que não há hierarquia, que é todo mundo igual? Pra mim?

Aí, César foi ficando sem graça, sem graça, sem graça...

Silvia

Você fala que frei César não previu o que ia acontecer. E depois, você fala dessa coisa da hierarquia. Não sei se você manteve contato com frei César depois. Você sabe que o ele está hoje em um cargo de hierarquia na província bastante significativo?

Alex

É, fiquei sabendo. Quando eu digo que ele não previu o desenrolar daquilo tudo, falo do desenrolar dos acontecimentos no microcosmos do colégio. Talvez ele não tivesse como prever tudo o que o Bom Jesus ia fazer, demitir tantos, ele próprio sair, gestão e tal. Agora, eu não tenho elementos para julgar se ele planejou a carreira dele dessa forma e se isso fazia parte de uma estratégia maior.

Silvia

Um plano de carreira?

(Falo rindo.)

Alex

É, pode ser, plenamente!

(Ele fala sério.)

Eu não faço julgamento do César porque não conheço. Quando eu digo que ele não dominava todo o desenrolar da coisa é porque ele deflagrou um processo que, com certeza, foi intencional e, para mim, ele foi muito culpado disso, mas ele, em um certo ponto, é inocente, porque ele não tinha noção de tudo aquilo que frei Guido ia fazer. E o jogo passou a ser com frei Guido, que, pelo que eu conheci dele como pessoa, ele é um frei José Luiz Prim, a missão, o retorno. O cara é meio senhor de engenho, mesmo. Tem que ter produtividade. Tinha metas! Critérios de produtividade, arrecadação, resultados. E ele montou uma estratégia empresarial, que eu odeio essa palavra que eles chamam de Networking.

O que o Bom Jesus faz? Uma estratégia que é brilhante, mas que é empresarial e

anti-franciscana, porque é motivada por interesses financeiros e não por afinidades. Ele criou um cadastro de todos os ex-alunos. Ele falou para mim e para o César.

– Criei um cadastro de todos os ex-alunos aqui do colégio e, anualmente, eu promovo reunião de turmas, no final do ano, no Bom Jesus da Aldeia.

E a gente encantado com a idéia, porque qual era a nossa percepção? Isso cria uma afinidade com a escola, que é muito legal! Não, não, Silvinha! O objetivo é o interesse que tem por trás.

– Vou lhe dar um exemplo de como isso é útil para a escola. O Bom Jesus tem um problema de engarrafamento em volta do colégio. Então a prefeitura de Curitiba, várias vezes, já teve reunião conosco, sobre criar um mecanismo para evitar esse congestionamento todo. Só que o colégio tem que crescer.

Ele dizia:

– Então, o que nós fizemos! Compramos um terreno do outro lado da rua. Nesse terreno, nós vamos construir dois andares de estacionamento subterrâneos e dois andares para cima. Eu queira fazer uma passarela ligando o estacionamento ao colégio, de maneira que o aluno não precisasse atravessar a rua. O pai entra no estacionamento, deixa em qualquer andar, o aluno passa pela passarela.

Aí, ele falou assim:

– Num primeiro momento, a prefeitura de Curitiba foi contra, porque é uma intervenção privada em um espaço público. Mas, aí, César, eu conheço o Dr. Fulano de tal, parente de não sei quem, que é amigo do Governador do Estado. E aí, esse amigo entrou em contato com o prefeito e o Governador intermediou.

Algo assim.:

– Viu como é bom!

O cara leva tudo para o lado empresarial! Ele não pensa: “Vamos reunir as pessoas. Será tão bom para o espírito do colégio, para os novos alunos verem isso, turma de 65, de 70 e tal.” O objetivo é conseguir alguma benece que possa agradar ao colégio. É duro!

Agora em relação ao frei César: Ele é ambicioso? Claro que é. Eu faço essa leitura dele. Ele era um cara ambicioso.

Silvia

Você chegou a conhecer Paulo Cunha?

Alex

Não, não tive esse desprazer. (Rimos.)

Silvia

Que pena! Seria mais uma figura interessante para a gente conversar a respeito. Uma das “figuras” do Bom Jesus! Acho que a entrevista foi super legal. Acho que você conta...

Alex

Não sei se eu ajudei. Não sei se eu...

Silvia

Acho que você falou muito pouco de você. E falou muito o que eu queria ouvir. Às vezes, eu fico com medo disso. Será que eu estou levando as pessoas a disserem o que eu quero?

Alex

Não. É que a minha trajetória no Canarinhos foi muito curta na realidade. Ficaram, dali, algumas coisas legais! Ficaram. Tenho bons amigos. Você é uma dessas pessoas, Silvinha. A gente não tem contato assim, mas as pessoas pelas quais a gente tinha um carinho ficaram. Ficou você, ficou Orlene, ficou Gisele, ficou Marisa, com quem eu tenho o prazer de trabalhar hoje, que é uma gracinha de pessoa, ficou Odete, uma excelente coordenadora, ficaram amigos. Carlos Eduardo: encontrei com ele há pouco tempo, está como professor da PUC e passou em um concurso da Petrobrás. Algumas figuras ficaram, com muito carinho, daquela época.

Mas eu acho que ficou muito mais pelo lado que eu não queria para minha vida. Foi muito duro superar isso tudo. Eu sofri muito. O primeiro ano foi de muita raiva. Se você fizesse essa entrevista comigo no primeiro ano, quando eu fui demitido, eu seria explosivo com você. Depois, ficou o que eu acho efetivamente sobre cada uma dessas figuras. Quando você me convidou para poder fazer a entrevista, eu fiz um *review* na minha cabeça sobre o que eu achava dessas figuras. E aí, foi o que eu falei para você hoje. Mas eu acho que a filosofia me ajudou bastante a poder perceber que existem lados e lados da história. Provavelmente, não com certeza, o meu não é o único. Se colocasse César na minha frente, ele diria outras coisas, que eu também não tenho conhecimento, que, talvez, pudesse, de alguma forma, ter criado aquela situação, o que não invalida o meu discurso, porque, independente de tudo o que pudesse acontecer, ele tinha um compromisso, porque ele era padre franciscano.

Sair do colégio foi desesperador, porque eu estava fazendo faculdade no Rio, estava terminando, e não tinha como me manter e a minha família é muito pobre. Minha mãe, não tenho vergonha nenhuma de dizer isso, é empregada doméstica, meu pai trabalhava de vendedor. Então, a vida sempre foi assim, muito complicada, muito difícil e, talvez por isso, a decepção foi maior. Você projeta na igreja, uma igreja solidária, uma igreja que caminha junto, e projeta naquelas pessoas idealizações de coisas que você acredita e você percebe que a igreja é feita por seres humanos e que tem intrigas, que tem jogos, que tem armações...

Mas eu retorno ao meu padre Francisco, que disse que

– Deus é maior do que isso.

E eu creio nisso, firmemente. Padre Francisco pode ter todos os defeitos, mas trabalha pela comunidade. E quando eu saí de lá, eu estava desesperado para conseguir emprego, não conseguia nada. Acho que tem uma coisa que eu creio e é muito arraigada dentro de mim: que a gente trabalha muito, com todos os nossos defeitos, mas eu acho que, quando a gente trabalha firme, com vontade, é ético, acredita em determinadas coisas, Deus faz o outro lado. E eu cheguei nesse momento e disse isso pra Deus.

– Eu estou aí, e agora preciso de um emprego!

Aí, eu encontrei com a Fernanda, que era professora de informática, e ela falou:

– Talvez tenha uma oportunidade lá em Duque de Caxias, onde eu estou coordenando. Você topa trabalhar em Caxias?

– Eu topo trabalhar até em São João de Meriti.

– Então, eu te telefono.

– Eu não tenho telefone.

Então, a gente deixou marcado. Eu desci, ela me esperou na estrada e fui lá conhecer o diretor. Ele conversou, gostou. Aí, ele falou:

– Eu tenho oito aulas só para te dar. É pouca coisa.

– Não, pelo menos para eu comprar comida.

Porque, nisso, eu tinha comprado computador pelo Bom Jesus e eles descontaram. Então, não recebi quase nada. Minha recisão foi o computador e a impressora. E eu desesperado, porque eu não tinha dinheiro para comer. Trabalhei com oito tempos um semestre e no ano seguinte ele triplicou minha carga horária, já fiquei com 24 tempos. E foi dando para sobreviver. Fui fazendo a faculdade. As pessoas ainda me tinham como um cara da área de informática, até que eu consegui o meu primeiro colégio para dar aula aqui em Petrópolis, que foi o São Judas, na Mosela. No mesmo ano, consegui o Liceu de Itaipava, e aí, comecei a dar aula de geografia, que minha formação é em filosofia e minha pós-graduação é em geografia.

(Nesse momento, chega alguém e interrompemos a gravação. Alex verifica que a hora que ele tinha disponível para a entrevista havia terminado. A entrevista do Alex foi em minha casa e foi a única que não foi acompanhada de um lanche, pois, nessa hora, Alex precisa se retirar para buscar a esposa no trabalho. Foi uma saída intempestiva, mas ele pede que gostaria muito de ler a pesquisa.)

entrevista com

henrique

21-dezembro-2005

ENTREVISTA COM PROFESSOR HENRIQUE

21-DESEMBRO-2005

O professor Henrique foi uma pessoa que, desde o início, eu tinha vontade de entrevistar. A razão para tal se deve a uma vivência acontecida nos tempos da chegada do Bom Jesus. Henrique já deixara de ser professor do colégio há tempos, mas manifestava seu incômodo com a vinda do Bom Jesus. Todas as vezes que se encontrava comigo, me sentia acuada, questionada, como se tivesse uma participação naquela situação. Sim, tinha, mas quase que por falta de escolha. Ou eu teria escolha?

- Não ter sido demitida é compactuar com o Bom Jesus.
- Não é essa a questão.

Respondia. Mas, ele ameaçava:

- Aguarde, chegará a sua vez! Ninguém será poupado.

Agora, preciso entender porque Henrique se incomodava tanto, se já estava tão distante daquela realidade. O que o incomodava?

Aqui, mais uma vez, a participação da Marisa, minha "ajudante de pesquisa", foi marcante. Quando falei com ela que queria entrevistar o professor Henrique, ela ficou muito animada.

- Faça aqui em casa a entrevista!

Consegui para mim o número do celular dele, pois eu não tinha a menor idéia de onde eu o encontraria. A idéia de fazer a entrevista na casa da Marisa pareceu boa, pois não tinha também muita intimidade com Henrique e não sabia bem como proceder. Convidá-lo à minha casa? Ir à casa dele? Ele, também, adorou a idéia de rever a amiga Marisa.

Nessa entrevista, como em algumas outras, coloco para gravar intempestivamente, pois não quero perder o início das conversas. Os entrevistados não costumam aguardar esse movimento de pegar o gravador... Eu achava que não podia chegar com ele na mão. Parecia-me ostensivo. Precisava, antes, pedir autorização. Ali, Henrique começa a conversar com Marisa.

Henrique

Eu fiquei muito chateado com a sua demissão, como fiquei com a dela também. Fiquei, também, com a daquela moça chamada Márcia. Eu senti sempre essas dores todas porque o Colégio dos Canarinhos foi um colégio onde nós entramos e fincamos raízes. Nós não éramos meros funcionários. Havia uma coincidência de verdades entre nós todos para com os donos do Colégio dos Canarinhos, verdades religiosas em que acreditávamos, acreditamos. Isso fez com que fincássemos raízes. Essa é uma escola onde a gente vai mergulhar de cabeça porque é uma escola boa para nossos filhos, os filhos dos nossos amigos, um lugar onde nós nos sentimos muito bem. Tanto que quando mudou daqui da Sete de Abril¹, eu não fiquei, eu não pude ficar.

Eu era comerciante. E também frei José Luiz tinha outras idéias inovadoras, novas. Mas, sempre estive presente, não é? Tanto que, quando o colégio fez 90 anos², fiz aquela gravação com o Marcelo. Já era frei César que estava comandando.

Marisa

Você fez a locução.

¹ Henrique se refere ao endereço antigo do colégio, como sendo na Rua Sete de Abril, por ser a rua principal, onde, entrando em uma ruazinha – Rua Frei Luiz –, você estava no colégio.

² Aqui Henrique se confunde, pois o Colégio fez 100 anos nessa ocasião.

Henrique

Fiz a locução e a redação do texto também, junto com frei César. Eu gostei demais daquele trabalho. Você já era funcionária da casa, não era?

Silvia

Desde o tempo do frei José Luiz.

Henrique

Frei José Luiz me pregou duas peças: a primeira quando eu estava dando aula no Liceu lá de Corrêas; ele queria um professor que ficasse, que tivesse identidade, e eu tenho essa identidade com os franciscanos porque eu acho que eles têm umas idéias muito desenvolvidas. E até dando adeus às idéias dos padres seculares, com as quais eu não comungo. Tinha um padre secular na época que ironizava Leonardo Boff – sabia que eu era meio franciscano, ainda que eu não fosse mais seminarista nem nada, eu era casado na época – e as pancadas todas que ele levava por aí e aquela experiência toda por que ele passava.

Frei José Luiz me chamou para dar aula aqui, eu vim – larguei os padres seculares – me prometendo algo mais que nunca veio. Mas eu nem sei bem o que era: mais dinheiro, um salário extra, alguma coisa a mais? Mas eu vim, não sei se por causa do dinheiro ou se por causa dessa identidade. Acredito que pelas duas coisas. Mas depois, no final, quando foram todos para o prédio novo, ele me disse que eu não poderia ficar porque estava chegando tarde por causa da livraria... Mas o meu vínculo não acabou. Até porque frei José Luiz eu conhecia de muito antes do Canarinhos. Ele foi meu professor. Eu tinha uma relação com ele muito forte. De fortes emoções. Se fosse preciso, brigávamos, mas éramos amigos. E somos. Eu sabia o canalha que ele era e, ao mesmo tempo, o canalha que não era. Porque quem promete uma coisa e não cumpre é um canalha.

Marisa

Ele foi seu professor no seminário?

Henrique

Acho que foi de Língua Portuguesa. De música... Foi meu regente no coral do seminário. Gosto muito do trabalho dele, gosto muito dele.

Silvia

Então, você tinha sido seminarista franciscano?

Henrique

Por isso que eu tenho essa identidade. Minha família toda tem. Tudo que nós somos, nós devemos à igreja católica. Porque o pai, sapateiro, aí, um irmão mais velho foi para o seminário e a igreja, de certa forma, estendeu essa bondade para a família toda. E eu fiquei ali perto dessas bondades, dessas benesses e também fui estudar para ser padre.

Marisa

Você é nascido aqui, Henrique?

Henrique

Sim, sou nascido aqui, ali perto da Mosela. Eu gostei dessa filosofia franciscana, a simplicidade, Francisco de Assis... Muita gente, hoje, vive ainda, não é? Muitos não. Muitos se aliaram aos sons, à tecnologia e deixaram de ser franciscanos, do espírito de Assis. Mas há uma idéia de Francisco de Assis muito forte nesses conventos. Eu acho fantástico. Eu acho muito boas essas idéias todas. Próprias para o mundo

moderno, tão capitalista. O Canarinhos representavam isso de uma maneira muito boa, não é? Por isso nós fincávamos raízes.

Quando chegou esse pessoal de Curitiba, começou gente a sair e tirar nossas raízes. Por isso que sempre chocava no final do ano. Quando Marisa foi embora... que coisa forte. Foi coisa muito forte. Não acredito que eles melhoraram a escola porque mandaram gente embora. Não consigo acreditar. Eles não melhoraram. Eles demitiram muitas pessoas que até, de fato, foi bom que tivessem sido demitidas, mas a maioria, a demissão dessa maioria não fez com que o colégio se tornasse assim um colégio expoente na cidade. E parece que foi com esse intuito que veio para cá. E não conseguiu. Outras escolas aí do mesmo nível continuam do mesmo nível, com a mesma grandeza. Não conseguem aumentar de tamanho também.

Então, o Colégio dos Canarinhos, com essa filosofia de demissão, de substituir, não conseguiu. Conseguiu que algumas verdades pedagógicas ficassem muito feridas. Por exemplo, a avaliação que o aluno faz do professor... Eu não conheço o que esses moços, aí, que comandam o Colégio dos Canarinhos, fazem lá no colégio deles, mas aquilo que se diz por aí é que os alunos dizem para eles, quando inqueridos, o que acham dos professores, como se fosse assim um tipo de espionagem do professor. Isso é verdade? É feito isso mesmo?

Silvia

É, no tempo em que eu estava lá, estava sendo feita uma avaliação dos professores pelos alunos, sim. Não sei se continua.

Henrique

É um pouco ruim, não é? Tira um pouco o professor da posição do mestre. Fica uma coisa de espião, como se o aluno mudasse de posição. Como se desrespeitasse a hierarquia: diretor, professor, aluno. Aí, o aluno sobe lá para a direção e fica falando mal daquele professor que está abaixo dele.

Marisa

E o aluno dessa idade, não só do ensino médio, do fundamental também... uma criança de 12, 13 anos, tem maturidade para julgar um professor? De repente, fala mal do professor porque não gosta da matéria dele ou porque não foi bem na prova dele. E aí, é uma forma de ... como se fosse uma vingança. Vai nesse questionário e "deita a boca" em cima do professor. Eu acho isso uma coisa tão estranha, tão esquisita.

Henrique

Eu acho que nós fincávamos raízes no Colégio dos Canarinhos como também fincava raízes os professores em outros colégios da igreja católica em Petrópolis. O Santa Catarina, quando se desfez, foi uma lástima. O Colégio São Vicente... São colégios onde as pessoas ficam, aceitam uma proposta maior de trabalho. Há uma comunhão de idéias, de sentimentos e um mundo de verdades. Meus filhos estudavam lá. Eu queria, para aquela escola, o melhor. Sabia que ia ser repartido com meus filhos. E acabou sendo, antes de chegar essa avalanche que levou tudo de roldão e transformou numa empresa pirotécnica...

Silvia

A idéia de entrevistá-lo era muito em cima disso: um professor que trabalhou no colégio e que, eu sabia, se incomodou muito com a chegada do Bom Jesus. E eu queria entender esse incômodo. Aquilo que você falou no início:

- Eu cheguei a ter quase raiva de você!

Eu percebia isso e quis resgatar essa história. Quem foi o Henrique no colégio? Quando você trabalhou lá? Dava aula de quê? Por que você tinha "quase raiva"

DEMISSÕES ERAM PARA MELHORAR O COLÉGIO.

AVALIAÇÃO: O LUGAR DO PROFESSOR AMEAÇADO.

QUESTÃO METODOLÓGICA: INTENÇÃO DA ENTREVISTA.

de mim?

Henrique

É porque, dentro dessa avalanche toda de gente que foi, por que você também não foi? Não que eu quisesse que você fosse. Mas era para você também ter ido. Era para você também ter derramado seu sangue lá. E você não foi.

– Ela passou para o lado deles. Ela virou a casaca. Olha, que danada!

Aí, quando você foi, eu:

– Ah, então não virou a casaca!

Essas coisas do inconsciente que, quando vêm para o consciente, ficam feias, como essa forma de falar. Fica até exagerada, fica disforme. E aí qualquer um pode chegar e bater em cima e eu perder a causa. Mas era isso que estava lá no fundo da alma. Marisa foi, não sei quem foi, Sônia foi.

Está certo que esse pessoal de Curitiba veio com outros perfumes, aí os perfumes daqui não combinavam com os de lá. Então, tinha mais é que trocar essa perfumaria toda, digamos assim, na visão deles. Se essa troca tivesse propiciado para a cidade uma escola de um nível tal de crescimento, de atendimento, de abrangência... aí, de fato, eles fizeram um trabalho.

– Puxa, cabeças rolaram, mas veja como a cidade ganhou com isso.

Não. Eles ganharam experiência de demitir, nós ganhamos experiência de sermos demitidos, de sofrimento. Perdeu-se uma escola família, ganhou-se uma escola empresa, uma escola de denúncia. Há um denunciamento aí. Se perguntado, o aluno dirá ao perguntador de Curitiba o que ele quer saber. Não existe isso.

Marisa

Não sei se posso completar...

Silvia

Pode. Você é minha ajudante de pesquisa!

(Risos.)

Marisa

Inclusive, os pais podem falar diretamente com Curitiba, fazendo queixas daqui.

Silvia

Pelo sistema de 0800.

Marisa

E de vez em quando, de lá, eles ligam para a casa dos pais para fazerem perguntas.

Henrique

Então, quem é o professor numa empresa dessas? O professor não é mais educador? Nós tínhamos, na escola antiga, as três unidades: aluno, professor, diretor. Os três resolviam os problemas. Agora tem um quarto que é o 0800. Aí, desvirtuou tudo. Agora, o capital precisa render.

Marisa

Porque a proposta inicial que eles tinham quando chegaram aqui era de encher aquela escola. Mas eles não conseguiram.

Henrique

Quando eu saí de Corrêas, do Seminário para cá, eu vim com o intuito de estabilizar uma situação instável, que era de demissão de professores, pessoas que estavam indo embora porque não conseguiam afinidade com os alunos. Adquirir uma linha, um trabalho de condutas, de disciplina, de programação. Então, frei José Luiz me chamou e eu consegui fazer de quinta série até oitava um trabalho como ele quis que fosse feito, naturalmente com falhas.

Marisa

Isso foi em que ano?

Henrique

Eu cheguei em 1973 e fiquei até 80.

Fui dar aula no Iraque pela Petrobrás. Fiquei sete anos lá. Quando eu voltei do Iraque, não tinha mais por que estar dando aulas no Canarinhos, então, eu fui para Angra dos Reis. Trabalhei um tempo em Angra, com a mesma escola do Iraque, uma filial brasileira.

Acabei voltando para Petrópolis e voltei para o Canarinhos mesmo. Fui lá e bati na porta e Waldemiro e frei José Luiz abriram as portas e eu entrei. Ainda fiquei alguns anos. Aí, eu abri a livraria também, concomitantemente.

Marisa

Eu entrei lá em 88.

Henrique

Eu estava lá. Quando foi para o prédio novo, frei José Luiz pediu para eu não continuar mais. Mas essa era a idéia do frei José Luiz: um professor que tivesse identidade com as famílias. Essa coisa ele conseguiu.

Marisa

Essa foi uma coisa que mudou, a relação com as famílias. Os pais, para falar, tinham que agendar e esperar lá embaixo. Nem subir! Não tinha mais aquela coisa dos pais irem buscar os filhos, ficarem no pátio... Aquele entrosamento gostoso.

Henrique:

Isso é de Curitiba, mesmo, a terra do frio. A destruição disso é lastimável, porque, se a escola tem que ser não uma continuação da família, mas que ela também traga no seu bojo coisas da família, nós tínhamos isso. Por que não poderíamos mais continuar? Por que tínhamos que tirar esse sangue nosso dado ali? Você tanto se dedicou. Tantas atividades extraclasse que você fazia. E você também, Silvinha, quanta coisa que você fez. Por que essas coisas tinham que cessar? Mas essas idéias de nada valem para quem tem propostas capitalistas. Essas idéias são até pisadas, pisoteadas.

Marisa

Conta pra ele, Silvia. A Silvia ficou proibida de ir fora do horário. Ela tinha um costume de ir fora do horário. Essa mania de organização. Eles proibiram, Henrique!

– Não pode mais, tem que dar conta no seu horário.

Ela ia porque ela queria. Você está entendendo a coisa esquisita? Você ia o quê? No sábado pela manhã?

Silvia

No sábado pela manhã (Risos.), para organizar a semana.

Henrique

Você cortou todo o vínculo com o Colégio dos Canarinhos e está fazendo mestrado? No telefonema que você me deu, eu falei assim:

– Mas como pode alguém defender uma tese de mestrado tratando de um assunto de uma gente que apunhalou você pelas costas?

Foi uma frase interessantíssima que você falou:

– É para poder tratar dessa punhalada.

Você não usou essas palavras, mas foi isso que você quis dizer.

Silvia

Uma coisa legal que você comenta e acho que foi mesmo: eu passei para o lado deles. Teve um momento em que eu acreditei na proposta sim. Eles chegaram com muitos perfumes, como você disse. E a gente estava muito sozinhos lá. A gente já não tinha o frei José Luiz e o frei César lá dentro, já não estavam tão lá dentro. Frei José Luiz se afastou muito e a gente recebia uma série de orientações, de cursos. O nosso estudo era muito intenso. Então, aquilo me empolgou muito no início. Eu lembro que passava pelo Henrique e ele sempre incomodado com o Bom Jesus:

– Por que você se incomoda tanto? Deixa o Bom Jesus em paz. Você não está mais lá! – eu me perguntava.

Marisa

Na verdade, você acreditava, não é, Silvia?

Silvia

Eu estava acreditando. Eu só desacreditei depois que eu fui mandada embora. Todas as pessoas falavam:

– Você vai ser mandada embora. Estão mandando embora quem foi do tempo Canarinhos.

Essas coisas eram faladas, e eu:

– Não, essas dificuldades fazem parte da mudança, de uma adaptação, mas daqui a pouco as coisas vão-se tranquilizar. Há um movimento de briga pelo poder...

Quer dizer, não tinha mais frei José Luiz ali. Então, as pessoas tinham a sensação de um espaço que poderiam ocupar. Eu achava que a poeira ia baixar. Eles justificavam a necessidade da Associação Bom Jesus com um discurso muito convincente. Mostravam que não havia freis o suficiente para assumir o colégio. A saída dos freis era para que os freis pudessem ir para os trabalhos de paróquia. As escolas com o seu trabalho, até dentro dessa visão muito economicista, muito voltada pra o capital... Era um pouco vamos tirar de quem pode para dar a quem não pode. Não eram essas palavras, mas acho que era um pouco essa idéia. Ou eu pensava assim: quem pode pagar está pagando e o colégio vai estar promovendo uma série de movimentos para dar continuidade ao trabalho franciscano. A vontade de acreditar era muito grande.

Henrique

A mim me parece que a Província não tem gente capaz de tocar esses projetos. Fiquei sabendo agora que a Editora Vozes de novo está com as pernas bambas.

Marisa

Sabe que eu fico com um medo de que o Bom Jesus vá se intrometer na Editora Vozes. Eles tem um olho enorme.

Henrique

Então, a gente sabe que determinadas atividades da província, negócios, essas atividades vão mal das pernas... vende-se. Como aconteceu com o Canarinhos. Veio

um empresariado de Curitiba, assumiu poderosamente aquilo.

Marisa

Na verdade, a iniciativa partiu daqui. Ele buscou uma parceria para ajudar.

Silvia

Isso é o oficial, mas não é o que foi dito para a gente? Será que é isso mesmo?

Henrique

Até por que eles mesmo foram degolados depois. Frei José Luiz foi parar em Pato Branco. Frei César está fora, não é?

Silvia

Frei César está no alto comando. Ele é um definidor da Província.

Henrique

Para quem soube definir bem o Colégio dos Canarinhos, ele vai ser ótimo definidor da Província.

Marisa

Gente, muita gente ficou com muita raiva do frei César. Eu não fiquei não. Acho que ele foi muito ingênuo.

Henrique

Mas tem coisa que você não pode ser ingênuo. Você envolve muita gente.

Marisa

Foi dado a ele um poder para o qual ele não estava preparado. Muito recém-formado. Havia sido ordenado há pouco tempo. Aí, colocaram esse cargo nas mãos dele. Frei José Luiz estava preparando frei César para ser o diretor. Ele ia ficar só com a parte do coral. Foi ingenuidade dele. Ele não podia imaginar que o Bom Jesus ia chegar com tudo, assim.

Henrique

Quando eu falava com a Silvinha, expressava essa minha revolta contra tudo que tinha acontecido, e você está dizendo agora que você não entendia. Que eu deixasse de lado o Bom Jesus, que o Bom Jesus ia mostrar de novo uma cara bonita que o colégio dos Canarinhos já tinha tido com os padres. Quando eu mostrava essa revolta, é porque eu não acreditava. Eu não vejo possibilidade. Não tem como. Não existe possibilidade. Essas pessoas que vêm com esses corações atrás do lucro... Não tem como misturar óleo com água. A prova está aí. Quantos anos, já?

Marisa

Mas eles devem estar percebendo que o que eles pretendiam para cá não deu certo. O número de alunos não aumenta, ao contrário. É uma pena. Olha, sofri muito.

Silvia

Conta do seu tempo no colégio, Henrique. Como era esse tempo que não tinha nada a ver com Bom Jesus?

Henrique

Essa escola é decorrência da necessidade de as famílias cuidarem culturalmente de seus filhos. E esse cuidado foi entregue por essas famílias aos padres da Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Então, criaram a escola gratuita São José que,

depois, virou Colégio dos Canarinhos, com o coral, o frei Leto, o frei José Luiz. Toda essa força de padres quererem cuidar das famílias e dos seus filhos e dos pais também, quererem que seus filhos fossem educados por colégio religioso, era muito forte no Colégio dos Canarinhos. Éramos todos, no fundo, uma força de família, ligados à igreja católica, com aquelas famílias todas. Alguns eram funcionários da Editora Vozes, outros moravam nessa região toda aqui em volta do colégio, do Sagrado Coração de Jesus. Era como se fôssemos da mesma paróquia. Então, esse elo que se formou entre nós todos, isso é que manteve sempre as festas muito bem feitas, muito bem organizadas. O famoso quentão da Prazeres... Havia uma sintonia, como se fosse uma sintonia universal pairando sobre todo Colégio dos Canarinhos. Mas eu insisto nas deficiências humanas que havia, para que ninguém pense que era um reinado, onde a cor azul predominava. Tínhamos que lutar com as deficiências da direção, dos professores, problemas de sala de aula, professores que não programavam direito suas aulas e todos esses problemas que são comuns nas escolas.

Esse período acabou com a chegada desse pessoal aí, acabou e isso feriu muito. Aquilo em que acreditávamos eram, para nós, verdades imorredouras, verdades pedagógicas mesmo. O que nós talvez gostaríamos que tivesse acontecido era que fôssemos todos chamados para uma grande discussão, de uma renovação dessas forças que tocavam o Colégio dos Canarinhos. Mas não que fôssemos assim, substituídos. Nós não deveríamos ter sido substituídos. Devíamos ter aprendido mais com aquilo que já sabíamos, dentro da nossa própria casa, aprender com forças novas, porque há uma dinâmica constante de ação da vida, em todos os instantes, em todos os momentos. Agora, cortar como foi feito, foi muito agressivo, agrediu muito as pessoas. Você foi agredida, Marisa foi agredida. Como se todo mundo valesse nada.

Marisa

Foi como se

– Tudo o que vocês fazem está errado. O que nós trouxemos é que é o certo.

Foi essa a impressão.

Henrique

E as pessoas que estudavam nesse colégio do antes, que estão por aí, trabalhando em Petrópolis, todas são felizes quando se lembram do Waldemiro, do frei Leto... São pessoas felizes que gostam de se lembrar... Como se elas tivessem encontrado coisas, como se fosse continuação do quintal da casa delas.

O colégio não é continuação da casa. A casa é a casa e o colégio é o colégio. Se o colégio fosse continuação da casa, não precisava ninguém sair de casa para ir para o colégio. O colégio tem que ser o lugar de fazer diferente, até mesmo se o colégio tiver que ser chamado de careta, que seja, mas que seja diferente da casa. Eu sempre digo isso, quando lá na escola querem colocar o funk... Para que colocar o funk se ele já tem funk na casa dele. Pelo menos para ele poder escolher. Só se pode escolher quando se tem dois, ninguém pode escolher se só tem um. O que eu achava que deveria ter acontecido era que todos nós tivéssemos sido – naquela época nós falávamos **reciclados**, depois com esse negócio de reciclagem, pararam de falar isso – capacitados para um crescimento que estava ocorrendo e que não sabíamos deglutir. Ficava assim atrapalhado com tanto crescimento que havia lá dentro.

Marisa

Nossos alunos, quando saíam e faziam vestibular, se davam muito bem. Isso não significa que eles estavam bem preparados? A fala maior deles era a coisa da competição lá fora, sair pronto para o vestibular. Os alunos saíam de lá e se davam muito bem. Você vê: hoje em dia, ex-alunos nossos estão aí

formados, bem de vida. Isso de você dizer que eles se lembram do colégio... Eu encontro ex-alunos meus, que têm filhos, e eles dizem:

– Que pena, não posso, não ponho meu filho lá, porque eu sempre imaginei que meu filho ia estudar no Colégio dos Canarinhos. No colégio Bom Jesus, não.

Entendeu? Então, eles lembram daquela época com muito carinho e sentem.

– Por que não é mais a mesma coisa?

Henrique

Eu acho que aí está a grande falha desse povo que chegou de fora. Ele perderam a oportunidade de terem feito um bom negócio. Se eles tivessem aproveitado o que já havia, se tivessem capacitado, tivessem feito uma recapitação, uma atualização desse pessoal, a partir de uma filosofia pedagógica avançada, que nós não conhecíamos, pois nós estávamos ali, com nosso mundico, que não era mundico, de tanta riqueza que havia no Colégio dos Canarinhos... Digo mundico porque estávamos nós aqui nessa unidade.

Quando eles chegaram com propostas novas, por que nos demitiram? Por que não nos chamaram e nos propuseram.. Por que, em educação, acontece isso? Por que não acreditam na experiência daqueles com tantos anos com adolescentes na sala de aula, de quinta, sexta, sétima, oitava, durante anos? Por que aquilo tudo de repente não presta para mais nada, só porque alguém chegou com capital no bolso? Por que esse não casamento dessas forças que eu não consigo entender?³

Acho que empresário é burro, são pessoas burras que trazem o que: tecnologia educacional? Mas que tecnologia é essa, teórica, que de práxis não tem nada? Eu acho que nós todos da escola não estávamos preparados... essa coisa de fazer da escola uma família e entrar alguém com idéias expansivas...

Marisa

Eles têm um podêêêr de convenciméééééééento. E aí, no início, levavam o grupo de professores, hospedavam nos melhores hotéis, para conhecer o espaço lá, que é muito bonito. O prédio do Bom Jesus Centro é muito bonito. Bom Jesus da Aldeia... Então, o pessoal voltava:

(Marisa faz uma expressão de assombro.)

– Que maravilha!, não percebendo o que havia por trás.

Henrique

Uma discrepância de quintais, não é? Nosso grupo aqui é família. A gente se conhece. O que os caras vieram fazer aqui? Vieram nos separar? Não conseguiram! Conseguiram acabar com a escola.

Marisa

Houve um movimento quando eles começaram a trazer os livros de Curitiba. Não sei se você... Eu me lembro do Paulo Roberto⁴. Ele estava em uma revolta... Os livros viriam todos de Curitiba, fechando espaço dos livreiros aqui da cidade.

³ É interessante observar que professor Henrique fala como se ele lá estivesse no Colégio dos Canarinhos quando da chegada do Bom Jesus. No entanto, ele já havia sido demitido há mais de cinco anos.

⁴ Paulo Roberto tinha uma papelaria que, ainda hoje, é conhecida na cidade, ainda que não seja mais dele. Henrique, em uma determinada época, também trabalhou no ramo de livraria/papelaria. Era o dono da Papelada.

Henrique

Nós reclamamos muito. Deixei de ir lá por causa disso. Vários autores que eu trouxe não pude levar nos Canarinhos, porque eles tinham os próprios autores deles. Tinham suas próprias editoras.

Marisa

Eu lembro que você trouxe um autor de livro para conversar com os alunos. Um espetáculo! Um livro que eu adotei para a oitava série. E aí, eu comentei com Henrique e na mesma hora o autor topou. Ele veio do Rio, especialmente. Na época, o Rui achou uma coisa maravilhosa. Pra você ver a ligação que ele ainda tinha com a escola. Era só pedir alguma coisa que ele estava sempre disponível.

Henrique

Esse trabalho, a gente tinha que fazer porque éramos parceiros, todos, lutando por uma mesma causa, que era ter uma escola que servisse à comunidade. Quem não fosse da comunidade que viesse conhecer o que é um grupo de pessoas unidas. E a gente tocava a escola assim.

Possivelmente, frei José Luiz atrapalhasse, de vez em quando, um pouco (Risos da Marisa.), com aquela figura de diretor meio durão, meio carrasco...

Marisa

É, ele era meio de veneta. Tinha dias que...

Henrique

É... não sei se ele estava menstruado ou não. Atrapalhava um pouco isso. Frei Leto nunca atrapalhou nada. Frei Leto sempre foi o artista.

Marisa

Eu conheci frei Leto no ano em que ele morreu.

Henrique

Ele era um músico por excelência. Ele era um músico sensível, no que frei José Luiz tentava imitá-lo. Ele era o grande ouvido afinado. Eu não sei o quanto era verdade, porque eu não conheci o trabalho dos dois, mas frei Leto foi sempre muito admirado pelo jeito de criar. Criou o coral. Fez todo um trabalho musical que, depois, frei José Luiz deu continuidade.

Mas acho que conseguimos fechar essa conversa em torno desse espírito que nos unia: a mim; àquele professor de educação física, Roberto, que era do Sul; ao Waldemiro, um encanto de pessoa; à Antoinete; à Marisa e, depois, à Darinka; a outros que passaram por lá, até já falecidos: Lúcio Vasconcelos, que foi juiz em Vitória; Gelson, de geografia; outros professores, que eu não me lembro agora o nome; aquele Santino, de educação física; Varrichio, chegou depois do Santino. Quanta gente poderia ter sido aproveitados. Vamos colocar os Canarinhos em uma nova dinâmica!⁵ Vamos ver se a gente consegue se tornar o melhor colégio de Petrópolis, dobrar o número de matrículas, mas usando essa experiência que já havia!

Marisa

O colégio ia muito bem. Não vem me dizer que não estava bem. Não sei aquela questão da obra. Aquilo, eu não sei.

⁵ Interessante observar que, dos professores que ele cita, apenas Varrichio e Marisa ainda se encontravam no colégio, quando da chegada do Bom Jesus. Os outros são do tempo em que o colégio ainda estava na Rua Frei Luiz.

Silvia

O que frei José Luiz, na época, me dizia é que o colégio tinha uma dívida grande, mas que dívidas são negociáveis. Não havia nenhum perigo. E foi o que o tempo todo usaram conosco, que o colégio estava no vermelho. Na rotina financeira, estava tudo bem. Havia a dívida por conta da obra, mas era algo que... como a dívida do Brasil, a gente vai negociando e vai levando. Eu não via nenhuma preocupação maior do frei José Luiz no aspecto financeiro.

Henrique

Mas o que dói, na nossa profissão, é ver que a gente cresce pela experiência do dia-a-dia, mas tem uma hora em que essa experiência não serve para nada. Quer dizer, comigo não aconteceu com o Bom Jesus, porque eu já tinha sido mandado embora antes, mas teria sido. Eu não tinha o jeito certinho do pessoal de Curitiba. Mas, de qualquer forma, na nossa profissão, a experiência parece que não conta, substitui, troca, estão viciados. E não é verdade isso? Nem sempre é verdade isso. Agora, a sala de aula me ensinou muito. E cada hora me ensina mais. Agora eu dou aula na baixada. Poxa! No colégio dos Canarinhos houve essa intervenção. Caiu um raio. Caiu um raio com um rabo luminoso, fantástico, que encheu os olhos de todo mundo de luz e a gente está vendo agora que não passa de fogo no rabo.

(Risos da Marisa.)

Marisa

Mas, olha! Encheu os olhos de professores, dos pais... Não sei se contei: uma mãe foi conhecer o colégio, e eu estava mostrando. E o colégio está bonito, muito bonito. O prédio foi construído para ser colégio. É diferente.

Henrique

Nesse espírito franciscano de fazer o melhor para sua comunidade.

Marisa

E aí a mãe ia passando e viu aquele... fizeram tipo de um "Mick's burger"⁶. E aí a mãe olhou:

– Nossa! Isso aqui é uma maravilha! Parece uma escola americana. Tem até 'Mick's'!

– Meu Deus do céu! É esse tipo de público que nós vamos ter agora?

Quer dizer, não importa... É isso que ela está achando importante na escola? Ter "Mick's burger"? Tenha paciência! Eles lá acham que é assim que tem que ser.

Henrique

Frei José Luiz, alguém lá de dentro, deveria ter tido... deveria ter chamado a comunidade... Essa parte eu não consigo entender até hoje e não vou entender nunca. Por que essas forças elas são desprezadas em momento assim de passagem para uma nova etapa? Aí, tem que chamar forças alienígenas? Essas forças estavam lá. Por que elas não são chamadas? Há um reestudo daquilo que fizeram. São pessoas que, de repente, estão dispostas a abrir seu coração. Abrir seus cofres, não é? Renovar suas forças. Por que têm que ser chutadas?

Marisa

Você sabe por que me demitiram? Estavam-me demitindo por falta de confiança, porque eu confiava mais nos freis do que no Bom Jesus. Então, aí, você percebe que eles estavam querendo dar uma rasteira.

⁶ Modelo de cantina com lanche *fast food*.

Henrique

E qual a palavra que eles usavam? Interventor? Não.

Marisa

Gestor.

Henrique

Tem um verbo em latim. É do verbo “gerere” é, justamente, gerar. Gestor é aquele que fica responsável por gerar, dar a luz.

Marisa

Gerar o quê? É uma pena. Mas olha, as coisas não estão funcionando. Há professores pedindo demissão. Não estão suportando mais.

Henrique

Mas tem um grupo de professores que fica.⁷ Acho que eles têm o perfil do equilibrado. De fato, são grandes professores.

Marisa

Mas (Cita alguém.) não acata muito o que eles mandam. Ela faz o que acha que tem que fazer. E aí, ela não quer nem saber. E a gestora, por sua vez, acata, porque sabe que o professor é muito bom. Até livros de literatura extraclasse vêm de Curitiba, que são adotados no vestibular de lá e querem que o pessoal daqui leia. Agora, essa professora que pediu demissão, você deve até conhecer, a professora Glória de matemática. Ela pediu demissão.⁸

Silvia

(Procurando retomar a entrevista.)

Bem, Henrique, você trabalhou no colégio no tempo do frei José Luiz, não é?

Henrique

Ele ficou um pouco mais do que eu. Ele foi para o prédio novo. Quando eu fui para os Canarinhos, ele já estava há uns três anos.

Marisa

Quando você voltou de Angra dos Reis?

Henrique

Voltei de Angra em 83, 84.

Marisa

E aí, voltou para os Canarinhos, não é?

Henrique

Voltei, mas não fiquei muito tempo. Quando o pessoal foi para o prédio novo?

Silvia

Em 91.

Henrique

Fiquei de 85, mais ou menos, até 90.

⁷ Aqui, ele cita vários professores, que eu resolvo não transcrever, sempre preocupada em não expor esses professores.

⁸ Aqui, deixo de transcrever um trecho em que Henrique começa a perguntar e a divagar sobre como deve estar agora a disciplina dos alunos no Colégio, mas avança a discussão para suas experiências e a distância que vê entre o ensino nas escolas públicas e privadas, generalizando.

Silvia

Frei José Luiz demitiu você?

Henrique

Ele me demitiu. Ele me chamou e falou:

– Estou demitindo você porque você não consegue ser pontual, você não foi pontual na Sete de Abril, você não será aqui, na Santos Dumont.⁹ Então, estou te demitindo. Além do mais, você tem um hábito ruim como professor. Você coloca apelido nos alunos.

E eu fiquei quieto, não é?

Silvia

E era isso mesmo?

Henrique

Estava complicado ser pontual mesmo. Eu tinha a livraria e ele, talvez, tivesse razão. Também, ele não falou isso, mas eu não queria ser professor e ter uma livraria. Parece que todos os livros que eu indicasse, eu ia... porque eu era livreiro. Essa questão da ética não estava muito legal. A questão do apelido, de onde ele tirou isso eu não sei.

Silvia

Ter sido mandado embora não incomodou tanto?

Henrique

Não.

Silvia

É engraçado, porque você fala como se você continuasse sendo professor do colégio...

Henrique

Mesmo tendo saído. Eu era muito ligado à Marisa, então ela dava aula e eu estava lá, dando aula junto com ela. Uma coisa assim.

(Risos soltos dos dois.)

Silvia

Você continuou professor do colégio até a época do Bom Jesus, não é? De coração, digamos.

Henrique

Sim. Sempre. Eu tinha dificuldade em chegar lá e encontrar aquele portãozinho de madeira fechado. Eu queria chegar e falar:

– Moço, eu vou entrar.

E aí, não deixava. Mas, eu era professor sempre, embora não fosse mais funcionário da casa. Nos concertos de Natal, eu era sempre o locutor. Nas olimpíadas, eu era o locutor. Não tinha jeito de escapar. Gostava demais. Você sabe que essa coisa das olimpíadas era uma coisa que eu achava tão rica, porque as crianças tinham, aí sim, uma pluralidade de ações, de efeitos pedagógicos, de recursos pedagógicos para quem quisesse se aproveitar e ajudar. Que eles crescessem entre si, como grupo humano.

Eu me lembro que eu ficava impressionado de ver o quanto a proposta de uma

⁹ Cabe explicar que a livraria ficava próxima ao endereço antigo do colégio.

olimpíada naquele tempo, e ainda hoje... arranjar patrocinador... Olha que coisa riquíssima! Os alunos do ensino médio, capitães das equipes, precisavam procurar patrocinador, aprender a lidar com logistas, empresários, lidar com cartazes, com pincel, tinta. Era tão rica, tão rica que as escolas não conseguiam digerir aquilo. Sempre saíam coisas medíocres porque faltava que alguém se dedicasse e ajudasse esses adolescentes. Eu sempre patrocinava com a livraria. Eu lembro que, uma vez, ficou escandaloso. Todo mundo desfilava com um pedaço de papel com o nome da minha livraria. Eu fiquei envergonhado. Eu não queria aquilo. Eles queriam agradecer ao patrocinador e cada um carregava um papelzinho em homenagem à livraria. Eu queira continuar. Era o que a Silvinha falou. Eu era um professor presente lá. Esses laços não são cortados assim. Chega alguém e corta. Pode fingir que cortou mas não cortou.

Silvia

Eu acho que isso era algo que eu queria saber. Já, naquela época, eu tinha vontade de saber. Por outro lado, eu sempre fugia do Henrique porque ele sempre me perguntava do Bom Jesus e eu não conseguia entender...

Henrique

É porque eu achava que você era do lado deles.

Silvia

Mas eu era. Eu estava do lado deles. Eu só não sabia que era uma mudança de lado. Eu achava que eu estava do lado do colégio. Se o momento do colégio era aquele, eu tinha que defender o colégio.

Marisa

É que esse momento difícil era uma coisa passageira, não é? Que tudo ia se acalmar.

Henrique

Os nossos mundos... o meu não, mas o de vocês, parece que o mundo desabou para vocês. Eu me lembro, Marisa, que você ficou assim... Mas eu vejo que não, que foi fonte de crescimento até, fonte de renovação de proposta e de aquietação de forças, até porque a gente não pode ficar a vida inteira...

Marisa

Mas eu digo a você que foi muito difícil sair de lá. Eu estava professora só de lá. Eu deixei a outra escola – eu trabalhava na Mosela – para ficar dedicação exclusiva ao Bom Jesus. Então, quando eu tive que encarar outra escola – porque o Sidnei, na mesma hora, me chamou para trabalhar no Alaor – foi difícil. Outros alunos... Eu cheguei a um ponto, Henrique... isso até hoje, já se passaram tantos anos... mas até hoje eu não conseguia ouvir falar de Canarinhos que eu chorava. Era uma coisa incontrolável. Minhas filhas falavam que eu ia ficar desidratada. Encontrava as pessoas na rua e chorava. Encontrava aluno na rua e chorava. Gente ligava pra cá, eu chorava. Eu não queria mais passar na rua do colégio. Quando ele falou:

– Está demitida.

... eu peguei tudo que me lembrasse Canarinhos e coloquei na mesa, até o adesivo do carro. Só guardei aquele São Francisco. Aliás, olha como são as coisas.

(Perdi um pedaço da fala da Marisa, trocando o lado da fita K7.)

O frei José Luiz esteve aqui e disse que ia rezar uma missa lá com os antigos canarinhos, e era no dia do aniversário do meu irmão. Eu pensei que tinha que ir. Não sei onde eu consegui forças. Fui naquela sala linda do ensaio dos meninos. E alunos antigos cantando, todos foram meus alunos. Mas,

também, foi a única vez e também não fui lá para o lado da escola. Entrei ali no prédio de música e fui, assisti à missa e, ó, fui embora. Eu sonhava com a escola, que eu estava andando naqueles corredores. Mas Henrique, você está agora só professor?

Henrique

É, e tenho uma identidade com a escola em Xerém... Essa identidade é como a que nós tínhamos com o Colégio dos Canarinhos. Em outros lugares, eu acho que alguns professores têm essa identidade com o local onde estão trabalhando, com a comunidade. Esse professor não pode sair dessa escola. Qual o diretor que não quer um professor identificado com a escola, com as salas, com as paredes, com os corredores, com tudo? Tira esses caras e bota um outro que chegou agora? Mas, agora, também, dizer que não haverá fossilização de professor.. como você vai lutar contra a própria decrepitude? Tudo fica meio decrépito, não é? Tudo cai, as pessoas vão ficando velhas... Então, as propostas:

– Nós estamos substituindo vocês por gente mais nova.

Precisa substituir como se fosse um jogo de xadrez ou de dama, que você tira as peças que estão muito manuseadas e coloca novas para que o jogo fique melhor? ○

Marisa

Que valor tem isso para eles? Nenhum!

Henrique

Não sei o que essa gente vai fazer agora com essa escola que geraram. Quem pariu Mateus que o embale! Silvinha, tem alguma coisa que você gostaria de perguntar mais?

Silvia

Não. Acho que era isso. Eu me perguntava:

– Ele não está mais lá. Por que ele está tão preocupado.

E aí, eu consigo ver isso só depois que eu não estou mais lá. Eu fui demitida e eu queria dizer acabou. Mas, eu não consegui.

Henrique

Eu me senti lavado quando você foi demitida.

(Risos da Marisa.)

Porque, como eu gosto muito de você, eu fui professor do seu irmão, eu sei que vocês eram muito amigos do frei José Luiz, eu queria que você não estivesse lá com aquela gente... embora você seja uma grande educadora.

– Ah, agora ela saiu. Está ótimo!

Fiquei feliz. Fiquei preocupado também. Agora, onde estará ela? E o salário que ela tem que ganhar? Porque, afinal de contas, a gente não come colhendo capim na rua. Mas, na época, eu queria, de certa forma, quando eu perguntava com os olhos e verbalmente a você, era espetar você. Era como se eu dissesse assim:

– Por que você ainda está aí? Marisa foi embora, Sônia foi embora. O que você está fazendo aí?

Eu também não sabia, mas hoje eu vejo com clareza que era isso.

Silvia

E você conseguia.

(Risos de todos.)

Marisa

Mas você sabe porque ela não foi mandada embora logo? Porque as mães iam se rebelar, as mães da educação infantil. Imagina! Sem a Silvia lá, as mães iam fazer um motim. Ah, mas eu queria. Aí, o que o Bom Jesus faz? Ele, aos poucos, começa a afastar os pais. Agora, ela sendo demitida... Eles sabem fazer as coisas. Eu dizia:

– A Silvia não vai ser demitida nunca.

O que eles fizeram? Eles esperaram.

Henrique

Quando ela entrou ali, eu achei ótimo ter dito aquilo. Engraçado como a gente tem coisas aqui dentro que a gente não consegue controlar. Nem sempre são forças agressivas contra a pessoa, mas não foi agressiva. Você não entendeu como agressão, não? Eu fiquei surpreso de ter dito aquilo e aí eu pensei, agora que eu disse, vou ter que administrar essa minha fala.

(Risos dos dois.)

Mas foi sincero naquela coisa de sempre buscar a verdade. Como estou à

vontade aqui, estou deixando... porque, quando eu vim caminhando da minha casa até aqui, eu vim pensando:

– Não sei o que vai rolar.

Aí, vim fazendo um exercício para ver se ficava bem. Achei que ficava muito forçado, porque eu tenho muita facilidade para forçar as coisas. E aí, quando você entrou...

Marisa

E qual foi a frase que você disse quando ela entrou?

Henrique

Foram duas frases que eu falei para ela que me ficaram incomodando esses dias todos. Primeiro foi a da punhalada. Eu até falei com outra pessoa, perguntando se será que ela ficou chateada?

– Eu não sei não, porque isso é forte.

Essa que eu falei que gostei que você foi demitida.

Silvia

Mas, ser demitida no nosso caso, é promoção.

(Falei em um tom meio de brincadeira e rimos.)

Henrique

É, eu acho que professores com esses ideais, com essas experiências, são professores assim que fazem uma escola. A escola não pode, todo ano, estar diferente. O que eu quero dizer é o seguinte: é possível que todo ano a parede esteja de uma cor diferente, que a mesa seja outra, mas acho que as verdades de educador, essas verdades que você vai firmando dentro de você, essas verdades a princípio elas não deveriam ser interrompidas, se de fato elas são coerentes com a comunidade, com as pessoas.

Nós tínhamos lá esse espírito de ... Frei José Luiz atrapalhava um pouco com o racismo dele contra negros, contra alunos indisciplinados, ele achava que tinham que ser expulsos da escola. Aconteceu com um menino que trabalha aqui perto do Hospital Santa Tereza. Na época, ele foi expulso. A escola não é lugar disso. A escola precisa resolver, ajudar esses meninos, não é? Ele fazia o contrário: degolava. Quer dizer, o frei deixava a desejar um pouco.

Silvia

Quando você fala isso, e eu penso nos franciscanos... Eu acho que franciscanos eram os professores, não é? Tinha algo de franciscano que eu acreditava tanto, tanto, tanto.

Henrique

Mas, frei José Luiz atrapalhou um pouco isso.

Marisa

A própria postura da Sônia, da Marildinha. O que ela defendiam os alunos na frente do frei! Às vezes, o frei queria fazer e acontecer... As duas iam lá, davam aquela contornada... Não estou dizendo botar panos quentes, não. Mas fazia o frei olhar a coisa por um outro lado. Então, é isso que você falou. Os professores tinham atitudes de franciscanos.

Henrique

○ frei... me lembro em um conselho de classe, sobre o menino de que falei

agora há pouco, ele decidiu que tinha que ser expulso porque não tinha disciplina para a escola.

– Mas gente, esse menino precisa ficar na escola porque ele precisa da escola. É o contrário!

Mas o frei falava assim umas coisas fortes, radicais. Ele atrapalhou um pouco.... O frei era muito radical, mas os professores, educadores que são, sabiam contornar isso. Mas era difícil falar. Havia ali muita gente nova, muita gente começando a profissão. Não tinham experiência de sala de aula e uns alunos assim, agitadíssimos, era complicado para o professor. Ainda mais que uma sala era colada na outra, então uma sala tinha que fazer silêncio para não atrapalhar a aula do outro.

Marisa

E lembra? Ele passava no corredor espiando o que estava acontecendo. A gente dando aula e, ou pior, às vezes ele não estava lá fora não, ele já estava ali do seu lado. Ele entrava porta adentro e, quando você via, ele estava ali do seu lado.

Henrique

Ele devia ter usado essa capacidade dele de ser o líder, de ser o diretor da escola, para unir mais os professores, e não para atemorizar.

Silvia

E com frei César, você teve algum contato?

Henrique

Tive contato nessa gravação dos 90 anos. Não como diretor...

Silvia

Sim, isso eu sabia.

Marisa

E você conseguiu entrevistar frei César?

Silvia

Não, ainda não. Eu quero, mas ainda estou esperando. Vamos ver se eu consigo.

Marisa

Como foi a entrevista com a Alex?

Silvia

Ele tem muita mágoa dos freis. Ele...

Henrique

Essa coisa é muito polêmica. Essa questão dos freis lidarem com a parte trabalhista, que parece que está fora do mundo deles, é um desastre.

Silvia

Essa era uma das questões que o Bom Jesus usava para nos convencer da importância da Associação. Que os freis eram um desastre para lidar com...

Marisa

Administrativamente.

Silvia

Mas, eu fico pensando: quantos anos eles administraram aquilo ali. Aquela obra não é do Bom Jesus, é obra dos freis. Começou com frei Leto, que comprou o terreno, negociou. Ele era um músico, mas negociava bem, não é?

Henrique

A realidade de uma escola precisa de uma sensibilidade a toda prova. Essa sensibilidade eles não tinham. A sensibilidade deles era muito curta, passava logo para gestos de tirania. Os freis fizeram isso lá. Deve ser muito difícil para a província achar um frei ideal para tocar um projeto como aquele do Canarinhos. Quem segurou a escola, mesmo daquele jeito, foram os professores. Os diretores caem, abandonam a escola, sobem em um pedestal, os professores continuaram sempre nas atividades das salas de aula, fazendo esse processo constante educacional. Isso é uma coisa que tem que ser dita e honrada. Os professores é que são os responsáveis maiores pela escola, da parte dos adultos. O motivo maior é a criança, não é? Nesse particular de lidar com as coisas do mundo. Eu chamo de coisas do mundo não as coisas mundanas, putas, não; são as coisas que tocam a sociedade, as questões trabalhistas, relações com empregado.

Marisa

Eles não sabem de nada disso.

Henrique

São uns castrados.

Marisa

Eles sentam à mesa, comida pronta, roupa está lavada, não sabem quanto custa isso, quanto custa aquilo. Eles não têm noção.

Henrique

Eu fico impressionado de ver...

(Aqui, deixo de fazer a transcrição, pois Henrique passa a falar das relações entre as pessoas da família dele e a religião, da presença de duas irmãs religiosas e perco o foco de interesse. No entanto, acho que devo deixar solta a conversa, pois já tínhamos cumprido um tempo longo demais para uma entrevista.)

dúvidas para
frei César

Professor Waldemiro

No meu entender foi, uma decisão unilateral da província, ninguém foi consultado (falando sobre a vinda do Bom Jesus).

Margarete

Mas, eu acho, particularmente, e eu não sei nada disso, que quem começou a fazer essa mudança, não sei se iludido ou não, foi o frei César.

Alex

Ele foi o grande arquiteto da mudança.

PERGUNTA

FOI UMA DECISÃO DA PROVÍNCIA OU UMA AÇÃO APENAS DE SUA PARTE?

Odete

Acho até que o Paulo Cunha é o idealizador disso.

PERGUNTA

QUEM É O PAULO CUNHA NESSA HISTÓRIA?

Margarete

Ele achou que aquilo iria ser muito bom para Petrópolis e iria mudar muita coisa. Ele foi envolvido por isso. Eu acho que ele achou que aquilo seria uma boa para o colégio, para os professores e ele viu que não foi.

Lenira

O ideal de frei Leto se realizou.

PERGUNTAS

FOI BOM PARA PETRÓPOLIS?

O QUE VOCÊ ACHA? BOM JESUS É O IDEAL DE FREI LETO?

Alex

Apesar do nozinho, nenhum deles ("os franciscanos") vive. Então, eles vivem para o pobre, quando muito com o pobre. Agora como pobre, não. Só que a opção de Francisco não foi essa. E aí é por isso que eu não chamo essas pessoas de franciscanas. Porque a opção de Francisco não foi viver para o pobre, não foi viver com o pobre, mas foi viver como pobre, no meio deles, passando as mesmas dificuldades que eles, vivendo do que eles têm, trabalhando junto, suando a camisa, e muito, para poder vislumbrar uma vida melhor para o seu semelhante.

PERGUNTA

A ASSOCIAÇÃO PODE SER CHAMADA DE FRANCISCANA?

QUEM DECIDIU "TRAZER" O BOM JESUS?

IDEAL FRANCISCANO

professor Waldemiro:

Ah, sim. O frei José Luiz chegou em 73 e frei Leto faleceu em 88, não é?

Lenira

Ah... então eles ainda conviveram bastante, não é?

professor Waldemiro

É, foram 15 anos de convivência, não é? 15 anos!!! 15 anos de convivência, os dois morando lá... juntos... no instituto.

Silvia

Para o frei José Luiz foi uma missão acompanhar o frei Leto, não é?

Lenira

Ah, sem dúvida.

PERGUNTA

A HISTÓRIA SÓ NÃO SE REPETIU PORQUE VOCÊ, POR DECISÃO PRÓPRIA OU POR IMPOSIÇÃO DA PROVÍNCIA, DEU UM ENCAMINHAMENTO DIFERENTE. É?

professor Waldemiro

Aí é uma questão muito pessoal, não é? De cada um... De repente, o frei César já imaginava que pudesse ser tolhido nas decisões dele... Apesar de o frei José Luiz ter sempre declarado e demonstrado também que ele sempre deixou a direção livre ao frei César... para tomar as decisões dele, não é? Agora, como o frei César via isso, não é? Na prática, a gente não sabe, não é? O frei Leto era muito mais humilde. Ele, na presença do frei José Luiz, se submetia a tudo. Tudo que o frei José Luiz determinasse... estava resolvido. Com ele não tinha problema. Mas, agora com frei César, não sei.

PERGUNTA

VOCÊ ERA TOLHIDO PELO FREI JOSÉ LUIZ PARA A TOMADA DE DECISÕES?

Alex

No primeiro momento, eu acho que o frei José Luiz Prim até patrocinou a entrada dele como diretor, foi apadrinhado, até por ter um grau de parentesco entre eles... porque o frei José Luiz entendeu que o César seria uma pessoa, a avaliação que eu faço hoje, uma pessoa fácil de se manobrar: jovem, relativamente parente, para uma pessoa que tem aí 25, 30 anos dentro de colégio, ia ser uma pessoa fácil de se manobrar. O que não se demonstrou.

PERGUNTAS

E ESSA RELAÇÃO DE PARENTESCO? DÁ PARA EXPLICAR MELHOR?

O FREI JOSÉ LUIZ É SEU...

ELE É O QUE DO PAULO CUNHA?

VOCÊ É O QUE DO PAULO CUNHA?

A HISTÓRIA (NÃO) SE REPETE

RELACIONAMENTO FREI JOSÉ LUIZ E FREI CÉSAR

O FREI GUIDO TEM PARENTESCO , NESSA HISTÓRIA?
 E O PAULO SCHMIDT? ERA ESSE O NOME DO DIRETOR DO BOM JESUS
 CENTRO?
 ELE É PARENTE DE QUEM?
 ESSA RELAÇÃO DE PARENTESCO INTERFERE NAS TOMADAS DE DECISÃO?

RELACIONAMENTO FREI JOSÉ LUIZ E FREI CÉSAR

Alex

Aí, eu entendi o frei César. Num bate-papo informal com ele, ele falou para mim que... ele me deu a pista do que ele queria fazer. "Eu acho que o colégio deveria ser uma instituição independente do Instituto de Música". Aí a ficha caiu. Eu comentei com a Gisele na época, que era bibliotecária "Ele quer o colégio independente do frei. Vai botar o frei para fora da jogada"

PERGUNTA

CAIU A FICHA CERTA? ELE ENTENDEU VOCÊ?

Márcio

Na época, eu lembro que eu conversava com o frei César e foi ele quem teve a idéia de chamar o Bom Jesus para ajudar os Canarinhos. Principalmente por causa da questão financeira. O colégio estava com problemas, dívidas... E como Bom Jesus era da mesma província da Imaculada, ele teve a idéia... "Vamos chamar o Bom Jesus para poder ajudar a gente aqui!" E foi bom. Pelo menos, esse lado, sanou. Eu acho que se não tivesse chamado, talvez o colégio estava até ameaçado de fechar... uma crise muito feia.

Margarete

Porque era isso que a gente ouvia. O colégio está trabalhando no vermelho... Não tem dinheiro, apesar do que nunca atrasou nosso pagamento.

Alex

O colégio, naquela época, estava profundamente deficitário, pegando empréstimo para pagar empréstimo. Nós tínhamos uma inadimplência muito alta, absolutamente alta e nós tínhamos empréstimo para pagar empréstimo. As bolsas que o frei dava, que na época o Professor Waldemiro reclamou comigo, sem consultar o departamento financeiro para saber se havia viabilidade econômica para aquilo.

Por outro lado, as palavras do professor Waldemiro são essas, em resposta à esposa:

Lenira

Talvez. Agora, a escola estava causando prejuízo para eles?

professor Waldemiro

Nãããã!!! Financeiramente? Não! Financeiramente a gente não dava prejuízo, não. Tanto que, ultimamente, nós tínhamos um compromisso com o BNDS, de um empréstimo grande de quatrocentos e tantos mil reais. Tínhamos que fazer um esforço tremendo todo mês para reservar vinte e um mil reais, na ocasião, para pagar. Isso foi... Foi até junho de 99... Foi alguns meses depois que eu já tinha saído. Eu sai em final de 98.

PROBLEMAS FINANCEIROS NOS CANARINHOS

PERGUNTAS

- COLÉGIO ESTAVA OU NÃO EM DIFICULDADES FINANCEIRAS?
- COLÉGIO ESTAVA TRABALHANDO NO VERMELHO?

Alex

E aí, o frei César resolveu contratar uma auditoria para auditar o meu trabalho e o trabalho do Carlos Eduardo.

Margarete

Aí, quando chegou uma época, lá, colocaram numa empresa de cobrança. Houve uma auditoria lá dentro. Porque começaram a ver que a folha não estava dando pra pagar tudo.

PERGUNTAS

- FOI POR ISSO QUE OUVIU UMA AUDITORIA?
- QUE AUDITORIA FOI ESSA? SOLICITADA POR QUEM? O QUE ESTAVA AUDITANDO?
- PUXA, FREI CÉSAR, QUE HISTÓRIA É ESSA DE AUDITORIA, QUE EU NEM FIQUEI SABENDO? E EU QUE PENSEI QUE SABIA DE TUDO...

Márcio

Então, eles também tinham autoridade para questionar determinadas decisões administrativas dos gestores. E nessa época a gente percebia nitidamente que era como se fosse uma... disputa, não é? Grupo de gestores questionando de um lado... franciscanos questionando do outro. Então, foi uma época de conflito entre esses dois grupos. Os gestores... eu percebia isso... questionavam o modo de administração dos franciscanos e, por outro lado, os franciscanos questionavam esse modo de administração muito dura e sem muita humanidade por parte dos gestores. Essa guerra dava pra perceber, assim, nitidamente. Depois passou, não é? Terminou. Não sei o que aconteceu numa determinada época. Começaram a fazer reunião em Curitiba, para que os dois grupos se conhecessem, se encontrassem, se conversassem. E aí isso se dissipou. Não teve mais esse problema.

PERGUNTA

HAVIA ESSE CONFLITO? ELE SE DISSIPOU? COMO ERA? COMO FOI?

Odete

Eu acho que, no fundo, no fundo, eles queriam também, a impressão que eu tenho que estou de fora, que a própria instituição Bom Jesus quis dar uma puxada de tapete, uma rasteira nos freis. Eu tenho nitidamente essa impressão.

PERGUNTA

ODETE DIZ QUE ESSA É A IMPRESSÃO DELA, QUE ESTÁ DE FORA. E VOCÊ, QUE ESTÁ DENTRO, O QUE DIZ?

AUDITORIA

CONFLITO FRANCISCANOS & BOM JESUS

Odete

O que hoje eu ainda me questiono, eu não consigo entender, foi aquela nossa reunião que nós fizemos na sala do frei José Luiz, que veio frei José Luiz, frei César, você, Marisa e eu. E eles pediram para a gente falar tudo o que a gente via. Tinha um provincial... Não. Foi uma reunião secretíssima com o definidor, porque o definidor tem poder de decidir algumas coisas. E a reunião se perdeu no ar. A gente nunca soube o que aconteceu com aquela reunião. Frei César disse que eles viam, que eles vêm o Bom Jesus fazer algumas coisas que eles não concordam mas não fazem nada. Esse é o meu grande questionamento. Se a província é soberana, você tem definidores na Província que estão contra o Bom Jesus, percebia-se naquela época isso, por que não se faz nada?

PERGUNTAS

QUE REUNIÃO FOI AQUELA, FREI CÉSAR? QUAL ERA A INTENÇÃO?

E PORQUE NÃO SE FEZ NADA?

Odete

Lembra de uma reunião que ele fez sobre aumento de salário? Ele fez a reunião para anunciar. Então, eu acho que o próprio Bom Jesus quis queimar o frei César. Porque se ele anunciou um aumento de salário, foi autorizado por alguém.

PERGUNTA

QUE SITUAÇÃO FOI ESSA? QUEM AUTORIZOU E QUEM DESAUTORIZOU ESSE AUMENTO?

Marisa

O frei César seria o diretor da escola e viria alguém de Curitiba para ser o gestor, administrativo. Aí, foi quando chegou o Rui, que foi um fracasso... Foi uma coisa que ficou seis meses, só. Não deu certo. Acredito eu que ele não tinha experiência nenhuma.

Odete

Quando o Rui entrou. Eu nunca entendi muito bem, pois o Rui não era uma pessoa clara. Ele te abraçava, te beijava, te adorava e depois, com outra pessoa, ele... Eu não sei. Ele não era de confiança. O Rui nunca me passou confiança.

Silvia

Quando Rui foi embora, soube que ele havia me criticado muito em Curitiba. Logo depois, soube que ele foi mandado embora. Fiquei triste, confesso. Foi algo que não ficou resolvido. Eu o sentia tão amigo... Até hoje, algumas vezes, ainda penso se ele teria sido tão cafajuste.

PERGUNTA

O RUI NÃO TINHA EXPERIÊNCIA? O RUI NÃO ERA DE CONFIANÇA? ELE ERA UM CAFAJESTE? QUAL FOI O PROBLEMA?

Alex

Você não tem mais a figura do diretor. Aí, essa passagem, eu não sei se o César percebeu que aconteceria.

Silvia

Eu não esqueceria o dia em que eu fui, cuidadosamente, levar para o frei César a análise do novo modelo que regimento, que estava para ser aprovado, e que deixava à figura do diretor, apenas o caráter de representante da instituição. Todas as atribuições de decisão cabem ao gestor. Ele falou com certo cuidado que havia reparado nisso. Quando o regimento veio aprovado, sem modificação nesse item, perguntei novamente, e ele falou do quanto os freis ficariam mesmo mais liberados das atribuições administrativas, para poderem dar conta de uma representatividade religiosa, não só no colégio, mas em outros movimentos de atuação da província. Aquela história de poucos padres... Logo depois, os diretores frades de todas as escolas foram sendo transferidos e os gestores puderam acumular os cargos. Isso aconteceu em nosso colégio. Frei César foi embora e o Professor Milton assumiu tudo.

PERGUNTA

LEMBRA DESSA HISTÓRIA, FREI CÉSAR? O QUE ACONTECEU?

Odete

E aí, entrou o Milton, que eu também nunca soube a que veio. Também achava ele muito manipulado por Curitiba, meio que pau mandado. Ele cumpria ordens. Você ia falar com ele, ele nunca tinha uma resposta para te dar naquela hora. Nunca! Todas as vezes que eu ia tentar resolver alguma coisa com ele, ele pedia "Amanhã a gente resolve" A impressão que eu tinha era que ele ligava para Curitiba para saber o que fazer e, depois, no dia seguinte, dava uma resposta.

PERGUNTA

O MILTON ERA ESSE PAU MANDADO? A QUEM ELE DEVIA OBEDIÊNCIA?

Odete

O Watanabe, eu também não sei o que ele era.

PERGUNTA

PODE FALAR DELE, FREI CÉSAR? QUAL ERA A FUNÇÃO DELE?

Silvia

Uma idéia para o romance: Cada gestor tinha uma função: O Rui veio para queimar o próprio frei César, enquanto que o Watanabe queimava o frei José Luiz. O Ivan veio atacar a Odete. E o Milton veio acabar comigo. Deu tudo certo! Metas cumpridas!

PERGUNTA

O QUE VOCÊ ACHA DISSO?

Marisa

Sabe que eu estou pensando porque você foi demitida. Sabe uma coisa que talvez tenha pesado contra você? Aquela análise que você fez do livro, da esposa do Paulo.

PERGUNTAS

SERÁ QUE FOI, FREI CÉSAR?

LEMBRA-SE DAQUELA HISTÓRIA? PODE RECUPERÁ-LA?

ASSUNTO:

DEMISÕES

Margarete

Eu não sei se o frei César não queria ser diretor... se ele queria ser uma outra coisa dentro da ordem, que não era dele trabalhar com escola... Ele não estava satisfeito. Eu acho que o frei César, cá entre nós, ele estava ali naquele lugar –isso foi o que eu senti, o que ele me passou – como uma ponte. Ele estava ali, tinha onde morar, estava estudando, ia se formar, mas não era o campo dele ali. Ele queria mais. Ele queria mais. Ele queria muito mais. Mas, para ele conseguir esse muito mais, ele tinha que começar ali.

PERGUNTAS

ELA PERCEBEU BEM, FREI CÉSAR?

VOCÊ ESTÁ CONSEGUINDO SEU INTUITO? QUAIS SÃO SUAS ASPIRAÇÕES?

SUAS ASPIRAÇÕES

Alex

Ele (frei José Luiz) pediu que eu fosse levar uns documentos na sede do ... é um prédio que tinha o símbolo da LBV, mas não era mais. Era alguma coisa do INSS, em frente ao aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro. Pediu que eu levasse uma documentação lá que era para comprovar que o colégio tinha fins filantrópicos. Se o colégio perdesse a filantropia, ele teria que pagar uma carga tributária muito alta. Só que todos nós no colégio, sabíamos que o colégio não era filantrópico. O frei incluía na filantropia filhos de professor, que era um acordo sindical, não tinha nada a ver com filantropia, incluía filho de funcionários, etc e tal e algumas bolsas parciais, mas isso era insuficiente para gerar uma filantropia de 40%. E aí, o que aconteceu? Eu fui até o Rio, para poder entregar essa documentação e a fiscal lá embaixo no Rio abriu a documentação, conferiu e falou assim " Olha só! Já falei com o frei e vou falar novamente. Dessa forma, não vai passar. Não vai passar por Brasília. Ele não tem 40% comprovado. Então, o que nós vamos fazer. Eu vou ensinar como nós vamos fazer para conseguir provar os 40%. Ele vai mandar para o contador dele, o contador dele vai ter que modificar esses números – isso é fraudar aqueles números ! – para aí poder passar." Eu cheguei em Petrópolis, fui até o frei José Luiz Prim, expliquei para ele tudo " Olha, frei, dessa forma, ela falou que não vai passar e" Ele perguntou o que deveria ser feito e eu orientei e ele refez toda a papelada, eu fui para o Rio novamente, entreguei a documentação, ela conferiu " Bom, agora passa!" Só que aí, Silvinha, onde é que fica a ética, nessa história? O colégio não era um colégio filantrópico. O frei tinha me confessado que o colégio tinha recebido, uma vez, quinhentos mil reais, aproximadamente, no dinheiro da época, a fundo perdido do BNDS, para a construção daquele prédio. Então, era dinheiro público! Foi investido naquele prédio com a garantia de que ele daria 40% de bolsas para filantropia, porque ele não pagava impostos, ou seja, uma pancada de impostos, desde a luz até... uma pancada de coisa e o frei me fraudou o sistema com o apoio de uma fiscal do governo para o colégio continuar com a filantropia!!!

FILANTROPIA

PERGUNTA

ESSA É UMA DENÚNCIA! O QUE VOCÊ FEZ QUANTO A ESSA SITUAÇÃO?

Odete

E eu acho que frei César foi sangue novo na escola. Ele vinha com outras idéias, com outra mentalidade, com uma coisa mais moderna. Por isso é que eu acho que na verdade, frei César foi meio que enganado também. Porque ele vinha com uma proposta muito boa de educação, até de melhorias para a escola, melhoria para os salários dos professores. Então, ele buscou isso e na verdade, ele foi enganado. Não foi nada disso. Eu acho que prometeram para ele uma coisa e fizeram outra.

Margarete

Então, quando ele viu a primeira dificuldade, ele foi buscar uma ajuda. E nessa ajuda, eu acho que ele foi iludido. Sei lá, por esse grupo Bom Jesus. A gente vai fazer e acontecer. Vamos colocar o colégio nos eixos. E acho que ele entregou de mão beijada... eu acho que ele não esperava que fosse acontecer o que aconteceu.

PERGUNTAS

EU AINDA ACHO QUE TINHA MAIS GENTE POR TRÁS DESSA HISTÓRIA! VOCÊ PARTICIPAVA DAS GRANDES DECISÕES?

FOI SE SENTIU USADO? POR QUEM?

ESSA HISTÓRIA SE REPETE EM VÁRIOS COLÉGIOS DA PROVÍNCIA. VOCÊ PARTICIPOU DO GRANDE PLANO OU FOI UMA PEÇA DO JOGO, EM PETRÓPOLIS?

COMO FOI NOS OUTROS COLÉGIOS?

Odete

Uma vez, eu falei com ele isso. “Frei César, e quando você percebeu que estava sendo enganado? Não tinha como voltar atrás?” Ele diz que não. Não sei se tinha, entendeu? Eu acho que talvez o erro do frei César, o único, foi não se expor aos professores, chegar e falar “Olha gente, não foi nada disso que eu pensei.” Ele nunca se posicionou. Talvez a província não tenha permitido. Eu acho isso. Então, ele ficou como o vilão da história porque ele criou uma situação e depois, nunca explicou essa situação.

PERGUNTA

DARIA PARA EXPLICAR AGORA? VOCÊ ESTAVA OBEDECENDO ORDENS DA PROVÍNCIA?

Ilusão?

Márcio

Mas, só que o frei César, depois que chamou, e depois, eu até comentando com ele, ele falava assim que muitas vezes ele se arrependeu de ter chamado porque, por um lado ajudou, mas por outro, trouxe uma série de outras coisas.

PERGUNTA

VOCÊ SE ARREPENDEU DE ALGUMA COISA NESSA HISTÓRIA?

ARREPENDIMENTO

Odete

Agora não sei se ele tinha poder para mudar.

PERGUNTA

TINHA PODER PARA MUDAR? ACHAVA QUE DEVIA MUDAR? E HOJE? TEM PODER PARA MUDAR? E ACHA QUE DEVERIA MUDAR?

CANARINHOS VOLTAR

Margarete

Não. Às vezes eu sonho... Não é sonho dormindo, não. Quando eu estou assim sem pensar em nada, vem ainda alguma coisa que os Canarinhos vai voltar a ser Canarinhos. Os Canarinhos vai voltar a ser os Canarinhos.

Odete

Nossa, se alguém me falasse vamos voltar os Canarinhos, como era Canarinhos, eu ... na hora.

PERGUNTA

EXISTE ESSA POSSIBILIDADE? SERIA POSSÍVEL OU É APENAS UM SONHO?

entrevista com
frei César

22-janeiro-2006

ENTREVISTA COM FREI CÉSAR

22-JANEIRO-2006

Eu já não acreditava mais que conseguiria entrevistar frei César. Ele sempre vinha à Petrópolis com muita pressa e, depois, me passava um e-mail dizendo não ter sido possível uma visita. Pedi, então, que me enviasse um depoimento por escrito e, mais uma vez, veio a falta de tempo justificando a ausência do depoimento em dezembro e prometendo-o para janeiro.

O que aconteceu foi o mais inesperado. Enquanto eu transcrevia as outras

quando o provincial na época me pediu para estudar pedagogia e me preparar para assumir a direção desse colégio. Eu até aceitei estudar pedagogia, mas sem o compromisso de ter que, depois, ficar no colégio ou vir para cá. Mas aí, já estudando, fui-me envolvendo com o colégio e acabei, cada vez mais, mergulhando nesse tipo de trabalho no Canarinhos, me preparando em função dele e deixando a música de lado e me dedicando só mesmo à educação.

E me identifiquei bastante com o trabalho. Desde que eu vim e comecei a participar do colégio, foram nove anos que eu fiquei. Sete anos ainda com aquela estrutura do Instituto dos Meninos Cantores e, desses nove, sete anos à frente da direção do colégio.

E assim foi a trajetória de trabalho ali. Desde que entrei, eu procurei fazer um trabalho que tivesse uma marca muito franciscana. Então, nos estudos, até das fontes franciscanas, procurava entender uma proposta franciscana para educação para esse colégio. E fui percebendo que muita coisa já existia pelo cotidiano da vida dos frades ligados ao colégio, pelos próprios professores, funcionários, bastante identificados com uma proposta franciscana. Então, falar disso foi de uma aceitação muito grande, mesmo entre os alunos, como entre os professores e os funcionários.

Então, foi um trabalho que, para mim, foi de uma grande realização. Apesar de algumas dificuldades no aspecto mais administrativo, que o colégio tinha na sua estrutura, porque eu sonhava muito mais com aquela proposta franciscana de uma ausência total – ou quase – de hierarquia. Isso até caminhou durante um bom tempo, que é a proposta bem própria de São Francisco. E o espírito de igualdade e fraternidade foi bastante forte nesse tempo todo, fora uma dificuldade ou outra, que é normal por se tratar até de uma empresa que visa também um... um... uma auto sustentação.

É necessário, às vezes, um relacionamento patrão-funcionário e coisas desse tipo. E também, como empresa e cliente, isso tudo existia, mas conseguia estar, assim, revestido de uma roupagem muito tranqüila e com uma outra proposta bastante clara. Não sei se até aqui... mais falei sobre o início de como cheguei lá. Agora você quer que já entre em como foi se tornar... depois...

Silvia

A questão é: o trabalho é sobre a chegada do Bom Jesus no Colégio dos Canarinhos.

frei César

Ah, está bom.

Silvia

Como foi esse movimento.

frei César

Logo que entrei, mais pra começar o trabalho no colégio mesmo, comecei na orientação educacional. Frei José Luiz me pediu para participar das reuniões de Província. Tem um organismo na Província que congrega as escolas todas¹ e todo o trabalho de educação e também de comunicação, que se chama DEC.

Então, naquele ano de 93, eu fui participar pela primeira vez dessa reunião, onde vinham todos os frades que trabalhavam em educação. Na reunião, o ministro provincial da época... – não sei se precisa explicar essas coisas: provincial?

Silvia

Acho que não.

¹ Uma coisa que eu não sabia é que há outras escolas franciscanas em Petrópolis, com trabalhos semelhantes ao da antiga Escola Gratuita São José e que não são chamadas a participar dessa reunião que “congrega” as escolas da província. São 6 escolas franciscanas que funcionam em sistema mitra – convênio com a prefeitura.

frei César

... o ministro provincial da época escreveu um texto e colocou para nossa reflexão um questionamento muito grande, porque eram várias escolas espalhadas pelo território da Província, mas cada escola com uma vida totalmente independente, uma proposta educacional independente, quase todas muito afastadas da vida da Província.

Viraram, assim, uma espécie de feudos, com frades que ficaram muitos anos em cada uma delas e se tornaram quase que assim... foram identificados como donos desses colégios, embora o patrimônio e todo o trabalho tem uma história da Província por mais de cem anos, em quase todos eles, mas a Província perdeu bastante o controle desses colégios, a influência sobre eles.

Territórios da Província.

fonte: <http://www.franciscanos.org.br/fraternidades/ondeestamos/index.php>

Então, frei Estêvão provocava que os colégios formassem um *pool* que pudesse dar mais segurança para a Província. O acompanhamento dessas escolas, universidades, editoras... que tivesse uma central administrativa e, também, "orientativa" de espiritualidade, pedagógica e coisas assim, provocando uma renovação de todas essas escolas. Os frades mais jovens não concordavam e a grande maioria dos frades não concordava com o trabalho dessas escolas. Os frades mais jovens não se identificavam com o trabalho e não queriam assumir esse trabalho, de modo que foram ficando esses mesmos frades... por muito tempo.

Então, eu gostei muito dessa proposta, me interessei por ela, até porque eu estava na direção de assumir esse colégio, mas com aquela preocupação de, de repente, eu também me tornar um desses frades que ficavam a vida inteira, e não era o que eu queria para a minha vida de frade. A minha missão, eu entendia que deveria ser diferente. Gostava do trabalho educacional, mas não consegui me imaginar identificado a um colégio e me tornar um desses senhores feudais que ficassem muito tempo em uma instituição, apesar de todos os méritos que cada um desses que ficaram esse tempo tiveram, e foram muitos. Talvez, só por causa disso, esses colégios continuaram. Talvez, tivessem morrido bem antes e se acabado essa frente de trabalho; mas, em todo caso, eu não estava interessado em ficar. E, também, tinha a preocupação de assumir uma escola e perceber como ia ser a administração e tudo assim sozinho. Era uma responsabilidade muito grande. Então, achei a idéia do frei Estêvão muito boa e me empenhei para que as coisas caminhassem nessa direção. Mas, como ainda

estavam em cada uma das unidades esses frades que ficaram muito tempo, a resistência foi muito grande. Ninguém quis esse tipo de coisa por enquanto. Então, isso foi sendo gestado, pensado pelo frei Estêvão para ir acontecendo aos poucos com aqueles que fossem entrando mais novos nessas entidades.

Mas aconteceu que frei Estêvão terminou o tempo dele de provincial e entrou frei Caetano como o novo provincial, e ele pegou essa mesma idéia. Ele participava também dessa discussão, também vinha desse meio, tinha trabalhado em colégios e na universidade, e veio para trazer uma tranquilidade maior para a Província, diante de alguns problemas administrativos que começaram a aparecer. Segundo ele, o colégio de Lages estava com problemas bastante sérios de administração; já estava com uma dívida grande o colégio de Blumenau, com problemas sérios de diminuição de alunos assim muito gradativa; o colégio de Petrópolis estava bem estabilizado, mas era um colégio que não transmitia para a Província saúde administrativa, até por causa de uma prática do frei José Luiz de sempre ficar escondendo um pouco o jogo, ou querer buscar muito a ajuda de fora. Isso, para a Província, passava que a obra não tinha sua auto-sustentação. E o colégio que estava bem administrado e que passava essa segurança para a Província toda era o Colégio Bom Jesus, com a sua Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus.

Então, frei Caetano não teve dúvida e fez, de uma vez por todas, uma passagem mais drástica. Pegou o colégio que estava em pior situação, que era Lages, e já passou para a administração do Bom Jesus. Foi uma coisa bastante traumática mexer com os frades lá, e já anunciou para todos os outros que esse era o caminho para todos.

Então, fui tendo um contato com o Bom Jesus também, e a acolhida deles foi muito grande – você participou daqueles momentos – com muitas promessas de fazer um trabalho integrado, em conjunto. Como era essa a intenção da Província e como eles estavam dispostos a não simplesmente passar por cima de tudo, fiquei bastante aberto a essa possibilidade. E percebia que isso seria bom para o colégio. Ele ia crescer muito mais, ia ter um intercâmbio grande, não íamos mais estar pensando sozinhos, mas com todas as outras realidades, e poder contribuir para aquele sonho de uma educação mais franciscana, até num universo bem maior. Achei a idéia bem interessante, nós fomos buscando ajuda e, logo depois de um ano que o Colégio de Lages tinha entrado para a Associação, frei Caetano determinou que o colégio de Petrópolis também passasse a pertencer à Associação. Eu, da minha parte, acolhi a idéia, sem dificuldade nenhuma.

FREQÜÊNCIA.

COLÉGIO BOM JESUS: UM MODELO.

BOM JESUS COMO SAÍDA PARA A "SAÚDE" DA PROVÍNCIA.

FAC-SIMILE DO E-MAIL DO FREI CÉSAR.

frei César

Outros frades, frei José Luiz, a princípio, também acolheram a idéia com alguma outra reserva. Mas, assim que a coisa começou a funcionar... muitas reuniões para organizar a parte pedagógica, a parte administrativa, inclusive foi feito um documento que foi assinado, criando um conselho que iria administrar tudo. Eu fui transformado, naquela ocasião, em diretor geral, aqui do colégio e de todo o trabalho, e o conselho é que iria administrar e estaria orientando tudo, conversando com Curitiba, e não ficaram bem claros todos os trâmites de como isso iria acontecer.

Logo depois que eu assumi essa direção, foi nomeado, também, um gestor. Isso não estava bem claro no início, mas ele veio como uma espécie de gerente, para cuidar dessa parte mais administrativa. Assim era a idéia inicial. Então, isso foi aceito até com tranqüilidade para justamente fazer a ponte com a central, só que, depois, com o andar das coisas, a gente foi percebendo que a intenção não era tão parecida com aquilo que tinha sido combinado, com toda aquela proposta mais original que nós fomos recebendo.

Aí, o gestor já foi planejando até mais sozinho, talvez pelo perfil dele, desse que veio pra cá, que foi o Rui. Ele tinha uma idéia de que ele tinha autoridade máxima no colégio, e foi trazendo mudanças. A princípio, a gente discutia bastante, mas cada vez menos, e a ponte dele era direto com Curitiba. As informações ele mandava para Curitiba e buscava de lá. E criou uma ponte própria. Eu percebi que a tendência já começou a mudar. Tudo aquilo que a gente tinha combinado de início não estava sendo respeitado, que era manter as características do colégio, a história do colégio, até o uniforme, o nome... Tudo foi vindo, uma coisa atrás da outra, sem muita combinação. Cada vez, quando eu percebia que estava tendo uma coisa assim, eu questionava se era isso mesmo, e isso foi criando uma idéia de que eu era resistente à implantação do Bom Jesus, e a relação não foi ficando boa. Nem com o Rui, nem com outros personagens lá de Curitiba.

Foram muitas conversas, só que era uma situação delicada, porque a coisa estava nascendo ainda, essa transformação, e eu, diretor, representando essa mudança do Bom Jesus. Para todo mundo do colégio, toda comunidade dos

DIREÇÃO E GESTOR: ALADOS?

MUDANÇAS FORA DOS PLANOS INICIAIS.

professores e funcionários, tinha que haver uma defesa dessa transição para não surgirem resistências maiores. Então, logo no início, já no ano anterior a essa mudança, que foi no final de 98, eu fui apresentando à escola essa mudança. Você também junto, participando, e todo mundo – acho – acolheu com tranquilidade, sem maiores dificuldades.

Mas, assim que as coisas começaram a acontecer, no início de 99, se percebeu que não era bem como eu tinha apresentado, como a gente tinha sonhado que essa parceria... Se falava bastante em uma parceria e, de repente, se percebeu que era um “emcampamento”, se é que se pode usar essa palavra, e aí é que foram vindo as mudanças.

Eu até tinha escrito um artigo, no Jornal dos Canarinhos, que tinha na época, nas comunicações da Província, falando de toda essa transição como uma coisa muito positiva e com um ganho muito grande para o nosso colégio. Um grande acontecimento. Então, isso levou, também, a minha pessoa a ser identificada com toda essa transição. Cada vez que surgiam grandes impasses em uma sala de aula, eu ia lá conversar com os alunos, com os professores...

Começaram algumas demissões que não estavam também previstas no início. Foram vindo mais funcionários de Curitiba e eu percebi, um pouco, nesses funcionários, um certo preconceito com os antigos funcionários canarinhos, transparecia em algumas conversas um preconceito com o Estado do Rio de Janeiro. Parecia que Curitiba é que era o centro cultural, intelectual do mundo e havia uma certa idéia de que, no Rio de Janeiro, as pessoas não trabalhavam, enrolavam e não tinham uma seriedade naquilo em que faziam. Mas quando eles começaram a manter contato e a perceber que os funcionários daqui tinham uma qualidade, em muitas coisas até superior a eles, me pareceu que isso incomodou.

Aí, começou sucessiva queima de pessoas, esse ou aquele tinha que ser eliminado, é resistente. Essa idéia começou com as mudanças que geraram aquela crise muito grande, quando mudou o nome do colégio, mudou o uniforme, foram entrando outras situações e os alunos, que tinham um carinho muito grande pelo colégio, pela marca do colégio, pelo uniforme que usavam... Eles, em Curitiba, não imaginavam que houvesse essa simpatia, até porque, em outros colégios que eles entraram da Província, como Lages e Blumenau, não havia tanto essa relação – me pareceu, ou por aquilo que eles contavam.

Sabrina

Essa não é a lembrança que eu tenho do pouco que conversei com professores das outras unidades. Essas conversas eram breves sussurros, pois havia o medo de falar das inseguranças junto ao medo da demissão. Também não se sabia quem era o outro com quem se falava. Poderia ser um delator. Lembro-me, também, da paixão dos alunos e dos pais do Colégio de Blumenau por um projeto do diretor, frei, que propunha uma avaliação participativa, diferenciada da tradicional, que gerou o maior choque com a proposta do Bom Jesus. Isso contado por você na época.

frei César

E aqui, o carinho que eles tinham para o colégio, pela instituição, o respeito aos professores, aos coordenadores, aos frades, era muito grande. Isso parece que incomodou um pouco e fez com que eles tivessem que tomar medidas mais drásticas ou não souberam aproveitar esse grande potencial porque, como havia esse clima todo, seria muito mais fácil pra entrar e a acolhida era positiva. Poderia ter sido uma coisa realmente muito boa, mas as pessoas que vieram, os personagens que começaram o processo da mudança não tiveram essa sabedoria. Então, quiseram forçar a marca Bom Jesus, a qualidade deles, os funcionários deles. Ficava, então, sempre aquela coisa: “lá em Curitiba”, “lá no Bom Jesus”, e a gente parecia um elemento da periferia fora de todo o processo, recebendo esmolas, migalhas...

Então, a relação começou a ficar muito ruim. Na minha função, eu tive um papel de muita discussão interna: com frei Guido, que era o presidente, é o

presidente hoje; com Paulo Cunha, que é o diretor geral, e também continua sendo; e o próprio gestor aqui, o Rui, que tinha o Bonifácio Watanabe, que fazia o acompanhamento desses colégios que foram assumidos. As intenções foram sendo muito diferentes de tudo o que estava programado e aí foram aparecendo vários outros personagens de Curitiba, como o Guaraci, na parte de marketing, trabalhando todo um outro nome, essa mudança toda da imagem, colhendo na comunidade material de marketing, de divulgação da marca do Bom Jesus. Fizeram pesquisas.

Assim que eles assumiram, fizeram uma pesquisa na cidade e essa pesquisa colocou o colégio em uma situação muito boa, praticamente o colégio ficou sendo reconhecido pela comunidade como o melhor colégio de Petrópolis, o que melhor aprovava nos vestibulares na proporção de alunos. E, depois que eles assumiram, fizeram novas pesquisas e aquela primeira pesquisa simplesmente desapareceu. Então, houve todo um relacionamento, na minha opinião, muito desonesto, principalmente nesses personagens da transição. Tanto que o próprio Rui não conseguiu ir muito à frente. Ele ficou aqui uns quatro ou cinco meses. Eu já estava em uma situação de não suportar mais a tensão grande que era a pressão da própria comunidade escolar, os professores, os alunos, que tinham uma resistência ao que estava acontecendo e a pressão interna, como eu sendo resistente as mudanças por parte da diretoria do Bom Jesus.

Então, eu me coloquei à disposição da Província. Falei:

- Eu não vou conseguir fazer esse processo. Não era isso que a gente tinha discutido.

Eu estava pronto para sair. Tinha sido já transferido. Recebi minha transferência no mês de julho de 99 e ia já para o seminário de Agudos para trabalhar lá. Foi quando a coisa explodiu um pouco mais aqui em Petrópolis. Os professores fizeram uma certa reação ao gestor, o Rui, e também os alunos. E ele estava um pouco desequilibrado. Frei Guido me pediu para dar mais um tempo porque as coisas em Petrópolis não eram assim que tinham que acontecer e o gestor estava doente, desequilibrado, e eles iam levá-lo de volta para Curitiba e eles iam colocar um novo gestor, mas trabalhando de forma diferente para a gente conseguir aquilo que tinha sido planejado no início.

Depois de muita conversa, eu aceitei continuar e voltei para Petrópolis. A gente estava até naquele congresso em Curitiba - eu acho que você estava também - nessa ocasião. Eu já estava certo de sair e já tinha comprado a passagem para ir embora. Mas aceitei continuar e veio o novo gestor, que foi o Ivan. Ele, de fato, buscou trabalhar em conjunto, aproveitar aquilo que existia, a força nossa dos frades, dos coordenadores que estavam para que tudo voltasse a uma tranquilidade maior. Mas o próprio jeito de ele agir era um pouco diferente do que os nossos alunos estavam acostumados. Mas ele até que conquistou uma certa simpatia do colégio.

Sabrina _____

Conquistou? De quem? Só se foi dos freis. Os alunos e os professores o achavam prepotente. Era ele que dizia que nosso colégio não era colégio para filho de empregada doméstica. Era ele que não queria professor velho. Era ele o dono do saber.

frei César _____

Não sei qual era a intenção dele nesse processo todo. Depois, eu fui vendo, acho que havia uma intenção de recuperar o controle por parte do Bom Jesus e levar a situação pra frente, deixar as coisas passarem, esses alunos estavam no terceiro ano do ensino médio, que eram mais ligados ao colégio, iam sair ao final do ano, e assim as mudanças iam acontecendo aos poucos. Acho que a atitude dele foi também bastante desonesta.

Sabrina _____

Lembro-me de que, depois que ele foi embora, soubemos que era sua prática gravar as conversas que tinha com você, e não sei se com mais alguém. Ele provocava

assuntos delicados e incitava discussões para ter gravada sua opinião. Depois, levava essas gravações para Curitiba. Nem mesmo sei se ele gravou conversas que tive com ele também. Mas acho que não, pois ele não demonstrava o menor interesse pela pré-escola. Os problemas dele eram com o ensino médio, pelo interesse particular, parecia, de implantar no colégio o modelo do ensino médio do Bom Jesus Centro, onde ele havia sido o responsável anteriormente.

frei César

Percebi que as intenções não eram boas. Ainda foi um tempo, também, de muitas crises internas e a tensão continuava. E sempre, naquela situação de que eu representava um lado diante da escola, sendo questionado por outro, porque, para o mundo todo do Bom Jesus em Curitiba, eu era Canarinhos. E para o mundo do Canarinhos, eu estava fazendo a transição. Ficar nesse meio era muito complicado. Passava os dias inteiros atendendo pais na minha sala, questionando muitas coisas, como estavam acontecendo, atendendo os próprios membros da comunidade, indo às salas de aula...

Então, Ivan teve aquele problema de saúde, teve uma isquemia, mas a saída dele também já estava programada, pois era transitória a passagem dele aqui, e veio o Milton Mayer, prometendo toda uma outra postura, querendo trabalhar junto. Ele era um ex-padre, do mundo da educação, porque até aquele momento, os dois gestores não tinham uma formação pedagógica, muito menos franciscana. O modo de entender o colégio era bastante comercial e empresarial, e o Milton vinha prometendo toda uma outra postura.

A conversa foi boa, no início, mas eu percebi que ele era uma pessoa bastante insegura. Então, quando ele chegou e percebeu que aqui havia um diretor, que eu era o diretor, franciscano, com uma presença na escola, isso começou a incomodar. Ele veio, acho, com o sonho de ser o gestor e tocar tudo sem precisar prestar conta, sem precisar dialogar com o outro. Tanto que ele até relutou bastante para vir, demorou muito para de fato engrenar no colégio. Mas sempre com esse certo desconforto. A gente discutia bastante, mas eu percebia que ele não abria todas as informações. Acho que ele recebia as coisas de lá e não me passava. Depois, eu ficava sabendo. Eu ligava para frei Guido ou para Paulo Cunha e, aí, para ele, já passou uma idéia de que estava tendo uma crise, que eu estava resistindo ao outro e começaram a cobrar:

– Mas, já é o terceiro! – eu falei – eu não preciso ficar aqui.

Até para mim seria um alívio sair porque a pressão estava muito grande. Muitas demissões, as demissões não eram combinadas, quando eu ficava sabendo já tinham acontecido. Muitas pessoas que foram saindo. Então, ficava cada vez mais difícil explicar certas saídas ou certas situações. Às vezes, professores que estavam em primeiro lugar em termos de qualidade de ensino na opinião dos alunos eram demitidos. Eles questionavam ou demonstravam um pouco o modo de ser errado, ou o modo de fazer as coisas do Bom Jesus. Era uma estrutura que não permitia a autocrítica, nem crítica de fora. Tinha que se aceitar tudo como era e tinha que ser ou Bom Jesus ou nada. Quem quisesse ser Canarinhos parece que estava já assinando a sua carta de demissão. Então, toda essa situação... eu fui percebendo que havia um terrorismo com os professores e com os funcionários. Não dava mais para levar isso adiante. Então eu não quis, também...

(Troca de lado da fita K7.)

Eu nunca me manifestei como contrário ao Bom Jesus e às propostas que vinham de lá, para os professores, para os alunos, até porque eu era diretor e representava... com cada vez menos poder de ação, até o ponto em que eu não tinha mais nenhum poder de ação, as coisas aconteciam e eu não estava mais sabendo de nada. Então, eu tinha até procurado o provincial para sair mesmo do colégio, porque, assim, não seria possível. Como a Província já estava em um período de visita canônica, veio um visitador de fora, que conversa com todos os frades, vai tomando conta da situação e é ele quem autoriza qualquer

QUEM REPRESENTAVA O QUÊ?

A INSEGURANÇA DOS DE FORA.

DEMISSÕES NO LUGAR DA CRÍTICA.

A FAVOR.

transferência, e ele não autorizou a minha saída e, naquele momento, pediu que eu ficasse.

O Bom Jesus queria até que eu saísse. Já tinham programado isso, mas o visitante pediu para eu não sair, porque muito dessa coisa ainda precisava ser discutida. Então fiquei, na esperança até de discutir, mas percebendo cada vez que seria complicado. Então, a partir dali, eles negaram todas as informações. Eu só vinha ao colégio para assinar alguns documentos que precisava, históricos... e ia embora. Como as informações me eram negadas, então eu, também, não mais me envolvi no processo. Fui-me dedicar a outras coisas. Fui trabalhar na Baixada Fluminense, numa paróquia que tinha lá, durante a semana, e fui estudar na Fundação Getúlio Vargas. Fiz administração, até com um estudo que questionava um pouco toda essa forma de acontecer aqui em Petrópolis. A minha monografia era assim: "Como trabalhar com excelência administrativo-financeira em uma empresa de orientação católica-franciscana", tendo a orientação católica-franciscana como grande diferencial da empresa. Até como forma de fazer negócio mesmo, não de forma desonesta, mas pondo em prática todos os princípios cristãos e franciscanos e isso se torna uma grande forma de crescimento. Eu tinha trabalhado um pouco nessa direção e isso foi muito bem aceito. O meu orientador até me convidou para ir dar palestras, mas eu já tinha assumido outros trabalhos no Brasil... ah... (corrigindo-se) na Província, e não mais segui aquilo lá. Mas, foi um período em que eu estive bastante afastado do colégio, aguardando mesmo o encerramento do ano para poder ir embora. Já estava certo mesmo, mas eu procurei, nesse período todo, não entrar na tensão, que era grande em Petrópolis, entre os professores. Até por uma questão pessoal, era difícil ver aquilo tudo, como aconteceu e como o colégio tinha-se encaminhado e por um princípio de que essa instituição, mais do que Bom Jesus, ela é da Província.

O Bom Jesus também é da Província. Então, eu não poderia me voltar, como frade, membro da Província, contra a Província, quer dizer, voltar-se contra mim mesmo, contra minha casa. Então, me coloquei à disposição da Província. Percebi que a Província queria isso mesmo, que o Bom Jesus assumisse tudo e tocasse tudo, para trazer uma tranquilidade administrativa, que a Província não precisasse mais se preocupar com os colégios, que pudessem falir, ou que pudesse acontecer qualquer coisa.

Percebi que não havia muita chance de diálogo no mundo lá do Bom Jesus, desde a presidência, a direção geral... Acho que muitas histórias, nesse meio, aconteceram que não foram muito esclarecidas; então, o ambiente estava todo contaminado. Não tinha mais condições de pensar uma mudança, e eu não

totalmente. Foi tudo, ao longo do tempo, que eu fui percebendo, e eu não me perdi. Minha casa e a vida dos cristãos é muito importante. Foi tudo, ao longo do tempo, que eu fui percebendo, e eu não me perdi. Minha casa e a vida dos cristãos é muito importante.

agressiva vinda dele naquela ocasião. Aquilo gerou certo constrangimento para vários professores, o jantar ficou meio velório e, depois, a gente... Eu até, na época, acionei dois definidores, que eram do conselho da Província, vieram aí no colégio até para tirar isso a limpo, como isso tinha sido feito, conversaram com a gente, com os frades, conversaram também com as coordenações e ficaram um pouco por dentro do que estava acontecendo. Vocês, naquela época, até falaram bastante das coisas que eles diziam dos frades. Eles levaram isso para a Província, mas não havia muito mais possibilidade de diálogo.

Toda a fraternidade do Sagrado assinou um documento repudiando como as coisas estavam acontecendo, porque os frades, em Petrópolis, escutavam muito das suas amizades, das comunidades, do povo falando de tudo o que estava acontecendo. Então, foi feito esse documento de toda a fraternidade. Até frei Constantino assinou não aceitando, ele que tinha sido aluno do Bom Jesus lá em Curitiba, mas não concordando como as coisas estavam acontecendo aqui em Petrópolis.

Mas, tudo isso foi arquivado em uma pasta e está lá na sede da Província. Todas as coisas: vários manifestos de ex-frades, o Nishiura escreveu, outros depoimentos, mas frei Caetano achava que tinha que acontecer dessa forma mesmo, ia ser traumático, era assim e pronto. Fez e, então, tudo foi pra lá. E foi arquivado, até porque frei Guido era do Conselho da Província, então estava ali presente, o debate não ia muito longe por causa dele.

Depois, veio a segunda etapa, a de confirmação e, logo depois, eu fui embora mesmo. Fiz o que tinha que fazer, no final do ano, celebri a missa de formatura, mas não fui à colação de grau, até para não me emocionar muito nessa saída, e fui embora. Fui para Agudos e já me envolvi lá, com o trabalho de lá.

Depois, eu comecei a receber correspondência de ex-funcionários de lá de Curitiba, fazendo acusações de que a diretoria geral do Bom Jesus... que ali talvez houvesse corrupção na estrutura e que por isso precisavam eliminar os frades, para eles poderem... Acusava, mas não sei se é verdade. Em todo caso, começaram a chegar manifestos de ex-funconários, assinados assim: ex-funcionários do Bom Jesus Curitiba. Mas também, aqueles que fizeram – entre aspas – o trabalho mais sujo foram saindo de lá, foram sendo retirados. Esse Rui saiu, Guaraci saiu, o Watanabe saiu. E houve, lá em Agudos, um encontro de ex-seminaristas, onde encontrei Watanabe.

Eu não gostava muito das atitudes dele, quase não falava mais com ele, mas ele me procurou lá e queria conversar para se desculpar de tudo o que tinha acontecido aqui. Ele disse pra mim que ele era mandado aqui para tentar desmistificar o papel dos frades, que ele vinha com essa missão. Por quem ele era enviado, eu não sei dizer, mas era para espalhar boatos sobre nós frades, para tentar lançar a discórdia entre nós, os frades. Ele ia ao frei José Luiz e falava que eu estava querendo derrubá-lo. Vinha para mim e falava outras coisas do frei José Luiz. Tentaram cooptar frei Donizete, levaram-no lá em Curitiba e ele voltou muito indignado e brabo. Então, Watanabe confirmou aquilo que a gente, no fundo, já sabia: que existe esse movimento para tentar tirar um pouco a força da nossa presença entre os alunos e professores e facilitar a nossa saída sem causar problema maior. Isso eu pude perceber depois, que havia bastante desse movimento tão desonesto.

Você vê até o Ivan, que tinha se aproximado bastante, agiu desonestamente também. Provocava a gente, frade, a falar certas coisas, gravava e depois levava lá. Fazia umas coisas assim. Era todo um ambiente que não era sadio. Foi bom ter saído, pena não ter saído bem antes, para não se envolver com essa história toda, mas havia esse tipo de coisa. Acho que os frades em geral não sabem dessas coisas, na Província não sabem, e o frei Guido acho que também não sabia que existia todo esse movimento desonesto. Muitas histórias eram levadas para ele pelo próprio Milton. Depois, eu vim a saber de algumas não eram verdadeiras, como se nós, frades, estivéssemos brigando em

ABUSO DE AUTORIDADE.

CORRUPÇÃO CAI NA REDE.

O GOLPE.

DESCONHECIMENTO DOS

público, coisa que não existia. Inclusive, no processo de saída, a gente conversou bastante, tentando levar isso ao conhecimento da Província, mas não houve muita aceitação, até por causa das outras histórias que iam para lá.

Foi muita coisa acontecendo e tirar isso tudo a limpo era impossível e muito complicado também. Então, parecia até que a coisa tinha outra proporção. Foi quando eu saí e segui outro caminho. Na época, até para não entrar numa paranóia de perseguição, nessas idéias de conspiração, para não entrar numa coisa assim, eu procurei me afastar bastante e me envolvi em um outro tipo de trabalho. Frei José Luiz fez a mesma coisa e frei Donizete, até quando a gente se encontrava, não falava muito disso. Demorou bastante tempo para a gente começar a conversar mais sobre essas coisas, até para não ficar assim... Procurei me afastar da instituição ao máximo, porque eu percebi que as pessoas que estavam ligadas a mim sofriam algum tipo de perseguição.

Eu fiquei muito sentido quando soube da demissão da Maria Odete, da Marisa. Marisa era uma das professoras mais amadas do colégio. Eu me sentia culpado por isso. Eu me afastei. Na época, até você continuou no colégio, eu não entrei muito em contato, "porque se souberem lá que eu tenho algum contato com ela, ela não dura muito tempo". E assim foi com outras pessoas. Cada ano, com cada pessoa que eu encontrava, eu percebia que tinha essa situação.

Mas, lá em Curitiba, depois disso, eu percebi que eles foram eliminando essas pessoas também de lá, que faziam esse núcleo sujo, se a gente poderia dizer assim, corrupto... Foram sendo eliminados um-a-um e, então, permaneceu só Paulo Cunha como diretor geral. Eu o identifico como sendo o mentor de tudo isso. Eu acho que parte dele tudo isso e ele deixa frei Guido sem saber um pouco das coisas. Eu acho que ele coloca outras pessoas para fazer esse serviço sujo e, depois, elimina essas pessoas. Acho que foi isso que ele fez. Ele é uma pessoa muito inteligente. Tem o respeito até hoje da Província. É o diretor geral do Bom Jesus e é o pró-reitor administrativo da Universidade de São Francisco, e essas duas são as maiores empresas da Província, e ele está à frente.

Ele é o grande responsável, quem foi planejando. Foi ele quem me recebeu nas primeiras vezes, desde 96, com todo um outro discurso, e, de repente, quando a coisa fervia, ele desaparecia. E aí vinham essas pessoas falando em nome do Bom Jesus. E é claro que alguém tinha que autorizar esse trabalho, essas coisas todas. Em parte, acho que os próprios gestores tinham a sua arrogância, imaginavam que iam chegar aqui e todo mundo ia cair aos pés, mas percebiam que havia um trabalho bom, uma história. O empenho grande deles era, também, negar essa história. Mas eu acho que muita coisa que veio de Curitiba veio assim coordenada, muito bem pensada estrategicamente pelo Paulo Cunha, o grande mentor disso tudo. E conversando com os frades dos outros colégios que passaram pelos mesmos processos, a gente percebe que os processos foram os mesmos. A estratégia de conquistar as pessoas e os frades e depois colocar mudanças que não estavam no planejamento: o mesmo tipo de situação.

Alguns se calaram, deixaram a coisa acontecer, não estavam tão ligados à história anterior; mas, em geral, a coisa foi bastante traumática. Foi uma opção. Frei Caetano permaneceu quase nove anos à frente da Província, e ele não quis muita discussão em torno disso e, enquanto ele estava à frente, a coisa não foi muito além. Hoje, nós temos outro provincial, que é o frei Augusto, e eu também faço parte do Conselho Central da Província. Então, às vezes se discute, mas já fica uma coisa muito passada. As unidades todas do Bom Jesus já passaram por um processo de uma certa humanização, se a gente poderia falar assim, foram eliminando umas certas tensões que existiam e caminham numa certa normalidade. E toda essa história que aconteceu nesses processos foi um pouco sufocada. Falar muito disso é como se você estivesse colocando sua mágoa pessoal, traumas que cada um teve. A gente conversa muito entre os frades, os que conhecem essa realidade, os que participaram, mas não há mais intenção de fazer todo um levantamento.

A coisa segue em frente e, hoje, o que a Província está planejando é,

FRADES.

AMBIENTE RUM.

CULPA.

O FREI-EMPRESÁRIO.

O GRANDE CULPA DO.

DISCUSSÕES ESPORÁDICAS.

quem sabe, chegar a essa central, que era aquela primeira idéia do frei Estêvão, no início dos anos 90: ter na central da Província, uma sede que administre todas. Tem já a universidade e o frade que é o responsável pela economia da Província, ele também é o presidente da mantenedora da Universidade de São Francisco e, aos poucos, também, talvez, vá ser da Associação. Vai ser outro processo traumático. Então, tem que ser mais devagar, mas é uma tendência.

Não há mais tanto o interesse de levantar essa história passada do que aconteceu na Província. Nós temos, a cada três anos, o que se chama de Capítulo Provincial, que é a reunião dos frades representantes de todos os lugares, e que discute as linhas da Província, a orientação da Província. Lá, de vez em quando, esse assunto vem à tona; então frei Guido dá o posicionamento dele. Eu já me manifestei. Frei José Luiz já se manifestou mais vezes. Mas já não mais tentando colocar tudo aquilo. A gente mais se manifesta quando percebe que tem alguma acusação, de que o colégio, por exemplo, aqui em Petrópolis, estivesse mal administrado, mal pedagogicamente. Mas, ficou um pouco dessa fama, talvez devido àquele período em que foi adquirido aquele terreno da parte de trás..., do Orquidário Guinle². O colégio não tinha condições de comprar e se saiu pedindo pela Província, então, isso passava sempre uma idéia de que o colégio não tinha muitas condições. Talvez o colégio pudesse ter comprado e parcelado, mas a coisa, como foi, deixou aquela idéia de que o colégio tinha uma administração frágil, e talvez fosse um pouco frágil mesmo para enfrentar situações de mercado, mas era um colégio em crescimento e iria crescer cada vez mais. Precisava, talvez, em algumas coisas uma administração mais tranqüila, sem muitos altos e baixos, que a própria economia brasileira ia passando naquele período.

(Aqui, frei César silencia, talvez até descansando um pouco da longa fala. Eu aproveito para puxar, então, as questões que eu havia reservado.)

Silvia

A gente poderia passar agora para as perguntas, pensando até em termos de tempo?

(Frei César concorda.)

Eu fui tentando organizar as questões por assunto. É interessante, porque a grande questão que aparece nas entrevistas é "quem decidiu trazer o Bom Jesus?". E aí, você vai para a berlinda.

Professor Waldemiro

No meu entender, foi uma decisão unilateral da Província, ninguém foi consultado (falando sobre a vinda do Bom Jesus).

Margarete

Mas, eu acho, particularmente, e eu não sei nada disso, que quem começou a fazer essa mudança, não sei se iludido ou não, foi frei César.

Alex

Ele foi o grande arquiteto da mudança.

PERGUNTA

FOI UMA DECISÃO DA PROVÍNCIA OU UMA AÇÃO APENAS DE SUA PARTE?

² Trata-se de terreno, comprado pela Província, localizado atrás da área do Colégio dos Canarinhos, para ser agregado ao espaço do mesmo. O terreno possui ampla área de preservação ambiental da mata atlântica, tem uma construção que é tombada pelo patrimônio histórico e foi, em outros tempos, um orquidário da tradicional, em Petrópolis, família Guinle.

frei César

Acho que essa resposta está um pouco dentro daquele movimento de que eu falei, que vinha desde frei Estêvão, tentando centralizar a administração de todos os colégios. Mas o decreto para que o Colégio dos Canarinhos, todo o Instituto, passasse a fazer parte do Bom Jesus foi em final de outubro de 98 e foi por um decreto da Província. Eu, inclusive, estava na Europa, participando da beatificação do frei Galvão e, quando cheguei no aeroporto, frei Donizete foi-me buscar e já estava com os documentos me mostrando o que tinha acontecido no colégio. Mas eu, quando soube da notícia, não fiquei triste não. Achei que era o que se pensava. Não vou dizer que lutei contra isso. Não! Até achei que tinha que acontecer mesmo, só que não pensava que ia ser dessa forma. Não era isso que estava combinado e nem era isso que estava naquele documento.

Margarete

Ele achou que aquilo iria ser muito bom para Petrópolis e iria mudar muita coisa. Ele foi envolvido por isso. Eu acho que ele achou que aquilo seria uma boa para o colégio, para os professores e ele viu que não foi.

Lenira

O ideal de frei Leto se realizou.

PERGUNTAS

FOI BOM PARA PETRÓPOLIS?

O QUE VOCÊ ACHA? BOM JESUS É O IDEAL DE FREI LETO?

frei César

Eu não posso dizer do ideal do frei Leto. Se eu conheci frei Leto, encontrei com ele umas duas vezes, assistindo ao coral ainda quando eu era criança. Eu não sei qual era o ideal dele. O grande sonho dele era o coral. Pelo que frei José Luiz me passava, ele tinha o sonho de fazer um internato lá naqueles quartos. Como foi feito o Instituto, foi pensando nisso, um internato para acolher meninos cantores e fazer um trabalho assim muito intenso de música e tudo. Acho que ele não pensou muito na escola, porque a escola é muito anterior ao frei Leto. É um outro sonho e que eu acho que o Bom Jesus não está de acordo com aquele sonho de mais de 100 anos, de 1897, daqueles primeiros frades, frei Zeno..., frei Ciriaco...

Esses frades se empenharam na educação dos pobres, quer dizer, eles chegaram em Petrópolis e perceberam grandes carências. Uma grande carência foi a educação dos pobres, ou então, dos filhos de colonos alemães, que não tinham escolas, não falavam português, e os filhos dos escravos recém libertados e que estavam abandonados. Então se dedicaram a isso. Fizeram escola bilíngüe, no início, para atender às duas realidades, e se empenharam muito para ser uma escola sempre gratuita e tinha esse enfoque muito grande no início e foi assim durante quase oitenta anos de escola, voltada para a classe pobre e para os menos favorecidos. Isso era a grande marca. Todos frades que a conheceram, todos os frades tinham grande estima por essa escola, mais que pelas outras, em função disso.

As outras escolas se modernizaram mais cedo e se tornaram grandes complexos e atenderam uma classe mais abastada, e essa aqui não. Ela conseguiu, durante muitos anos, se manter. E aí, foi devido a idéia do frei Inácio fazer a tipografia, que depois se tornou editora, mas que, durante muitos anos, foi a editora que pagou o salário dos professores e que ajudou a manter o próprio Canarinhos, quando estava a frente frei Ludovido Mourão de Castro.

³ Forma de se referir ao antigo endereço do colégio, à Rua Frei Luiz, devido a nova localização em terreno "no alto".

QUEM DECIDIU "TRAZER" O BOM JESUS?

IDEAL FRANCISCANO

Tinha todo esse encaminhamento. Com frei Leto é que surgiu a primeira escola particular, aqui no Instituto, quando ele trouxe o coral aqui para a Rua Santos Dumont. Ele fez ali uma escola particular no período da manhã para ajudar a manter o próprio instituto. Lá embaixo, continuou a escola gratuita, até quando veio a escola toda para cá, já com a administração do frei José Luiz. Ele diz que era uma tendência, que não tinha mais como ser diferente. O convênio com a prefeitura era complicado porque ele não podia escolher diretores, não podia escolher professores, não poderia tirar alunos, uma série de situações, e a Editora Vozes não poderia mais bancar a escola. Então, caminhou pouco a pouco para uma escola particular.

Então, não sei se isso era sonho do frei Leto, se estava ligado a ele ou não, ou se foi mais uma iniciativa que não teve outro jeito de não ser assim para a obra ir adiante, senão eu acho que ela até teria acabado. O coral ia acabar, talvez não iria adiante. A escola, cada vez mais, estava incomodando... o espaço, porque a editora queria espaço, tinha um projeto, que até foi desenhado, pensado uma solução global de tudo aquilo lá. Ao invés de fazer o Instituto de Teologia novo, que agora é lá na Rua Coronel Veiga, se pensava em fazer ali a editora, que iria usar toda a parte térrea e, em cima, seria o Instituto teológico e uma grande biblioteca. Então, tinha tudo isso: os espaços para a paróquia, para o convento. A escola estava com os dias contados. Então, a solução da Rua Santos Dumont foi o que salvou a escola. Mas aí, o mérito é muito mais do frei José Luiz, do sonho de ter feito acontecer esse colégio aí crescer ao tamanho que é.

O colégio de Petrópolis nem era convidado para as reuniões de colégios da Província, no passado, porque não era considerado, era uma escola gratuita, paroquial, de pouca importância, como tem aqui em Petrópolis seis escolas paroquiais. A do Bingen, por exemplo, ela é da Província, o terreno, o prédio, mas ela é conveniada com a prefeitura e tem 800 alunos. A da Mosela, aí já é da paróquia e pertence à diocese, mas são escolas assim... A Escola Gratuita São José era mais uma dessas, só que, em função do coral, é que surgiu uma escola particular, em continuidade à escola gratuita e se tornou, então, o Colégio dos Canarinhos e, depois, Bom Jesus. Mas, pode-se dizer que é uma criação recente, nova. Não é mais aquilo lá nos tempos em que frei Leto assumiu. Frei Leto, no entanto, pensava mais na parte do coral, que o coral não morresse. Não sei se o coral, como é hoje, é o que ele sonhava também. E ele, talvez, tinha uma outra ligação com a Província. Não era apenas mais um coral.

Alex

Apesar do nozinho, nenhum deles ("os franciscanos") vive. Então, eles vivem para o pobre, quando muito com o pobre. Agora como pobre, não. Só que a opção de Francisco não foi essa. E aí é por isso que eu não chamo essas pessoas de franciscanas. Porque a opção de Francisco não foi viver para o pobre, não foi viver com o pobre, mas foi viver como pobre, no meio deles, passando as mesmas dificuldades que eles, vivendo do que eles têm, trabalhando junto, suando a camisa, e muito, para poder vislumbrar uma vida melhor para o seu semelhante.

PERGUNTA

A ASSOCIAÇÃO PODE SER CHAMADA DE FRANCISCANA NA HORA EM QUE ELA ABRE MÃO DESSA OPÇÃO PELOS POBRES?

frei César

Eu tenho como convicção pessoal, já de muito tempo, que a gente tem que se voltar para os menos favorecidos. Antes de entrar no Canarinhos, isso era bastante forte. Eu achava que a gente ou trabalha voltado para os pobres, ou então entregamos os colégios todos. Não faz sentido a gente ficar trabalhando com a elite. O que eu percebi, aqui em Petrópolis, é que tinha um trabalho

diferenciado. Foi possível implantar uma filosofia de ensino franciscano formadora de toda uma geração. Ontem, eu encontrei muitos ex-alunos e você nota isso neles, na alegria como falam disso, do tempo em que passaram ali e também, naquela perspectiva, a gente não tinha a preocupação de elitizar o colégio e nem de atingir a elite. Acho que a elite é muito mais difícil de ser trabalhada, receber uma proposta como a franciscana, então, a resistência é muito maior. Dá para perceber isso em outras escolas elitizadas.

Eu lembro até de uma escola de irmãs, que elas falaram que não conseguiam nem rezar com os alunos. A resistência era enorme. Na nossa realidade ali, não. Havia uma abertura muito grande para qualquer coisa como discussões, dias de formação... Então, acho que, ali, os nossos alunos eram de uma classe média baixa, na sua grande maioria, e pobres também. Então, com o sacrifício de alguns, bolsas, descontos, com o coral, com outros benefícios, se conseguia. Dava para levar sem a preocupação de transformar aquilo em um negócio. Acho que a filosofia era franciscana.

Agora, quando a filosofia é a do negócio, e o aluno só me interessa se ele pode pagar, aí, acho que é altamente contraditório. Então, não é mais o nosso espaço, não deveríamos estar ali. Há quem justifique, os próprios funcionários do Bom Jesus, que a escola pode gerar dinheiro e, daí, se investir em outras obras sociais. Mas só que o Bom Jesus é uma entidade sem fins lucrativos, então, não pode. Se o Bom Jesus produz dinheiro para investir em obras sociais, eu acho que não é certo. Não está de acordo com a sua estrutura, mas eu não sei dizer se ele tem essa filosofia. Quando me afastei, fui perdendo, cada vez mais, a visão da obra como um todo. Eu não sei dizer se é uma empresa fria que só visa o lucro. Se for, acho que não é lugar franciscano e nem deve receber o nome franciscano.

Alex

No primeiro momento, eu acho que frei José Luiz Prim até patrocinou a entrada do frei César como diretor, foi apadrinhado, até por ter um grau de parentesco entre eles... porque frei José Luiz entendeu que César seria uma pessoa, a avaliação que eu faço hoje, uma pessoa fácil de se manobrar: jovem, relativamente parente, para uma pessoa que tem aí 25, 30 anos dentro de colégio, ia ser uma pessoa fácil de se manobrar. O que não se demonstrou.

PERGUNTAS

E ESSA RELAÇÃO DE PARENTESCO? DÁ PARA EXPLICAR MELHOR?

FREI JOSÉ LUIZ É SEU...

ELE É O QUE DO PAULO CUNHA?

VOCÊ É O QUE DO PAULO CUNHA?

O FREI GUIDO TEM PARENTESCO NESSA HISTÓRIA?

frei César

Frei Guido, eu não sei. Frei João Crisóstomo Arns era o diretor geral do Bom Jesus, trabalhou 40 anos na instituição, fez ela crescer.... Paulo Cunha é Paulo Arns da Cunha, é sobrinho do falecido frei João, mas eles não tinham boa relação. Paulo demitiu as irmãs do frei João, acho que a própria mãe dele. Ele partiu para outra linha que não era a linha do frei João Crisóstomo. Então, o parentesco ali é ocasional. Não foi o frei João quem trouxe Paulo para o Bom Jesus, foi frei Agostinho. Ele trabalhava em outro ramo, acho que trabalhava na Siemens. Então, o parentesco ali não significa nada. Muito pelo contrário.

No meu caso, com o frei José Luiz também não há um parentesco. Não é tão próximo como Paulo Cunha e frei João. Eu tenho o sobrenome Prim por parte

de mãe, mas eu e ele não temos nenhum grau de parentesco próximo de forma nenhuma, só se for muito remoto. Apenas o sobrenome da minha mãe é o mesmo dele. Mas é uma coisa bem distante. Acho que eu não fui escolhido por questões de família, nem por ser fácil de manobrar, nada disso. Eu fiz estágio ali, me identifiquei com a música e, a partir disso, frei José Luiz achou que poderia... Mas ele já havia feito esse convite a vários outros frades também. Ele chegou a preparar outros frades, que não quiseram ou foram para outros trabalhos. Frei Luiz Henrique, por exemplo, tinha trabalhado na escola e ele tinha insistido muito com Luiz Henrique. Então, ele estava procurando um pouco desesperadamente alguém. Eu acho que era uma preocupação que ele não precisava ter, porque isso a Província que tem que garantir. Mas ele queria alguém. Ele estava até um pouco assim traumatizado por alguns que trabalharam e saíram. Houve uma seqüência de frades que não permaneceram. Então, eu entrei ali pela música. Foi isso que eu fui buscar.

Depois, foi a Província que pediu, claro que também por uma indicação dele, mas era claro, na nossa conversa, que ele queria que eu assumisse para ele se retirar, e eu nunca tinha isso muito claro, que eu iria assumir e ficar ali sozinho. Não era isso que eu planejava também. Mas eu nunca assumi, desde o início, o trabalho no Canarinhos como eu sendo uma seqüência dele, um herdeiro dele. Eu assumi ali como frente de trabalho da Província, da qual ele é membro e eu também. E a gente tinha uma boa relação. Mas não assim, que ele é o dono, idéia antiga que talvez se projetava em alguns desses frades que ficavam muito tempo e foram identificados como os donos das instituições. Então, ele escolhia um herdeiro. O patrimônio e o trabalho são da Província, já antes dele, há muito tempo; então, eu entrei ali como trabalho da Província. Eu fui estudar, fui-me preparar, fiquei ali em contato, mas tendo sempre claro que a Província poderia me chamar para qualquer outro serviço e eu estava ali nessa disposição. A questão de parentesco não existe.

Márcio

Na época, eu lembro que eu conversava com frei César e foi ele quem teve a idéia de chamar o Bom Jesus para ajudar o Canarinhos. Principalmente por causa da questão financeira. O colégio estava com problemas, dívidas... E como Bom Jesus era da mesma Província da Imaculada, ele teve a idéia...

- Vamos chamar o Bom Jesus para poder ajudar a gente aqui!.

E foi bom. Pelo menos, esse lado, sanou. Eu acho que se não tivesse chamado, talvez o colégio estava até ameaçado de fechar... uma crise muito feia.

Margarete

Porque era isso que a gente ouvia. O colégio está trabalhando no vermelho... Não tem dinheiro, apesar do que nunca atrasou nosso pagamento.

Alex

O colégio, naquela época, estava profundamente deficitário, pegando empréstimo para pagar empréstimo. Nós tínhamos uma inadimplência muito alta, absolutamente alta e nós tínhamos empréstimo para pagar empréstimo. As bolsas que o frei dava, que na época o professor Waldemiro reclamou comigo, sem consultar o departamento financeiro para saber se havia viabilidade econômica para aquilo.

Silvia

Por outro lado, as palavras do professor Waldemiro são essas, em resposta à esposa:

Lenira

Talvez. Agora, a escola estava causando prejuízo para a Província?

Professor Waldemiro

Nããããão!!! Financeiramente? Não! Financeiramente a gente não dava prejuízo, não. Tanto que, ultimamente, nós tínhamos um compromisso com o BNDS, de um empréstimo grande de quatrocentos e tantos mil reais. Tínhamos que fazer um esforço tremendo todo mês para reservar vinte e um mil reais, na ocasião, para pagar. Isso foi... Foi até junho de 99... Foi alguns meses depois que eu já tinha saído. Eu sai em final de 98.

PERGUNTAS

COLÉGIO ESTAVA OU NÃO EM DIFICULDADES FINANCEIRAS?

COLÉGIO ESTAVA TRABALHANDO NO VERMELHO?

frei César

É, o professor Waldemiro era o mais autorizado para isso.

Alex

E aí, frei César resolveu contratar uma auditoria para auditar o meu trabalho e o trabalho do Carlos Eduardo.

Margarete

Aí, quando chegou uma época, lá, colocaram numa empresa de cobrança. Houve uma auditoria lá dentro, porque começaram a ver que a folha não estava dando pra pagar tudo.

PERGUNTAS

FOI POR ISSO QUE OUVI UMA AUDITORIA?

QUE AUDITORIA FOI ESSA? SOLICITADA POR QUEM? O QUE ESTAVA AUDITANDO?

PUXA, FREI CÉSAR, QUE HISTÓRIA É ESSA DE AUDITORIA, QUE EU NEM FIQUEI SABENDO? E EU QUE PENSEI QUE SABIA DE TUDO...

frei César

Essa auditoria foi solicitada por mim e pelo frei José Luiz. Nós conversamos juntos, mas não era sobre o trabalho do Alex e do Carlos Eduardo. É que nós, aquela ocasião, estávamos com o trabalho de cobrança fora, com um advogado que tinha uma firma de cobrança, e mais o trabalho de cobrança interna, também, que era feito na secretaria. Na forma como era feito, o programa de informática que era usado começou a dar uma insegurança muito grande para a direção, principalmente o professor Waldemiro que tinha essa insegurança, porque a gente começou a ficar muito dependentes do Alex. Ele queria fazer o serviço de negociação com os pais e começou a extrapolar a própria função dele em muitas coisas. Ele até tinha um perfil muito parecido com esses do Bom Jesus, dos que vieram. Ele entrou lá e foi entrando em todas as áreas. Ele foi chamado só como técnico, para cuidar da parte de informática, mas foi transformando as coisas muito dependentes dele.

Então, tudo o que precisava de computador, ficava cada vez mais engatilhado para que ele se tornasse fundamental. Para não ficar nessa situação, nós chamamos a consultoria do pessoal que trabalhava na Celma, que fazia, também, o serviço de informática lá e tinham um serviço de auditoria; então, eles investigaram toda essa parte financeira, parte do sistema de cobrança, e apontaram muitas deficiências. Foi quando Alex saiu, depois que apontaram que

PROBLEMAS FINANCEIROS NOS CANARINHOS

AUDITORIA

havia coisas não honestas da parte dele, do trabalho dele, e que ele estava também, entrando no pedagógico, nas aulas de informática.

Não era o caso do Carlos Eduardo. Eles também apontaram várias saídas de que programas a gente deveria usar para gerar os boletos de cobrança, que programa usar para parte pedagógica, que programa usar para o serviço de cobrança e como o serviço de cobrança estava agindo conosco. Foi uma coisa assim que aconteceu, mais interna, que nós pedimos para ter uma orientação, frei José Luiz, professor Waldemiro e eu. E a partir dali, nós tomamos certas decisões. Nós íamos precisar de um grande investimento para organizar toda essa parte. Foi quando o Bom Jesus ofereceu toda essa parte, um sistema que já tinha para cobrança. Ali, foi que nós tomamos certas medidas. Acho que foi em 1997, 1998. Não tenho nem presente o ano que foi.

Odete

Lembra de uma reunião que ele fez sobre aumento de salário? Ele fez a reunião para anunciar. Então, eu acho que o próprio Bom Jesus quis queimar o frei César. Porque, se ele anunciou um aumento de salário, foi autorizado por alguém.

PERGUNTA

QUE SITUAÇÃO FOI ESSA? QUEM AUTORIZOU E QUEM DESAUTORIZOU ESSE AUMENTO?

Silvia

Na época, não lembro disso ter relação com o Bom Jesus. Para mim, isso foi um problema com o professor Waldemiro. E essa foi uma situação que causou confusão no colégio.

frei César

Causou. Isso eu acho, foi em início de 98. Nós estávamos dentro daquele trabalho de qualidade total, de valorização dos funcionários, professores. Algumas coisas, o próprio Bom Jesus tinha indicado e nós fizemos um planejamento, acho que você também participou desse planejamento, de como ir valorizando os funcionários. Então, a idéia dos anuênios, de quanto daria ou não de anuênios... Ao invés de dar grandes aumentos, ir fazendo isso mais vezes e também por mérito, para o professor que ficasse mais tempo no colégio e... mais aulas, mais anos de colégio, mais tempo de dedicação ao colégio. A partir disso, nós fizemos um projeto e foi discutido junto com o frei José Luiz, o Waldemiro, e foi isso que eu anunciei. Nós íamos dar um aumento de um percentual que eu não me lembro mais quanto era, numa época, e depois, no segundo semestre, daria outro percentual. Não tudo no início do ano. Estava tudo planejado. Mas, depois que nós combinamos, tudo certo, eu anunciei aos professores que ia ser assim, mas quando foi na ocasião de fazer, eu senti que professor Waldemiro e frei José Luiz não tinham entendido.

Então, a coisa não estava bem clara. Dessa vez, aconteceu um certo estranhamento entre nós, eu fiquei meio irritado mesmo, a gente discutiu bastante. Não sei porque, acho que o dinheiro que estava reservado para isso foi gasto em outra coisa, ou não foi feito um planejamento como deveria. Então, era essa a situação. O colégio estava bem financeiramente, mas a administração, às vezes, não conseguia fazer esse planejamento mais objetivo. Então, comprometeu coisa que já estava anunciada. Eu me senti muito mal, fiquei chateado com aquilo e foi um momento de certa crise interna. Mas depois, a gente conversou, acertou, discutimos, foi feito uma parte e eu só falei que eu não mais anunciaria. Acho que foi o professor Waldemiro quem falou alguma coisa, depois, com os professores. Mas teve alguma coisa assim. Eu vejo isso assim, dentro de um normal, não foi um racha que aconteceu, houve um desentendimento, uns entenderam, outros não e

depois a gente acabou esclarecendo as coisas.

Silvia

Falando agora já do tempo do Bom Jesus e de uma lembrança minha:

Eu não esqueceria o dia em que eu fui, cuidadosamente, levar para frei César a análise do novo modelo que regimento que estava para ser aprovado e que deixava à figura do diretor apenas o caráter de representante da instituição. Todas as atribuições de decisão cabem ao gestor. Ele falou com certo cuidado que havia reparado nisso. Quando o regimento veio aprovado, sem modificação nesse item, perguntei novamente, e ele falou do quanto os freis ficariam mesmo mais liberados das atribuições administrativas para poderem dar conta de uma representatividade religiosa, não só no colégio, mas em outros movimentos de atuação da Província. Aquela história de poucos padres... Logo depois, os diretores frades de todas as escolas foram sendo transferidos e os gestores puderam acumular os cargos. Isso aconteceu em nosso colégio. Frei César foi embora e professor Milton assumiu tudo.

PERGUNTA

LEMBRA DESSA HISTÓRIA, FREI CÉSAR? O QUE ACONTECEU?

frei César

Eu me lembro dessa discussão, nós conversamos muito até, frei José Luiz e eu, e vimos com eles, porque achávamos que não poderia ser assim. Frei Guido e Paulo Cunha não abriram mão disso, dizendo que a sistemática do Bom Jesus era assim. A figura do diretor, pensando mais modernamente, era outra e o gestor era quem realmente cuidava de todas essas coisas de funcionamento, e o diretor seria uma pessoa que estaria mais ocupada com a filosofia de ensino, vendo as representações da escola, e a parte operacional das coisas corriqueiras do dia-a-dia, de tudo o que acontecia na mão do gestor.

Mas até para essas coisas de filosofia de ensino não havia muito espaço para o diretor. Eu não concordava com aquilo e nem frei José Luiz, foi um ponto onde nós batemos bastante, mas era aquela situação: você trouxe o questionamento e eu não queria entrar numa situação contra. Eu brigava muito internamente, mas nunca para a comunidade. Então, tinha os pontos que eu também não concordava. Foi uma discussão muito difícil e que não rendeu mesmo. Até uma dificuldade que eu sentia é que a gente não conseguia identificar Curitiba. As coisas vinham:

– Curitiba determinou que tem que ser assim.

E quem é Curitiba? Eu ligava para frei Guido, ligava para Paulo Cunha e eles saíam pela tangente. Nessas coisas, mandavam procurar os setores responsáveis, e aí ficava sempre num empurra para cá e para lá. Então, não ficava nada claro. Mas, eu lembro que foi uma situação de impasse, sim.

Marisa

Sabe que eu estou pensando porque você foi demitida. Sabe uma coisa que talvez tenha pesado contra você? Aquela análise que você fez do livro, da esposa do Paulo.

PERGUNTAS

SERÁ QUE FOI, FREI CÉSAR?

LEMBRA-SE DAQUELA HISTÓRIA? PODE RECUPERÁ-LA?

frei César

Lembro sim. Eu acho que ali foi um momento de crise. Seu nome várias vezes esteve na berlinda. Naquela ocasião, mais. Rui tinha uma dificuldade muito

AUDITORIA

DEMISSÕES

grande com você. Ele queria a sua demissão mesmo. Foi quando eu entrei no meio e não deixei e conversei direto com Paulo. Ele até veio à escola, conversou, assistiu aquelas reuniões de pais, conversamos bastante e ele determinou que você não sáisse naquele momento, e foi uma coisa de contrariedade, e a relação com o Rui ficou horrível, minha com ele, naquela situação, que ele já tinha conseguido a demissão da Sônia, da Fátima.

Então, são pessoas que ficaram até sentidas comigo. Sônia, eu continuei tendo um bom relacionamento com ela; Fátima nunca mais falou comigo, encontro com ela na rua, ela vira para o lado, coisas assim. Mas não foi possível, naquele primeiro momento, pensar nada diferente. Mas naquele caso seu, foi possível reverter, mas gerou uma crise ainda maior com Rui, porque ele tinha idéia fixa. Ele queria mais gente nova, que fosse todo mundo encantado com o Bom Jesus. Então, quando ele falava, o pessoal ficaria encantado e não poderia questionar. Isso era muito complicado, muita imaturidade na forma de ele fazer isso.

Depois, da parte do Milton, eu vi mais o receio de que você pudesse vir a substituí-lo, mas aí eu já não estava mais por dentro, mas ele também tinha essa insegurança muito grande. Ele preferia trabalhar com gente nova e que fosse não muito competente, e que aceitasse tudo pronto que viesse de Curitiba. Então, Curitiba ia fazer tudo e aqui ia só operacionalizar as coisas e pronto. Nenhum tipo de questionamento. Ele não conseguia lidar muito com isso. Essa é minha visão. A coisa incomodava e começou a virar uma questão pessoal.

Silvia

Mas isso para a gente nunca era claro. A gente não sabia se era bem visto ou não, se estavam satisfeitos ou não com o trabalho.

frei César

Não sei se de Curitiba tinha um planejamento de, ano a ano, ir eliminando uma quantia de gente pra ter uma clientela interna totalmente nova, diferente. Pode ser que já vinha de lá, mas, em grande parte, acho que pelo próprio Milton.

Alex

Ele (frei José Luiz) pediu que eu fosse levar uns documentos na sede do ... é um prédio que tinha o símbolo da LBV, mas não era mais. Era alguma coisa do INSS, em frente ao aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro. Pediu que eu levasse uma documentação lá que era para comprovar que o colégio tinha fins filantrópicos. Se o colégio perdesse a filantropia, ele teria que pagar uma carga tributária muito alta. Só que todos nós no colégio, sabíamos que o colégio não era filantrópico. O frei incluía na filantropia filhos de professor, que era um acordo sindical, não tinha nada a ver com filantropia, incluía filho de funcionários, etc e tal e algumas bolsas parciais, mas isso era insuficiente para gerar uma filantropia de 40%. E aí, o que aconteceu? Eu fui até o Rio, para poder entregar essa documentação e a fiscal lá embaixo no Rio abriu a documentação, conferiu e falou assim " Olha só! Já falei com o frei e vou falar novamente. Dessa forma, não vai passar. Não vai passar por Brasília. Ele não tem 40% comprovado. Então, o que nós vamos fazer. Eu vou ensinar como nós vamos fazer para conseguir provar os 40%. Ele vai mandar para o contador dele, o contador dele vai ter que modificar esses números – isso é fraudar aqueles números ! – para aí poder passar." Eu cheguei em Petrópolis, fui até o Frei José Luiz Prim, expliquei para ele tudo " Olha , frei, dessa forma, ela falou que não vai passar e" Ele perguntou o que deveria ser feito e eu orientei e ele refez toda a papelada, eu fui para o Rio novamente, entreguei a documentação, ela conferiu " Bom, agora passa!" Só que aí, Silvinha, onde é que fica a ética, nessa história? O colégio não era um colégio filantrópico. O frei tinha me confessado que o colégio tinha recebido, uma vez, quinhentos mil reais, aproximadamente, no dinheiro da época, a fundo perdido do BNDS , para a construção daquele prédio. Então, era dinheiro público! Foi investido naquele prédio com a garantia de que ele daria 40% de bolsas para filantropia, porque ele não pagava

DEMISSÕES

FILANTROPIA

impostos, ou seja, uma pancada de impostos, desde a luz até... uma pancada de coisa e o frei me fraudou o sistema com o apoio de uma fiscal do governo para o colégio continuar com a filantropia!!!

PERGUNTA

ESSA É UMA DENÚNCIA! O QUE VOCÊ FEZ QUANTO A ESSA SITUAÇÃO?

frei César

Quando eu assumi o colégio, ele era uma filial, digamos assim, mantida pelo Instituto dos Meninos Cantores de Petrópolis. Então, continuou sendo a entidade mantenedora e frei José Luiz era o diretor geral. Então, a filantropia, esses certificados, quem administrava era ele mesmo. Eu nunca participei muito dessa questão. E desde que eu comecei a ter contato com o Bom Jesus, eles orientaram que a gente fosse se livrando disso. O próprio Bom Jesus não tem o certificado de filantropia, já não tinha naquele tempo, e eles optaram por ser uma entidade sem fins lucrativos.

Então, essa era a orientação. Eu também achei muito mais interessante, pois dava muito mais liberdade de trabalho. Com a filantropia, você tinha isenções maiores, mas você, por outro lado, tinha obrigações de bolsas, e, sem fins lucrativos, você poderia fazer isso de forma mais limpa. Digamos, lá você trocava uma coisa pela outra, você dava mais bolsas e deixava de pagar algumas coisas. Facilitava o acesso para outras pessoas ao colégio. Era um benefício bom.

A Província, até hoje, tem o certificado de filantropia, mas já está pensando em mudar. Mas eu não me envolvi nessa parte da filantropia. Eu não levo muito a sério essa acusação, ainda mais vinda dele, que saiu muito magoado do colégio. Eu acho que a coisa tinha muito subido à cabeça dele. Quando eu o levei junto para Curitiba, ele se encantou por aquele mundo todo, e já pensava em outras coisas e não se concentrou naquilo que era o trabalho dele. Ele ia no frei José Luiz e se envolveu e frei José Luiz se deixava um pouco conduzir. Ele passava uma conversa. Acho que não é uma pessoa que eu confiaria muito nas informações dele.

Marcio

Mas só que frei César, depois que chamou, e depois, eu até comentando com ele, ele falava que muitas vezes ele se arrependeu de ter chamado porque, por um lado ajudou, mas por outro, trouxe uma série de outras coisas.

PERGUNTA

VOCÊ SE ARREPENDEU DE ALGUMA COISA NESTA HISTÓRIA?

frei César

Não sei se arrependimento é a palavra. Ali se tratava de um processo que ia acontecer de qualquer maneira. Eu me arrependeria se eu tivesse feito, mas não fui eu que determinei. Foi um decreto de Província. A Província que mandou. Eu gostaria que tivesse sido diferente. Acho que poderia ter sido diferente. A atitude das pessoas não foi boa. Desse pessoal que vinha de Curitiba, até hoje eu não sei bem claro quais intenções eles tinham. Se era só de crescer, então tinham que passar por cima da instituição e se arquitetaram para isso acontecer assim. Acho que essa parceria poderia ter sido uma história até muito bonita e ter acontecido para grande benefício e, hoje, o colégio poderia estar muito melhor se tivesse sido diferente. Poderia ter crescido muito mais e ter uma outra estrutura. Tinha muito campo para isso. Mas, ele tomou rumo que eles escolheram e que não eram os meus rumos. Então, eu cada vez mais fui vendo que esse não era o meu espaço e os outros frades também chegaram a essa conclusão e nós fomos saindo, fomos nos retirando. Então, não é um arrependimento, porque não é uma

FILANTROPIA

ARREPENDIMENTO

ação minha. Talvez, muitas coisas eu pudesse ter feito diferente, se soubesse melhor das coisas, como hoje. Nem tudo era tão claro, as coisas que estavam acontecendo, um turbilhão. Não digo arrependimento, mas gostaria que tivesse sido diferente.

Margarete

Às vezes eu sonho... Não é sonho dormindo, não. Quando eu estou assim sem pensar em nada, vem ainda alguma coisa que o Canarinhos vai voltar a ser Canarinhos. O Canarinhos vai voltar a ser o Canarinhos.

Odete

Nossa, se alguém me falasse “vamos voltar o Canarinhos, como era Canarinhos”, eu ... na hora.

PERGUNTA

EXISTE ESSA POSSIBILIDADE? SERIA POSSÍVEL OU É APENAS UM SONHO?

frei César

Acho que é um sonho. Acho que a coisa já caminhou muito e o colégio já é outro. Ele já instituiu uma outra identidade e vai acertando os rumos nessa nova identidade. Se hoje fosse voltar o Canarinhos, seria um novo trauma para a instituição, para os alunos que estão lá. Eu não sei se hoje eles iam querer mudar. Talvez, seria o mesmo trauma que aconteceu naqueles anos. Então, voltar a ser outra coisa, talvez para a sociedade de Petrópolis, que acompanharam isso, os antigos alunos... Eu até vi naquela comunidade do Orkut, nos bate papos dos alunos, como tem aqueles todos que ficam indignados, já um pouco mais velhos e antigos alunos. E os que já estão lá não têm essa preocupação. A direção que está lá não se envolve mais nessa coisa. Então, eu acho muito difícil voltar. Até porque, o que foi estava muito em torno das pessoas que estavam lá. Trazer todas essas pessoas de volta seria difícil. Eu não voltaria, porque seria para entrar em um novo trauma.

Dentro daquela discussão do que a gente falou sobre o que é um trabalho franciscano, eu acho que ela foi tomando outros rumos. Eu não teria nenhum interesse em voltar, a reconstituir tudo de novo. Eu acho que as coisas aconteceram. Foi bom aquele tempo todo que eu passei aqui, fazer essa experiência de uma escola franciscana. Acho que isso foi bom. Antes de mim, um tempo ainda muito mais pessoas experimentaram isso, mas acho que é difícil mudar. Lembro até de muitas pessoas que olhavam para o prédio aqui na Santos Dumont com certa indignação, porque eram ligados àquela história que tinham vivido lá na Rua Frei Luiz, que era outro tipo de colégio, gratuito, e, de repente, se transformou em escola particular, com outro direcionamento.

Então, cada passagem que o colégio foi tendo foi gerando esses traumas, coisas assim, para chegar em uma nova realidade. Depois, todo mundo sonhou com aquela nova realidade hoje e sonha como uma coisa positiva, mas os mais antigos ainda não viam com positividade. Alguns sempre lamentavam a saída de lá do lado do Sagrado. Acho que também agora o colégio como está, daqui a algum tempo, vão achar positivo assim como está. Eu não sei. E todos os que estavam ali foram tomando outros direcionamentos nas suas vidas e aquilo foi um tempo bem vivido. Então, eu vejo pra mim, hoje, que mais do que, até é uma frase do Garcia Lopes que eu gosto:

– Mais do que lamentar por ter acabado, agradecer por ter acontecido.

Foi um tempo fantástico, uma experiência incrível, que não existe mais. Não dá para querer recompor como era. Nunca mais.

Silvia

Uma hora, você comentou da experiência em outras escolas como se fosse uma coisa meio modelar do Bom Jesus. Eles pegam esse modelo e implantam.

frei César

É, assim foi em Lages, foi em Blumenau, foi lá em São Paulo, Santo Antônio do Pari, na Universidade de São Francisco, e outros colégios de irmãs.

Silvia

Isso que eu ia comentar com você. Parece que mais três escolas entraram para o sistema Bom Jesus no final de 2005.

frei César

Sim, das irmãs da Divina Providência.

Silvia

Eu estava vendo, também nas comunidades do Orkut, os relatos dos alunos. "O Bom Jesus está entrando aqui e tirando tudo o que é nosso". Eu olhei e falei:

- A história se repete?

frei César

Se repete em cada unidade. Eu vejo assim: eu também tenho uma parcela das acusações e não sei se um dia vai ser possível explicar. Acho que nunca vai ser. Até por causa dessa postura que eu não podia agir diferente. Brigar internamente, eu briguei muito. Se tivesse alguma possibilidade, algum espaço de briga dentro da Província, na instituição, eu teria brigado mais ainda. Eu cheguei a bater telefone na cara do frei Guido, brigando por telefone, bravo. Eu questionava certas coisas que eles estavam fazendo aqui e ele dizia:

- Eu não sei de nada. Não fui eu que mandei.

- Mas, são seus funcionários. Você não vai fazer nada?

- Eu não sei de nada.

Eu xingava, batia telefone. Com o provincial foi quase parecido. Então, não tinha como mais. Foi no momento em que me senti totalmente impotente e eu ficar ali só ia prejudicar mais alguém. Então, melhor sair. Depois, os outros frades fizeram a mesma coisa.

Silvia

Eu acho que é isso. Tem mais alguma coisa que você quer falar?

frei César

Não, não.

entrevista com

denise

23-janeiro-2006

23-JANEIRO-2006

Durante o tempo em que ia fazendo as transcrições, senti a necessidade de buscar alguém que trouxesse um relato mais voltado para as vivências da educação infantil. Até porque uma característica que eu observara no Colégio dos Canarinhos era a clara demarcação de espaços: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. Eram grupos distintos que muito pouco se comunicavam.

Silvia

A idéia é que você conte a sua história no colégio. Não se preocupe com as datas, mas conte como era o tempo em que você esteve lá, com quem esteve...

Denise

Nomes?

Silvia

Pode citar, não tem problema. Todos que eu entrevistei citaram à vontade. Agora, se você quiser citar alguma coisa mais delicada e que você prefira que eu não coloque na entrevista, é só pedir.

Denise

Você quer que eu conte a minha história Canarinhos-Bom Jesus, principalmente essa parte? Ai, meu Deus! Desde o início você estava presente. Foi com você que eu comecei, não? Eu entrei e você saiu. Eu fiz a entrevista com você. E você foi para a prefeitura e Marcia ficou no seu lugar. Depois, você voltou. E eu continuei lá. Eu me lembro muito de você, no início, mas me lembro da Márcia também.

Eu peguei educação infantil. Foi muito bom, porque, na época, eu estava fazendo quarto ano, especialização em educação infantil, e eu consegui ver a teoria com a prática. Foi muito legal trabalhar com as pessoas com quem trabalhei. Teve um momento meio complicado, mas que a gente conseguiu superar.

E o que eu gostei muito de trabalhar, principalmente com você, era a facilidade que a gente tinha de colocar para fora o que a gente acreditava.

– Eu acredito que isso vai dar certo.

E eu tinha essa liberdade com você. Você estava presente em todos os momentos, quando a gente tinha uma festa ou alguma coisa, dando subsídios para a gente fazer o nosso trabalho. A questão era a liberdade.

Na época Canarinhos, eu acho que a gente tinha uma liberdade muito grande de desenvolver um trabalho que a gente acreditava. Acho que era isso. A gente era como uma família, o termo que a gente usava na época. E era mesmo.

QUESTÃO METODOLÓGICA.

COORDENAÇÕES PRESENTES

LIBERDADE DE CRIAR.

Dificuldade? Não vi nenhuma naquele momento. O trabalho transcorria muito bem. Quando não estava legal, a gente tinha possibilidade de sentar, conversar e consertar.

Silvia

Você fala de uma dificuldade. De que dificuldade você fala?

Denise

Você não estava. Foi uma época de saída de professores. Eu peguei bem essa época.

Silvia

Foi quando saiu Gecimara e Lu?

Denise

Não. Gecimara eu não peguei. Foi Lu e Martinha. Houve uma situação chata, porque os pais gostavam dessas professoras e eu acabei pegando isso. Mas foi superado e não prejudicou o trabalho com os alunos e acho que, bem ou mal, até hoje eu encontro alguns pais daquela época que me tratam super bem. Foi muito bom.

Outro dia mesmo, eu encontrei uma mãe que disse:

– **A sementinha que você plantou lá no jardim está dando frutos hoje.**

Fiquei toda feliz. Então, essa época, lá na nossa casinha, pra mim, experiência de vida 10, não só profissional, como pessoal. Eu melhorei muito nesse tempo. Quando a gente fez a mudança para o prédio, ainda não era Bom Jesus, era Canarinhos, houve uma mudança pra gente porque era um outro espaço e um tempo de conquista. A escola estava crescendo e a gente tinha que se adaptar a essa mudança.

A gente foi caminhando bem. Mas aí, foi na época que eu fiquei grávida, fiquei de licença e foi a época em que entrou o Bom Jesus. Aí, eu acho que foi uma mudança muito grande, muito significativa. Apesar de eu estar vivendo outros momentos pessoais, um momento muito forte das crianças¹, o que eu me lembro que depois foi que a gente perdeu a liberdade. Eu fiquei muito triste.

Silvia

Mas, como era esse “perder a liberdade”?

Denise

Perder a liberdade de trabalho. A gente teve que aceitar o que veio imposto, o que veio pronto para a gente. A gente não tinha mais liberdade como a gente tinha anteriormente de

– **A gente pode fazer isso, vamos desenvolver isso e**

¹ Denise teve bebês gêmeos.

isso.

A idéia passou a vir pronta e dali você podia criar, mas de acordo com o que se esperava. E isso não foi positivo. Pra mim não foi.

A educação infantil perdeu muito, muito mesmo. Eu lembro que o espaço de sala que a gente passou a ter ficou muito pequeno. A gente ficava restrito a horário para tudo. Esse negócio de entregar disquete com plano de aula para ver se Curitiba aprova... São realidades diferentes! Eram sugestões que vinham, mas, sinceramente, até, às vezes, magoava. Poxa, a gente já tem um caminho que a gente segue. E a gente sabe que são realidades diferentes. Não era o caminho.

E a educação infantil ficou quase um ensino fundamental, com criança pequenininha, com caderno, com livro para corrigir. Então, tinha espaço para quase nada porque a gente tinha que dar conta de tudo o que se pedia. A gente ficava preso a uma cobrança de que a criança tem que aprender... como se a gente não respeitasse mais o tempo das crianças. Antes, a gente fazia isso muito bem. O que as crianças conseguiam fazer, a gente estava participando juntos, a gente estava feliz pelas conquistas.

Já quando entrou a metodologia Bom Jesus, a impressão que eu tive, e que eu tenho até hoje, é que a gente ficava buscando as conquistas das crianças, querendo aquilo mesmo se eles não estavam prontos. Não sei se é questão regional. Não sei como é o desenvolvimento lá e como é o nosso, mas é diferente. E isso magoa, sim. Magoa em relação ao trabalho, em relação ao que a gente acreditava. De repente, a gente via tudo assim...

Uma coisa que você me fez ver e eu me lembro é sobre o desenho pronto, o desenho que a criança cria, e qual é o mais importante. Isso ficou para mim até hoje e eu dou um valor imenso. E, de repente, a gente fez o contrário. A gente já estava valorizando outro lado. Nem era questão de valorizar, mas era o que estava vindo pedido. Não em relação à metodologia, às propostas de trabalho... Claro que tinha planejamento, claro que não era do nada que estava surgindo, mas e o que a gente já estava fazendo?

No meu entender, estava dando certo, muito certo, e isso fez uma diferença muito grande pra mim como professora. E pelo que ouvi de muitos pais, que ficaram insatisfeitos... o distanciamento dos pais, a gente sabe o que é uma escola grande... mas houve um distanciamento muito grande. Houve um distanciamento imenso entre nós professoras e você coordenadora. Na época, nem lembro mais

AS IDÉIAS CHEGAVAM PRONTAS DE CURITIBA.

O DESRESPEITO AOS TEMPOS DAS CRIANÇAS.

DISTANCIAMENTO: A GRANDE MARCA BOM JESUS.

qual era o nome.

Silvia

Assessora.

Denise

Isso, assessora. A gente não tinha mais tempo para nada e eu me lembro que, nos últimos anos... tanto que, pra mim, foi muito difícil, porque a cobrança era muito grande. E eu me sentia muito cobrada e, naquele momento, eu não estava podendo dar conta de tudo. Estava trabalhando, estava na faculdade e tinha as crianças pequenas.

– Tem que entregar isso, tem que fazer aquilo.

Então, quando você tem muita coisa para fazer, no final não faz nada direito. Não porque você não quer fazer, mas porque você tem que dar conta, você vai tentando... Mas a gente não é de ferro. Isso foi o que ficou de mais marcante no Bom Jesus.

Silvia

O que tinha que dar conta?

Denise

O que era pedido, que vinha de Curitiba, do Bom Jesus de lá para cá, o que se esperava que as crianças alcançassem... Eu acho que isso foi o que ficou de mais marcante para mim. Em relação a trabalho, foi o que mais me marcou, porque, antes, a gente conquistava tudo, no nosso tempo, com um sorriso no rosto, muito mais feliz e olhando as crianças de uma forma diferente, respeitando mais a criança. Naquela época, a gente tinha mais tempo para eles, para estar junto, para conversar mais.

No final, eu já estava me sentindo sufocada. Eu gosto muito de contar história, mas toda história tinha objetivo. Então, já não ficava mais uma coisa natural. Já ficava tudo imposto. E acho que, durante toda a vida escolar, acontece muito isso. A criança acaba recebendo muito, sempre recebendo. E a gente sabe que isso é natural, começa lá no ensino fundamental. Mas, passou a começar na educação infantil.

Silvia

Legal você trazer isso, porque as outras pessoas que eu entrevistei não trabalhavam na educação infantil. Mas, um pouco do que me passaram é de uma Silvia muito autoritária antes e você não coloca dessa forma.

Denise

Autoritária? Não. Acho que você tinha autoridade, mas eu nunca a vi autoritária. Nunca, nem na educação infantil, lá na casinha... Você tinha um cargo de autoridade, havia uma

“TAREFISMO”: OCUPAR O TEMPO COM ATIVIDADES E DEIXAR DE LADO A CRIAÇÃO.

AUTORITARISMO VERSUS AUTORIDADE:

hierarquia e a gente sabe que, em qualquer lugar, tem que ter isso. Mas você não era autoritária. Pelo contrário. Se eu chegasse com uma idéia tal, eu tinha liberdade de chegar e conversar com você. Não me lembro, em momento algum, de autoritarismo. Eu nunca senti isso. Até porque eu entendia muito bem, havia um respeito pela autoridade do cargo, com certeza você estava ali coordenando e a gente estava em sala de aula. Você estava pegando o grupo maior. Você tinha que colocar a sua opinião e exigir algumas coisas, mas para pensar no grupo como um todo e não individualmente.

Silvia

E esse afastamento meu, aconteceu como?

Denise

Isso é muito pessoal, mas eu acho que o Bom Jesus incomodou você. A impressão que dá é que, como o trabalho para a gente estava carregado, era demais para a gente dar conta, acontecia o mesmo com você. Então, lógico, a gente tem que cumprir as tarefas e acaba se afastando. Eu não sei se isso acontece em todas as escolas grandes, eu não sei se foi pela mudança de postura de escola...

A gente mudou completamente, a gente virou uma empresa e isso refletiu na sala de aula. Você não tem noção de como refletia. Lógico que criança transforma a gente, a gente vai e brinca, mas, no final do dia, eu saía cansada, esgotada. E se pensasse no sábado e no domingo, que ia ter que dar conta de tudo, quando antes a gente não fazia isso e o trabalho saía muito bem. Seria mais interessante se o colégio, na época, tirasse mais duas horas para a gente trabalhar ali do que esse tempo que a gente tinha fora, mas numa preocupação.

Eu me lembro tendo que corrigir caderninhos das crianças. E não era isso. Era, como eu te falei, como se a gente tivesse forçando um crescimento, tirando uma etapa do desenvolvimento, meio que agredindo, porque tudo tem o seu tempo. De repente, a gente estava cobrando muito deles e, pela experiência até de Canarinhos, eu lembro o quanto a gente falava que isso ia refletir lá na frente.

Isso, pra mim, ficou muito forte. Tanto que, quando eu saí, eu saí porque eu estava muito cansada, com problema de saúde, e eu tenho certeza de que foi emocional também.

O professor Milton, na época perguntou:

- Você tem certeza disso? Você não vai se arrepender?
- Eu tenho certeza.

E, sinceramente, eu não me arrependi. Lógico que, no financeiro, eu acabei me adaptando de outras formas, fiz uma mudança nos gastos lá em casa, mas não refletiu em nada

assim:

– Ai, que saudade!

Eu acho que, se eu tivesse saído na época do Canarinhos, eu ia ter muita saudade, mas do Bom Jesus eu não tenho. No final das contas, a impressão que dava era que a gente estava vendendo e tinha que apresentar um trabalho muito bonito para o comprador. A gente estava vendendo um trabalho para todo mundo comprar e, no final, talvez a gente não estivesse nem acreditando naquele trabalho, pelo menos eu. Acabei não tão comprando esse trabalho. Eu trabalhei da melhor forma que eu pude, posso te garantir, mas não era o que eu acreditava e que, realmente, não acredito até hoje.

Silvia

Como foi a sua saída?

Denise

Como foi? Não era nem meio do ano, eu fazendo faculdade, estava muito cansada. Me lembro muito de sair da faculdade, chegar em casa, entrar, ligar o computador, preparar atividade em disquete pronto para enviar para Curitiba. E a proposta de que as professoras se reunissem para fazer plano de aula era muito difícil. A gente acaba não acontecendo da forma como deveria ser, então, eu me lembro que ia dormir meia noite, acordava às 6 da manhã para ir para a outra escola e, no final das contas, sendo muito sincera, o plano de aula que a gente preparava, não sei com quanto tempo de antecedência, a gente não colocava tudo em prática mesmo, nunca.

Primeiro, a gente estava trabalhando com pessoas, seres humanos; então, cada dia tem uma mudança que a gente tem que considerar, e nós somos seres humanos; então, tem dia que a gente não está bom para aquilo. Então, ficava muito bonito, às vezes nem tão bonito que vinham sugestões, mas nem sempre a gente conseguia dar conta. Então, a gente fazia da forma como a gente já sabia fazer e, garanto, saía melhor, mais bonito.

Uma coisa que ficou muito forte, também, foi que, apesar de estar muito próxima das crianças, teve um distanciamento, um afastamento até meu, por não dar conta do que era pedido. É o que eu falei: antes era aquele contato muito perto das crianças, de beijar, muito próximo, que é muito bom para o desenvolvimento de qualquer pessoa... Carinho, quem não quer? E acabou acontecendo isso: a gente sempre preocupado:

– Tem que cumprir isso, cumprir aquilo.

Tem horário de artes, horário de informática, aula não

DISSOCIAÇÃO: FORMA DE EXPURGO?

SÁIDA POR CANSAÇO.

DAR CONTA.

TAREFISMO E AFASTAMENTO.

sei de quê, sai criança, volta criança e não se deu conta de nada, de corrigir, atividade não ficou pronta... Uma preocupação tão grande que, sei lá, prejudicou o trabalho.

Silvia

E esse estresse todo foi logo quando você voltou de licença? E você pediu para sair, foi isso?

Denise

Eu pedi para sair. Os bebês nasceram em 98 e eu saí em 2001, 2002. Ainda fiquei um tempo.

Silvia

E a faculdade? Você foi fazer por uma escolha sua ou porque o Bom Jesus pediu?

Denise

Bom Jesus pediu também, mas, na época, eu tive oportunidade de fazer pela prefeitura. Acabou sendo muito interessante para o Bom Jesus, mas não partiu do Bom Jesus, foi da prefeitura. A gente fez um vestibular, eu tive a sorte de passar e concluí a faculdade. Agora, está tudo bem; mas, na época, ficou puxado, porque faculdade exigia muito. E a minha escola² também exigia muito e, infelizmente, a gente não dá conta de tudo.

Isso me deixava muito triste. Era um trabalho que eu estava começando, iniciando e, até que surgiu a possibilidade de, no Bom Jesus, chegando uma pessoa com necessidade especial, a gente desenvolver um trabalho. Era um momento em que eu podia estar me aprofundando, e eu não estava conseguindo fazer nada disso. Na verdade, eu não estava feliz. Tudo o que eu gostava de fazer eu estava perdendo por causa de muito trabalho. Talvez, se a exigência fosse menor por parte do Bom Jesus e o trabalho muito prazeroso, talvez eu conseguisse conciliar os três. Não dá para saber. Mas não sinto saudade, de forma nenhuma. Às vezes, eu fico pensando na escola para os filhos, agora não, mas de quinta a oitava, uma escola particular...

Mas não dá para você trabalhar em um lugar desse. É muito diferente. Sabe aquela história de criação? Eu sou meio sua cria, e foi muito bom. As pessoas eram muito fechadas, frias. Não sei. Esse negócio de empresa, de cobrar... Outra coisa, também, bem pessoal, é que eu não acredito que dêem certo aqueles nossos encontros, aquelas dinâmicas, aquelas coisas... Não sei se aquilo era legal. No dia, era muito legal, mas, no final, cada um no seu, cada um para o seu lado e querendo aproximar num dia, mas, no restante, nos outros

² Denise se refere à escola onde ela trabalha com alunos portadores de deficiência auditiva.

dias... cada um faz a sua parte e pronto.³

Não tinha tempo pra nada. Cada um tentava dar conta da sua tarefa. E, aquela história: o segmento tal é melhor... Às vezes, acontecia isso. Eu sentia isso. Um segmento está melhor do que o outro. Até por causa do Bom Jesus, que ficava avaliando, avaliando... Eu acho que a gente trabalha melhor quando a gente tem liberdade e acredita nesse trabalho; então, mesmo que você não tenha embasamento, você vai buscar. A gente vê que muitas pessoas nem têm tanto estudo, mas fazem um trabalho excelente porque acreditam nele, têm liberdade, porque.

Talvez, se alguém chegar lá e falar:

– E se você fizesse assim?

... você vai parar e pensar, talvez modificar. A gente não tinha isso, esse espaço. Eu me lembro de tudo vindo pronto e a gente cobrando, cobrando e sendo cobrada. Isso desgasta muito.

Eu me lembro, também, lá de casa, uma fala do meu marido:

– Ai, meu Deus, Bom Jesus, Bom Jesus. Só fala em Bom Jesus!

Quer dizer, naquela época, era o que eu estava vivendo, era o que mais me cobrava, mais me exigia. Isso foi o que ficou mais forte pra mim.

Silvia

Você teve oportunidade de trabalhar, no caso, com a direção do frei José Luiz, do frei César e chegou a pegar os gestores. Você saiu na época do Milton, não é isso?

Denise

É. Antes, não me lembro quem foi. Do frei José Luiz eu me lembro bem: rígido, sério e, às vezes, até algumas coisas me incomodavam em relação às crianças, porque ele queria um comportamento dos pequenos que eles não tinham e era natural. Talvez, ele não entendesse, até pela criação dele. Me lembro, mas nenhuma dificuldade maior com o frei José Luiz, até por uma questão de respeito também. Entregava na sua mão, na mão da Marcia, que foi coordenadora. Ele acreditava em vocês e vocês desenvolviam. Isso eu me lembro: frei José Luiz tinha uma vontade muito, muito grande de fazer o colégio crescer e estava sempre presente, com a gente, tratando muito bem.

E eu não sei se foi isso que aconteceu. Estou falando

³ Denise me faz recordar das diversas atividades promovidas pelo RH de Curitiba em busca da integração, da compreensão de conflitos na equipe, do autoconhecimento e outras várias reuniões carregadas de dinâmicas, sempre mexendo com questões do emocional das pessoas, sua forma de ver o mundo, ver o outro, ver os problemas...

dos comentários e eu também não me ligo muito em algumas coisas que acontecem, mas me lembro que foi comentado que frei César pensou no Bom Jesus como meio de melhorar a nossa escola, e acreditou numa proposta, mas a impressão que deu é que ele foi afastado, não por incompetência ou coisa parecida.

E o Bom Jesus assumiu, até para melhorar a escola. Não sei se foi isso que aconteceu, não sei, mas, com frei César, tranquilo, uma pessoa muito querida, carrego no coração, na minha vida pessoal, também. Ele ainda fez parte daquela época Canarinhos família, que era muito boa.

Aí, quando chegaram os gestores, eu não tive contato com o Rui e com o...

Silvia _____

Ivan.

Denise

Não sei se eu estava de licença ou se eles eram muito distantes. Eu lembro de uma esposa de alguém.

(Risos.)

Silvia _____

Esposa do Rui. Isso foi no primeiro semestre de 99.

Denise

Pois é, mas eu não me lembro. Passou pra mim uma coisa sem significado nenhum. O que eu me lembro é que eram pessoas muito donas da verdade, mas nunca ninguém veio conversar comigo, perguntar o que eu achava da escola. Não tinha troca nenhuma. Me lembro dessa mulher aí, que era até meio seca. Tinha um novinho... Marcelo. Marcelo não chegou a ser gestor, não?

Silvia _____

Marcelo foi professor de educação física e, depois, ocupou o lugar da Odete.

Denise

Ah, está. Me lembro dele. Mas acho que é cultural mesmo. São pessoas diferentes da gente. Não sei se era, também, essa vivência de Bom Jesus empresa. É diferente. A gente não vivia isso.

E o professor Milton foi o mais próximo, com quem eu tive mais contato e uma pessoa assim muito mais fácil de lidar, mais tranquila, uma pessoa de quem eu me lembro com carinho. Não tive nenhuma dificuldade com ele. Sempre que a gente precisou, ele estava lá, mas que também tentava cumprir o que era pedido de Curitiba. Mas, só.

Nunca teve troca nenhuma, ainda mais quando é da

educação infantil, a gente sabe que fica de lado. Até o "tia" não mais poderia ser usado, passou a ser professora, pra mim não consigo ver muita diferença. Mas, a gente não tem voz. A gente era muito valorizada pelos pais, mas, em relação à escola como um todo, íamos ser sempre as "tiazinhas", as "professorinhas dos pequenininhos". É até complicado de falar isso.

Silvia

Mas quando era Canarinhos, eu sentia uma marcação muito...

Denise

Sempre teve. Era o Jardim, primeira a quarta, quinta a oitava e o segundo grau, que era o bam-bam-bam.

(Risos.)

Silvia

Mas, com a vinda do Bom Jesus, não teve uma aproximação entre os professores?

Denise

Só se for na sala dos professores, mas a gente se encontrava muito pouco: para assinar o ponto e na hora da saída, mas muito pouco. Eu não consigo ver essa aproximação. Até porque o ensino médio era o que mais se distanciava da gente. Eu sempre tive um relacionamento muito bom com muitos professores lá, mesmo que fosse de oi, tchau, mas nunca tive dificuldade com nenhum professor. O que eu sentia é que, quando a gente tinha alguma atividade de encontro, como até nas festas, o ensino médio não participava. Isso magoava. A gente batalhava um trabalho legal e, no final, não era valorizado.

Eu não sei se, no Bom Jesus, como a gente ficou mais próximos, no prédio, apareceu mais. Pode ter acontecido isso também. Mas, não. Nós tínhamos nosso espaço... Isso sempre acontece. Eu vejo até na escola pública, isso acontece mesmo. Não sei se essa proximidade de todo mundo no mesmo prédio... Mas a gente não teve esse contato com todos os professores, de todos os segmentos, pelo menos, educação infantil... não.

Silvia

E a assessoria do Bom Jesus no que diz respeito à orientação pedagógica? Aquelas reuniões... aquelas pessoas que vinham de Curitiba... como era aquilo?

Denise

Isso não ficou muito marcado para mim não. Não teve muita relevância. Então, não foi alguma coisa que fizesse diferença na minha vida.

Silvia

Tem mais alguma coisa que você queira falar? Que fez diferença?

Denise

Eu acho que o que marcou mais pra mim foi perder a autonomia. Eu como professora, eu como fazendo parte de um grupo: perdi a autonomia. A gente perdeu a autonomia. Pra mim foi muito forte. Por isso que eu falo que, quando a gente acredita em uma coisa, a gente vai até o fim. E ali, parece que eu desisti. Parece que eu estava arranjando motivos para desistir. Até hoje eu falo:

– Será que eu fiquei tão ruim assim ou eu arranjei aquele motivo todo para desistir?

Quando a coisa é muito boa, a gente pensa muito, muito, muito. Foi isso, a gente perdeu a autonomia de trabalho. E eu vejo hoje, na escola pública, que é uma realidade completamente diferente, eu vejo isso. Você tem essa autonomia em quase todas as escolas. A direção dá uma autonomia de trabalho, e, dependendo da escola, a gente pode ter momento de estudo, fazer um trabalho de pesquisa. Não é privilégio da escola particular. Quando você consegue uma direção que acredita no seu trabalho, não precisa ter essa cobrança exagerada.

Ah, uma coisa que marcou:

– Bom Jesus tem que ser o melhor colégio, o melhor de Petrópolis.

Não é isso. Acho que a gente tem que fazer um bom trabalho, mas tem que respeitar o trabalho dos outros. A gente só respeita o de fora se a gente se respeita dentro. Isso a gente perdeu.

Silvia

Você não passou por um processo que praticamente todo mundo que eu entrevistei viveu e que vivi também, que é a questão da demissão.

Denise

Mas, com certeza, eu ia acabar sendo demitida.

(Risos.)

Não sei se porque eu fazia parte do grupo Canarinhos, e isso todo mundo falava;

– Quem era do Canarinhos vai acabar saindo.

E assim, sobraram poucos do Canarinhos. Nossa! Talvez o meu trabalho não estava muito legal no final. Até pelas dificuldades que eu já tinha apresentado, isso ia com certeza contar. Mas a demissão, a gente sempre fica esperando em escola particular. A gente sabe que, às vezes, nem é nosso trabalho em si. Mas por outros problemas, você acaba sendo demitido. Isso eu não passei, mas, se isso tivesse acontecido, seria indiferente. Eu não sinto falta.

MAIOR MARCA: PERDA DA AUTONOMIA.

OUTRA MARCA: MARKETING.

QUEM ERA DO CANARINHOS IA ACABAR SAINDO.

Silvia

Acho que a gente deu conta dessa entrevista, falando do tempo Canarinhos, do tempo Bom Jesus. Quer falar um pouco da coordenação da Marcia. Eu não sei nada a esse respeito, nem imagino. Era um tempo em que eu não estava lá e não entrevistei mais ninguém da educação infantil. Eu entrevistei Renata, mas ela focou, na entrevista, o assunto primeira série "d", aliás um assunto interessante para a gente falar também: sobre aquele tempo de mudança das turmas por idade. Como foi aquilo para vocês?

Denise

Nossa! Lembro, lembro. Mas isso foi na época do Bom Jesus. Foi logo na chegada. Isso foi complicado. A gente teve até problema com alguns pais. Alguns pais acreditavam. Mas, acho que, no final, a gente ainda conseguiu levar numa boa. É aquela história, cada um é um. Até hoje, tem crianças que ficaram guardadas na minha cabeça

– Poxa, esse aí precisava mais um tempinho.

É indiferente até da questão da idade, é pessoal, é da criança. Igual à gente, também, que precisa de um tempo maior para se adaptar. Tem crianças que eu consigo visualizar:

– Aquele ali precisava de mais um tempinho.

E outras:

– **Nossa! Essa dá conta de mais! Poderíamos desenvolver mais alguma coisa.**

Acho que é isso.

Silvia

E da coordenação da Marcia?

Denise

Ah, é. Marcia é muito diferente de você. Como eu falei, eu nunca lhe vi autoritária, autoritária no sentido até negativo. Não consigo ver isso. Eu entendo o posicionamento de você assumir um cargo que precisa assumir uma certa liderança.

Marcia, por sua vez, é diferente, é uma pessoa que eu acho... – é minha amiga pessoal e por isso eu tenho essa liberdade de falar – ... eu não vejo Marcia assumindo um cargo de assessora, de coordenadora, na época. Ela é excelente em vários trabalhos, excelente no atendimento de orientação vocacional, mas pra coordenar, ela não tinha esse perfil.

Mas acho que, assim, todo mundo já estava envolvido e ela dava uma liberdade, talvez até por não conseguir conduzir ou não estar preparada no momento. O trabalho acontecia, não deixava a peteca cair. A gente ia. Mas é diferente. São pessoas diferentes, mas acho que de perfil.

Eu consigo ver você nesse perfil, de trabalhar com uma

equipe, buscar meios da gente trabalhar juntas. Marcia, já vejo de outra forma. Excelente no trabalho de atendimento aos pais, isso eu lembro, porque era muito forte.

Mas, tanto a coordenação dela quanto a sua, não tenho nada que reclamar. Pra mim, foi muito bom. Eu vejo que muito da professora que eu sou eu devo a você e devo à Marcia. Isso eu falo pra todo mundo. É lógico que eu tenho minhas mil falhas, mas eu vejo que eu tinha coisas legais que, naquele momento, foram valorizadas. Isso foi bom pra mim. Isso é o que eu levo. Lá da escola, o que eu levo de mais importante é a profissional e a pessoa que eu me tornei, pelos valores que foram trabalhados. A amizade que a gente teve. Isso é o que importa pra mim, no momento.

Agora... a gente sabe que a escola acaba sendo o meio de sustento nosso, mas não pode ser... A gente, como educador, não pode ver a escola como uma empresa. A gente está ali para transformar as pessoas e se transformar, nessa dinâmica para a gente crescer, ensinar, aprender e não pode ficar nessa correria desesperada de dar conta disso, dar conta daquilo, disquete de plano de aula, sugestão... Não é esse o caminho. E, mesmo estando distante de lá, eu mantenho contato com algumas pessoas e eu vejo que continua acontecendo, e eu fico muito triste, porque são pessoas queridas, que, no final, é pela empresa que dá o sustento. E a pessoa fica desesperada. Mas isso acontece até hoje, pelo que eu tenho de contato. Não mudou muita coisa não.

Silvia

Às vezes, eu tenho a impressão de que as pessoas se acostumaram. Que, talvez, tenha sido um período muito difícil pra gente porque a gente tinha dois parâmetros: Canarinhos e Bom Jesus. Será que quem está novo lá não está feliz?

Denise

É, talvez. (Risos.) Essas pessoas novas eu não conheço. Eu não conheço ninguém novo que pudesse dizer:

– Nossa! isso aqui é muito legal.

À primeira vista, é maravilhoso!

(Dito com um tom irônico bem marcado.)

Silvia

Acho que valeu, Denise. Não sei se você quer contar mais alguma coisa antes de eu apertar o botão para desligar.

Denise

Não sei se deu para acrescentar alguma coisa na sua pesquisa. Mas foi isso que eu vivi.

(Aqui, eu desligo o gravador, planejando ir embora, mas Denise retoma a conversa repetindo algumas coisas. De repente, ela começa a falar algo a meu respeito, que ainda não tinha comentado. Eu, na hora:)

Silvia

Vamos gravar!

(Muitos risos interrompem a fala , mas ela recomeça.)

Denise

Uma época eu achei que era comigo. Acho que foi no finalzinho.

Silvia

O que era finalzinho? Você saiu quando?

Denise

Foi 2001? Ou 2002? Não, foi meio de 2001. Você mudou. Você ficou diferente com a gente. A impressão que eu tinha... não sei se era uma insatisfação... você falava com a gente o necessário e sempre seca. E eu pensei que era alguma coisa comigo. E eu ficava esperando você vir conversar comigo.

– O que eu estou fazendo de errado?

Mas eu sempre fui muito tímida e não tinha coragem de perguntar. Mas ficou diferente. Talvez, muito trabalho. Muita coisa para dar conta. Eu lembro que uma coisa que ficou muito forte. Olha! Naquela salinha, naquele corredor, onde era a sua sala, logo no início, a gente ia lá perguntar alguma coisa, você estava no computador, mas dava uma atenção. No final, nessa época, você não olhava para a gente. Você respondia, mas não olhava. A impressão que dava era a de uma insatisfação, não sei porque, mas ficou diferente.

A última impressão que eu tenho de trabalhar com você é essa. A gente fazia as coisas, a gente dava conta, mas você estava diferente. Quantas vezes a gente ia lá, sempre correndo, mas você falava, tudo bem. Depois, parou de olhar nos olhos.

Silvia

Que coisa!

(Falo em um tom baixo, surpreso. Eu não sabia disso. Eu não percebi. Posso imaginar que tenha sido aquele que foi o momento mais difícil, o primeiro semestre sem os freis, o último semestre com a Denise. Foi também o semestre sem Odete e Marisa. Eu era a última das coordenadoras do Canarinhos.)

Eu não consigo me lembrar. Eu me lembro do atarefamento. Cada vez mais tarefas para dar conta. Mas, na relação com os professores, pelo contrário, eu tinha a impressão de que tinha melhorado. Eu procurava me dedicar mais, dar mais atenção. Mas eu não consigo definir os tempos.

Denise

Pois é. Mas houve uma mudança da sua parte. Você, empolgada, contagiava todo mundo. No final, não sei, acho que não tinha mais essa empolgação. Pelo contrário, você dava conta, nunca faltou nada, mas...

Uma coisa que eu acho também: que a gente não falou foi dos pais com a gente. E uma outra coisa, não nosso segmento: não tinha mais orientador no colégio. Era professor regente. Eu não entendo isso. Acho que a pessoa se especializa e, de repente, eu, uma professora de matemática, seja lá o que for, vou ter contato com uma turma toda, tendo meus outros afazeres, também, e eu não entendo isso muito bem.

Não sei se eu gostaria disso para os meus filhos. Eu não gostaria desse tipo de orientação. Cada um se especializou para uma coisa. No nosso caso, era um desespero, porque a gente tem que dar uma atenção. Alguns pais não estão nem aí, mas alguns querem saber detalhes do desenvolvimento da criança e a gente olhando o horário e criança com estagiária. Isso também não sei se era legal. Isso não funcionou muito bem não. E a gente tinha que atender os pais naquelas salinhas e ouvia a conversa do outro. Perdia muito a liberdade.

Silvia

Engraçado, não é? A gente liga o gravador a conversa esfria. Vamos, vou desligar!

(A entrevista com "Tia Denise" aconteceu em uma mesinha de um *shopping*, em uma segunda-feira de manhã, completamente sem movimento. Quando terminou, desliguei o gravador, mas percebi a não-vontade de Denise ir embora. Saímos caminhando, retomando algumas coisas que havíamos conversado, e os passos da Denise eram lentos, como que tentando prolongar o encontro. Foi uma sensação boa de reencontro com uma pessoa amiga. Como não marcamos a entrevista em casa, foi uma das entrevistas que não foi acompanhada de um lanche.)

depoimentos

DOS DEPOIMENTOS

Silvia

Os depoimentos aqui colocados são de pessoas – ex-diretores, ex-alunos, ex-professores, ou qualquer outro ex –, além de alunos e professores que tenham ou tiveram uma ligação com escolas religiosas, franciscanas, em sua maioria, que, como o Colégio dos Canarinhos, de Petrópolis, **sofreram** o processo de transição para passar a fazer parte do Grupo Bom Jesus.

Para colher esses depoimentos, a Internet foi a tecnologia utilizada, quer via endereços eletrônicos pessoais, que foram contactadas direta ou indiretamente por mim, quer via Orkut, na medida em que inúmeras comunidades de alunos, e ex-etc ligados aos colégios franciscanos foram encontradas.

Para estabelecer contato, escrevi e enviei as seguintes mensagens:

a) E-mails:

Olá, _____!

Quanto tempo!!! Saudades!!!

Bem, essa coisa de tempo é algo que está cada vez mais insuficiente nessa minha etapa de vida. Preciso reverter esse ritmo. Mas, por enquanto não consigo e só escrevo, escrevo, escrevo. Estou em plena redação de minha dissertação de mestrado.

Estou em um momento da escrita em que narro a minha versão sobre a chegada da Associação Bom Jesus no Colégio dos Canarinhos. Uso o romance como forma de escrita.

O nome do romance está assim, por enquanto: *Ternura e dor: fragmentos da história de um colégio franciscano*.

Uma pergunta que teima em calar e que me motivou a escrever essa mensagem: Você não poderia escrever alguma coisa para meu trabalho? Poderia contribuir?

Estarei esperando um retorno, ansiosa.

Um abraço e até breve!

Silvia.

Para cada um dos destinatários, essa mensagem apresenta uma ou outra variação com passagens mais pessoais, mas o conteúdo das mensagens é rigorosamente o mesmo.

Enviei 20 mensagens, das quais:

• 8 fizeram contato telefônico e os depoimentos escritos de 6 dessas pessoas foram transformados em entrevi sua maioria, qvw18 cm/CS0 CS 76-1.2 TDó uspodéizeras, eu e os depoimentos

b) Orkut:

De Canarinhos a Bom Jesus 30/11/2005 07:51

Estou escrevendo uma dissertação de mestrado, contando a história do Colégio Bom Jesus Canarinhos, dando ênfase ao período de chegada da Associação de Ensino Senhor Bom Jesus no Colégio dos Canarinhos. Quem puder me ajudar, conte um pouco sobre como foi esse período. Obrigada, mesmo!

Chegada do Bom Jesus 21/01/2006 09:53

Estou fazendo um trabalho de mestrado sobre a chegada do Bom Jesus no Colégio dos Canarinhos. Gostaria, também, de saber como está sendo aí em Rio Negro. Quem puder, me responda por e-mail, por favor: silviatkotz@yahoo.com.br

Ou, pode escrever aqui mesmo, se tiver pouca coisa para contar. Obrigada!!!

Chegada do Bom Jesus 18/02/2006 17:58

Estou fazendo um trabalho de mestrado sobre a chegada do Bom Jesus no Colégio dos Canarinhos. Gostaria, também, de saber como foi no Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Quem puder, me responda por e-mail, por favor: silviatkotz@yahoo.com.br

Obrigada!!!

A EMOÇÃO DAS MUITAS RESPOSTAS ÀS MINHAS MENSAGENS: REDE QUE SE SABE REDE.

A primeira mensagem foi postada em fóruns de comunidades do Orkut, ligadas ao Colégio Bom Jesus Canarinhos: "Alunos Canarinhos", "Coral Canarinhos de Petrópolis", "Coral Meninas dos Canarinhos", "Alunos do BJC", "Caralinhos", "Frei Prim - Figura Mitológica". Recebi 14 respostas, não utilizando-as em sua totalidade principalmente pela linguagem própria do orkut, que dificulta minha leitura, e também, apresenta tudo muito cifrado, resumido, sem detalhes.

A segunda mensagem foi anexada ao fórum *Colégio São José*, Rio Negro, PR, da unidade religiosa das irmãs da Divina Providência que foi recém-vinculada à Associação Bom Jesus. Foram-me enviadas 11 mensagens que falam desse período recém-iniciado, pois as aulas como Bom Jesus começaram em 2006.

Animada com os retornos, enviei a terceira mensagem para membros das comunidades relacionadas ao Bom Jesus-Nossa Senhora de Lourdes: *Amigos do N.S. de Lourdes*, *N.S. de Lourdes-Curitiba* e *Bom Jesus Lourdes*. Foram-me enviados, até o momento, 09 depoimentos, sendo que não anexei todos, apenas alguns mais detalhados, devido à preocupação com o tamanho que vem ganhando o eixo 3, dos testemunhos e documentos.

Contudo, pareceu-me interessante apontar em meu trabalho que o Bom Jesus não "entrou" só em Petrópolis e que há algo de modelar na forma de conduzir a integração de novas unidades ao seu sistema de ensino, que inclui reorganização do quadro da direção e coordenações, demissões, encaminhamento de gestor de Curitiba, troca do uniforme, padronização da pintura para o verde, uso massivo do seu logotipo, dentre outras medidas.

Na pesquisa no Orkut, aproveitei, ainda, a descrição de duas dessas comunidades de colégios que passaram a fazer parte do Grupo Bom Jesus, pois fizeram menções bem diretas a essa inserção.

NISHIURA

EX-DIRETOR

20-SET-2005

Ex-frade franciscano, foi diretor pedagógico do Canarinhos nos primeiros anos do tempo do frei José Luiz, tendo acompanhado os últimos anos do frei Leto no colégio.

De: "Silvia Tkotz" silviatkotz@_ [redacted]
Para: fil [redacted] @terra.com.br
Cópia:
Data: Tue, 20 Sep 2005 21:10:22 -0300 (ART)
Assunto: Sobre o Colégio Bom Jesus

> Olá, Nishiura!
 >
 > Quanto tempo!!!
 >
 > Bem, essa coisa de tempo é algo que está cada vez mais insuficiente nessa minha etapa de vida. Preciso reverter esse ritmo. Mas, enquanto isso... eu escrevo, escrevo, escrevo.
 >
 > Estou em um momento da escrita em que narro a minha versão sobre a chegada da Associação Bom Jesus no colégio dos Canarinhos. Uso o romance como forma de escrita.
 >
 > O nome do romance está assim, por enquanto: *Ternura e dor: fragmentos da história de um colégio franciscano*.
 >
 >
 > Uma pergunta que teima em calar e que me motivou a escrever essa mensagem: Você não poderia escrever alguma coisa para meu trabalho? Imagino que poderia contribuir.
 >
 > Estarei esperando um retorno, ansiosa.
 >
 Um abraço e até breve!
 >
 > Silvia.

fil <fil [redacted] @terra.com.br> escreveu:
 Prezada Silvia,

Sobre a questão do tempo, hoje em dia, você tem razão. Pessoalmente, quando me vejo desenfreado, lanço-me as perguntas: De onde? Prá onde e prá quê? Ajuda a dar uma "travada".
 "Ternura e dor..." é um ótimo e inspirado título. Observe que "Ternura" vem com letra maiúscula e, certamente, apesar de tudo, é o que permanece, rompendo o tempo cronológico, bem como todas as estruturas engessadas e neuróticas.
 Certamente, escreverei algumas poucas impressões que tenho sobre o assunto. Só me dê um tempinho.
 Um abraço para todos,
 Nishiura.

Prezado Nishiura,

Ficarei muito feliz em receber suas "poucas impressões", que, tenho certeza, contribuirão MUITO para meu trabalho.

Um abraço da Silvia.

MINHA MENSAGEM.

COMENTÁRIOS AO TÍTULO DO ROMANCE.

fil <**fil** @terra.com.br> escreveu:
Silvia,

Nos últimos tempos, temos feito algumas caminhadas, montanha acima. Além da maravilhosa experiência de contato com a terra, com a mata, com o azul do céu e com os pequenos animais, sobressai a chegada ao cume onde se vislumbra toda uma paisagem fantástica. Extasiamo-nos diante de uma visão sagrada, onde tudo “ganha” sentido. Vemos, lá embaixo, quantas estradas, quantas trilhas, quantas vias existem, e tomamos consciência de que per-corremos apenas uma (às vezes , pensando que era a única..). Acontece até o fato inusitado de reconhecermos caminhos paralelos, tão próximos, mas totalmente inacessíveis àqueles que se encontram neles. Existencialmente, essa é a “mirabilia Dei”, onde se experimenta a mais absoluta solidão, a mais absoluta individualidade, a mais absoluta unicidade. Teologicamente, dir-se-ia que somos um “sopro único de Deus” a construir, dia a dia, nossa própria via.

Pessoalmente, sinto-me abençoado pelo fato de ter vivido nos “Canarinhos” um “tempo tão especial”, com seres humanos tão iluminados. A experiência das caminhadas nas montanhas e da visão da paisagem, acima descritas, tem a ver com essas poucas impressões que passo a descrever.

Após ter lançado no papel uma série de palavras-chaves que provocaram uma série de reflexões com vivas lembranças, decidi-me for eleger uma única palavra : ARTESANATO. Creio que o “tempo especial” a que me referi, guarda profunda relação com essa palavra. Na identidade dela reside um tempo que chamo de “kairológico” (de Kyrios) e não tão somente “cronológico” (de Cronos). Há o CUIDADO com a história de cada um. Há o reconhecimento da rica individualidade de cada ser. O artesão não se pre-ocupa com a linha de produção, mas com o momento mágico, onde todo um empenho de dias, semanas, meses, finalmente, acontece e enternece. Nesse ponto, vem-me à memória o saudoso Frei Leto que passava horas ensaiando, praticamente uma única nota musical, mas que prazer e alegria quando o Infinito fazia-se presente na voz de um daqueles “pequenos”!

Além da questão do tempo, creio que existe uma consciência holística no trabalho do artesão, no sentido de que para ele, no seu “fazer” tudo está inter-retro-relacionado (palavras do Mestre Boff). Há um sentido, uma direção. E, novamente, me vem à lembrança a figura do Leto, quando afirmava, enfaticamente, que a existência do Coral só tinha uma finalidade: o louvor de Deus.

Pode parecer, para alguns, ingenuidade. Para os que viveram aquele tempo isso soa como uma força divina que, efetivamente, movimentava toda aquela máquina.

Com certeza, Silvia, é muito difícil reduzir em uma página a experiência de tantos anos de convivência e de sonhos comuns. Logicamente, numa conversa surgiriam muitos pontos interessantes, de modo especial, a maneira jovial com que era temperada aquele estilo de vida, tão estranho para tantos, mas tão significativo para nós.

Intuo que seu trabalho trará muita luz para aqueles que são apaixonados pelo sonho de uma nova Humanidade, mais justa e fraterna, mais “franciscana”.

Certamente, nesta data tão especial, 04 de Outubro, Dia de São Francisco, a inspiração mais terna e evangélica vai tocar seu coração e alimentar sua inteligência, sempre brilhante.

Que em TUDO, haja “Ternura” e “Jovialidade” porque o Deus de Francisco é um Deus que canta e dança, celebrando no coração humano e no centro do Universo, a majestade de toda a Criação.

Em frente, pois como diz o Mestre OSHO :”...nada temos a perder, a não ser as nossas ilusões.”

Um fortíssimo abraço e grato por trazer à tona, em seu romance, questões de tanta relevância para a identidade do ser humano.

Nishiura, Montanhas de Petrópolis, 04 de Outubro, Dia de Francisco de Assis.

Em tempo: Há alguns anos, tomei a liberdade de enviar uma mensagem aos confrades formadores/educadores da “Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil”,

baseada num belo texto do Dalai Lama. Creio que vale a pena ler e refletir.

A PROPÓSITO DE UMA SADIA REFLEXÃO EM TORNO DO TEMA EDUCAÇÃO-FORMAÇÃO, DE MODO TODO ESPECIAL, DENTRO DO UNIVERSO FRANCISCANO

“...Quando educamos nossas crianças para adquirirem conhecimentos sem compaixão, é muito provável que sua atitude para com os outros venha a ser uma combinação de inveja daqueles que ocupam posições superiores às suas, competitividade agressiva para com seus pares e desdém pelos menos afortunados, o que leva a uma propensão para a ganância, para a presunção, para os excessos e, muito rapidamente, à perda da felicidade...”

Educação é muito mais do que transmitir conhecimentos e habilidades por meio dos quais se atingem objetivos limitados. É também abrir os olhos das crianças para as necessidades e direitos dos outros. Precisamos mostrar às crianças que suas ações têm uma dimensão universal. E precisamos encontrar uma forma de estimular seus sentimentos naturais de empatia para que venham a ter uma noção de responsabilidade em relação aos outros. Pois é isso o que nos motiva a agir. Se tivéssemos de escolher entre conhecimento e virtude, a última seria sem dúvida a melhor escolha, pois é mais valiosa. O bom coração que é fruto da virtude é por si só um grande benefício para a humanidade. O mero conhecimento, não.

Como, porém, ensinar princípios morais às nossas crianças? Tenho a impressão de que, em geral, os sistemas educacionais modernos negligenciam a discussão de questões éticas. Isso provavelmente não é intencional, mas um subproduto da realidade histórica. Os sistemas educacionais seculares foram desenvolvidos numa época em que as instituições religiosas ainda exerciam grande influência em toda a sociedade. Como os valores éticos e humanos eram então e ainda são vistos como pertencentes à esfera da religião, presumiu-se que esse aspecto da educação infantil seria atendido durante a sua formação religiosa. E isso funcionou bastante bem até a influência da religião começar a declinar. Embora ainda exista, a necessidade não está sendo atendida. Portanto, temos de encontrar outra forma de mostrar às crianças que os valores humanos fundamentais são importantes. E também ajudá-las a desenvolver esses valores.

É claro que, em última análise, não se aprende a importância da consideração pelos outros através de palavras, mas através de ações: do exemplo que se dá...

Também não é preciso dizer que aquilo que as crianças aprendem sobre conduta ética na escola deve antes de tudo ser praticado. Quanto a isso, os professores têm uma responsabilidade especial. Seu próprio comportamento pode fazer as crianças lembrarem-se deles pelo resto da vida. Se esse comportamento é íntegro, disciplinado e bondoso, seus valores ficarão gravados na mente das crianças, com repercussões em seu comportamento. Porque as lições ensinadas por um professor com uma motivação positiva (kung fu), cujas palavras correspondem ao seu modo de agir, penetram mais fundo na mente do aluno...

No que se refere aos aspectos específicos da educação, deixo a questão para os especialistas. Vou limitar-me, portanto, a algumas poucas sugestões. A primeira é que, se quisermos despertar a consciência dos jovens para a importância dos valores humanos fundamentais, é melhor não apresentar os problemas da sociedade atual como uma questão meramente ética ou religiosa. É importante destacar que o que está em jogo é a manutenção de nossa sobrevivência. Dessa forma, passarão a sentir que o futuro está em suas mãos. Em segundo lugar, acredito que o diálogo pode e deve ser ensinado em sala de aula. Apresentar aos alunos um assunto controverso e estimular o debate entre eles é uma excelente maneira de introduzi-los ao conceito de resolução não-violenta de conflitos. Na realidade, seria muito bom se as escolas fizessem desse tipo de diálogo uma prioridade, pois isso traria benefícios para a própria vida familiar...

Finalmente é imprescindível eliminar dos nossos currículos escolares qualquer tendência para apresentar os outros sob uma ótica negativa. ...Não contribuí em nada para o bem da humanidade. Hoje, mais do que nunca, precisamos mostrar às nossas crianças que as distinções entre “meu país” e “seu país”, “minha religião” e “sua religião” são secundárias. Antes de tudo, precisamos afirmar com insistência que meu direito à felicidade não tem mais peso do que o direito do outro. O que não significa que as crianças devam abandonar

ou ignorar a cultura e a tradição histórica do lugar em que nasceram. Pelo contrário, é muito importante que sejam instruídas nesses fundamentos para que aprendam a amar seu país, sua religião e sua cultura..." (eu grifei).

Trecho do livro "Uma ética para o novo milênio" do DALAI LAMA, Editora Sextante, páginas 196-200.

SENHOR GUARDIÃO,

Solicito que apresente essa reflexão a todos os membros da Comunidade, pois, efetivamente, todos os frades da Província são responsáveis pela formação franciscana, pelos atuais parâmetros escolhidos, dentro dos quais se movimentam as escolas e faculdades.

É URGENTE UMA RE-AVALIAÇÃO !!!

Quando os pais procuram um colégio franciscano estão em busca de algo específico, de uma identidade transparente, de valores fundamentais que estão no berço desse novo milênio (e que por graça divina são valores eminentemente franciscanos, pois profundamente humanos).

A questão é: quais são os valores específicos/prioritários que devem orientar os dirigentes de uma escola franciscana? Deve-se ter clareza sobre esse HORIZONTE/IDENTIDADE, sob pena de se cair na mesmice (toneladas de conhecimentos sem co-nascimento de mãos dadas com a cegueira do brilho do ouro) já articulada por outras instituições de ensino que outro compromisso não têm a não ser colocar os alunos dentro de uma boa faculdade (meta sempre entronizada como plena realização do ser humano) a um preço "justo".

Fraternalmente,

Luiz Carlos Nishiura

No dia 06-nov-2000, Nishiura encaminhou um texto para frei Cesar, distribuindo cópias para outras pessoas ligadas ao Canarinhos. Recebi uma cópia da Marisa e, após consentimento do seu autor, o transcrevo, pois ele mostra profundas preocupações com o Canarinhos a partir da junção com a Associação Bom Jesus.

EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE PERDIDA

Francisco de Assis foi eleito o "homem do Milênio" pela revista "Time", sendo aclamado e festejado em todos os continentes.

Esse fato, longe de ser mais um "marketing" jornalístico, aponta para a existência de uma semente, guardada e reverenciada no mais íntimo do ser humano: se houve um homem com tal envergadura, humanamente plenificado pelo divino ou divinamente plenificado pelo humano, então, ainda resta esperança para o nosso futuro em nossa casa comum, a Terra.

Valores que são propagados pelos quatro cantos do mundo e que merecem a atenção de toda a sociedade, como a necessária solidariedade para com os mais fracos, o olhar mais fraterno diante de toda criatura, o cuidado para com a natureza, em todas as suas manifestações, a consciência de que somos um UNO a viajar por esse imenso UNiverso, e que TUDO é, necessariamente, interdependente, todas essas colocações e muitas mais encontram, na figura histórica de Francisco de Assis, um retrato completo. Ele, mais que pregar, viveu a plenitude dos citados valores, e no limiar de um novo século, torna-se, uma vez mais, atual e instigante. O que ele intuiu e viveu, para nós ainda representa um desafio, uma luta a ser travada, um caminho a ser percorrido. Nele temos o arquétipo de uma nova humanidade, plenamente reconciliada, mas em nós reside o poder de decidir.

*A grande questão que se coloca é a seguinte: **que tipo de ser humano queremos ser ou queremos construir?** Diante de tal questionamento estamos, definitivamente, sós. De nossa resposta dependem nossos passos, e mais, depende o próprio chão que nos sustenta.*

Para os seguidores de Francisco, na instituição da Ordem Franciscana, a citada

ENCAMINHAMENTO DO TEXTO CITADO ANTERIORMENTE.

FRANCISCO.

VALORES FRANCISCANOS.

questão deveria ser o agulhão cotidiano a lembrar o quanto de trabalho há para ser realizado na busca de uma identidade plena, quanto há de questionamento a ser colocado, quanto há de atitudes e posturas a serem repensadas... Efetivamente, transborda a boa vontade, reconhece-se o esforço e a sinceridade na busca de acertos. Mas também nos deparamos, e não poucas vezes, com descaminhos, com teimosos desacertos e com decisões que caminham na contramão da história do Poverello.

Francisco sabia o peso que representava uma instituição, por isso sempre preferiu distar-se da mesma. Ele tinha asas para voar e não para abrigar bens, que ele nem sabia, somente atrapalhavam aqueles que realmente se punham a caminho de si mesmos.

No entanto, a instituição, por mais limites que apresente, deve ser a guardiã do sonho seráfico, a criadora de atalhos que alimentem a utopia que se fez topia em Francisco.

Nesse sentido, o fato histórico da Ordem Franciscana ter acumulado, ao longo de anos, escolas, faculdades, universidades, etc..., confere-lhe uma GIGANTESCA RESPONSABILIDADE. Aqui coloca-se com maior peso a questão acima citada: **que tipo de ser humano queremos formar?** Por bênção do Altíssimo, os portais do século XXI abrem-se diante de nós sustentados pelos valores supra mencionados, todos eles encontrando na figura de Francisco sua encarnação mais plena. É uma herança fantástica da qual devemos nos orgulhar, agradecer todos os dias, mas, ao mesmo tempo, ter plena consciência de que se trata de um legado-desafio, carregado de gravidade.

O tão questionado trabalho pastoral dos frades em escolas deve ser pensado com serenidade e com muita humildade. Há de se admitir que, muitas vezes, as escolas dirigidas pelos franciscanos deixaram de cultivar os valores essenciais da vocação originária, tendo sido hipnotizados pelos “valores” emergentes de uma sociedade materialista, hipócrita e injusta. Pelos bancos dessas escolas passaram muitos daqueles que, tendo alcançado a vida pública, vieram a promover todo tipo de desvios éticos, em nome de um “desenvolvimento” que só beneficiava uma pequena elite, sempre sustentado com o sacrifício e o sangue dos menores. Isso não é acusação. É apenas constatação que a História confirma. Por outro lado, grandes líderes brotaram sob o mesmo teto dos colégios e seminários franciscanos, pessoas que, efetivamente, levaram avante o sonho do Poverello, nas diversas carreiras que vieram a abraçar. E assim, há de se reconhecer a extrema importância da Educação num programa de Pastoral Franciscana. A presença dos frades em escolas é uma bênção que deve ser acolhida, um desafio que merece o melhor de todos os empenhos, pois num país como o nosso, é ali, no começo, que se engendram as grandes transformações possíveis e desejáveis. Mas há de se atentar: existe uma identidade franciscana, baseada em valores fundamentais que, em momento algum, pode ser esquecida e que, através de programas inteligentemente bem inspirados, deve permear toda a vida de uma escola orientadas pelos frades. O saudável processo de secularização não arcaço026 ngue8 algumlã idas

com todos os relacionamentos, acentuando sempre o necessário afeto e compaixão para a compreensão de nosso mundo e de nossa humanidade. Enfim, deverá ter um pressuposto bem definido e claro para atuar com segurança e fidelidade ao paradigma de Assis.

Longe dessa clareza, melhor realmente é entregar as escolas, os colégios, as faculdades, as universidades àqueles que elegeram a gestão puramente empresarial desses espaços, como sendo o melhor método para se forjar um novo homem para um novo século, rendendo-se ao fato consumado de uma terceirização, e retirando das instituições todo e qualquer sinal de memória franciscana.

A questão é complexa e não se esgota numa simples tentativa de reflexão. Daí a necessidade urgente de se re-pensar esse momento histórico, e para tal, um bom começo será recolher os cacos daquilo que, ingênua e açodadamente, foi quebrado, destruído, deixado de lado, jogado fora.

Humildade e coragem para re-começar é uma grandeza só reservada ao Homem. E também nesse aspecto, Francisco foi Mestre. Dessas atitudes nascem as lendas, engendram-se as sagas, eternizam-se os homens, muda-se a História, criam-se, enfim, “novos céus e nova Terra”, como quer o Senhor.

Nishiura, em 06.11.2000, Petrópolis.

PRETENDE

A REFLEXÃO PRINCIPAL.

FREI JOSÉ LUIZ

EX-DIRETOR

06-OUT-2005

Ele é **O** frei. Substituiu frei Leto nas direções do coral e do Colégio dos Canarinhos em 1973. Foi um dos partícipes da transição Canarinhos / Bom Jesus Canarinhos, tendo permanecido no colégio até 2000, quando foi transferido para uma paróquia em Pato Branco, interior do Paraná.

Data: Thu, 6 Oct 2005 20:38:29 -0300 (ART)

De: "Silvia Tkotz" <silviatkotz@...com.br> [Ver detalhes do contato](#)

Assunto: Escrever para me ajudar

Para: "Frei Prim" <frei...@...com.br>

Parte superior do formulário

Silvia

Tkotz

silviatkotz@y

http://br.f331.mail

Parte inferior do formulário

Prezado e querido Frei José Luiz !

Quanto tempo!!!

Bem, essa coisa de tempo é algo que está cada vez mais insuficiente nessa minha etapa de vida. Preciso reverter esse ritmo. Mas, por enquanto não consigo e só escrevo, escrevo, escrevo. Estou em plena redação de minha dissertação de mestrado.

Estou em um momento da escrita em que narro a minha versão sobre a chegada da Associação Bom Jesus no Colégio dos Canarinhos. Uso o romance como forma de escrita.

O nome do romance está assim, por enquanto: *Ternura e dor: fragmentos da história de um colégio franciscano*.

Uma pergunta que teima em calar e que me motivou a escrever essa mensagem: O senhor não poderia escrever alguma coisa para meu trabalho? Poderia contribuir?

Estarei esperando um retorno, ansiosa.

Um abraço e até breve!

Silvia.

VIDA NOS "CANARINHOS"

Meus 28 anos de atividade nos "Canarinhos" de Petrópolis iniciaram em 1973 e terminaram no ano de 2000, durante minha idade de 38 a 65 anos. No Instituto dos Meninos Cantores, dirigi o Coral dos Canarinhos, símbolo e alma de toda a Instituição.

MINHA MENSAGEM.

O DEPOIMENTO.

Mas não só. Por muito tempo, tive a meu encargo a direção escolar do Segmento de Ensino, e iniciei a construção da sede própria.

Dentre os Colégios de nossa Província Franciscana, o dos Canarinhos era, por aqueles tempos de 1973, o mais insignificante, tanto que, até pelos anos de 1980, nem sequer era convocado para a assembléia anual dos demais. Podia ter desaparecido como tantas outras “escolas paroquiais” que os Frades alemães costumavam construir ao lado das igrejas no período da restauração da Província, com fins de apostolado através da catequese, e também para o ensino escolar, devido à carência de professores da rede pública. Talvez essa escola não tenha desaparecido porque nela, em 1942, Frei Leto Bienias iniciou o coral que, com o correr dos anos, se tornou famoso, mereceu o respeito e a atenção da Província, que, por isso, manteve a Escola Gratuita São José e o Ginásio dos Meninos Cantores, apesar de serem deficitários até pelos anos de 1975. Não fosse a subvenção mensal da Editora Vozes, seu funcionamento seria inviável e teria desaparecido.

O que significou minha presença de 28 anos nos Canarinhos? Não gosto de falar de minha pessoa e preferia que fosse ouvido o povo de Petrópolis. Quando ali cheguei, em 1973, havia, no sistema escolar que compreendia da alfabetização à 8. série, *pouco menos de 200 alunos. Quando entreguei a direção, em 1996, estávamos alcançando os 900, e quando o Colégio passou para a Associação de Ensino do Senhor Bom Jesus, em 1998, havia em torno de 1.300 alunos, incluído o ensino médio que iniciamos por volta de 1994.*

(Sílvia: isso aí está em itálico, para você conferir nos livros do Colégio; é bem possível que alguns números estejam inexatos, pois não consigo reter tudo de memória.)

Como músico que sou, ao assumir a direção dos Meninos Cantores, em 1973, dei continuidade aos rumos e à filosofia que o grande fundador do Instituto imprimiu à sua obra, formando uma escola voltada para o ensino de canto coral artístico a Meninos Cantores. A instituição foi criada seguindo o modelo de escolas que, há séculos, mantêm coros famosos na Europa, como os Meninos Cantores de Viena, os de Regensburg, de Montserrat, o Kings College e outros mais. Em nosso caso, o “Canarinhos” nasceu da Escola Gratuita São José, iniciada em 1897.

Apesar de a música, na forma de canto coral com meninos e jovens cantores, ter absorvido a maior parte de minhas energias e de meu tempo, sempre acompanhei de perto o setor de ensino, zelando pela boa qualidade dos estudos, selecionando professores e funcionários qualificados, presidindo conselhos de classe e fazendo reuniões com os pais. Procurei imprimir ao Colégio uma filosofia de cunho franciscano, isto é, fazer da escola uma comunidade voltada em primeiro lugar para a pessoa humana com seus valores, vendo os semelhantes como filhos de Deus, como nossos irmãos, como cidadãos dignos de todo o respeito e apreço. Na educação cristã e franciscana, o educando e seus pais encontram espaço para o desenvolvimento integral e harmonioso da personalidade, e a pessoa deve sentir-se bem aceita, amada e feliz. Dessa forma, será capaz de retribuir respeito e amor àqueles que a cercam. É claro que o aspecto profissional que busca a boa qualidade do ensino e o aperfeiçoamento do corpo docente sempre foi atentamente procurado, e sua melhoria continuamente estimulada. O resultado foi o reconhecimento da população, que considerava o Colégio dos Canarinhos como um dos melhores da cidade.

Na qualidade de músico e maestro do coral, a atividade musical sempre recebeu maior atenção e dedicação de minha parte. Na atividade musical daqueles 28 anos, foram destaque as numerosas excursões artísticas realizadas a vários estados do Brasil, os congressos nacionais de meninos cantores que aconteciam a cada 3 anos; as 4 apresentações na presença do Papa; as 6 viagens internacionais realizadas com pleno

Minha resposta em 01/11/2005

Querido frei José Luiz,

Muito obrigada pelo trabalho que me enviou. Ler seu artigo muito me comoveu. Suas palavras confirmam a história que escrevo sobre o Colégio dos Canarinhos e me possibilitam mostrar o trabalho de educação franciscana que se iniciou na Escola Gratuita São José e que o senhor deu continuidade e engrandeceu com muito vigor, sem deixar perder a ternura. Fomos uma família no Colégio dos Canarinhos.

Trago no meu trabalho a preocupação com as transformações traumáticas que geraram mudanças radicais no trabalho que o senhor, especialmente, por tanto tempo se dedicou. Gostaria que o senhor dissertasse sobre essas questões, apresentando como o senhor percebeu e sentiu todo esse movimento de vinda do Bom Jesus para o nosso colégio. O senhor poderia fazê-lo?

Desde já, agradeço muito, muito, o trabalho que já teve comigo. Quero dizer que deu maior sentido ao trabalho que estou fazendo.

Um grande beijo da sua filha de coração,

Sílvia.

De: "Frei Prim" <frei @ .com.br> [Ver detalhes do contato](#)

Para: "Sílvia Tkotz" <silviatkotz@ .com.br>

Assunto: Sobre as transformações

Data: Mon, 7 Nov 2005 23:07:27 -0200

Parte superior do formulário

Prim

frei ttp: .f331.mail

Parte inferior do formulário

Estimada Sílvia:

Obrigado por sua mensagem recente. Estou feliz por você ter apreciado meu artigo, dizendo-me que confere ainda maior sentido ao seu trabalho, e sinto-me honrado por ter podido colaborar ao menos um pouco.

Quanto a seu pedido para eu escrever pequena dissertação sobre a entrada traumática do poderoso Bom Jesus, prefiro que você me dispense desse trabalho, que para mim seria extremamente penoso [...]

Sílvia, você tem em Petrópolis diversas Professoras que poderiam se dispor a escrever algo na linha do que você me pediu: A Marize, a Maria Odete, a Sônia, a Marilda e tantos outros. Se um leigo escrever a esse respeito, é bem diferente do que se um "Confrade" escrever. Nós Confrades temos de nos respeitar uns aos outros, mesmo a quem erra.

Se quiser, mostre essas linhas à Filomena, ela merece saber. De resto, esta mensagem é confidencial, peço que não a comente por fora. Agradeço.

Desculpe o tamanho do "jornal".

Um GRANDE abraço à maninha querida, que é a Filomena. Quanto lembro dela, não posso deixar de pensar: COMO DEUS É BOM !

Seu amigo do coração,

Frei José Luiz Prim

FAMÍLIA.

PEDIDO.

[...] RESPEITADO O PEDIDO DE NÃO DIVULGAÇÃO.

PAULO / ENEIDA



09-OUT-2005

Manifestaram-se na "Comunidade Colégio São José-Rio Negro-PR".

BOM JESUS COMO AMEAÇA.

ANÍBAL
↓
EX-PROFESSOR

23-NOV-2005

Professor de física do Colégio dos Canarinhos, foi demitido em 1999, primeiro ano da transição Canarinhos / Bom Jesus.

UM GRITO DE REVOLTA.

PATRÍCIA

EX-PROFESSORA

11-DEZ-2005

Foi alfabetizadora por 10 anos no Colégio dos Canarinhos. Com a entrada da Associação Bom Jesus, foi deslocada para a 3ª série do ensino fundamental, tendo sofrido com essa mudança.

Foi demitida em 2001.

Assunto: Texto s/ Bom Jesus

Data: Sun, 11 Dec 2005 20:02:44 -0200

De: "Robson" <robson@...com.br> [Ver detalhes do contato](#)

Para: "Silvia Tkotz" <silviatkoz@...com.br>

Segue em anexo o texto que vc. pediu à Patricia.

[]s, Robson

Entrei no CC [Colégio dos Canarinhos] em 1990 para trabalhar na classe de alfabetização. Naquela época, era um colégio bem tradicional e a disciplina bastante rígida. Neste mesmo ano, em outro colégio em que também trabalhava, comecei a ter contato com o Construtivismo e levei algumas idéias para o CC, mostrando a outros professores que havia uma outra forma, bem mais criativa e atraente, de se alfabetizar. Aos poucos fui introduzindo-as esperança de mudanças. Contava com o apoio da minha coordenadora e, sempre que podíamos, trocávamos idéias sobre essas mudanças que tanto queríamos.

Quanto o BJ [Bom Jesus] entrou no CC, em 1997, eu estava saindo de licença para ter meu bebê. Nós estávamos ouvindo rumores de que um outro colégio havia comprado o nosso, mas, até aquele momento, eram só boatos e não tínhamos certeza do que estava acontecendo.

Na volta da minha licença, os boatos haviam se confirmado. O CC agora era CBJC. Chegaram trazendo as "mudanças" que tanto queríamos. Projetos e idéias novas, materiais diversificados, cursos de aprimoramento, uma nova proposta. E não ficou só na parte pedagógica: propuseram plano de cargos e salários, pós-graduação gratuita, aumento de salário, dentre outras coisas. Ficamos maravilhados, era de encher os olhos. Seríamos o melhor colégio do Estado do Rio de Janeiro, era o que falavam.

Mas as mudanças só estavam começando. Com elas, pessoas "ditas" não adaptadas foram dispensadas e, a cada ano que se passava, víamos o grupo que há tanto tempo trabalhava junto ser desmantelado, sempre com a mesma desculpa: não se adaptaram. Para os que ficavam, restava o vazio de ver os amigos partirem e a frase repetida em coro: "Vocês são os melhores!" Comecei até a acreditar nisto, e, para sermos os melhores, a lei nos obrigou a fazer faculdade, o que, de certa forma, até agradeço.

Foram anos difíceis. Me foi oferecida a "dobra de horário" no colégio e não tive como recusar, com medo de ser cortada. Então, trabalhava o dia inteiro e cursava a

O CONSTRUTIVISMO.

AS PROMESSAS BOM JESUS.

AS DEMISSÕES.

faculdade de Pedagogia à noite. Saia direto do colégio para a faculdade e, muitas vezes, carregava comigo meu filho, que, nesta época, completava seu 1º ano de vida. Só Deus sabe o que passei! Meu filho, pequeno, não entendia o porquê de a mamãe não estar em casa e, por conta disso, me rejeitou. Quanto eu não estava fazendo as coisas do colégio, que não eram poucas, estava tentando dar conta dos trabalhos da faculdade.

E assim se passaram 4 anos. Era cansativo sim, mas ao mesmo tempo me sentia valorizada como profissional. “Vesti a camisa”, como diziam e enchia a boca para dizer que trabalhava no CBJC. Meu filho, pequeno, desfilava com a merendeira em casa, dizendo que ia estudar no colégio da mamãe.

Mas o “sonho” estava terminando e, em uma dessas dispensas que já haviam se tornado um hábito, pois ocorriam todo final de ano, a coordenadora que tanto me apoiava e dividia comigo o sonho de mudança foi dispensada também e como sempre, ouvimos as mesmas frases: Não se adaptaram e Vocês são os melhores.

Será mesmo? Comecei a ter dúvidas em ser realmente uma das melhores, pois estava vendo pessoas capacitadas, inteligentes e dinâmicas serem dispensadas e seus lugares sendo preenchidos por pessoas que não mediam esforços para subir na carreira, passando por cima dos outros sem o menor escrúpulo.

Agora sim, as máscaras estavam caindo e, no lugar do orgulho que sentia em trabalhar no SBJC, comecei a sentir o gosto amargo da decepção e o ano que estava apenas começando prometia novas surpresas.

As minhas expectativas se concretizaram e foi um ano muito difícil. Não sabia a quem recorrer e a sensação que tinha era de vigilância constante. As coordenações mudaram e, para nossa sorte, foi indicada uma de nós, uma professora que estava sofrendo junto e passando com o grupo toda a insegurança. Fiz tudo o que pude para ajudar e deixei até que usassem minha experiência, pois era solicitada para resolver diferentes tipos de problemas que apareceram durante o ano.

Cheguei a pensar que teríamos um final de ano tranquilo, mas estava enganada e, para a minha surpresa, a hora que mais temia havia chegado. Fui chamada à direção da escola. Desci já sabendo do que se tratava e deixei atrás de mim várias companheiras chorando, porque elas também sabiam o que estava para acontecer.

A direção, como sempre, vestida numa capa de gelo, me disse, entre vários elogios, que não havia uma turma no ano seguinte para mim e, por isso, não precisavam mais dos meus serviços. No primeiro momento fiquei paralisada. Vi toda a minha história dentro do colégio passar em meus pensamentos. Quanta coisa eu tinha vivido ali, quantos anos!

Não conseguia entender. Como que uma professora com tanta experiência, que sempre era disputada pelos pais e tão elogiada, não teria uma turma? Bem, era isso que estava acontecendo e, sem mais nem menos, agora eu era “carta fora do baralho”. Com um simples abraço e um muito obrigado, uma história de quase 15 anos chegava ao fim, e mais uma pessoa que “não se adaptou” fora dispensada. Para quem ficou, o refrão: “Vocês são os melhores!”. Será?

RAMON / ROGÉRIO

↓
ALUNO / PROFESSOR

17-DEZ-2005 / 02-JAN-2006 / 25-JAN-2006

Tanto Ramon quanto Rogério manifestaram-se a respeito da inserção da Associação Bom Jesus no Colégio São José, em Rio Negro, São Paulo, que, antes, durante seus 90 anos de existência, era administrado por irmãs da Divina Providência, não pertencentes à Associação.

DA DÚVIDA À ESPERANÇA.

VANESSA

↓
ALUNA

14-JAN-2006

Aluna do Colégio dos Canarinhos desde a CA, vivenciou a transição Canarinhos / Bom Jesus.

Manifestou-se pelo Orkut da Comunidade "Alunos do BJC".

PERDA DA LIBERDADE.

GUILHERME

EX-ALUNO

22-JAN-2006

Foi aluno do Colégio dos Canarinhos desde a CA, e vivenciei a transição Canarinhos / Bom Jesus.

Encontrei Guilherme no Orkut e encaminhei mensagem pedindo um depoimento, que está a seguir.

De: "Guilherme Pereira" <guilherme@hotmai.com>  Adicionar endereço

Para: silviatkotz@.com.br

Assunto: Resposta do Scrypt,mestrado

Data: Sun, 22 Jan 2006 21:34:37 -0200

Parte superior do formulário

Pereira

guilherme

http://br.f331.mail

Parte inferior do formulário

Oie Tia Silva..desculpa pela demora mas minha faculdade tá tendo aula agora..e estou muito enrolado. Eu estudei nos canarinhos do CA até o 3 ano do 2 grau. Durante a época de canarinhos embora eu era meio novo lembro de um ambiente mlt familiar e com pessoas de classe média. Com a chegada do BJ houve uma elitização dos alunos. OS coordenadores eram de difícil relacionameto e mantiam uma certa distância dos alunos, mt diferente dos antigos no canarinhos. Parecia que os que vieram de curitiba trabalhavam com um manual de instrução. Era mt difícil resolver qualquer problema com eles,eram mt frios.Esses problemas começaram a ser solucionados com a retomada da coordenação por pessoas que são de petropolis. O nível dos professores melhorou, a estrutura do colégio tbm. Em relação ao Frei Cesar, ele era uma ótima pessoa e até ajudou financeiramente um viagem minha na época que eu jogava tenis de mesa, diferentemente do que ocorreu alguns anos depois quanto tive que me ausentar 1 semana pra jogar o campeonato brasileiro e o colégio liberou com uma certa dificuldade,ouve uma demora na negociação pq curitiba tinha que saber e tal.Mesmo assim as provas de segunda chamada que eu tive que fazer eles só me cobraram 3 e eu fiz 8,pq o torneio era na msm semana de provas.

DA FAMILIA A ELITE.

QUESTÕES PESSOAIS.

SIMONE

EX-ALUNA

23-JAN-2006

Aluna do Colégio dos Canarinhos desde a CA, saiu do colégio em 1999, primeiro ano da transição, pois foi morar em Portugal.

Manifestou-se respondendo à mensagem que deixei no Orkut através da comunidade "Coral Meninas dos Canarinhos".

FAMÍLIA SUBSTITUÍDA POR INDÚSTRIA.

JULIANA / LARA

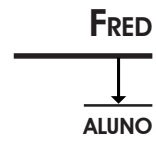


EX-ALUNAS

31-JAN-2006

São ambas ex-alunas, tendo-se manifestado pelo Orkut na comunidade "Coral Meninas dos Canarinhos".

DECERÇÃO, MUITAS MUDANÇAS OBRIGATORIAS E MENOR RENDIMENTO.



04-FEV-2006

Fred é aluno do Colégio Bom Jesus Canarinhos e manifestou-se no Orkut, "Comunidade Bom Jesus Canarinhos".

VESTIBULAR, DIREÇÃO E VIGILÂNCIA.

KILYA



ALUNA

04-FEV-2006

Aluna do Colégio Bom Jesus Canarinhos, manifestou-se, no Orkut, pela "Comunidade Bom Jesus Canarinhos".

DEMISSÕES, VIGILANCIA E FRACASSO.

KILIAN



ALUNO

06-FEV-2006 / 08-FEV-2006

Aluno do Colégio São José, em Rio Negro, Paraná, e manifestou-se através da comunidade, no Orkut, de alunos desse colégio.

AS MUDANÇAS.

DEMISSÕES.

ISABELA FONTANELLA

↓
EX-ALUNA

19-FEV-2006

Ex aluna do Colégio Bom Jesus Canarinhos.

ALGUMAS PESSOAS APROVAM AS MUDANÇAS E GOSTAM DELAS.

TERIS ZONATO

↓
EX-ALUNA

19-FEV-2006

Ex aluna do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, em Curitiba, incorporada ao sistema Bom Jesus em 1999.

ENQUANTO EU LIA, PENSEI TRATAR-SE DE ALGUMA EX-ALUNA DO Bom Jesus CARARINHOS.

isso sem contar as regras que eram impostas a nós alunos. Novamente cito: alunos eram tratados como crianças.

Infelizmente foi uma grande perda para mim, que passei praticamente a vida toda estudando no Nossa Senhora de Lourdes. Estive no jardim de infância e saí de lá no segundo ano do segundo grau. Meu irmão também estudou lá até completar o segundo grau. Éramos uma grande família, todos unidos! Infelizmente isso acabou e só tenho de deixar minha tristeza, pois um dia, quando eu tiver um filho, dificilmente optarei por algum colégio da Rede Nossa JESUS...

LUCAS GANDIN

EX-ALUNO

26-FEV-2006

Ex aluno do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, em Curitiba, incorporada ao sistema Bom Jesus em 1999.

CARAMBA, A TIA DA PIPÓCA TAMBÉM FOI DESPEDIDA.

NOSSA SENHORA DE LOURDES – CTBA

↓
COMUNIDADE ORKUT

CRIADA EM 24-SET-2004

Com 483 membros, é uma comunidade de alunos do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, de Curitiba, que, desde 1999, como as escolas franciscanas centenárias “Diocesano” em Lages, e “Santo Antônio”, em Blumenau, ambos em Santa Catarina, e o “Colégio dos Canarinhos”, em Petrópolis, RJ, passaram a fazer parte do Grupo Bom Jesus.

O TEXTO DE APRESENTAÇÃO DEIXA CLARO QUE, NO COLÉGIO, HAVIA UM ANTES MAIS FELIZ.

CSAP – SANTO ANTÔNIO DO PARI

↓
COMUNIDADE ORKUT

CRIADA EM 26-JUL-2004

Com 908 membros, é uma comunidade de ex-alunos do Colégio Santo Antônio do Pari, que, desde 2002, passou a fazer parte do Grupo Bom Jesus.

“FALECIDO COLÉGIO SANTO ANTÔNIO DO PARI”.

documentos

&

fotos

DOS DOCUMENTOS & FOTOS

Silvia

Na pesquisa, eu não pretendia, inicialmente, trabalhar com documentos. No entanto, esses que são apresentados foram surgindo no decorrer da trajetória de estudo, à medida que remexer no material que eu trazia guardado me ajudava a lembrar.

Também, e especialmente, a prof. Marisa me emprestou toda sua coleção de jornais do colégio, um material interessantíssimo que me foi impossível não folhear e descobrir notícias que tinham relação direta com questões que eram faladas nas entrevistas ou que confirmavam lembranças apontadas no romance.

Percebi a possibilidade de olhar para esses documentos como quem olha para outras versões, que eu poderia chamar de "mais oficiais", porque praticamente todos os documentos que apresento aqui foram impressos ou encontram-se à disposição do público *on-line*.

Doc. 01: Jornal dos Canarinhos – Ano 1 - Nº 1-
jul-ago/1995, p. 1.

ALGUMAS VEZES, ERROS TINHAM DE SER CONSERTADOS.

Doc. 02: Jornal dos Canarinhos – Ano
1 - Nº 2 - set-out/1995, p. 1.

Doc. 03: Jornal dos Canarinhos – Ano
1 - Nº 2 - set-out/1995, p. 1.

Doc. 04: Jornal dos Canarinhos – Ano 1 - Nº 2 -
set-out/1995, p. 4.

Doc. 05: Tablóide Bom Jesus
Canarinhos – out-1999, p. 1.

⁷ O Jornal dos Canarinhos foi substituído, em 1999, por um pequeno tablóide, com impressão colorida em papel couché. Os três exemplares que saíram foram substituídos, a partir de 2000, por um “informativo”, também colorido e em papel couché, em formato de folder grande. Estranhamente, nenhum dos tablóides apresenta referência de data, que aparecem, nas informações sobre atividades, com dia e mês apenas. Pelas notícias, supus que os três números do tablóide saíram nos meses de agosto, outubro e dezembro de 1999.

Doc. 06: Jornal dos Canarinhos – Ano II - Nº 5 - ago/1996, p. 5.

Doc. 07: Jornal dos Canarinhos – Ano II - Nº 7 - dez/1996, p. 3.

Doc. 08: Jornal dos Canarinhos – Ano II - Nº 8
- mar-abr/1997, p. 5.

Foto 01: Pintura da quadra em 2002. <http://www.bomjesus.br/proposta/fundamentos.asp>

Doc. 09: Jornal dos Canarinhos – Ano II - Nº 9 - mai-jun/1997, p. 5.

FREI JOSÉ LUIZ PREPARA SUA SAÍDA: LISCHT VOLTA DE ESTUDO NA ALEMANHA PATROCINADO PELO INSTITUTO.

Doc. 10: Jornal dos Canarinhos – Ano III - Nº 12 - mar-abr/1998, p. 5.

Doc. 11: Jornal dos Canarinhos – Ano III - Nº 14 - jul-ago-set/1998, p. 2.

Foto 02 (1998): Das 26 pessoas, apenas 4 permanecem no Canarinhos (fev/2006).

Foto 03 (1998): Das 28 pessoas, apenas 3 permanecem no Canarinhos (fev/2006).

Preâmbulo.

1998 - Programa de Saúde em Saúde - com o objetivo de garantir para a população em geral a possibilidade de acesso à saúde, com ênfase na prevenção, promoção e recuperação da saúde, visando à melhoria da qualidade de vida da população.

2º - O objetivo do presente trabalho é apresentar o plano de trabalho elaborado para o ano de 1999, com ênfase na prevenção, promoção e recuperação da saúde, visando à melhoria da qualidade de vida da população. ■

3º - O presente trabalho foi elaborado com o objetivo de apresentar o plano de trabalho elaborado para o ano de 1999, com ênfase na prevenção, promoção e recuperação da saúde, visando à melhoria da qualidade de vida da população.

Assinado em 04 de outubro de 1998.

Bonifácio Watanabe

Um Dia da População do Ar de 1998

A "SAÚDE" FINANCEIRA DO CANARINHOS 98 E A PROFILAXIA BOM JESUS 99.

?

INSTITUTO DOS MENINOS CANARINHO DE FERROVILLAS

Plano de Investimento de 1958

I. Receita Direta de 1958

Subcategoria	Qtd. Mens.	Valor Mensal (cont.)	Receita
Aluguel	12	134,72	20.167,60
Fundamental 1º Mes	12	119,25	47.550,00
Fundamental 2º Mes	12	119,11	29.412,96
Fundamental 3º Mes	12	145,29	37.000,00
Módulo 1º Grau (12 x 2)	24	114,17	10.400,72
Módulo 2º Grau (12 x 2)	24	176,25	8.412,00
Total	108		190.943,28

II. Plano de Investimento 1958

Categoria	Qtd. Valor de Anos	Qtd. Operativa
Aluguel	12	120
Fundamental 1º Mes	12	120
Fundamental 2º Mes	12	120
Módulo 1º Grau	24	240
Total	60	480

III. Mão de Obra Direta e Profissionais e Custo

Categoria	Qtd. Profissionais	Custo
Aluguel	12	7.140,00
Fundamental 1º Mes	12	10.960,00
Fundamental 2º Mes	12	7.415,00
Módulo 1º Grau	17	15.542,00
Total	53	41.057,00

IV. Mão de Obra Indireta e Custo

Exemplos	Sub-projeto	Custo
Administração	01	2.000,00
Distribuição de Alimentos	01	7.000,00
Distribuição de Freq. Esq.	01	6.500,00
Segurança	01	2.000,00
CSO	02	1.714,00
Formas	03	900,00
Manutenção de Instalações	04	1.000,00
Alfabetização	05	700,00
Consultoria Externa	12	4.000,00
Supervisão de Execução	08	4.000,00
Locação	09	1.000,00
Aluguel	10	400,00
Transporte	11	400,00
Manutenção	12	400,00
Material	13	200,00
Equipamentos	14	700,00
Instalações	15	400,00
Plano	16	1.000,00
Reserva de Custo	17	4.000,00
Total	64	41.057,00

V. Despesas Variáveis (média) 1.2005.

Código	Descrição de cada Conta	R\$
200	Ampliação de Serviços e Equipamentos	
202	Valor Residual de Irregularidades	
204	Atendimentos Médicos	
20401	Plantão - Atendimento para emergências	
20402	Resposta a chamadas para emergência e atendimento	
20403	Exames de diagnóstico	
20404	Material de Limpeza	
20405	Material de Limpeza de áreas internas	
20406	Sistemas de Ar Condicionado	
20407	Material de Inspeção e Manutenção	
20408	Combustíveis para veículos	
20409	Material de Escritório, Papelaria, Expediente	
20410	Material de Limpeza para alimentos	
20411	Bom de Manutenção Corrente	
20414	Material Cirúrgico e Reparações	
20417	Leitura Contínua de Dados	
20418	Material Diversos	
20419	Telefonia	
20420	Equipamentos	
20421	Leitura Contínua de Dados	
20422	Material de Limpeza	
20423	Água e Esgoto	
20424	Limpeza	
20425	Serviços de Manutenção e Instalações	
20426	Ativ. Hospitalar	
20427	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20428	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20429	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20430	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20431	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20432	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20433	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20434	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20435	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20436	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20437	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20438	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20439	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20440	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20441	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20442	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20443	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20444	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20445	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20446	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20447	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20448	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20449	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20450	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20451	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20452	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20453	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20454	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20455	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20456	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20457	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20458	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20459	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	
20460	Serviços de Manutenção e Correção de Máquinas	

A "SAÚDE" FINANCEIRA DO CANARINHOS 98 E A PROFILAXIA BOM JESUS 99.

263	Impo	
264	Contribuição Sindical/Impo de Clavac	
265	Taxa de Impo Urbano	
266	IGF	
267	Contribuição Legal e Contribuição	
268	Apostilagem	
269	Outros Direitos	

Despesa média dos cinco últimos meses (1 Jan/2015 - 5) R\$27.421,71

VI. Empresa Financeira

Conta Corrente e Saldo de Débito	Saldo	Emprestimo
12.125	12.125	12.125

A "SAÚDE" FINANCEIRA DO CANARINHOS 98 E A PROFILAXIA BOM JESUS 99.

VI.1. Encargos sobre Salários

Código	Encargos	%
01	IMPÓS. SOBRE SAL. ANTI	7,50%
02	INSS SOBRE SAL. ANTI	8,00%
03	INSS CONTR. PREVID.	8,00%
04	IMPÓS. SOBRE CONTR. PREVID.	0,20%
05	IMPÓS. SOBRE CONTR. PREVID.	0,20%
06	INSS CONTR. PREVID.	8,00%
07	IMPÓS. SOBRE SAL. ANTI	7,50%
08	IMPÓS. SOBRE CONTR. PREVID.	0,20%
09	PARTICIP. PROLABOR RESULT. LÍQUIDOS	1,00%
10	INSS CONTR. PREVID.	8,00%
11	IMPÓS. SOBRE CONTR. PREVID.	0,20%
12	IMPÓS. SOBRE CONTR. PREVID.	12,00%
TOTAL		60,80%

Encargos a receber..... 106,177,33 % 60,55% R\$ 74.200,11

VI.2. Encargos Sociais

Código	Encargos	%
01	INSS	8,00%
02	INSS	8,00%
03	INSS	8,00%
04	INSS	8,00%
TOTAL		32,00%

Encargos a Receber..... 188.390,94 % 3,84% R\$ 627,00

VII. Depreciação

Código	Depreciação	%
01	Depreciação de Equipamentos - 25 anos	4,00%
02	Depreciação de Imoveis - 5 anos	20,00%
03	Veículos - 5 anos	20,00%
04	Móveis e Utensílios - 5 anos	20,00%

Depreciação mensal de Equipamentos..... R\$ 13.600,00

Depreciação Mensal de Imoveis..... R\$ 263,00

Total..... R\$ 13.863,00

APLICACÃO DE RECURSOS POR SALA E ALUNO - 1998.

I. Mão de Obra Direta			
	Saldo	Revisão/Atual	Valor/Aluno
Professores	12.142,00	12.142,00	21,00
Fundamentação 1º Seq.	10.300,00	10.300,00	20,00
Fundamentação 2º Seq.	5.570,00	5.570,00	15,00
Média 2º Gr.	28.012,00	28.012,00	25,00

II. Material de Escolas (adrenas de R\$ 167.493,54 por Sala e por Aluno)			
	Saldo	Revisão/Atual	Valor/Aluno
Professores	10.300,00	10.300,00	20,00
Fundamentação 1º Seq.	5.570,00	5.570,00	15,00
Fundamentação 2º Seq.	4.100,00	4.100,00	10,00
Média 2º Gr.	20.070,00	20.070,00	17,00

III. Custo Total - Custo/Aluno			
	Custo Total	Custo/Aluno	Custo/Aluno
Professores	28.012,00	4.920,70	52,00
Fundamentação 1º Seq.	50.790,00	5.056,90	17,56
Fundamentação 2º Seq.	97.571,12	8.134,44	23,10
Média 2º Gr.	90.403,41	6.712,63	19,43
Total	276.224,54	6.152,77m	112,09m

VIII. Ocorrências de Casos:

I Recebimentos	R\$ 196.270,94
I.1. Escolas/Instituições	12.420,00
Total Recebimentos	R\$ 196.270,94
II Despesas	
I.1. Material de Consumo (Material)	R\$ 104.114,11
I.2. Passagens	24.968,41
I.3. Despesas Operacionais	27.720,51
I.4. Outros	13.475,99
I.5. Assistência Financeira (Interim)	21.000,00
I.6. Contribuições Sociais	8.852,38
I.7. Depreciação	17.000,00
I.8. Outros (Material, etc.)	12.000,00
Total Despesas	R\$ 227.130,40
III Diferença (positiva/negativa)	R\$ (30.859,46)
IV Saldo em Conta Corrente	0,00
V Saldo de Exercício	R\$ 101.438,05
VI Propaganda e Publicidade Mensal	
VII SALDO FINAL	R\$ 101.438,05

IX. Demonstração de Resultado do Exercício

Receita Bruta	R\$ 270,94
I. Despesas com Fretos de Transporte	R\$ 120,00
Resultado Bruto	R\$ 150,94
I. Despesas com Fretos	21.918,41
II. Despesas com Fretos de Transporte	1.125,91
III. Despesas com Aluguel, Manutenção e Melhorias	27.711,96
IV. Despesas com Depreciação e Amortização	(2.075,46)
V. Contribuições Sociais (INSS, INSS - FCM, INSS - PIS)	5.254,11
Resultado da Despesa Bruta	R\$ (30.859,46)
I. Despesa com	1.100,00
Resultado Líquido da Despesa	R\$ (31.959,46)

Parceiros**Índice:**

Considerando que a Execução dos Meninos Cegos de Petrópolis e SENP FMS Localizações são os dados contábeis apurados acima, apresenta Fluxo de Caixa Negativo no total de R\$ 30.859,46 e R\$ 31.959,46 de Resultado Líquido da Despesa mensal de R\$ 31.110,41.

Causas:

- Plano de Educação insuficiente e irregular, sendo representado, a falta de planejamento;
- Falta de manutenção de Passagem;
- Custo fixo alto R\$ 5.254,11 (18% do R\$ 29.200,00) de aluguel;
- Custo fixo alto R\$ 4.130,46 (14% do R\$ 29.200,00) de depreciação;
- Despesa de 15 salas de aula = 020 = 11% do custo;
- Mensalidade totalmente suportada em relação ao custo;
- Não se tem a referência na formação de Preço.



A "SAÚDE" FINANCEIRA DO CANARINHOS 98 E A PROFILAXIA BOM JESUS 99.

INSTITUTO DOS MILITARES CANTORES DE BEIRÃOJULIS

Planejamento Financeiro para 1999
Semêntis Exercícios: Módulo Módulo Aquis

I. Provisão de Receita

Subseção	Quantidade de alunos	Matrículas/ano	Receita
Total	154	154,00	51.110,00
Fundamental I/Seg	114	114,00	37.100,00
Fundamental II/Seg	100	100,00	32.100,00
Módulo III/Seg	100	100,00	25.200,00
Total	314	314,00	94.400,00

II. Plano de Investimentos

Subseção	Quantidade de projetos	Quantidade de matrículas
Total	10	3000,00
Fundamental I/Seg	10	1000,00
Fundamental II/Seg	10	1000,00
Módulo III/Seg	10	2000,00
Total	30	6000,00

III. Necessidade de M.O.B. (Professores)

Subseção	Quantidade de professores
Total	10
Fundamental I/Seg	10
Fundamental II/Seg	10
Módulo III/Seg	10
Total	30

IV. Custo de M.O.B. (Professores)

Subseção	Custo
Total	4.110,00
Fundamental I/Seg	1.370,00
Fundamental II/Seg	1.370,00
Módulo III/Seg	1.370,00
Total	4.110,00
Reserva Financeira	41.220,00
Total Total de M.O.B.	45.330,00

V. Custo Indireto

Função	Nº de Pessoas	Custo Mensal
Director Administrativo	01	-
Vice-director Administrativo	01	2.972,91
Administrador	01	1.368,02
Comandante Administrativo	02	4.941,29
Administradores de Serviço	02	1.216,43
Secrétaria	02	1.424,62
Porteiro	01	1.041,22
Facultativo	01	1.004,57
Alfomexado	01	822,11
Cozinheira	02	1.101,00
Departamento de Engenharia	02	2.125,00
Combinada	01	1.005,32
Tecladista	01	620,19
Supervisor	01	662,97
Alfomexado	01	500,00
Alfomexado	01	500,00
Manobras	01	500,00
Operador	01	500,00
Alfomexado	01	1.100,00
Regente do Curso	02	1.071,00
Alfomexado	01	500,00
Total	06	14.297,24
Encargos sobre Folha de Pessoal		14.126,06
Custo Indireto		28.423,30

VI. Despesas Operacionais e Financeiras

Ordem	Descrição	Valor
01	Despesas de Despesa Operacional	11.134,11
02	Despesas Financeiras (despesas com juros sobre empréstimos)	25.000,00
03	Alugueres	12.247,00
04	Salários	12.200,00
Total		60.581,11

VII. Depreciação

Ordem	Descrição	Valor
01	Edifício - Valor unit. 25.000,00 - 100% ano - 10.000,00	10.000,00
02	Móveis - Valor unit. 5.000,00 - 100% ano - 1.000,00	1.000,00
03	Equipamentos Informáticos - 3.000,00 - 100% ano	3.000,00
04	Móveis e utensílios - 10.000,00 - 100% ano	10.000,00
Total		24.000,00

VIII. Obrigações Sociais

Ordem	Descrição	Valor
01	Imposto sobre o rendimento	1.000,00
02	Imposto de Selo	1.000,00
03	Contribuição Social	2.000,00
04	Imposto de Selo	2.000,00
Total		6.000,00

PROJEÇÃO DE CUSTOS POR SALA E POR ALUNO - 1999.

I. Mensalidades Diretas e Encargos

Categoria	Custo	Ratão por Sala	Ratão por Aluno
Infância	7.293,22	1.114,77	48,80
Fundamental 1º Seg	1.067,40	1.137,39	76,86
Fundamental 2º Seg	22.012,81	2.310,97	110,28
Mélio 2º Gr	27.038,80	2.802,18	133,06

II. Roteio de Custos Indiretos Projetados de R\$ 158.468,75 Por Sala e Aluno

Categoria	Unidade Custeada	Ratão por Sala	Ratão por Aluno
Material de Consumo	24.128,41	1.167,17	76,74
Desp. 1º Seg. 1º Nível	19.157,45	4.000,11	16,16
Fundo 1º Seg. 40% do Aluno	14.752,25	1.063,11	11,55
Mélio 2º Gr. 1º Nível	10.380,11	4.000,11	11,56

III. Custo Total - Custo/Sala - Custo/Aluno

Categoria	Custo Total	Custo/Sala	Custo/Aluno
Infância	31.364,98	5.277,34	211,10
Fundamental 1º Seg	63.574,84	5.370,47	153,08
Fundamental 2º Seg	101.688,43	8.474,04	211,86
Mélio 2º Gr	63.580,97	7.065,21	176,64
Total	260.609,13	6.683,70	146,86-111

IX. Orçamento de Caixa - Projeção para Janeiro a Abril de 1999		
RECEITAS	Atual	Quadrimestral
I. Receita	2.117,00	8.522,00
1. Transferencial F. Seguros	7.400,00	29.200,00
2. Transferencial F. Seguros	7.400,00	29.200,00
3. Aluguel de Terreno	24.000,00	96.000,00
II. Outras Receitas	41.176,70	164.706,70
Total Receitas	49.593,70	193.928,70
III. Despesas	Atual	Quadrimestral
1. Despesa Programada	24.122,74	96.490,96
2. Despesa não programada	24.400,74	97.602,96
3. Despesa Operacional	27.750,74	111.002,96
4. Despesa financeira	23.000,00	92.000,00
5. Outras Despesas		
6. Despesa financeira (despesa com 2%)	6.000,00	24.000,00
7. Despesa com o Fundo Municipal	6.000,00	24.000,00
8. Despesa Imposto		
Total	127.273,90	504.096,90
IV. Meta líquida de Caixa (III - II)	24.320,76	97.831,74
V. Saldo Anterior		
A. Saldo de Caixa	127.273,90	504.096,90
B. Saldo Operacional da Prefeitura Municipal	22.120,71	88.671,44
VI Saldo Final	0	0
X. Orçamento de Caixa de Março a Dezembro de 1999		
RECEITAS	Atual	Quadrimestral
II. Receita	106.200,00	424.800,00
1. Receita Programada	77.000,00	308.000,00
2. Receita não programada	0	0
3. Saldo de Caixa	29.200,00	116.800,00
III. Despesas	Atual	Quadrimestral
VI. Saldo Final	0	0

Este Orçamento de Caixa foi elaborado com base nos dados fornecidos pelo setor de planejamento financeiro da Prefeitura Municipal de São José do Rio Preto, em 13/05/99.

A desconsistência da despesa é muito preocupante, pois a ignorância da despesa leva com certeza ao processo de superaquecimento das instituições.

X. Demonstração do Resultado 1994

RECEITA BRUTA (+) MENOS LÍQUID. DA RENDA	Período: 1º a 31/12/94	Período: 1º a 31/12/93
(a) Faltas de Pagamento	1.204.294,52	1.204.294,52
RECEITA LÍQUIDA	3.294.271,22	3.119.216,24
(b) Despesas Operacionais e Pólizas	1.557.217,74	2.711.233,20
RECEITO APÓS DESPESAS OPERACIONAIS	1.737.053,48	407.983,04
(c) Despesas com Faltas	200.612,76	511.210,12
RECEITO APÓS DESPESAS COM FALTAS	1.536.440,72	176.772,92
(d) Despesas Financeiras	10.000,00	-
RECEITA LÍQUIDA APÓS DESPESAS FINANCEIRAS	1.526.440,72	176.772,92
(e) Despesas Sociais	27.000,00	40.000,00
RECEITO LÍQUIDO	1.499.440,72	136.772,92

Medidas Juntadas:

- Um aumento nas desonhadas de 10% em média.
- 14% de crescimento contínuo.
- Produção de 250 horas brutas, isto é, de 4.240 horas brutas para 2.510.
- Consequentemente, redução de 40% de absoluta de 28% de 962,85 para R\$ 573.77,13. É uma recomendação para redução de 30% da quota tributária de R\$ 21.210,12 para R\$ 14.827,25. Isso significa redução da base tributária de R\$ 21.210,12 para R\$ 15.282,71, ou seja, 27% de redução ou impacto a favor da IRPJ a pagar.

Benefício

A "SAÚDE" FINANCEIRA DO CANARINHOS 98 E A PROFILAXIA BOM JESUS 99.

BOM JESUS & CANARINHOS

A respeito do professor Benedito dos Anjos, o Sr. Donizete escreve o seguinte: "possibilitou a assinatura do contrato sobre a parceria Bom Jesus-Canarinhos segundo Contrato Social de Petrópolis".

Sr. Donizete - 12/11/98

Caro Sr. Benedito - Já lhe mandei uma publicação sobre a parceria dos dois estabelecimentos. Você viu?

É importante saber de fato quem é o responsável pelo projeto, e não só para o Bom Jesus, mas também para o Colégio Canarinhos. Quem é o responsável profissionalmente?

É importante saber se há alguma possibilidade de o Colégio Canarinhos ter alguma participação direta ou indireta de se estabelecer um acordo com o governo. Há alguma possibilidade de se estabelecer um acordo com o governo de Petrópolis, onde há uma grande quantidade de escolas, para que possam ser reunidas em uma única escola, como o Colégio Canarinhos? Há alguma possibilidade de se estabelecer um acordo com o governo de Petrópolis, onde há uma grande quantidade de escolas, para que possam ser reunidas em uma única escola, como o Colégio Canarinhos?

É importante saber se há alguma possibilidade de o Colégio Canarinhos ter alguma participação direta ou indireta de se estabelecer um acordo com o governo. Há alguma possibilidade de se estabelecer um acordo com o governo de Petrópolis, onde há uma grande quantidade de escolas, para que possam ser reunidas em uma única escola, como o Colégio Canarinhos? Há alguma possibilidade de se estabelecer um acordo com o governo de Petrópolis, onde há uma grande quantidade de escolas, para que possam ser reunidas em uma única escola, como o Colégio Canarinhos?

É importante saber se há alguma possibilidade de o Colégio Canarinhos ter alguma participação direta ou indireta de se estabelecer um acordo com o governo. Há alguma possibilidade de se estabelecer um acordo com o governo de Petrópolis, onde há uma grande quantidade de escolas, para que possam ser reunidas em uma única escola, como o Colégio Canarinhos?

O Instituto de Minas torna-se autônomo e poderá até constituir filantropias com uma separada administração própria, gerenciando um de seus recursos e despesas.

O PRIMEIROS DIRETTOR poderá ainda ajudar com recursos, combates as dificuldades de estrutura em outras ocasiões, acatamentos e execução de obras, mas como rampa de acesso, estacionamento, salas (Cada note do direito e controle de contas Estado do Colegio), etc. Além de procedimentos internos, treinamento gerencial etc. Tudo isto segundo as necessidades aqui apontadas que restarão após estudos serem feitos e aprovados pelo conselho de la.

O Instituto vai de seu proprio custo, o Waltherro Kroetzberg poderá continuar ou não estudando no Instituto, e o Colegio terá em suas dependências uma sala destinada aos novos trabalhos, mas tudo separado, inclusive contas bancárias, investimentos, etc. Somente Frei César e Frei Luiz Romize poderão assistir el oques, e uma falta é o tanto. Frei José Luis assista somente na conta do Instituto - podendo prestar serviço no colegio e vice-versa, devidamente remunerado, tratameteo profissional.

O Frei José Luis não deve se preocupar com omissões do dia a dia da conta, mas investir em coisas maiores, buscando novas ideias, fazer viagens, participação de eventos em muitos lugares - como comemorar em duas arcabobos, levantar o nome da Invenção muito além.

17 de 98

Situação financeira

O professor Bernardino apresenta todo um estudo feito por ele em outubro de 1978, sobre funcionamento, classes, professores, que mostram a situação do colegio em termos financeiros - com ausência de qualquer forma de controle organizados que se acumulam cada vez mais, nestes tempos de escassez. Conclui-se então que se a partir de maio/79 o colegio poderá começar a ter alguma sobra, chegando o ano com um saldo disponível acima de 100 mil reais. Isto se tem levado a serm custando todas as despesas e das necessarias, além de que a escola possa ter sempre um saldo disponível na própria estrutura, com futuro e lucro crescente.

17

O Bom Jesus clama todo apoio a partir deste momento. Na sua primeira visita, Frei Claudio e Paulo Amis poderão efetuar essas negociações que sua Escola somente na conversa e já começaram a ser feitas. Com isto, inicia-se um processo de globalização destas instituições em benefício da educação que em nosso caso não existe a menos, porque Camacim, Coral, Anália, Camarões, Ubatuba e vice-versa.

Um novo nome para o Colégio?

Havia um repasse de R\$ da primeira turma do Colégio ao Instituto, equivalente 17.333 reais, mas que deveria ser utilizado para pagamento de honorários do Instituto, viagens e gastos com desenvolvimento gerando um lucro não muito excessivo e que possa ser cumulativo em outras ocasiões a partir.

Com dedicação e arrependimento de seu trabalho vem dando ao Colégio e Coral serão alcançados pelo reconhecimento maior além de Pernambuco e do Rio de Janeiro.

28/09/68

Para efeito legal junto ao governo, o Colégio Camarões estava vinculada ao Bom Jesus, mas com CDE própria, porém diferente do Instituto.

O professor Bonifácio elucida a necessidade de colocar em ordem a documentação de toda a casa - análise de escritura neste estado e a estes pontos: revisão da escritura para evitar surpresas desagradáveis em futuro e não vir a ser um problema para a Província.

É preciso ter bem claro que o Bom Jesus não tem fins lucrativos, mas para ajudar os Camarões, mas para ajudar, tanto a Casa de Pernambuco, disto tem nos dado mostra o trabalho desenvolvido por Frei Claudio Sobrinho e Paulo Cunha Amis.

Na medida em que 'Camacim' se restitua, tem a obrigação de ajudar estas casas da Província que possam por dificuldades.

20/11/68

O professor Bonifácio redige um documento baseado em tudo o que foi mencionado até o momento, contemplando a estrutura organizacional a partir de então, com objetivos e plano de ação, entre

colaboraram duas pessoas envolvidas: Sr. José Luis Prión y Cándido Manuel Solís, Paulo Amós da Cardina e Sr. Luiz Desvazete Ribeiro. Entregando a mensagem de Frei Carlos Kalkamp, que se encontra na Liturgia, nos escritos da Realização de Frei Galvão.

Para Frei José Luis, estes dias foram para nós, quer da a insistência, a o Deus, a esta missão e da nova a esta casa, em todas as palavras que nos transmitiu, nestes dias de conversão para mensagem de Frei Cándido, — a verdadeira transformação um instrumento de paz, por sua visão e conhecimento.

_____ Frei Carlos Kalkamp

- 01-03-11-98: Mensagem da mensagem que presta respeito às palavras e aos
 de Mikizang, sobre a história e a importância da mensagem
 da palavra.
- 02-04-11-98: Reunião em São Paulo — Planejamento
 Marco Siqueira — coordenador
 Jefferson — Pres. Associação da M. São
 Lourenço — Associação de Estudos e Assessoria do
 Lado — Rev. Alencar
 Foi realizado em São Paulo e por o acompanhamento de uma reunião
 de trabalho com o objetivo de estabelecer um programa de

no ensino, apesar de as atividades estarem sendo realizadas, mas firmando o cargo e consolidando o espaço no interior das próprias instituições. É o fato que hoje produzimos 90% de integração de alguns ex-alunos e ex-professores da instituição, vem reproduzir a sua conexão.

Fulano 93, um dos ex-colegiados da instituição, como era chamada até a criação de 1998, conseguiu participar desta nova formação na França. Desde então de 1998 passamos a ser COLÉGIO DOM JOSÉ DE CARVALHO, uma nova unidade da ASSOCIAÇÃO FRANCISCANA DE ENSINO SÃO JORGE DOS PATÓIOS.

Isto não significa que tenha se separado da proposta de uma instituição educacional. Na verdade, a proposta do Bom Jesus não é a de amassar tudo o que já tenha sido construído em termos de proposta educacional. O objetivo é proporcionar um ambiente de crescimento mútuo. E muitas realidades são vendidas podendo ser combinadas com o trabalho das demais unidades que, juntas, não possuem a mesma realidade. Além do mais, possuímos características que não compartilhamos que não podem ser postas de lado.

A venda do Bom Jesus para Petrópolis teve uma aceitação muito boa, não só do lado da Igreja, mas também. Desde 1997 já temos um relacionamento bastante próximo. Muitos professores e funcionários estão em contato com a Igreja, e muitos são alguns professores que atuam em outras instituições e buscam de aprimoramentos orientados. Já temos aqui o apoio do Bom Jesus para a integração de programas informatizados de controle acadêmico e financeiro, programas pedagógicos, todos desenvolvidos pela equipe do Bom Jesus) para ajudar em todas as áreas administrativas e curriculares, e que nos ajuda em questões administrativas e pedagógicas. As parcerias do Bom Jesus também se tornaram abertas para nossos professores, coordenadores e líderes em esportes e outras atividades.

Com a nova integração de alunos do Bom Jesus, tivemos a de modo uma série de benefícios. Em primeiro lugar, a escola não tinha nos condições de manter certas condições estabelecidas, improprias para o bom andamento de um Colégio. Agora contamos com o apoio de manutenção paga para cada segmento de ensino, desde uma educação básica administrativa e muito mais. Resgatamos ainda a presença de um núcleo administrativo, que hoje integra de forma e que de administrativa do Bom Jesus. Com isso, temos muitos mais vantagens na condução de nosso trabalho, de modo condições para o desenvolvimento de nossos próprios trabalhos de avaliação de. Com a integração, a ideia de que uma escola de fracos possa apresentar de forma alguma sem riscos para a estrutura desta instituição, pois não há tanto profissonal e não se desenvolvem por uma pessoa. Tudo o trabalho é realizado num verdadeiro espírito de equipe. As famílias, que compreendem esta com grande abertura, apresentaram uma visão mais ampla e medida que não tomamos como meio de nova educação.

Uma preocupação que sempre aparece na gestão de muitas instituições educacionais do trabalho, não vale a pena, do Colégio de Caravanas. O Instituto das Meninas São José de Patóios, mantenedora anterior do Colégio, não foi integrado do Bom Jesus e permanece com administração independente. O Colégio, no entanto, mantém um vínculo mais próximo de seu respeito, e isso de acordo com a Igreja, mas a manutenção do Instituto.

Essa integração não trouxe muitos problemas para a própria Província. Com os ganhos de escola e a centralização administrativa, será mais fácil alcançar uma maior contribuição financeira para as suas diversas necessidades. Além disso, de uma forma mais integrada educacionalmente, e isso também. Mesmo mais comprometidos com um projeto de administração de toda a instituição educacional.

Fr. César Kolkmann

GLOBALIZAÇÃO E CENTRALIZAÇÃO DOS RUMOS DA EDUCAÇÃO FRANCISCANA JÁ ERA PREVISTA DESDE, PELO MENOS, 1993.

PARA O COLÍGIO E PARA A CIDADE, OS GANHOS PROMETIDOS.

Doc. 14: Reportagem paga no jornal O Dia de 07-mar-99, domingo,p.4, Caderno da Região Serrana, apresentando a parceria Bom Jesus / Canarinhos.

Doc. 15: Ampliação das matérias escritas e a foto de meninos cantores e seu regente.

PARA O COLÉGIO E PARA A CIDADE, OS GANHOS PROMETIDOS.

Comparação das fachadas do prédio do Colégio dos Canarinhos
(acima) e do Bom Jesus Canarinhos (abaixo).

Nova aparência.

Foto 04 (2000): Fachada do prédio do Colégio Bom Jesus Canarinhos, retirada do "informativo do Colégio Bom Jesus Canarinhos", sem data e sem paginação..

Doc. 16: Editorial de frei Cesar Kulkamp no Tablóide Bom Jesus
Canarinhos - ago/1999, p. 1.

•

Imagem de um curso sobre gestão educacional Bom Jesus

PERFIL TÉCNICO
DA
GESTÃO EDUCACIONAL BOM JESUS

Doc. 17: Material de um curso sobre gestão educacional Bom Jesus realizado em Curitiba em jul/1999, organizado pelo Programa de Educação Corporativa – PEC.

NINGUÉM FOI ENGANADO: O BOM JESUS DISSE A QUE VEIO.

A. M. P. S. / 2014 / 100 / 100

PARA VIVER A ESCOLA DA DIGNIDADE

As escolas católicas, atualmente, em termos de Modelo de Gestão, têm-se diferenciado a partir de muitas experiências:

As escolas particulares de grande porte, como, por exemplo, as escolas de São Paulo, possuem-se com a maioria das características para escolas católicas. Esta observação remete à escola onde se encontra atualmente o Centro de Gestão em Gestão, na Rua de Madureira de Curitiba, onde se encontram algumas das primeiras experiências de gestão de escolas católicas.

Observa-se que nos modelos católicos não se encontram, de maneira evidente, as experiências de planejamento, mas sim, de flexibilidade pedagógica, gerencial, e que a maioria dos modelos católicos não dependem totalmente do poder público, embora alguns tenham sido criados em parceria com o poder público.

Nesse contexto, entende-se que o principal desafio para a consolidação de um modelo de gestão para as escolas católicas está em não abandonar os valores morais de fé, fé em Deus e fé em si mesmo, para que elas possam acompanhar os processos de mudança de estado de ensino em função da demanda por seus alunos (alunos e pais). Paralelamente, é necessário adaptar o processo de modo a atender, de parte da escola, o que passa a ser necessário para as escolas católicas com o objetivo de proporcionar a qualidade de ensino de qualidade de ensino, através de estratégias de ensino, alguns, de acordo com os princípios da fé.

DESAFIOS DA ESCOLA**Porque Porque das Escolas Católicas?****Identidade da Escola Católica**

A escola católica deve ser uma instituição com a finalidade de promover o desenvolvimento do saber e da cultura geral, sendo uma alternativa válida para os estudantes católicos, visando-se um lugar para que possam desenvolver a sua identidade e o ambiente proporcionado para o crescimento da fé.

Assim, procura-se promover pela verdade científica, comprometendo-se com a verdade e preparação de profissionais comprometidos com os princípios católicos, buscando a excelência no desempenho da fé.

Quando uma escola católica se apresenta, ela deve ser capaz de proporcionar uma plataforma de ensino que seja capaz de proporcionar a formação de profissionais que sejam capazes de atuar em diversos contextos, seja no mundo, seja no âmbito da fé, seja no âmbito da vida cotidiana de cada um de nós.

17

NINGUÉM FOI ENGANADO: O BOM JESUS DISSE A QUE VEIO.

MODELO DE GESTÃO

DE QUE É FEITO O MODELO DE GESTÃO

O Modelo de Gestão é uma estruturação organizacional que estabelece as direções e métodos para a gestão e a gestão da organização e sua governança, de modo a assegurar a máxima eficiência e produtividade, para possibilitar o conjunto de valores e valores, obter o melhor custo/preço possível e proporcionar um retorno econômico em toda a cadeia de produção de serviços de "valor" da escola.

COMPOSIÇÃO BÁSICA DO MODELO DE GESTÃO

1. Organização e Métodos: Estabelecer a organização metodológica da tarefa, definir e estabelecer os termos de ligação, responsabilidades e competências;
2. Finanças: Aplicação de princípios de administração financeira sólida;

Receitas

- Mensalidade regular
- Bônus
- Aluguel
- Seguros facultativos
- Uso de Cartão

Contabilização

- Cartão Aluno
- Matrícula
- Custos Alunos e Materiais
- Salários
- Despesas

3. Recursos Humanos: Administração por projetos. Processos administrativos e acadêmicos entre eles:
 - Avaliação e gestão de desempenho e tecnologia para o processo de ensino-aprendizagem;

4. Marketing: Analisar e captar a demanda e a oferta da escola, proporcionar a entrega de alta qualidade, entendendo as variáveis demandadas por ela;

Valores demandados: Atendimento pelo serviço prestado, atendimento com qualidade e prestação de serviços com qualidade, com profundos conhecimentos técnicos, humanitários e socialmente. Também são possíveis de serem alcançados por meio de uma abordagem corporativa de processos com tecnologia, com excelência e entrega de serviços melhores, com alta produtividade e rentabilidade.

resumo de documentos sobre Jesus

1988 - 1990

EDUCAÇÃO

1. Admissão em curso em educação de jovens e adultos.
Relatório realizado como aluno profissionalmente.
Curso com duração de 21%.
Atividade final de Marketing e comunicação.
Prêmio de honorário de Gestão Educacional Avançada.
Objetivo: Semelhanças - 25 emulzados - Local Remotas

QUALIDADE

Se preferir, confira alguns exemplos e profundidade de seu problema.

METODOLOGIA DE TRABALHO

Princípios de Metodologia de Trabalho
Cursos de introdução

Segunda-feira - Metodologia
Cursos de introdução

Terceira-feira - Diagnóstico
- Exemplos de cursos empresariais
- Pesquisa com a população, fase de ensino prático

Quarta-feira - Plano de Gestão - Estrutura - Tipos de projetos

Quinta-feira - Planejamento de Modelo de Gestão

DESEMPENHO

120% - Trabalho realizado em 120% de tempo e eficiência - 1ª e 1ª fase
100% - Trabalho realizado em 120% de tempo e eficiência - 2ª fase

NINGUÉM FOI ENGANADO: O BOM JESUS DISSE A QUE VEIO.

27

Conteúdo em português

QUEM SÃO OS PROFESSORES

São professores com experiências, com trabalhos e pesquisas e atuam em São Carlos

- Engenharia - Auto - Auto da Colômbia
 - Engenharia de Materiais - UNICAMP
 - Direção de Engenharia de Qualidade - UNICAMP
- Administrador - Prof. Dr. Nelson Marques de Sá
 - Prof. da FAL - Administração, Logística e Engenharia
 - Especialista em Gestão de Recursos Humanos
- Administrador - Prof. João Carlos Pereira
 - Prof. da FAL - Gestão
 - Especialista em Gestão de Recursos Humanos
- Administrador - Prof. Luiz Antônio Ribeiro
 - Prof. da FAL - Gestão - S. Desenvolvimento - Engenharia
 - Diretor Administrativo - Universidade - UNICAMP
- Engenheiro - Prof. Marcelino Casariga
 - Prof. da FAL - Engenharia de Materiais - Prof. S. Desenvolvimento
 - Especialista em Engenharia de Materiais
- Administrador - Prof. Valdeci Marques
 - Prof. da FAL e FEA
 - Especialista em Marketing - UNICAMP
- Pedagogo - Prof. Rubem
 - Docente Pedagógico e Supervisor de Pesquisa em Ensino Pedagógico
- Prof. Daniel de Souza
 - Diretor Administrativo do Departamento de Engenharia
- Prof. Pedagogo - Prof. Maria Aparecida
 - Responsável pela produção de material didático
- Prof. Manoel Maurício
 - Especialista em Informática Pedagógica
- Mestre em Educação - Prof. Ana Maria Pereira de Góes
 - Responsável pelo planejamento de material de Informática Pedagógica
 - Especialista em Pedagogia

NINGUÉM FOI ENGANADO: O BOM JESUS DISSE A QUE VEIO.

ALTO INVESTIMENTO PARA UMA INSTITUIÇÃO DEFICITÁRIA: DOS 20 PROFESSORES, APENAS 5 PERMANECEM NO COLÉGIO (FEV/2006).

Doc: 18: Notícia de curso de aperfeiçoamento em Curitiba. Tablóide
Bom Jesus Canaíhinhos - out/1999, p. 10.

PROFESSORES QUE DEFENDIAM A CONCEPÇÃO EDUCACIONAL Bom JESUS TAMBÉM SÃO DEMITIDOS.

Doc. 19: Notícia de curso de aperfeiçoamento em Petrópolis. Tablóide Bom Jesus Canarinhos - out/1999, p. 10.



Colégio Bom Jesus - Canarinhos

Análise sobre as perspectivas futura do Complexo Educacional de Petrópolis (Bom Jesus -Canarinhos e Instituto dos Meninos Cantores de Petrópolis)

BOM JESUS - Canarinhos

- 1- Apresenta gastos superiores a sua receita, gerando um constante e elevado saldo negativo. Esses gastos são oriundos dos seguintes fatores:
 - 1- Perda da Incentivação
 - 2- Elevado número de indenizações trabalhistas
 - 3- Compromissos latentes em adiantados para gestão anterior
 - 4- Investimentos em obras de edificação e conservação
- 2- Todos esses custos excedentes foram e com muita sorte custeados pela Associação Francômana de Ensino Senhor Bom Jesus, além do pagamento de 9% da receita bruta ao Instituto
- 3- Há boas possibilidades de, no futuro próximo, reverter esse saldo negativo pois a escola goza e sempre gozou de um grande prestígio na comunidade

Conclusão

No futuro com a realização de cursos e oficinas e a construção do Parque Ecológico Bom Jesus Canarinhos seremos uma escola-referência com amplas possibilidades de servir melhor a comunidade Petrópoliana e quercana.

Instituto dos Meninos Cantores

- 1- Um dos grandes patrimônios socio culturais da Província, referência nacional em canto e está sendo na história do Colégio Bom Jesus Canarinhos
- 2- Infelizmente apresenta uma administração amadora, burocrática e fora da realidade prática. Pode-se obter os mesmos excelentes resultados com um custo bem menor
- 3- Essa administração origina problemas que afetam a própria instituição ainda mais a saúde financeira do Instituto
- 4- Essa administração gera vários problemas que além de prejudicar o Instituto repercutem no Colégio Bom Jesus Canarinhos devido a sua proximidade e origem comum, além de serem em seus mesmos alunos

Doc. 20: Análise sobre as perspectivas futuras do complexo educacional Petrópolis feita pelo professor Ivan Mesquita Küster, gestor do Bom Jesus Canarinhos, de 08/10/1999.



Colégio Bom Jesus - Canarinhos

- 3- Abaixo estão listados alguns dos problemas observados:
- 1- Devido a especificidade musical seu quadro docente é muito dispendioso, mas mesmo assim não é aproveitado racionalmente na sua totalidade. Em alguns paga-se muito para muitos e se profuz pouco.
 - 2- Funções de atividades básicas e não especializadas são remuneradas com um valor acima do pago no Colégio pela Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus. Essa fato causa atritos e rivalidades entre os funcionários.
 - 3- Algumas Funções são remuneradas com uma função e exercem outras funções. Isso acarretará problemas trabalhistas no futuro.
 - 4- A Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus além de pagar 11% da receita bruta ainda custeia os seguintes serviços e produtos:
 - 1- Alimentação para todos os participantes de todos os níveis, professores e funcionários do Instituto (Cerca por 120 almoços diários e 120 lanches matinais e vespertinos)
 - 2- Telefone, luz, água, esq. combustível dos veículos, motoneta e 5 nozinhos
 - 3- A manutenção, limpeza do prédio e das instalações do Instituto são custeadas integralmente pela Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus
 - 4- A Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus presta as seguintes atividades e serviços ao Instituto:
 - Jurídica, Administração de Pessoal, Recursos Humanos, Compras, Contabilidade, financeira, manutenção, segurança informática, marketing
 - 5- A Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus promove apresentações do Coral Canarinhos em todas as suas unidades assumindo todos os custos de transporte, estada e alimentação, além de pagar os cachês artísticos
 - 6- Devido a grande atividade do Coral dos Canarinhos os alunos participantes perdem muitas aulas e tem pouco tempo para dedicação no estudo.

COMO TRANSFORMAR UM COLÉGIO DEFICITÁRIO EM LUCRATIVA FONTE DE RENDA.



Colégio Bom Jesus - Canarinhos

Conclusões

- 1- O Instituto deve ter uma administração mais profissional, eficiente e competente, pois caso esta situação perdure por muito tempo tornará também inviável a existência do Colégio Bom Jesus Canarinhos.
- 2- Para evitar seqüelas e conflitos, que podem no futuro gerar um cenário de grandes proporções, sugere-se que se faça uma mútua discriminação dos direitos, deveres, bens e valores de ambas as partes.

Palopós, 8 de outubro de 1989



Professor Ivan Mesquita Costa

PROFESSOR IVAN MESQUITA COSTA, nascido em 19/04/1947, residente em Rua ... nº ...
 Colégio Bom Jesus Canarinhos

COMO TRANSFORMAR UM COLÉGIO DEFICITÁRIO EM LUCRATIVA FONTE DE RENDA.

2

Diário de Petrópolis

SÁBADO 27.11.99

POPORRI



LIGES

Editorial

Conte a boca solta nessa cidade proparana com contribuidos de nobreza que um colégio paranaiano, impulsionado pelos franciscanos para um aglomerado particular de educação de ensino voltado ao sul-riograndense do país, está modificando tudo na estrutura do colégio que começou com fundos da Comunidade Franciscana como escola gratuita e acabou transformado numa paratense, com lastro no prestígio e na beleza de seu coral internacional, os "Canaúchos de Petrópolis", inspiração do arquitecto Frei Luis Brisas O.F.M. e, de forma brilhante, coordenado nos últimos anos por Frei José Luiz Pium O.F.M.

Além do coral, igualmente sempre aplaudido a excelência do educandário como formador de uma juventude católica.

Segundo as informações que vêm de muitos profissionais prejudicados pelas cortes de cada dia das carreiras e de pais temerários pelo futuro escolar de seus filhos a péssima ou insegurança do coral, a esta ordem implantada no educandário não se conhece nada condizente com a tradição e a essência dos "Canaúchos" em mesmo cenário educacional e cultural.

Os tempos de hoje têm revelado uma realidade para a substituição da estrutura educacional e pedagógica dos colégios paranaianos por uma proposta marqueteira de domínio de hierarquia, tudo isso valorizando muito mais a competição vestibulada do que ministerial em ensino formador de uma cultura geral e profissional. E, parece, o novo Canaúchos entra nessa competição mais formalmente do que educacional.

Resta apelar para a cidade pública que, pelo menos em Petrópolis, tem sido novidade, principalmente aquela mantida pela Prefeitura Municipal, no sentido exclusivamente formativo de nossa juventude, em paradas muitas colégios particulares e em no tempo das promoções universitárias muitas delas alheias à realidade da educação e do ensino.

Esperamos que a nova administração dos "Canaúchos" desmonte todos os réus que nos assolam e adigem, mantendo a dignidade do ensino do colégio e o relacionamento social internacional de que se orgulha a terra e gente de nossa Petrópolis, de nossa Escóla e do País.

DEBATE

DEBATE

ONDE HÁ FUMAÇA, HÁ FOGO.

Doc. 21: Editorial do
Jornal Diário de
Petrópolis de 27/
nov/1999, p. 2.

ATA DA ASSEMBLÉIA ORDINÁRIA DA PROVÍNCIA FRANCISCANA DA EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

No dia 30 de abril de 2000, às 8:00, reuniu-se em assembleia ordinária na Vila Boqueirão, Blumenau, SC, o Departamento de Educação e Comunicação (DEE) da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil.

Depois da oração inicial ministrada por Frei Nelson Fritschheim, foi aprovada sem ressalvas a ata da assembleia anterior, previamente lida.

Frei Gilberto Siqueira, Superior Geral da Ordem do OFC, lembrou a importância da presença de todos os membros do Capítulo Provincial. A preparação do mesmo está dando especial acentuação para a evangelização. Conseqüentemente todos os membros de trabalho estão avaliados por este enfoque. Deu-se um animo especial interesse do Superior Provincial, Frei Luciano Bittel, neste estado e o seu desejo de estar presente nesta assembleia, mas não sendo possível devido a compromissos já assumidos, foi seguida a presença a respeito as contribuições complementares a fim de que apresentassem um breve relato de sua situação e de suas atividades mais relevantes.

Filiziane Moraes, Frei Luciano Cláudio, apresentaram a todos a participação da Editora de 16ª Edição Intercontinental do Livro de São Paulo. Resultou que a produção da Moraes em fins de 1998 e início de 1999 era o de fato de fabricação a dívida chegou a 24 milhões de reais. Desde a ditosa providências de quem se dá um mediador do livro e trabalhos, finalmente foram emitidos valores de cerca de 12 milhões de reais. Ser entanto alguns recursos perdidos fazem com que a maior parte deste montante devida ao OFC, não tenha sido o suficiente de pagamento. A Moraes, com isso, apresenta situação de comprometimento. Desde o início de fevereiro deste ano eles estão trabalhando aproximadamente 37 milhões a favor de si, a partir de agosto, merecerão mais 10 milhões. De acordo com o prometido se aceitar a dívida oficial e por outro lado, a responsabilidade feita somente ao nível do Frei Provincial, em função, seja de acordo com o plano posterior de pagamento. As vendas e participações de cada um de seus quadros, por um processo de centralização. Com isso, há esta em funcionamento também a literatura virtual que o OFC, com Frei Bittel, recentemente foi nomeada para fazer o contato de Petropolis, o que está sendo um sucesso. O departamento de marketing está sendo reestruturado e, apesar da pequena mão-de-obra, está alcançando um

PARA ALÉM DA SITUAÇÃO FINANCEIRA, É PRECISO RESGATAR A FUNÇÃO RELIGIOSA DOS FRANCISCANOS.

boas realizações. A aquisição de um dobradeiro significou uma melhoria no parque gráfico.

Universidade São Francisco: Frei Czeslavo Lindner, em nome da fraternidade de Itaguara, Paróquia, falou do estado da saúde de Frei Czeslavo Nagata, amaldiçoado pelo diabo e confidido.

Frei Simeon Hillesdorff e Frei Altair Frenzenett apresentaram de forma bastante ampla e fundamentada a situação acadêmica e administrativa da CEF. Entreparam a todos os presentes um relatório sobre o estado da saúde da Universidade, passível por diferentes fatores, em salientando a um nível da que vem crescendo desde 1996, entre outros. Ali também ocorreu uma análise da qualidade de vagas oferecidas e matrículas realizadas, transportando uma pedagogia atual progressiva em alguns casos que, por outro lado, precisava ser superada. O nível de produção dos professores e das instalações e muito bom, bem acima do médio nacional. O que se precisa melhorar é a nível dos meios de produção. Apresentaram ainda um planejamento estratégico para os próximos 5 anos, com dados administrativos da área financeira, incluindo e salientando propostas orçamentaria para o ano 2000, investimentos, redução de custos e medidas que deverão ser tomadas a curto, médio e longo prazo. Concluiu com discussões que se tinha entre os professores e funcionários e de apoio, mas também de uma palavra.

Após a exposição, foram questionadas a respeito da conveniência de uma apresentação tão explícita de dados confidenciais. Foi então que o Conselho, no entanto, considerando uma tal apresentação algo como uma série qualitativa nas assembleias do DCE, pois nos anos passados foram anteriores em que as reuniões para "escudar" reuniões.

Internato São José: Frei Jaco Zetel falou um pouco das atividades realizadas neste colégio que conta atualmente com 300 alunos.

Colégio Santo Antônio do Paraí: Frei José Antônio Cruz Diani e comentou a situação de crise financeira em decorrência da redução do Paraí, o que provocou uma perda de 20% dos alunos, deixando o Colégio hoje com 300 alunos. Consequentemente houve uma redução no quadro de pessoal.

AFESBI: Frei Guido Schlegel falou da situação geral da Associação e dos colégios que a compõem, no ano 2000 o Colégio Santo Antônio de Vila Rica tem com 1.069 alunos, Modulo com 125, Catarina Dias com 132, Canto Negro com 175, Rosalina com 148, Nossa Senhora de Lourdes com 125, Diocesana de Lages com 753, Agua Verde com 130, FAD com 2.995, CEF com 1.160 alunos. O total é de 16.891 alunos. Em todas as unidades há 1.008 funcionários.

Colégio Bom Jesus: Diocesana Frei Wagner Sassi falou que a estrutura é pequena. Sente a necessidade em ter professores para o 2º grau de

modo que o necessário viria da Colômbia. Paralelamente afirmou esta comunidade sobre o momento na colégio e não como representante o colégio de São Jesus. A necessidade de os frades se reunirem para trabalhar no trabalho de mais conjunto com toda a Boa Ordem. Nunca houve uma reunião dessa natureza.

Colégio Bom Jesus e anteriormente Frei Casco Kalkamp disse que o colégio em si tem em termos administrativos. Colocou que devido à distância da sede é necessário ter uma sede de serviços em Petrópolis que tenham a folha de pagamento. Disse ainda que a presença do Bom Jesus e Boa, mas seria importante ter um perfil mais franciscano. A comunidade pensa que o Colégio foi vendida para uma corporação laica. O papel dos frades precisa ser resgatado. Frei Luiz Domingos ressaltou a falta de diálogo ainda existente entre os professores, pais e alunos. Este poderia ser resolvido com uma reunião regular nessa com a sede. Não há interesse em ouvir as críticas e as possíveis sugestões. Consideram muito importante para a sobrevivência dos frades da AFI-SP, reunindo-se periodicamente.

Colégio Bom Jesus Santo Antônio Frei Nelson Hildebrando falou que as medidas tomadas para a integração do Colégio Santo Antônio a AFI-SP foram ruidosas, principalmente na obrigação de enviar e no que se de pessoal. Mas hoje já existe uma situação mais tranquila entre os professores. Também se vê que a função de frade, mesmo com o diretor, é um tanto desconsiderada. Para uma futura expansão foi adquirida um terreno próximo do colégio, próximo à Rua XV de Novembro. Frei Pascoal Fustriero está dando apoio pedagógico ao colégio de Helder e aos seminários de Ilгоранга e Agudos. Ele colossa uma participação maior dos frades em processos decisórios da AFI-SP. Os frades da reunião hoje estão sendo pensados unicamente por lei. Questionava o presidente Frei Guido, quanto a participação dos frades nesse tudo. A respeito disso por Frei Guido explicou que a sua atuação é mais de todo espiritual.

FRANCISCO: Frei Gilberto Carreia falou da nova rede. Disseram que não há intenção de se criar um novo colégio e a intenção é de manter a unidade da AFI-SP.

FRANCISCO: Frei Antônio, Patrício, Frei Antônio Sérgio falou que a missão por dificuldades financeiras. Com a extinção da "Rede Manicoré" a AFI-SP passou para a "Rede São José" que já não tem, e agora estão com a missão de 1997. O plano de expansão foi feito para o ano de 2000. Edifício novo "Rede Manicoré" melhorando a funcionalidade. Quanto a mais do valor de 400 mil reais, a qual preocupação de ser com a venda de um imóvel. Foi também a missão de "Rede São José" que como esboço de um projeto que financiou a missão religiosa.

EVANGELIZAÇÃO

- * Missão
- * Evolução da missão da ordem
- * Evolução da missão setorial
- * Ação política
- * Planejamento das ações
- * Missão religiosa do Brasil para o secretariado
 - ↳ Cívicas, - Iniciação de trabalhos setoriais para a formação.
- * Estratégias de evangelização (regionalização)
- * Missão as casas de formação
- * Missões (temporas) - Educação - Indústria - Comunicação
- * Formação no Brasil
- * Formação para a gestão (providenciar métodos)
- * Organização de eventos
- * Capacitamento de enfermeiros e técnicos

Mantenimentos e Custos

Presença

Justiça e Fraternidade - Equipe

A presente Assembleia setorial ocorreu de 20 a 21 de abril de 2011 em Petrópolis, RJ, em comemoração ao centenário da *Liberta Vozes*. A reunião foi realizada para as 17h, com o almoço.

A presente assembleia foi encerrada às 11:30

Fra. Fabiano Luigi Pasini, OFM
Secretário

PARA ALÉM DA SITUAÇÃO FINANCEIRA, É PRECISO RESGATAR A FUNÇÃO RELIGIOSA DOS FRANCISCANOS.

MATERIAL MUITO CARO PARA UM COLÉGIO COM PROBLEMAS FINANCEIROS.

Doc. 23: Capa do "Informe - Informativo do Colégio Bom Jesus Canarinhos", que substituiu o tablóide do Bom Jesus Canarinhos. Feito em papel couché, impressão 4 cores, dimensões 62 x 35 cm, 3 dobraduras compondo um folder de 8 páginas. Ano II, nº 4, mai/2000.

Não esqueça os primeiros e não esqueça os últimos os próprios gestores. Agiram sempre como se fossem os únicos responsáveis por esta instituição. Não se deixaram de considerar a nossa presença aqui em uma família como também nas relações com os demais profissionais tiveram tudo em sua decisão e não se conserta muito. O argumento é que sempre aconteceu na vida de todos de Curitiba. No período de gestão do Prof. Ivan Kister isto foi bem mais acentuado. O Frei Cesar, como diretor, foi bem mais valorizado e considerado. Mas sua decisão era sempre a de quem detinha o poder em suas mãos. Depois de sua volta para Curitiba e que o Prof. Milton Mayer assumiu as coisas ficaram piorando cada vez mais. Hoje estamos todos fora do processo.

Isto significa que a ideia de horizontalidade, que seria uma novidade do Bom Jesus, se ficou no discurso. Na verdade, ela funcionou muito mais antes da vinda do Bom Jesus. Nos três anos que o Frei César dirigiu o Colégio antes da vinda do Bom Jesus (1996 a 1998), nunca tomou uma decisão que não fosse também a decisão de todos os coordenadores (hoje são chamados assessores). No período do Frei José Luiz (até 1995) havia um grupo de pais, professores e alunos que se reuniam a cada quinze dias para discutir melhorias para o Colégio. Isto foi motivado principalmente pelo Projeto de Qualidade Total, implantado na época. E claro que tinhamos muitos problemas e, por isso, fomos muitas vezes buscar orientação e por fim, a nossa integração total ao Bom Jesus.

É nosso papel de franciscanos junto a esta instituição, que sempre foi um diferencial. Foi sendo diminuído até chegar ao ponto de ser quase dispensável e quem sabe até, desaparecer no processo.

Com tudo isso, estamos assistindo a uma crescente perda de espírito franciscano nesta instituição. Vale destacar que não entendemos espírito franciscano como burocracia, desorganização financeira, ensino de má qualidade, etc. Acreditamos ser necessária uma sólida administração e uma educação de qualidade. Acreditamos também que o Bom Jesus possui esta competência e muito pode nos auxiliar nesta melhoria constante.

Mas, também temos a firme convicção de que era importante algum poderos aliar a missão de um colégio franciscano. Não nos interessa e pensamos que também à Província Franciscana e à AVESSB, ser a melhor via do Rio de Janeiro, mas ser simplesmente mais um entre os tantos colégios existentes. É aqui que existe uma diferença de mentalidade: não nos importa, não podemos ter uma preocupação em tudo o trabalho. Mas em

preocupamos nos preocupar ainda muito mais com o alcance evangelizador do nosso trabalho. Isto tem sido uma preocupação constante nos vários encontros da Província. No nosso contato com os pais, que é bem mais próximo, tivemos o tempo todo sempre a preocupação de manter a legitimidade deste Colégio. Escutamos sempre tentamos mostrar que não é bem assim, que o Bom Jesus não é um colégio seigo e que também tem uma missão evangelizadora. Diversos confrades de Coimbra, que têm uma vasta relação de amizade na cidade, também nos dizem que ouvem muitas reclamações de situação atual do Colégio. Voz por voz somos até duramente questionados. O Bispo diocesano outrora aliado para o nosso trabalho, Frei João Maria, que o Bom Jesus em Petrópolis está afetando a credibilidade dos franciscanos de modo geral. É claro que ele não está por dentro de toda a organização e de tudo que se faz. Ele apenas fala do que escuta e sente nos pessoas. Este bispo sempre foi um dos nossos maiores aliados locais.

Por isso nos torna bastante preocupados e tensos, uma vez que cada um de nós tem também um vínculo muito grande com esta instituição. Vale lembrar os 27 anos de permanência aqui do Frei José Luiz.

2. Novas propostas

- Achamos ser urgente a recuperação do papel dos padres nesta instituição. Isto não significa conferir-lhes poder de mando, mas, antes de tudo garantir uma orientação que deve ser legítima numa instituição franciscana. Esta orientação é uma participação maior do que a de fazer reuniões ou proferir discursos em alguns eventos.
- Para que isto realmente aconteça sugerimos a criação de um conselho que funcione como a representação da mantenedora e dos amigos de Petrópolis. Nada deve acontecer aqui sem passar pelo conhecimento e análise deste conselho. Este conselho deve ser formado pelos três padres que estão atuando no Colégio. Depois de muitos percalços estes possuem, hoje, um relacionamento bastante aberto e amadurecido. Além disso, os três têm interesse de trabalhar em conformidade com a AFEAHJ.
- Para uma função de gestão pedagógica e administrativa, se for necessário achamos importante que seja alguém da nossa confiança, capaz de uma linguagem comum conosco, que valorize a história desta instituição e que esteja disposto a fazer do Bom Jesus, mais do que uma realidade distante em Curitiba, algo enraizado nos procedimentos deste Colégio, também Bom Jesus. Com isto, um gestor não teria uma função paralela à direção e

dos frades de modo geral, mas integraria de fato uma equipe diretora. Porque a comunidade é importantíssimo a percepção de que os frades é que realmente dirigem o Colégio. Hoje, isto não é mais possível.

- Apesar de que está dito no regime que as atribuições pedagógicas de ver ser da competência primeira do diretor do Colégio. Tudo que seja referente a vida escolar de alunos e pessoal docente é atribuição do diretor. No regime de escolar isto não está claro.
- Os procedimentos administrativos (finanças, contabilidade, pessoal, obras etc.) poderiam estar sob a responsabilidade de um gestor, neste que trabalho, não em seu nome próprio ou só numa ligação com Civília, mas em conformidade com o conselho administrativo (cades) e a equipe diretora.

Petropolis, 22 de maio de 2002.

Frei José Luiz Prim

Frei César Kitzkamp

Frei Luiz Donzete Ribeiro

*Pontos a serem conversados com o Visitador Provincial
a respeito do Colégio Bom Jesus Canarinhos*

1. Análise da situação

- A AFBSP assumiu esta instituição de ensino no ano de 1989. O Frei Gasdo e o Prof. Paulo Cunha, diretor geral, sempre nos passaram que o Bom Jesus não visa para o passadizo por cima das coisas. Queriam descobrir o que havia de bom aqui e levar para as outras unidades.
- Na verdade, não foi o que aconteceu e nunca foi esta a mentalidade de quase ninguém dos demais integrantes do Bom Jesus que desenvolveram trabalhos aqui. Não se interessavam pelo padrão Bom Jesus.
- O Frei Gasdo e o Prof. Paulo também sempre nos passaram que aqui deveríamos todos participar do processo administrativo. Não haveria uma organização hierárquica e a maneira seria horizontal. Todos deveriam opinar e as coisas se deveriam acontecer quando todos estivessem nesse processo de trabalho.
- No entanto, os primeiros a não entender isto foram os próprios gestores. Agiram sempre como se fossem os únicos responsáveis por esta instituição. Não se deu umidade com a nossa presença aqui como também nas reuniões estaduais e demais reuniões trazendo tudo pronto e não se tem um modo de argumentar que as coisas já vêm de outras de Curitiba.
- Isso significa que a ideia de horizontalidade só ficou no discurso. Na verdade, ela funcionou muito mais antes da vinda do Bom Jesus. É claro que tivemos muitos problemas e, por isso, temos muitas vezes buscar orientação, por fim, a todos integrados ao Bom Jesus.
- O nosso papel de franciscanos junto a esta instituição, que sempre foi um diferencial, foi sendo diminuído até chegar ao ponto de ser nos dispensáveis, quem sabe até, indesejáveis no processo.
- Com tudo isso, estamos assistindo a uma consciência perdida do espírito franciscano. Espírito tem significado disciplina, de organização financeira, ensino de boa qualidade, etc. Aceitamos ser reduzidos a uma sólida administração. E o Bom Jesus possui esta competência e muito pode nos auxiliar nesta melhoria constante.
- Mas, não nos interessa, e queremos que também a Província Franciscana e a AFBSP, ser o melhor colégio da Rio de Janeiro, mas ser simplesmente mais um entre os outros colégios existentes. Precisariamos nos preocupar

NOSSO PAPEL DE FRANCISCANOS CHEGOU A PONTO DE SERMOS DISPENSÁVEIS E ATÉ INDESEJÁVEIS.

11

muito mais com o alcance evangelizador de nosso trabalho. Isto tem sido uma preocupação constante nos vár os eventos da Província.

- No contato com os pais, ouvimos muitas críticas a perda de caráter religioso e formativo do Colégio. Tentamos sempre mostrar que não é bem assim, que o Bom Jesus não é um colégio leigo e que também tem uma missão evangelizadora.
- Diversas confrades do Convento, que têm domicílios na cidade, também nos dizem que ouvem muitas reclamações da situação atual do Colégio. Vem por nossa sines até duramente questionados.
- O bispo diocesano afirmou ao guadiano, Frei Joãoannes, que o Bom Jesus em Petrópolis está afetando a credibilidade dos franciscanos. Ele fala de que ouça das pessoas. Ele é um dos nossos maiores divulgadores.

2. Novas propostas

- É urgente a recuperação do papel dos frades nesta instituição, garantindo-lhes uma orientação legítima na instituição brasileira. E isto é muito mais do que só fazer missas ou profetizar durante os eventos.
- Para que isto aconteça sugerimos a criação de um conselho de representação da mariondura e da Província. Nada deve acontecer aqui sem passar pelo conhecimento e anuê de do mesmo. Deve ser formado pelos três frades que estão atualmente no Colégio.
- Para uma função de gestão pedagógica e administrativa, se for necessário achamos importante que seja alguém da nossa confiança, capaz de uma linguagem comum conosco, que valorize a história desta instituição e que esteja disposto a fazer do Bom Jesus, mais do que uma entidade distante em Curitiba, algo encarnada nos procedimentos deste Colégio, também Bom Jesus. Com isto, um gestor não teria uma função paralela à direção e aos frades de modo geral, mas integraria de fato uma equipe diretora.
- Quanto a comunidade, é importantíssima a percepção de que os frades e que realmente dirigem o Colégio. Hoje, isto não é uma coisa clara.
- Apesar do que está dito no regimento, as atribuições pedagógicas deverão ser da competência primeira do diretor do Colégio. Tudo que seja referente à vida escolar de alunos e pessoal docente é atribuição do diretor.

Frei César Kukkonen

Assim, que o Bom Jesus não é um colégio laico e que também tem uma missão evangelizadora. Mas é difícil ficar se justificando.

- O bispo diocesano já afirmou de quantas. Fré. J. B. Lopes, e também ao bispo de, Frei Luciano, que o Bom Jesus em Petrópolis está afetando a credibilidade dos franciscanos. Antes, ele era um pai dos nossos irmãos evangelizadores.
- Em agosto deste ano apresentamos uma proposta ao Frei Guido para uma reestruturação da credibilidade desta instituição mediante a contratação de professores, a fim de a toda a seriedade.
- A decisão dada foi a criação de um conselho administrativo formado pelos três frades atualmente no Colégio.
- Para uma função de gestão pedagógica e administrativa, sendo necessária, achamos importante que fosse alguém capaz de uma linguagem com bom conhecimento que valorizasse a história da instituição e que estivesse disposto a fazer do Bom Jesus, mais do que uma realidade distante em Curitiba, algo criado nos procedimentos deste Colégio, um Bom Jesus. Com isto, um gestor que tenha uma função paralela à direção dos frades, mas integrada de fato uma equipe diretora.
- Em resposta a esta proposta foi dito que a Província quer que o Colégio seja conduzido por um gestor leigo.
- Há sempre contra a atuação dos leigos, eles são fundamentais em todos os processos, pois são eles que mais estão em contato com os alunos, transmitindo valores essenciais para a vida destes.
- Mas, pensamos que um leigo que passe a responder por um colégio franciscano perante a comunidade interna e externa deveria ter alguma que tivesse um pouco mais de ideal franciscano. Na verdade, é o estado atual da missão da Província, dando continuidade a um trabalho de geração de escolas. Portanto não é uma simples escola de um profissional.
- A missão evangelizadora deve permeiar todas as relações de uma instituição. Não vamos evangelizar fazendo uma caridade aqui e outra ali. A essa altura dentro de um colégio podem significar um contra testemunho muito grande.
- Em Petrópolis até hoje não temos e cuidamos desta escola dos gestores.

Petrópolis, 05 de Outubro de 1983.

SUGESTÕES PARA QUE O BOM JESUS CANARINHOS SEJA DE FATO UM COLÉGIO FRANCISCANO

Para que tal aconteça, penso que seja necessário estabelecer certos artigos do Regulamento Escolar, na linha das seguintes ideias:

1 - SUCCEÇÃO - DA DIREÇÃO

Art.º Parágrafo c) - Indentificar como esta, mas tem de ser equiparado como consequência, será o DIRETOR, quem vai coordenar e presidir as Comissões de Classe, Reuniões de planeamento e avaliação pedagógica, reuniões de pais de alunos etc. Fica, tudo, que tem a ver com a área pedagógica e de competência, a do Diretor. O gestor não deve estar presente. Não há que temer que o gestor persua o Diretor. O Diretor deve ser o líder local de todo o processo educativo e de expansão franciscano que vai ocorrer nos trabalhos educativos.

Proposta: Para que tenha realmente presença de um franciscano como DIRETOR, este deve exercer esta função DIFERENCIADA, sob as condições que receber do Bom Jesus - Centro. Não ser apenas um executivo de ordem. Deverá estar em constante diálogo com a Igreja e todos os que têm uma boa relação com ele. Por que razão?

Quem dá o tom? na linha de educação franciscana no Colégio é o Diretor. Para saber há que saber que isto acontece, e precisa:

- 1) Que ele tenha um lugar e seja uma prioridade
- 2) Que seja capaz de dirigir
- 3) Que os recursos seja respeitadas

O PRINCÍPIO É: TROCA-SE UM DIRETOR DE FATO POR UM QUE NÃO DIRIGE E ENTRA UM GESTOR QUE FAZ TUDO.

II - CONSIDERAÇÕES

Uma presença indispensável como elo de ligação com a rede de ensino são os pais. Para isso, o canal de diálogos e informações que o Projeto Curricular trazendo às filiais, tem como elemento capacitado a passar todas as informações da filial à Unidade Central.

Art. 12 - A atuação dos pais deve estar sob o impulso pedagógico da escola, portanto na competência do DIRETOR.

A autoridade DIRETOR-GESTOR deverá receber uma reestruturação de funções se for eleito da AFESEB que tem a incumbência de fazer o DIRETOR. Como será referido, dá-se todas as poderes ao Diretor, e exercer-se a função de Diretor.

Numa nova estruturação de regimento escolar, deve ficar bem claro:

ATRIBUIÇÕES DO DIRETOR - Toda a atuação de área pedagógica

ATRIBUIÇÕES DO GESTOR - Toda a atuação de área administrativa, setor financeiro, RH, conservação do prédio e demais áreas em geral

O DIRETOR tem a seu cargo a parte "espiritual" do Colégio
O GESTOR faz as atividades da parte "material"

Petropolis, 22 de Junho de 2010

1

1. 1. 1.

SECÇÃO 7 - DA DIRECÇÃO

Art. 8º A Direcção será exercida por um Director devidamente qualificado para o exercício da função cuja designação respeitará as normas do sistema de ensino, compete a Mantenedora:

§ 1º O Director terá sempre a representação da Mantenedora

§ 2º O Director em sua ausência ou impedição será substituído pelo Gestor

Art. 9º Compete ao Director:

- a) cumprir e fazer cumprir as decisões da Mantenedora e as leis ou determinações referentes a educação;
- b) decidir os procedimentos a serem seguidos para um melhor funcionamento da Unidade juntamente com os demais membros da Equipe de Direcção;
- c) dirigir, coordenar e supervisionar todo processo educativo da Unidade com o seu pessoal;
- d) promover a integração de todas as equipes da Unidade escolar;
- e) manter a comunicação constante com os Gestores;
- f) tratar assuntos de acordo com as directivas da Mantenedora, a unidade escolar observando sempre as determinações legais quando de sua existência;
- g) representar em qualquer âmbito ou esfera de governo, a Unidade;
- h) tomar as providências de caráter urgente nos casos não previstos neste regulamento;
- i) emitir parecer sobre assuntos de sua competência, quando solicitada pela Mantenedora;
- j) encaminhar periodicamente a Mantenedora relatório relativo as actividades da Unidade;
- k) assinar expedientes e documentos da Unidade e, quando se tratar de documentação relativa a Unidade escolar de alunos, fazê-lo juntamente com o responsável;
- l) dirigir e promover influenciar entre as instituições e outras regiões e escolas do sistema educacional;
- m) cumprir e fazer cumprir o presente regulamento.

e 1

AO DIRETOR CABE OBEDECER A MANTENEDORA. AO GESTOR CABE DIRIGIR.

viii

- aj) informar os funcionários quanto às contratações, das atribuições de seus respectivos cargos, bem como das normas de procedimento do local de trabalho;
- ak) promover a participação da comunidade em desenvolvimento das atividades escolares com vistas à integração da escola em seu ambiente em conjunto com o Centro de Estudos e Pesquisas;
- al) programar a distribuição e o adequado aproveitamento dos recursos humanos, técnicos, materiais e financeiros;
- am) progredir juntamente com o CCEP - Centro de Estudos e Pesquisas e o Rel - Departamento de Recursos Humanos da Mantenedora a realização de estudos e avaliações sobre o funcionamento de todos os segmentos da Unidade visando à melhoria da qualidade da educação na Unidade escolar;
- an) responsabilizar-se pelas ações administrativas tomadas pela Unidade de acordo com as informações prestadas pela Unidade;
- ao) programar junto ao local de material da Mantenedora a utilização dos recursos materiais, bem como supervisionar e orientar o recebimento a entrega, a utilização e os registros sobre os materiais;
- ap) garantir a ética entre os profissionais
 - aj) responder pelo cumprimento da Unidade;
 - ak) responder pela administração da Unidade;
- aq) participar com dinamismo das reuniões promovidas pela Mantenedora;
- ar) assistir ao Diretor em suas decisões de importância;
- as) estabelecer entre os setores de planejamento e organização da Unidade de acordo com a Mantenedora;
- at) solicitar a Mantenedora a contratação, demissão ou contratação de professores, de pessoal auxiliar de ensino e de pessoal administrativo;
- au) elaborar, em cooperação com os assessores, o calendário escolar;
- av) avaliar o CCEP sempre que necessário;
- aw) informar e discutir as necessidades da secretaria;
- ax) manter a materialidade de acordo com o conteúdo das letras de acordo com a finalidade de cada;
- ay) fazer cumprir o Projeto Pedagógico e o Regimento Escolar juntamente com a Equipe Pedagógica.

ix

Henrique à profª Marisa
 por ocasião da sua
 demissão

Acabei de receber sua carta de despedida
 e fiquei muito triste, mas compreendo
 a decisão que você tomou. Foi uma decisão
 difícil, mas espero que seja a melhor
 para você. Lamento muito a saída
 de você da escola, mas sei que você
 vai continuar trabalhando com dedicação
 e paixão. Espero que você tenha um
 bom futuro e que continue a contribuir
 para a sociedade. Obrigado por tudo
 que fez por nós. Um abraço e até logo.

A sua despedida traz um pouco de
 tristeza, mas também é um momento
 muito importante para você. Espero
 que você tenha um bom futuro e
 que continue a contribuir para a sociedade.

VOCÊ NÃO FOI, NA VERDADE, DEMITIDA. VOCÊ FOI PROMOVIDA.

VOCÊ NÃO

Paulo Vitor

Você sabe o que é uma "carta anônima"? É aquela carta que não tem nome e nem endereço, mas que geralmente contém informações importantes sobre o trabalho ou a vida pessoal de alguém. No caso da carta anônima que você recebeu, o remetente parece estar falando sobre a situação da escola e da vida dos alunos. Ele menciona a falta de interesse dos alunos em estudar e a falta de respeito com os professores. Ele também menciona a falta de comunicação entre os pais e os professores. Ele termina dizendo que ele não sabe quem escreveu a carta e que ele não quer que ninguém saiba quem escreveu a carta.

Eu acho que a carta é de Paulo Vitor, porque ele é o único aluno que se chama Paulo Vitor. Ele também menciona a falta de interesse dos alunos em estudar e a falta de respeito com os professores. Ele também menciona a falta de comunicação entre os pais e os professores. Ele termina dizendo que ele não sabe quem escreveu a carta e que ele não quer que ninguém saiba quem escreveu a carta.

Acho que a carta é de Paulo Vitor, porque ele é o único aluno que se chama Paulo Vitor.

Eu acho que a carta é de Paulo Vitor, porque ele é o único aluno que se chama Paulo Vitor. Ele também menciona a falta de interesse dos alunos em estudar e a falta de respeito com os professores. Ele também menciona a falta de comunicação entre os pais e os professores. Ele termina dizendo que ele não sabe quem escreveu a carta e que ele não quer que ninguém saiba quem escreveu a carta.

Eu acho que a carta é de Paulo Vitor, porque ele é o único aluno que se chama Paulo Vitor. Ele também menciona a falta de interesse dos alunos em estudar e a falta de respeito com os professores. Ele também menciona a falta de comunicação entre os pais e os professores. Ele termina dizendo que ele não sabe quem escreveu a carta e que ele não quer que ninguém saiba quem escreveu a carta.

Eu acho que a carta é de Paulo Vitor, porque ele é o único aluno que se chama Paulo Vitor. Ele também menciona a falta de interesse dos alunos em estudar e a falta de respeito com os professores. Ele também menciona a falta de comunicação entre os pais e os professores. Ele termina dizendo que ele não sabe quem escreveu a carta e que ele não quer que ninguém saiba quem escreveu a carta.

Eu acho que a carta é de Paulo Vitor, porque ele é o único aluno que se chama Paulo Vitor. Ele também menciona a falta de interesse dos alunos em estudar e a falta de respeito com os professores. Ele também menciona a falta de comunicação entre os pais e os professores. Ele termina dizendo que ele não sabe quem escreveu a carta e que ele não quer que ninguém saiba quem escreveu a carta.

Eu acho que a carta é de Paulo Vitor, porque ele é o único aluno que se chama Paulo Vitor. Ele também menciona a falta de interesse dos alunos em estudar e a falta de respeito com os professores. Ele também menciona a falta de comunicação entre os pais e os professores. Ele termina dizendo que ele não sabe quem escreveu a carta e que ele não quer que ninguém saiba quem escreveu a carta.

Doc. 30: Carta anônima recebida por frei César Kulkamp logo após sua saída da direção do colégio, o que ocorreu no final de 2000.

TUDO BEM QUE É UMA CARTA ANÔNIMA. MAS VAI TER COINCIDÊNCIAS ASSIM LÁ EM CURITIBA.

TUDO BEM QUE É UMA CARTA ANÔNIMA. MAS VAI TER COINCIDÊNCIAS ASSIM LÁ EM CURITIBA.

... e a primeira coisa que me ocorreu ao ler o artigo assinado do João José e André, que me deu a impressão de ser uma pessoa que conhecia bem o assunto, foi a seguinte: se não fosse a primeira vez que eu me lembro de ter lido esse artigo, eu teria pensado que se tratava de uma carta anônima enviada para mim, pois eu sou o único a quem se refere o artigo. Mas não, não é assim. É uma carta anônima enviada para mim, pois eu sou o único a quem se refere o artigo.

... e a segunda coisa que me ocorreu ao ler o artigo assinado do João José e André, que me deu a impressão de ser uma pessoa que conhecia bem o assunto, foi a seguinte: se não fosse a primeira vez que eu me lembro de ter lido esse artigo, eu teria pensado que se tratava de uma carta anônima enviada para mim, pois eu sou o único a quem se refere o artigo. Mas não, não é assim. É uma carta anônima enviada para mim, pois eu sou o único a quem se refere o artigo.

... e a terceira coisa que me ocorreu ao ler o artigo assinado do João José e André, que me deu a impressão de ser uma pessoa que conhecia bem o assunto, foi a seguinte: se não fosse a primeira vez que eu me lembro de ter lido esse artigo, eu teria pensado que se tratava de uma carta anônima enviada para mim, pois eu sou o único a quem se refere o artigo. Mas não, não é assim. É uma carta anônima enviada para mim, pois eu sou o único a quem se refere o artigo.

... e a quarta coisa que me ocorreu ao ler o artigo assinado do João José e André, que me deu a impressão de ser uma pessoa que conhecia bem o assunto, foi a seguinte: se não fosse a primeira vez que eu me lembro de ter lido esse artigo, eu teria pensado que se tratava de uma carta anônima enviada para mim, pois eu sou o único a quem se refere o artigo. Mas não, não é assim. É uma carta anônima enviada para mim, pois eu sou o único a quem se refere o artigo.

... e a quinta coisa que me ocorreu ao ler o artigo assinado do João José e André, que me deu a impressão de ser uma pessoa que conhecia bem o assunto, foi a seguinte: se não fosse a primeira vez que eu me lembro de ter lido esse artigo, eu teria pensado que se tratava de uma carta anônima enviada para mim, pois eu sou o único a quem se refere o artigo. Mas não, não é assim. É uma carta anônima enviada para mim, pois eu sou o único a quem se refere o artigo.

... e a sexta coisa que me ocorreu ao ler o artigo assinado do João José e André, que me deu a impressão de ser uma pessoa que conhecia bem o assunto, foi a seguinte: se não fosse a primeira vez que eu me lembro de ter lido esse artigo, eu teria pensado que se tratava de uma carta anônima enviada para mim, pois eu sou o único a quem se refere o artigo. Mas não, não é assim. É uma carta anônima enviada para mim, pois eu sou o único a quem se refere o artigo.

... e a sétima coisa que me ocorreu ao ler o artigo assinado do João José e André, que me deu a impressão de ser uma pessoa que conhecia bem o assunto, foi a seguinte: se não fosse a primeira vez que eu me lembro de ter lido esse artigo, eu teria pensado que se tratava de uma carta anônima enviada para mim, pois eu sou o único a quem se refere o artigo. Mas não, não é assim. É uma carta anônima enviada para mim, pois eu sou o único a quem se refere o artigo.

Proposta Pedagógica

A proposta pedagógica do Colégio Bom Jesus está pautada na concepção filosófica, teológica e educacional **do homem como ser social** e tem como missão promover a **formação do ser humano** e a **construção da cidadania**, de acordo com os princípios franciscanos, produzindo, sistematizando e socializando o saber científico, tecnológico e filosófico.

A sua organização segue as orientações emanadas da **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB n.º 9394/96**; Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (Parecer 022/98), do Ensino Fundamental (Parecer 04/98) e do Ensino Médio (Parecer 015/98); Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio; e orientações do Conselho Estadual de Educação.

Esta proposta pedagógica foi elaborada de forma participativa, em conformidade com os **princípios éticos, políticos e estéticos**, visando ser o instrumento de transformação na medida em que expressa o compromisso com a caminhada coletiva.

Identidade da Escola Franciscana Bom Jesus

• Visão

Os valores que perpassam o processo de aprendizagem da Escola Franciscana Bom Jesus têm por objetivo formar **cidadãos dignos e justos**, capazes de ser livres (aprender a pensar); servir a todos com alegria (aprender a fazer) e agir como verdadeiros Irmãos (aprender a conviver).

A sociedade espera do Bom Jesus, por meio da educação franciscana, um novo patamar de consciência em que predomine a **liberdade** no mundo de formação, **igualdade** no mundo jurídico e a **fraternidade** no mundo econômico.

• Filosofia Franciscana

O esclarecimento da proposta franciscana é necessário porque diz respeito à identidade da Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus. A clareza de quem somos é indispensável para iluminar o que estamos fazendo e como devemos fazê-lo. Nas origens da Associação está a experiência de **Francisco de Assis**. “Cidadão do Mundo”, abriu um caminho para todos quantos se empenham na luta em favor da paz e do bem.

Para além do campo pessoal, a crise da atualidade atinge dimensões sociais de vazio, solidão, medo, ansiedade e agressividade sem objetivos. Nesse contexto, a figura de Francisco de Assis surge como altamente significativa: a figuração mais cristalina daqueles sonhos e daquele modo de relacionar-se que, hoje, todos buscamos.

O que mais impressiona o homem moderno, ao confrontar-se com a figura de Francisco é sua **inocência**, seu entusiasmo pela natureza, sua **ternura** para com todos os seres, sua capacidade de **compaixão** pelos pobres e de **confraternização** com tudo, incluindo a própria morte.

Porque ele mostra em sua vida que para ser santo se precisa ser humano. E para ser humano é necessário ser sensível e terno. Assim é que a ternura de Francisco aparece, especialmente, na **convivência**. Uma atitude de carinho para além do princípio do prazer é a fonte que alimenta a verdade das relações humanas.

Tal atitude, Francisco a cultivava com todas as criaturas. Trata-se de um modo de “ser-no-mundo”, não sobre as coisas, mas junto com elas, como irmãos e irmãs em casa. Por isso, o mundo franciscano é cheio de **reverência** e de **respeito**. Entre as criaturas, existem laços de consangüinidade e porque são irmãs não podem ser violados, mas devem ser respeitados.

Nisso, aparece a radical pobreza de Francisco: um modo de ser pelo qual o homem deixa as coisas serem; renuncia a dominá-las e a submetê-las e a serem objeto da vontade de poder e ambição humanas. Abdica de estar sobre elas para colocar-se junto delas. Assim, quanto mais pobre, mais livre Francisco se sente. A posse é que cria obstáculos à comunicação dos homens entre si e com a natureza. Interesses, egoísmos, possessão exclusiva se interpõem entre o homem e seu mundo. A pobreza aproxima o homem da realidade, pois lhe permite comungar com todas as coisas, no respeito e na reverência de sua **alteridade** e **diferença**.

A **fraternidade** é resultado do “modo-de-ser-pobre” de Francisco. Sentia-se verdadeiro irmão porque podia acolher todas as coisas sem interesses de lucro e de eficiência. Verdadeiro irmão universal, cultivava a humildade como uma atitude cordial pela qual o homem se coloca no chão (=húmus) junto às coisas com simplicidade.

Esses são os valores que perfazem a experiência de Francisco de Assis transmitidos há **oito séculos** pelos franciscanos do mundo inteiro. Na **educação**, são os referenciais necessários para a formação de **gerações conscientes do primado da ternura, da pobreza e da fraternidade**.

Entendendo que o processo educacional visa aprofundar a formação do ser humano mediante a reflexão crítica e a solidariedade, a Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus objetiva fazer da escola um **ambiente saudável de convivência**, levando alunos, professores e demais funcionários a assimilar, em sua concepção de vida, o exemplo de Francisco de Assis.

• Missão da Escola Franciscana Bom Jesus

Promover a formação do ser humano e a construção de sua cidadania de acordo com os **princípios franciscanos**, produzindo, sistematizando e socializando o saber científico, tecnológico e filosófico.

Fundamentos Doutriniais

• Concepção de Sociedade

A educação franciscana tem a intenção de contribuir na construção de uma **sociedade justa, socialmente equitativa e solidária, politicamente democrática, culturalmente pluralista e religiosamente ecumênica, de diálogo inter-religioso**, pautada pelos princípios éticos, estéticos e políticos, onde todos sejam verdadeiramente reconhecidos e respeitados em sua dignidade humana e em suas diferenças; tenham a possibilidade de desenvolver as suas potencialidades; contribuam para que a autoridade, o saber, os bens naturais e os produzidos pelo esforço comum estejam a serviço do crescimento e sejam partilhados coletivamente; tenham a liberdade e o direito de se associar; onde todos tenham a liberdade de pensamento, de expressão e consciência; tenham acesso ao conhecimento científico e recursos tecnológicos.

A organização da sociedade deve estar estruturada na comunhão e participação e garantirá a cidadania para todos:

- **em termos econômicos:** a posse e o uso dos bens indispensáveis a uma vida digna e livre para cada pessoa e cada família e de grupos comunitários;
- **em termos sociais:** o acesso aos bens comunitários mínimos, tais como: alimentação, habitação, educação, lazer, saúde, transporte e segurança;
- **em termos políticos:** o pleno exercício dos direitos e deveres de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática;
- **em termos culturais:** a possibilidade de reflexão, amadurecimento intelectual, moral e afetivo, direito ao reconhecimento e ao exercício da criatividade e respeito aos diferentes valores culturais e costumes dos vários grupos e etnias;
- **em termos religiosos:** a liberdade de opção religiosa e a manifestação dessa crença, sempre pautada por valores éticos e comprometida com o crescimento humano e social.

• Concepção de Pessoa

Concebe-se a pessoa na educação franciscana como um ser que é imagem e semelhança de Deus, de valor supremo e que se caracteriza como:

- **um ser biopsíquico:** que tem corpo individualizado, com emoções e sensações harmonizadas, que se conhece, que se aceita, que se valoriza e desenvolve suas potencialidades;
- **um ser econômico:** que se constitui em um sábio administrador de si e do planeta, usando equilibradamente todos os bens;
- **um ser social:** que seja fraterno, solidário na luta pelos direitos humanos, que seja aberto às necessidades dos outros, numa atitude dialógica e prospectiva;
- **um ser político:** que esteja comprometido com a caminhada da sociedade na busca e exercício da cidadania;
- **um ser cultural:** que respeita e cultiva os conhecimentos, os bens, os valores simbólicos e significativos do seu grupo, de outros grupos ou de um tempo histórico concreto;
- **um ser religioso:** de relação transcendental, optante por um compromisso de vivência solidária, priorizando o humano no meio da comunidade social.

• Concepção de Educação

A AFESBJ opta por uma educação que propicia a formação nos aspectos biopsíquico, econômico, social, religioso, político e cultural, num processo formativo e contínuo do desenvolvimento humano. Portanto:

- A educação **personalizada** se esforça por valorizar a originalidade, percebendo, reanimando e fortalecendo o potencial criativo de cada pessoa.
- A educação para o **pluralismo** como princípio ativo de enriquecimento cultural e cívico da sociedade.
- A educação para a **tolerância** e para o **respeito** do outro como condição necessária à democracia.
- A educação na **dimensão social e comunitária**, sensibilizando e envolvendo o aluno com questões sociais.
- A educação centrada nos quatro pilares: **aprender a conhecer**, adquirindo os instrumentos de compreensão; **aprender a fazer** para poder agir sobre o meio envolvente, **aprender a viver juntos**, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; **aprender a ser** como realização da pessoa na sua totalidade.

• Concepção de Escola

Dimensão Pedagógica

A proposta pedagógica da AFESBJ, na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio baseia-se nos princípios éticos da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum; os princípios políticos dos direitos e deveres de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática; os princípios estéticos da sensibilidade, da criatividade, e da diversidade de manifestações artísticas e culturais; princípios humanos e cristãos-franciscanos pautados pela paz e a solidariedade.

A prática filosófico-pedagógica da AFESBJ tem como fundamentos os seguintes enfoques metodológicos: **educação**

contextualizada, identificando o que pretendemos como algo integrante de um determinado contexto cultural/espacial/temporal; **interdisciplinaridade**, relação entre as diversas disciplinas que compõem o conhecimento; **multidisciplinaridade**, discutindo o objeto de investigação relacionando-o com o contexto geral; **currículo integrado**, compreendendo a integração do desenvolvimento afetivo, emocional, cognitivo e social; **pensamento crítico**, desmistificando a verdade única e imutável; aprender a aprender, consolidando o conhecimento científico através da relação teoria/prática.

Dimensão Comunitária

A Dimensão Comunitária, na Proposta Pedagógica do Colégio Ecológico Bom Jesus, fundamenta-se nos princípios humanos, cristãos franciscanos, e contribui na construção de uma **cultura da solidariedade**, a qual, segundo Francisco de Assis, concebe a "fraternidade pobre que se apóia não sobre a posse, mas sobre a mútua caridade, a sensibilidade para com as necessidades uns dos outros". Nesta dimensão, envolve-se toda a comunidade educativa nos eventos sociais nas seguintes modalidades: projetos curriculares, próprios do processo ensino-aprendizagem e incluídos no Plano Curricular; projetos educativos especiais, os que são planejados e executados na escola, e no período escolar, promovendo a socialização, o resgate da cultura, entre outros; projetos extracurriculares, os que envolvem a comunidade local e desenvolvem os dons, as habilidades humanas e o envolvimento e engajamento social.

A metodologia na dimensão comunitária utiliza-se da pesquisa de campo, de projetos e da reconstrução, com o envolvimento e comprometimento de alunos e professores.

O perfil das pessoas envolvidas exige **abertura** às necessidades e mudanças da comunidade local e planetária; **criatividade** no planejamento e na efetivação dos projetos; **envolvimento** e **comprometimento** com os clientes internos e externos; **competência** profissional e **habilidades** políticas e humanas; **integração** à comunidade local; **inovação** no processo pedagógico e comunitário. A comunidade escolar do Colégio Ecológico Bom Jesus da Aldeia é composta, na sua maioria, por pessoas da faixa etária de 35 a 50 anos; de classe média/média; são profissionais liberais, funcionários de grandes empresas, empresários; são na sua grande maioria da religião católica; têm como fonte de lazer viagens, cinema, teatro, compras e encontros sociais.

Diretrizes

A ação pedagógica do Colégio Ecológico Bom Jesus está calcada na filosofia franciscana, visando à formação do aluno como **cidadão crítico** e **atuante**, respeitando os princípios éticos, políticos, culturais e sociais.

"A proposta pedagógica da instituição busca a interação entre diversas áreas de conhecimento e aspectos da vida cidadã, como conhecimentos básicos para a constituição de conhecimentos e valores". (Parecer MEC/CEB n.º 022/98).

A estrutura organizacional do estabelecimento de ensino está expressa no **Regimento Escolar**, o qual é norteado pelas diretrizes da Mantenedora. O **plano curricular**, segue a orientação da Mantenedora, sendo estruturado a partir de competências e habilidades, as quais têm o poder de gerenciamento sobre os conhecimentos disciplinares (TARDIF, 1996 citado por PERRENOUD, 1999). O encaminhamento metodológico das áreas de conhecimento está determinado no plano curricular.

Assim, todas as áreas devem dar ênfase ao trabalho pedagógico, focalizando o processo educacional no aluno, considerando:

- os **conhecimentos** como recurso a serem mobilizados;
- **resolução** de problemas reais;
- **criação** e **utilização** de outros meios de ensino;
- trabalho com projetos dando ênfase à **pesquisa**, espírito inventivo, experiências e descobertas, contextualização com a construção e a reconstrução do conhecimento individual e coletivo;
- **propostas multidisciplinares** com a integração dos diversos conhecimentos.

A aprendizagem se processa a partir da interação: aluno/professor, aluno/ aluno, aluno/conhecimento, professor/ conhecimento. O **professor** deve fazer uso dos recursos didáticos oferecidos pela instituição tanto nos laboratórios multidisciplinares quanto em sala de aula. A formação continuada dos professores de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio está garantida no Programa de Educação Corporativa (PEC), nas modalidades presencial e a distância. O PEC/EaD integra modernas concepções de organização organizacional, com enfoque em novos paradigmas de administração e educação, oferecendo aos participantes melhores condições de desenvolvimento profissional e empregabilidade.

A inserção da comunidade escolar com a sociedade se dá por meio dos projetos inovadores das áreas de conhecimento e dos projetos sociais desenvolvidos em parceria com o **Núcleo de Ação Comunitária (NAC)**.

Os valores humanos e cristãos são trabalhados a partir da missão franciscana, por meio da postura, envolvimento, na mediação e interação do professor nas ações e situações que envolvem os alunos, profissionais da educação e os conteúdos das áreas de conhecimento.

O acesso dos **alunos** à instituição se dá pela opção dos pais à Missão Franciscana e qualidade de ensino. São **deveres dos alunos** acatar a autoridade; tratar com respeito todas as pessoas do colégio; comparecer as aulas com pontualidade e devidamente uniformizado; comparecer as aulas de recuperação no contraturno; fazer as tarefas solicitadas pelo professor; ressarcir os prejuízos referentes a danos materiais que porventura venha causar. Fica proibido entrar e sair da sala sem autorização do professor; ocupar-se nas aulas de qualquer atividade estranha às mesmas;

recorrer a meios fraudulentos para benefício próprio ou a terceiros; fazer uso de celulares ou qualquer aparelho eletrônico durante as aulas ou atividades correlatas; introduzir qualquer tipo de arma ou dela fazer uso no colégio; introduzir no colégio ou fazer uso de bebidas alcoólicas, cigarros, entorpecentes ou psicotrópicos. Respeitar os artigos Dos Deveres, Das Proibições, Das Sanções e Dos Direitos que constam no Regimento Escolar. O **calendário escolar** é elaborado, anualmente, de forma coletiva, a partir da determinação legal de 200 dias letivos e 800 horas.

Conheças as diretrizes de cada etapa de ensino:

- Educação Infantil
 - Ensino Fundamental
 - Ensino Médio
 - Educação Especial
- **Diretrizes da Educação Infantil**

A Educação Infantil, incluída na educação básica, constitui um processo distinto de trabalho. A **proposta pedagógica** é estabelecida segundo os seguintes eixos: Linguagem Oral e Escrita, Matemática, Natureza e Sociedade, Movimento, Artes Visuais e Música. Sendo estes eixos explorados em atividades individuais e coletivas estruturadas pelo professor regente. Além desses eixos, realiza-se também um trabalho com **Ensino Religioso**, como uma área de conhecimento.

A **alfabetização** é entendida como um processo de trabalho simultâneo aos eixos acima citados, promovendo a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos, lingüísticos e sociais da criança.

O **atendimento aos alunos** de Educação Infantil volta-se às necessidades e interesses da criança, ao mesmo tempo em que respeita e amplia os elementos mediadores de sua cultura. A partir destes elementos, pela ampliação do repertório vivencial da criança, ela deverá redimensionar o seu universo de significados e conhecimentos, impulsionando-os a níveis cada vez mais elevados de conhecimentos, competências e habilidades humanas.

As estratégias de **avaliação** são organizadas a partir de observações, acompanhamentos e registros de etapas alcançadas nos cuidados e educação das crianças, ocorrendo de forma sistemática e contínua, ao longo de todo o processo de aprendizagem, sendo as situações de avaliação contextualizadas para que se possa observar a evolução da criança. O registro destas avaliações é feito periodicamente no caderno de observações dos professores, sendo repassado aos pais por meio de relatórios de acompanhamento trimestrais. Estes apresentam uma síntese do **desenvolvimento da criança nas áreas cognitiva, psicomotora e socioafetiva**, não tendo o caráter de classificação, seleção ou retenção na série.

A **carga horária** diária para a Educação Infantil é de 4h20, com vinte minutos de intervalo.

O atendimento aos pais se dará:

- em reunião, no início do ano letivo com gestor, assessor e professor regente, para esclarecimento do funcionamento e encaminhamento pedagógico e administrativo;
- em atendimento personalizado com o professor regente, com agendamento trimestral para a apresentação e discussão da produção do aluno, ou sempre que se fizer necessário;
- em situações específicas, por meio de convocação via agenda escolar, de acordo com a necessidade.

Sempre que necessário o atendimento às crianças que apresentam defasagem de conhecimento é realizado em sala, pelo professor regente ou assessor pedagógico.

O **Conselho de Classe** do 1.º e 2.º trimestre é realizado de forma coletiva, com a participação do gestor, assessor e professores que atendem a turma. O Conselho de Classe do 3.º trimestre é realizado de forma individual, com a participação do gestor, assessor e de todos os professores que atendem a turma, com registro em ata pela Secretária da escola.

São previstos, no mínimo duas aulas de campo e dois convidados para relato de experiências, contemplando os conteúdos e a programação da série.

• Diretrizes da Ensino Fundamental

• Diretrizes de 1.ª a 3.ª Séries

As áreas de conhecimento trabalhadas no Ensino Fundamental (1.ª a 3.ª séries), pela professora regente são Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Geografia e História. As áreas trabalhadas pelos professores com formação específica são: Língua Estrangeira Moderna, Educação Religiosa, Educação Física e Educação Artística.

A **carga horária** diária, de 1.ª a 3.ª séries é de 4h20min. A **avaliação** se dá por meio formal, contextualizada ou tematizada com aplicação prevista em calendário, bem como a utilização de diversos instrumentos, caracterizando a avaliação processual. As médias obtidas, com a aplicação dos diferentes instrumentos, são repassadas aos alunos trimestralmente.

A **segunda chamada** das provas é realizada na semana subsequente às provas regulares, mediante requerimento dos responsáveis pelo aluno, acompanhado de atestado médico, com prazo de até 48 horas após a realização das provas. Não será ofertada a segunda chamada para as provas de recuperação.

O **atendimento aos alunos** de menor rendimento se dá por meio da recuperação imediata em sala de aula e da recuperação periódica, em datas previstas no calendário, após avaliação trimestral, para os alunos com média inferior

6,0 (seis) nas áreas de História, Geografia e Ciências. Nas áreas de Língua Portuguesa e Matemática será ofertada a recuperação paralela no contraturno.

As recuperações trimestrais são aplicadas durante o período de aulas, no contraturno, obedecendo ao calendário fornecido ao aluno, via comunicado. A recuperação final será realizada após o 3.º trimestre para os alunos cuja média anual seja inferior a 6,0 (seis) e igual ou superior a 3,0 (três) e frequência igual ou superior a 75%.

O atendimento aos pais se dará:

- em reunião no início do ano com professora regente, com gestor, assessor, para esclarecimento de funcionamento e encaminhamento pedagógico e administrativo.
- em atendimento personalizado com a professora regente ou assessoria pedagógica com agendamento trimestral ou sempre que se fizer necessário.
- em situações específicas, por meio de convocação, de acordo com as necessidades.

Para um acompanhamento disciplinar, o gestor, os assessores e os professores atuam em conjunto com o Coordenador Disciplinar.

Envolvendo várias áreas de conhecimento, são desenvolvidos Projetos Sociais, durante o ano letivo, tais como Projeto Cidadania, Semana Franciscana, Inverno Solidário, Educação para a Paz e Natal Bom Jesus.

• Diretrizes de 4.ª a 7.ª Séries

As áreas de conhecimento trabalhadas, por especialistas, no Ensino Fundamental (4.ª a 7.ª séries) são: Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências, Educação Artística, Educação Física, Ensino Religioso e Língua Estrangeira Moderna.

A carga horária diária de 4.ª série é de 4h25min, divididas em 5 horas-aula de 45 minutos, com intervalo de 20 minutos. A carga horária de 5.ª a 7.ª séries é de 4h50min, divididas em 6 horas-aula de 45 minutos, com intervalo de 20 minutos.

A avaliação se dá por meio formal, contextualizada ou tematizada com aplicação prevista em calendário, bem como a utilização de diversos instrumentos, caracterizando a avaliação processual. As médias obtidas, com a aplicação dos diferentes instrumentos, são repassadas aos alunos bimestralmente. A 2.ª chamada das provas bimestrais é realizada na semana subsequente às provas regulares, mediante requerimento dos responsáveis pelo aluno, acompanhado de atestado médico, com prazo de até 48 horas após a realização das provas.

A recuperação se dá de forma imediata em sala de aula e periódica em datas previstas no calendário, após avaliação bimestral, para os alunos com média inferior 6,0 (seis) nas áreas de História, Geografia e Ciências. Nas áreas de Língua Portuguesa e Matemática será ofertada a recuperação paralela no contraturno. Não será ofertada a 2.ª chamada para provas de recuperação. A recuperação final será realizada após o 4.º bimestre para os alunos cuja média anual seja inferior a 6,0 (seis) e igual ou superior a 3,0 (três) e frequência igual ou superior a 75%.

O atendimento aos alunos e pais ou responsáveis é feito por professores regentes de turma ou assessores pedagógicos, com agendamento bimestral ou em situações específicas, por meio de convocação, de acordo com as necessidades, de forma personalizada, acompanhando o discente na sua vida escolar, detectando problemas de ensino e aprendizagem e de ordem disciplinar. Para um acompanhamento disciplinar, o gestor, os assessores e os professores atuam em conjunto com o Coordenador Disciplinar.

Envolvendo várias áreas de conhecimento, são desenvolvidos Projetos Sociais, durante o ano letivo, tais como Projeto Cidadania, Semana Franciscana, Inverno Solidário, Educação para a Paz e Natal Bom Jesus.

• Diretrizes de 8.ª Série

As áreas de conhecimento trabalhadas, por especialistas, na 8.ª série do Ensino Fundamental são: Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências, Educação Artística, Educação Física, Ensino Religioso e Língua Estrangeira Moderna.

A carga horária de 8.ª série será de 4h50min, divididas em 6 horas-aula de 45 minutos, com intervalo de 20 minutos.

A avaliação se dá por meio formal, contextualizada ou tematizada com aplicação prevista em calendário, bem como a utilização de diversos instrumentos, caracterizando a avaliação processual. As médias obtidas, com a aplicação dos diferentes instrumentos, são repassadas aos alunos bimestralmente. A 2.ª chamada das provas bimestrais é realizada na semana subsequente às provas regulares, mediante requerimento dos responsáveis pelo aluno, acompanhado de atestado médico, com prazo de até 48 horas, após a realização das provas.

A recuperação será realizada após a avaliação bimestral, aos sábados, com datas previstas no calendário escolar, para os alunos que apresentarem média inferior a 6,0 (seis). Nos meses de julho e dezembro, serão ofertadas aulas de nivelamento (retomada do conteúdo), em todas as áreas de conhecimento. Não será ofertada a 2.ª chamada para provas de recuperação. Durante o ano letivo, serão ofertadas aulas de assistência, em datas agendadas pela assessoria pedagógica, no contraturno. A recuperação final será realizada após o 4.º bimestre, para alunos cuja média anual seja inferior a 6,0 (seis) e igual ou superior a 3,0 (três) e frequência igual ou superior a 75%.

O atendimento aos alunos e pais ou responsáveis é feito por professores regentes de turma ou assessores pedagógicos, com agendamento bimestral, de forma personalizada, acompanhando o discente na sua vida escolar, detectando problemas de ensino e aprendizagem e de ordem disciplinar.

Para um acompanhamento disciplinar, o gestor, os assessores e os professores atuam em conjunto com o Coordenador Disciplinar.

Envolvendo várias áreas de conhecimento, são desenvolvidos Projetos Sociais, durante o ano letivo, envolvendo várias áreas de conhecimento, tais como: Projeto Cidadania, Semana Franciscana, Inverno Solidário, Educação para a Paz e Natal Bom Jesus.

• Diretrizes da Ensino Médio

As áreas trabalhadas no Ensino Médio são Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, Ciência da Natureza, Matemática e suas Tecnologias, Ciências Humanas e suas Tecnologias, divididas em disciplinas.

A **carga horária** do 1.º e 2.º ano será de 39 horas semanais, sendo 6 aulas de 50 minutos, de segunda-feira a sexta-feira, com oferta de 9 aulas no contraturno. Para o 3.º, ano serão ofertadas 36 horas semanais, sendo 6 aulas de 50 minutos, de segunda-feira a sábado.

A **recuperação** será realizada após a avaliação bimestral, aos sábados, com datas previstas no calendário escolar, para os alunos que apresentarem nota inferior a 6,0 (seis). Nos meses de julho e dezembro serão ofertadas aulas de nivelamento (retomada do conteúdo), em todas as áreas de conhecimento. Não será ofertada a 2.ª chamada para provas de recuperação. A recuperação final será realizada após o 4.º bimestre, para alunos cuja média anual seja inferior a 6,0 (seis) e igual ou superior a 3,0 (três) e frequência igual ou superior a 75%.

A **Língua Estrangeira Moderna**, será ofertada em três níveis, que serão definidos a partir do resultado obtido da aplicação do placement test.

O **atendimento aos alunos e pais** ou responsáveis é feito por professores regentes de turma ou assessores pedagógicos, de forma personalizada, acompanhando o discente na sua vida escolar, detectando problemas de ensino e aprendizagem e de ordem disciplinar.

• Diretrizes da Educação Especial na Educação Básica

O atendimento educacional aos alunos com necessidades especiais é ofertado de acordo com o que reza os artigos 58,59 e 60 da LDBEN 9394/96, o Parecer 02/2001 do Conselho Nacional de Educação e da Declaração Mundial de Educação para Todos e Declaração de Salamanca.

Para efeitos legais entende-se por educação especial, a modalidade de educação escolar que é ofertada, preferencialmente, na rede regular de ensino para educandos portadores de necessidades especiais, inclusive, os educandos que apresentam superdotação.

Cabe ao colégio trabalhar em conjunto com a família, supervisionar os acompanhamentos externos que sejam necessários ao desenvolvimento do educando e ofertar atividades extracurriculares, como o objetivo de inserir o aluno no contexto social.

Fica assegurado ao educando com necessidade especial, a proposta educacional da Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus, resguardando características específicas desta modalidade de ensino.

A avaliação se dará de forma contínua, com registro em relatórios anuais que compõem a Pasta Individual do aluno, e, ao final de cada ano letivo, no Relatório Final, encaminhado à Secretaria de Estado da Educação.

(<http://www.bomjesus.br/proposta/apresentacao.asp>; <http://www.bomjesus.br/proposta/identidade.asp>; <http://www.bomjesus.br/proposta/fundamentos.asp>; <http://www.bomjesus.br/proposta/diretrizes.asp>. Coleta do material feita em 26-fev-2006

CRONOGRAMA DE TRABALHO COM O LIVRO DIDÁTICO

Educação Infantil - III

3.º TRIMESTRE

EIXOS DE TRABALHO: Linguagem Oral e Escrita, Matemática, Natureza e Sociedade, Artes Visuais, Movimento e Música.

SEMANA	CONTEÚDOS	PÁGINAS
027 a 029	<p>Linguagem Oral e Escrita: verbalização, articulação, clareza, domínio constante e progressivo da oralidade, consistência argumentativa na exposição de ideias, decodificação, leitura do nome dos colegas e ambiente escolar, outros: leitura de rótulos, observação de materiais impressos, função social da leitura e da escrita, ideias de representação da escrita, uso do próprio nome e de outras palavras, apresentação de símbolos próprios da escrita.</p> <p>Natureza e Sociedade: manifestações socioculturais das comemorações, partes componentes da família, desenvolvimentos de brincadeiras, jogos e canções que deem respeito às tradições culturais de sua comunidade e de outras.</p> <p>Artes Visuais: desenhos.</p>	50 a 53
030 a 032	<p>Linguagem Oral e Escrita: verbalização, articulação, clareza, domínio constante e progressivo da oralidade, consistência argumentativa na exposição das ideias, ampliação do vocabulário, variedade linguística, decodificação, leitura de gravuras e outros materiais escritos em sala de aula, letras do alfabeto da comunicação visual e auditiva, função social da leitura e da escrita, ideias de representação da escrita, relação oralidade-escrita, escrita espontânea e de próprio punho, utilizando o conhecimento que dispõe.</p> <p>Natureza e Sociedade: Manifestações socioculturais: festas comemorativas desenvolvimentos de jogos, brincadeiras e canções que deem respeito às tradições culturais de sua comunidade e de outras famílias através vivas alimentação.</p>	54 a 58

O QUE FAZER A CADA MÊS, SEMANA, DIA, HORA, MINUTO...

16/9 a 21/9	Linguagem Oral e Escrita: verbalização, articulação clara, função social da leitura e da escrita, escrita espontânea e de propósito comum, utilizando o conhecimento que dispõe. Matemática: introdução à estatística – tabelas e gráficos. Natureza e Sociedade: manifestações socioculturais, reprodução oral de poemas, rubricas, adivinhações.	69 a 74
23/9 a 27/9	Linguagem Oral e Escrita: verbalização, articulação clara, domínio constante e progressivo da objetividade, função social da leitura e da escrita. Matemática: contagem oral, qualificação, registro de quantidades, sequência numérica, estimativas e cálculos mentais para a resolução de problemas.	75 a 78
30/9 a 04/10	Linguagem Oral e Escrita: verbalização, articulação, clareza, domínio constante e progressivo da objetividade, função social da leitura e da escrita. Matemática: manipulação e classificação de sólidos geométricos.	79 a 81
07/10 a 11/10	Linguagem Oral e Escrita: verbalização, articulação, clareza, domínio constante e progressivo da objetividade, função social da leitura e da escrita. Natureza e Sociedade: meios de comunicação. Artes Visuais: reportagem e colagens.	84 a 85
14/10 a 18/10	Linguagem Oral e Escrita: verbalização, articulação, clareza, domínio constante e progressivo da objetividade, função social da leitura e da escrita. Natureza e Sociedade: meios de transporte. Matemática: contagem oral, qualificação, registro de quantidades, sequência numérica, estimativas e cálculos mentais para a resolução de problemas. Artes Visuais: reportagem e colagens.	86 a 89

O QUE FAZER A CADA MÊS, SEMANA, DIA, HORA, MINUTO...

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)